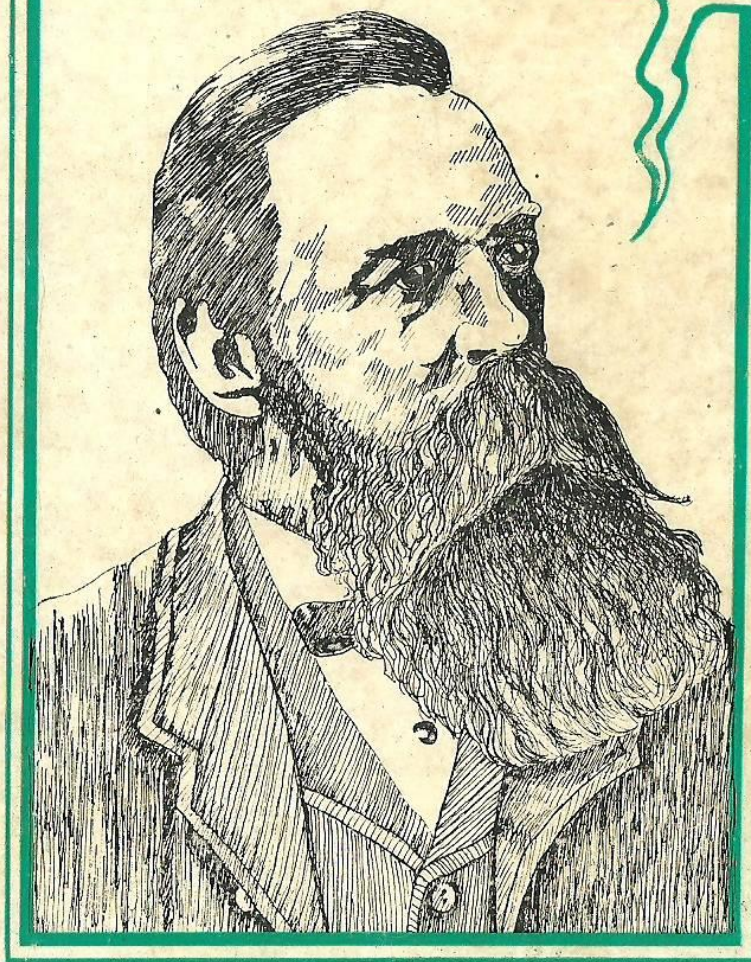


*A Situação
Da CLASSE
TRABALHADORA
Em Inglaterra.*



F Engels

AFRONTAMENTO

—

A SITUAÇÃO DA CLASSE
TRABALHADORA EM INGLATERRA

FRIEDRICH ENGELS/AFRONTAMENTO O
SACO DE LACRAUS 4

Traduzido da versão francesa *La Situation de la Classe Laborieuse en Angletene* ((E) Editions Sociales)
e revisto com o auxílio da edição inglesa de 1892 (*The Condition of the Working Class in England*).

Tradução: Analia C. Torres Capa:

João B

Edições Afrontamento, Maio de 1975 Apartado
532 — Porto

INDICE

Prologo.....	5
As classes trabalhadoras da Gra-Bretanha.....	23
Prefacio	27
Introdução	31
O proletariado industrial	51
As grandes cidade	55
A coneorreneia	113
A imigração irlandesa	129
Os resultados	135
Os diferentes ramos da industria: os operarios de fabrica propriamente ditos	179
Os outros ramos da industria	239
Os movimentos operários	267
O proletariado das minas	299
O proletariado agrícola	321
A atitude da burguesia face ao proletariado .	337

PROLOGO

A que vem esta nova tradução de A Situação da classe trabalhadora em Inglaterra, ao mesmo tempo que negligenciamos tantas obras escritas por volta de 1840? Por três razões principais: a primeira e que este livro marca uma data na história do capitalismo e da sociedade industrial moderna; a segunda e que ele constitui uma etapa na elaboração do marxismo, quer dizer, da nossa compreensão da sociedade; a terceira diz respeito a sua qualidade literária. Ao mesmo tempo erudito e apaixonado, misturando a acusação a análise, e, numa palavra, uma obra-prima. Mas as próprias obras-primas têm, por vezes, necessidade de comentários para serem lidos com proveito mais de um século depois da sua publicação, sobretudo quando foram alvo de repetidos ataques por parte de inimigos políticos, caso e o caso, e quando abordam problemas sobre os quais se constituiu posteriormente uma volumosa literatura histórica.

I—ENQUADRAMENTO E ORIGEM DA OBRA

Ao escrever A Situação da classe trabalhadora, Engels têm vinte e quatro anos; e oriundo de uma família de ricos proprietários de algodão de Barmen, na Renânia,

a região industrial mais desenvolvida da Alemanha, senão o seu pai sócio duma empresa de têxteis, a casa Ermen & Engels, que está situada no coração da mais importante região econômica inglesa da época, em Manchester. O jovem Engels, face aos horrores do Ca pita industrial nascente e por reacção contra a estreiteza e o farisaísmo da sua educação pietista, adere à via dos jovens intelectuais progressistas alemães formados na tradição filosófica então dominante nos meios cultos da Alemanha e tal como Karl Marx, mais velho uns anos do que ele, torna-se hegeliano de esquerda; a sua adesão precoce as idéias comunistas leva-o a colaborar nos diversos periódicos e revistas onde a esquerda alemã se esforça por formular a sua crítica d sociedade existente.

A decisão de se instalar por algum tempo em Inglaterra terá sido sua ou do pai? Não se sabe. Ambos têm, sem dúvida, razões diferentes para aprovar este projeto: o pai quer manter o filho revolucionário afastado das agitações alemãs e fazer dele um sólido homem de negócios; o filho quer estar mais perto do centro do capitalismo e desses grandes movimentos do proletariado britânico donde surgirá, espera ele, a revolução do mundo moderno. Parte para Inglaterra no Outono de 1842 (e no decurso desta viagem que encontra Marx pela primeira vez). Vai lá ficar dois anos, observando, estudando e exprimindo as suas idéias ¹. Sem dúvida que já está a trabalhar no seu livro desde os primeiros meses de 1844, mas e depois do seu regresso a Barmen, no decurso do Inverno de 1844-1845, que redige o essencial do livro. A obra aparece em Leipzig no Verão de 1845 ².

¹ Para além de A Situação da classe trabalhadora em Inglaterra, a sua estadia dará origem as Umriss zu einer Kritik d&r Nationaloekonomie publicadas nas Deutsch-Franzoesische Jahrbuecher, Paris, 1844, esboço precoce, mas imperfeito, duma análise marxista da economia, bem como artigos sobre a Inglaterra para o Rheinische Zeitung, o Schweizerische Republikaner, os Deutsch-Franzoesische Jahrbuecher e o Vorwaerts de Paris, e sobre a evolução continental para o New Moral World de R. Owen. (Of. Karl Marx-F. Engels: Werke, Berlin, 1956, t. I, p. 454-592).

² Die Lage der arbeitende Klasse in England. Nache eigner Anschauung und authentischen Quetten von Friedrich Engels. Leipzig. Druck und Verlag Otto Wigand 1845. Aparece uma edição americana com um prefácio distinto em 1887, uma edição inglesa, com um longo e importante prefácio em 1892, e uma edição alemã no mesmo ano.

Encontraremos estes diversos prefácios no fim do presente volume. Neles só será corrigida uma parte dos erros da 1. edição. A ultima edição alemã de A Situação é a de Marx-Engels: Werke, Bd II, p. 288-506, Berlin, Dietz, 1957. W. O. Henderson e W. H.

A idéia de escrever um livro sobre a situação das classes trabalhadoras não tinha em si nada de original. O livro de Engels e o mais notável dos escritos deste gênero, mas não é o único. For volta de 1830 era claro aos olhos de qualquer observador inteligente que nas regiões econômicas avançadas da Europa se colocavam problemas completamente novas. Não se trata somente dos «pobres» mas de uma classe sem precedentes na história, o proletariado, «cuja situação se impõe cada vez mais a atenção mundo civilizado», diz Engels (Cap. 1, p. 49). A partir de 1830, e sobretudo depois de 1840, anos decisivos na evolução do capitalismo e do movimento operário, multiplicaram-se na Europa Ocidental os livros, brochuras e inquéritos sobre a situação das classes trabalhadoras. O Quadro do estado físico e moral dos operários empregados nas manufatura de algodão, de La e de seda, de L. Villerme (181f0) e o mais celebre destes inquéritos em França e ao mesmo tempo o mais notável dos estudos deste gênero, ao lado do de Engels. Par razões evidentes, estas pesquisas são particularmente numerosas em Inglaterra, e Engels utilizará da melhor maneira as mais importantes dentre elas, principalmente os relatório da Factory Enquiry Commission de 1833, do Enquiry into the Sanitary Condition of the Labouring Population de 1842, da Children's Employment Commission de 1842-1843, e, na medida do possível, da Commission for Inquiring into the State of the Large Towns (18244) (1.º relatório). De resto já se divisava claramente que o problema do proletariado não era simplesmente local ou nacional, era sobretudo intencional: Buret estudou ao mesmo tempo as condições da vida inglesa e francesa (A miséria das classes trabalhadoras em França e Inglaterra, 1840), enquanto que Ducpetiaux recolhia dados relativos dos jovens operários de toda a Europa (Das condições física e moral dos jovens operários e dos meios para as melhorar). O livro de Engels esta pois longe de constituir um fenômeno isolado, o que, de resto, The valeu

Chaloner que acabam de reeditar o livro em inglês (Oxford 1958) entregaram-se a um trabalho extremamente minucioso, verificando todas as citações, juntando referências precisas onde Engels as não dava, corrigindo certos erros que tinham passado despercebidos e juntando úteis informações complementares. Infelizmente, este estudo é prejudicado pelo desejo irreprimível dos seus autores de desacreditarem Engels e o marxismo par qualquer prego. A primeira edição francesa foi publicada por Alfred Costes, 2 volumes, 1933; contém numerosos erros e não comporta nenhum aparelho crítico.

periodicamente a acusação de plágio por parte de anti-marxistas com, falta de argumentos³.

Contudo, ele difere das outras obras contemporâneas em muitos aspectos. Primeiro, como sublinha justamente Engels no seu prefácio, e o primeiro livro, em Inglaterra ou em qualquer outro país, que se refere à classe operária no seu conjunto, e não a certos ramos ou indústrias particulares. O segundo aspecto, mais importante ainda, e que não se trata de um simples exame da situação das classes trabalhadoras, mas de uma análise da evolução do Capital industrial, das conseqüências sociais da industrialização, com as suas implicações políticas e sociais, principal-mente o desenvolvimento do movimento operário. De fato, e a primeira tentativa de envergadura para aplicar o método marxista (que encontrar a sua primeira formulação teórica na Ideologia alemã de Marx, em 1845-46) ao estudo concreto da sociedade⁴. Como indica o próprio Engels na sua introdução à edição de 1892, este livro não representa o marxismo na sua forma acabada, mas antes «uma das fases do seu desenvolvimento embrionário»⁵. Para uma interpretação mais segura e uma análise mais completa da evolução do capitalismo industrial, temos de nos reportar ao Capital de Marx.

³ Fteprovam-ihe sobretudo ter plagiado Buret. Cf. a crítica de Charles Artlder: Introdução e comentários sobre o «Manifesto Comunista». Paris, Rieder, 1925, p. 110-113. Esta acusação foi analisada e refutada por Gustavo Mayer: Friedrich Engels, vol., I, Haia, 1934, p. 195, que explica, por um lado, que nada prova que Engels tenha conhecido o livro de Buret antes de escrever o seu, e por outro, que as opiniões de Buret não têm nada de comum com as de Engels.

⁴ Quando Engels escreve A Situação, só tinha encontrado Marx durante uma dezena de dias em Paris, em Agosto de 1844 (se excetuarmos a sua breve visita a redação da Gazeta Renana em Colônia, no fim de Novembro de 1842): Portanto, não poderia tratar-se do método marxista elaborado. Contudo parece ter sido através da influência de Engels, ao ler A Situação, que Marx se orientou para o estudo sistemático das questões económicas. A contribuição original de Engels para o marxismo nascente foi a crítica económica da sociedade capitalista que se encontra aliás nas Umriss zu einer Kritik der Nationaloekonomie, Marx-Engels: Werke, vol. I, Dietz, Berlim, 1957, publicadas em 1844, e escritas alguns dias antes. A Situação é uma das primeiras, senão a primeira das grandes obras marxistas, visto que se ignora a data exata em que Marx redigiu as Teses sobre Feuerbach (Primavera de 1845). O prefácio de Engels está datado de 15 de Março.

⁵ Ver adiante p. 390 (prefácio de 1892). Cf. D. Rosenberg: Engels als Ökonom, in Friedrich Engels der Denker. Aufsätze aus der Grossen Sowjet Enzyklopaedie, Zurique, 1935, Basileira, 1945.

II —ESQUEMA E ANALISE

*O livro Iomega por tragar um rápido quadro desta revolução industrial que transformou a Inglaterra em nação capitalista industrial e que, principalmente, fez surgir o proletariado (capítulos I e II). Engels foi neste aspecto um pioneiro, visto que A Situação e provavelmente o primeiro estudo importante cujo conteúdo assenta inteiramente sobre a noção de revolução industrial, hoje admitida, mas que então não passava de uma hipótese ousada, elaborada nos círculos socialistas ingleses e franceses dos anos vinte ⁶. O panorama que Engels apresenta desta evolução entre 1160-1180 e 18^o-1845 não se pretende de modo algum original e, apesar da sua utilidade, e menos completo do que certas obras posteriores *

Hoje os especialistas concordam em dizer que a situação das classes trabalhadoras inglesas sofreu uma deterioração a partir de 1790, se bem que ainda se discuta para saber até que data⁸. De resto, se Engels apresenta a sociedade pré-industrial de modo relativamente favorável, não é porque calcule que os trabalhadores fossem então menos pobres, mas porque pensa que gozavam de uma maior segurança (cf. a comparado entre camponês e operário, servo e proletária, p. 32-34 e 235-236). Os seus críticos não respondem a este argumento.

Do ponto de vista social, as transformações devidas à revolução industrial traduzem-se para Engels num gigantesco processo de polarização e de concentração, tendo por tendência principal a criação de uma burguesia cada vez mais restrita de capitalistas cada vez mais

⁶ Para uma apreciação dos diferentes métodos de Engels, cf. LENINE: Aspectos do romantismo económico (Sismondi e os nossos sismondias nacionais), Obras Completas, vol. II. Sobre a história das origens do conceito de revolução industrial, ver A. BEZANSON: The early use of the term Industrial Revolution, in Quarterly Journal of Economics, XXXVI, 1922, 343, e G. N. CLARK: The idea of the Industrial Revolution, Glasgow, 1953.

⁷ Cf. P. MANTOUX: A revolução industrial no século XVIII, Paris, Genin, 1905, reeditado em 1959, superado, mas excelente, e T. S. ASTHON: A revolução industrial, (ed. portuguesa, Publicações Europa-America, col. Saber), discutível quanto as suas interpretações, mas útil como síntese ou introdução a leituras mais especializadas.

⁸ Cf. J. T. KRAUSE: Changes in English (Fertility and Morality, in Economic History Review, 2.^a Ser., XI, 1, 1958, p. 65; S. POLLARD sustenta em Investment, Consumption and the Industrial Revolution in Economic History Review, 2.^a Ser., XI, 2, 1958, p. 221, que esta deterioração começa antes de 1790.

poderosos, enquanto o proletariado se desenvolve e a sociedade se torna cada vez mais urbana. O mango do capitalismo industrial implica a eliminação dos pequenos produtores, do campesinato e da pequena burguesia; o declínio destas camadas intermediárias, impedição que o operário se tome num pequeno patrão, integra-o no proletariado que deste modo se transforma numa «classe estável, enquanto que outrora, muitas vezes, não era mais do que uma transição para o acesso a burguesia» (p. 49). Nos trabalhadores aparece por consequência uma consciência de classe — esta expressão não é utilizada por Engels — e constitui-se o movimento operário¹. Como sublinha Lenine: «Engels foi o primeiro a dizer que o proletariado não é só uma classe que sofre, mas que é precisamente a vergonhosa situação econômica que The 6 imposta que o empurra irresistivelmente para a frente e o obriga a lutar pela sua emancipação final⁹».

Este processo econômico não têm, todavia, nada de fortuito. A indústria mecanizada em larga escala exige investimentos de capitais cada vez mais consideráveis, e a divisão do trabalho pressupõe a concentração de um grande número de proletários. Centros de produção com, tal amplitude, mesmo situados no campo, levam a formação de importantes comunidades; Daí um excedente de mão-de-obra: os salários baixam, o que atrai outros industriais para a região. Por isso, as aldeias transformam-se em cidades que, por sua vez, se desenvolvem em virtude das vantagens econômicas que apresentam aos olhos dos industriais (p. 53). Como a indústria tende a deslocar-se dos centros urbanos para as regiões rurais, onde os salários são mais baixos, este deslocamento é a própria causa da transformação das campos.

As grandes cidades constituem, para Engels, os lugares mais característicos do capitalismo, e é para elas que ele agora se volta (cap. HI). Mostra-nos o reino da luta frenética de todos contra todos, e a exploração do homem pelo homem (quer dizer, dos trabalhadores pelos capitalistas) na sua forma mais brutal.

Nesta anarquia, aqueles que não possuem meios de subsistência ou de produção são vencidos e estrangidos a penar por um magro salário, ou a morrerem a fome quando estão desempregados. O pior é que estão reduzi-

¹ No artigo F. Engels, escrito em 1895 (Marx-Engels-Marxismo, p. 37). Contudo, Engels não determinou claramente, nesta época, o papel da luta de classes na história.

(k)s a uma insegurança profunda e o futuro < do trabalhador é-lhe totalmente misterioso, incerto. Com efeito, este futuro é determinado pelas leis da concorrência capitalista, que Engels analisa no cap. TV¹⁰. O salário de um operário oscila entre um mínimo e um máximo: por um lado, o salário de subsistência determinado pelo jogo da concorrência entre os trabalhadores, mas limitado pelo fato de não poder descer abaixo de um certo nível — este conceito não é rígida: Cf. p. 116. E verdade que este limite é muito relativo: «uns têm mais necessidades que outros, uns estão habituados a maior conforto que outros» — por outro lado, o máximo* é determinado pela concorrência capitalista nos períodos de penúria de mão-de-obra. É verossímil que o salário médio se situe ligeiramente acima do mínimo. Quanta f Isso depende do nível de vida tradicional ou adquirido pelos trabalhadores. Certos sectores, nomeadamente os sectores industriais, exigem trabalhadores mais qualificados: aí o salário médio será mais elevado que noutro lado, tanto mais que o próprio custo de vida é mais elevado nas cidades. Por sua vez, esta superioridade do salário médio urbano e industrial contribui para engrossar as fileiras da classe operária, atraindo imigrantes rurais e estrangeiros. Todavia, a concorrência entre os operários cria um excedente permanente, um excedente de população que contribui para rebaixar a nível geral — o que mais tarde Marx chamará de exército de reserva.

lata apesar da expansão geral da economia que se apóia, por um lado, na baixa de preço das mercadorias devida aos progressos das técnicas de produção (donde deriva o aumento da procura e a redistribuição dum grande numero de operários pelas indústrias novas) e, por outro lado, no monopólio industrial mundial da Inglaterra. Seguem-se a expansão demográfica, a aumento da produção e novas necessidades de mão-de-obra. “Apesar de tudo, subsiste a excedente de população, dada a alternância cíclica dos períodos de prosperidade e de crise, que Engels é um dos primeiros a considerar parte integrante do sistema capitalista e para as quais sugere uma periodicidade precisa “. A partir do momento em que o

¹⁰ Engels vê na concorrência o fenómeno essencial do capitalismo.

* Aqui talvez Engels deva alguma coisa a Sismondi e, sobretudo, a John Wade: História das classes médias e trabalhadoras, 1833, que utiliza para a redação do seu livro. Wade propõe um período de

capitalismo está submetido a flutuações, deve possuir uma reserva permanente de trabalhadores (proletários em potência), excepto no ponto culminante da sua expansão.

Que classe operária e esta que nasce do capitalismo? Quais são as suas condições de vida e quais são as atitudes individuais ou colectivas que tem raízes nas suas condições materiais? Engels consagra a estes problemas a parte de longe mais considerável no seu livro (capítulos III, V-XI), e as suas direcções ou análises constituem a sua contribuição mais sólida — em certos pontos miguilada¹² — para as ciências sociais: o exame dos efeitos da industrialização e da transformação urbana capitalistas.

O capitalismo precipita bruscamente a jovem classe operária, muitas vezes composta por imigrantes vindos de países não desenvolvidos e pré-industriais, como a Irlanda), numa espécie de inferno social onde os trabalhadores são explorados sem tréguas, mal pagas, reduzidos a fome, abandonados, condenados a viver em barracas sórdidas, desprezados e oprimidos não só em virtude do jogo impessoal da concorrência, mas também directamente pela burguesia que, enquanto classe, os considera como coisas e não como seres humanos (cap. XII). Seguro pelo apoio da legislação burguesa, o capitalismo impõe a sua disciplina na fábrica, aplica muitas, lança os trabalhadores na prisão, submete-os aos seus mínimos desejos. A burguesia, enquanto classe, organiza uma discriminação social desfavorável aos trabalhadores, elabora a teoria malthusiana da população e constrange-os a suportarem as crueldades da Nova Lei sobre os Pobres, lei malthusiana de 1834 que os força a entrarem para as oficinas de caridade — essas «bastilhas da lei sobre os pobres» — quando pedem auxílio, e separa homens, mulheres e crianças; trata-se de tornar a assistência tão horrível, que o trabalhador, por muito

5-7 anos. Engels, que mais tarde se pronunciaria por um período de dez anos, adopta aqui esta sugestão. De resto ele já tinha notado a periodicidade das crises nas Umrisse... (Mega, t. II, p. 396). Como de costume, os analistas críticos do capitalismo fizeram muito mais descobertas sobre o mecanismo económico que os economistas burgueses, os quais permaneciam nesta época cegos a estas flutuações fundamentais. Cf. J. SCHUMPETER: History of economic Analysis, 7954, p. 742. *

Ver o elogio sem reservas que faz Current Sociology: Urban Sociology (Research in Great Britain), UNESCO; Paris, vol. 4, 1955, p. 30, a análise do urbanismo de Engels: «A sua descrição de Manchester... 6 uma obra-prima de análise ecológica.n

relutante que esteja, prefere aceitar o primeiro emprego que o capitalista lhe oferece. Todavia esta desumanização vai manter os trabalhadores fora do alcance da ideologia e das Ilusões burguesas — do egoísmo, da religião e da moral burguesas por exemplo¹³ — enquanto que a industrialização e o movimento de concentração urbana vão, ao reagrupá-los, dar-lhes pouco a pouco uma idéia do seu poder. Quanto mais estreitamente os trabalhadores estão ligados a vida industrial, mais avançados são (p. 48) ",

Face a esta situação os trabalhadores reagem de diferentes maneiras. Alguns sucumbem e deixam-se desmoralizar: mas o alcoolismo, o vício, a criminalidade que daí decorrem e se expandem cada vez mais são fenômenos sociais nascidos do capitalismo, e que não poderiam ser explicados pela simples fraqueza ou falta de energia dos indivíduos.

Outros « submetem-se humildemente a sua sorte » e contribuem, de facto, « para forjar mais solidamente as cadeias dos trabalhadores » (p. 161). Mas só lutarão contra a burguesia e que o trabalhador se pode elevar a uma verdadeira humanidade e dignidade.

Este movimento operário passa por diferentes etapas: A revolta individual, — o crime — pode ser uma das suas formas; a destruição de máquinas e outra, se bem que nenhuma destas duas formas esteja universalmente espalhada. O sindicalismo e a greve são as primeiras formas generalizadas que o movimento operário toma, e a sua importância assenta menos na sua eficácia do que na lição de solidariedade que dão: os trabalhadores adquirem nelas a consciência de classe¹⁵. O movimento político representado pelo cartismo situa-se a um nível ainda mais elevado. Paralelamente a estes movimentos, as teorias

¹³ *Mas no seu prefácio ao Socialismo Utópico, 1897, conhecido pelo título de Materialismo histórico, Engels sublinhara, pelo contrário, os esforços feitos depois pela burguesia para manter o povo sob o jugo do obscurantismo religioso.*

¹⁴ *No entanto, Engels também nota que a imigração massiva de irlandeses, anormalmente pobres, contribui por seu lado para a propagação do radicalismo entre os operários (p. 166).*

¹⁵ *Embora correcta em linhas gerais, a descrição que Engels faz da fase pre-cartista do movimento operário é muito apressada e muitas vezes errada no pormenor. Seria bom completá-la com a leitura de obras recentes, tais como, G. D. H. COLE e Ft. POSTGATE: The Common People, Londres, 1945. Era praticamente impossível que Engels se alargasse sobre as origens do movimento operário que, ainda hoje, continuam muito mal conhecidas.*

socialistas viram a luz do dia graças a pensadores burgueses que, até 1844, se mantiveram na sua maior parte fora do movimento operário, ao mesmo tempo que atraíam a si uma pequena minoria de trabalhadores avançados. Mas o movimento irá evoluir para o socialismo à medida que se aproxima a crise geral do sistema capitalista.

Em 1844, Engels crê que esta crise se pode desenvolver de duas maneiras: ou a concorrência americana (ou talvez a alemã) virá acabar com o monopólio industrial da Grã-Bretanha e precipitar uma situação revolucionária (e algo de notável discernir, já nesta época, nestas duas nações os dois rivais mais perigosos da Inglaterra), ou então a polarizando da sociedade seguirá o seu curso até ao momento em que os operários, constituindo a partir de então a grande maioria da nação, tomarão consciência da sua força e tomarão o poder. Contudo, dada a situação intolerável dos trabalhadores e a existência de crises econômicas, produzir-se-ia uma revolução antes que estas tendências tivessem tido plena efeito. Engels calcula que ela irá explodir entre as duas depressões econômicas seguintes, quer dizer, entre 1846-1847 e 1854-1855.

Apesar da sua falta de maturidade, a obra de Engels possui qualidades científicas absolutamente notáveis. Os seus defeitos são os da juventude e, em certa medida, duma falta de perspectiva histórica. As suas previsões pecam, evidentemente, por excesso de optimismo: sem falar da revolução que ele via eminente, a eliminação da pequena-burguesia inglesa e o desenvolvimento da indústria americana, por exemplo, deviam concretizar-se muito mais lentamente do que ele pensava em 1844- Mas estas duas últimas previsões eram fundamentadas. Em Inglaterra, os patrões representavam, em 1851, 2 % da população activa, os gerentes, administradores, etc., 3,1 %, os proprietários rurais, artesãos, pequenos lojistas — em resumo, a pequena-burguesia no sentido clássico do termo — 5,3 %; os assalariados 87 %. Em 1844, « população estava longe de mostrar uma tal polarizando. \$ facto que as generalizações de Engels são, por vezes, apressadas. Deste modo, sem dúvida que subestimou muito as possibilidades que então se ofereciam aos trabalhadores de «se elevarem acima da sua classe», sobretudo aos das indústrias sem fábricas, tais Como a construção ou as indústrias artesanais, muito importantes na época, e é evidente que não soube avaliar com justeza a tendência que levará uma classe favorecida de trabalhadores a constituir uma «aristocracia do trabalho» que adoptará,

em larga medida, os valores da burguesia¹⁶. Mas certamente que ele tinha razão para não se referir, em 1842-1844 « constituição da aristocracia de trabalho. Por outro lado, alguns dos seus erros podem ser atribuídos, sem hesitação, a situação histórica: Engels escreve no momento em que & capitalismo inglês esta mergulhado no primeiro dos seus três grandes períodos económicos: 1815-1843, 1873-1896, 1920-1941 e na véspera do segundo dos seus períodos de prosperidade: 1180-1815, 1844-1813, 1896-1920 e 1941-19...¹⁷. Esta crise foi particularmente aguda, como o mostra a violência das lutas de classe, não só entre exploradores e explorados, mas também entre as diversas categorias de classes exploradoras (ver os conflitos entre a burguesia industrial e a aristocracia agrária, a propósito da livre troca, por exemplo). Não há dúvida que, desde então, nunca mais as massas trabalhadoras inglesas foram tão revolucionárias, mas a falta de maturidade e as fraquezas da organização dos seus movimentos, a falta de uma direção e a ausência de uma sólida ideologia causaram a sua perda. De resto, a seguir as guerras napoleônicas, manteve-se a tendência para a baixa dos pregos, durante uma geração, enquanto que a taxa de lucro tinha tendência a baixar; o espectro da estagnação que obcecava os economistas burgueses da época¹⁸ e que criava o ressentimento da burguesia, hem como dos grandes proprietários, contra os trabalhadores, tornava-se cada vez mais ameaçador. Nestas condições, não era nada de particularmente irreal ver na crise dos anos 40 os últimos sobressaltos do capitalismo e o prelúdio da revolução. De resto, Engels não foi o único observador a alimentar esta idem.

Sabemos que, longe de constituir o fim do capitalismo, esta crise não foi senão o prelúdio de um grande período de expansão baseado, por um lado, no desenvolvimento massivo da indústria pesada, aço, ferro, cami-

¹⁶ Cf. E. J. HOBBSAWM: The Aristocracy of Labour in 19th Century Britain in J. SAVILLE ed.: Democracy and the Labour Movement, Londres, 1954.

¹⁷ Adapto aqui a periodização correntemente admitida pelos economistas ingleses e que se baseia em diversos índices económicos. C. ROSTOV: British Economy in the 19th Century, Oxford, 1948.

¹⁸ Principalmente Ricardo (1817), James Mill (1821), Malthus (1815) e Sir Edward West (1815A82Q). Embora utilizando ambos esse termo, nem Adam Smith (1776), nem John Stuart Mill (1848) parecem, nos seus escritos, ter acreditado na eminência dessa estagnação final do capitalismo.

nhos de ferro, em oposição ao desenvolvimento da indústria têxtil no período precedente — e, por outro lado, na conquista de sectores ainda mais vastos em países até então não desenvolvidos, na derrota dos agrários e, finalmente, na descoberta de novos métodos, mais eficazes, da exploração das classes trabalhadoras, pelo crescimento da mais-valia relativa, mais do que pelo da mais-valia absoluta. (De resto, foi estes mesmos métodos que finalmente permitiram aos capitalistas ingleses proceder a substanciais melhorias dos salários reais.)

Também sabemos que a crise revolucionária prevista por Engels não afetou a Grã-Bretanha, e isto em virtude dessa lei do desenvolvimento desigual, de cuja existência Engels dificilmente poderia suspeitar. Com efeito, enquanto que no continente o período econômico correspondente devia atingir o seu ponto culminante no decurso da grande crise de 1847-1848, ele tinha-o atingido em Inglaterra alguns anos antes, com a crise catastrófica de 1841-1842; por volta de 1848 já tinha começado o período de expansão econômica com o grande «boom» dos caminhos de ferro em 1844-1847. O equivalente britânico da Revolução de 1848 foi a greve geral cartista de 1842¹⁹. A crise donde saíram as revoluções continentais não constituiu em Inglaterra senão a breve interrupção duma fase de rápida recuperação. Naturalmente, este novo período modificou a situação descrita por Engels. Tendências até então latentes apareceram à luz do dia, tomaram forma e consciência: foi o caso da Constituição de uma aristocracia operária e da propagação do reformismo no movimento operário. Engels e, pois, prejudicado pelo facto de escrever no preciso momento em que uma fase econômica da lugar a outra, nesse intervalo de alguns anos em que a natureza exacta das tendências econômicas se deveriam conservar quase irremediavelmente impenetrável. Ainda hoje, estatísticos e historiadores discutem para saber exatamente em que momento e que se situa a fronteira que separa, entre 1842 e 1848, o marasmo da idade do ouro do capitalismo inglês. Seria difícil reprovar a Engels o não ter visto isso com mais clareza do que nós.

Seja como for, quem quer que examine imparcialmente o livro de Engels, deve admitir que os seus erros

“No momento em que Engels redige o seu livro, o movimento cartista acaba de atingir o seu ponto culminante, mas o seu declínio só se tornara perceptível nos anos seguintes. Donde, em parte, as Ilusões de Engels sobre a iminência da revolução social.

não dizem respeito ao essencial, e não pode deixar de ficar muito impressionado com os seus resultados. Estes não se devem unicamente ao seu talento pessoal, que é evidente, mas também as suas convicções comunistas, por muito impregnadas que ainda estejam do utopismo burguês. E daí que ele retira aquela perspicácia econômica, social e histórica infinitamente superior a de todos os seus contemporâneos, partidários declarados da sociedade capitalista, e que lhe permite antecipar algumas conclusões a que Marx chegará em seguida. Engels pro-va-nos que, no domínio das pesquisas sociais, ninguém poderia produzir uma obra científica sem se ter desembaragado previamente das ilusões da sociedade burguesa.

III — A DESCRIÇÃO DA INGLATERRA EM 1844

*Em que medida nos podemos basear nesta descrição da classe operária inglesa? Será suficiente? As suas asserções foram confirmadas pelas pesquisas históricas posteriores?*²⁰.

A descrição de Engels assenta ao mesmo tempo em observações ao vivo e nas obras que ele tinha a sua disposição. É evidente que ele conhece o Lancashire industrial e sobretudo a região de Manchester, e que visitou as principais cidades industriais do Yorkshire: Leeds, Bradford, Sheffield, assim como passou várias semanas em Londres. Nunca ninguém sustentou seriamente que ele tenha falseado o seu testemunho. Entre os capítulos descritivos, torna-se claro que grande parte dos capítulos III (As grandes cidades), V (A imigração irlandesa), VII (O proletariado nas indústrias têxteis), IX (Os movimentos operários) e XII (Atitude da burguesia) se apóiam em observações pessoais. Não esqueçamos que Engels não é um simples turista, mas que vive no meio

²⁰ A crítica clássica, formulada pela primeira vez por V. A. HUBER: *Janus*, 1845, vol. II, p. 387 e B. HILDEBRAND: *Nationalökonomie der Gegenwart und Zukunft*, Frankfurt, 1848, resume-se a isto: «Mesmo que os factos relatados por Engels sejam verdadeiros, a sua interpretação é demasiado sombria». Os seus editores ingleses mais recentes chegam ao ponto de dizer: «Os historiadores já não podem considerar o livro de Engels como obra autorizada e contendo um quadro fiel da sociedade inglesa por volta de 1840» (Chaloner e Henderson, p. XXXI). Asserção absolutamente absurda.

da burguesia industrial. Além disso, conhece cartistas e socialistas por ter trabalhado com eles e, finalmente, possui um conhecimento directo e profusão da vida das classes trabalhadoras²¹.

No resto do livro, assim como para confirmar o seu próprio testemunho, Engels baseia-se noutros observadores e em fontes impressas; tem sempre grande cuidado em ter presentes às tendências políticas destes documentos e cita, sempre que isso lhe é possível, fontes capitalistas (Ver o último parágrafo do seu prefácio). Sem ser exaustiva, a sua documentação é indubitavelmente sólida e rica. A acusação segundo a qual ele trunca e deforma as suas fontes cai pela base²². Apesar de um certo número de erros de transcrição, vários dos quais sendo corrigidos por Engels no decurso de edições ulteriores² e de uma tendência bastante forte para resumir as suas citações em vez de as reproduzir palavra por palavra, nada prova que ele tenha falsificado alguma das suas fontes, e se se pode descobrir algumas, que ele não utilizou o mais frequente e estas confirmarem as suas afirmações. Teria podido, por exemplo, completar a sua descrição da crise de 1811-182 com a ajuda das estatísticas da presente depressão do comércio de Bolton, de H. Ashworth, no *Jornal of the Statistical Society*, V — fonte que utilizará em seguida —, das *Statistics of the Vauxhall Ward in Liverpool* do owenista J. Finch (Liverpool), e sobretudo do *Report of the Statistical Committee appointed by the Anti-Corn-Law Conference...* (182), Londres²¹. Estes documentos oferecem-nos um panorama ainda mais assustador desta crise que o de

²¹ Em 1843, conhece Mary Burns, operária de origem irlandesa, com quem vivera até a morte desta. Sem dúvida alguma, ela pô-lo em contacto com certos meios operários e irlandeses de Manchester. Iria utilizar muito duas publicações: o *Northern Star* e o *Manchester Guardian*.

²² Os poucos exemplos de deformações que os editores mais hostis a Engels (por exemplo Chaloner e Henderson) conseguiram encontrar só se reportam a questões inteiramente de pormenor e não serviriam a um observador imparcial para tirar conclusões.

²³ Contudo, Engels, no conjunto, redigirão o seu livro na Alemanha e redigindo-o depressa, não pode confrontar as suas fontes. E em 1892, não se entregou a uma revisão profunda da sua obra. Daí, terem subsistido alguns erros materiais (datas, números). Precisemos mais uma vez que eles nada retiram ao valor do livro e não diminuem o seu interesse.

²⁴ Sobre estes e outros documentos cf. E. J. HOBBSAWM: *The British Standard of Living, 1790-1850*, na *Economic History Review*, 2.ª Ser., X., 1, 1957.

Engels. Melhor dizendo, não se pode reprovar a Engels o < toother as suas conforme coincidam ou não com as Was feses. Quanto muito, poderemos dizer que não utiliza todos os materiais disponíveis nessa época nos Parliamentary Papers²⁵ 2? evidente que ele se preocupava mais i« ver as suas observações confirmadas e completadas por fontes não comunistas do que em escrever uma tese oxaustiva. Para qualquer homem de boa fé, A Situação r uma obra muito bem documentada.

Em geral censuram-se duas coisas a Engels: primeiro hr deliberadamente enegrecido o quadro, e, em seguida, lar subestimado a boa vontade da burguesia inglesa. Nenhuma destas criticas resiste a um exame aprofunção.

Com efeito, em parte alguma Engels descreve os trabalhadores como uniformemente desprovidos de tudo, famintos e mal possuindo as recursos suficientes para subsistirem, nem como uma massa indiferenciada unicamente composta por indigentes. Os que lhe atribuem apreciações tão excessivas nem sempre se deram ao trabalho de ler a seu texto. Ele nunca afirma que a situação dos trabalhadores não tenha sofrido nenhuma melhoria. O resumo que ele dd da vida dos trabalhadores (fim cap. HI) evita todo o esquematismo. E certo que poderia ter insistido nos aspectos menos sombrios do seu panorama, mas isso a custa da verdade. Seja quem for que, vivenão na Tnglaterra de 18^2-18^, tivesse tragado um quadro mais risonho da vida dos trabalhadores teria feito mais uma obra apologetica do que a de jornalista preocupado com a verdade. Não e Engels, mas o industrial burguês e liberal J. Bright, quem nos descreve nestes termos uma manifestagao de grevistas do Lancashire:

«A cidade foi invadida, as onze horas; por cerca de 2 000 mulheres e raparigas que desfilaram atraves das ruas cantanão hinos. Era um espectdcula comovente e singular, que se aproximava do sublime. Tem uma fome horrivel. Um pdo e engolido com uma voracidade indes-critivel, e, mesmo que esteja completamente coberto de lama, devoram-no com avidez»²⁸.

Quanto a acusagcia segundo a qual Engels teria calu-niado a burguesia e, pfovavelmente, preciso ver nisso o eco da velha tendência liberal em atribuir todas as

²⁵ P. e G. Ford fornecem-nos um guia util na Select List of British Parliamentary Papers 1833-1899, Oxford, 1953.

²⁶ N. McCord: The Anti-Corn Law League (18321-846), Londres, 1958, p. 127.

melhorias da condigdo operária ao credito da benevo-lencia e da consciencia social da burguesia, em vez de as atribuirem as lutas operárias. Contrariamente a uma opinido admitida, Engels não apresenta a burguesia como um unico bloco de demonios negros (Cf. a comprida nota do fim do cap. XII). As suas generalizagoes não preten-dem abranger todos os casos particulares. E, contudo, quantas vezes não encontramos na pena de escritores não-comunistas a mesma andlise das atitudes típicas do burgues ingles da epoca. Os seus burgueses são os de Dickens nos Tempos Difíceis, os do cash nexus (as tran-sacgoes financeiras e o interesse substituiram-se a todas as relagoes humanas) de Thomas Carlyle²⁷. São os des-critos pelos edonomistas escoceses dos excelentes romances de Thomas Love Peacock. A sua hipocrisia e a sua dureza são as que mais tarde evocard o poeta A. H. Clough nos seus versos cheios de azedume: «Não matards, mas e inutil bateres-te para salvares aqueles que rebentam». A sua indiferença absoluta a respeito dos pobres é a daqueles capitalistas partidrios do livre cmbio que

— *embora «bons maridos e bans pais de familia» caucio-nados «com toda a especie de virtudes privadas» (p. 335)*

— *encaram seriamente, em 18^o, um lock-out gerdl, a fim de fazer pressão sobre o governo²⁸: dito de outro modo, estavam dispostos a reduzir os seus operários a fome sem pestanejar. (Não e por acaso que Engels esoo-Ihe (para ilustrar a sua tese o burgues liberal livre--cambista: vivenão ele propria na capital do liberalismo burgues, sabe do que fala). Com efeito, longe de enegrecer a burguesia, Engels mostra-se visivelmente desconcertado pela sua cegueira. Não para de repetir que se ela fosse inteligente, aprenderia a fazer concessoes aos trabalha-dores²⁹. (Cf. o antepenultimo paragrafo do capitulo I e o ultimo do capitulo VI).*

O odio ao que a burguesia e as suas atitudes repre-sentam, não se reporta em Engels a um odio ingenuo aos maus, por oposigdo aos bons. Ele resulta da sua critica ao cardcter desumano do capitalismo que automa-

²⁷ Ver sobre este ponto a c&ebre passagem do Manifesto Comu-nista ortde Marx descreve este processo (Le Manifeste, Ed. Soc, p. 17.)

²⁸ McCord, op. cit., cap. V.

²⁹ Ela fe-lo no periodo economico seguinte. As consideragoes de Engels mostram-no consciente das tendencias que, se bern que momentaneamente eclipsadas por outras no momento em que se desencadeou a arise, voltariam mais tarde ao primeiro piano.

ticamente transforma os exploradores numa «classe pro-funãamente imordl, mcuravelmente apodrecida e interior-mente roida pelo egoismo».

Mas se todas estas censurais estao mal funãomen-tadas, e, no entanto, possivel encontrar na sua descriçdo um certo numero de omissoes. Assim, e indubitdvel que não teria subestimado a influencia da ideologia religiosa sobre os trabalhadores se conhecesse melhor os meios rurais e mineiros que descreve, sobretudo, em segunã mdo. Acontece que o Lancashire, regido que conhecia melhor^ era a regido industrial por excelencia, onde as seitas protestantes eram particularmente fracas nos meios operários, como o mostraria o Recenseamento Religioso de 1851³⁰.

Engels tambem poderia ter dedicado mais atengdo ao movimento coperativo, oriunã do socialismo utdpico, c que, em breve, deveria ganhar certa importancia: os pioneiros destas cooperativas estabelecem a sua primeira loja em Rochdale, não longe de Manchester, no preciso momento em que Engels redige a sua obra³¹. Embora de um excelente resumo das heroicos esforgos dos traba-lhadores para organizarem a sua propria educagdo, não nos diz grande coisa sobre as formas menos politicas, mas muito interessantes, da cultura proletdria. É verdade que os progressos da industrializaçã destruíram rapi-damente algumas destas formas, sem suscitarem outras novas: a cangdo popular extingue-se³², os clubes de fute-bol ainda não existem. Contudo, tais criticas não atingem funãamentalmente o valor documental da obra que e ainda, hoje como em 181}5, de longe, a melhor livro que apa-rcceu sobre a classe operária desta epoca.

Excluinã o pequeno grupo de criticos que, recente-mente, e por razoes abertamente politicas, se esforçam por desacredit-lo³³, todos os historiadores viram e con-

³⁰ Quando, em 1844, Lord Lonãonderry expulsou os mineiros em greve, dois terços dos metodistas primitivos da regio de Durham perderam os seus lares. Sobre os problemas das seitas operarias, cf. E. HOBBSAWM: Primitive Rebels, Manchester, 1959.

³¹ Cf. G. D. H. COLE: A Century of Cooperation, Londres, 1944.

³² A Workers's Music Association of Lonãon, publicou colecçoes de cantos populares da e-poca, tais como Come All Ye Bold Miners (Lloyd e McColl).

³³ Esta tomada de posigao de defesa do capitalismo aparece claramente em F.-A. HAYEK: Capitalism and the Historians, Londres, 1951.

tinuam a ver em A Situação um grande clássico. Os pioneiros da história econômica inglesa admitiram a validade das suas descrições. A última boa história econômica da Inglaterra fala «destas páginas subtis e penetrantes»³⁴, e o fundador da escola histórica anti-engelsiana, Sir John Clapham, não encontrou senão esta restrição a formular: A obra é «verdadeira em tudo o que descreve, mas não descreve tudo»³⁵.

A Situação da classe trabalhadora em Inglaterra continua a ser uma obra indispensável, e é um marco no combate pela emancipação da humanidade.

E. J. HOBSBAWM™

³⁴ W. H. COURT: Concise Economic History of Great Britain, Cambridge, 1954, p. 236.

³⁵ Economic History of Modern Britain, Cambridge, 1939, vol. I, p. 39.

³⁶ E. J. HOBSBAWM, autor deste prólogo, e um economista e historiador inglês, autor de numerosas obras e artigos sobre a situação operária inglesa.

AS CLASSES TRABALHADORAS¹ DA GRA-BRETANHA

Trabalhadores,

E a vos que dedico uma obra onde tentei descrever aos meus compatriotas alemaes um quadro fiel das vossas condições de vida, dos vossos sofrimentos e das vossas esperanças e das vossas perspectivas. Vivi muito tempo entre vos para ficar bem informado das vossas condições de vida; consagrei a mais seria atengao a conhecer-vos bem; estudei os mais diversos documentos officiais e não officiais que tive a possibiidade de consultar; não fiquei nada satisfeito; não era um eonheimento *abstracto* do meu assunto que me interessava, queria conhecer-vos nas vossas casas, observar-vos na vossa existencia quotidiana, falar convosco das vossas condições de vida e dos vossos sofrimentos, testemunhar as vossas lutas contra o poder social e politico dos vossos opressores. Eis como procedi: renunciei a sociedade e aos banquetes, ao Porto e ao Champagne da classe media², e consagrei quase exclu-

¹ Esta dedicatória foi escrita por Engels em ingls. Aqui, ele emprega de facto o plural «Working Classes», enquanto utiliza o singular no titulo da obra. Numa carta a Marx de 19 de Novembro de 1844, Engels explica que a deseja imprimir a parte e dirigi-la «aos chefes dos partidos politicos, aos homens de letras e aos membros do parlamento».

Ela figura — em ingles — nas edigoes alemas de 1845 e 1892, mas esta ausente nas edigoes americanas e inglesa de 1887 e 1892.

² A burguesia.

sivamente as minhas horas vagas ad convivio com simples trabalhadores; estou ao mesmo tempo orgulhoso e feliz por ter agido deste modo. Feliz, porque assim vivi muitas horas alegres, enquanto aprendia a conhecer a voissa verdadeira existencia— muitas horas que, se assim não fosse, teriam sido desperdigadas em tagareliees conven-cionais e em cerimoniaes reguladas por uma aborrecida etiqueta; orgulhoso porque tive assim occasiao de fazer justiga a uma classe oprimida e caluniada a qual, apesar de todos os seus defeitos e de todas as desvantagens da sua situação, so poderia recusar aprego quern tivesse alma dum comerciante ingles; orgulhoso ainda, porque estive assim em condições de poupar ao povo ingles o desprezo crescente que foi, no continente, consequencia inelutavel da politica brutalmente egoista da vossa classe media actualmente no poder e, mais simplesmente, da entrada em cena desta classe.

Graças as vastas possibilidades que tinha de obser-var ao mesmo tempo a classe media, vossa adversaria, cheguei rapidamente a conclusao que tem razao, muita razao, em não esperar dela nenhuma ajuda. Os seus inte-resses e os vossos sao diametralmente opostos, se bem que ela procure sem cessar afirmar o contrario e vos queira fazer crer que sente pela vossa sorte a maior simpatia. Os seus actos desmentem as suas palavras. Espero ter apresentado provas suficientes de que a classe media —apesar de tudo o que afirma — não tem, na realidade, outra finalidade que não seja enriquecer-se a custa do vosso trabalho, enquanto pode vender o iproduto dele, e deixar-vos morrer de fome, quando ja não pode tirar lucros desse comercio indirecto de carne humana. Que fizeram eles para provar que vos querem bem, como o afirmam? Alguma vez dedicaram a minima atengao aos vossos sofrimentos? Alguma vez fizeram mais que con-sentir nas despesas que implicam meia duzia de comis-soes de inquerito cujos volumosos relatorios estao condenados a dormir etemamente sob os amontoados de dossiers esquecidos nas prateleiras do *Home Office* ^s? Alguma vez chegaram a retirar dos seus Livros Azuis a materia de pelo menos uma obra legivel, que desse a cada um a possibilidade de reunir sem custo uma pequena documentagao sobre as condições de vida dos «livres cida-daos britanicos»? Não, nunca o fizeram; sao coisas de que

Ministgrio do interior.

:>A

não gostam de falar. Deixaram a um estrangeiro o cuidado de apresentar ao mundo civilizado um relatório sobre a desonrosa situação em que sois obrigados a viver.

Estrangeiro para *eles*, mas não para *vos*, segundo espero. Pode ser que o meu inglês não seja puro, mas, apesar de tudo, espero que o achareis claro⁴.

Nunca nenhum operário em Inglaterra — nem na França, diga-se de passagem — me tratou como estrangeiro. Tive o maior prazer em ver-vos isentos dessa mal-digão que é a estreiteza nacional e a suficiência natural, que não passa, no fim de contas, de um *egoísmo em grande escala*: observei a vossa simpatia por quem quer que dedique honestamente as suas forças ao progresso humano, seja inglês ou não — a vossa admiração por tudo o que é nobre e bom, tenha ou não nascido na vossa terra natal; verifiquei que sois muito mais do que membros de uma nação isolada, que só querem ser *Inglêses*; constatei que sois *homens*, membros da grande família internacional da *humanidade*, que reconheceis que os vossos interesses e os de todo o género humano são idênticos; e é a esse título de membros da família «*una e indivisível*» que a *humanidade* constitui, a esse título de «*seres humanos*», no mais pleno sentido do termo, que eu saúdo — eu e muitos outros do continente — os vossos progressos em todos os domínios e que vos desejamos um rápido êxito. Para a frente na via em que vos empenhastes! Esperam-vos ainda muitas dificuldades; mantende-vos firmes, não vos deixeis desencorajar, o vosso êxito é certo e cada passo em frente, nesta via que tendes de percorrer, servirá a vossa causa comum, a causa da *humanidade*.

Barmen (Prússia Renana), 15 de Março de 1845.

F. ENGELS

⁴ O texto inglês diz: «o inglês verdadeiro». O termo alemão (5) inequívoco: **deutlich**.

PREFACIO

As paginas seguintes abordam um assunto que eu queria inicialmente apresentar apenas como um capitulo que se insere num trabalho mais vasto sobre a historia social da Inglaterra¹; mas em breve a sua importancia me obrigou a dedicar-lhe um estudo particular.

A situação da classe operaria e a base real donde saíram todos os movimentos actuais porque ela e, ao mesmo tempo, o ponto maximo e a manifestação mais visível da miserável situação social actual. Os comunis-mos operários frances e alemão são disso o resultado directo, o fourierismo, o socialismo inglês, bem como o comunismo da burguesia alemã, o resultado indirecto. O conhecimento das condições de vida do proletariado e uma necessidade absoluta se quisermos assegurar uma base sólida as teorias socialistas bem como aos juí-zos sobre a sua legitimidade, acabar com todas as divagações e fabulas *pro* e *contra*. Mas as condições de vida do proletariado não existem na sua *forma clássica*, na sua perfeição, senão no Imperio Britânico, e mais particularmente na Inglaterra propriamente dita; e ao mesmo tempo, só em Inglaterra e que os dados necessários estão reunidos de uma forma tão completa, e verificados por inqueritos oficiais, como o exige qualquer estudo sobre este assunto, por pouco exaustivo que seja.

¹ Engels não escreveu essa história social da Inglaterra que projectava. Contudo, publicou, entre 31 de Agosto e 19 de Outubro de 1844, varios artigos sobre esse assunto no «Vorwärts» (*Gesam-tausgabe* 1, vol. Berlim, 1932, pp. 292-334).

Durante vinte e um meses, tive occasiao de travar conhecimento com o proletariado ingles, estudar de perto os seus esforgos, os seus sofrimentos e alegrias, fre-quentanão-o pessoalmente, ao mesmo tempo que com-pletava estas observagoes utilizanão as fontes autenticas indispensaveis. Utilize! nesta obra o que vi, ouvi e li. Espero ver ataeados de varios lados, não so o meu ponto de vista, mas tambem os factos citados, sobretudo se o meu livro cair nas maos de leitores ingleses. Tambem sei que aqui e ali se podera sublinhar alguma inexactidao insignificante (que mesmo um ingles, dada a amplitude deste assunto e tudo o que ele implica, não teria podido evitar), com tanta mais facilidade quanto e certo que não existe, na propria Inglaterra, uma obra que se refira, como a minha, a *todos* os trabalhadores; mas não hesito um so momento em desafiar a burguesia inglesa a demons-trar-me a inexactidao de um unico facto com alguma importancia do ponto de vista geral, e demonstra-lo com a ajuda de documentos autenticos como os que eu proprio apresentei.

E principalmente para a Alemanha que a exposigao das condições de vida do proletariado do Imperio Brita-nico — sobretudo na hora actual — reveste uma grande importancia. O socialismo e o comunismo alemaes tive-ram a sua origem, mais do que quaisquer outros, em hipoteses teoricas; nos, os teoricos alemaes, ainda conhe-cemos demasiado pouco o munão real para que sejam as condições sociais reais que nos tenham polido ineitar imediatamente a reformar essa «ma realidade». Pelo menos entre os partidarios confessos destas reformas quase nenhum chegou ao comunismo senão atraves da filosofia de Feuerbach que reduziu a pedagogos a especulagao hege-liana. As verdadeiras condições de vida do proletariado sao tao pouco conhecidas por nos, que mesmo as filan-tropicas «Associagoes para a elevagao das classes tra-balhadoras», no seio das quais a nossa burguesia actual despreza a questao social, tomam sempre como pontos de partida as opinioes mais ridiculas e mais insipidas sobre a situação dos trabalhadores. E sobretudo para nos, alemaes, que o conhecimento destes factos e, neste caso, uma necessidade imperiosa. B se as condições de vida do proletariado na Alemanha não chegaram a este grau de classicismo que conhecem na Inglaterra, depa-ramos, no funão, com essa mesma ordem social, a qual chegara, necessariamente, mais cedo ou mais tarde, ao ponto critico atingido do outro lado da Mancha — no

caso da perspicacia da nação não tomar medidas a tempo para dar ao conjunto do sistema social uma base nova. As causas fundamentais que provocaram em Inglaterra a miséria e a opressão do proletariado existem igualmente na Alemanha, e devem provocar, necessariamente, os mesmos resultados. Mas, entretanto, a miséria *inglesa*, dovidamente constatada, dar-nos-a a oportunidade de constatarmos a nossa própria miséria *alema*, e fornecer-nos-a um critério para avaliar a importância do perigo que se manifestou nos incidentes da Boémia e da Silesia³ que, deste lado, ameaçam a tranquilidade imediata da Alemanha.

Para terminar, tenho ainda duas observações a fazer. Primeiro, utilizei constantemente a expressão «*classe média*» no sentido inglês «*middle-class*» (ou como se diz quase sempre: «*middle-classes*»); esta expressão designa, como o termo francês *bourgeoisie*, a classe possuidora, e, particularmente, a classe possuidora distinta da chamada aristocracia — classe que na França e na Inglaterra detém o poder político directamente, e na Alemanha indirectamente a cobertura da «opinião pública». Utilizei também, constantemente, como sinónimos, as expressões «trabalhadores» (*working men*) e proletários, quase sempre: «*middle-classes*»; esta expressão designa, na maior parte das citações, indiquei o partido ao qual pertencem aqueles cuja causa utilizo porque — quase sempre — os liberais procuram sublinhar a miséria das regiões agrícolas, ao passo que, pelo contrário, os conservadores reconhecem a miséria nas regiões industriais e fingem ignorar as regiões agrícolas. E por esta razão que quando os documentos oficiais apresentam pontos fracos, preferi, para descrever a situação dos trabalhadores de fábrica, um documento *liberal*, com o propósito de combater a burguesia liberal com as suas próprias declarações, e recorri aos *tories* e aos cartistas quando conhecia bem o assunto por o ter verificado eu próprio, ou quando a personalidade ou o valor literário das autoridades podia convencer-me da verdade das suas afirmações.

Barmen, 15 de Março de 1845.

³ Engels refere-se às revoltas dos tecelões em 1844. Na Silesia, as tropas intervieram, nomeadamente em Langenbielau, e abafaram a revolta em sangue. Na Boémia, no mesmo ano, nos distritos de Leitmeritz e de Praga, os trabalhadores tomaram de assalto as fábricas têxteis e destruíram as máquinas.

INTRODUÇÃO¹

A história da classe trabalhadora em Inglaterra começa na segunda metade do século passado, com a invenção da máquina a vapor e das máquinas destinadas a trabalhar o algodão. Sabe-se que estas invenções desencadearam uma revolução industrial² que, simultaneamente, transformou a sociedade burguesa no seu conjunto o cuja importância só agora se começa a reconhecer na história do mundo.

A Inglaterra é o país clássico desta revolução que foi tanto mais poderosa quanto mais silenciosamente se fez. É por isso que a Inglaterra é também o país de eleição onde se desenvolve o seu resultado essencial, o proletariado. E só em Inglaterra que o proletariado pode ser estudado em todos os seus aspectos e relações.

Por agora não temos que nos preocupar com a história desta revolução, nem com a sua imensa importância para o presente e para o futuro. É preciso reservar este estudo para um trabalho posterior mais vasto. Provisoriamente devemos-nos limitar a algumas informações.

¹ As primeiras páginas desta introdução inspiram-se largamente na obra de P. GASKELL: **The Manufacturing Population of England**, 1833, p. 15-32.

* Se não criou a expressão, Engels é um dos primeiros a empregá-la (Cf. CLARK: **The Idea of the Industrial Revolution**, Glasgow, 1953).

)i(-cc:::;in;ir, para a compreensao dos factos que se seguem, para a compreensao da situacao actual dos proletarios ingleses.

Antes da introducao da maquinaria, a fiagao e a tecelagem das materias-primas efectuava-se na propria casa do trabalhador. Mulheres e raparigas fiavam o fio que o homem tecia ou que elas vendiam, quando o chefe de familia não o trabalhava. Estas familias de teceloes viviam, na maior parte dos cases, no campo, proximo das cidades, e o que ganhavam assegurava perfeitamente a sua existencia, porque o mercado intemo constituia ainda o factor decisivo da procura de fazenãos — era mesmo o unico mercado — e o poder esmagador da eon-correncia que devia aparecer mais tarde, com a con-quista de mercados estrangeiros e com a extensao do comercio, não pesavam ainda sensivelmente no salario. A isto juntava-se um permanente crescimento da procura do mercado intemo, paralelamente ao lento crescimento da população, o que permitia ocupar a totalidade dos trabalhadores; e preciso mencionar, por outro lado, a impossibilidade de uma concorrencia brutal entre os trabalhadores, dada a dispersao do habitat rural. Assim, o tecelao podia fazer, muitas vezes, economias e arrenãor um bocado de terra que cultivava nas horas de ocio. Ele determinava-as a sua vontade porque podia tecer quando e durante quanto tempo desejasse. E certo que era um pobre campones e que se dedicava a agricultura com certa negligencia, sem tirar dela um proveito real; mas, pelo menos, não era um proletario e tinha plantado — como dizem os ingleses — uma estaca no solo da sua patria, tinha uma habitacao e na escala social situava-se no escalao acima do trabalhador ingles de hoje ³.

Assim, os trabalhadores viviam uma existencia em geral suportavel e levavam uma vida honesta e tran-quila, em tudo piedosa e honrada; a sua situação material era bem melhor que a dos seus sucessores; não tinham necessidade de se matarem a trabalhar, não faziam mais do que lhes apetecia e, no entanto, ganhavam para as suas necessidades e tinham tempos livres para um trabalho sao no jardim ou no campo, trabalho que era para eles uma forma de descanso, e podiam, por outro lado, participar nas distracgoes e jogos dos seus

³ O fim deste paragrafo resume de muito perto uma passa g-em de GASKELL: op. cit., pp. 16-17.

vizinhos; e todos estes jogos, ehinquilho, pela, etc., con-tribuiam para a manutengao da sua saude e para o seu desenvolvimento fisico.

Eram, na sua maior parte, pessoas vigorosas e bem constituídas, cuja constituigao fisica era muito pouco, ou nada diferente da dos camponeses, seus vizinhos. As crianças cresciam no bom ar do campo e, se tinham que ajudar os seus pais no trabalho, faziam-no ocasionalmente, e nunca durante urn dia de trabalho de oito ou doze horas.

O caracter moral e intelectual desta elasse adivi-nha-se faeilmente. Longe das cidades, onde nunca entra-vam, porque entregavam o fio e o tecido a encarregados itinerantes mediante pagamento de um salario, tao isola-dos no campo que pessoas de idade que habitavam nas proximidades das cidades nunca la tinham ido ate ao momento em que as maquinas as despojaram do seu ganha-pao e em que foram coagidas a procurar trabalho na cidade. O seu nivel intelectual e moral era o das gentes do campo, as quais, na maior parte das vezes, estavam directamente ligados pelas suas pequenas terras. Respeitavam o seu *Squire* — o proprietario rural mais importante da regioao — como seu superior natural, pe-diam-lhe conselho, submetiam-lhe as suas pequenas querelas e prestavam-lhe as honras que essas relagoes patriar-cais comportavam. Eram pessoas «respeitaveis» e bons pais de familia; viviam segunão a moral, porque não tinham occasiao de viver na imoralidade, pois nenhum cabaret ou casa de ma fama se encontrava nas proxi-dades, e o estalajadeiro, em cuja loja, de tempos a tempos, acalmavam a sede, era igualmente um homem res-peitavel, e, na maior parte das vezes, um grande fazen-deiro que fazia questao de ter boa cerveja, boa ordem e que não gostava de se deitar tarde. Tinham os filhos durante todo o dia em casa e inculcavam-lhes a obediencia e o temor de Deus; estas relagoes familiares patriarcais subsistiam ate os filhos casarem; os jovens cresciam com os seus amigos de infancia numa intimidade e numa simplicidade idilicas ate ao casamento, e mesmo que as relagoes sexuais antes do casamento fossem algo quase corrente, so se estabeleciam quando a obrigagao moral do casamento era reconhecida pelos dois lados e nupcias subsequentes restabeleciam a ordem. Em resumo, os tra-balhadores industriais ingleses desta epoca viviam e pen-savam como se vive ainda em certas regioes da Alemanha, contanão apenas consigo mesmos, a margem, isem activi-

dade intelectual e levando uma existencia sem sobressaltos. Raramente sabiam ler e muito menos escrever, iam regularmente a igreja, nao faziam politica, nao conspiravam, nao pensavam, gostavam dos exercicios fisicos, escutavam a leitura da Biblia com urn recolhimento tradicional, e estavam bem de aeordo, humildes e sem necessidades, com as classes sociais mais proeminentes. Mas, por outro lado, estavam intelectualmente mortos; so viviam para os seus interesses privados, mesquinhos, para o tear e para o jardim, e ignoravam tudo do forte movimento que, no exterior, sacudia a humanidade. Sentiam-se a vontade na sua pacifica existencia vegetativa e, sem a revolugao industrial, nunca teriam abandonado esta existencia de um romantismo patriarcal, mas apesar de tudo indigna de um ser humano.

De facto, nao eram homens mas simples maquinas, trabalhando ao servigo dos poucos aristocratas que tinham ate entao dirigido a historia; a revolugao industrial levou simplesmente esta situagao ate ao seu fim logico, reduzindo inteiramente os trabalhadores ao papel de simples maquinas, arrebatando-lhes os ultimos vestigios de actividade independente, mas incitando-os, precisamente por essa razao, a pensar em exigir uma posigao digna de seres humanos. Se em Franga isso tinha sido feito pela politica, em Inglaterra foi a industria—e de uma maneira geral a evolugao da sociedade burguesa — que arrastou no tuiibilhao da historia as ultimas classes mergulhadas na apatia no que respeita aos interesses universais da humanidade.

A primeira invengao que transformou profundamente a situagao dos trabalhadores ingleses de entao foi a *Jenny*⁴, inventada em 1764 por um tecelao, James Hargreaves, de Standhill⁵, perto de Blackburn, no Lancashire do norte. Esta maquina foi o antepassado rudimentar da *Mule*⁶, que devia suceder-lhe mais tarde, funcionava

⁴ Nome da primeira maquina de fiar algodao.

⁵ Trata-se na realidade de Stanhill. Engels provavelmente cometeu este erro por adoptar a ortografia de A. URE: *Flie Cotton Manufacture of G. B.*, 1836, p. 196.

⁶ Neste dominio, muitas invengoes importantes tinham sido feitas em Inglaterra a partir de 1738. A *Jenny* de Hargreaves foi aperfeigoada de 1769 a 1771 por Richard Arkwright, cuja maquina foi denominada de *throstle*. E em 1779 que Samuel Crompton da oa ultimos retoques a sua *mule*. Por fim, em 1825, ela sera substituida pela maquina automatica de Richard Robert chamada *Meil'-actiug-mule* ou *self-actor*.

k mao, mas em vez de uma agulha — como na roda vulgar do fiar a mao — possuía dezasseis ou dezoito, movidas por um só trabalhador. Foi assim que foi possível for-neccr mais fio que anteriormente; enquanto antigamente um tecelão, que ocupava constantemente três fiandeiras, não tinha nunca fio suficiente, e tinha muitas vezes que esperar, agora havia mais fio do que o que os trabalhadores existentes podiam tecer. A procura de tecidos que, de resto, estava a aumentar, desenvolveu-se ainda mais devido a melhor venda destes produtos, consequência da redução das despesas de produção graças

1 nova máquina; houve necessidade de mais tecelões e o salário do tecelão aumentou. E, visto que desde então o tecelão podia ganhar mais trabalhando no seu tear, ele abandonou lentamente as suas ocupações agrícolas e consagrou-se totalmente à tecelagem. Nesta época, uma família de 4 adultos e 2 crianças, no trabalho de bobina-gcm, chegava a ganhar, em 48 horas de trabalho quotidiano, 4 libras esterlinas por semana, — 28 talers na cota-tagão prussiana actual — e muitas vezes mais, quando os negócios corriam bem e o trabalho urgia; frequentemente acontecia um único tecelão ganhar no seu ofício

2 libras por semana. Foi assim que, pouco a pouco, a classe dos tecelões agrícolas desapareceu completamente, dissolvendo-se na nova classe dos que eram exclusivamente tecelões, que só viviam do seu salário e não possuíam propriedades, não tendo sequer a ilusão de propriedade que o trabalho agrícola confere. Tornaram-se pois *proletários (working men)*. A isto veio ainda juntar-se a destruição da velha relação entre fiadores e tecelões. Até então, na medida do possível, o fio era fiado e tecido sob o mesmo tecto. Agora, visto que a *Jenny*, bem como o tear, exigiam uma mão vigorosa, os homens também se puseram a fiar e famílias inteiras passaram a viver disso, enquanto que outras, forçadas a porem de lado a arcaica e caduca roda de fiar, tiveram que viver somente dos salários do pai de família, quando não possuíam meios para comprar uma *Jenny*. Foi assim que começou a divisão do trabalho entre fiagem e tecelagem, que em seguida iria ser levada ao extremo na indústria.

Ao mesmo tempo que o *proletariado industrial* se desenvolvia assim com esta primeira máquina, todavia muito imperfeita, ela deu igualmente origem a um proletariado rural. Até então havia um grande número de pequenos proprietários rurais, a quem chamavam os *yeomen*, os

quais tinham vegetado na mesma tranquilidade e na mesma nulidade intelectual que os seus vizinhos, os culti-vadores teceloes. Cultivavam o seu pequeno rincao de terra exactamente com a mesma negligencia com que o tinham feito os seus pais e opunham-se a qualquer ino-vagao com a teimosia peculiar a estes seres, escravos do habito, que nao mudam absolutamente nada no decurso das geracoes. Entre eles, havia tambem muitos pequenos fazendeiros, nao no sentido actual do termo, mas pes-soas que tinham recebido dos seus pais e avos um pequeno pedago de terra, fosse a titulo de renda hereditaria, fosse em virtude dum antigo costume, e que nele se tinham estabelecido tao solidamente como se se tratasse de pro-priedade sua. Ora, como os trabalhadores industriais abandonavam a agricultura, encontraram-se disponiveis grande numero de terrenos e foi ai que se instalou a nova classe de *grandes arrendatdrios*, os quais possuiam cin-quenta, cem, duzentas e mesmo mais jeiras. Eram os *tenants-at-will*, quer dizer, rendeiros cujo contrato podia ser anulado todos os anos, e que souberam aumentar a produgao das terras com melhores metodos agricolas e uma exploragao em maior esecala. Podiam vender os seus produtos mais baratos do que o pequeno *yeomen* e este nao tinha outra solugao — visto que a sua terra ja nao o ali-mentava — senao vende-la e adquirir uma *Jenny* ou um tear, ou empregar-se como jardineiro, proletario agricola, em casa dum grande fazendeiro. A sua indolencia hereditaria e a maneira negligente como valorizava a sua terra, defeitos que tinha herdado dos antepassados, e que nao tinha podido ultrapassar, nao lhe deixavam outra solu-gao, desde que se viu obrigado a entrar em concorrencia com pessoas que cultivavam a propriedade segundo prin-cipios mais racionais e com todas as vantagens que con-ferem a grande cultura e o investimento de capitals com vista a melhoria da terra.

Entretanto, a evolugao da industria nao parou. Alguns capitalistas começaram a instalar *Jennys* em grandes edificios e a acciona-las por meio de *forço*, *hidrdulica*, o que lhes permitiu reduzir o numero de operarios e vender as fibras mais baratas que os fiandeiros iso-lados, que somente accionavam as suas maquinas a mao. A *Jenny* foi sucessivamente aperfeigoada, de tal modo que as maquinas se tornavam continuamente antiquadas e precisavam de ser transformadas, ou mesmo postas de lado; e se o capitalista podia subsistir gragas a utili-zagao da forga hidraulica, mesmo com maquinas bas-

.....

tante antiquadas, a longo prazo, o fiandeiro isolado nao podia.

Estes factos marcaram ja o aparecimento do sistema de manufacture; este conheceu nova expansao gragas a *Spinning Throstle*, inventada por Richard Arkwright⁷, um barbeiro de Preston, no Lancashire setentrional, em 1767. Esta maquina, que em alemao se chama vulgar-mente *Kettenstuhl*⁸ e, com a maquina a vapor, a invencao mais importante do seculo XVIII. Foi concebida desde o inicio para ser *accionada mecanicamente* e baseava-se em principios completamente novos. Associando as particularidades da *Jenny* e do tear de corrente, Samuel Crompton de Firwood (Lancashire) oriou a *Mule*, e como Arkwright inventasse na mesma epoca as *maquinas de cardar e transfiar*, a manufacture tornou-se o unico sistema que existia para a fiacao do algodao. Pouco a pouco estas maquinas foram sendo adaptadas a fiacao de la. e, mais tarde, a de linho (na I.^a decada deste seculo), grags a algumas modificagoes pouco importantes e, deste modo, tambem nestes sectores pode ser reduzido o trabalho manual. Mas nao se parou aqui; nos ultimos anos do seculo passado, o Dr. Cartwright, um pastor do campo, inventava o *tear mecânico*, e em 1804 tinha-o aperfei-goado a tal ponto que podia concorrer com sucesso com os teceloes manuais; e a importancia de todas as maquinas duplicou gragas a *maquina a vapor de James Watt*, inventada em 1764 e utilizada a partir de 1785 para accionar as maquinas de fiar.

Estas invengoes, que a partir de entao ainda foram permanentemente aperfei-goadas, foram decisivas para a *vitoria do trabalho mecânico sobre o trabalho manual* nos principais sectores da industria inglesa, e toda a historia recente desta mostra-nos como os trabalhadores manuais foram sucessivamente desalojados de todas as suas posicoes pelas maquinas. As consequencias disiso foram, por um lado, uma queda rapida dos pregos de todos os produtos manufacturados, o desenvolvimento do comercio e da industria, a conquista de quase todos os mercados estrangeiros nao protegidos, o rapido crescimento dos capitais e da riqueza nacional; por outro lado, o crescimento ainda mais rapido do proletariado, a destruicao de toda a propriedade, de toda a seguranga de emprego para a classe operaria, desmoralizagao,

⁷ Ver acima nota 6, pag. 34.

⁸ Traducaao a letra: «tear de corrente».

agitacao ipolitica, e todos estes factos que tanto repugnam aos ingleses proprietaries e que iremos examinar nas paginas seguintes. Vimos atras as modificagoes que uma s6 maquina, tao primaria como a *Jenny*, provocou nas relagoes sociais das classes inferiores; desde entao, ja nao nos podera espantar o que pode fazer um sistema de maquinaria automatica eomplexo e aperfeigoado que recebe de nos a materia bruta e nos devolve as fazendas totalmente tecidas.

Entretanto, sigamos de mais perto o desenvolvi-mento⁹ da industria inglesa¹⁰, começando pelo seu ramo principal: « *industria do algodao*. De 1771 a 1775 impor-tava-se em media menos de cinco milhoes de libras de algodao bruto por ano; em 1841, 528 milhoes, e a impor-tagao em 1844 atingira pelo menos 600 milhoes. Em 1834 a Inglaterra exportou 556 milhoes de jardas de tecidos de algodao, 76,5 milhoes de libras de fio de algodao, e a, volta de 1200 000 libras esterlinas de artigos de algodao.

Neste mesmo ano, a industria algodoeira dispunha de mais de 8 milhoes de agulhas, 110 000 teares mecanicos e 250 000 teares manuais, sem contar com as agulhas dos teares de correntes, e, segundo os calculos de Mac Culloch, este sector fazia viver directa ou indirectamente cerca de um milhao e meio de seres humanos nos 3 rei-nos \ dos quais so 220 000 trabalhavam em f abricas; a forga utilizada por estas fabricas cifrava-se em 33 000 CV de forga motriz, accionadas por vapor, e 11000 CV de forga hidraulica. Actualmente eistes nume-

• No original: VerwicMung (imbricamento); na edigao de 1892: Entwiklung (desenvolvimento).

Segundo PORTER: (**The**) Progress of **the** nation *, Londres, 1936, vol. I, 1838, vol. II, 1843, vol. in (de acordo com indicagoes ofieiais) e segundo outras fontes, a maior parte das quais igualmente ofieiais (1892). O esbogo historico que se segue e inexacto nalguns detalhes **, mas em 1843-44 nao existiam fontes melhores do que as que eu utilizei (P. E.).

MacCulloch: **A Dictionary of Commerce (ed. de 1840, Vol. I, pag. 444)** indica 1,2 a 1,4 milhoes. Cf. igualmente PORTER: op. cit. vol. I, 1836, pag. 229. Na edigao de 1847, MacCulloch indica 1-1,2 milhoes (vol. I, pag. 438). Engels conserva o numero primitivo.

" Engels tinha lido muito atentamente o livro de Porter tomando muitas notas. Utilizou principalmente a edi9ao de 1843 para os seus artigos do *Vorwarts* de Agosto de 1844.

** fi possvel precisar algumas das indicacoes de Engels: Cartwright nao inventou o tear. Limitou-se a aperfeicoa-lo. Por outro lado, Engels ignorava que quando James Watt registou uma patente pela sua maquina a vapor esta ja fora inventada em vnrios outros paises, na Franca, na Alemanha, na Russia.

ros estão ultrapassados, e podemos admitir tranquilamente que em 1845 a potência e o número de máquinas, bem como o número de operários, ultrapassam em metade os de 1834. O centro principal desta indústria é o Lancashire, donde, de resto, é originária; ela revolucionou completamente este econdado, transformando este pantano sombrio e mal cultivado numa região animada e laboriosa, duplicou a sua população em 80 anos e fez brotar do solo como que por encanto cidades como Liverpool e Manchester que, juntas, contam 700 000 habitantes e as suas vizinhas Bolton (60 000 h.), Rochdale (75 000 h.), Oldham (50 000 h.), Preston (60 000 h.), Ashton e Stalybridge (40 000 h.), bem como um grande número de outras cidades industriais.

A história do Lancashire meridional conhece os maiores milagres dos tempos modernos, embora ninguém os mencione, e todos estes milagres foram realizados pela indústria algodoeira. Por outro lado, Glasgow constitui um segundo centro para o distrito algodoeiro da Escócia, o Lanarkshire e o Refrewshire, e também aqui a população da cidade central passou, desde a instalação desta indústria, de 30 000 para 300 000 habitantes¹². O *fabrico de artigos de algodão* em Nottingham e Derby também recebeu um novo impulso devido à baixa do preço do fio e um segundo devido ao melhoramento da máquina de tricotar, que permite fabricar duas meias ao mesmo tempo com um só tear. O *fabrico de rendas* tornou-se igualmente, desde 1777, data em que foi inventada a máquina de fazer a malha apertada, um ramo industrial importante; pouco depois, Lindley inventou a máquina de *point-net* e em 1809 Heathcote inventou a máquina de *bobin-net*¹³, que simplificaram infinitamente o fabrico de rendas e aumentaram paralelamente o seu consumo, devido à diminuição dos custos; de tal modo que pelo menos cerca de 200 000 pessoas vivem actualmente deste fabrico. Os seus centros mais importantes são Nottingham, Leicester e o oeste da Inglaterra (Wiltshire, Devonshire, etc.).

¹² Engels tira estes números de A. ALISON: Principles of Population (1840, vol. II, pag. 87) arredondando-os. Alison refere 31 000 habitantes em 1770, 290 000 em 1839.

¹³ Estas diferentes máquinas são anteriores a de Jacquart. Entre a máquina de Point-net e a máquina de Bobin-net há sobretudo uma diferença de motivos. A primeira faz rendas com motivo oblongo, a segunda com motivo hexagonal.

Os ramos dependentes da industria algodoeira eonhe-ceram uma evolugao analoga: o branqueamento, a tin-turaria e a impressao. O *branqueamento*, gragas a utilizagao do *cloro* em vez do *oxigenio* no branqueamento quimico, a *tinturaria* e a *impressao*, gragas ao rapido desenvolvimento da quimica, e esta ultima gragas ainda a uma serie de invengoes mecanicas extremamente brilhantes, corihecera, alias, um incremento que — para alem do desenvolvimento destes ramos devido ao cres-cimento da industria algodoeira — lhes assegurou uma prosperidade ate entao deseonhecida.

A mesma actividade manifestou-se na *manufatura da la*. Este ja era o ramo principal da industria inglesa, mas as quantidades produzidas no curso destes anos.nao sao nada em comparagao com o que se fabrica actual-mente. Em 1872, toda a recolha lanigera dos tres anos precedentes continuava em estado bruto, por falta de operarios, e assim teria ficado necessariamente se as novas invengoes mecanicas nao tivessem vindo em seu auxilio e nao a tivessem fiado¹⁴. A adaptagao destas maquinas a fiagao de la, fez-se com o maior exito. O rapido desenvolvimento que constatamos nos distritos algodoeiros afectou dai por diante os distritos lanige-ros. Em 1738, no West Riding de Yorkshire, fabrica-vam-se 75 000 pegas de pano, em 1817 450 000¹⁵, e o desenvolvimento da industria lanigera foi tal que em 1834 se exportaram mais de 450 000 pegas de pano que em 1825. Em 1801, tratavam-se 108 milhoes de libras de la (das quais 7 milhoes importadas), em 1835, 180 milhoes de libras (das quais 42 milhoes importadas). O principal distrito desta industria e o West Riding de Yorkshire onde, principalmente em Bradford, a la inglesa de fibras compridas e transformada em la, de tricotar, enquanto que nas outras cidades, Leeds, Halifax, Hud-dersfield, etc., a la, de fibras curtas e transformada em fios retorcidos e utilizada na tecelagem. Vem depois a parte vizinha do Lancashire, a regio de Rochdale, onde para alem da preparagao do algodao se produz muita

" Passagem oitada por MARX: O Capital, livro 1.º, t. III, pp. 46-47 (Editions Sociales).

" J. BISCHOPF: A Comprehensive History of the Woolen and Worsted Manufactories, 1842, vol. II, apendice, quadro IV, indica para o Yorkshire, 56 899 pegas em 1738 contra 483 720 em 1817. Engels, que arredondou o segundo numero, cometeu prova-velmente erro ao copiar o primeiro.

flanela, e o Oeste da Inglaterra que fabrica os mais finos tecidos. Também aí o crescimento da população é notável:

	Em 1801	Em 1831
Bradford hab.	29 000 hab.	77 000
Halifax	63 000	» 101 000
»		
Huddersfield 000 »	15 000	» 34
Leeds	53 000	» 123 000
»		
O conjunto do West Riding	564 000	» 980 000
»		

população que, desde 1831, deve ter crescido pelo menos 20 a 25 % mais. A fiagem de lã ocupava em 1835, no Reino Unido, 1313 fábricas com 71300 operários, os quais, de resto, não representavam senão uma pequena parte da massa que vivia directa ou indirectamente do trabalho da lã, excluindo a quase totalidade dos tecelões. Os progressos da *indústria do Unho* foram mais lentos, porque a natureza da matéria bruta tornava muito difícil a utilização da máquina de fiar; e verdade que já no decurso dos últimos anos do século passado tinham sido efectuadas na Escócia experiências neste sentido, mas só em 1810 o francês Girard conseguiu aperfeiçoar um método prático de fiagem do linho e só se atribuiu as suas máquinas a importância que mereciam graças aos aperfeiçoamentos que lhe foram feitos em Inglaterra e ao seu emprego em grande escala, não só inglês, em Leeds, Dundee e Belfast¹⁶. Mas então a indústria de linho inglesa conheceu um rápido desenvolvimento. Em 1814, importaram-se, em Dundee, 3 000 toneladas " de linho, em 1835 cerca de 19 000 toneladas de linho e 3 400 de cânhamo. A exportação de linho irlandês para a Grã-Bretanha passou de 32 milhões de jardas (em 1800) para 53 milhões (em 1825), das quais grande parte foi reexportada; a exportação de pano inglês e escocês passou de 24 milhões de jardas (em 1820) para 51 milhões (em 1833). O número de fiageiros de linho era, em 1835, de 347, empregando 33 000 operários, metade dos quais se situavam na Escócia meridional, mais de 60 no West Riding de Yorkshire (Leeds e arredores), 25 em Belfast na

¹⁶ Os números acima, como os da página precedente, foram tirados de **PORTER: op. cit., pp. 196-197, 200-201, 265-272.**

¹⁷ O **ton** ou tonelada inglesa corresponde a 2 240 libras inglesas (**1892**). Quer dizer, quase **1000 Kilos (F. E.)**.

Irlanda, e o resto no Dorsetshire e no Lancashire. A tece-lagem pratica-se na Escocia meridional e em diversos pontos da Inglaterra, mas sobretudo na Irlanda.

Os ingleses empreenderam com igual exito a *pre-paragao da seda*. Recebiam da Europa meridional e da Asia materias-primas ja totalmente fiadas, e o trabalho essencial consistia em dobar e tecer os linhos finos (*tramage*). Ate 1824, as taxas alfandegarias que atin-giam pesadamente a seda bruta (4 shillings por libra) prejudicaram seriamente a industria inglesa da seda, que so dispunha, gragas a direitos protectores, do mercado ingles e do das suas colonias. Foi nesse momento que os direitos de importagao foram reduzidos a um penny e imediatamente o numero de fabricas aumentou notavel-mente; num ano o numero de doboadeiras passou de 780 000 para 1180 000 e se bem que a crise comercial de 1825 paralisasse por um momento este ramo industrial, em 1827 ja se fabricava mais do que nunca, por-que o talento mecanico e a experiencia dos ingleses asseguravam as suas maquinas de torcer a supremacia sobre as instalagoes desajeitadas dos seus concorrentes. Em 1835, o Imperio Britanico possuia 263 fabricas de torcer, com 30 000 operarios, a maior parte dos quais instalados no Cheshire (Macclesfiel, Congelton e arredores), em Manchester e no Somersetshire¹⁸. Alem disso, existiam ainda muitas fabricas para o tratamento de residuos de seda dos casulos, que serve para fazer um artigo especial (*spimsilk*)¹⁹ com o qual os ingleses fornecem as tecelagens de Paris e Lyon. A tecelagem da seda assim torcida e fiada efectua-se principalmente na Escocia (Paisley, etc.) e em Londres (Spitalfields), mas tambem em Manchester e noutros sitios.

Contudo, o gigantesco desenvolvimentao da industria inglesa desde 1760 nao se limitou ao fabrico de artigos de vestuario. Uma vez dado o impulso inicial comunicou-se a todos os ramos da actividade industrial, e uma multidao de invengoes, que nao tinham nenhuma relagao com as que mencionamos, duplicaram de impor-tanea devido ao facto de surgirem no meio do desen-volvimento geral. Mas, ao mesmo tempo, apos ter sido demonstrada a importancia incalculavel da utilizagao

»« PORTER: op. cit., diz que, em 1835, 238 fabricas estavam em actividade e 25 tinham fechado as portas (vol. I, pp. 269-261). Engels fez a soma.

" Fios de seda.

da forja mecânica na indústria, lançou-se mãos a obra para a utilização desta forja em todos os domínios e para a explorar²⁰ em benefício dos diversos inventores e industriais; e, por outro lado, a procura de máquinas, combustíveis e material de transformação, redobrou a actividade dumam multidão de operários e de ofícios. So com o emprego da máquina a vapor se começa a dar importância aos vastos jazigos hulhiferos de Inglaterra. O fabrico de máquinas data somente desta altura, bem como ran novo interesse pelas minas de ferro, que forneciam a matéria bruta para esse fabrico; o crescimento do consumo de la desenvolveu a criação de carneiros em Inglaterra, e o aumento da importação da la, do linbo e da seda, teve como efeito o crescimento da frota comercial inglesa. Foi principalmente a produção do ferro que cresceu. As montanhas inglesas, ricas em ferro, tinham sido pouco exploradas até então; o mineral de ferro era sempre fundido com carvão de madeira que — em virtude da melhoria das culturas e do desbravamento das florestas— se tornava cada vez mais caro e cada vez mais raro; foi so no século precedente que se começou a utilizar a hulha sulfurosa (*coke*) para este efeito e, em 1780, descobriu-se um novo método para transformar o ferro fundido com o coke, até então utilizado somente sob a forma de ferro fundido, em ferro igualmente utilizável para a forja. A este método, que consiste em extrair o carvão misturado com ferro no decurso da fusão, os ingleses dão o nome de *fuddling* e, graças a ele, abriu-se um campo inteiramente novo a produção siderúrgica inglesa. Construíram-se altos fornos 50 vezes maiores do que anteriormente, simplificou-se a fusão do mineral com a ajuda de foles de ar quente, e assim foi possível produzir o ferro a um preço tão vantajoso que uma grande quantidade de objectos, outrora fabricados em pedra ou madeira, passaram, a partir de então, a se-lo em ferro.

Em 1788, Thomas Paine, o celebre democrata, construiu no Yorkshire a primeira ponte de ferro²¹ que foi

²⁰ Edigão de 1892: «a utilizar».

²¹ Engels comete aqui um erro material: a ponte concebida por Paine e cujos elementos foram alicergados em Rotherham no Yorkshire não foi construída nesta região. A primeira ponte de ferro do Yorkshire foi lançada em 1779 sobre o Severn em Coolbrookdale (Cf. CONWAY: *Life of Th. Pain*, 1892, vol. I, p. 239 e segs.). Eis o género de erros que W. O. Henderson e W. H.

seguida por grande numero de outras, de tal modo que actualmente quase todas as pontes, principalmente sobre as vias ferreas, sao construidas em ferro fundido, e em Londres ate existe uma ponte sobre o Tamisa, a ponte Southwark, fatorieada com este material; tambem sao de uso corrente as colunas de ferro e os chassis para maquinas, igualmente de ferro; e desde a entrada ao servigo da iluminagao a gas e dos caminhas de ferro, novos caminhos sao abertos a produgao siderurgica em Inglaterra. Pouco a pouco, os pregos e parafusos tambem foram sendo fabricados por maquinas; Huntsman, de Sheffield, descobriu, em 1760, um metodo de fundir ago que tornava superflua toda uma soma de trabalho e que facilitou o fabrico de novos artigos a pregos bara-tos; e foi so entao, gragas a maior pureza de materias disponiveis, gragas tambem ao aperfeigoamento da maqui-naria, a novas maquinas, e a uma divisao mais minu-ciosa do trabalho, que o fabrico de produtos metalurgicos se tornou importante em Inglaterra. A populagao de Birmingham passou de 73 000 habitantes (em 1801) para 200 000 (em 1844) e a de Sheffield de 46 000 (em 1801) para 110 000 (em 1844) e o consumo de carvao desta ultima cidade, so por si, atingiu em 1836, 515 000 toneladas ²². Em 1805, exportaram-se 4 300 toneladas de produtos siderurgicos e 4 600 toneladas de ferro bruto; em 1834, 16 200 toneladas de produtos metalurgicos e 107 000 toneladas de ferro bruto; e a extracgao de ferro que, em 1740, no total, nao passava de 17 000 toneladas, atingiu em 1834 cerca de 700 000 toneladas ²³. A fusao do ferro bruto consome so por si mais de 3 milhoes de toneladas de carvao por ano ²⁴, e e dificil imaginar a importancia que dum modo geral adquiriram as minas de carvao no decurso dos ultimos 60 anos. Actualmente todos os jazigos carboniferos da Inglaterra e da Escocia sao explorados, e as minas de Northumberland e de Durham produzem so por si mais de 5 milhoes de toneladas para expor-

Chaloner apontam na sua recente e meticulosa edigao da obra de Engels. ENGBLS: **The condition of the working class in England**, Oxford, 1958. Retiramos dal um certo numero de notas.

²² Trata-se de toneladas Inglesas. Ver atras nota 17, p. 41.

^{2a} Numeros retirados de PORTER: op. cit., vol. I, 1836, IV.

²¹ Na sua edigao de 1843, Porter precisa 4 **877** 000 toneladas. Engels consultou muito provavelmente um dos volumes anterlores que de facto dava 3 milhoes de toneladas.

tagao; ocupam 40 a 50 mil operarios. Segundo a *Durham Chronicle*²⁵, havia nestes dois condados:

em 1753	em 1800	em 14 minas de carvao	²¹
1836 em 1843		40	»
		» 70	»
		» 130	»

em actividade. De resto, actualmente, todas as minas sao exploradas muito mais activamente do que outrora. Do mesmo modo, exploram-se mais activamente as minas de *estanho*, de *cdhre* e de *chumbo*, e paralelamente a extensao do fabrico da *olarm*, que, por altura de 1763, gragas a Josiah Wedgewood, adquiriu importancia. Este reduziu todo o fabrico de faianga a principios scientificos, melhorou o gosto do publico e fundou as olarias do Staffordshire do Norte, regio de oito milhas inglesas quadradas, outrora deserto esteril, mas agora semeado de fabricas e de casas, que faz viver mais de 60 000 pessoas.

Tudo foi arrastado por este movimento, este turbi-lhao universal. A *agricultura* tambem foi abalada. E nao so a propriedade da terra passou para as maos de outros possuidores e cultivadores, tal como vimos acima, como, por outro lado, foi tratada de modo diferente. Os grandes rendeiros empregaram o capital para melho-rar o solo, abateram pequenos muros de separagoes inu-teis, drenaram, estrumaram a terra, utilizaram melhores instrumentos; introduziram uma alternancia sistema-tica nas culturas (*cropping by rotation*)- Tambem eles beneficiaram do progresso das ciencias. Sir Humphrey Davy aplicou a quimica a agricultura com exito, e o desenvolvimento da mecanica trouxe-lhes um sem numero de vantagens. De resto, o crescimento da populagao pro-vocou uma tal alta na procura de produtos agricolas que, de 1760 a 1836, 6 840 540 jeiras inglesas de terra estereis foram desbravadas²⁷; e apesar de tudo, a In gla-terra tornou-se de pais exportador de trigo em pais importador.

A mesma actividade se verificou no estabelecimento

²⁵ Seman&rio publicado em Durham desde 1820. Nos anos 40, era de tendencia burguesa liberal. (N.º 1826, Junho de 1844, p. 2, «0 monog61io de carvao»).

²⁸ A Durham Chronicle diz: «cerca de 14».

''' PORTER: op. cit., vol. V, 1836, p. 170.

de *vias de comunicagdo*. De 1818 a 1829, construíram-se em Inglaterra e no País de Gales mil milhas inglesas de estradas, com uma largura legal de 60 pés, e quase todas as antigas foram renovadas segundo o novo princípio de Mac Adam. Na Escócia, os serviços de obras públicas construíram, mais ou menos a partir de 1803, novecentas milhas de estradas e mais de mil pontes, o que permitiu, de repente, por as populações das montanhas em contacto com a civilização. Até então os montanheses tinham sido, na sua maior parte, caçadores furtivos e contrafeudistas; doravante tornaram-se agricultores e artesãos laboriosos e, embora se tenham criado escolas gaelicas para conservar a língua, os costumes e a língua galo-céltica estão em vias de rápido desaparecimento face a aproximação da civilização inglesa. O mesmo se passa com a Irlanda. Entre os condados de Cork, Limerick e Kerry, estendia-se outrora uma região desértica, sem caminhos praticáveis, que em virtude da sua inacessibilidade era o refúgio de todos os criminosos e a principal cidadela da nacionalidade celto-irlandesa no sul da ilha. Sulcaram-na de estradas, permitindo assim que a civilização penetrasse mesmo nessa região selvagem.

O conjunto do Império britânico, mas sobretudo a Inglaterra, que, há 60 anos, possuía tão maus caminhos como a França e a Alemanha dessa época, está hoje coberta por uma rede de belas estradas; e estas são também, como quase tudo em Inglaterra, obra da iniciativa privada, visto que o Estado pouco ou nada fez neste domínio.

Antes de 1755, a Inglaterra quase não possuía *canais*. Em 1755, no Lancashire, construiu-se o canal de Sankey Brook a St. Helens²⁸; e em 1759 James Brindley construiu o primeiro canal importante, o do Duque de Bridge-water que vai de Manchester e das minas desta região a foz do Mersey e que, em Barton, passa por meio de um aqueduto por cima do rio Irwell. A rede de canais ingleses, a qual Brindley foi o primeiro a dar importância, data desta altura. Desde então, construíram-se canais em todas as direcções e tornaram-se navegáveis os rios. Só em Inglaterra contam-se 2 200 milhas de canais e 1800 milhas de rios navegáveis; na Escócia construiu-se o canal Caledonio, que atravessa o país de lado a lado, e também na Irlanda se construíram diversos canais.

²⁸ Só foi aberto & navegável em 1757.

Estas instalações também são, tal como os caminhos de ferro e as estradas, quase todas obra de particulares e de companhias privadas.

A construção de caminhos de ferro e de data recente. A primeira via importante foi a de Liverpool a Manchester (inaugurada em 1825); desde então todas as grandes cidades foram ligadas por vias férreas. Londres a Southampton, Brighton, Dover, Colchester, Cambridge, Exeter (via Bristol) e Birmingham; Birmingham a Gloucester, Liverpool, Lancaster (via Newton e Wigan e via Manchester e Bolton) e, além disso, a Leeds (via Manchester e Halifax e via Leicester, Derby e Sheffield); Leeds a Hull e Newcastle (via York). Acrescentem-se numerosas vias de menor importância, em construção e em projecto, que em breve permitirão ir de Edimburgo a Londres num só dia.

Tal como tinha revolucionado as comunicações em terra, também o vapor conferiu à navegação um novo prestígio. O primeiro barco a vapor navegou em 1807 sobre o Hudson, na América do Norte; no Império Britânico, o primeiro foi lançado em 1811, no Clyde; desde esta data, mais de 600 foram construídos em Inglaterra²⁹, e mais de 500 estavam, em 1836, em actividade nos portos britânicos.

Tal e, resumidamente, a História da indústria inglesa nos últimos 60 anos, uma História que não tem equivalente nos annos da humanidade. Há 60 ou 80 anos a Inglaterra era um país como todos os outros, com pequenas cidades, uma indústria pouco importante e elementar, uma população rural dispersa, mas relativamente importante; agora é um país impar, com uma capital de dois milhões e meio de habitantes³⁰, colossais cidades industriais, uma indústria que alimenta o mundo inteiro e que fabrica quase tudo com a ajuda das máquinas mais completas; com uma população densa, laboriosa e inteligente, da qual 2/3 trabalha na indústria³¹, e composta por classes completamente diferentes das de outrora; que constitui, de facto, uma nação completamente diferente, com outros costumes e necessidades diferentes das do passado. A revolução industrial reveste, para a Inglaterra,

²⁹ Porter fala (vol. II, 1838) de 600 barcos em circulação no Reino Unido. Op. cit. pag. 4.

³⁰ O recenseamento de 1841 indicava 19 492 777 habitantes.

³¹ Nas edições inglesas de 1887 e 1892... **trade and commerce** (indústria e comércio).

terra, o significado que tem para a França a revolução do Ulster e para a Alemanha a revolução filosófica; e a distância que separa a Inglaterra de 1760 da de 1855 e pelo menos tão grande como a que separa a França do *avicim regime*³² da revolução de Junho. Contudo, o fruto mais importante desta revolução industrial foi o proletariado inglês.

Vimoe, mais acima, que o proletariado nasceu da introdução da maquinaria. A rápida expansão da indústria exigia braços; por conseguinte, os salários subiram e exércitos compactos de trabalhadores vindos das regiões agrícolas emigraram para as cidades. A população cresceu a um ritmo louco, e o aumento verificou-se quase totalmente na classe dos proletários.

Por outro lado, no princípio do séc. XVIII reinou uma certa ordem na Irlanda; também aí a população, mais do que dizimada pela barbárie inglesa por altura das perturbações anteriores, cresceu rapidamente, sobretudo desde que o desenvolvimento industrial começou a atrair para Inglaterra uma multidão de irlandeses. Foi assim que nasceram as grandes cidades industriais e comerciais do Império Britânico, onde pelo menos 3/4 da população fazem parte da classe operária e onde a pequena burguesia se compõe de comerciantes e de muito poucos artesãos. Porque, tal como a grande indústria só adquiriu importância no dia em que transformou os utensílios em máquinas, as oficinas em fábricas e, desse modo, a classe trabalhadora média em proletariado operário, e os negociantes de outrora em industriais; tal como, em consequência deste facto, a pequena classe média foi rechagada, e a população reduzida a oposição única entre capitalistas e operários, a mesma coisa se passou fora do sector industrial, no sentido restrito do termo, com os artesãos e mesmo com o comércio; aos mestres e com-panheiros de outrora sucederam os grandes capitalistas e operários sem perspectiva de se elevarem acima da sua classe; o artesanato industrializou-se, a divisão do trabalho operou-se com rigor, e os pequenos artesãos que não podiam concorrer com os grandes estabelecimentos foram atirados para as fileiras da classe operária. Mas, ao mesmo tempo, a supressão deste artesanato, o aniquilamento da pequena burguesia, retiraram ao operário qualquer possibilidade de se transformar a si mesmo em

³² - Em francos no texto.

fourgues. Até então ele tivera sempre a perspectiva de mais tarde se poder instalar como mestre em qualquer parte, e talvez contratar companheiros; mas agora que os próprios mestres foram despojados pelos industriais, que o arranque de uma exploração autónoma necessita de enormes capitais, só agora é que o proletariado se tornou realmente uma classe estável da população enquanto outrora não era muitas vezes senão uma transição para um acesso à burguesia. Doravante, quem quer que nasça operário não tem outra perspectiva senão ficar toda a vida um proletário. Doravante, portanto, — pela primeira vez — o proletariado estava apto a empreender acções autónomas.

Foi, pois, desta maneira que foi reunida a imensa massa de operários que ocupa actualmente todo o império britânico, e cuja situação social se impõe cada vez mais à atenção do mundo civilizado.

A situação da classe trabalhadora e a situação da imensa maioria do povo. A pergunta: o que vai acontecer a estes milhões de seres que nada possuem, que consomem hoje o que ganharam ontem, cujas descobertas e trabalho fizeram a grandeza da Inglaterra, que cada dia se tornam mais conscientes da sua força e exigem mais imperiosamente a sua parte das vantagens que proporcionam as instituições sociais? — esta pergunta tornou-se desde o *Reform Bill*¹³ a questão nacional. Ela é o denominador comum de todos os debates parlamentares com alguma importância, e embora a classe média inglesa ainda não queira confessá-lo, embora procure iludir este importante problema e fazer passar os seus interesses particulares pelos verdadeiros interesses da nação, estes expedientes de nada lhe servem. Cada sessão parlamentar vê a classe operária ganhar terreno e os interesses da classe média perderem importância, e se bem que a classe média seja a principal ou mesmo a única potência no parlamento, a última sessão de 1844 não foi senão um longo debate sobre as condições de vida dos operários (lei dos pobres, lei das fábricas, lei sobre as relações

¹³ Esta lei, promulgada a 7 de Junho de 1832, suprimia de facto o monopólio político da aristocracia financeira e rural. Ela abria a porta do parlamento à burguesia industrial. Um certo número de «burgos apodrecidos» deixaram de estar representados na Câmara. Mas só obtinham o direito de voto os eleitores que pagavam mais de 10 libras de imposto. Pequena burguesia e proletariado, artesãos da reforma, eram afastados do benefício da lei eleitoral.

entre senhores e servidores)³⁴, e Thomaz Duncombe, representante da classe operaria na Camara dos Comuris. foi o grande homem desta sessao, enquanto que a classe media liberal com a sua mogao sobre a supressao das leis sobre os cereais, e a classe media radical com a sua proposta de recusar os impostos, tiveram um papel lamentavel. Ate as discussoes sobre a Irlanda na© foram ao fundo senao nos debates sobre a situagao do proletariado irlandes e sobre os meios de a melhorar. Mas e mais que tempo que a classe media inglesa faga concessoes aos operarios que ja nao suplicam mas ameagam e exigem, porque em breve pode ser demasiado tarde.

Mas a classe media inglesa e, sobretudo, a classe industrial que se enriquece directamente com a miseria dos trabalhadores, nao quer saber desta miseria. Ela, que se sente forte, representativa da nagao, tern vergonha de por a nu, aos olhos do mundo, este ponto fraco da Ingla-terra; ela nao quer confessar que se os operarios sao miseraveis e ela, a classe industrial possuidora, que deveria arcar com a responsabilidade moral dessa miseria. Dai a expressao trocista que os ingleses cultos assumem — e nao so eles, quer dizer, a classe media que nos conhe-cemos no continente — quando se fala da situagao dos operarios; dai a total ignorancia de tudo o que diz respeito aos trabalhadores em toda a classe media; dai as gafes ridiculas que esta classe comete no parlamento quando se comega a discutir as condicoes de vida do proletariado; dai a indiferenga sorridente a que se abandona, num terreno minado debaixo dos seus pes e em que se pode afundar a qualquer momento, e cujo proximo afundamento tern a inelutabilidade duma lei matematica ou mecanica; dai este milagre: os ingleses ainda nao possuem uma obra completa sobre a situagao dos seus operarios, se bem que fagam inqueritos e andem a volta deste problema ha ja nem sei quantos anos. Mas e tambem isso que explica a profunda colera de toda a classe operaria, de Londres a Glasgow, contra os ricos que os exploram sistematicamente e os abandonam em seguida a sua sorte sem piedade, colera que em breve — quase o podemos calcular — explodira numa revolugao, a vista da qual a primeira revolugao francesa e o ano de 1794³⁵ serao uma brincadeira de criangas.

³⁴ Falaremos ainda varias vezes desta sessao parlamentar de 1844.

³⁸ Engels refere-se sem auvida ao Terror (1893).

O PROLETARIADO INDUSTRIAL

A ordem pela qual examinaremos as diferentes categorias do proletariado decorre imediatamente da historia da sua genese, que acabamos de esboçar. Os primeiros proletarios pertenciam a industria e foram directamente engendrados por ela; os operarios da industria, os que se ocupam no trabalho com as materias-primas, reterao pois, em primeiro lugar, a nossa atengao. A producao do material industrial, das materias brutas e dos combustiveis, so se tornou verdadeiramente importante depois da revolugao industrial e originou assim um novo proletariado industrial: os operarios das minas de carvao e das minas metaliferas. Em terceiro lugar, a industria exerceu influencia sobre a agricultura e em quarto lugar sobre a Irlanda, e e segundo esta ordem que e preciso assinalar o respectivo lugar das diversas faccoes do proletariado. Veremos igualmente que, talvez com excepcao dos irlandeses, o nivel cultural dos diversos trabalhadores esta, em intima ligacao com as suas relacoes com a industria e que, por conseguinte, os operarios da industria sao os que tem mais consciencia dos seus proprios interesses, os das minas ja o tem menos e os da agricultura quase que ainda nao o tem. Mesmo nos operarios da industria encontraremos esta ordem, e veremos como os operarios das fabricas, esses filhos mais velhos da revolugao industrial, foram desde o principio ate aos nossos dias o nucleo do movimento operario e como os

outros se ligaram ao movimento a medida em que o seu oficio era arrastado pelo turbilhão da indústria; assim com o exemplo da Inglaterra, vendo como o movimento operário evoluiu a par e passo com o movimento industrial, compreenderemos a importância histórica da indústria.

Mas como actualmente quase todo o proletariado industrial foi conquistado para este movimento, e como a situação das diversas categorias de operários apresenta muitos pontos comuns — precisamente porque todas rele-vam da indústria — e preciso estudar primeiro esses pontos, a fim de, em seguida, podermos examinar com muito mais rigor cada ramificação na sua especificidade.

Já indicamos mais atrás que a indústria centraliza a propriedade nas mãos de um pequeno número de pessoas. Exige enormes capitais por meio dos quais constrói gigantescos estabelecimentos — arruinando assim a pequena-burguesia artesanal — e com a ajuda dos quais põe ao seu serviço as forças da natureza, a fim de expulsar do mercado o trabalhador manual individual. A divisão do¹ trabalho, a utilização da força hidráulica e sobretudo da força a vapor, a maquinaria: eis as três grandes alavancas com as quais a indústria, desde meados do século passado, se esforça por fazer avançar o mundo. A pequena indústria deu lugar a classe média, a grande indústria a classe operária, e colocou no trono alguns raros eleitos da classe média, mas unicamente para um dia os abater com mais segurança. Entretanto, é um facto inegável e facilmente explicável que a numerosa pequena burguesia do «bom velho tempo» foi destruída e decomposta em ricos capitalistas por um lado e pobres operários por outro¹.

Mas a tendência centralizadora da indústria não fica por aí. A população fica tão centralizada como o capital; nada de mais natural porque, na indústria, o homem, o trabalhador, não é considerado senão como uma fracção

¹ Ver a este respeito o meu «Esboço de uma crítica da economia política» nos Anais franco-alemães *. Neste trabalho, o ponto de partida é «a livre concorrência»; mas a indústria não é senão a prática da livre concorrência e esta apenas o princípio da indústria. (P. B.).

* Obras de K. Marx e F. Engels, Berlim 1957, t. I, pp. 499-524.

do capital a qual o industrial entrega um juro — que se chama salario— para que este se lhe entregue para ser utilizado. Um grande empreendimento industrial exige numerosos operarios trabalhando juntos num mesmo edifício; eles tem que habitar juntos: para uma fabrica media ja constituem uma vila. Tem necessidades para cuja satisfagao outras pessoas sao neecessarias; os arte-saos: alfaiates, sapateiros, padeiros, pedreiros e marce-neiros afluem. Os habitantes da vila, sobretudo a geragao mais jovem, habituam-se ao trabalho na fabrica, fami-liarizam-se com ele e, logo que a primeira fabrica, como se compreende, ja nao os pode ocupar a todos, o salario baixa e, por consequencia, vem-se instalar novos indus-triais. De tal modo que a vila se trartsforma numa pequena cidade e a pequena cidade numa grande cidade. Quanto maior for a cidade maiores sao as vantagens da aglome-ragao. Surgem as vias ferreas, os canals e as estradas; a escolha entre os trabalhadores experimentados torna-se cada vez maior; em virtude da concorrencia que os empreiteiros da construgao civil e tambem os f abricantes de maquinas², que estao a mao, fazem entre si, podem-se fundar melhores estabelecimentos, mais baratos que numa regioa mais afastada, para onde se teria que transportar primeiro a madeira de construQao, as maquinas, os operarios de construgao e os operarios da industria; tem-se um mercado, uma bolsa onde se comprimem os compra-dores; mantem-se relagoes directas com os mercados que entregam a materia bruta ou que distribuem os produ-tos acabados. Dai o desenvolvimento espantosamente rapido das grandes cidades industriais. Certamente que o campo tem, em troca, a vantagem dos salaries serem ai habitualmente mais baixos; as regioes rurais e a cidade industrial mantem-se assim em concorrencia continua, e se noje a vantagem esta do lado da cidade, amanha. o salario baixara. na regioa que a rodeia a tal ponto que a criagao de novos empreendimentos no campo sera van-tajosa. Mas, apesar de tudo, a tendencia eentralizadora mantem-se extremamente forte e cada nova industria criada no campo traz em si o germe duma cidade industrial. Se fosse possivel que esta actividade louca da industria durasse ainda cem anos, cada distrito industrial da Inglaterra ver-se-ia reduzido a uma unica cidade industrial e Manchester e Liverpool encontrar-se-iam em

² Engels pretende referir-se aos oper&rios que fabricavam as maquinas.

Warrington ou Newton; porque esta centralizagao da populagao exerce igualmente o seu efeito sobre o comercio exactamente da mesma maneira e e por isso que alguns portos (Liverpool, Bristol, Hull e Londres) monopolizam quase todo o comercio maritimo do Imperio Bri-tanico.

Dado que a industria e o comercio se desenvolvem mais perfeitamente nas grandes cidades e, pois, igualmente ai que aparecem mais manifesta e claramente as consequencias que exercem sobre o proletariado. Foi ai que a centralizagao dos bens atingiu o seu grau mais elevado, foi ai que os costumes e as condicoes de vida do bom velho tempo foram mais radicalmente destruidos; foi ai que se chegou a um ponto em que a expressao *Old Merry England*³ ja nao tern nenhum sentido, porque ja nem se reconhece esta velha Inglaterra pela recordagao e pela descriçao dos avos. Tambem e por isso que ja nao ha, ai senao uma classe rica e uma classe pobre, porque a pequena burguesia cada dia desaparece mais. Ela que, outrora, era a classe mais estavel, tornou-se agora a mais instavel; ja nao se compoe senao de alguns vestigios de uma epoca revolucionada e dum certo numero de pessoas que bem queriam fazer fortuna, cavaleiros da industria e especuladores perfeitos, dos quais um em cada cem enriquece, enquanto os outros 99 falham e, destes 99, mais de metade so vive de falhangos.

Mas a imensa maioria destas cidades e constituída por proletarios, e agora o objecto do nosso estudo vai ser saber como vivem e qual a influencia que a grande cidade exerce sobre eles.

A boa velha Inglaterra.

AS GRANDES CIDADES¹

Uma cidade como Londres, onde podemos andar horas a fio sem sequer chegar ao principio do fim, ou descobrir o menor indicio que assinale a proximidade do campo, é de facto um caso singular.

Esta enorme centralização, este amontoado de 2,5 milhões de seres humanos *num unico* sitio, centuplicou o poder destes 2,5 milhões de homens. Ela elevou Londres as alturas de capital comercial do mundo, criou docas gigantescas e reuniu milhares de navios, que cobrem continuamente o Tamisa. Não conheço nada mais imponente que o espectáculo oferecido pelo Tamisa, quando subimos o rio desde o mar até a ponte de Londres. A massa de casas, os estaleiros navais de cada lado, sobretudo acima de Woolwich, os numerosos navios dispostos ao longo das duas margens, apertando-se cada vez mais cerradamente uns contra os outros, a ponto de, por fim, não deixarem senão um estreito canal a meio do rio, sobre o qual se cruzam a toda a velocidade uma centena de barcos a vapor — tudo isto é tão gracioso, tão enorme, que nos sentimos atordoados e ficamos estupe-

¹ Em *O Capital* (Editions Sociales, L. 1.º, T. III, pp. 97-106), Marx aborda resumidamente as condições de habitação e alimentação dos operários ingleses no período seguinte (20 anos mais tarde). É interessante comparar as suas indicações com as que Engels fornece neste capítulo.

factos com a grandeza da Inglaterra ainda antes de por o pe em terra².

Quanto aos sacrificios que tudo isto custou, so os descobrimos mais tarde. Depois de pisarmos durante alguns dias o empedrado das ruas principais, de a custo termos aberto passagem atraves da multidao¹, das filas sem fim de carros e carrogas, depois de termos visitado os «bairros de ma. reputacao» desta metropole, so entao comegamos a notar que estes londrinos tiveram que sacri-ficar a melhor parte da sua qualidade de homens para realizarem todos estes milagres da civilizagao de que a cidade regorgita, que cem forgas que neles dormiam ficaram inactivas e foram neutralizadas para que so algu-mas se pudessem desenvolver mais e fossem multipli-cadas pela uniao com as dos outros. Ate a propria mul-tidao das ,ruas tern, por si so, qualquer coisa de repugnante, que revolta a natureza humana. Estas centenas de milhar de pessoas, de todos os estados e todas as classes, que se apressam e se empurram, nao serao *todas* seres huma-nos possuindo as mesmas qualidades e capacidades e o mesmo interesse na procura da felicidade? E nao deve-rao, enfim, procurar a felicidade com os mesmos metodos e processos? E, contudo, estas pessoas cruzam-se a correr, como se nada tivessem de comum, nada a realizar juntas, e a unica convengao que existe entre elas e o acordo tacito pelo qual cada um ocupa a sua direita no passeio, a fim de que as duas correntes da multidao que se oru-zam nao se constituam mutuamente obstaculo; e, contudo, nao vem ao espirito de ninguem a ideia de coneeder a outrem um olhar sequer. Esta indiferenga brutal, este isolamento insensivel de cada individuo no seio dos seus interesses particulares, sao tanto mais repugnantes e chocantes, quanto e maior o numero destes individuos con-finados neste reduzido espaQO. E mesmo quando sabe-mos que este isolamento do individuo, este egoismo mes-quinho, e em toda a parte o principio fundamental da sociedade actual, em parte alguma ele se manifesta com uma impudencia, uma seguranga tao completa como aqui, precisamente, na confusao da grande cidade. A desa-gregagao da humanidade em celulas, das quais cada uma tern um principio de vida proprio e um objectivo parti-

² (1892) Isto refere-se ao tempo dos pitorescos veleiros. Aotualmente o Tamisa nao & mais do que um lugubre amontoado de vapores horrendos, negros de fuligem (F. E.).

cular, esta atomizagao do mundo, e aqui levada ao extreme

Disto resulta tambem que, a guerra social, a guerra de todos contra todos, e aqui abertamente declarada. Tal como o amigo Stirner³, as pessoas nao se consideram reciprocamente senao como sujeitos utilizaveis; cada um explora o parceiro, e o resultado e que o forte calca aos pes o fraco e que o pequeno numero de fortes, quer dizer, os capitalistas, se apropriam de *tudo*, enquanto que ao grande numero de fracos, aos pobres, nao lhes resta senao a propria vida, e a justa.

E o que e verdade para Londres, e-o tambem para Manchester, Birmingham e Leeds, e verdadeiro para todas

as grandes cidades. Em toda a parte, barbara indiferenga,

dureza egoista, de um lado, e miseria indestrutivel, por outro, em toda a parte guerra social, de cada

um em estado de sitio, em toda a parte pilhagem reci-proca a coberto da lei e tudo com um cinismo e uma franqueza tais que nos assustamos com as consequencias do nosso estado social, tais como aqui nos aparecem na sua nudez e que ja nada nos espanta, excepto que este mundo louco ainda se nao tenha desmembrado.

Dado que o capital, a propriedade directa ou indi-recta das subsistencias e dos meios de produgao, e a arma com que se luta nesta guerra social, e claro como a luz que o pobre suporta todas as desvantagens de tal situagao; ninguem se preocupa com ele. Langado neste turbilhao caotico, tem que se debater como puder. Se tem a felicidade de eneontrar trabalho, quer dizer, se a bur-guesia lhe faz o favor de se enriquecer a sua custa, espera-o um salario que mal chega para o manter nesta terra; se nao eneontrar trabalho, pode roubar, se nao temer a policia, ou ainda morrer de fome, caso em que a policia velara. para que morra de forma tranquila e inofensiva.

Durante a minha estadia em Inglaterra, a causa directa da morte de 20 a 30 pessoas foi a fome, nas mais revoltantes condicoes, e, na altura do inquerito mortua-rio *, raramente se encontrou um juri que tivesse a

³ MAX STIRNER, pseudonimo de Johann Caspar SCHMIDT (1806-1856): Filosofo e escritor alemSo. Um dos ide61ogos do individualismo burgues e do anarquismo. A sua obra mais conhecida e *Der Einzige und sein Eigentum* (O trnico e a sua Propriedade), Leipzig, 1845.

Para qualquer morte violenta ou suspeita, o **coroner** (oficial da policia) procedia, assistido por um juri, a um inquerito e estava encarregado de ver o cadaver.

coragem de o dar a conhecer claramente. Os depoimentos das testemunhas bem podiam ser claros, desprovidos de qualquer equívoco, que a burguesia — no seio da qual tinha sido escolhido o júri — encontrava sempre um pretexto que lhe permitia escapar a este terrível veredicto: morto de fome⁵. A burguesia não ousa, nestes casos, dizer a verdade, visto que isso condenaria a si própria. Mas indirectamente também morreram muitas pessoas de fome — muitas mais do que directamente — porque a falta continua de géneros alimentícios suficientes provo-cou doenças mortais, e deste modo fez vítimas; elas viram-se tão enfraquecidas, que certos casos que noutras circunstancias teriam evoluido favoravelmente, implicam necessariamente graves doenças e a morte. Os operários ingleses chamam a isto «crime social», e acusam toda a nossa sociedade de os cometer continuamente. Estarão errados?

Claro que só morrem de fome indivíduos isolados, mas em que garantias se poderá basear o trabalhador para crer que a sua vez não chegara amanhã? Quem lhe assegura o trabalho? Quem é que lhe garante que se amanhã o patrão o puser na rua, seja qual for a razão, ele poderá aguentar-se, a si e a família, até encontrar um outro «que lhe dê o pão»? Quem garante pois ao trabalhador que a vontade de trabalhar basta para arranjar emprego, que a probidade, o zelo, a economia e numerosas outras virtudes que a ajuizada burguesia lhe recomenda, são realmente para ele o caminho da felicidade? Ninguém. Ele sabe que hoje possui alguma coisa mas que não depende de si conserva-la ainda amanhã; sabe que o menor suspiro, o menor capricho do patrão, a menor conjuntura comercial desfavorável, o langarão no turbilhão desencadeado do qual escapou temporariamente e onde é difícil, muitas vezes impossível, manter-se a superfície. Sabe que se hoje meios de subsistência pode não os ter amanhã.

Entretanto, passemos agora a um exame mais detalhado do estado em que a guerra social mergulha a classe que nada possui. Vejamos que salário a sociedade paga ao trabalhador em troca do seu trabalho, sob a forma de habitação, vestuário e alimentação, que existência e que ela assegura aos que mais contribuem para

⁵ Sobre este problema, cf. R. P. **WEARMOUTH: Methodism and the Struggle of the working classes, 1850-1890, 1954, pp. 25-30.**

a sua existencia; consideraremos em primeiro lugar as habitagoes.

Todas as grandes cidades, possuem um ou varios «bairros de ma reputagao» — onde se concentra a classe operaria. E certo que e frequente a pobreza morar em vielas escondidas, muito perto dos palacios dos ricos, mas, em geral, designaram-lhe um lugar a parte, onde, ao abrigo dos olhares das classes mais felizes, tem de se safar sozinha, melhor ou pior. Estes «bairros de ma reputagao» sao organizados em toda a Inglaterra mais ou menos da mesma maneira, as piores casas na parte mais feia da cidade; a maior parte das vezes sao cons-trugoes de dois andares ou de um so, de tijolos, alinhadas em longas filas, se possivel com caves habitadas e quase sempre irregularmente construidas. Estas peque-nas casas de tres ou quatro divisoes e uma cozinha cha-mam-se *cottages* e constituem vulgarmente em toda a Inglaterra, excepto nalguns bairros de Londres, as habi-tagoes da classe operaria. Habitualmente, as proprias ruas nao sao planas nem pavimentadas; sao sujas, cheias de detritos vegetais e animais, sem esgotos nem canais de escoamento, mas em contrapartida semeadas de charcos estagnados e mal cheirosos. Para alem disso, o areja-mento torna-se dificil, pela ma e confusa construgao de todo o bairro, e como aqui vivem muitas pessoas num pequeno espago, e facil imaginar o ar que se respira nestes bairros operarios. De resto, as ruas servem de secadouro, quando ha, bom tempo; estendercne cordas duma casa a casa fronteira, onde se pendura a roupa branca e humida.

Examinemos alguns destes bairros miseraveis. Temos primeiro Londres⁶ e em Londres o celebre «Ninho dos Corvos» (*Rookery*), St. Giles, onde se vao, finalmente, rasgar algumas ruas largas e que assim devera, ficar destruido. St. Giles fica no meio da parte mais populosa da cidade, rodeado de ruas largas e luminosas, onde se afadiga a gente bem londrina — muito perto de Oxford

⁶ Desde que redigi esta nota, tenho debaixo dos olhos um artigo sobre os bairros operarios de Londres, no **Illuminated Magazine** * (Out. 1844), que concorda em muitas passagens quase pala-vra por palavra com o meu. Intitula-se «The Dwellings of the Poor, from the notebook of a M. D.» [«As habitagoes dos pobres, aegundo o caderno de apontamentos de um M. D.»] (Doutor em Medicina) (P. E.).

* Pp. 336-340. S6 as initials do autor, J. H., figuram nesta revista de qua cxiste um exemplar no British Museum.

Street, de Regent Street, de Trafalgar Square e do Strand. É uma massa de casas de três ou quatro andares, construídas sem piano, com ruas tortuosas, estreitas e sujas onde reina uma animação tão intensa como nas ruas que atravessam a cidade, com a diferença de em St. Giles só se vêem pessoas da classe operária. O mercado está instalado nas ruas: cestos de legumes e de frutos, todos naturalmente de má qualidade e dificilmente comestíveis, ainda reduzem a passagem, e deles emana, bem como dos talhos, um cheiro repugnante. As casas são habitadas das caves aos telhados, são tão sujas no interior como no exterior e têm um tal aspecto que ninguém aí desejaria habitar. Mas isto ainda não é nada ao pé dos alojamentos nos patios e vielas transversais onde se chega através de passagens cobertas, e onde a sujidade e a ruína ultrapassam a imaginação; não se vê, por assim dizer, um único vidro inteiro, as paredes estão leprosas, os batentes das portas e os caixilhos das janelas estão quebrados ou descolados, as portas — quando as há — são feitas de pranchas velhas pregadas juntas; aqui, mesmo neste bairro de ladrões, as portas são inúteis porque não há nada para roubar. Em toda a parte montes de detritos e de cinzas e as águas usadas vertidas em frente as portas acabam por formar charcos nauseabundos. E aí que habitam os mais pobres dos pobres, os trabalhadores mais mal pagos, com os ladrões, os escroques e as vítimas da prostituição, todos misturados. A maior parte são irlandeses ou descendentes de irlandeses, e os que ainda não se submergiram no turbilhão desta degradação moral que os rodeia, mergulham nela cada vez mais, perdem todos os dias um pouco mais da força de resistir aos efeitos desmoralizantes da miséria, da sujidade e do meio.

Mas St. Giles não é o único bairro miserável de Londres. Neste gigantesco labirinto de ruas, existem centenas de milhares de ruas e ruelas estreitas, cujas casas são demasiado miseráveis para quem quer que possa ainda consagrar uma certa quantia a uma habitação humana e, muitas vezes, e mesmo ao pé das luxuosas casas dos ricos que se encontram estes refúgios da mais atroz miséria. Foi assim que, recentemente, no decurso de um inquérito mortuário, se qualificou um bairro muito perto de Portman Square, praga pública muito conveniente, de morada de uma «multidão de irlandeses desmoralizados pela sujidade e pobreza». Foi assim que se descobriu em ruas como Long-Acre, etc., que sem serem

:<chiques» sao apesar de tudo convenientes, um grande numero de alojamentos em caves de onde surgem as silhuetas de criangas doentes e, mulheres esfarrapadas, neio mortas de fome. Nas cercanias do Teatro Drury-Lane — o segundo de Londres— encontram-se algumas das nores ruas da idade (ruas Charles, Eing e Parker) jujas casas, das caves ao telhado, tambem so sao habi;-adas por familias pobres. Nas parquias de St. John e le St. Margaret, em Westminster, habitavam em 1840, segundo o jornal da Sociedade de Estatisticas⁷, 5 366 "amilias de operarios em 5 294 «habitagoes» — se se pode lar-lhes este nome— homens, mulheres e criangas, mis;-urados sem preocupagoes de idade ou sexo, num total le 26 830 individuos⁸; e, deste numero dessas familias, J/4 nao possuam senao uma divisao. Na aristocratica parquia de St. George, Hanover Square, habitavam, segundo a mesma autoridade⁹, 1465 familias operarias iom um total de cerca de 6 000 pessoas nas mesmas con-ligoes; e tambem ai mais de 2/3 das familias amontoa-las numa so divisao. E de que maneira as classes pro-Drietarias exploram legalmente a miseria destes infe-izes, em que os proprios ladroes ja nada esperam encon;-rar! Pelos hediondos alojamentos de Drury-Lane, que -eferimos, pagam-se os seguintes alugueres: 2 quartos la cave, 3 shillings; um quarto no res-do-chao, 4 shillings; lo 1.º andar, 4,5 shillings; no 2.º andar, 4 shillings; nansardas, 3 shillings por semana. A ponto de os fame-icos habitantes de Charles Street pagarem aos proprie;-arios de imoveis um tributo anual de 2 000 libras ester-linas e as ja citadas 5 336 familias de Westminster um iluguer total de 40 000 libras esterlinas por ano.

Contudo, o maior bairro operario encontra-se a Este la Torre de Londres, em Whitechapel e Bethnal Green, Hide se concentra a grande massa de operarios da idade. Sscutemos o que diz M. G. Alston, pregador de St. Philip, m Bethnal Green, do estado da sua parquia:

Bla conta 1400 casas habitadas por 2 795 familias, ou seja, cerca de 12 000 pessoas. O espago em que habita esta importante populagao nao chega a 400 jardas (1 200 pes) quadradas, e num tal amontoado nao e raro

⁷ **Journal of the Statistical Society, vol. III, 1840**, pp. 14/24.

⁸ O relatorio oficial nao da senao 16 176. Engels retomou o numero de Northern Star, n.º 338, 4 de Maio de 1844, p. 6.

⁹ Cf. WELD: On **the** Conditions of **the** Working Classes in the inner yard of St. George's **Parish, Hanover Square**, vol. VI.

encontrar um homem, a sua mulher, quatro ou cinco filhos e tambem por vezes o avo e a avo, num s6 quarto de 10 ou 12 pes quadrados, onde trabalham, comem e dormem. Creio que antes do bispo de Londres ter chamado a atengao do publico para esta parquia tao miseravel ela era tao pouco conhecida na extremidade oeste da cidade como os selvagens da Australia ou das ilhas dos mares austrais. E, se quisermos conhecer pessoalmente os sofrimentos destes infelizes, se os observarmos a comer a sua magra refeicao e os virmos curvados pela doenga e pelo desemprego, descobrimos uma tal soma de angustia e de miseria que uma nagao como a nossa deverla ter vergonha que tal seja possivel. Fui pastor perto de Huddersfield durante os tres anos de crise, no pior momento de marasmo das fabricas, mas nunca vi os pobres numa miseria tao profunda como depois, em Bethnal Green. Nao ha um unico pai de familia em cada 10, em toda a vizinhanga, que tenha outras roupas para alem do seu fato de ganga, e este tao mau e tao esfarrapado quanto possivel; muitos so tern para a noite como aga-salhos estes farrapos e para a cama so tern um saco cheio de palha e de aparas .

Esta descricao ja nos mostra a que se assemelham habitualmente estes alojamentos. Por outro lado, vamos seguir as autoridades inglesas nalguns alojamentos de proletarios, onde por vezes lhes aeontece penetrar.

Por ocasio de uma inspeccao mortuaria levada a eabo pelo Sr. Carter, *coroner* do Surrey, no corpo de Ann Galway¹¹, de 45 anos de idade, em 14 de Novembro de 1843, os jornais descreveram a casa da defunta nestes termos: habitava no n.º 3, White Lion Court, Bermondsey Street, Londres, com o marido e o filho de 19 anos, num quarto onde nao havia nem cama, nem lencois, nem o mais pequeno movel. Jazia morta ao lado do filho sobre um monte de penas, espalhadas sobre o seu corpo quase nu, porque nao havia nem cobertores nem lencois. As penas estavam de tal maneira coladas ao seu corpo, que o medico nem pode observar o cadaver antes deste ter sido limpo; encontrou-o entao totalmente descarnado e roido pelos vermes. Parte do soalho da sala estava eseavado e esse buraco servia de retrete a familia.

Na quinta-feira 15 de Janeiro de 1844, dois rapazes compareceram perante o tribunal de policia de Worship

¹⁰ Este relatorio tinha sido publicado em primeiro lugar no orgao dos radicals **The Weekly Dispatch**. Foi publicado em seguida no jornal dos cartistas **Northern Star**, n.º 338, de 4 de Maio de 1844. ¹¹ **The Times**, 17 de Novembro de 1843. **Northern Star**, n.º 315, 25 de Novembro de 1843.

Street em Londres, porque pressionados pela fome tinham roubado numa loja um pe de vaca meio cozido, que tinham devorado instantaneamente¹². O juiz foi obrigado a forjar o inquerito e em breve obteve dos policiaes os seguintes esclarecimentos: a mae dos rapazes era viuva de um antigo soldado, que se tornara agente da policia, e tinha passado muita miseria depois da morte do marido, para sustentar os nove filhos.

Habitava em Pool's Place, no n.º 2 de Quaker Street, em Spitalfields, na maior miseria. Quando o agente da policia chegou a sua casa encontrou-a com seis dos filhos, literalmente empilhados num pequeno quarto das tra-seiras da casa, so tendo per moveis duas velhas cadeiras de vime sem fundo, uma pequena mesa com dois pes par-tidos, uma ehavena partida e um pequeno prato. • ■ No atrio, uma pequena fogueira, e num canto tantos trapos quantos uma mulher pode tracer no avental, que serviam de cama a toda a familia. So tinham oomo cobertor as proprias roupas. A pobre mulher contou que tinha sido obrigada a vender a cama no ano anterior, para arranjar comida; os lengois tinha-os deixado como penhor no merceeiro a troco de alguns alimentos, e tinha tido que vender tudo so para comprar pao, O juiz do tribunal de policia con-cedeu a esta mulher um importante adiantamento da Caixa dos Pobres.

Em Fevereiro de 1844, uma viuva de 60 anos, Theresa Bishop, foi recomendada, com a filha doente de 26 anos, aos cuidados do juiz do tribunal de policia de Marlborough Street¹³. Habitava o n.º 5 de Brown Street, Gros-venor Square, num pequeno quarto do patio, que nao era maior que um armario, e onde nao havia um unico movel. Num canto estavam alguns trapos onde ambas dormiam; um caixote servia ao mesmo tempo de mesa e de cadeira. A mae ganhava uns tostoes trabalhando a dias; o proprietario disse que viviam naquela situagao desde Maio de 1843, tinham vendido ou empenhado aos poucos tudo o que ainda possuiam, e apesar disso nunca tinham pago o aluguer. O juiz fez com que lhe dessem uma pensao de uma libra na Caixa dos Pobres.

De modo algum pretendo que *todos* os trabalhado-res londrinos vivam na mesma miseria que as tres fami-lias citadas; sei muito bem que por cada homem que

¹² The Times, 16 de Janeiro de 1844, p. 7, col. 2. is
the Times, 12 de Fevereiro de 1844, p. 7, col. 6.

vive esmagado sem piedade pela sociedade, 10 vivem melhor, mas afirmo que milhares de corajosas e laboriosas famílias — muito mais corajosas e honradas que todos os ricos de Londres — se encontram nesta situação indigna de um homem e que todo o¹ proletário, sem qual-quer excepção, sem que a culpa seja sua e apesar de todos os esforços, pode vir a ter a mesma sorte.

Mas no fim de contas, os que possuem um tecto, seja ele qual for, ainda são felizes ao pé daqueles que nem isso têm. Em Londres levantam-se todas as manhãs 50 000 pessoas sem saberem onde repousarão a cabeça na noite seguinte. Os mais felizes dentre eles são os que conseguem conservar 1 ou 2 pence até a noite e ir para os «dormitórios públicos» (Lodging-house) que existem em grande número em todas as grandes cidades e onde lhes é dado asilo em troca do seu dinheiro. Mas que asilo! A casa está cheia de camas de alto a baixo, 4, 5, 6 camas numa sala, tantas quantas lá possam caber. Em cada cama empilham-se 4, 5, 6 pessoas, também tantas quantas lá possam, de boa saúde, velhos e jovens, homens e mulheres, bebados e pessoas sobrias, tal e o quadro, com todos a mistura. Discutem, agredem-se, ferem-se, preparam roubos e entregam-se a práticas cuja bestialidade a nossa língua humanizada se recusa a descrever¹⁴. E os que não podem pagar esse alojamento? Pois bem, esses dormem em qualquer lugar, nas esquinas, sob as arcadas, num recanto qualquer, onde a polícia e os proprietários os deixem dormir tranquilos; alguns vivem em asilos construídos aqui e ali por obras de beneficência privadas, outros dormem nos bancos dos parques, mesmo debaixo das janelas da Rainha Vitória. Escutemos o que diz o *Times*¹⁵ de 12 de Outubro de 1843.

Ressalta da nossa secção de polícia de ontem, que em média dormem 50 pessoas todas as noites nos parques, tendo como única protecção contra as intempéries, as árvores e alguns buracos no cais. A maior parte são raparigas, que, seduzidas por soldados, foram trazidas para a capital e abandonadas neste vasto mundo, lan-gadas na miséria duma cidade estranha, vítimas inconscientes e precoces do vício.

¹⁴ Cf. HUMPHREY HOUSE: The Dickens World, 1941, pp. 217 e seguintes.

¹⁵ O grande jornal conservador tinha sido fundado em 1785 sob o nome de «Daily Universal Register». Só em 1788 tomou o seu nome actual.

£ na realidade assustador. Pobres, e- preciso que os haja. A necessidade ha-de abrir caminho por toda a parte e instalar-se com todos os seus horrores no coraço duma grande e florescente cidade. Nos milhares de becos e vielas de uma metropole populosa haverá sempre necessariamente — assim o tememos — muita miseria que fere a vista, e muita que nunca apparecera a luz do dia.

Mas que no circulo tragado pela riqueza, a alegria e o luxo, que mesmo ao pe da grandeza real de St. James, nas proximidades do faustoso palacio de Bayswater, onde se encontram o antigo bairro aristocratico e o novo, numa parte da cidade onde o requinte da arqui-tectura moderna se absteve prudentemente de construir a mais pequena cabana para a pobreza, num. bairro que parece estar exclusivamente consagrado aos praze-res da riqueza, que, precisamente ai, se venham insta-lar a fome e a miseria, a doenga e o vicio com todo o seu cortejo de horrores, consumindo corpo atras de corpo, alma atras de alma!

32 realmente um estado de coisas monstruoso. As melhores sensagoes que podem proporcionar a saude fisica, a euforia intelectual, e os mais inocentes prazeres dos sentidos, lado a lado com a mais cruel miseria! A riqueza rindo-se do alto dos seus brilhantes saloes, rindo-se com uma brutal indiferenga, mesmo ao lado das feridas ignoradas da indiggnacia! A alegria, zom-bando inconsciente mas cruelmente do sofrimento que geme ali em baixo! Presentes todos os contrastes, todas as oposicoes, excepto uma: o vicio que conduz a ten-tagao, alia-se ao que se deixa tentar!

Mas que todos os homens reflectam: no bairro mais brilhante da cidade mais rica do mundo, noite após noite, inverno após inverno, ha mulheres, jovens na idade, envelhecidas pelos pecados e sofrimentos, banidas da sociedade, atoladas na fome, na sujudade e na doenga. Que pensem e aprendam, nao a construir teorias, mas a agirem. Deus sabe que ha ali hoje muito trabalho para ser feito^{15a}

Mais acima falei dos asilos para desabrigados — dois exemplos mostrar-nos-ao como estao atravancados. Um *Refuge of the Houseless*^w, construido recentemente na Uper Ogle Street, com capacidade para albergar todas as noites 300 pessoas, acolheu desde a sua abertura, a 27 de Janeiro, ate 17 de Margo de 1844¹⁷, 2 740 pessoas

¹⁵» **The Times**, 12 de Outubro de 1843, p. 4, col. 3.

^{*6} Asilo para desabrigados.

¹⁷ **The Times** mencionou este asilo varias vezes nos seus n.ºs 5, 9 e 12 de Fevereiro de 1844. Sobre estes asilos e o seu papel na historia da filantropia inglesa, cf. A. F. YOUNG e E. T. ASHTON: **British Social Work in the 19th Century**, 1956, pp. 51 e 84-85.

por uma ou varias noites, e embora o tempo se tornasse menos rigoroso, o numero de pedidos aumentou consideravelmente tanto neste como nos asilos de Whitecross Street e de Wapping, e todas as noites uma multidao de desabrigados teve de ser rejeitada por falta de lugar. Num outro, o asilo central de Playhouse Yard, equipado com cerca de 460 camas, nos tres primeiros meses do ano de 1844 albergou um total de 6 681 pessoas e distribuiram-se 96 141 racoes de pao. Contudo, o comite dirigente declarou que este estabelecimento so em certa medida se tinha tornado suficiente face a afluencia de indigentes depois do asilo de leste ter sido afoerto para acolher os desabrigados¹⁸.

Deixemos Londres e percorramos cada uma das outras grandes cidades do Reino Unido. Vejamos primeiro Dublin, cidade cujo acesso ao mar e tao encantador como o de Londres e imponente: a baia de Dublin e a mais bela das ilhas britanicas e os irlandeses gostam de a comparar a de Napoles. A propria cidade tem muitas belezas¹⁹ e os seus bairros aristocraticos foram mais bem oonstruidos e com mais gosto do que os de qualquer outra cidade britanica. Mas, em contrapartida, os bairros mais pobres de Dublin contam-se entre os mais repugnantes e mais sujos que se possam imaginar. E que o caracter nacional dos irlandeses, que em certas circunstancias so estao a vontade na sujidade, tem aqui importancia, mas como tamfoem encontramos em todas as grandes cidades da Inglaterra e da Escocia milhares de irlandeses e como toda a populagao pobre acaba necessariamente por sucumbir na mesma sordidez, a miseria em Dublin nada tem de especifico, caracteristico de cidade irlandesa, e pelo contrario um trago oomum a todas as grandes cidades do mundo. Os bairros pobres de Dublin sao extremamente grandes e a sujidade, a inabitabilidade das casas, o abandono a que estao votadas as ruas, ultrapassam o que se possa imaginar. Podemos fazer uma ideia de como os pobres estao amontoados ao tomarmos conhecimento de que, em 1817, segundo o relatorio dos inspectores da Casa de Trabalho²⁰, 1318 pessoas habitavam na Barrack

¹⁸ **The Times**, 22 de Dezembro de 1843, p. 3, col. 6. Northern Star, nº 320, 30 de Dezembro de 1843, p. 6, col. 2.

Na ed. de 1892, esta palavra esta no singular: A cidade muito bela...

²⁰ Citado no Dr. W. P. ALISON, P.R.S.E., Fellow and late President of the Royal College of Physicians, etc.: Observations on

.Street em 52 casas com 390 quartos e 1 997 pessoas na Church Street e arredores, repartidas por 71 casas com 393 quartos; que:

neste bairro e no bairro vizinho ha uma multidao de ruelas e de patios com odor nauseabundo («foul»), que muitas caves so recebem a luz do dia pela porta e que, em varias delas, os habitantes se deitam no chao nu, embora a maior parte deles tenha pelo menos as arma-goes da cama. Michelson's Court, por exemplo, tem 151 pessoas vivendo em 23 miseraveis quartos, na maior miseria, a ponto de so se terem encontrado em todo o edificio 2 armagoes de cama e dois cobertores.

A pobreza e tao grande em Dublin que a unica orga-uizagao de beneficencia, a *Mendicity Association*²¹, aco-llhe 2 500 pessoas por dia, portanto um por cento da populagao total, alimentando-as de dia e despedindo-as a noite.

E em termos analogos que o doutor Alison se refere a Edimburgo, uma cidade cuja esplendida situagao lhe valeu o nome de Atenas moderna, e em que o luxuoso bairro aristocratico da cidade nova contrasta brutal-mente com a miseria crassa dos pobres da cidade velha. Alison afirma que este vasto bairro e tao sujo e hodiando como os piores de Dublin e que a *Mendicity Association* teria uma proporgao de pobres a socorrer tao grande como na capital irlandesa; ele diz ate que os pobres na Escocia, sobretudo em Edimburgo e Glasgow, tem uma vida mais dura do que em qualquer outra regio do imperio britanico e que os mais miseraveis nao sao os irlandeses mas os escoceses²². O pregador da *Old Church* de Edimburgo, o Dr. Lee, declarou em 1836 perante a *Commission of Religious Instruction*²³ que:

nunca tinha visto tanta miseria como na sua parquia. As pessoas nao tinham moveis, viviam sem nada; fre-quentemente viviam dois casais no mesmo quarto. Num

the Management of the Poor in Scotland and its Effects on the Oealtii of Great Towns (Observagoes sobre a administragao dos Pobres na Escocia e os seus efeitos sobre a higiene das grandes eidades) *, Edimburgo, 1840. O autor e um piedoso tory, irmao do historiador Arch. Alison (F.E.).

²¹ Associagao de ajuda aos mendigos.

²² Alison retoma, na verdade, uma afirmagao do Reve-rendo Dr. Lee.

²³ Comissao para o ensino religioso

* O proprio Alison cita segundo F. BARKER e J. CHEYNE: *An account of the Rise, Progress and decline of the Fever lately epidemical in Ireland*, 1821, vol. II, pp. 160-161. As descricoes de Engels destoam portanto um pouco.

dia tinha visitado sete casas diferentes onde não havia camas—algumas nem palha havia—; octogenários dormiam no soalho, quase todos conservavam de noite as roupas que traziam de dia; numa cave, encontrara duas famílias vindas do campo; pouco tempo depois de chegarem a cidade, tinham morrido duas crianças; e a terceira agonizava na altura da sua visita; para cada família havia um monte de palha suja num canto, e ainda por cima, a cave, que era tão escura que não podia distinguir-se um ser humano em pleno dia, servia de cavalariça a um burro. Até um coraço duro como o diamante devia sangrar a vista de tal miséria, num país como a Escócia.

O Dr. Honnen refere factos análogos no *Edinburgh Medical and Surgical Journal*²⁴. Um relatório parlamentar²⁵ mostra a sordidez — que, como seria de esperar em tais condições, reina nas casas dos pobres de Edimburgo. Galinhas transformaram as armaduras das camas em poleiros nocturnos, cães e até cavalos dormem com os homens nos *mesmos* quartos, e a consequência natural é que uma sujidade e um cheiro horríveis enchem as habitações, bem como um exército de vermes de toda a espécie²⁶. A maneira como Edimburgo está construída favorece ao mais alto grau este estado de coisas. A velha cidade foi construída sobre as duas vertentes de uma colina, no cimo da qual passa a Rua Alta (High Street). De lá partem de ambos os lados uma multidão de vielas estreitas e tortuosas, chamadas *wynds*, por causa das suas numerosas sinuosidades, que descem a colina e constituem o bairro operário. As casas das cidades escocesas têm cinco ou seis andares tal como em Paris e — contrariamente à Inglaterra, onde tanto quanto possível cada um tem a sua casa — são habitadas por numerosas fami-

²⁴ Vol. 14, 1818, pp. 408-465.

²⁵ **Report to the Home Secretary from the Poor Law Commissioners on an Inquiry into the Sanitary Condition of the Labouring Classes of Great Britain. With Appendices. Presented to both Houses of Parliament in July 1842** (Relatório dos Comissários para a Lei dos Pobres, apresentado ao Ministro do Interior, de um inquérito sobre a situação sanitária da classe operária da Grã-Bretanha. Com apêndices. Apresentado às duas Câmaras do Parlamento em Julho de 1842). 3 vol. in folio; reunido e classificado segundo os relatórios médicos por **Edwin Chadwick**, secretário da comissão da Lei sobre os Pobres* (F. E.).

²⁶ Engels resume uma passagem que na realidade diz respeito a Tranent, localidade situada a oito milhas de Edimburgo. A citação exacta figura na edição Henderson — Chaloner; op. cit., p. 42, nota 3.

* Cf. 1843, XII, p. 395.

lias diferentes; a concentracao de numerosas pessoas numa superficie restrita aumenta assim por causa disto.

Um 3º jornal ingles**, num artigo sobre as condicoes sanitarias dos operarios das cidades, afirma:

Estas ruas sao em geral tao estreitas que se pode saltar de uma janela para a da casa em frente, e os edificios apresentam por outro lado uma tal acumulagão de andares que a luz mal pode penetrar no patio ou na ruela que os separa. Nesta parte da cidade não ha nem esgotos nem lavabos publicos ou retretes nas casas, e S por isso que as imundicies, detritos ou excrementos de, pelo menos, 50 000 pessoas sao langados todas as noites nas valetas, de tal modo que, apesar da limpeza das ruas, ha uma massa de excrementos secos com emanagoes nauseabundas, que nao so ferem a vista e o olfacto, como, por outro lado, repre-sentam um perigo extremo para a saude dos habitan-tes. Sera para admirar que em tais sitios se negligenciem os minimos cuidados com a saude, os bons costumes e ate as regras mais elementares da decencia? Pelo contrario, todos os que conheeem bem a situagao dos habitantes testemunharao o alto grau que a doenga, a miseria e a ausôncia de moral ali atingiram. Nestas regioes a sociedade desceu a um nivel indiscritivel-mente baixo e miseravel. Os alojamentos da classe pobre sao em geral muito sujos e aparentemente nunca sao limpos, seja de que maneira for; compoem-se, na maior parte das casas, de uma unica sala — onde, apesar do arejamento ser dos piores, faz sempre frio por causa das janelas partidas ou mal adaptadas — que muitas vezes e humida e fica no subsolo, sempre mal mobilada e perfeitamente inabitavel, a ponto de um monte de palha servir frequentemente de cama para uma familia inteira, cama onde se deitam, numa confusao revoltante, homens, mulheres, velhos e criangas. S6 se encontra agua nas bombas piiblicas e a dificuldade para a ir buscar favorece naturalmente todas as sujidades pos-siveis.

As outras grandes cidades portuarias nao sao nada melhores. Liverpool, apesar do seu trafego, do seu luxo e da sua riqueza, trata ainda os seus trabalhadores com a mesma barbaridade. Um bom quinto da populagao, ou seja, mais de 45 000 pessoas, habitam na cidade em casas

²¹ The Artisan, 1843, Caderno de Outubro. Revista mensal * (F. E.).

* P. 230, reproduzido no *Northern Star*, n.º 313, 11 de Nov. de 1843. Este artigo e o 3.º duma serie sobre «O estado sanitario das classes trabalhadoras nas grandes cidades».

exiguas, escuras e mal arejadas, em numero de 7 862 ²⁸. A isto ainda se juntam 2 270 patios («courts»), quer dizer, pequenos locais fechados pelos quatro lados, tendo como acesso e saida uma estreita passagem, frequente-mente abobadada (que por conseguinte nao permite o mais pequeno arejamento), a maior parte das vezes muito sujos e habitados quase exclusivamente por proletaries. Voltaremos a falar destes patios quando chegarmos a Manchester. Em Bristol foram visitadas 2 800 familias de operarios das quais 46 % nao possuem senao um unico quarto ²⁹.

Encontramos exactamente a mesma coisa nas cidades industriais. Em Nottingham ha ao todo 11000 casas das quais 7 000 ou 8 000 estao de tal maneira encostadas umas as outras que nenhum arejamento complete e possivel, para alem de, na maior parte dos casos, nao existir senao um lavabo comum para varias casas. Uma inspecção recente revelou que varias filas de casas estavam construidas sobre canais de descargas pouco profundos, apenas cobertos pelas ripas do soalho ³⁰.

Em Leicester, Derby e Sheffield, passa-se o mesmo. Quanto a Birmingham, o artigo do *Artizan* acima citado, refere o que segue:

Nos velhos bairros da cidade ha lugares sujos e mal conservados, cheios de charcos estagnados e de montes de imundicies. Em Birmingham, os patios sao muito numerosos, mais de 2 000, onde vive a maior parte da classe operaria. Sao frequentemente exiguos, lamacentos, mal arejados, com condutas de evacuacao defeituosas, agrupando entre 8 a 20 predios que na sua maior parte s6 recebem ar por um lado, visto que a parede do fundo e meeira; no fundo do patio ha quase sempre um buraco para as cinzas ou qualquer coisa deste genero, cuja sujidade e indiscritivel. Contudo e necessario notar que os patios modernos foram construidos de forma mais inteligente e estao mais bem conser-

''' **Report of a Committee of the Manchester Statistical Society on the Condition of the Working Classes in an Extensive Manufacturing District in 1834, 1835 e 1836** (1838), pp. 9-10. O numero de 7862 foi dado em 1837 por M. I. WHITTY. Bstas estatisticas sao citadas muitas vezes por reformistas. Ver R. A. SLANEY: *State of poorer classes in great towns, 1840* e *Weekly Dispatch*, 5 de Maio de 1844.

²⁹ C. B. FRIPP: *Journal of the Statistical Society of London*, 1839-1840, vol. 2, pp. 368-75. Na realidade o texto original fala de 5 981 familias visitadas das quais 2 800 (ou seja 46,8%) so ocupam um quarto.

³⁰ W. FELKIN: *Journal of the Statistical Society of London*, 1839-1840, vol. 2, pp. 457-459.

vados; e que, mesmo nos velhos, as casas estão menos amontoadas do que em Manchester ou Liverpool; isto também explica que, na altura das epidemias, tenha havido menos casos mortais em Birmingham do que, por exemplo, em Wolverhampton, Dudley e Bilston, que se distam algumas milhas. Do mesmo modo, não há em Birmingham alojamentos nos subsolos, se bem que algumas caves sirvam impropriamente de oficinas. Os dormitórios para operários são um pouco mais numerosos (mais de 400), principalmente nos patios do centro da cidade; são quase todos de uma sujidade revoltante, mal arejados, autênticos refúgios de mendigos, vagabundos, «trampers» (voltaremos a falar sobre o significado dessa palavra), ladros e prostitutas, que, sem se preocuparem com as conveniências ou com o conforto, comem, bebem, fumam e dormem numa atmosfera que só estes seres degradados podem suportar³¹.

Glasgow parece-se com Edimburgo em muitos aspectos: as mesmas *wynd*s, as mesmas casas altas. O *Artizan* refere a respeito desta cidade:

Aqui a classe operária constitui cerca de 78 % da população total (da ordem dos 300 000) e habita em bairros que ultrapassam em miséria e horror os antros mais vis de St. Giles e Whitechapel, os Liberties de Dublin, os *wynd*s de Edimburgo. Há uma quantidade de locais semelhantes no coração da cidade, no sul de Trovgate, a oeste do mercado do sal, no Calton, ao lado da High Street, etc.... Labirintos intermináveis nas ruas estreitas ou *wynd*s, onde desembocam a cada passo patios e becos, constituídos por velhas casas mal arejadas, muito altas, sem água e decrepitas. Estas casas regorgitam literalmente de habitantes, cada andar tem 3 ou 4 famílias, talvez vinte pessoas. Por vezes os andares estão alugados como dormitórios para a noite, de forma que quinze ou vinte pessoas estão amontoadas — não ousamos dizer albergadas — num único quarto. Estes quartos abrigam os elementos mais pobres, mais depravados, menos válidos da população, e é preciso ver neles a origem das terríveis epidemias de febre que, partindo daí, assolam toda a cidade de Glasgow.

Escutemos a descrição que J. C. Symons, comissário do governo para o inquérito sobre a situação dos tecelões manuais³², da destes bairros:

³¹ The Artizan, Outubro de 1843, p. 229.

³² Arts and Artisans at home and abroad (Ofícios e artesãos no nosso país e no estrangeiro), por J. C. Symons, Edimburgo, 1,839. O autor, escocês ao que parece, é um liberal, e por conseguinte fanaticamente oposto a todo o movimento operário autônomo. As passagens citadas encontram-se nas pp. 116 e Hogs. (F.E.)-

* A autoridade deste comissário foi alvo de uma polémica. Cf. D. WILLIAMS: *F/ij Rebecca Riot*, 1955, pp. 97-98.

Vi aqui e no continente a miseria nalguns dos seus piores aspectos, mas antes de ter visitado os wynds de Glasgow nao acreditava que tantos crimes, miseria e doengas pudessem existir em qualquer pais civilizado. Nos dormitorios de categoria inferior dormem no mesmo chao, dez, doze, e por vezes vinte pessoas dos dois sexos e de todas as idades, numa nudez mais ou menos total. Estes alojamentos estao normalmente (generally) tao sujos, humidos e arruinados, que ninguem quereria alojar neles o seu cavalo³³.

E mais a frente:

Os wynds de Glasgow abrigam uma populagao flutuante de quinze a trinta mil pessoas. Este bairro compoe-se somente de ruas estreitas e pátios rectangulares no meio dos quais normalmente se eleva um monte de estrume. Por mais revoltante que fosse o aspecto exterior destes lugares, eu ainda nao estava preparado para a sujudade e miseria que reinam no exterior. Nalguns destes dormitorios que nos (o superintendente da polcia capitao Miller e Symons) visitamos de noite, encontramos uma cadeia ininterrupta de seres humanos estendidos no chao, por vezes de quinze a vinte, alguns vestidos e outros nus, homens e mulheres juntos. A cama deles era feita com um bocado de palha borolenta misturada com trapos. Havia poucos moveis ou nao os havia e a unica coisa que dava a estas casas um aspecto de habitagao era uma fogueira na diamine. O roubo e a prostituigao silo as principais fontes de receita desta populagao³⁴. Ninguem se dava ao trabalho de limpar estas cavalarias de Augias, este pan-demonio, este conglomerado de crimes, de sujudade, de pestilencia, no coragao da segunda cidade do Imperio. Numa vasta inspecgao dos piores bairros de outras cidades, nunca me foi dado ver nada que, pela intensidade da infecgao moral e fisica, nem pela densidade relativa da populagao, atingisse metade deste horror. A maior parte das casas deste bairro estao classifica-das pela Court of Guild como arruinadas e inabitaveis, mas sao precisamente as mais habitadas, porque a lei proibe que por elas se exija aluguer.

A grande regio industrial no centro das Ilhas Britanicas, a zona populosa do Yorkshire ocidental e do Lancashire meridional, com as suas numerosas cidades industriais, em nada fica atras em relagao as outras cida-

⁸³ Engels cita aqui outro texto de Symons: o seu relatório a comissao real para os teceloes (**Parliamentary Papers**, 1839, vol. 42, n.º 159, p. 51, citado igualmente no **Weekly Dispatch**, 5 de Maio de 1844).

³⁴ Engels condensa. Citagao integral em HENDERSON--CHALONER, op. cit., p. 46, notas.

des. A regio lanigera do West Riding, no Yorkshire, e uma regio encantadora, uma bela terra de colinas verdejantes, cujas elevacoes se tornam cada vez mais abruptas em direcao a oeste ate culminarem na crista escarpada de Blackstone Edge — lin'ha de partilha das aguas entre o mar da Irlanda e o mar do Norte. Os vales do Aire, onde esta situada Leeds, e do Calder, onde passa a via ferrea Manchester-Leeds, contam-se entre os mais risonhos de Inglaterra e estao semeados por todo o lado de fabricas, vilas e cidades; as casas de pedra cinzenta tern um ar tao atraente e limpo ao pe das construgoes de tijolos negros de fuligem do Lancashire, que ate dao prazer. Mas assim que entramos nas proprias cidades, encontramos poucas coisas que nos agradem. A situagao de Leeds e exactamente a que descreve o *Artizan* e que eu pude confirmar:

sobre uma suave encosta que desee pelo vale do Aire. Este rio serpenteia atraves da cidade numa distancia de cerca de milha e meia³⁵ e esta sujeito, depois do periodo do degelo ou depois de chuvadas violentas, a fortes enxurradas. Os bairros do oeste, situados mais acima, sao limpos, para uma cidade tSo grande, mas os bairros em volta do rio e dos riachos que ai se langam (becks) sao sujos, apertados e sao ja o sufi-ciente para abreviarem a vida dos habitantes, sobretudo das criangas. Acrescente-se ainda o estado lamentavel em que se encontram os bairros operarios em volta de Kirkgate, March Lane, Cross Street e Richmond Road, que se distinguem principalmente pelas suas ruas mal pavimentadas e sem esgotos, por uma arquitectura irregular, com numerosos patios e becos e pela ausgnia total dos mais elementares meios de limpeza. Isto tudo junto da-nos razoes suficientes para explicar a excessiva mor-talidade nestes infelizes feudos da mais sordida misSria. Em virtude das eheias do Aire (que, crescente-se, como todos os rios utilizados na industria, entra na cidade claro e transparente para dai sair espesso, negro e malcheiroso, com todas as imundicies imaginaveis³⁶), as caves e as casas enchem-se frequentemente de agua a ponto de ser necessario bombea-la para a langar na rua; e nessas alturas, a agua volta a entrar nas caves, mesmo onde ha esgotos³⁷, provocando emanagoes mias-maticas, com forte percentagem de hidrogenio sulfuroso

³⁵ Onde quer que se mencionem **milhas** sem mais precisoes, trata-se da medida inglesa; o grau do equador conta 69 y₂ milhas 6, por conseguinte, a 16gua alemS cerca de 5 * (P. E.)-

³⁶ O texto entre parentesis e uma interpolagfio de Engels.

³⁷ Nao nos esquegamos que estas caves nao sSo arrecada-yfles mas alojamentos onde vivem seres humanos (F.E.).

¹⁸ Esta distancia equivale a 1 609 metros.

deixando um depósito repugnante extremamente prejudicial para a saúde. Durante as inundações da primavera do ano de 1839, os efeitos dum tal entupimento dos esgotos foram tão nocivos que, segundo o relatório do oficial do registro civil deste bairro, houve nesse trimestre três falecimentos por cada dois nascimentos enquanto que, durante o mesmo trimestre, todos os outros bairros registraram três nascimentos por cada dois falecimentos.

Outros bairros com forte densidade de população estão desprovidos de esgotos, ou estão tão mal que estes não servem para nada. Nalguns alinhamentos de casas as caves raramente estão secas; noutros bairros, várias ruas estão cobertas por uma lama mole. Onde nos enterramos até aos tornozelos. De tempos a tempos os habitantes esforgam-se em vão por repararem estas ruas, lançando algumas paçadas de cinzas; não obstante estas iniciativas, o esterco e as águas sujas espalhadas em frente das casas estagnam em todos os buracos até que o vento e o sol as seguem (cf. relatório do Conselho municipal no *Statistical Journal*, vol. 2, p. 404⁸⁸). Uma casa vulgar de Leeds não ocupa uma superfície superior a 5 jardas quadradas e é habitualmente composta por uma cave, uma sala comum e um quarto de dormir. Estes alojamentos exíguos, noite e dia cheios de seres humanos, constituem outro perigo tanto para os costumes como para a saúde dos habitantes.³⁹

O relatório acima citado sobre a situação sanitária da classe operária, diz-nos de que maneira as pessoas se amontoam nestes alojamentos:

Em Leeds, encontramos irmãos e irmãs e pensionistas de ambos os sexos que partilham o quarto com os pais; o sentimento humano estremece ao pensar nas consequências que daí resultam⁴⁰.

O mesmo se passa em Bradford, que dista somente sete milhas de Leeds, na confluência de vários vales, a beira duma pequena ribeira com águas completamente negras e nauseabundas. O alto das colinas que rodeiam a cidade oferece-nos um belo domingo — porque durante a semana a cidade está envolvida por uma nuvem cinzenta de fumo de carvão — um magnífico panorama.

⁸⁸ Toda esta passagem é extraída quase textualmente do relatório.

³⁹ Estas minúcias, leu-as Engels no *Artizan* de Out. 1843, p. 229, que cita o *Statistical Journal*. Aqui Engels volta a resumir o texto original.

⁴⁰ Fonte: BAKER, relatório da comissão para a lei sobre os pobres, 1842, p. 126.

Mas, no interior, e a mesma sujidade e o mesmo des-conforto que em Leeds. Os velhos bairros em eneostas Ingremes sao apertados e irregularmente construidos; nas ruelas, becos e patios, estao amontoados lixos e imundicies; as casas estao arruinadas, sujas e des-confortaveis; no fundo do vale, nas proximidades do curso de agua, encontrei varias cujo andar inferior era inabi-tavel por ser meio eseavado no flanco da colina. Dum modo geral, os bairros do fundo do vale, onde os aloja-mentos dos operarios estao comprimidos entre as altas fabrieas, sao os mais mal construidos e mais sujos de toda a cidade. Nos bairros mais recentes desta cidade, como nos de qualquer outra cidade industrial, as casas estao alinhadas de forma mais regular, mas tern todos os inconvenientes inerentes a maneira tradicional de alo-jar os operarios e de que falaremos mais pormenoriza-damente a proposito de Manchester. Passa-se o mesmo com as outras cidades do West Riding principalmente com Barnsley, Halifax e Huddersfield. Esta ultima, de lponge a mais bela de todas as cidades industriais do Yorkshire e do Lancashire, pela sua encantadora situagao e pela sua arquitetura moderna, tambem tem, contudo, os seus bairros maus; por isso, um comite designado por uma reuniao de cidadaos para inspeccionar a cidade relatou a 5 de Agosto de 1844:

E de salientar que ruas inteiras e numerosas ruelas e patios de Huddersfield nao estao nem pavimentados, nem providos de esgotos ou outra forma de escoamento; nestes sitios amontoam-se detritos, imundicies e suji-dades de todas as especies, que ai fermentam e apo-drecem, e quase por todo o lado a agua estagnada acumu-la-se em charcos; em consequencia disso os alojamentos contiguos sao necessariamente sujos e insalubres, de tal modo que ai aparecem doengas que ameagam a salu-bridade de toda a cidade⁴¹.

Se atravessarmos Blackstone Edge ou apanharmos o caminho de ferro, chegamos a terra elassica onde a industria inglesa levou a cabo a sua obra-prima e donde ipartem todos os movimentos operarios: o Lancashire meridional com o seu grande centro, Manchester. Tam-bem aqui encontramos uma bela regio com colinas que

⁴¹ O relatorio citado por Bngels, que emana de um comite (li'.signado a 19 de Junho e encarregado de inquirir sobre a situagao .sanitaria da cidade, apareceu a 10 de Agosto de 1844 no n.º 352 do **Northern Star**.

se inclinam suavemente para oeste, desde a linha de partilha das águas até ao mar da Irlanda, com os seus encantadores vales verdejantes do Ribble, do Irwell, do Mersey e dos respectivos afluentes; esta região que ainda há um século não passava, na sua maior parte, de um pantano quase desabitado, está agora totalmente coberta de vilas e cidades e é a zona mais populosa de Inglaterra. É no Lancashire meridional e principalmente em Manchester que a indústria do Império Britânico tem o seu ponto de partida e o seu centro; a Bolsa de Manchester e o barómetro de todas as flutuações do tráfego industrial, e as modernas técnicas de fabrico atingiram aí a sua perfeição. Na indústria algodoeira do Lancashire meridional, a utilização das forjas da natureza, a substituição do trabalho manual pelas máquinas (sobretudo, no caso do tear-mecânico e do *Self-actor Mule*) e a divisão do trabalho parecem estar no apogeu; e se reconhecermos nestes três elementos as características da indústria moderna, é preciso confessar que, mesmo neste aspecto, a indústria da transformação do algodão conservou sobre os outros ramos industriais o avanço que tinha adquirido desde o princípio. Mas também é aí que, simultaneamente, as consequências da indústria moderna se desenvolveram completamente e na sua forma mais pura, e o proletariado industrial se manifestou de forma mais clássica e perfeita. A humilhação em que a utilização do vapor, das máquinas e a divisão do trabalho mergulham o trabalhador, e os esforços do proletariado para sair desta situação degradante, tinham necessariamente que ser levados até ao extremo e à sua forma mais consciente. Portanto, e por estas razões — por Manchester ser o tipo clássico da cidade industrial moderna e também por a conhecer tão bem como a minha cidade natal — que nos deteremos aqui um pouco mais demonstradamente.

As cidades que rodeiam Manchester diferem um pouco da cidade central no que diz respeito aos bairros operários⁴², excepto na medida em que nestas cidades os operários talvez representem uma fracção ainda mais importante da população⁴³. Com efeito, estes aglome-

⁴² Há uma ligeira modificação do termo da ed. de 1892. Engels substituiu «Arbeitsbezirke» (bairros onde se trabalha) por «Arbeiterbezirke» (bairros operários, onde vivem os operários).

⁴³ Cf. o que dirá a este respeito James BRYCE, 20 anos mais tarde: (School inquiry commission, Parliamentary papers. C, 3966,

rados são unicamente industriais e deixam a Manchester o cuidado de se ocupar de todos os assuntos comerciais; dependem totalmente de Manchester e por consequência são habitados por trabalhadores, industriais e comerciantes de 2.^a ordem; enquanto que Manchester possui uma população comercial muito importante, principalmente comissionistas e retalhistas muito *reputados*. E por isso que Bolton, Preston, Wigan, Bury, Rochdale, Middleton, Hoywood, Oldham, Ashton, Stalybridge, Stockport, etc., mesmo sendo quase todas cidades de 30, 50, 70 e até 90 mil habitantes, não passam de grandes bairros operários interrompidos por fábricas e algumas grandes arterias ladeadas de lojas e tendo algumas avenidas pavimentadas, ao longo das quais estão dispostos os jardins e as vivendas dos fabricantes. As próprias cidades estão mal e irregularmente construídas, com patios sujos, ruas estreitas e vielas cheias de fumo e carvão. O emprego do tijolo, primitivamente vermelho vivo mas enegrecido pelo fumo, que aqui é o material de construção habitual, dá-lhes um aspecto muito pouco agradável. A regra geral são os alojamentos nas caves; onde quer que seja possível constroem-se estas caves, e é aí que uma importante parte da população vive.

Entre as cidades mais feias, conjuntamente com Preston e Oldham, temos Bolton, a onze milhas a nordeste de Manchester. Esta cidade só possui, tal como me foi dado verificar durante várias estadias, uma rua principal, de resto bastante suja, Deansgate, que ao mesmo tempo serve de mercado e que, mesmo com muito bom tempo, não passa de uma passagem sombria e miserável, embora só tenha, para além das fábricas, casas baixas de um ou dois andares. Como sempre, a parte antiga da cidade está particularmente arruinada e miserável. Atravessa-a uma água negra — riacho ou uma longa sucessão de charcos pestilentos? — que contribuiu para empestear completamente um ar já de si nada puro.

Mais longe encontra-se Stockport, que, apesar de situada na margem do Mersey, que pertence ao Cheshire, faz parte do distrito industrial de Manchester. Estende-se num estreito vale paralelamente ao Mersey, de forma

1868, pp. 750-751). (As classes médias estão reduzidas dado o fraco número de elementos das profissões liberais; porque nem um advogado, nem um médico poderiam ganhar aqui a vida e há poucos comerciantes ricos, porque todas as pessoas abastadas fazem as suas compras em Manchester e Liverpool).

11 ii<- um lado da rua desce a pique para voltar a subir do outro com uma inclinação igualmente acentuada, enquanto a via férrea de Manchester a Birmingham, passa sobre um alto viaduto, por cima da cidade e do próprio vale. Stockport é conhecida em toda a região por ser um dos buracos mais sombrios e cheios de fumo e oferece efectivamente — sobretudo quando vista do viaduto — uma vista nada atraente. Mas o aspecto das filas de casas e de caves que os proletários habitam por toda a cidade, desde o fundo do vale ao cimo das colinas, é-o ainda muito menos. Não me recordo de ter visto, em qualquer outra cidade desta região, uma propagação tão grande de caves habitadas.

Apenas algumas milhas a nordeste de Stockport encontra-se Ashton-under-Lyne, um dos centros industriais mais recentes da região. Esta cidade, situada na vertente da colina, ao pé da qual correm o canal e o rio Tame, está em geral construída segundo um plano moderno e mais regular. Cinco ou seis grandes ruas para-lélas atravessam toda a colina e são cortadas perpendicularmente por outras arterias que descem em direcção ao vale. Graças a esta disposição, as fabricas seriam relegadas para fora da cidade propriamente dita, se a proximidade da água e da via fluvial as não tivesse atraído todas para o fundo do vale, onde se comprimem e amontoam, lançando pelas chaminés uma espessa fumarada. Isto faz com que Ashton tenha um aspecto muito mais agradável do que a maior parte das outras cidades industriais; as ruas são largas e limpas, as casas de um vermelho vivo têm um ar novo e muito habitável. Mas o novo sistema de construção de casas para trabalhadores também têm os seus lados maus; todas as ruas possuem uma ruela de trás, escondida, onde se chega por uma estreita passagem lateral e que, em contrapartida, é muito suja. E se bem que eu não tenha visto edificios com mais de cinquenta anos, excepto alguns a entrada — até em Ashton há ruas onde as casas são feias e estragadas, cujos tijolos de esquina estão partidos e as paredes abrem fendas e cujo revestimento de cal se esboroa e cai no interior—há ruas cujo aspecto sordido e cheio de fumo não fica nada a dever as outras cidades da região, embora Ashton seja a excepção a regra.

Uma milha mais para leste fica Stalybridge, também nas margens do Tame. Quando, vindos de Ashton, atravessamos a montanha, descobrimos no cimo, a direita e a esquerda, grandes e belos jardins rodeando magníficas

vivendas, frequentemente no estilo *elisabetino*⁴⁴, que esta para o gotico como a religiao protestante anglicana esta para a religiao catolica, apostolica e romana. Cem passos mais a frente aparece Stalybridge no vale, mas que contrasta surpreendentemente com aquelas magnificas propriedades e ate com as modestas casas de Ashton: Stalybridge esta situada numa garganta estreita e sinuosa, ainda muito mais estreita que o vale de Stockport, e cujas vertentes sao recobertas por um extraordinario emaranhado de casas de campo, predios e oficinas. Logo que la entramos, vemos as primeiras casas exiguas, cheias de fumo, velhas e arruinadas e toda a cidade reflecte esta imagem. Ha, poucas ruas no estreito fundo do vale; a maior parte cruzam-se e recruzam-se, sobem e descem. Em virtude desta disposicao inclinada, o res-do-chao de quase todas as casas esta meio metido no chao; e das montanhas, donde descobrimos a cidade como se a sobre-voassemos, podemos ver a multidao de patios, de ruelas escondidas e de recantos isolados que esta construgao sem piano fez nascer. Juntemos a isto uma sujidade assustadora e compreenderemos a repugnante impressao que causa Stalybridge, apesar dos seus encantadores arredores.

Mas ja basta sobre estas cidadezinhas. Todas tern as suas peculiaridades mas, no fim de contas, os traba-lhadores vivem nelas como em Manchester. Por isso so me refiro ao aspecto particular da sua construgao e limi-to-me a apontar que todos os reparos gerais sobre o estado dos alojamentos dos operarios tambem se aplicam na totalidade as cidades vizinhas. Passemos agora a este grande centro propriamente dito.

Manchester estende-se no sope da vertente sul de uma cadeia de colinas que, partindo de Oldham, atra-vessa os vales do Irwell e do Medlock e cujo ultimo cume, o Kersall-Moor, e ao mesmo tempo o campo de corridas e o *mom sacer*⁴⁵ de Manchester. A cidade propriamente dita situa-se na margem esquerda do Irwell, entre este curso de agua e outros dois mais peque-nos, o Irk e o Medlock, que aqui desaguam no Irwell. Na margem direita deste, encerrada num grande anel do

⁴⁴ Na realidade, Engels quer-se referir ao estilo neo-Tudor.

⁴⁵ Montanha sagrada. Engels utiliza intencionalmente a expressao latina. Com efeito a tradigao afirma que em Roma, por volta do ano 494 antes da nossa era, os plebeus, revoltados contra os patricios se juntaram no Monte Sagrado. Do mesmo modo, em Manchester havia reunioes de operarios no Kersall-Moor.

rio, estende-se Salford, mais a oeste fica Pendleton; ao norte do Irwell encontram-se Higher e Lower Broughton, e ao norte do Irk, Cheetam Hill; ao sul do Medlock encontra-se Hulme, mais para este Chorlton-on-Medlock e ainda mais longe, mais ou menos a este de Manchester, Ardwick. Todo este conjunto é vulgarmente denominado Manchester e conta pelo menos com 400 000 habitantes, senão mais ^{4<s}. A própria cidade está construída de uma maneira tão peculiar, que podemos habitá-la durante anos, sair e entrar nela quotidianamente sem nunca entrevermos um bairro operário nem sequer encontrarmos operários, se nos limitarmos a cuidar dos nossos negócios ou a passarmos. Mas isto deve-se principalmente ao facto de os bairros operários — quer por um acordo inconsciente e tácito, quer por intenção consciente e confessa — estarem separados com o maior rigor das partes da cidade reservadas à classe média, ou então, quando isso é impossível, dissimulados sob o manto da caridade. Manchester abriga, no seu centro, um bairro comercial bastante longo, com o comprimento de cerca de milha e meia e igual largura, composto quase exclusivamente de escritórios e armazéns (*warehouses*). Todo este bairro está quase completamente desabitado, e durante a noite vazio e deserto; só as patrulhas da polícia circulam com as suas lanternas furta-fogo nas ruas estreitas e sombrias.

Esta zona está sulcada de algumas grandes ruas com muito tráfego e cujos rés-do-chão estão ocupados por luxuosas lojas; nestas ruas encontra-se um ou outro andar ocupado e reina até noite alta uma animação bastante grande. Com excepção deste bairro comercial, toda a cidade de Manchester propriamente dita, toda Salford e Hulme, uma parte importante de Pendleton e Chorlton, dois terços de Cheetam Hill e Broughton, não são senão um bairro operário que rodeia a zona comercial como uma cintura, cuja largura média é de milha e meia. Para lá desta cintura habitam a média burguesia e a alta burguesia: a média burguesia em ruas regulares, próximas do bairro operário, sobretudo em Chorlton e nas regiões de Cheetam Hill situadas mais abaixo, a alta burguesia em vivendas com jardins, mais afastadas, em Chorlton e

^K Os burgos de Hulme, Chorlton-on-Medlock, Ardwick e Cheetam, bem como o distrito de Keswick, foram administrativamente ligados a Manchester em 1838. Em 1844 a cidade tinha 235 000 habitantes. Engels refere-se pois aqui a toda a aglomeração e não a cidade propriamente dita.

■

Ardwick, ou entao sobre as alturas arejadas de Cheetam Hill, Broughton e Pendleton, em pleno ar puro do campo, em habitagoes esplendidas e confortaveis, servidas de meia em meia hora ou de quarto em quarto de hora por autocarros que conduzem a cidade⁴⁷. E o mais curioso 6 que estes rieos aristocratas da finanga podem atraves-sar os bairros operarios pelo caminho mais curto, em direcçao aos sens escritorios no centro da cidade, sem aequer notarem que estao ladeados, a direita e a esquerda, pela mais sordida miseria.

Com efeito, as grandes ruas que, partindo da Bolsa, deixam a cidade em todas as direcgoes, estao franqueadas de ambos os lados por uma fila quase ininterrupta de lojas e estao, deste modo, nas maos da pequena e media burguesia que, quanto mais nao seja em seu proprio interesse, afectam um certo decoro e limpeza, e possuem meios para o fazer. Claro que estas lojas tern uma certa semelhanga com os bairros que estao por detras delas e, por conseguinte, sao mais elegantes no bairro dos negocios e perto dos bairros burgueses que ali, onde mascaram as sordidas casas operarias; mas de qualquer modo sao o suficiente para dissimularem aos olhos dos ricos senhores e senhoras, de estomago robusto e nervos debeis, a miseria e a sujidade, complementos do seu luxo e da sua riqueza. E isto que acontece, por exemplo, com Deansgate que, da Velha Igreja, se dirige a direito para o sul, ao principle ladeada por armazens e fabricas, em seguida por lojas de segunda ordem e algumas padarias; mais ao sul, quando abandona o bairro comercial, por lojas menos reluzentes, as quais, a medida que avan-gamos, se tornam cada vez mais sujas e cada vez mais intercaladas com tabernas; ate que na extremidade sul, o aspecto das lojas nao deixa duvidas sobre a qualidade dos clientes: sao operarios e so operarios. Acontece o mesmo com Market Street, que parte da Bolsa em direcçao a sudeste; primeiro encontramos belas lojas de primeira categoria, e nos andares superiores fabricas e entre-postos; mais a frente, a medida que avangamos (Piccadilly), vemos gigantescos hoteis e entrepostos; ainda mais longe (London Road) na regio do Medlock, fabricas, tabernas, lojas para a pequena burguesia e os ope-

" E por volta de 1840 que se produziu este Sxodo das classes medias para a periferia da cidade. Cf. L. M. HAYES: **Reminiscences of Manchester and some of its local surroundings from the year 1840, 1905, p. 51.**

rarios; mais perto de Ardwick Green, casas reservadas a alta e media burguesias, e a partir dai enormes jardins e enormes casas de campo para os mais ricos industriais e comerciantes. Desta maneira podemos, desde que conhecamos Manchester, *deduzir* pelo aspecto das ruas principais o tipo de bairros contiguos, mas, nestas ruas, raramente estamos em condicoes de conhecer *realmente* os bairros operarios. Sei muito bem que esta disposicao hipocrita das construgoes e mais ou menos comum a todas as grandes cidades; tambem sei que os retalhistas devem, devido a propria natureza do seu comercio, mono-ipolizar as ruas principais; sei que em toda a parte se veem, nas ruas deste genero, mais casas bonitas do que feias, e que o valor do terreno que as rodeia e mais elevado que nos bairros perifericos. Mas em parte alguma como em Manchester constatei um isolamento tao sistematico da classe operaria, afastada das grandes ruas, uma arte tao delicada em mascarar tudo o que pudesse ferir a vista ou os nervos da burguesia. E contudo, a construgao de Manchester corresponde menos do que a de quaiquer outra cidade a um plano preciso ou a regulamentos de policia; a sua disposicao, mais do que a de quaiquer outra cidade, e fruto do acaso; e entao quando penso na classe media declarando apressadamente que os operarios se portam o melhor possivel, pressinto que os industriais liberais, os *big whigs*⁴⁵ de Manchester, nao estao nada inocentes desta pudica disposicao dos bairros. Mencionei ainda que os estabelecimentos industriais se situam quase todos a beira de tres cursos de agua ou dos diferentes canais que se ramificam atraves da cidade, e eis-me chegado a descricao dos bairros operarios propriamente ditos. Temos primeiro a velha vila de Manchester, entre o limite norte do bairro comercial e o Irk. Ai, mesmo as melhores ruas sao estreitas e tortuosas — Todd Street, Long Millgate, Withy Grove e Shudehill por exemplo — as casas sao sujas, velhas, arruinadas, e as ruas adjacentes perfeitamente hediondas. Quando, vindos da velha igreja, entramos em Long Millgate temos imediatamente a direita uma fila de casas em estilo antigo, todas elas decadentes; sao os vestigios da velha Manchester da epoca pre-industrial, cujos antigos habitantes emigraram com os seus bens para bairros mais bem construidos, abandonando as casas que achavam demasiado mas a uma populacao operaria

*• Grandes liberais e tambem «personagens importantes».

<In origem predominantemente irlandesa. Deparamos aqui l "in um bairro verdadeiramente operario que quase não l'HIA, camuflado, porque nem mesmo as lojas e tabernas i la rua se dao ao traballro de parecerem limpas. Mas ilto ainda nao e nada em comparagao com as ruelas e os patios das traseiras, onde se chega por becos estreitos (> l.apados em que duas pessoas se nao conseguem cruzar.

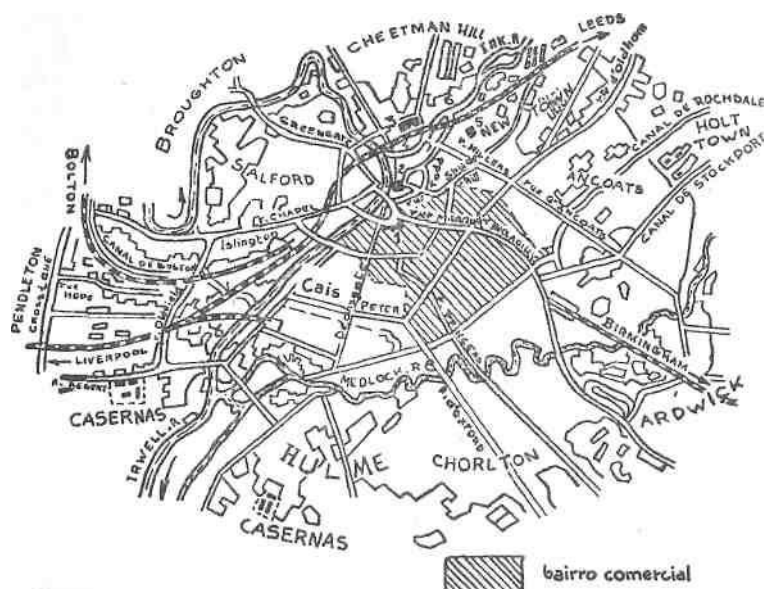
E impossivel imaginar o desordenado amontoamento (lius casas, literalmente empilhadas umas sobre as outras, verdadeiro desafio a qualquer arquitectura racional. E a responsabilidade disto nao cabe so as construgoes (l in' datam da antiga Manchester. Na nossa epoca a con-f'uHilo foi levada ao maximo porque, onde quer que o urbanismo da epoca anterior tivesse deixado o menor ospago livre, reconstruiu-se e remendou-se ate que por fim nao restou entre as casas um centimetro livre onde Posse possivel construir. Como prova, reproduzo aqui um pequeno fragmento da planta de Manchester; de resto ha pior e ela nao representa nem a decima parte da cidade.

Esta planta sera suficiente para caracterizar a arquitectura irracional de todo o bairro, princilpalmente perto do lrk. Aqui a margem sul do lrk e muito abrupta (! tem entre cinco e dez metros de altura; nesta encosta oscarpada, estao implantadas frequentemente 3 filas de casas, das quais a mais baixa emerge directamente do rio, enquanto que a fachada da mais alta se encontra ao nivel do cimo das colinas de Long Millgate. Alem disso, nos intervalos, ha, fabricas a beira dos cursos de agua. Em resumo, aqui a disposigao das casas e tao desorde-nada e apertada como na parte baixa de Millgate.

A esquerda e a direita, um grande niimero de pas-aagens cobertas conduzem da rua principal aos numerosos patios e, assim que ai penetramos, ficamos rodeados por uma sujidade e uma sordidez repugnantes, sem compa-raqao com nada que eu conhega, particularmente nos patios que descem para o lrk e onde, na realidade, se oncontram os mais horriveis alojamentos que me foi dado ver ate hoje. Num destes patios, precisamente a entrada, na extremidade do corredor coberto, ha casas de banho sem porta, e tao sujas, que os habitantes para entrarem ou sairem do patio tem de atravessar um charco de urina pestilenta e de excrementos que rodeia estas casas de banho; e o primeiro patio a beira do lrk a mon-tante da Ducie Bridge⁴⁹, caso alguem deseje ir ve-lo;

''' Uma ponte.

PLANO DE MANCHESTER E SEUS ARREDORES



1 — Bolsa; 2—Velha Igreja; 3 — Casa dos pobres; 4 — Cemiterio dos pobres (a linha do caminho de ferro Leeds-Liverpool passa entre a Casa dos pobres e o cemiterio); 5 — Igreja de St. Mitchel; 6 — Scotland bridge sobre o Irk (a rua que vai da velha igreja a Scotland bridge e Long Millgate); 7 — Ducie Bridge sobre o Irk; 8 — iPequena Irlanda.

em baixo, nas margens do curso de agua, ha varias fabri-cas de curtumes que empestam toda a regio com o fedor que emana da decomposicao das materias organicas.

Nos patios a jusante de Ducie Bridge, e preciso fre-quentemente descer escadas estreitas e sujas e atravessar montes de detritos e de imundicies para atingir as casas.

O primeiro patio a jusante de Ducie Bridge chama-se Allen's Court; por altura da epidemia de colera (1832) encontrava-se num tal estado que os servigos sanitarios fizeram-no evacuar, limpar e desinfectar com cloro; numa brochura⁵⁰ o Dr. Kay fornece uma descricao assustadora

TM The Moral and Phisical Condition of the Working classes employed on the Cotton Manufacture in Manchester * (Estado fisico e moral das classes operarias que trabalham em Manchester na indiiustria do algodao) por James Ph. Kay, 2.^o edigao, 1832. Confunde a classe operaria em geral com a classe dos operarios da indiiustria. Quanto ao resto, excelente (F.E.).

* Encontra-se outra descricao de Allen's Court na obra de Henry Gaulter; *The origin and Progress of the malignant Cholera in Manchester*, 1833, pp. 50-51.

o rio, o lado deste patio nessa epoca. Depois, parece ter sido totalmente demolido e reconstruido; em todo o caso, do alto de Ducie Bridge ainda se veem varias paredes inclinadas e enormes montes de escombros ao lado das **casas** de construgao mais recente. O que se pode ver da rua — disfarçado delicadamente aos mortais de pequena altura por um parapeito de pedra da altura de um homem — e de resto caracteristico de todo o bairro. Em **baixo** corre, ou antes, estagna o rio, delgado curso de agua, escuro como o breu e de cheiro nauseabundo, cheio de imundicies e de detritos que deposita na margem inferior que e a mais baixa; com tempo seco subsistem **na** margem toda uma aerie de charcos lamacentos, fétidos, de um verde escuro, do fundo dos quais sobem bolhas de gas mefitico emanando um cheiro que, mesmo do alto da ponte, doze metros acima da agua, e insuportavel. O proprio rio, por outro lado, e retido a cada passo por altas barragens, por detras das quais se depositam grandes quantidades de lama e detritos que ali se acumulam.

A montante da ponte veem-se fabricas de curtumes, mais longe ainda tinturarias, fabricas de artigos de osso ((fabricas de gas cujas aguas usadas e detritos vao todos parar ao rio que, alem disso, recolhe o conteudo dos esgotos e das retretes que nele desembocam. Podemos pois imaginar a natureza dos residuos que se acumulam no rio. A jusante da ponte, avistam-se os montes de lixo, as imundicies, a sujidade e a ruina dos patios, situados na abrupta margem esquerda; as casas estao comprimidadas umas contra as outras e a inclinagao da margem «6 permite ver uma fracgao de cada uma delas, todas negras de fumo, decrepitas, velhas, com as janelas de caixilhos e vidros partidos. O piano de fundo e constituído por velhos edificios de fabricas, que parecem casernas. Na margem direita, completamente plana, levanta-se uma longa fila de casas e de fabricas. A segunda casa esta em ruinas, sem tecto, cheia de escombros, e a terceira e tao baixa que o andar inferior e inabitavel e por conseguinte sem portas nem janelas. Ao fundo, deste lado, vemos o cemiterio dos pobres, as estacoes do caminho de ferro de Leeds e Liverpool e, por detras, a Casa dos Pobres, a *Bastilha da Lei dos Pobres* de Manchester, que, tal como uma cidadela, observa ameagadoramente do alto da colina, por tras das suas altas muralhas e ameias, o bairro operario que se estende a sua frente.

A montante da Ducie Bridge, a margem esquerda

torna-se mais plana e em contrapartida a direita faz-se mais abrupta; mas o estado das casas dos dois lados do Irk tem tendencia a piorar.

Quando deixamos a rua principal, Long Millgate, ao virarmos a esquerda ficamos perdidos; de um patio passa-se para outro; so se veem esquinas de ruas, becos estreitos e passagens sujas, e ao fim de alguns minutos estamos completamente desorientados e ja nao sabemos para onde nos dirigirmos. Por toda a parte, construgoes meio ou completamente em ruinas, algumas completamente inabitaveis e aqui isto e significativo. Nas casas quase nunca ha soalho ou pavimento de mosaico; em contrapartida, as janelas e as portas estao quase sempre partidas e mal ajustadas, e que sujudade! Ha montes de escombros, de detritos e de imundicies por todo o lado; em vez de valetas, charcos de agua estagnada e um cheiro que, por si so, impediria qualquer homem, por pouco civilizado que fosse, de habitar em tal bairro. O prolon-gamento, recentemente concluido, do caminho de ferro de Leeds, que aqui atravessa o Irk, fez desaparecer uma parte destes patios e destas ruelas mas, em contrapartida, pos outros a vista. E assim que, precisamente por debaixo da ponte do caminho de ferro, ha um patio que ultrapassa de longe todos os outros em sujudade e horror, precisamente porque ate agora estava tao a margem, tao afastado, que so dificilmente podia ser atingido; eu proprio nunca o teria descoberto sem a abertura feita pelo viaduto do caminho de ferro, embora julgasse conhe-cer muito bem esse sitio. E quando atravessamos uma margem irregular, entre estacas e cordas de roupa, que penetramos neste caos de pequenos casebres de um andar e de uma so divisao, na maior parte das vezes desprovida de soalho; cozinha, sala comum e quarto de dormir tudo ao mesmo tempo.

Num destes buracos, que nao chegavia a medir seis pes de comprimento e cinco de largura⁵¹, vi duas eamas — e que camas! — que, com uma escada e uma lareira, enohiam todo o quarto. Em varios outros nao vi absolutamente nada, se bem que a porta estivesse escancarada e os habitantes la estivessem instalados. Em frente das portas, escombros e lixo por todo o lado; nem se podia ver se por baixo havia pavimento, limitando-nos a senti-lo com o pe nalguns sitios. Todo este conjunto de estabulos

O De equivale a um pouco mais de 30 cm.

lviibitados por pessoas estava rodeado em dois dos lados \n)v casas e uma fabrica, no terceiro pelo curso de agua (>, excluindo o pequeno atalho da margem, so se podia Miiir por uma estreita porta que dava para mais outre labirinto de casas, quase tao mal construidas e mantidas norao estas. Estes exemplos bastam.

E assim que esta eonstruida toda a margem do Irk, uaos de casas feitas desordenadamente, mais ou menos iruibitaveis e cujo interior esta em perfeita harmonia com a sujidade das redondezas. Assim, como querem que as pessoas sejam limpas! Nem sequer ha eondigoes para a satisfagao das necessidades mais elementares e iuotidianas. Aqui as retretes sao tao raras que ou estao constantemente ocupadas ou fioam demasiado afastadas l>ara a maior parte das pessoas. Como querem que as pes-Hoas se lavem quando nao possuem nas proximidades senao m aguas sujas do Irk, e quando as canalizagoes e as liombas so existem nos bairros decentes? Na verdade, nao se podem censurar estes ilotas da sociedade moderna, por os seus alojamentos nao serem mais limpos que os chiqueiros que se encontram de vez em quando no meio doles. Quanto aos proprietarios, esses nao tem vergonha de alugar alojamentos como as seis ou sete caves que dao para o cais, logo acima da Scotland Bridge e cujo chao esta pelo menos cinquenta centimetros abaixo das aguas — quando as aguas estao foaixas — do Irk, que corre a menos de metro e meio de distancia. Ou entao como o andar superior da casa de esquina, na outra margem, imediatamente antes da ponte, cujo res-do-chao e inabitavel, que nao tem nada a tapar os buracos das janelas e da porta. Este e um caso que nao e raro nesta regioao: o res-do-chao aberto serve normalmente a toda a vizinhanga para satisfazer as suas necessidades, a falta de locais apropriados.

Se deixarmos o Irk para entrarmos pelo outro lado de Long Millgate, no coragao das habitagoes operarias, chegamos a um bairro um pouco mais recente, que se estende desde a igreja de Sao Miguel ate a Withy Grove <; Shudehill. Aqui ha, pelo menos, um pouco mais de ordem; em vez de uma arquitetura caotica encontramos compridas ruelas e becos rectilineos, ou entao patios rectangulares que nao foram feitos ao acaso; mas se, anteriormente, era cada casa em particular, aqui sao as ruelas e os becos que estao construidos arbitrariamente, sem qualquer preocupagao com a disposigao dos outros. Uma ruela ora segue numa direccao, ora noutra, a cada

passo desembocamos num beco ou dobramos uma esquina que nos obriga a voltar ao <ponto de partida — quem quer que não habite neste labirinto há um certo tempo, certamente não se consegue orientar. O arejamento — se é possível usar esta palavra a propósito deste bairro — das ruas e dos patios é tão imperfeito como nas margens do Irk; e verdade que as ruas são mais recentes, as ruas pelo menos em alguns sítios têm canais de escoamento, mas, em contrapartida, possui, em quase todas as casas, alojamentos nas caves, o que raramente existe no vale do Irk, precisamente devido a ser uma zona mais antiga e ao modo de construção menos cuidado. De resto, a sujidade, os montes de escombros e estrume, os charcos nas ruas, são comuns aos dois bairros e, naquele de que falamos agora, constatamos ainda um outro facto muito prejudicial à limpeza dos habitantes: o grande número de poresos que vagueiam por todo o lado nas ruelas remexendo o lixo ou que estão fechados no interior dos patios em pequenas pocilgas. Os criadores de poresos alugam aqui os patios, como na maior parte dos bairros operários de Manchester, e instalam aí pocilgas; em quase todos os patios há um ou vários recantos separados do resto, onde os habitantes deitam todo o lixo de detritos. Os poresos alimentam-se disso, e a atmosfera destes patios, já de si fechados por todos os lados, fica completamente empestada devido à putrefacção das matérias animais e vegetais. Abriram uma rua larga e bastante decente através deste bairro — Millers Street — dissimulando com bastante felicidade o que fica por trás, mas se nos deixarmos arrastar pela curiosidade e entrarmos por uma das numerosas passagens que levam aos patios poderemos constatar, a cada vinte passos, uma destas pocilgas, no sentido exacto da palavra.

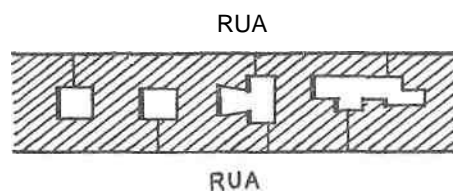
Tal é a cidade de Manchester, e, ao reler a minha descrição, tenho de reconhecer que, longe de serem exageradas, as suas cores não são suficientemente cruas para darem a noção real da sujidade, da decadência e do desconforto, nem até que ponto a construção deste bairro, com uma população de, pelo menos, entre 20 a 30 mil habitantes, é um desafio a todas as regras de salubridade, arejamento e higiene. É um tal bairro que existe no coração da segunda cidade de Inglaterra, da primeira cidade industrial do Mundo. Se quisermos ver o espaço reduzido de que o homem precisa para se mover, o pouco ar — e que ar! — que lhe é necessário, rigorosamente, para respirar, e em que grau inferior de civilização ele

pode subsistir, basta vir a estes lugares. Claro, trata-se da cidade *velha* — e o argumento das pessoas daqui, quando lhes mencionamos o estado espantoso deste inferno mi terra — mas, o que é que isso tem? Aqui, tudo o que nos suscita mais horror e indignação é recente e data da *época industrial*. As poucas centenas de casas provenientes da velha Manchester já foram abandonadas há muito tempo pelos seus primitivos habitantes; foi a indústria apenas que as encheu com o exército de operários que elas inicialmente abrigam; foi a indústria apenas que obrigou a construir em cada espaço que separava estas velhas casas, a fim de aí conseguir abrigos para as massas que obrigava a vir do campo e da Irlanda; foi a indústria apenas que permitiu aos proprietários destes pequenos aluguéis ao preço das habitações de seres humanos, explorando a miséria dos operários, minando a saúde de milhares de pessoas só para obterem o seu lucro; foi a indústria apenas que fez com que o trabalhador, acabado de se libertar da servidão, pudesse ser utilizado de novo como simples material, como *coisa*, isto é, ponto de ter de se deixar encerrar num alojamento demasiado mau para qualquer outra pessoa, e que vai caindo em ruínas. Isto foi obra da indústria, exclusivamente, ela que não poderia existir sem estes operários. Bom a miséria e a servidão destes operários. S verdade (pela disposição inicial deste bairro era má, pouca coisa de bom se poderia fazer dele, mas terão os proprietários prediais e a Administração feito fosse o que fosse para o melhorar, quando aí começaram a construir? Pelo contrário: ali, onde ainda havia uma parcela livre, construiu-se uma casa, onde ainda havia uma saída superior. muraram-na; o valor da renda cresceu com o desenvolvimento industrial e quanto mais ela se elevava, mais rapidamente se construía, sem a mais pequena preocupação com a higiene e o conforto dos habitantes; tornando a única preocupação a de obter o maior lucro possível e de acordo com o princípio: *por pior que seja um O Quê, há sempre um pobre que não pode pagar um nu lhor*. Mas que quereis, e a cidade velha é e com este argumento que a burguesia se tranquiliza. Vejamos então qual é o aspecto da *cidade nova* (*the new town*).

A *cidade nova*, também chamada a cidade irlandesa (*The Irish Town*) estende-se para lá da cidade velha no flanco de uma colina argilosa entre o *Irish* e *St. George's Hand*. Aqui todo o aspecto urbano desaparece. Filas isoladas de casas ou formando um conjunto de ruas, elevam-se

em certos locais, como pequenas aldeias, sobre o solo de argila nu, onde nem a relva cresce; as casas, ou melhor, os casebres, estão em mau estado, nunca foram reparados, são sujos e tern nas caves alojamentos húmidos e sordidos; as ruelas não têm nem pavimento nem canais de escoamento; em contrapartida há numerosas colónias de porcos, fechados em pequenos patios ou pocil-gas ou então errando em liberdade na encosta. Aqui os caminhos são de tal maneira lamacentos que é preciso que o tempo esteja muito seco para podermos sair sem nos enterrarmos a cada passo até aos tornozelos. Perto de St. George's Road, as diferentes ilhotas juntam-se, mete-mo-nos numa interminável enfiada de ruelas, becos, ruas das traseiras e patios, cuja densidade e desordem aumentam à medida que nos aproximamos do centro da cidade. No entanto, estas ruas estão, e verdade, frequentemente pavimentadas ou, pelo menos, possuem passagens para peões pavimentadas e canais de escoamento; mas a sujeira, o mau estado das casas, e sobretudo das caves, são os mesmos.

Cabem aqui alguns reparos sobre a maneira como são habitualmente construídos os bairros operários em Manchester. Vimos na cidade velha que frequentemente o acaso presidia ao agrupamento das casas. Cada casa é construída sem ter em conta as outras e os intervalos de forma irregular entre as casas chamam-se, a falta de melhor termo, patios (*courts*). Nas zonas um pouco mais recentes deste mesmo bairro, e noutros bairros operários ⁵² que datam dos primeiros tempos do desenvolvimento industrial nota-se um esboço de plano. O intervalo que separa duas ruas está dividido em patios, mais regulares, a maior parte das vezes quadrangulares, mais ou menos como se vê em baixo:



⁵² Ligeira modificação de termo na ed. de 1892; Engels substituiu «bairros em que se trabalha» por «bairros operários»: *Arbeiterviertel*.

Desde o principio que estes patios foram dispostos
iiHsim: as ruas eomunicam com eles por passagens
cober-tas. Se este modo de construcao ja, era muito
prejudicial a saude dos habitantes, na medida em que
impedia o arejamento, este metodo de encerrar os
operarios em patios fechados por todos os lados ainda e
pior. Aqui, o ar nao pode escapar-se de modo nenhum;
as diamines das casas — se o fogo nao esta, aceso —
sao as unicas saidas possiveis para o ar aprisionado na
armadinha dos patios ⁵³,

Acrescente-se ainda que as casas a, volta destes
patios sao construidas frequentemente duas a duas,
sendo a parede do fundo divisoria, e isto ja e o suficiente
para impedir um arejamento satisfatorio e complete. E,
como a policia das ruas nao se preocupa com o estado
destes patios ⁵⁴, como tudo o que ipara ai e atirado ai fica
muito tranquilamente, nao temos de nos espantar com a
suji-dade e quantidade de despejos e lixo que ai
encontramos. Fui a uns patios — perto de Millers Street
—que estavam pel©' menos quinze centimetros abaixo
do nivel da rua principal, e que nao tinham o mais
pequeno canal de escoamento para as aguas da chuva
que ai se amon-toavam!

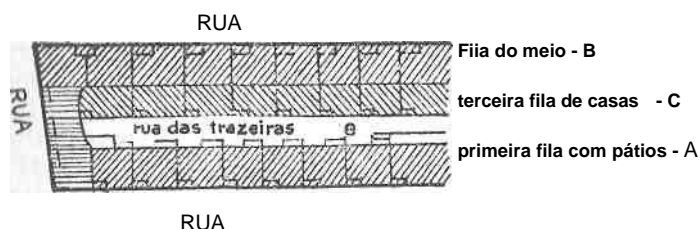
Mais tarde, começou a adoptar-se outro estilo de
construção, que e agora o mais corrente. Não se
constroem as casas operarias isoladamente, mas as
dezenas, em quantidade — um so empreiteiro constroi
de uma so vez uma ou varias ruas. Estas estao
dispostas da seguinte maneira: uma das fachadas (Cf. o
desenho abaixo) com-preende as casas de primeira
categoria que tern a sorte de possuir uma porta e um
pequeno patio e que correspondent ao aluguer mais alto.
Por tras das paredes destas casas, ha, uma estreita
ruela, a rua das traseiras (*Clack street*), fechada de
ambos os lados e cujo acesso e feito

⁵³ E contudo um ajuizado liberal inglSs afirma no Children's
Employment Commission Report *, que estes patios sao a
obra--prima de arquitectura urbana, porque melhoram, tal como um
grande numero de pragas publicas, o arejamento e a renovacao do
ar. Ah! se cada patio tivesse 20 metros quadrados, acessos de frente,
abertos e nao cobertos, por onde o ar pudesse circular! Mas eles
nunca tern dois, muito raramente um unico descoberto, e quase todos
tSm apenas entradas estreitas e cobertas. (F. E.)

⁵⁴ Estes patios eram considerados propriedade privada. Os
poderes da policia neste campo foram um pouco alargados em 1844
(Manchester Police Act).

* Cf. R. D. GRAINGER, in *Appendix to the 2d Report of the Children's
Employment Commission*, parte I.

lateralmente por um estreito caminho ou por uma passagem coberta. As casas que dao para esta ruela pagam o aluguer mais baixo, e sao as mais descuidadas. As suas paredes de tras sao comuns com as da terceira fila de casas que dao para o lado oposto da rua, e correspondem a um aluguer mais baixo que a primeira fila mas maior que a segunda. A disposiçao das ruas e mais ou menos assim:



Este modo de construir garante um arejamento comparativamente bom para a primeira fila de casas e o da terceira não é pior que o da fila correspondente na disposição anterior; em contrapartida, a fila do meio está pelo menos tão mal arejada como as casas dos pátios, e as ruelas das trazeiras estão no mesmo estado de sujeidade e têm uma aparência tão má como os pátios. Os empreiteiros preferem este tipo de construção porque ele poupa espaço e dá-lhes a possibilidade de explorar mais a vontade os trabalhadores mais bem pagos pedindo-lhes alugueres mais elevados pelas casas das primeira e terceira filas. Estes três tipos de construção de casas operárias encontram-se em toda a cidade de Manchester e através do Lancashire e do Yorkshire, muitas vezes misturados, mas de modo geral suficientemente separados para com base neles podermos deduzir a idade relativa dos desiguais bairros da cidade. O terceiro sistema, o das *ruas das trazeiras*^A predomina nitidamente no grande bairro operário, a leste de St. George's Road, dos dois lados de Oldham Road e Great Ancoats Street, e é também o mais vulgar nos outros bairros operários de Manchester e nos subúrbios.

É no grande bairro que mencionamos, e a que chamam Ancoats, que estão instaladas, ao longo dos canais, a maior parte das fabricas e as mais importantes — gigan-

tescas construgoes de seis ou sete andares, que com as suas diamines esguias dominam de muito alto as casas baixas dos operarios. A populagao do bairro compoe-sc principalmente de operarios de fabrica e, nas piores ruas, de teceloes manuais. As ruas situadas nas imediagoes do centro da cidade sao as mais velhas, portanto as piores, embora estejam pavimentadas e providas de canais de escoamento; incluo ai as ruas paralelas mais proximas: Oldham Road e Great Ancoats Street. Mais ao norte encontramos muitas ruas de construgao recente: ai as casas sao graciosas e limpas; as portas e as janelas sao novas e pintadas de fresco, os interiores sao limpos; as proprias ruas sao mais arejadas, os espagos entre elas, sem construgoes, sao maiores e mais numerosos. Mas isto so se aplica a maioria das habitagoes porque exis-tem em quase todas as casas alojamentos nas caves, muitas ruas nao estao pavimentadas e nao tern canais de escoamento e sobretudo o acr limpo nao passa de uma aparencia que desaparece ao fim de dez anos. Com efeitd, o modo de construgao das diferentes casas nao e menos condenavel que a disposigao das ruas. A primeira vista, estas casas parecem muito bonitas e bem feitas, as pare-des de tijolos macigos cativam quem passa e, quando percorremos uma rua operaria de *construqaa recente* sem nos preocuparmos mais com as ruas das traseiras e com a propria maneira como as casas estao construidas, concordamos com a opiniao dos industriais liberals, que afirmam que em parte alguma os operarios estao tao bem alojados como em Inglaterra. Mas quando olhamos de mais perto, vemos que as paredes destas casas sao o mais estreitas possivel. As paredes exteriores, que sustentam a cave, o res-do-chao e o telhado tern, quanto muito, a espessura de um tijolo, estando, em cada camada horizontal, os tijolos dispostos uns ao lado dos outros, no sentido do comprimento. Mas vi em muitas casas da mesma altura — algumas em construgao — em que as paredes exteriores nao tinham senao meio tijolo de espessura e onde estes, por conseguinte, nao estavam dispostos no sentido do comprimento, mas no da largura, ajus-tados pelo lado estreito. Isto, em parte, a fim de econo-mizar os materials, em parte tambem porque os emprei-teiros nunca sao os proprietarios do terreno: limitam-se a aluga-lo a moda inglesa por vinte, trinta, quarenta, cinquenta ou noventa anos, apos o que este retorna, com tudo o que ai se encontra, a posse do seu primeiro pro-prietario, sem ique este tenha de pagar seja o que for,

como iiHJkMiinizagao pelas instalagoes que ai foram feitas. () locutario do terreno planeia pois estas instalagoes de forma a que tenham o menor valor possivel quando o OOHtrato expirar; como as casas deste genero so sao conatruidas vinte ou trinta anos antes desta data, com-preende-se que os empreiteiros nao queiram ter grandes despesas com elas. Acrescente-se que estes empreiteiros, durante muito tempo pedreiros, carpinteiros ou industrials, quase nao fazem reparagoes, em parte porque nao querem reduzir o lucro dos alugueres, em parte porque se aproxima o fim do aluguer do terreno construido, e porque, em virtude das crises economicas e das privagoes que se lhes seguem, frequentemente ficam desertas ruas inteiras. Por conseguinte, as casas arruinam-se rapida-mente e tornam-se inabitaveis. Com efeito, calcula-se que os alojamentos operarios so sao habitaveis em media quarenta anos. Isto pode parecer estranho, quando vemos as belas paredes macigas das casas novas, que parecem durar varios seculos, mas e assim mesmo—a avareza que preside a construgao, a ausencia sistematica de reparagoes, a frequente desocupagao dos alojamentos, a fre-quente e perpetua mudanga de locatarios e, por outro lado, as depradagoes que estes cometem (a maior parte sao iriandeses) durante os dez ultimos anos em que a casa e habitavel: arrancam frequentemente a madeira da construgao para fazerem fogo; tudo isto faz com que ao fim de quarenta anos estas casas estejam em ruinas. E por isso que o bairro de Ancoats, cujas casas datam apenas do desenvolvimento industrial e, em grande parte, apenas deste seculo, conta apesar de tudo com grande quan-tidade de casas velhas e arruinadas, em que a maioria ja atingiu o ultimo estadio de habitabilidade. Nao quero referir aqui a quantidade de capitals que foram desper-digados deste modo, nem como um investimento inicial um pouco mais elevado e pequenas reparagoes teriam sido suficientes para que todo este bairro se mantivesse limpo, conveniente e habitavel durante muitos anos. So me interessa a situagao das casas e dos seus habitan-tes, e e preciso vincar bem que nao ha sistema mais nefasto e mais desmoralizante do que este para alojar os trabalhadores.

O operario e constringido a habitar estas casas em mau estado porque nao pode pagar o aluguer de outras melhores, ou entao porque nao existem melhores nas proximidades da fabrica, e ate talvez porque estas casas pertencem ao industrial e este so empregue os que aceitam

habitar num destes alojamentos. Claro que esta duragao de quarenta anos nao e para ser tomada a letra, porque se estas habitagoes estao situadas num bairro com grande densidade de imoveis e se, por conseguinte, apesar da renda predial mais elevada, ha sempre possibilidades de encontrar locatarios, os empreiteiros fazem alguns esfor-gos para assegurar a habitabilidade relativa destes alojamentos para alem dos quarenta anos. Mas neste caso nao ultrapassam o minimo indispensavel, e entao estas casas reparadas sao precisamente as piores. De tempos a tempos, quando se receiam epidemias, a consciencia dos servigos de higiene, normalmente muito sonolenta, des-perta um pouco. Entao empreendem expedigoes aos bairros operarios, fecham toda uma serie de caves e de casas, como foi o caso de varias ruelas nas cercanias de Oldham Road. Mas isto e sol de pouca dura; em breve os alojamentos reprovados voltam a ter habitantes, e os proprietaries ainda tem mais facilidade em encontrar locatarios; sabe-se bem que os policias dos servigos de higiene nao voltarao tao cedo!

Esta parte leste e nordeste de Manchester e a unica em que a burguesia nao se instalou, pela forte razao de o vento dominante, que sopra durante dez ou onze meses do ano, de oeste e sudoeste, arrastar para ai o fumo de todas as fabricas. Este fumo, os operarios que o respi-rem sozinhos.

Ao sul de Great Ancoats Street estende-se um grande bairro operario bem construido, uma zona de colinas, sem vegetagao, com filas ou quarteiroes isolados de casas, dispostos desordenadamente. Nos intervalos, ficam iocais vazios, argilosos, desiguais, sem relva e por conseguinte dificeis de atravessar com tempo chuvoso. As casas sao todas sujas e velhasi frequentemente situadas em buracos profundos, que lembram a cidade nova. O bairro que e atravessado pela via ferrea de Birmingham e aquele em que as casas estao mais amontoadas e e, portanto, o pior.

Neste local, os numerosos meandros do Medlock per-correm um vale que em certos sitios e perfeitamente ana-logo ao do rio Irk. De amibos os lados do rio de aguas estagnadas e nauseabundas, tao negro como o pez, estende-se, desde a sua entrada na cidade ate a confluencia com o Irwell, uma larga cintura de fabricas e de habitagoes operarias; estas estao no estado mais deploravel possivel. Frequentemente, a margem e escarpada e as construgoes descem ate ao rio, tal como no Irk; e as ruas e casas estao mal construidas tanto do lado de

MJUICLICHUT como de Ardwick, Cborlton ou Hulme. O sitio i ■ i.ir.; horrendo (so eu falasse em pormenor de todos os blocoa de imoveis, separadamente, nunca mais acabava) flea do lado de Manchester, a sudoeste de Oxford Road e ohama-se *Pequena Irlanda (Little Ireland)*. Numa depressao de terreno bastante funda, numa curva do Medlock, e cercada pelos quatro lados por grandes fabri-cas e margens altas cobertas de casas ou aterros, estao cerca de 200 casas repartidas em dois grupos, sendo f requentemente a parede de tras a divisoria; habitam al cerca de 4 000 pessoas, quase todas irlandesas. As casas sao velhas, sujas e do tipo mais pequeno: as ruas sao desiguais e cheias de saliencias, em parte sem pavimento nem canais de escoamento; por todo o lado ha uma quantidade consideravel de imundicies, detritos e lama nauseabunda entre os charcos estagnados; a atmosfera esta empestada com as suas emanagoes, enegrecida e pesada pelos fumos de uma duzia de chaminés de fabri-cas. Uma multidao de mulheres e criangas esfarrapadas vagueiam por estes sitios, tao sujas como os porcos que se espojam nos montes de residuos e nos charcos. Em resumo, todo este local oferece um espectaculo tao repugnante como os piores bairros das margens do Irk. A populagao que vive nestas casas arruinadas, por detras destas janelas quebradas nas quais foi colocado papel oleoso, e destas portas fendidas com os caixilhos podres, e ate nas caves humidas e sombrias, no meio desta suji-dade e deste cheiro inqualificaveis, nesta atmosfera que parece intencionalmente fechada, na verdade deve situar-se no escalao mais baixo da sociedade. Tal e a conclu-sao e a impressao que o aspecto deste bairro, visto do' exterior, impoe ao visitante. Mas, que dizer, ao sabermos^{BB} que em oada uma destas pequenas casas, que, quanto muito, tern duas divisoes e umas aguas--furtadas, por vezes uma cave, abrigam vinte pessoas e que em todo este bairro ha uma unica casa de banho —quase sempre ocupada, claro — para cerca de cento e vinte pessoas e que apesar de todos os sermoes dos medicos, apesar da emogao que se apoderou da poli-cia encarregada da higiene durante a epidemia de colera, quando descobriu o estado da *Pequena Irlanda*, hoje, no ano da graga de 1844, tudo esta quase no mesmo estado

" Dr. Kay: op. cit., * (F. E).

* pp. 35-36.

que em 1831 ? O Dr. Kay relate, que, neste bairro, não são apenas as caves, mas também os próprios res-do-chão que são húmidos; outrora, algumas das caves tinham sido entulhadas, explica ele, mas pouco a pouco desentulharam-nas e agora são habitadas por irlandeses; numa cave, em que o solo ficava abaixo do nível do rio, a água saltava continuamente de um buraco de evacuação obturado com argila, a ponto de, todas as manhãs, o locatário, um tecelão manual, ter de esvaziar a cave e deitar a água para a rua⁰⁶.

Mais a jusante, encontra-se Hulme, na margem esquerda do Medlock, cidade que, para falar com propriedade, não passa de um grande bairro operário cujo estado, em quase todos os aspectos, é semelhante ao do bairro de Ancoats. Os bairros de grande densidade habitacional estão frequentemente em mísero estado e quase sempre em ruínas; os bairros com população menos densa e de construção menos recente são mais arejados, mas também frequentemente atolados de lama. Em geral, as casas são húmidas e providas de uma rua das traseiras e habitações nas caves. Na outra margem do Medlock, em Manchester propriamente dita, existe um segundo grande bairro operário que se estende dos dois lados de Deansgate até ao bairro comercial e que, em certos sítios, não fica em nada atrás da cidade velha. Principalmente junto do bairro comercial entre Bridge Street e Quay Street, Princess Street e Peter Street, o amontoamento das casas ultrapassa nalguns sítios o dos mais estreitos patios da cidade velha. Encontramos aí compridas vielas, entre as quais há patios com cantos e recantos, e passa-gens cujas entradas e saídas estão arranjadas com tão pouco método que, em semelhante dedalo, entramos a cada passo num beco sem saída ou enganamo-nos na saída, se não conhecemos a fundo cada passagem e cada patio. É nestes locais exíguos, arruinados e sujos, que habita, segundo o Dr. Kay, a classe mais amoral de toda a Manchester, cuja profissão é o roubo ou a prostituição, e que segundo parece, ainda hoje existe. Quando a polícia de higiene aqui fez uma rusga, em 1831, descobriu uma insalubridade tão grande como nas margens do Irk ou na *Pequena Irlanda* (posso testemunhar que ainda hoje está na mesma) e entre outras coisas, uma única retrete

⁰⁶ O próprio Dr. Kay inspira-se aqui num relato sobre o estado sanitário da cidade feito pela municipalidade de Manchester em 1831.

para 380 pessoas na Parliament St., e outra para trinta Q&iav com grande densidade populacional na Parliament Passage.

Quando vamos a Salford, ao atravessar o Irwell encontramos, numa península formada por este rio, uma cidade com oitenta mil habitantes que, para falar verdade, não passa de um grande bairro operário atravessado por uma única e larga rua. Salford, outrora mais importante que Manchester, era nessa época o principal centro do distrito que a rodeia e que tem ainda o seu nome: Salford Hundred. E por isso que também aqui há um bairro bastante velho, e por conseguinte muito insalubre, sujo e arruinado, em frente da velha igreja de Manchester, e que está em tão mau estado como a cidade velha, na outra margem do Irwell. Um pouco mais afastado do rio estende-se um bairro mais recente, mas que também data de há mais de 40 anos e por isso é razoavelmente decrepito. Toda Salford foi construída em patios ou ruelas tão estreitos que me lembraram os becos mais estreitos que conheci, em Génova. Deste ponto de vista, a maneira como Salford está construída ainda é bem pior que a de Manchester, e o mesmo se pode dizer a respeito de limpeza. Se em Manchester a polícia ia pelo menos de tempos a tempos — uma vez de seis ou de dez em dez anos — aos bairros operários, para encerrar os piores alojamentos e limpar os cantos mais sujos destes estabulos de Augias, parece nunca ter feito nada em Salford. Decerto que as estreitas ruelas transversais e os patios de Chapel Street, Greengate e Gravel Lane nunca foram limpos desde que foram construídos; actualmente a via férrea de Liverpool atravessa estes bairros num alto viaduto e fez desaparecer muitos dos mais sujos recantos, mas o que é que isso altera? Ao passar no viaduto, ainda podemos ver daqui de cima bastante sujidade e miséria, e se nos dermos ao trabalho de percorrer estas ruelas, de dar uma vista de olhos a estas portas e janelas abertas, as ovelhas e as casas, verificamos a cada momento que os operários de Salford vivem em alojamentos nos quais qualquer limpeza ou conforto é impossível. Passa-se o mesmo nos bairros mais afastados de Salford, em Islington, perto de Regent Road, e por trás do caminho de ferro de Bolton. Nos alojamentos operários entre Oldfield Road e Cross Lane, ou nalguns de Hope Street, encontramos um grande número de patios e ruelas num estado dos mais deploráveis, rivalizando em sujidade e densidade de população com a cidade velha

OH

de Manchester. Aqui encontrei um homem que parecia ter sessenta anos e vivia num. estabulo. Tinha construido neste buraco quadrado, sem janelas, sem soalho nem chao pavimentado, uma especie de diamine; tinha ins-talado ai uma tarimba e ai habitava, se bem que a chuva penetrasse atraves do teeto arruinado. O homem, dema-siado idoso e fraco para suportar um trabalho regular, ganhava a alimentagao a transportar estrume e outras coisas no seu carrinho de mao; um mar de esterco quase atingia o seu estabulo.

Eis os diferentes bairros operarios de Manchester, tais como eu proprio tive occasiao de os observar durante vinte meses. Para resumir o resultado dos nossos pas-seios atraves destas localidades, diremos que a quase totalidade dos 350 mil operarios de Manchester e dos seus arredores ha'bita em casas em mau estado, humidas e sujas; que as ruas por onde tern de passar estao na maior parte das vezes no mais deploravel estado e extre-mamente sujas e que foram construidas sem o menor cuidado de arejamento, com a unica preocupagao do maior lucro possivel para o construtor. Numa palavra, nos alojamentos operarios de Manchester nao ha lim-peza nem conforto, e portanto nao ha vida familiar possivel; so uma raga desumanizada, degradada, rebaixada a um nivel bestial, tanto do ponto de vista intelectual como moral, fisicamente morbida, se pode sentir ai a vontade e em casa. E nao sou o unico a afirma-lo. Vimos que o Dr. Kay fornece uma descriçao perfeitamente ana-loga e, alem disso, ainda vou citar as palavras dum liberal, dum homem cuja autoridade e reconhecida e apreciada pelos industrials, adversario fanatico de qualquer movimento independente, N. Senior

57.

Ao visitar os alojamentos dos operarios das fabricas na Cidade Irlandesa, em Ancoats e na Pequena Manda, a minha unica surpresa foi ser possivel que alguem se conserve com razoavel satide em tais habitagoes. Estas cidades — porque sao cidades pela sua extensao e pela sua populagao — foram edificadas com desprezo total por todos os principios, excepto o lucro imediato dos especuladores encarregados da construgao. Um car-pin teiro e um pedreiro associam-se para comprar (quer

¹⁷ NASSAU W. SENIOR: Letters on **the** factory Act to the Et. Hon. President of the Board of Trade (Cartas sobre a lei das fabricas dirigidas ao muito honoravel Presidente do Gabinete do Comgreio), Chas. Poulett Thomson, Esq., Londres, 1837, p. 24 (P.E.).

dizer, para alugar durante um certo numero de anos) uma serie de locais para construgao e para os cobrirem de pretensas casas. Num. sitio, encontramos uma rua inteira que seguia o curso de um fosso, para terem assim as caves mais profundas sera as despesas de esca-vaggiio, caves que nao se destinavam a servir de arrecada-gao ou armazem mas sim de habitagao para homens. Ncm uma unica destas casas escapou a colera. E, em geral, as ruas destes arredores nao sao pavimentadas, tern um monte de estrume ou um charco no meio, as casas estao encostadas umas as outras, sem arejamento nem drenagem no chao, e familias inteiras veem-se obrigadas a viver no recanto duma cave ou duma mansarda.

Ja mencionei atras a actividade invulgar que a policia sanitaria dispendeu por altura da epidemia de colera em Manchester. Com efeito, quando esta epidemia se começou a aproximar, apoderou-se da burguesia desta cidade um medo generalizado. De repente lembraram-se das habitagoes insalubres dos pobres, e tremeram com a certeza de que cada um destes bairros miseraveis ia constituir um foco de epidemia, a partir do qual esta estenderia as suas razias em todos os sentidos ipara as residencias da classe exploradora. Designaram uma comissao de higiene para investigar estes bairros e remeter ao Conselho Municipal um relatorio exacto sobre a sua situagao⁵⁸. O Dr. Kay, ele proprio membro da comissao, que visitou especialmente cada distrito de policia, com excepcao do decimo primeiro, fornece-nos alguns extractos do seu relatorio. Ao todo foram inspeccionadas 6 951 casas, naturalmente *apenas* em Manchester, com exclusao de Salf ord e outros arredores; 6 565 tinham necessidade urgente de serem caídas interiormente, em 960 tinham sido negligenciadas as necessarias reparagoes (*were out of repair*), 939 eram desprovidas de instalagoes de escoamento suficientes, 1435 eram humidas, 452 mal arejadas, 2 221 desprovidas de retrete. Das 687 ruas inspeccionadas, 248 nao estavam pavimentadas, 53 so o estavam parcialmente, 112 mal arejadas, 352 continham charcos estagnados, montes de lixo, detritos e outros dejectos^M. E evidente que era praticamente impossivel limpar estes estabulos de Augias antes de chegar a colera. Foi por

^m Comissao designada em Novembro de 1831, cujas conclusoes confirmaram, no essencial, as do relatorio da policia.

ⁿ Bngels parece ter utilizado simultaneamente para esta passagem as obras de Kay, p. 31, GASKELL: op. cit., p. 134 e A. SLANEY: State of Poorer Classes in Great Tows, 1840, p. 18.

isso que se contentaram em limpar alguns dos piores recantos e deixaram o resto como estava. Diga-se de passagem que alguns meses mais tarde os locais limpos já estavam no mesmo estado de sordidez, como o prova a *Pequena Irlanda*. Quanto ao interior destes alojamentos, a mesma comissão diz deles pouco mais ou menos o que já sabemos de Londres, Edimburgo e outras cidades.

Frequentemente, todos os membros de uma família irlandesa estão amontoados numa única cama; frequentemente é um monte de palha seca e de cobertores feitos com velhos sacos que os cobre a todos numa confusa amalgama de seres, que a necessidade, o embrutecimento e o desemprego rebaixam do mesmo modo. Os inspectores encontraram muitas vezes 2 famílias numa casa de duas divisões. Uma delas servia de quarto de dormir para todos, a outra era a casa de jantar e a cozinha em comum. Frequentemente mais do que uma família habitava numa cave húmida onde doze ou dezasseis pessoas estavam amontoadas numa atmosfera pestilenta. A esta e outras fontes de doença juntava-se o facto de se criarem aí porcos, além de se encontrarem outros aspectos da mais revoltante natureza⁶⁰.

Falta acrescentar que numerosas famílias, elas próprias só possuindo uma divisão, recebem aí pensionistas e hóspedes de noite a troco de uma remuneração; que, para além disso, é frequente pensionistas dos dois sexos deitarem-se na mesma cama de casal; que, por exemplo, segundo o *Relatório sobre o Estado Sanitário da Classe Operária*⁶¹ foi constatado pelo menos seis vezes em Manchester o caso de um homem, da mulher e da cunhada adulta que dormiam na mesma cama. Os dormitórios também são muito numerosos aqui; o Dr. Kay fixa-lhes o número em 207 na própria Manchester, em 1831, e desde então devem ter aumentado sensivelmente. Cada um alberga vinte ou trinta hóspedes, num total geral de cinco a seis mil pessoas todas as noites. O carácter destas casas e dos seus clientes é igual ao das outras cidades. Cinco a sete colchoes estão deitados no chão em cada quarto, sem camas, e instalam-se aí tantas pessoas quantas houver, todas a mistura. Escusado será dizer que ambiente físico e moral reina nestes antros de vício. Cada uma destas casas é um centro de crime e teatro

⁶⁰ KAY: op. cit., p. 32 (F. E.).
⁶¹ Testemunho de JAMES RIDDEL WOOD, pp. 124-125.

do actos que revoltam a humanidade e que nunca teriam sido perpetrados sem esta centralizagao imposta de imoralidade. Segundo Gaskell⁶², o numero de individuos que vivem em caves na propria cidade de Manchester e de 20 000. O "Weekly Dispatch" indica «segundo relatorios oficiais» o numero de 12 % da classe operaria, o que parece corresponder a este numero; sendo o numero de trabalhadores, por alto, 175 000, 12 % sao 21 000⁶³. Nos arredores as habitagoes em caves sao pelo menos igualmente numerosas e assim o numero de pessoas que vivem em caves no aglomerado de Manchester eleva-se pelo menos a 40 ou 50 000. Eis o que se pode dizer dos alojamentos operarios nas grandes cidades. A maneira como e satisfeita a necessidade de abrigo e um criterio para a maneira como o sao todas as outras necessidades. E facil concluir que so uma populagao esfarrapada, mal alimentada, pode morar nestes sujos covis. E, na realidade, e o que acontece. As roupas dos operarios, na maior parte dos casos, estao em muito mau estado. Os tecidos utilizados para o seu fabrico ja nao sao os mais apropriados; a tela e a la quase que desapareceram do guarda-roupa dos dois sexos, sendo substituidas pelo algodao. As camisas sao em pano de algodao, branco ou colorido; do mesmo modo, as roupas das mulheres sao de chita indiana e raramente

⁶² P. GASKELL: The Manufacturing Population of England, its Moral, Social and Physical Condition, and the Changes which have arising from the Use of Steam Machinery; with an Examination of Infant Labour. Fiat Justitia. (A Populagao dos Operarios de Fabricas em Inglaterra, o seu Estado Moral, Social e Fisico e as Mudangas Causadas pela Utilizagao de Maquinas a Vapor. Com um Inquerito sobre o Trabalho das Criangas. Seja feita Justiga) 1833. Descreve principalmente a situagao dos operarios do Lancashire. O autor e um liberal, mas escrevia numa epoca em que o liberalismo ainda nao implicava louvar a felicidade dos operarios. E por isso que ainda nã tern ideias preconcebidas e ainda tem o direito de ver os males do regime vigente, em particular os do sistema industrial. Em contrapartida, tambem escreve antecipando-se ao Factories Inquiry Commission (Comissao de Inquerito sobre as Fabricas) e retira de fontes duvidosas muitas afirmagoes ulteriormente refutadas pelo relatorio da Comissao. A obra, embora boa no seu conjunto, deve por conseguinte — e tambem porque, tal como Kay, o autor confunde a classe operaria em geral com a classe operaria das fabricas — ser utilizada com precaugao em questoes de pormenor. A historia da evolugao do proletariado que vimos na introducao e, em grande parte, retirada desta obra (F. E.).
⁶³ Weekly Dispatch, n.º 2219 de 5 de Maio de 1844. Um relatorio oficial de 1838 e SLANEY: op. cit. p. 19, dao-nos o mesmo numero.

se ve" secar roupa interior de la. Os homens usam na maior parte das vezes calgas de veludo ou de qualquer outro pesado tecido de algodao e casacos e fatos do mesmo pano. O fato de veludo de algodao (*fustian*) tornou-se mesmo o fato tipico dos operarios; *fustian-jackets* e assim que se ouve chamar aos operarios, e assim que estes se chamam a si proprios por oposicao aos Senhores vestidos de la, (*broad-cloth*), expressao tambem utilizada para designar a classe media. Quando Feargus O'Connor, o chefe dos Cartistas, veio a Manchester durante a insurreigao de 1842⁶⁴, apareceu com um fato de veludo de algodao perante os aplausos arrebatados dos operarios. Em Inglaterra, o uso dos chapheus esta generalizado, mesmo entre os operarios; tern as mais diversas formas: redondos, conicos ou cilindricos, com abas largas, estreitas ou sem abas. Nas cidades industriais so os jovens usam bones. Quern nao tern chapheu, fabrica um gorro baixo e qua-drado, de papel.

Todas as roupas dos operarios, mesmo supondo que estejam em bom estado, sao muito pouco adaptadas ao clima. O ar humido de Inglaterra que, mais do que qualquer outro, provoca resfriamentos, obriga quase toda a classe media a trazer por cima da pele roupa de flanela, sendo generalizado o uso de cachecois e camisas de flanela. A classe operaria nao so desconhece esta precaucao, como tambem quase nunca tern possibilidades de arranjar roupa de la. Ora, os pesados tecidos de algodao mais espessos, mais rigidos e mais densos que as fazendas de la, protegem apesar de tudo muito menos do frio e da humidade. A espessura e a natureza do tecido fazem com que elas conservem muito tempo a humidade e, ao fim e ao cabo, nao tem a impermeabilidade da la pisoada. E quando um dia o operario pode adquirir um fato de pano para o Domingo, tem de ir as lojas mais baratas onde lhe fornecem um mau tecido chamado *devil's dust*⁶⁵ que «so e feito para ser vendido e nao para ser usado» e que se rasga ou gasta ao fim de quinze dias. Ou entao tem de comprar em segunda mao um velho fato meio cogado, que ja deu o que tinha a dar e que so lhe dura algumas

⁶⁴ Em Agosto de 1842, os operarios ingleses tentaram desen-cadear uma greve geral em varias regioes industriais (principal-mente Lancashire e Yorkshire). Nalgumas cidades produziram-se no decurso da greve recontros violentos entre grevistas e tropas ou forgas da policia.

⁶⁵ «Poeira do diabo»: Tecido a base de fibras de la de ma qualidade.

semanas. Devemos ainda referir o mau estado do guarda-roupa da maior parte das pessoas e, de tempos a tempos, a necessidade em que se veem de por as suas melhores roupas numa casa de penhores. Contudo, para um grande numero, principalmente de ascendencia irlandesa, as roupas sao verdadeiros farrapos, muitas vezes impossiveis de remendar ou cuja cor original e impossivel de reco-nhecer, tantas vezes foram remendadas. Contudo, os ingleses, ou os anglo-irlandeses, continuam a remenda-las e tornaram-se mestres nesta arte; la ou tela sobre veludo de algodao ou vice-versa, pouco lhes importa; quanto aos autenticos emigrantes irlandeses, quase nunca remendam, salvo em caso de extrema necessidade, quando as roupas ameagam esfarrapar-se; e vulgar ve-los com bocados de camisa que passam atraves dos rasgoes do casaco ou das calgas; trazem, como diz Thomas Carlyle⁶⁶:

Um fato de farrapos: vesti-lo ou despi-lo represents uma das operacoes mais delicadas a qual só se procede nos dias de festa e em momentos particularmente favoraveis.

Os irlandeses tambem importaram o habito, outrora desconhecido dos ingleses, de andarem descalgos. Actual-mente vemos em todas as cidades industriais um grande numero de pessoas, sobretudo criangas e mulheres, que circulam descalgos e pouco a pouco este habito tambem se propagou aos ingleses pobres.

O que e verdade para as roupas, tambem o e para a alimentagao. Aos trabalhadores cabe o que a classe pos-suidora acha excessivamente mau. Nas grandes cidades inglesas pode-se ter tudo e da melhor qualidade, mas isso sai muito caro; o trabalhador que precisa de se alojar e alimentar com uns escassos escudos, nao pode gastar tanto. Alem disso, na maior parte dos casos, ele so e pago ao sabado a noite; passaram a pagar a sexta-feira; mas esta excelente iniciativa ainda nao esta, generalizada e e por isso que so chega ao mercado ao sabado a tarde as cinco ou mesmo sete horas, enquanto que a classe media ja recolheu o que havia de melhor. De manha, o mercado regurgita com as melhores coisas, mas quando os operarios chegam o melhor acabou, e mesmo que

"« Thomaa CARLYLE: **Chariism, Londres, 1839, p. 28.**

tivesse sobrado, não o poderiam comprar. Frequentemente, as batatas que os operários compram são de má qualidade, os legumes estão murchos, o queijo velho é medíocre, o toucinho rancoso, a carne magra, velha, dura, proveniente muitas vezes de animais doentes ou cansados, e mesmo meia podre. Frequentemente, os vendedores são pequenos retalhistas que compram mercadorias ordinárias em quantidade e as revendem muito baratas precisamente devido à sua má qualidade. Os trabalhadores mais pobres têm que se desembaragar de outro modo para se safarem com o seu pouco dinheiro, mesmo quando os artigos que compram são da pior qualidade. Com efeito, como à meia-noite de sábado as lojas têm de fechar e nada pode ser vendido ao domingo, os restos que se estragariam se tivessem de esperar até segunda de manhã são liquidados a preços ridículos entre as dez e a meia-noite. Mas nove décimos do que não foi vendido até as dez horas já não é comestível no domingo de manhã, são precisamente estes restos que constituem a ementa dominical da classe mais miserável. A carne que é vendida aos operários é frequentemente intragável mas, posto que a compraram, têm de a comer.

A 6 de Janeiro de 1844⁶⁷ (senão me engano), houve uma sessão do tribunal de comércio de Manchester no decurso da qual foram condenados onze carneiros por terem vendido carne imprópria para consumo. Cada um deles possuía ainda um boi ou um porco inteiros, ou vários carneiros ou ainda vinte ou vinte e cinco quilos de carne que foram apreendidas, tudo no mesmo estado. Em casa de um deles foram confiscados 64 gansos de Natal recheados, que não tinham sido vendidos em Liverpool, tinham sido transportados para Manchester, onde chegaram ao mercado estragados e a cheirar mal.

Esta história apareceu na altura no *Manchester Guardian*⁶⁸ com os nomes e o montante da multa. Durante as seis semanas do 1.º de Julho ao 14 de Agosto, o mesmo jornal relata três casos semelhantes. Segundo o número de 3 de Julho, foi confiscado em Heswood um porco de

⁶⁷ Na realidade, o processo é relatado no número de 10 de Maio de 1843 do *Manchester Guardian*, cf. igualmente *The Court Leet Records of the Manor of Manchester*, vol. 12 (1832-1846), pp. 191-223.

⁶⁸ O *Manchester Guardian*, que se publica em Manchester desde 1821, foi primeiro o órgão dos comerciantes livres e mais tarde tornou-se o jornal do partido liberal.

200 libras morto e estragado, que tinha sido esquartejado num talho e posto a venda; segundo o de 31, dois carneiros de Wigon, dos quais um já tinha sido acusado pelo mesmo delito anteriormente, foram condenados a duas e quatro libras esterlinas de multa por terem posto a venda carne impropria para consumo e, segundo o numero de 10 de Agosto, foram apreendidos numa mercearia de Bolton vinte e seis presuntos intragaveis, que foram queimados publicamente; o comerciante foi condenado a uma multa de 20 xelins. Mas isto nao nos da conta de todos os casos, e nem sequer representa para estas seis semanas uma media segundo a qual pudessemos calcular uma percentagem anual. Acontece frequentemente que cada numero do *Guardian*, que aparece duas vezes por semana, relata um facto analogo em Manchester ou no distrito industrial vizinho. E quando pensamos no numero de casos que devem ter lugar nos vastos mercados que ladeiam as compridas ruas e que devem escapar as raras incursoes dos inspectores dos mercados — doutra maneira como se explicaria o descaramento com que estas pegas inteiras de gado sao postas a venda? — quando pensamos como deve ser grande a tentacao, dado o montante incompreensivelmente baixo das multas, quando pensamos em que estado deve estar um bocado de carne para que seja declarado completamente improprio para o consumo e confiscada pelos inspectores—e impossivel acreditar que, em geral, os operarios possam comprar uma carne sa e nutritiva. Contudo, eles ainda sao vigarizados de outra maneira pela cupidez da classe media. Os merceeiros e os fabricantes falsificam todos os generos alimenticios de uma maneira insuportavel, com complete desprezo pela saude dos que os devem consumir. Mais acima demos a palavra ao *Manchester Guardian*, escutemos agora outro orgao da classe media (gosto de me servir do testemunho dos meus adversarios), os jornal *Liverpool Mercury*⁶⁹:

Vendem manteiga salgada em vez de manteiga fresca, quer untando os monticulos de manteiga fresca, quer colocando no eimo da montra meio quilo de manteiga fresca, para provar, e vendendo por baixo desta amostra quilos de manteiga salgada, quer retirando o sal pela lavagem e vendendo em seguida a manteiga como se

⁶⁹ *Liverpool Mercury*, 9 de Fevereiro de 1844, p. 46. Engels nao cita com muita exactidao. Resume e traduz o conteudo do artigo, nem sempre a letra.

fosse fresca. Misturam ao aquear arroz pulverizado on outros generos baratos que vendem a preqoa altos. Os residuos das fabricas de sabao tambem sao mlsturudos com outras mercadorias e vendidos como ogticur. Mlti turam chicoria ou outros produtos baratos ao cal(5 moldo; chegam mesmo a mistura-los ao ca£6 em grao, dando a mistura a forma de grao de cafe. Frequente-mente misturam ao cacau terra escura e fina, que esta envolvida em banha de carneiro, para mais facil-mente se misturar com o verdadeiro cacau. Juntam ao cha folhas de ameixoeira e outros restos, ou entfto secam folhas de cha que ja serviram, tostando-as sobre placas de cobre muito quentes para que retomem a cor, e vendem-nas como cha fresco. A pimenta 6 falsificada por meio de cascas em po, etc.... O vinho do Porto e literalmente falsificado (a partir de coran-tes, alcool, etc.), porque e notorio que se bebe mais em Inglaterra do que todo o que e produzido em Portugal; o tabaco e misturado com materias repugnantes de toda a especie, seja qual for a forma como este produto e posto a venda.

Posso acrescentar que, devido a falsificagao geral do tabaco, varios fornecedores de Manchester, entre os mais considerados, declararam publicamente no ano passado que dadas estas falsificagoes generalizadas nenhuma firma se poderia manter sem elas e que nenhum cigarro, cujo prego seja inferior a tres pence, contem tabaco puro ⁷⁰. Claro que nao se limitam as fraudes com produtos alimentares e poderia citar mais uma duzia delas, entre outras a pratica infame que consiste em misturar giz ou gesso a farinha⁷¹. Fazem-se fraudes com todos os artigos, esticam a flanela, as meias, etc.... para as faze-rem parecer maiores e elas encolhem com a primeira lavagem; um corte de fazenda estreita e vendido por um corte de mais polegada e meia ou tres polegadas ⁷², a louga esta coberta com um esmalte tao delgado, que praticamente nao e esmaltada e estala facilmente, e mais cem ignominias, *tout domme chez nous* ⁷². Mas os princi-

¹⁰ Os jornais da epoca apontam casos muito frequentes de intervengao dos servigos alfandegarios contra estes falsificadores, o que prova a importancia da fraude, cf. Manchester Guardian, It de Fevereiro, 27 de Abril 1844, Liverpool Mercury, 6, 22 de Setembro de 1844.

⁷⁰ Overpool Mercury, 12 de Julho, 19 de Julho, e 2 de Agosto de 1844.

⁷² A polegada equivale a 2,54 cm, a fraude e pois de quatro a oito centimetros de largura do retalho.

⁷¹ (Tal como entre n6s). Em francos no texto.

pais prejudicados com estes logros são os trabalhadores. O rico, esse não é enganado, porque pode pagar os altos preços dos ricos armazéns que devem zelar pelo seu bom nome e que se prejudicariam principalmente a si próprios se vendessem mercadoria de baixa qualidade ou adulterada: o rico, estragado pela boa comida, descobre mais facilmente a fraude graças à finura do seu paladar. Todos os géneros falsificados ou até envenenados estão destinados ao pobre, ao operário, para quem alguns tostões já representam muito, que tem de comprar muitas coisas com pouco dinheiro, que não tem nem o direito nem a possibilidade de reparar na qualidade, porque nunca teve oportunidade de afinar o paladar. Tem de ir às mercearias que, em virtude do seu pequeno capital e das suas despesas gerais bastante importantes, nem sequer podem vender tão barato e com a mesma qualidade que os retalhistas mais importantes e são obrigados a fornecerem, conscientemente ou não, géneros adulterados por causa dos preços baixos que lhes pedem e da concorrência dos outros. Por outro lado, se para um grande retalhista, que tem muito capital envolvido no negócio, a descoberta de uma fraude significa a ruína porque lhe faz perder todo o crédito, que importa a um pequeno merceiro, que fornece uma única rua, ser acusado de fraude! Se não confiam nele em Ancoats, vai-se embora para Ohorlton ou Hulme, onde ninguém conhece e recomeça a fazer fraudes; só estão previstas penas legais para um número restrito de fraudes, excepto se forem acompanhadas por fraudes fiscais. Mas não é só na qualidade mas também na quantidade que o trabalhador inglês é enganado. Na maior parte dos casos, os pequenos merceiros têm falsas medidas e falsos pesos, e todos os dias podemos ler nos relatórios da polícia um número inacreditável de contravenções por delitos deste género. A que ponto as fraudes deste tipo estão generalizadas nos bairros das fábricas, e o que se vê, por alguns extractos do *Manchester Guardian*. Refe-rem-se apenas um curto lapso de tempo, e mesmo para este período não possuem todos os números:

Guardian de 16 de Junho de 1844. Sesses do tribunal de Rochdale — quatro merceiros são multados de cinco a dez xelins por uso de pesos demasiado leves. Sesses de Stockport: dois merceiros condenados a uma multa de um xelim: um deles tinha sete pesos demasiado leves e um prato da balança falsificado, e já ambos tinham sido advertidos.

Guardian, 19 de Junho, sessoes de Rochdale: um merceeiro condenado a uma multa de cinco xelins, e dois camponeses condenados a pagar dez xelins.

Guardian, 22 de Junho — Justice da Paz de Manchester: dezanove merceeiros sao punidos com multas de dois xelins e meio a duas libras.

Guardian, 26 de Junho— Sessao do tribunal de Ashton: 14 merceeiros e camponeses punidos com dois xelins e meio a uma libra esterlina de multa. Sessao do tribunal de Hyde: nove camponeses e merceeiros condenados a cinco xelins de multa.

Guardian, 6 de Julho — Manchester: 16 merceeiros condenados ao pagamento de custas e multas inferiores a dez xelins.

Guardian, 13 de Julho — Manchester: nove merceeiros punidos com multas de dois e meio a vinte xelins.

Guardian, 24 de Julho — Rochdale: quatro merceeiros punidos com multas de dez a vinte xelins.

Guardian, 17 de Julho — Bolton: doze merceeiros e hoteleiros condenados ao pagamento das custas.

Guardian, 3 de Agosto — Bolton: tres merceeiros e hoteleiros multados com dois e meio a cinco xelins.

Guardian, 10 de Agosto — Bolton: um merceeiro--hoteleiro condenado a cinco xelins de multa.

E as mesmas razoes pelas quais os operarios sao as principais vitimas das fraudes na qualidade explicam que tambem o sejam das fraudes na quantidade.

A alimentagao habitual do trabalhador industrial varia, evidentemente, segundo o salario. Os mais bem pagos, principalmente os operarios em que cada mem-bro da familia esta apto a ganhar alguma coisa, tem, enquanto esta situagao se mantiver, uma boa alimentagao, carne todos os dias e, a noite, toucinho e queijo. Mas nas familias que ganham menos, so ha carne ao domingo ou duas ou tres vezes por semana e, em contra-partida, ha mais batatas e mais pao: se descermos gra-dualmente na escala verificamos que a alimentagao de origem animal se reduz a alguns bocados de toucinho, mis-turados com batatas; ainda mais abaixo, ate o toucinho desaparece, so fica o queijo, o pao, a farinha de aveia (*porridge*) e as batatas, ate ao ultimo grau, entre os irlandeses, cujo unico alimento sao as batatas. Em geral, com estes alimentos bebe-se um cha ligeiro, por vezes com um pouco de agucar, leite, ou aguardente. O cha, na Inglaterra, e mesmo na Irlanda, passa por ser uma bebida tao necessaria e indispensavel como o cafe entre nos, e

as eaaas em que nem cha se bebe, sao sempre o reino da mais negra miseria. Mas isto so e verdade se o trabalha-dor tem trabalho. Se nao o tern, fica eompletamente a merce da sorte, e come o que lne dao, o que mendiga, ou o que rouba. E se nao tem nada morre muito sim-plesmente de fome, como ja disse anteriormente. E facil de ver que tanto a quantidade como a qualidade da comida dependem do salario, e que, mesmo em periodo de pleno trabalho), a fome reina entre os trabalhadores mais mal pagos, sobretudo quando, para alem disso, tem pesados encargos de f familia. Ora o numero destes trabalhadores mal pagos e muito grande. Principalmente em Londres, onde a eoncorrencia entre operarios cresce na proporgao directa da populagao, esta categoria e muito numerosa, mas tambem a encontramos em todas as outras cidades. For isso recorre-se ai a todos os expedientes: comem-se, a falta de melhor alimento, as cascas das batatas, residues de legumes, vegetais apodrecidos⁷⁴, e apa-nha-se ainda tudo o que possa conter um atomo que seja de produto comestivel. E, quando o salario semanal se acaba antes do fim de semana, acontece frequente-mente que a familia, durante os ultimos dias, ja nao tenha nada para comer ou tenha a justa para nao mor-rer de fome. Evidentemente que semelhante modo de vida nao pode deixar de originar numerosas doengas. Quando estas surgem, quando o homem, cujo trabalho sustenta a familia e cuja actividade penosa exige mais alimentagao — e por conseguinte sucumbe primeiro — quando esse homem adoce, e entao que começa a grande miseria, e so entaoi que, de maneira espantosa, se mani-festa a brutalidade com que a sociedade abandona os seus membros, precisamente quando eles mais precisam da sua ajuda.

Para concluir, resumamos de novo os factos citados. As grandes cidades sao habitadas principalmente por operarios, visto que, na melhor das hipoteses, ha um burgues para dois, por vezes tres e nalguns sitios para quatro operarios; estes operarios nada possuem e vivem

⁷⁴ Weekly Dispatch, Abril ou Maio de 1844 *, segundo um relatório do Dr. Southwood Smith ** sobre a situagao dos indigentes em Londres (F. E.).

* Trata-se possivelmente do exemplar de 5 de Maio (cf. tambem, aeerca deste relatório, *Northern Star*, 24 de Fevereiro).

** O Dr. Southwood Smith era uma autoridade reconhecida nestas questoes. Fez varios relatorios em 1838, 39 e 40 sobre o estado sanitario dos bairros pobres de Londres, durante as comiss6es oficiais. (Cf. R. A. LEWIS: *Edwin Chadwick and the Public Health Movement 1832-1854*, 1954, pp. 394-395).

do seu salario que na maior parte das vezes s6 permite subsistir no dia-a-dia. A sociedade, individualizada ao maximo<, nao se preocupa com eles, e deixa-lhes o cuidado de proverem as suas necessidades e da familia; contudo, nao lhes fornece os meios de o fazerem de forma eficaz e duradoura. Qualquer operario, mesmo o melhor, esta, pois constantemente exposto as privagoes, quer dizer, a morrer de fome, e um bom numero sucumbe. Regra geral, as casas dos trabalhadores estao mal implantadas, mal cons-truidas, mal conservadas, mal arejadas, humidas e insa-lubres; nelas, os habitantes estao confinados a um espago minimo e, na maior parte dos casos, *numa* divisao dorme pelo menos *uma* familia inteira. O arranjo interior das casas e miseravel; chega-se num certo grau a ausencia total dos moveis mais indispensaveis. As roupas dos tra-balhadores tambem sao, regra geral, mediocres e estao frequentemente esfarrapadas. A comida e geralmente ma, muitas vezes impropria para consumo, em muitos casos, pelo menos em certos periodos, insuficiente e, no extremo, ha pessoas que morrem de fome. A classe operaria das grandes cidades apresenta-nos pois um leque de modos de vida diferentes. No melhor dos casos, uma existencia momentanea suportavel: para um trabalho duro, bom alojamento e comida menos ma (do ponto de vista do operario, evidentemente, tudo isto e bom e suportavel); no pior dos casos, uma miseria cruel pode ir ate a ausencia do fogo e casa e a morte pela fome; mas a media esta muita> mais proxima do pior do que do melhor dos casos. E nao julgemos que esta gama de operarios se limita a categorias fixas que nos permitiriam dizer: esta fracgao da classe operaria vive bem, aquela mal, sempre foi e sera assim. Pelo contrario, se por vezes isso acontece, se certos sectores isolados ainda gozam de certa vantagem sobre outros, a situagao dos operarios em cada ramo e tao instavel, que qualquer trabalhador pode ter de per-correr todos os degraus da escala, do relativo conforto a extrema necessidade, e ate correr o perigo de morrer de fome; de resto, quase nao ha operario ingles que nao tenha muito que dizer sobre os consideraveis revezes da fortuna. Sao as causas desta situagao que agora iremos examinar mais de perto.

-

A CONCORRENCIA

Vimos na introdução como, desde os começos da revolução industrial, a concorrência deu origem ao proletariado, fazendo subir o salário do tecelão em consequência do aumento da procura de tecidos que incitava os camponeses tecelões a abandonarem a cultura dos campos para ganharem mais tecendo. Vimos como a introdução da cultura em larga escala despoijou os pequenos camponeses, os reduziu ao estado de proletários e, em seguida, atirou grande parte deles para as cidades; como, por outro lado, arruinou em grande parte os pequenos burgueses e os fez também descer as fileiras proletárias; como centralizou o capital nas mãos de um reduzido número de pessoas e juntou a população nas grandes cidades. Eis as diferentes vias e as diferentes maneiras pelas quais a concorrência — depois de se ter manifestado plenamente na indústria moderna e depois de se ter livremente desenvolvido com todas as consequências — fez nascer o proletariado e o desenvolveu. Iremos agora examinar a sua influência sobre o proletariado já existente, mas precisamos primeiro de estudar e explicar a concorrência dos trabalhadores entre si e as suas consequências.

A concorrência é a expressão mais acafoada da guerra de todos contra todos que assola a sociedade burguesa moderna. Esta guerra, guerra pela vida, pela existência, por tudo, e que, dadas as circunstâncias, pode ser uma

guerra de morte, põe em luta não só as diferentes classes da sociedade mas também os diferentes membros dessas classes. Cada qual barra o caminho ao próximo, e é por isso que todos procuram eliminar quem quer que se lhes atrevesse no caminho e lhes tente apanhar o lugar. Os trabalhadores fazem concorrência entre si tal como os burgueses. O tecelão que trabalha com um tear entra em concorrência com o tecelão manual, o tecelão manual desempregado ou mal pago entra em concorrência com o que tem trabalho ou é mais bem pago, e procura afastá-lo do caminho. Ora esta concorrência dos trabalhadores entre si é o que há de pior nas condições de vida actuais do proletariado, e a arma mais afiada da burguesia na sua luta contra o proletariado. Daí que os trabalhadores se esforcem por suprimir esta concorrência associando-se; daí que a burguesia se enraivega contra estas associações e grite triunfalmente cada vez que lhes inflige uma derrota.

O proletariado tem falta de tudo; entregue a si próprio, não pode viver nem um único dia. A burguesia arrogou-se o monopólio de todos os meios de existência no sentido mais lato do termo. Aquilo de que o proletário tem necessidade, só o pode obter através desta burguesia cujo monopólio é protegido pelo poder de Estado. Por isso, o proletariado é, de facto e de direito, escravo da burguesia; esta pode dispor da sua vida e da sua morte. Oferece-lhe os meios para viver, mas só mediante um *equivalente*, em troca do seu trabalho. Chega

ao ponto de lhe dar a ilusão de que age por sua própria vontade, de que estabelece contrato com ela livremente, sem constrangimento, como um ser maior. Bela liberdade, que deixa ao operário como única escolha subscrever as condições que lhe impõe a burguesia, ou morrer de fome, de frio, deitar-se completamente nu e dormir com os animais da floresta. Belo *equivalente* cujo montante e deixado ao arbítrio da burguesia! E se o operário for suficientemente louco para preferir morrer de fome, em vez de se submeter às *justas* propostas dos burgueses, *sens superiores naturals*¹? Pois bem! Em breve se encontrará outro que as aceite; há muitos proletários no mundo e nem todos são suficientemente insensatos para preferirem a morte à vida.

Eis o que é a concorrência dos proletários entre si. Se todos os proletários afirmassem a sua vontade de

¹ Expressão favorita dos industriais ingleses. (F. E).

antes morrer de fome que trabalhar para a burguesia, esta ver-se-ia constrangida a abandonar o seu mono-polio. Mas não é o que se passa; essa possibilidade é praticamente irrealizável e é por isso que a burguesia continua de bom humor. Só há um limite para esta concorrência dos trabalhadores entre si: nenhum deles aceitara trabalhar por um salário inferior ao que exige a sua própria existência. Se tiver que morrer de fome um dia, preferirá morrer sem fazer nada do que a trabalhar. É certo que este limite é muito relativo; uns têm mais necessidade do que outros; uns estão habituados a mais conforto do que outros; o inglês que apesar de tudo é um pouco civilizado tem mais exigências do que o irlandês que anda esfarrapado, come batatas e dorme num chiqueiro de porcos. Mas isso não impede o irlandês de entrar em concorrência com o inglês e de pouco a pouco rebaixar o salário — e, deste modo, o grau de civilização — do operário inglês até ao seu próprio nível. Certos trabalhos necessitam de um certo grau de civilização, e o caso de quase todos os trabalhos industriais; e por isso que, nesse caso, o salário deve, no próprio interesse da burguesia, ser suficientemente alto para permitir que o operário se mantenha nessa esfera. O irlandês, recém-imigrado, abrigado no primeiro estabelecimento que encontrou, e que, mesmo quando vive numa habitação conveniente, é expulso frequentemente porque gasta todo o seu dinheiro na bebida e não pode pagar o aluguer, daria na realidade um mau operário de fábrica. Por isso é preciso dar ao operário das fábricas um salário que lhe permita inculcar nos filhos o hábito de um trabalho regular — mas apenas o necessário para que ele não possa dispensar o salário dos filhos e fazer deles algo mais do que simples operários. E ainda aqui, o limite — o salário mínimo — é relativo. Numa família em que todos trabalham, cada membro precisa de ganhar muito menos e a burguesia aproveitou largamente a ocasião que o trabalho mecânico lhe oferecia para utilizar (> explorar mulheres e crianças com vista a diminuir o salário. É certo que há muitas famílias onde nem todos os membros estão aptos para o trabalho e uma família deste tipo estaria em dificuldades se tivesse de trabalhar a taxa do salário mínimo calculada para uma família em que todos estivessem aptos para o trabalho. E por

- Engels dá a esta expressão um sentido um pouco diferente do que ela hoje tem.

isso que neste caso se estabelece um salario medio, em virtude do qual uma familia em que todos trabalham vive bastante bem, enquanto a que conta com menos membros trabalhadores vive bastante mal. Mas, no pior caso, qual-quer trabalhador, para poder subsistir, preferira sacrificar o pouco luxo e civilizagao a que se tinha habituado. Preferira habitar numa pocilga a estar desabrigado, andar esf ar-rapado a nao ter roupas nenhuma, so comer batatas a morrer de fome. Preferira, enquanto espera por melhores dias, contentar-se com meio salario a sentar-se sem dizer nada na rua e morrer a frente de toda a gente, como ja acon-teceu a mais do que um indigente. Este pouco, este melhor do que nada, e pois o salario minimo. E quando ha trabalhadores que a burguesia pensa que nao interessa ocupar, quando, no fim da luta entre os concorrentes, ainda ha um certo numero deles desempregados, esses precisamente deverao morrer de fome; porque provavel-mente o burgues nao lhes dara trabalho se nao puder vender com lucro os produtos desse trabalho.

Estas indicagoes mostram-nos o que e o salario minimo. O maximo e determinado pela concorrencia dos burgueses entre si — porque vimos que eles tambem entram em concorrencia. O burgues so pode aumentar o capital pelo comercio ou pela industria, e para essas duas actividades precisa de operarios. Mesmo que colo-que o capital a render juros, precisa deles indirectamente, porque sem o comercio e industria ninguem lhe pagaria juros pelo seu dinheiro, visto que ninguem o poderia utilizar. Por isso, o burgues precisa muito do proletario, nao para a sua existencia imediata—poderia viver do seu capital — mas na mesma medida em que se necessita de um artigo de comercio ou de uma besta de carga: para enriquecer. O proletariado fabrica, por conta do burgues, mercadorias que este vende com lucro. Portanto, se a procura destas mercadorias aumenta, a ponto de os trabalhadores, que fazem concorrencia entre si, terem todos trabalho e mesmo a ponto de ainda haver falta de trabalhadores, cessa a concorrencia entre os traba-dores e e a vez dos burgueses fazerem concorrencia entre si. O capitalista a procura de operarios sabe muito bem que o aumento dos pregos devido ao crescimento da procura lhe permite realizar maiores lucros, e prefere pagar um salario um pouco mais elevado do que deixar escapar todo esse lucro. Nao se importa de arriscar um ovo para ganhar um boi, e quando consegue o boi nao se importa de deixar o ovo: para o operario. £ assim que

os capitalistas arranjam operarios e o salario sobe. Mas nunca acima do que o aumento da procura permite. Se o capitalista— que estava disposto a sacrificar uma parte do seu lucre extra — tambem tiver de sacrificar uma fraccao do seu lucre normal, quer dizer, do seu lucre medio, evitara pagar um salario superior ao salario medio.

Gragas a estes dados podemos definir o salario medio. Em condicoes medias de vida, quer dizer, quando nem os capitalistas nem os operarios tem motivos para fazerem concorrencia entre si proprios, quando o numero de operarios disponiveis e *exactamente* aquele que pode ser usado para fabricar as mercadorias pedidas, o salario sera um pouco superior ao minimo. Em quanto o ultrapasa, isso depende das necessidades medias e do nivel de vida dos trabalhadores. Se os trabalhadores estao habituados a consumir carne varias vezes por semana, os capitalistas deverao aceitar pagar aos trabalhadores um salario suficiente para que eles possam comprar tal alimento. Nao poderao pagar menos, pois os trabalhadores nao fazem concorrencia entre si e portanto nao tem razoes para se contentarem com menos; nao paga-rao mais, porque a falta de concorrencia entre capitalistas nao os incita a atrair os trabalhadores as suas fabricas, atraves de vantagens excepcionais.

Esta determinacao das necessidades e do nivel de vida medios dos trabalhadores tornou-se, em virtude da complexidade da situacao actual da industria inglesa, uma coisa muito dificil e que, alem disso, varia muito com as diferentes categorias de operarios, tal como ja referi-mos acima. No entanto, a maior parte dos trabalhos industriais exige uma certa destreza e uma certa regularidade; e como estas por sua vez exigem um certo grau de civilizacao, o salario medio deve ser suficientemente elevado para incitar os operarios a adquirirem essa destreza e a submeterem-se a essa regularidade no trabalho. E por isso que o salario dos operarios de uma fabrica e mais alto do que o de um simples descarregador, jornaleiro, etc., e principalmente bastante mais alto que o dos trabalhadores agricolas, o que tambem (* devido, naturalmente, a carestia dos generos alimenticios nas cidades.

Falando claramente: o trabalhador e, de direito e de facto, o escravo da classe possuidora, da burguesia; a sua escravizacao e tal que chega ao ponto de ser vendido como uma mercadoria e de o seu prego subir e descer tal

como o de uma mercadoria. Se a procura de trabalha-dores aumenta, o seu prego sobe; se diminui, o seu prego baixa. Se baixa ao ponto de haver um certo numero de trabalhadores que ja. nao sao vendaveis e *ficam em stock*, eles sao deixados a si proprios, e como nao ha ocupagao que os faga viver, morrem de fome. Porque, para falar em linguagem de economistas, as somas gas-tas com o seu sustento nao seriam *reproduzidas*, seria deitar o dinheiro pela janela fora e ninguem gosta de desperdigar o seu capital desta maneira. E, nesta medida, a teoria da populagao de Malthus esta perfeitamente certa. A unica diferenca em relagao a antiga escrava-tura, praticada abertamente, esta, em que o trabalhador actual *parece* ser livre, porque nao e vendido definiti-vamente mas pouco a pouco, diariamente, semanalmente, anualmente e porque nao e um proprietario que o vende a outro, mas e ele proprio que e obrigado a vender-se desta maneira; porque nao e escravo de um so proprietario mas de toda a classe possuidora. No fundo, para ele, as coisas nao mudaram nada. E se essa aparencia de liberdade lhe da necessariamente alguma liberdade *real*, tern tambem os inconvenientes de ninguem lhe garan-tir a subsistencia, de poder ser despedido em qualquer altura pelo patroa, a burguesia, e ser condenado a morrer de fome a partir do momento em que ja. nao interesse a burguesia mante-lo em vida. Pelo contrario, a burguesia esta muito mais a vontade assim do que no antigo sis-tema esclavagista; pode despedir as pessoas sempre que quiser, sem perder nada do capital investido, e alem disso obtem um trabalho muito mais em conta do que o que se pode obter de escravos, como reconfortantemente demonstra A. Smith³.

³ «Diz-se que um escravo e utilizado a custa do seu senhor, enquanto que um trabalhador livre e utilizado a sua propria custa. Mas a utilizagao deste ultimo tambem e suportada financeiramente pelo seu senhor. Com efeito, o salario pago aos jornaleiros, servi-dores, etc., de todas as especies deve ser suficientemente alto para permitir ao povo dos jornaleiros e servidores reproduzir-se segundo a procura crescente, estacionaria ou decrescente de individuos deste tipo que a sociedade formula. Mas, se bem que a utilizagao de um trabalhador livre tambem seja a custa do senhor, regra geral ela custa-lhe muito menos do que a de um escravo. O fundo destinado a reparar ou substituir a utilizagao de um escravo habitualmente e gerido por um senhor negligente ou escravo desatento...» A. SMITH: **Wealth of Nations (A riqueza das Nagoes)**, I, 8, p. 133 da edigao de MacCulloch em 4 volumes. (F. E)

"

----- m

m.

Daqui tambem decorre que Adam Smith tern toda a razao quando estabelece o seguinte principio ⁴:

Tal como para qualquer outro artigo, e a procura de trabalhadores que regula a producao dos mesmos, ou seja, a quantidade de seres humanos que nascem, acelerando essa producao quando ela e demasiado lenta, sustentando-a quando e demasiado rapida.

Exactamente como qualquer outro artigo comercial. Se ha poucos, os pregos sobem e neste caso e o salario industrial que sobe; os trabalhadores vivem melhor, os casamentos sao mais numerosos, nascem mais seres humanos, cresce um maior numero de criangas, ate que tenha sido produzido um numero suficiente de trabalhadores; se ha demasiados, os pregos baixam, surge o desemprego, a miseria, as privagoes e, em seguida, as epidemias varrem o *excedente da populacao*. E Malthus, que desenvolve a formula de Smith citada mais acima, tambem tern razao a sua maneira quando afirma que ha sempre uma populacao excedentaria, sempre demasiados individuos a superficie da terra. Esta totalmente errado quando afirma que ha sempre mais homens sobre a terra do que os que as subsistencias disponiveis podem alimentar. Pelo contrario, a populacao excedentaria e engendrada pela concorrencia que os trabalhadores fazem entre si e que constrange cada trabalhador a trabalhar todos os dias tanto quanto as forcas lhe permitem. Se um industrial emprega os operarios nove horas por dia, ele pode, desde que os operarios trabalhem dez horas por dia, limitar-se a empregar nove e o decimo fica desempregado. E, numa epoca em que a procura de operarios nao seja muito forte, o industrial pode, com a ameaga de despedimento, obrigar os operarios a trabalharem mais uma hora por dia pelo mesmo salario e despedira o decimo, economizando o seu salario. O que aqui se passa em pequena escala, passa-se em grande escala numa nação. O rendimento de cada operario elevado ao maximo pela concorrencia dos operarios entre si, a divi-sao do trabalho, a introducao das maquinas, a utilizacao das forcas naturais, provocam o desemprego dum grande numero de operarios. Mas estes desempregados sao afastados do mercado; ja nao podem comprar, e por consequencia a quantidade de mercadorias que compravam

⁴ Op. cit., p. 133.

deixa de ter comprador e já não precisa portanto de ser produzida; os operários que anteriormente se ocupavam do seu fabrico também são lançados no desemprego, também eles desaparecem do mercado e assim sucessivamente, sempre segundo o mesmo ciclo—ou antes, seria assim se não intervissem outros factores. Com efeito, a entrada em serviço dos meios industriais citados mais acima e que permite aumentar a produção, provoca, a longo prazo, uma baixa de preços e, por consequência, um maior consumo, de tal maneira que uma importante parte dos trabalhadores desempregados encontra finalmente lugar nos novos ramos de trabalho, não sem ter passado por um longo período de sofrimentos. Se a isto se juntar, como no caso da Inglaterra ao longo dos últimos sessenta anos, a conquista de mercados estrangeiros, que provoca um aumento rápido e contínuo de produtos manufacturados, a procura de trabalhadores — e com ela a população—cresce nas mesmas proporções. Assim, ao invés de diminuir, a população do império britânico cresceu com uma rapidez considerável, cresce ainda constantemente. E se bem que a indústria não cesse de se desenvolver e, no total, a procura de trabalhadores não cesse de crescer, a Inglaterra tem, apesar de tudo, segundo a confissão de todos os partidos oficiais (quer dizer dos *tarries*, dos *whigs* e dos *radicals*), um excesso, um excedente de população; ou seja, a concorrência dos trabalhadores entre si continua a ser mais importante que a dos patrões *para contratarem operários*.

A que se deve esta contradição? Deve-se a própria natureza da indústria e da concorrência assim como as crises económicas que daí resultam. Dado o caos da produção actual e da repartição dos bens de consumo, que não tem como finalidade a satisfação imediata das necessidades mas pelo contrário o lucro, dado o sistema em que cada um trabalha e enriquece sem se preocupar com os outros, é inevitável que se produzam constantemente estrangulamentos. A Inglaterra, por exemplo, fornece a uma quantidade de países mercadorias de todas as espécies. Mesmo que o industrial saiba qual a quantidade de artigos de cada espécie que cada país consome por ano, ignora a importância dos stocks que aí se encontram, e ainda qual a quantidade de artigos que os seus concorrentes para aí enviam. Tudo o que ele pode fazer é deduzir aproximadamente o estado dos stocks e das necessidades, e dos preços que variam constantemente. Tem necessariamente, e claro, que enviar as suas mercadorias a sorte.

Tudo se faz as cegas, com a maior incerteza e sempre mais ou menos ao acaso⁵. A mais pequena noticia favo-ravel, cada qual despacha tudo o que pode e, em breve, um mercado deste genero atinge a saturagao de mercadorias, a venda para, os capitals⁶ nao sao recuperados, os pre-gos baixam e a industria inglesa deixa de ter trabalho para os sens operarios. Nos começos do arranque industrial estes estrangulamentos limitaram-se a alguns sectores industriais e a alguns mercados; mas o efeito centralizador da concorrência, que atrai os trafoalhadores desempregados dum certo sector para sectores em que e mais facil arranjar trabalho, que escoar para os outros mercados as mercadorias que ja nao e possivel escoar num determinado mercado, aproximou deste modo, pouco a pouco, as diferentes pequenas crises, que se fundiram insensivelmente numa unica serie de crises que se dao periodicamente. Normalmente uma crise deste genero tern lugar de cinco em cinco anos, apos um breve periodo de prosperidade e bem-estar geral; quer o mercado interno quer os externos transbordam de produtos ingleses que so muito lentamente podem consumir; o desenvolvimento industrial para em quase todos os sectores; os pequenos industriais e comerciantes que nao podem sobreviver ao atraso prolongado do reembolso dos seus capitals abrem falencia; os mais importantes cancelam os negocios enquanto dura o mau periodo, param as maquinas, ou entao so as fazem trabalhar em parte do tempo, mais ou menos meio dia de trabalho; o salario baixa devido a concorrência entre desempregados, a redugao do tempo de trabalho e a falta de vendas lucrativas; e a miseria geral entre os trabalhadores; as eventuais pequenas economias dos particulares sao rapidamente devoradas, as instituiçoes de beneficencia veem-se assoberbadas, o imposto para os pobres duplica, triplica e contudo perma-nece insufficiente, o numero de famintos cresee e subita-mente toda a massa da populagao *excedentria* aparece sob a forma de assustadoras estatisticas. Isto dura algum tempo; os *excedentrios*⁷ saf am-se melhor ou pior ou nao conseguem sobreviver; a caridade e a lei dos pobres

⁵ Sobre estas vendas dos texteis em paises estrangeiros ver N. S. BUCK: **The Development of the organization of Anglo-American Trade**, 1925, pp. 135-148.

⁶ Em lugar da palavra **kapitalien**, figura na edigao de 1892 o termo *ruckthisse* (dividendos).

⁷ Na ed. de 1892 **Ueberschussigen** em vez de **Ueberflussigen** (superfluos).

ajudam um grande numero a vegetar penosamente. Outros encontram aqui e ali, em ramos submetidos a concorrência de forma menos directa e com uma relagao mais longinqua com a industria, o meio de subsistirem precariamente — e e preciso bem pouco ao homem para subsistir algum tempo! Pouco a pouco a situagao melhora; os stocks acumulados sao consumidos; o abatimento geral que reina entre os industriais e os comerciantes impede que os vazios sejam preenchidos demasiado depressa; ate que por fim a alta dos pregos e as noticias favoraveis vindas de toda a parte restabelecem a actividade.

Na maior parte dos casos os mercados ficam longe; antes que as primeiras importagoes ai cheguem a procura nao cessa de crescer e com ela os pregos; disputam-se as primeiras mercadorias chegadas, as primeiras vendas ainda animam mais as transagoes, os carregamentos esperados prometem pregos ainda mais elevados; na expectativa de um aumento ulterior, começa-se a proceder a compras especulativas e deste modo a subtrair ao consumo os generos que The estao destinados precisamente na altura em que sao mais necessaries. A especulagao faz subir os pregos ainda mais, encorajando outras pessoas a comprar, antecipando-se em relagao a futuras importagoes. Todas estas noticias sao transmitidas para Inglaterra, os industriais recomegam a trabalhar alegremente, constroem-se novas fabricas, todos os meios sao utilizados para aproveitar o momento favoravel. Tambem aqui aparece a especulagao, com o mesmo efeito que tem sobre os mercados exteriores, provocando a alta de pregos, subtraindo os generos ao consumo, levando a producao industrial a uma tensao extrema. Depois vem os especuladores *insolentes* que trabalham com capitais ficticios, que vivem do credito e que se arruinam se nao conseguem vender rapidamente — langam-se nesta corrida precipitada, nesta caga ao lucro, aumentando a precipitagao e a confusao com o seu proprio ardor desenfreado, que faz subir os pregos e a producao ate ao delirio. E uma luta fantastica que arrasta na sua roda os homens mais calmos e mais experimentados; forjam, fiam, tecem, como se fosse preciso equipar de novo a humanidade inteira, ou como se tivessem descoberto na lua alguns milhoes de novos consumidores. De repente, os especuladores *insolentes* de alem-mar, que tem absoluta necessidade de dinheiro, comegam a vender a um prego inferior ao do mercado. Porque o negocio pressiona, escusado sera, dizer; as vendas multiplicam-se, os pregos

oscilam; assustados, os especuladores langam as mercadorias no mereado, o mercado perturba-se, o credito treme, uma firma atras de outra suspende os paga-mentos, sucedem-se as falencias, e descobre-se que ha a caminho e no mercado tres vezes mais mercadorias do que as que o consumo exigiria. Estas noticias che-gam a Inglaterra, onde entretanto se continua a fabri-car em pleno rendimento, e tambem ai o panico se apo-dera dos espiritos, as falencias no ultramar arrastam outras em Inglaterra; por outro lado, a paragem das ven-das arruina um grande numero de firmas; o medo faz langar imediatamente todos os stocks no mercado, o que aumenta o panico. E o principio da crise, que retoma exactamente o mesmo curso que a precedente e mais tarde e seguida por um periodo de prosperidade. E assim sucessivamente, prosperidade, crise, prosperidade, crise; este ciclo eterno no qual se atola a industria inglesa cum-pre-se normalmente, ja. o dissemos, em cinco ou seis anos. Daqui resulta que em todas as epocas, excepto nos curtos periodos de grande prosperidade, a industria inglesa tern necessidade de um exercito de trabalhadores desempregados⁸, para que possa produzir as quantidades de mercadorias que o mercado reclama, precisamente nos meses em que este esta. mais animado. Esta reserva e maior ou menor conforme o estado do mereado permita ou nao ocupar parte dela. E ainda que as regioes agri-colas, a Irlanda e os sectores menos atingidos pelo desen-volvimento, possam pelo menos durante algum tempo — quando a prosperidade do mercado atinge o apogeu — forneer um certo numero de operarios, estes constituem por um lado uma minoria e, alem disso, tambem fazem parte da reserva, com a unica diferenca de que so quando ha, um periodo de desenvolvimento economico se *pfova* que eles fazem parte dela. Quando partem para traba-lhar nos sectores mais animados, na sua regio de ori-gem, para se fazer sentir menos o vazio que a sua partida provoca, trabalha-se mais tempo, empregam-se mulheres e jovens, e quando no principio da crise sao despedidos e voltam para casa, apercebem-se de que o seu lugar esta ocupado e que sao superfluos — pelo menos a maior parte deles. Esta reserva, a qual pertence uma enorme multi-

⁸ Esta no[^]ao de «exercito de reserva do trabalho» aparece pela 1.^a vez, ao que parece, num artigo do **Northern Star** de 23 de Junho de 1836; cf. Sir John CLAPHAM: **Economic History** of Modern Britain, vol. 1, 1926, p. 557.

dao de pessoas, e mesmo um grande numero de traba-lhadores durante os periodos que podemos definir como a meio cammho entre a prosperidade e a crise — e a *populagao excedentaria* da Inglaterra, que vegeta peno-samente, mendigando e roUbando, varrendo as ruas e apanhando os excrementos, fazendo fretes com a ajuda de uma carroga e de um burro, vendendo as esquinas, ou fazendo pequenos trabalhos ocasionais, Em todas as grandes cidades inglesas podemos ver uma multidao de pessoas que, como dizem os ingleses, «mantem o eorpo e a alma juntos* gragas a alguns pequenos ganhos ocasionais. E espantoso ver as ocupagoes a que esta populagao superflua recorre. Os varredores de rua de Londres (*cross sweeps*)⁹ sao conhecidos universalmente; mas ate agora, os passeios e tambem as ruas principais de outras grandes cidades eram varridas por desempregados con-tratados para esse fim pelo departamento dos pobres ou pelos servigos municipais. Agora ha uma maquina que todos os dias percorre as ruas com grande barulho e faz perder aos desempregados esta fonte de ganho. Nas grandes estradas para as cidades e onde ha um traf ico impor-tante ve-se uma quantidade de pessoas com pequenos carros, que, com risco de serem esmagados, apanham o estrume caido recentemente entre os carros e autocarros a fim de o venderem — e para isso muitas vezes ainda tem que pagar alguns xelins aos servigos municipais. Ora, nalguns sitios, este trabalho esta estritamente proibido, porque a administragao nao venderia vender como adubo o lixo da cidade, que nao contem a pro-porgao conveniente de estrume de cavalo. Felizes os que, entre os *swperfluos*, conseguem aranjear um carro de mao e assim podem efectuar alguns transportes. Mais felizes sao ainda os que conseguem reunir dinheiro suficiente para comprar um burro e uma carroga. O burro tera que procurar a eomida por si proprio, ou entao recebe alguns detritos apanhados aqui e ali, e apesar de tudo pode dar a ganhar algum dinheiro.

A grande maioria dos *swperfluos* tornam-se vende-dores ambulantes. E principalmente ao sabado a noite, quando toda a populagao operaria sai para a rua, que vemos reunidas as pessoas que vivem disso. Atacadores, suspensorios, galoes, laranjas, bolos, em resumo, todos os artigos imaginaveis sao-vos oferecidos por homens, mulhe-res e criangas; nos putros dias tambem vemos constan-

⁹ Crossing sweeps na ed. de 1892.

temente estes vendedores ambulantes pararem nas ruas com laranjas, bolos, *Ginger Beer* ou *Nettle Beer*¹⁰ ou afastarem-se para um pouco mais longe. Fosforos e outras coisas deste genero, cera, isqueiros, tambem cons-tituem artigos de venda para toda esta gente. Outros ainda, chamados *jobbers*, circulam nas ruas tentando encontrar alguns trabalhos ocasionais. Alguns conseguem um dia de trabalho; muitos nao sao tao felizes.

Ao pe de todas as docas de Londres, relata o Keverendo W. Champneys¹¹, pregador no balro Este de Londres, aparecem em todas as manhas de Inverno, antes do dia nascer, centenas de jovens que esperam pela abertuda das portas na esperanga de conseguirem um dia de trabalho e, depois dos mais jovens e mais fortes, bem como os mais conhecidos, serem contratados, centenas de outros voltam para as suas miseraveis habitac.oes, desesperados por terem perdido as ilusoes¹².

Que resta a estas pessoas, quando nao encontram trabalho e nao se querem revoltar contra a sociedade, senao mendigar? Nao nos podemos pois espantar a vista desta multidao de mendigos com quern a policia tern sempre contas a ajustar e que, na sua maior parte, sao homens em condicoes de trabalhar. Mas a mendicidade destes homens tern um caracter especifico. Normalmente erram, em companhia da familia, cantando algumas lamii-rias na rua ou entao apelando para a earidade dos vizi-nhos com algum pequeno discurso. E e notavel que quase so se encontrem estes mendigos nos bairros operarios e que vivam somente das esmolas que lhes sao dadas quase exclusivamente por operarios. Ou entao, toda a familia se instala silenciosamente a beira de uma rua animada e deixa, sem dizer nada, que o seu aspecto indigente produza efeito so por si. Neste caso tambem so contain com a simpatia dos operarios que sabem por experiencia o que e a fome e que a qualquer momento

¹⁰ Duas bebidas espumosas e refrescantes, preparadas uma a partir de agua, agucar e um pouco de gengibre, a outra com agua, agiicar e urtigas, muito ao gosto dos trabalhadores, sobre tudo dos anti-alcoolicos. (F. E.)

¹¹ O pastor William Weldone Champneys (1807-1875) foi um dos primeiros a criar «escolas para esfarrapados», ou escolas de pobres, e uma sociedade de previdencia operaria.

¹² O relatorio de que este extracto foi tirado apareceu pri-meiro no semanario Weekly Dispatch e foi retomado pelo Northern Star de 4 de Maio de 1844, n.º 338.

se podem encontrar na mesma situação; porque este pedido mudo e tão comumente só se manifesta em bairros operários e as horas a que estes passam; mas é principalmente ao sábado à noite que os bairros operários revelam os seus *misterios* nas suas ruas principais e que a classe média se afasta o mais possível destes bairros empastados. E quando um destes *homens em excesso* tem coragem e paixão suficientes para entrar em conflito *aberto* com a sociedade, rouba, pilha e assassina como resposta à guerra camuflada que a burguesia lhe move.

Segundo os relatórios dos comissários da lei dos pobres, há em média um milhão e meio destes *excedentários* em Inglaterra e Gales¹³; na Escócia, o seu número não é conhecido com precisão, devido à ausência da lei sobre os pobres¹⁴, e quanto à Irlanda falaremos dela em particular. De resto, só estão compreendidos neste milhão e meio aqueles que realmente solicitam o socorro da Assistência Pública; este número não inclui a enorme massa dos que se desembaraçam sem este último recurso, do qual têm muito medo. Em contrapartida, grande parte deste milhão e meio diz respeito a regiões agrícolas, e por isso não entra aqui em linha de conta. É evidente que este número aumenta sensivelmente em tempo de crise, e então a miséria atinge o máximo. Consideremos por exemplo a crise de 1842, que, sendo a mais recente, também foi a mais intensa, porque a intensidade das crises cresce à medida que elas se reproduzem e a próxima, que terá provavelmente lugar em 1847, o mais tardar¹⁵, será, segundo me parece, ainda mais longa e mais violenta. Durante esta crise, a taxa para os pobres atingiu em todas as cidades uma quantia sem precedentes. Em Stockport, entre outras, eram cobrados oito xelins de taxa para os pobres por cada libra esterlina de aluguer de uma casa, de tal modo que este imposto representava só por si quarenta por cento da quantia total dos alugueres da cidade inteira. Contudo, ruas inteiras¹⁶

Segundo o *Journal of the Statistical Society of London*, vol. 6, 1843, p. 246, o número de pobres socorridos elevava-se em 1842 a 1429356.

¹³ Aqui, Engels comete um ligeiro erro. Havia de facto uma lei para os pobres na Escócia, mas as suas disposições diferiam das da lei inglesa.

¹⁴ Na edição de 1892 die, em vez de diese, o que de resto não altera o sentido.

¹⁵ Nota da edição de 1887: «and it came in 1847» (e ela veio em 1847).

ras estavam desertas, de tal modo que, numa estimativa por defeito, havia menos vinte mil habitantes do que habitualmente e podiamos ler nas portas das casas vazias: *Stockport to let* (Stockport para alugar). Em Bolton, onde nos anos normais o montante dos alugueres submetidos a taxa para os pobres atingia em media oitenta e seis mil libras esterlinas, baixou para 36 000; em contrapartida, o numero de indigentes para socorrer subiu para 14 000, ou seja, mais de 20 % da população total. Em Leeds, a assistencia publica tinha um fundo de reserva de 10 000 libras esterlinas; este, mais o produto de uma colecta de 7 000 libras esterlinas, esgotou-se ainda antes de a crise atingir o auge. Passou-se o mesmo em toda a parte. Um relatorio do Comité da Liga contra a Lei dos Cereais, de Janeiro de 1843 ¹⁷, sobre a situagao das regioes industriais em 1842, diz-nos que a taxa para os pobres era entao, em media, duas vezes maior do que em 1839 e que o numero de necessitados tinha triplicado, e ate quintuplicado, desde essa data; que um grande numero dos requerentes pertenciam a uma classe que, ate entao, nunca tinha solicitado ajuda e que a quantidade de viveres de que a classe operaria podia dispor era inferior em pelo menos dois terços ao que ela dispunha em 1834/36; que o consumo de carne tinha baixado muito: em certos locais 20 % e noutros ate 60 %; que os proprios artesaos que exerciam officios correntes, ferreiros, pedreiros, etc., que dantes trabalhavam em pleno, mesmo em periodo de depressao economica, tambem eles sofriam muito com a falta de trabalho e a baixa dos salarios, e que ainda hoje, em Janeiro de 1843, os salarios continuam a baixar. E isto sao relatorios emanados de industrials!

Encontravam-se nas ruas bandos de trabalhadores desempregados, porque as fabricas tinham fechado as portas e os patroes ja nao tinham trabalho para lhes oferecer; mendigavam sos ou em grupo e pediam esmola aos passantes, mas nao com humildade, como fazem os mendigos vulgares; pelo contrario, com um ar ameasador, que o seu numero, gestos e palavras sublinhavam. Tal era o aspecto de todas as regioes industriais, de Leicester a Leeds, e de Manchester a Birmingham. Aqui e ali rebentavam tumultos, tal como em Julho nas olarias do Norte — Staffordshire. Reinava nos trabalhadores a maior

¹⁷Um resumo deste relatorio foi publicado no Manchester Guardian de 4 de Fevereiro de 1843, p. 5, col. 6.

efervescencia, ate que, por fim, ela explodiu em Agosto na insurreicao geral dos distritos industriais. Quando cheguei a Manchester, no fim de Novembro de 1842, ainda se podia ver uma multidao de desempregados em todas as esquinas das ruas, e muitas fabricas ainda estavam fechadas. No decurso dos meses seguintes, ate meio do ano de 1843, estes involuntarios frequentadores habituais das esquinas desapareceram pouco a pouco e as fabricas reabriram as portas.

Escuso de referir a miseria e a angustia que envolvem estes desempregados durante uma crise deste genero. A taxa para os pobres nao e suficiente nem de longe; a caridade dos ricos e uma gota de agua no oceano, cujo efeito desaparece logo de seguida; a mendicidade e pouco eficaz, dado o numero de mendigos. Se os pequenos comerciantes, na medida das suas possibilidades, nao abrissem credito aos trabalhadores durantes estas crises — fazendo-se naturalmente reembolsar mais tarde — e se os trabalhadores nao se entreajudassem tanto quanto podem, cada crise varreria sem duvida multidoes de *excedentários*, que morreriam de fome. Mas como o periodo de maior depressao e, apesar de tudo, breve — um ano, no maximo dois ou dois anos e meio — a maior parte deles mantem-se vivos a custo de grandes privações. Veremos que cada crise causa indirectamente uma serie de vitimas por doença, etc.... Entretanto, examinaremos outra causa da humilhação em que se encontram os trabalhadores ingleses, uma causa que tambem contribui para reduzir sem cessar o nivel de vida dessa classe social.

A EMIGRAÇÃO IRLANDESA

Já mencionamos várias vezes a existência de irlandeses que se vieram instalar em Inglaterra; vamos agora examinar mais de perto as causas e os efeitos desta imigração.

O rápido desenvolvimento da indústria inglesa não teria sido possível se a Inglaterra não dispusesse de uma reserva: a numerosa e miserável população da Irlanda. Na sua terra, os irlandeses não tinham nada a perder, em Inglaterra tinham muito a ganhar; e desde que se soube na Irlanda que na margem leste do canal St. George qualquer homem robusto tinha assegurados trabalho e bons salários, bandos de irlandeses atravessaram-nos todos os anos. Calcula-se que até agora emigraram deste modo um bom milhão de irlandeses e que ainda agora há cinquenta mil imigrantes por ano; quase todos invadem as regiões industriais e em particular as grandes cidades, constituindo aí a classe mais baixa da população. Há 120 000 irlandeses pobres em Londres, 40 000 em Manchester, 34 000 em Liverpool, 24 000 em Bristol, 40 000 em Glasgow e 29 000 em Edimburgo¹. Estas pessoas que

¹ Archibald ALISON, High Sheriff of Lanarkshire: **The Principles of Population and their Connection with Human Happiness** (As leis fundamentais da população e as suas relações com a felicidade humana), 2 vol., 1840* — Este Alison é o historiador da revolução francesa e como seu irmão, o Dr. W. P. Alison, é um **tory** religioso. (P. E)

* Ver vol. I, p. 529: «38 000» e não «40 000».

criaram quase sem conhecer os benefcios da civili-zacao, habituados desde tenra idade a privacies de toda a especie, grosseiros, bebedores, nao se importando com o futuro, chegam assim, trazendo os seus costumes bru-tais para uma classe da populacao que tern, para dizer a verdade, pouca inelinagao para a cultura e a moralidade. Demos a palavra a Thomas Carlyle ².

Em todas as ruas principais e secundarias, podemos ver os ferozes rostos milesianos³ que respiram a hipocrita malicia, a maldade, a mentira, a miseria e o escarnio. O cocheiro ingles que passa com a sua viaçura da uma chicotada ao milesiano; este amaldigoa-o⁴, estende o chapau e mendiga. Ele representa o pior mal que este pais tem de combater. Com os seus farrapos e o seu desprezo de selvagem, esta sempre pronto a fazer qualquer trabalho, que se exige bragos vigorosos e rins solidos; e isto por um salario que lhe permita comprar batatas. Para condimento basta-lhe o sal; dorme, feliz, na primeira pocilga, ou no primeiro nicho que encontra, habita em celeiros e vestir ou despir o fato esfarrapado que traz constitui uma das mais delicadas operagoes que existe, a qual so se procede nos dias de festa ou em ocasioes especialmente favoraveis. O saxao que e incapaz de trabalhar em tais condicoes esta condenado ao desemprego. O irlandes, ignorante de qualquer civi-lizagao, afasta o saxao indigena, nao pela sua forga, muito pelo contrario, e apodera-se do seu lugar. E ai que habita com a sua grosseria e o seu desleixo, com a sua falsidade e a sua brutalidade de bgbado, verdadeiro fermento de degradagao e desordem. Quem quer que ainda se esforce por flutuar, por se manter a superficie, tem aqui o exemplo de que o homem pode existir, nao a nadar, mas vivendo no fundo da agua... Quem nao vS que a situagao das camadas inferiores da massa doa trabalhadores ingleses se alinha cada vez mais pela dos irlandeses que lhes fazem concorrncia em todos os campos ? Que qualquer trabalho que nao exija senao forga fisica e pouca habilidade nao e pago a tarifa inglesa, mas a um prego que se aproxima do salario irlandes, quer dizer, pouco mais do que «e necessario para nao morrer de fome comendo batatas da pior qualidade durante trinta semanas por ano», pouco mais... Mas esta distancia diminui cada vez que c'nega uru vapor da Irlanda.

¹ Chartism *, pp. 28-31 e segs. (F. E.)

³ Miles e o nome dos antigos reis celtas da Irlanda. (F. E.)

⁴ Aqui, Engels comete um contrasenso. O texto de Carlyle (Chartism, 1839, pp. 28-29 e 31-32) diz com efeito: «O cocheiro... maldiz o milesiano; este estende o chapgu...». Respeitamos fielmente a tradugao de Engels.

* Londres, Chapman e Hall, 1842.

Aqui, Carlyle tem toda a razão, exceptuando a condenação exagerada e parcial do carácter nacional irlandês. Estes trabalhadores irlandeses que, por quatro pence, fazem a travessia, frequentemente amontoados como gado na ponte do navio, instalam-se em todo o lado. As piores moradas são bastante boas para eles: as roupas não os preocupam enquanto um único fio as mantêm; ignoram o uso de sapatos; a sua comida consiste exclusivamente em batatas; o que ganham para além disso, bebem-no. Porque teriam tais seres necessidade de um salário alto? Os piores bairros de todas as grandes cidades estão povoados de irlandeses. Onde quer que um bairro se distinga particularmente pela sua sujeira e a sua ruína, podemos ter a certeza de ver em maioria estes rostos celticos, que se distinguem a primeira vista das fisionomias dos indígenas saxões, e de ouvir aquela pronúncia cantante e aspirada que o irlandês autêntico nunca perde. Não tenho ouvido falar de irlandeses nos bairros mais populosos de Manchester. A maior parte das famílias que habitam as caves são quase todas de origem irlandesa. Em resumo, como diz o Dr. Kay, os irlandeses descobriram o que é o mínimo de necessidades vitais, e agora ensinam-no aos ingleses⁵. Por outro lado, importaram o alcoolismo e a sujeira. Esta falta de limpeza, que na terra deles, no campo, onde a população está disseminada, não tem consequências muito graves, e que nos irlandeses se tornou uma segunda natureza, e na verdade uma tara assustadora e perigosa nas grandes cidades, devido a grande concentração urbana. Tal como fazia na sua terra, o *milesário* lança todo o lixo e detritos em frente da porta, provocando assim a formação de charcos e montes de porcaria que sujam os bairros operários e empestam a atmosfera. Tal como fazia no seu país, instala a pocilga encostada à sua casa; e, se isso não for possível, deita o porco no seu quarto. Esta nova e anormal espécie de criação praticada nas grandes cidades é totalmente de origem irlandesa. O irlandês conserva o seu porco como o árabe o seu cavalo, e só o vende quando está suficientemente gordo para ser morto. Quanto ao resto, come com ele, dorme com ele, os seus filhos brincam com ele, sofoem para as suas costas e espojam-se com ele no lixo, como se pode constatar em mil exemplos

⁵ Dr. J. P. KAY: *The Moral and Physical Condition of the Working Classes Employed in the Cotton Manufacture in Manchester*, 1832, segunda edição, p. 21.

em todas as grandes cidades de Inglaterra. E quanto a sujeira, ao desconforto das casas, e impossível fazer uma ideia. O irlandês não está habituado aos móveis, um monte de palha, alguns trapos completamente incriveis como roupas, e eis a sua cama. Um pedaço de madeira, uma cadeira partida, uma caixa velha a laia de mesa e não precisa de mais nada; um bule, algumas panelas e escudelas de barro e isso basta-lhe cozinha, que serve ao mesmo tempo de quarto de dormir e casa de jantar. E quando lhe falta o combustível, tudo o que lhe vem a mão e que se possa queimar: caixas, batentes de portas, eixilhos, soalho, supondo que o haja, vão parar a brasa. E, de resto, para que e que quereria espago? No seu país, na sua cabana de ripas, basta uma única sala para todas as funções domésticas; em Inglaterra, a família também não necessita senão de uma sala. Assim, este amontoado: de várias pessoas numa única sala, agora tão divulgado, foi introduzido principalmente pela imigração irlandesa. E como é necessário que este pobre diabo tenha pelo menos *um* prazer e a sociedade o exclui de todos os outros, vai para a taberna beber aguardente. Para o irlandês, a aguardente é a única coisa que dá sentido à vida; a aguardente é, claro, o seu temperamento desleixado e jovial: eis porque se entrega à aguardente até a mais brutal embriaguez. O carácter meridional, frívolo, do irlandês, a sua grosseria, que o coloca a um nível apenas um pouco superior ao do selvagem, o seu desprezo por todos os prazeres mais humanos, que é incapaz de experimentar precisamente devido à sua rudeza, sujeira e pobreza, são outras razões que favorecem o alcoolismo. A tentação é demasiado forte, ele não pode resistir, e bebe todo o dinheiro que ganha. Como poderia ser de outro modo? Como é que a sociedade, que o coloca numa tal situação em que se tornara *quase necessariamente* um bebedor, que o deixa embrutecer e não se preocupa nada com ele, como é que pode acusá-lo em seguida, quando ele efectivamente se torna um bebado?

É contra um concorrente deste género que tem de lutar o trabalhador inglês, contra um concorrente que ocupa o lugar mais baixo da escala que pode existir num país civilizado e que, precisamente por esta razão, se contenta com um salário inferior ao de qualquer outro trabalhador. E por isso que, como refere Carlyle, o salário do trabalhador inglês, em todos os sectores em que o irlandês lhe faça concorrência, está constantemente a

baixar, e não poderia ser doutro modo. Ora estes sectores são numerosos. Todos os que exigem pouca ou nenhuma habilidade estão abertos aos irlandeses. É verdade que, para os trabalhos que exigem longa aprendizagem ou uma actividade duradoura e regular, o irlandês, liberto, versátil e bebedor, não serve. Para vir a ser um operário-mecânico (em Inglaterra todo o trabalhador ocupado no fabrico de máquinas e um *mechanic*), para se tornar um operário de fábrica, teria primeiro de adoptar a civilização e os costumes ingleses, em resumo, tornar-se objectivamente inglês.

Mas quando se trata de um trabalho simples, menos preciso, que requeira rigor em vez de jeito, o irlandês é tão bom como o inglês. E é por isso que todos estes ofícios foram invadidos pelos irlandeses: tecelões manuais, serventes de pedreiro, mogos-de-fretes, *jobbers*⁰, etc., incluem um grande número de irlandeses; esta *invasão* contribui em muito, nestas profissões, para baixar os salários e, com estes, a própria classe operária. E mesmo que os irlandeses que penetraram nos outros ramos tenham sido obrigados a civilizar-se, ainda lhes ficaram as marcas suficientes do seu antigo modo de vida, para que exerçam sobre os seus camaradas de trabalho ingleses uma influência degradante — sem falar na influência do próprio meio irlandês. Porque, se tivermos em conta que em cada grande cidade um quinto ou um quarto dos operários são irlandeses ou filhos de irlandeses criados na sujidade irlandesa, não nos espantaremos que na existência de toda a classe operária, nos seus costumes, no seu nível intelectual e moral, nas suas características gerais, se encontre uma boa parte daquilo que constitui a base da natureza do irlandês. Compreendemos assim facilmente como a revoltante situação dos trabalhadores ingleses, nascida da indústria moderna e das suas consequências imediatas, foi ainda mais aviltada pela presença da concorrência irlandesa.

⁰ Operário que trabalha a tarefa.

OS RESULTADOS

Tendo examinado pormenorizadamente as condicoes em que vive a classe operaria urbana, e altura de tirar destes factos outras conclusoes, e par sua vez compara--las com a realidade. Vejamos pois em que se transformam os trabalhadores nestas condicoes, com que tipo de homens nos defrontamos e qual a sua situacao fisica, intelectual e moral.

Quando um individuo causa a outro danos que lhe provocam morte, chamamos a isso um homieidio; se o autor sabe de antemao que o seu gesto provocara a morte, chamamos ao seu acto um assassinio. Mas quando a sociedade ¹ poe centenas de proletarios numa situacao

¹ Quando falo na sociedade, aqui e noutros locais, enquanto colectividade responsavel com os seus deveres e direitos, deduz-se que quero falar do poder da sociedade, ou sej'a, da classe que actualmente possui o poder politico e social, e que portanto tambem e responsavel pela situacao dos que n'ao participam no poder. Esta classe dominante e, na Inglaterra como nos outros paises civilizados, a burguesia. Mas escuso de demonstrar aos meus leitores alemaes que a sociedade e portanto a burguesia t'om o dever de proteger cada membro da sociedade pelo menos na sua simples existencia, velar para que ninguem morra de fome. Se escre-vesse para a burguesia inglesa, falaria, claro, doutro modo. — (1887) «And so it is now in Germany. Our German capitalists are fully up to the English level, in this respect at least, in the year of grace 1886». (E agora isto ja se passa assim na Alemanha. No ano da graga de 1886, os nossos capitalistas alemaes atingiram

tal que ficam necessariamente expostos a uma morte prematura e anormal; a uma morte tao violenta como a morte pela espada, ou a, bala; quando retira a milhares de seres os meios de existencia indispensaveis, impondo-lhes outras condicoes de vida com as quais lhes e *impos-sivel* subsistir; quando os eonstrange, com o forte brago da lei, a permaneeerem nesta situagao ate que a morte surja, o que e a consequencia inevitavel disso; quando sabe, quando esta farta de saber, que estes milhares de seres serao vitimas destas condicoes de existencia, e contudo as deixa persistir; entao e de facto um assassinio, perfeitamente identico ao cometido por um indi-viduo, so que neste caso e mais dissimulado, mais perfido, um assassmio do qual ninguem se pode defender, porque nao parece um assassmio, porque o assassino nao se ve, porque o assassino e toda a gente e nao e ninguem, porque a morte da vitima parece natural, e e pecar menos pela acgao do que pela omissao. Mas nao deixa de ser um assassinio. Tenho agora de demonstrar que em Ingla-terra a sociedade comete todos os dias e a todas as horas este assassinio social, que os jornais operarios ingleses tem razao em lhe dar este nome; que ela colocou os tra-balhadores numa tal situagao que eles nao podem nem conservar a saude, nem viver muito tempo; que ela mina *pouco a pouoo* a existencia dos operarios e assim os leva ao tumulto antecipadamente. Por outro lado, terei de demonstrar que a sociedade *sabe* quanto esta situagao e prejudicial para a saude e vida dos trabalhadores, e contudo nao faz nada para a melhorar. Quanto ao facto de ela *conhecer* as consequencias das suas instituicoes e saber que os seus actos nao constituem um simples homicidio, mas um assassinato, demonstra-lo-ei citando documentos oficiais, relatorios parlamentares ou administrativos que estabelecem a materialidade do assassinio. Para ja, e evidente que uma classe que vive nas condicoes descritas mais acima e tao mal provida de tudo o que serve para satisfazer as necessidades vitais mais elementares, nao poderia gozar de boa saude nem alcangar uma idade avangada. Contudo, examinemos mais uma vez estas varias condicoes do ponto de vista mais espe-cifico do estado sanitario dos trabalhadores.

totalmente o mesmo piano que os ingleses, pelo menos a este nivel).— (1892) Como tudo mudou desde ha 50 anos! Hoje ha burgueses ingleses que admitem que a sociedade tem deveres para com cada membro da sociedade; mas havera alemaes que pensem do mesmo modo? (F. E.).

A propria concentracao das populagoes nas grandes cidades ja. exerce uma influencia muito desfavoravel; a atmosfera de Londres nao podera ser tao pura, tao rica em oxigenio como a de uma regio rural; dois milhoes e meio de pulmoes e duzentas e trinta mil casas amontoadas numa superficie de tres ou quatro milhas quadradas consomem uma quantidade consideravel de oxigenio que so muito dificilmente se renova porque a maneira como as cidades estao construidas torna dificil o arejamento. O gas carbonico produzido pela respiracao e pela combustao permanece nas ruas devido a sua densidade e porque a principal corrente de ventos passa acima de todas as casas. Os pulmoes dos habitantes nao recebem a sua racao de oxigenio completa e as consequencias sao um entorpecimento fisico e intelectual e uma diminuicao da energia vital. E por isso que, na verdade, os habitantes das grandes cidades estao menos expostos as doengas agudas, principalmente do tipo inflamatorio, do que os rurais que vivem numa atmosfera livre e normal; em contrapartida sofrem muito mais de doengas cronicas. E se a vida nas grandes cidades ja, de si nao e factor de boa saude, que efeito nocivo nao deve ter esta atmosfera anormal nos distritos operarios, onde, como vimos, se reune tudo o que pode envenenar a atmosfera. No campo, pode ser relativamente pouco prejudicial ter um charco estagnado muito perto de casa, porque ai o ar vem de todos os lados; mas no centro de uma grande cidade, entre as ruelas e os patios que impedem qualquer corrente de ar, e diferente. Toda a materia animal e vegetal que se decompoe produz gases incontestavelmente prejudiciais a saude e se estes gases nao tem saida livre, envenenam necessariamente a atmosfera. O lixo e os charcos que existem nos bairros operarios das grandes cidades representam pois um grave perigo para a saude publica, precisamente porque produzem esses gases patogenicos; o mesmo acontece com as emanacoes dos cursos de agua poluidos. Mas nao e tudo, ainda ha, mais. A maneira como a sociedade actual trata os pobres e verdadeiramente revoltante. Atraem-nos para as grandes cidades, onde respiram uma atmosfera muito pior do que na terra natal. Designam-lhes bairros cuja construgao torna o arejamento muito mais dificil que em qualquer outro lado. Retira-lhes todos os meios de permanecerem limpos, priva-nos de agua, so lhes instalando agua corrente contra pagamento e poluindo de tal modo os cursos de agua que ninguem se pode lavar neles;

estes doentes, o numero de tifosos em 1843 foi de 1462, ultrapassando em 418 o numero mais elevado registado nos anos precedentes. Esta doenga tinha aparecido principalmente nos bairros sujos e humidos de este, do norte e do sul de Londres. Grande numero de doentes eram trabalhadores vindos da provincia que durante a viagem e apos a sua chegada tinham suportado as mais duras privagoes, dormindo meio nus e meio mortos de fome nas ruas, nao arranjando trabalho, e deste modo tinham contraido o tifo. Estas pessoas eram transportadas para o hospital num tal estado de fraqueza, que era necessario administrar-lhes uma quantidade consideravel de vinho, de conhaque, de preparagoes amoniacaes e de outros estimulantes. Morreram dezasseis e meio por cento do total de doentes⁵. Esta febre maligna grassa tambem em Manchester; nos mais sordidos bairros operarios da cidade velha, Ancoats, Little Ireland, etc., quase *nunca* mais *desapareceu* *dm*, sem contudo ganhar a extensao que poderiamos imaginar, como de resto nas outras cidades *inglesas*. Em contrapartida, a Escocia e a Irlanda foram assoladas pelo tifo com uma violencia incalculavel. Em Edimburgo e Glasgow, houve violentas aparigoes em 1817, a seguir a epoca da fome, em 1826 e 1837, apos as crises economicas, diminuindo depois de cada um destes acessos, cuja duracao foi de cerca de tres anos. Em Edimburgo foram ainda atingidas cerca de seis mil pessoas durante a epidemia de 1817, dez mil durante a de 1837 e de cada vez que a epidemia voltava aumentava nao so o numero de doentes mas tambem a violencia da doenga e a proporgaoi de mortos⁶. Mas a violencia da doenga na altura das suas diferentes aparigoes parece uma brincadeira de criangas ao pe da que se seguiu a crise de 1842. Um sexto do numero total de pobres de toda a Escocia foi vitima desta febre e o mal propaga-gou-se com uma velocidade vertiginosa de uma localidade para outra devido aos mendigos errantes. Nao atin-giu nem as classes medias nem as classes superiores da sociedade, mas em 2 meses esta febre provocou mais casas do que no decurso dos doze anos precedentes. Em Glasgow, em 1843, doze por cento da populagao, ou seja 32 000 pessoas, contraíram esta doenga e 32 % dos

⁵ Engels resume uma passagem de um artigo do Northern Star de 24 de Fevereiro de 1844 (n.º 328), p. 7, vol. 3.
Dr. Alison, **Manag(ement) of (the) Poor in Scotland ***
(F.E.).

* Trata-se do Dr. W. P. Alison; obra publicada em 1840, pp. 12-13, cujo titulo completo e *Observations and Management...*

doentes morreram, enquanto normalmente a percentagem da mortalidade em Manchester e Liverpool não ultrapassa os 8 %. Esta febre provoca crises no sétimo e no décimo quinto dia; neste último dia o paciente torna-se geralmente amarelo e a nossa *autoridade* pensa poder concluir daí que a causa da doença também poderia ser uma violenta emogão e um grande medo. Estas febres epidémicas também assolaram a Irlanda. No decurso de 21 meses dos anos 1817-18, foram tratadas no hospital de Dublin 39 000 pessoas com febre, e no decurso do ano seguinte o seu número atingiu 60 000, segundo o *sheriff* A. Alison (tomo 2 dos seus *Principles of Population*)⁵. Em Cork o hospital acolheu, em 1817-18, um sétimo da população, enquanto que simultaneamente eram atingidos por esta febre um quarto da população de Limerick e noventa e cinco por cento dos habitantes do *bairro de md fama* de Waterford⁹.

Quando nos lembramos das condições de vida dos trabalhadores, quando pensamos a que ponto as suas casas estão comprimidas e cada recanto literalmente abarrotado de pessoas, quando pensamos que doentes e pessoas saudáveis dormem num *único e mesmo quarto, numa única e mesma cama*, ficamos surpreendidos que uma doença tão contagiosa como esta febre não se propague ainda mais. E quando pensamos nos escassos meios médicos que existem para cuidar dos doentes, quando pessoas são abandonadas sem nenhum cuidado médico e ignoram as regras mais elementares da dietética¹⁰, a mortalidade ainda nos parece fraca. O Dr. Alison, que conhece bem esta doença, atribui directamente a sua causa a miséria e a angústia dos indigentes, tal como o relatório de que já falei¹¹. Afirma que são as privações e a não-satisfação relativa das necessidades vitais que tornam o organismo receptivo ao contágio e que, dum modo geral, são

⁵ Dr. (W. P.) ALISON numa conferência na British Association for the Advancement of Science (Sociedade Inglesa para o Progresso das Ciências) em York em Outubro de 1844* (P. E.)⁵

Sir Archibald Alison: *Principles...*, 1840, vol. 2, p. 80⁵. Dr. ALISON: *Management of (the) Poor in Scotland** (F. E.).

¹⁰ Ed. de 1892: *diätetischen* em vez de *diatarischen*. O sentido é o mesmo.

¹¹ Provável relatório do Dr. Southwood Smith, mencionado no n.º 328 do *Northern Star*, 24 de Fevereiro de 1844.

* Cf. igualmente o *Journal of Statistical Society of London*, vol. 7, 1844, pp. 316-318.

* 1840, pp. 16-17, citando os documentos de F. Barker e J. Cheyne, 1821.

as principais responsáveis pela gravidade da epidemia o pela sua rápida propagação. Demonstra que cada aparição da epidemia de tifo na Escócia e na Irlanda e causada por um período de privações — erise económica ou má colheita — e é quase exclusivamente a classe trabalhadora que suporta a violência do flagelo. É notável que, segundo as suas palavras, a maioria dos indivíduos que sucumbem ao tifo sejam pais de família, precisamente os que mais falta fazem em casa, e cita vários médicos irlandeses que dizem o mesmo¹².

Existe outra espécie de doença cuja causa directa é mais a alimentação do que o alojamento dos trabalhadores. A indigesta alimentação dos operários e totalmente imprópria para as crianças e, contudo, os operários não têm tempo nem meios para proporcionar aos filhos uma alimentação mais conveniente. É preciso mencionar também o hábito, ainda hoje muito divulgado, que consiste em dar aguardente aos filhos, ou até opio. Tudo isto concorre, além do efeito prejudicial das condições de vida sobre o desenvolvimento físico, para provocar as mais diversas doenças dos órgãos digestivos que deixam marcas para o resto da vida. Quase todos os trabalhadores têm o estômago mais ou menos arruinado e contudo são coisistrangidos a continuar o regime que é precisamente a causa dos seus males. De resto, como poderiam reconhecer as consequências desse regime e, mesmo que as conhecessem, como poderiam seguir um regime mais conveniente, enquanto não lhes derem outras condições de vida, enquanto não lhes derem outra educação?

Contudo, esta má digestão origina ainda outras doenças durante a infância. As escrofulas são uma regra quase geral entre os trabalhadores, e os pais escrofulosos têm filhos escrofulosos, sobretudo quando a principal causa da doença age por sua vez sobre as crianças que a hereditariedade predispor para esta doença. Uma segunda consequência desta insuficiência alimentar durante a formação é o raquitismo (doença inglesa, excrecências nodosas que aparecem nas articulações), também muito espalhado entre os filhos dos trabalhadores. A ossificação atrasa-se, todo o desenvolvimento do esqueleto é retardado e, para além das afecções raquíticas habituais,

¹² Dr. W. P. ALISON: op. cit., pp. 16-17 e 18-32, cita o testemunho do Dr. F. BARKER e J. CHEYNE: op. cit., vol. 2, 1841, pp. 16, 26 e 40.

comprovam-se com muita frequencia deformagoes das pernas e escoliose da coluna vertebral. Escusado sera dizer a que ponto estes males sao agravados pelas vicissitudes as quais as flutuagoes do comercio, o desemprego e o magro salario dos periodos de crise expoem os trabalha-dores. A auseneia temporaria de alimentagao suficiente, que cada trabalhador conhece pelo menos uma vez na vida, so contribui para agravar as eonsequencias que uma ma alimentagao implica, mas que pelo menos era suficiente. Crianças que — no exacto momento em que mais falta lhes f az a alimentagao — so podem comer me-tade do necessario para matar a fome—e sabe Deus a fome que elas passam durante cada crise e mesmo nos periodos economicos mais florescentes — serao fatalmente em grande percentagem, criangas fracas, escrofulosas e raquiti-cas. E e de facto isso que acontece. O estado de abandono a que esta oondenada a grande maioria dos filhos dos trabalhadores deixa tragos indeleveis e provoca o enfra-quecimento de toda a geragao trabalhadora, A isto vem-se juntar as roupas pouco confortaveis desta classe e a dificuldade, e mesmo a impossibilidade, de se protegem contra os resfriamentos, para alem da necessidade de trabalhar tanto quanto o permitem as mas condicoes fisieas, o agravamento da miseria no seio da familia atingida pela doenga, a habitual auseneia de qualquer assistencia medica. Poderemos entao calcular aproxima-damente qual e o estado sanitario dos operarios ingleses. E ja nem quero mencionar aqui os efeitos nocivos tipicos de certos ramos da industria, devido as actuals condicoes de trabalho.

Ha ainda outras causas que enfraquecem a saiiide de urn grande numero de trabalhadores. Em primeiro lugar a bebida. Todas as tentagoes possiveis se juntam para levar os trabalhadores ao alcoolismo. Para eles, a aguar-dente e praticamente a unica fonte de alegria e tudo con-corre para a terem a mao. O trabalhador volta para casa esgotado e fatigado; encontra a casa sem o minimo con-forto, pouco hospitaleira e suja; tern uma necessidade urgente de se divertir; precisa de qualquer coisa que faga o seu trabalho valer a pena, que lhe torne suportavel a perspectiva do amargo dia seguinte. Fica acabrunhado, sente-se mal, e levado a hipocondria; este estado de espi-rito que se deve principalmente a sua falta de savide e a sua ma digestao, e exacerbado ate se tornar intoleravel pela inseguranga da sua existencia, pela dependencia da sorte e pela sua incapaeidade em fazer alguma coisa

para ter uma vida menos precaria. O seu corpo enfraquecido pela atmosfera poluida e pela ma comida exige impe-riosamente um estimulante externo; a necessidade de companhia so pode ser satisfeita na tasca e nao ha outro lugar para se encontrar com os amigos. Como poderia o trabalhador deixar de ser tentado ao maximo pela bebida, como poderia resistir a tentagao do alcool? Pelo contrario, nestas condicoes, a necessidade fisica e moral faz com que grande parte dos trabalhadores tenha neces-sariamente de sucumbir ao alcoolismo. Ja nao falando das condicoes fisicas que incitam o trabalhador a beber, o exemplo da maioria, a educagao descuidada, a impos-sibilidade de proteger os novos contra esta tentagao, a frequente influencia directa de pais alcoolicos, os quais dao aguardente aos filhos, a certeza de esquecer, no alcoolismo, pelo menos por algumas horas, a miseria e o fardo da vida, e cem outros factores tern um efeito tao poderoso que nao poderemos acusar os trabalhadores da sua predilecçao pela aguardente. Neste caso, o alcoolismo deixou de ser um vicio pelo qual se pode responsabilizar quem se lhe entrega; torna-se um fenomeno natural, uma consequencia necessaria e inelutavel de condicoes dadas que agem sobre um objecto que — pelo menos no que diz respeito a estas condicoes — nao possui vontade propria. Esta responsabilidade cabe aos que fizeram do trabalhador um simples objecto. Contudo, a propria necessidade que conduz a grande maioria dos trabalhadores ao alcoolismo faz com que a bebida provoque, por sua vez, estragos no corpo e *m*> espirito das suas vitimas. A predisposigao para as doengas resultante das condicoes de vida dos trabalhadores e favorecida pela bebida, principalmente as afecçoes pulmonares e intestinais, nao esquecendo a eclosao e propagagao do tifo.

Outra causa dos males fisicos e a impossibilidade da classe operaria obter, em caso de doenga, o servigo de medicos competentes. E verdade que um grande numero de instituicoes de assistencia tentam aliviar esta carencia; por exemplo, o hospital de Manchester acolhe todos os anos cerca de vinte e dois mil doentes ou da-lhes conse-lhos e medicamentos. Mas o que representa isto numa cidade onde, segundo as estimativas de Gaskell¹⁸, tres

¹⁸ M. J. e Manufacturing Population of England, cap. 89, indica 21.196 doentes para 1831. A Royal Manchester Infirmary da os seguintes ntimeros: 1827-28: 16180; 1828-29: 18 000; 1829-30: 16 237; 1830-31: 19 628; 1831-32: 21349; 1832-33: 21232 (os anos rontam a partir de 25 de Junho).

em cada quatro habitantes teriam necessidade de assistencia medica todos os anos? Os medicos exigem honorarios elevados e os trabalhadores nao os podem pagar. Por conseguinte nada podem fazer ou entao sao cons-trangidos a recorrer a charlata.es ou a remedios caseiros baratos que a longo prazo so os podem prejudicar. Um grande numero destes charlataes exerce em todas as grandes cidades inglesas e arranja clientela entre as classes mais pobres com a ajuda de anuncios, cartazes e outros truques do mesmo genero. Mas alem disso e posta a venda uma enorme quantidade de medicamentos ditos registados (*patent medicines*) contra todos os males possiveis e imaginarios: pilulas de Morrison, pilulas vitais de Parr, pilulas do Dr. Mainwaring e mil outras pilulas, essencias e balsamos que tern a propriedade de curar todas as doengas do mundo. E verdade que estes medicamentos raramente contem produtos verdadeiramente toxicos, mas exercem em muitos casos um efeito nocivo sobre o organismo quando sao tornados em doses grandes e repetidas; e como se prega aos trabalhadores ignorantes que nunca serao demais os que tomarem, nao e de espantar que estes os tomem em grandes quantidades a proposito de tudo e de nada. E normal o fabricante das pilulas vitais Parr vender vinte a vinte e cinco mil caixas destas pilulas curativas por semana, e sao consumidas! Para um e um remedio contra a prisao de ventre, para outro contra a diarreia, contra a febre, a anemia e todos os males imaginaveis. Tal como os camponeses alemaes se subme-tiam ao tratamento com ventosas ou sangrias em certas estagoes, os operarios ingleses tomam os seus remedio-zitos *registados*, prejudicam-se a si proprios e deixando o seu dinheiro nos bolsos dos fabricantes. Entre estes remedios, um dos mais iperigosos e uma mistela a base de opiacios, principalmente o laudano, vendido com o nome de *Cordial de Godfrey*^{1*}. Algumas mulheres que trabalham ao domicilio e tomam conta dos seus filhos ou dos filhos dos outros, administram-lhes esta beberragem para os manterem tranquilos e para os fortificar, pelo menos assim o acreditam. Desde que as criangas nascem, elas comegam a dar-lhes estes remedios, desconhecendo os efeitos deste *fortificante*, ate que as criangas morrem disso. Quanta mais o organismo se habitua aos efeitos do opio, mais aumentam as quantidades administradas. Quando o *Cordial* ja nao age, dao-lhes por vezes laudano

^M Mistura a base de laudano e melago.

puro, frequentemente quinze a vinte gotas de uma so vez. O *Coroner* de Nottingham afirmou perante uma comissao governamental¹⁵ que um unieo farmaceutico, segundo tinha confessado, tinha utilizado num so ano treze quintals de xarope para preparar *Cordial de Godfrey*¹⁶. Pode-mos imaginar facilmente as consequencias de semelhan-tes tratamentos para as criangas. Tornam-se palidas, apa-gadas, fracas e na maioria morrem antes dos dois anos. O uso desta droga esta muito divulgado em todas as grandes cidades e regioes industriais do reino ".

A consequencia de todos estes factores e o enfra-quecimento geral do organismo dos trabalhadores. Entre eles, ha poucos homens vigorosos, bem constituídos e com boa aparencia, pelo menos entre os operarios de fabrica que trabalham a maior parte do tempo em locais fechados e de que aqui tratamos exclusivamente. Sao quase todos debeis, tern uma ossatura angulosa mas pouco robusta, sao magros, palidos, e o seu corpo, com excepcao dos musculos que o trabalho solicita, esta amolecido pela febre. Sofrem quase todos de ma digestao e, por consequencia, sao mais ou menos hipocondriacos, melancolicos, irritaveis e nervo-sos. O organismo enfraquecido nao tern possibilidades de resistir a doenga, que os vitima em qualquer altura. B por isso que envelhecem prematuramente e morrem jovens. As estatisticas de mortalidade constituem uma prova irrefutavel disso.

Segundo o relatorio do escrivao geral G. Graham, a mortalidade anual em toda a Inglaterra e Pais de Gales

¹⁵ **Report of Commission of Inquiry into the Employment of Children and Young Persons in Mines and Collieries and in the Trades and Manufactures in which Numbers of them work together, no being included under the Terms of the Factories Regulation Act. First and Second Reports.** (Relatorio da Comissao de Inquerito sobre o emprego de criangas e de jovens nas minas e hulheiras bem como nas oficinas e manufacturas em que grande numero deles trabalham em comum mas em que nao estao submetidos as disposicoes da lei sobre a regulamentagao das fabricas. Primeiro e segundo Relat6rios). Grainger's Rept. second rept.. Citado habitualmente com a referenda **Children's Employment Commission Report.** Um dos melhores relatorios oficiais contendo um sem numero de factos preciosos, mas assustadores. O primeiro relatorio apareceu em 1841, o segundo dois anos depois (F. E.).

¹⁶ Na edigao americana de 1887: thirteen hundred weight of laudanum... (treze quintals de laudano). Na realidade, Engels quer dizer: treze quintals de xarope a base de laudano.

" Sobre as consequencias da utilizagao deste remedio em Wolverhampton, cf. **Children's Employment Commission, Appendix to 2nd Report, 1842, 2.**" parte.

e ligeiramente inferior a 2,5%, o que quer dizer que um homem em cada quarenta e cinco morre todos os anos¹⁸. Pelo menos era esta a media dos anos de 1839 e 1840. No ano seguinte a mortalidade baixou um pouco e nao foi alem de um em quarenta e seis. Mas nas grandes cidades o relatorio e diferente. Tenho a minha frente estatisticas oficiais (*Manchester Guardian* de 31 de Julho de 1844)¹⁹, que indicam para a mortalidade nalgumas grandes cidades os seguintes numeros: em Manchester, incluindo Salford e Chorlton, 1 em 32,72; e excluindo Salford e Chorlton, 1 em 30,75; em Liverpool, incluindo West Derby (suburbio): 1 em 31,90 e sem West Derby, 29,90; enquanto que em todos os distritos mencionados, Cheshire, Lancashire e Yorkshire, e estes compreendem uma quantidade de distritos inteiramente ou meio rurais e, alem disso, numerosas pequenas povoagoes, para uma populagao de 2172 506 pessoas houve uma mortalidade media de um obito por 39,80 habitantes. A que ponto os trabalhadores estao desfavorecidos nas cidades, e o que mostra a percentagem de mortalidade em Prescott no Lancashire, distrito habitado por mineiros de carvao e que, como o trabalho nas minas esta longe de ser saudavel, se situa bem abaixo das regioes rurais, no que diz respeito a higiene. Mas os trabalhadores residem no campo onde a mortalidade se situa em 1 para 47,54 habitantes, o que significa que e menos elevada do que a media de toda a Inglaterra (sendo a diferenca quase de dois e meio: um falecimento por cada quarenta e cinco pessoas em Inglaterra).

Todas estas indicacoes se baseiam nos registos de mortalidade de 1843. A mortalidade ainda e mais elevada nas cidades da Escocia: em Edimburgo, em 1838-39 atingiu um em 29, e ate, em 1831, so na cidade velha, um em 22; em Glasgow, segundo o Dr. Cowen (*Vital Statistics of Glasgow*²⁰), media de um em trinta desde 1830 e, em certos anos, de um em 22 ou um em 24. Por toda a parte esta provado que esta reducao consideravel da duracao

¹⁸ **Fifth Annual Report of (the) Registrar General of Births, Deaths and Marriages** * (5.º Relatório anual do Oficial Superior do Registo Civil sobre os nascimentos, obitos e casamentos. (PE)

* 1843, p. 111.

¹⁹ Estatistica ligeiramente inexacta dado que os numeros da populagao tornados como referencia sao os de 1841, enquanto que os obitos sao os de 1843.

²⁰ Em subtítulo **Illustrating the Sanitary Condition of the Population** (Estatistica dos nascimentos e falecimentos em Glas-

media da vida atinge principalmente a classe operaria, e ate que a media de todas as classes e elevada pela fraca mortalidade das classes medias. Um dos teste-munhos mais recentes e o do Dr. P. H. Holland, de Manchester, que fez um inquerito²¹ em missao oficial nos arredores de Manchester: Chorlton-on-Medlock. Classifi-cou os imoveis e as ruas em tres categorias e da as seguintes diferengas de mortalidade:

	imoveis l. ^a classe	Morta da
Ruas de l. ^a Classe:		1 l. c
	2. ^a »	1 » 45
	3. ^a »	1 » 36
Ruas de 2. ^a Classe:	imoveis l. ^a classe	1 » 55
	2. ^a »	1 » 38
	3. ^a »	1 » 35
Ruas de 3. ^a Classe:	imoveis l. ^a classe	nao ex st e 35
	3. ^a »	1 » 25

Depreende-se de numerosos outros quadros elaborados por Holland que a mortalidade nas *ruas* de 2.^a classe e 18% maior, e nas de 3.^a categoria e 68% mais elevada que nas ruas de l.^a; que a mortalidade nos *imoveis* de 2.^a classe e 31% e nas de 3.^a classe e 78% maior do que nas de l.^a categoria; que a mortalidade nas mas ruas que foram melhoradas diminuiu de 25%. Conclui com um reparo muito franco para um burgues ingles:

Quando verificamos que nalgumas ruas a mortalidade e quatro vezes maior do que noutras, e que e, em certas categorias de ruas, duas vezes mais elevada do que noutras; quando alem disso verificamos que ela e invariavelmente baixa nas ruas bem conservadas, nao pode-

gow, para ilustrar o estado sanitario da poulagao). O artigo do Dr. Cowan apareceu no **Journal of the Statistical Society of London** em Outubro de 1840, vol. 3, p. 265. Eis o quadro de Cowen:

Anos	1 falecimento por	Anos	. falecimento por
1831	33,845	1836	28,906
1832	21,672	1837	24,634
1833	35,776	1838	37,939
1834	36,312	1839	36,146
1835	32,674		

^a Cf. **Report of Commission of Inquiry into the State of large Towns and populous Districts, first Report, 1844, Appendix** (Relatorio da Comissao de inquerito sobre o estado das grandes cidades e distritos populosos. Primeiro relatorio, 1844, Anexo). (FE)

mos deixar de concluir que um grande numero do3 nossos semelhantes, que centenas dos nossos vizinhos mala pr6-ximos, sao mortos (destroyed) todos os anos por falta das mais elementares precaucoes**.

O relatorio sobre o estado de saiiide das classes tra-balhadoras contem indicagoes que apontam este mesmo facto. Em Liverpool, a duragao media da vida em 1840 para as classes superiores (*gentry, professional men, etc.*) era de 35 anos, a dos homens de negocios e dos artesaos abastados, 22 anos, a dos operarios, jornaleiros e domes-ticas em geral de apenas 15 anos²³. Os relatorios parla-mentares contem muitos dados analogos.

E a assustadora mortalidade infantil da classe ope-raria que aumenta as listas de mortalidade. O fragil organismo duma crianga e o que oferece mais fraca resis-tencia aos efeitos desfavoraveis dum modo de vida mise-ravel; o estado de abandono em que frequentemente se encontra quando ambos os pais trabalham, ou quando um deles morreu, nao tarda a fazer-se sentir cruelmente; nao e pois de espantar se, por exemplo, em Manchester, segundo o relatorio que acabamos de citar, mais de 57 %²⁴ dos filhos de operarios morrem antes de terem atingido os 5 anos de idade, enquanto que entre as criangas das classes burguesas a proporgao de falecimentos nao e senao de 20%²⁵, e a media de todas as classes nas regioes rurais nao atinge 32 %²⁶. O artigo do *Artizan*²⁷, ja citado diver-sas vezes, da-nos a este respeito indicagoes mais precisas, ao comparar as percentagens de falecimentos devidos a certas doengas infantis, nas criangas das cidades e do campo; deste modo se demonstra que as epidemias sao em geral, em Manchester e Liverpool, tres vezes mais mortiferas que nas regioes rurais; que as doengas do sistema nervoso se encontram multiplicadas por cinco

²² Manchester **Guardian**, 31 de Julho de 1844.

²³ E. Chadwick: **Report on the Sanitary Condition etc.**,

1842, p. 159.

²⁴ Ma leitura de Engels. O relat6rio diz **Nearly 54 per cent** (cerca de 54%).

²⁵ O numero de mortos infantis nos meios burgueses S reti-rado de Chadwick: **op. cit.**, 1842, e calculado a partir de estatisticas que se referem as cidades de Manchester, Leeds, Liverpool, Bath, Bethnal Green e aos centros populares do Strand e de Randal, Wiltshire e **Rutland**.

²⁶ **Factories Inquiry Commission's Report**, vol. 3, Report of Dr. Hawkins on Lancashire, onde o Dr. Robertson, «a mais alta auto-ridade de Manchester em materia de estatistica», 6 invocado como caugao. (F. E.)

²⁷ Outubro de 1843, pp. 228 e seguintes.

e as de estomago por dois, enquanto que os falecimentos devidos as doengas pulmonares sao duas vezes e meia mais numerosos nas cidades do que no campo; os falecimentos de eriangas devidos a variola, a rubeola, a coque-luche e a escarlatina sao quatro vezes mais numerosos nas cidades; os falecimentos devidos a hidrocefalia sao tres vezes mais numerosos e os devidos as convulsoes dez vezes mais numerosos. Para citar mais luma autoridade reconhecida, reproduzo aqui um quadro estabelecido pelo Dr. Wade na sua *History of the Middle and Working Classes*²⁵, Londres, 1833, 3.^a ed., de acordo com o rela-torio da comissao parlamentar sobre as fabricas de 1832.

Para alem destas diferentes doengas, consecuencia necessaria do estado de abandono e opressao em que actualmente se encontra a classe pobre, ainda existem factores que contribuem para o aumento da mortal idade das eriangas. Em muitas familias tanto o homem como a mulher trabalham fora, do que resulta as eriangas serem privadas de qualquer cuidado, ficando ou fechadas ou entregues ao cuidado de outras pessoas.

Por isso nao e de espantar que centenas destas eriangas percam a vida nos mais diversos accidentes. Em parte alguma ha, tantas eriangas que sao esmagadas por vei-culos ou cavalos, dao quedas mortais, se afogam ou quei-mam como nas grandes cidades inglesas. Sao particular-mente frequentes os falecimentos devidos a queimaduras graves provocadas pelo fogo ou por agua fervente; quase um por semana em Manchester durante os meses de inverno; em Londres tambem sao frequentes, embora seja raro que se faga eco disso nos jornais. Tenho a mao um exemplar do *Weekly Dispatch* de 15 de Dezembro de 1844, segundo o qual, na semana de 1 a 7 de Dezembro, se deram seis casos deste genero. Estas pobres eriangas, que morrem de maneira tao horrivel, sao na verdade as vitimas da nossa desordem social e das classes que tem interesse nessa desordem. E contudo, perguntamos a nos proprios se esta morte dolorosa e horrivel nao foi um beneficio para estas eriangas, poupando-as a uma longa Vida cheia de penas e miserias, rica em sofrimento e pobre em alegrias. Eis o ponto a que chegamos em Inglaterra, e a burguesia que todos os dias le estas noticias nos jornais nao se preocupa nada. Mas tambem se nao podera.

²⁸ Historia das classes madias e t^d,^oalhaao^as. Wade Tnspira--se num relatorio oficial: **Parliamentary Papers, 1831-32, vol. 15, n.º 706.**

Em cada 10 000 pessoas morrem no:	antes dos 5 anos	dos 5 aos 19 anos	dos 20 aos 39 anos	dos 40 aos 59 anos	dos 60 aos 69 anos	dos 70 aos 79 anos	dos 80 aos 89 anos	dos 90 aos 99 anos	com mais de 100 anos
Condado de Rutland: distrito agri-cola salubre	286 5	891	127 5	129 9	118 9	142 8	938	112	3
Condado do Essex: distrito agricola pantanoso	315 9	111 0	152 6	141 3	963	101 9	630	77 ¹	3
Cidade de Carlisle 1779-1787 antes do aparecimento das fabricas	440 8	911 ²	100 6	120 1	940	826	533	153	22
Cidade de Carlisle depois da instalacao das fabricas	473 8	930	126 1	113 4	677	727	452	80	1
Cidade de Preston, cidade industrial	494 7	113 6	137 9	111 4	553	532	298	38	3
Cidade de Leeds, cidade industrial	528 6	927	122 8	119 8	593	512	225	29	2

¹ Ed. de 1845 e 1S92: 177 em vez de 77, que e o numero exacto.

² Iguamente ed. 1845 e 1892: 921 em vez de 911.

queixar quando eu, baseando-me nos testemunhos oficiais e officiosos que citei, e que ela deve indubitavelmente conheeer, a acuso firmemente de assassinate social. Das duas uma: ou ela toma todas as medidas para remediar esta situacao espantosa, ou entao que entregue a classe trabalhadora o fardo de cuidar dos interesses de todos. Mas esta ultima solugao nao a atrai nada, e quanto a primeira falta-lhe o vigor necessario — enquanto perma-necer burguesia e prisioneira dos preconceitos burgueses. Pois se agora, quando ja cairam centenas de milhares

de vitimas, ela se decidir finalmente a tomar algumas mesquinhas medidas de precaugao para o future, a votar um *Metropolitan Building Act*²⁰, nos termos dp qual a escandalosa concentracao de casas sera submetida a algumas restricoes, se orgulhosamente se decidir por medidas que, longe de atacarem a raiz do anal, nem sequer correspondem de longe as prescrigoes mais elementares dos servigos municipais de higiene, nem assim ela se podera ilibar da minha acusacao. A burguesia inglesa so tern uma alternativa, ou eontinuar o seu reinado, earregando as costas o peso da acusacao irrefutavel de assassinio, e *apesar* desta acusacao, ou entao abdicar a favor da elasse operaria. Ate agora, preferiu a primeira solugao.

Passemos agora da situacao material a condicao moral dos trabalhadores. Se a burguesia so lhes deixa da vida o estritamente necessario, nao nos espantaremos ao constatar que so lhes concede o grau de cultura que o seu proprio interesse exige. E na verdade nao e muito. Comparados com o mimero da populacao, os meios de instrugao sao inacreditavelmente reduzidos. Os raros cursos a, disposicao da elasse tra'balhadora so podem ser frequentados por uma minoria reduzidissima de pessoas e, alem do mais, nao valem nada. A maioria dos profes-sores, operarios reformados e outras pessoas incapazes de trabalhar que so se dedicam ao ensino para pode-rem sobreviver, nao possuem os mais rudimentares conhe-cimentos, sao desprovidos da formacao moral tao neces-saria ao mestre e nao existe controle publico sobre estes cursos. Tambem aqui reina a livre concorrencia e, como sempre, os ricos estao em vantagem, enquanto que' os pobres, precisamente para quern a concorrencia *nao* e livre, que nao possuem os conheeimentos suficientes para poderem julgar, so suportam os inconvenientes. Em parte alguma existe frequencia escolar obrigatoria. Nas pro-prias fabricas isso nao passa duma palavra, como vere-mos. Quando o governo quis, no decurso da sessao de 1843, fazer entrar em vigor esta aparencia de escolari-dade obrigatoria, a burguesia industrial opos-se-lhe com todas as forgas, se bem que os trabalhadores se tives-sem pronunciado categoricamente a favor desta medida. De resto, numerosas criangas trabalham durante toda a

* Lei sobre a construgao na capital adoptada em 1844 pelo Parlamento ingles.

semana em casa ou nas fabricas e por isso nao podem frequentar a escola. Porque as *escolas nocturnas*, onde devem ir os que trabalham de dia, quase nao tem alunos e estes nao tiram delas proveito algum. Na verdade, seria pedir demasiado aos jovens operarios que se estafaram durante doze horas, que ainda fossem a escola das 8 as 10 da noite. Os que la. vao, ai adormecem a maior parte das vezes, como constatarem centenas de testemunhos no *Children's Employment Report*. E verdade que se organi-zariam cursos aos Domingos, mas tem falta de professo-res e so podem ser uteis aos que ja, f requentaram a escola durante a semana. O intervalo que separa um Domingo do seguinte e demasiado longo para que uma crianga inculta nao tenha esquecido na segunda ligao o que apren-dera oito dias antes no decurso da primeira. No rela-torio da *Children's Employment Commission*³⁰, milhares de provas atestam, e a propria comissao apoia, esta opi-niao categoricamente: que nem os cursos da semana nem os do Domingo correspondem, nem de longe, as neces-sidades da nagao. Este relatorio fornece provas da ignorancia que reina na classe operaria inglesa e que nao Sieriam de esperar mesmo dum pais como' a Espanha ou a Italia. Mas nao poderia ser doutro modo; a burguesia tem pouco a esperar mas muito a temer da formagao intelectual do operario. No seu colossal orgamento de 55 000 000 de libras esterlinas, o governo previu apenas um infimo credito de 40 000 libras esterlinas para a ins-trugao publica; e se nao fosse o fanatismo das seitas religiosas, cujos preconceitos sao tao importantes como os melhoramentos que introduz aqui e ali, os meios de ins-trugao ainda seriam mais miseraveis.

Assim, a Igreja anglicana funda as suas *National Schools*³¹ e eada seita tem as suas escolas, com a unica intengao de conservar no seu seio os filhos dos seus fieis e se possivel de arrebatat aqui e ali uma pobre alma infantil as outras seitas. A consequencia disso e que a religiao, e precisamente o aspecto mais esteril da reli-giao, a polemica, se torna o ponto fundamental da ins-trugao, e que a memoria das criangas e saturada de dogmas incompreensiveis e distincoes teologicas: logo que isso e possivel, desperta-se a crianga para o odio

³⁰ De facto houve dois relatorios. As passagens a que Engels alude figuram no **2nd Report of the Commissioners: Trades and Manufactures**, 1843, pp. 141-194 e 752-1020.

³¹ Escolas populares.

sectario e para a beatice fanatica, enquanto que toda ;i h.rm.M .10 racional, intelectual e moral e vergonhosa-mente negligenciada. Os operarios ja exigiram muitas vezes do parlamento uma instrugao publica puramente laica, deixando a religiao para os padres das diferentes seitas, mas ainda nao encontraram um ministerio que lhes tivesse concedido semelhante coisa. E normal! O minis-tro e o servo ofoediente da burguesia, e esta divide-se numa infinidade de seitas; mas cada seita so consente em dar ao trabalhador essa educagao, que doutro modo seria perigosa, se este, para alem disso, for obrigado a tomar o antidoto que constituem os dogmas especificos desta seita. E hoje, enquanto estas seitas continuam a disputar a supremacia, a classe operaria permanece inculta. E verdade que os industriais se gabam de ter ensinado a ler a grande maioria do povo, mas «ler» e uma maneira de dizer, como mostra o relatorio da *Children's Employment Commission*. Quern conhece o alfa-beto ja diz que sabe ler e o industrial satisfaz-se com esta piedosa afirmagao. E quando pensamos na comple-xidade da ortografia inglesa, que transforma a leitura numa verdadeira arte que so pode ser praticada depois de um longo estudo, achamos esta ignorancia compreensivel, Muito poucos operarios sabem escrever correcta-mente e, quanto a ortografia, mesmo grande numero das proprias pessoas *cultas* a desconhecem. Nao se ensina a escrever nos cursos de Domingo da igreja angli-cana, dos Quakers, e creio que de varias outras seitas, «porque essa e uma ocupagao demasiado profana para um Domingo». Alguns exemplos mostrarao que genero de instrugao e oferecida aos trabalhadores. Sao extraidos do relatorio da *Children's Employment Commission* que infelizmente nao engloba a industria propriamente dita ³².

Em Birmingham, diz o comissario Grainger³³, as crian-gas que interroguei sao completamente desprovidas da-quilo que so muito dificilmente poderia merecer o nome de instrugao util. Se bem que na maioria das esco-las so se ensine religiao, tamb^m neste dominio demons-

³² Na verdade, certas regioes industriais tinham sido ins-peccionadas no ano anterior, mas nao tinha sido publicado relatorio. Os primeiros inqueritos sobre o trabalho das criangas foram obra de organizagoes locais, precisamente em Manchester, e remon-tam a 1795.

³³ O relatorio de Grainger tambem se refere as cidades de Nottingham, Derby, Leicester e Londres.

traram a mais completa ignorancia. Em Wolverhampton, relata o commissario Home, encontrel entre outros os seguintes exemplos: uma rapariguinha de onze anos tinha frequentado o curso semanal e o de Domingo, o nunca tinha ouvido falar do outro mundo, do o<5u, ou doutra vida. Um rapaz de dezassete anos nao sabia quantos eram 2 vezes 2, quantos farthings (1/4 de penny) ha em 2 pence, mesmo depois de lho terem metido as moedas na mao. Alguns rapazes nunca tinham ouvido falar de Londres nem sequer de Willenhall, se bem que esta cidade ficasse a uma hora de caminho do seu domicilio e em constante comunicagao com Wolverhampton. Alguns nunca tinham ouvido o nome da Rainha, nem nomes como Nelson, Wellington, Bonaparte. Mas e notavel que aqueles que nunca tinham ouvido falar de Sao Paulo, Moises ou SalomSo, esti-vessem muito bem informados sobre a vida, os feitos e o character de Dick Turpin, o bandido das estradas, e principalmente de Jack Sheppard, esse ladrao e espe-cialista em evasoes. Uma jovem de dezasseis anos nao sabia quantos sao dois vezes dois, nem quanto valem quatro farthings; um jovem de dezassete anos decla-rou que dez farthings equivaliam a dez meio-pence e um terceiro, com dezasseis anos de idade, respondeu muito rapidamente a algumas perguntas muito simples: «nao sei nada de nada» (he was ne judge o' nothin)^M; (Home: Rept, App. Part II, Q. 18, n.º 216, 217, 226, 233, etc....).

Estas criangas, a quem aborrecem com dogmas reli'giosos durante 4 ou 5 anos, no fim fdcam tao sabias como dantes.

Uma crianga «frequentou regularmente durante cinco anos o curso de Domingo; ignorava quem era Jesus Cristo mas ja tinha ouvido esse nome; nunca tinha ouvido falar dos doze apóstolos, de Sansao, Moises, Abraao, etc.» (ibid., Evid, p. q. 39, l. 33). Outro «fre-quentou regularmente o curso de Domingo durante seis anos. Sabia quem era Jesus Cristo, que tinha morrido na Cruz, para verter o seu sangue a fim de salvar o nosso Salvador; nunca tinha ouvido falar de S. Pedro nem de S. Paulo» (ibid. p. q. 36, l. 46). Um terceiro, «fre-quentou sete anos varias escolas de Domingo, s6 sabe ler em livros pouco espessos, palavras faceis, de uma so silaba; ja ouviu falar dos apóstolos, nao sabe se S. Pedro ou S. Joao eram um deles, mas sem duvida que o era S. Joao Wesley (fundador dos Metodis-tas), etc...» (ibid. p. q. 34, l. 58); a pergunta: quem era Jesus Cristo? Home obteve as seguintes respostas:

³⁴ O relatdrio diz he be'nt, etc., o que so aumenta a Incor-recgao gramatical da resposta.

era Adão; era um apóstolo; era o filho do Senhor do Salvador (he was **the** Saviour's lord's Son), e da boca de um jovem de dezassete anos: «Era um rei de Londres, há muito, muito tempo».

Em Sheffield, o comissário Symons mandou ler os alunos das escolas de Domingo; eram incapazes de contar o que tinham lido, ou de dizer quem eram os apóstolos de que falava o texto que tinham acabado de ler. Depois de os ter interrogado a todos, um após outro, sobre os apóstolos, sem obter uma resposta correcta, ouviu um gaiato com ar esperto exclamar com segurança: — Eu sei, Senhor, eram os leprosos. (Symons, Rept. App. Part. I, pp. E, 222 e seg).

As informações são idênticas nos relatórios sobre as regiões em que se fabrica olaria e sobre o Lancashire.

Vemos o que a burguesia e o Estado fizeram pela educação e instrução da classe trabalhadora. Felizmente as condições em que esta classe vive dão-lhe uma cultura prática, que não só substitui o amontoado escolar mas destrói igualmente o efeito pernicioso das confusas ideias religiosas em que esta mergulhada, que coloca os trabalhadores a cabeça do movimento nacional em Inglaterra. A necessidade leva o homem a descoberta e, o que é mais importante, faz-lo pensar e agir. O trabalhador inglês que mal sabe ler e ainda pior escrever, sabe no entanto muito bem qual é o seu próprio interesse e o da nação; sabe qual é o interesse específico da burguesia, e o que tem a esperar desta burguesia. Se não sabe escrever, sabe falar e falar em público; se não sabe contar, sabe no entanto o suficiente para fazer, com base em noções de economia política, os cálculos para desmascarar e refutar um burguês partidário da abolição da lei dos cereais; se, apesar do esforço a que se entregam os padres, as questões celestiais permanecem bastante obscuras para ele, não podia estar mais esclarecido sobre as questões terrenas, políticas e sociais. Voltaremos a falar disto; vamos agora abordar o retrato moral dos nossos trabalhadores.

É óbvio que a instrução moral integrada na instrução religiosa em todas as escolas inglesas, não poderia ser mais eficaz do que esta. Os princípios elementares que, para o ser humano, regulam as relações entre os homens, estão votados a mais terrível das confusões, quanto mais não seja devido a situação social, a guerra de todos contra todos. Tem necessariamente que perma-

necer totalmente obscuros e estranhos ao operario inculto, quando lhe sao expostos a mistura com incompreensiveis dogmas religiosos e sob a forma religiosa dum mandamento arbitrario e sem fundamento. Segundo a confis-sao de todas as autoridades, principalmente da *Children's Employment Commission*, as escolas pouco contribuem para a moralidade da classe trabalhadora. A burguesia inglesa e tao desprovida de escrupulos, tao estupidica e tao limitada pelo seu egoismo, que nem se da ao trabalho de inculcar nos trabalhadores a moral actual, uma moral que contudo a burguesia fabricou no seu proprio interesse e para sua propria defesa! Mesmo este cuidado consigo propria daria demasiado trabalho a esta burguesia pre-guigosa e cada vez mais indolente; ate isso lhe parece superfluo. Claro que chegara o momento em que lamentara — demasiado tarde — a sua negligencia. Mas nao tem o direito de se queixar se os trabalhadores ignoram esta moral e nao a seguem.

E assiim que, no piano moral, os operarios sao afastados e desprezados pela classe no poder, tal como o sao fisica e intelectualmente. O unico interesse que ainda lhes dedicam manifesta-se pela lei, que se encarniga sobre eles logo que se aproximam demasiado da burguesia. Tal como em relagao aos animais desprovidos de razao, so se utiliza um meio de educagao — emprega-se o chicote, a forga bruta que nao convence, mas se limita a intimidar. Por isso, nao e de espantar que os trabalhadores, que sao tratados como animais, se transformem em verdadeiros animais, ou entao tenham, para salvaguardar a sua consciencia de homens e o sentimento de que sao seres humanos, apenas o odio mais feroz, uma revolta interior permanente contra a burguesia no poder. So sao homens enquanto sentem colera contra a classe dominante. Tornam-se animais quando se acomodam pacientemente ao seu jugo, nao procurando senao tornar a sua vida agradavel sob esse jugo, sem o tentar quebrar.

Eis tudo o que a burguesia fez pela cultura da classe trabalhadora, e quando tivermos apreciado as outras condicoes em que esta ultima vive, nao nos poderemos sentir ofendidos com o rancor que ela alimenta contra a classe dominante. A educagao moral que nao e dispensada ao trabalhador na escola, tambem nao lhe e oferecida noutras alturas da sua existencia, nem sequer aquela educagao moral que tem algum valor aos olhos da burguesia. Na sua posigao social e no seu meio, o operario encontra os maiores incitamentos a imoralidade. E pobre, para si

A vida não tem atractivos, quase todos os prazeres lhe são recusados, os castigos previstos pela lei já nada tem de temível para si — por que razão refrearia os seus desejos, porque deixaria o rico gozar os seus bens em vez de se apropriar duma parte deles? Que razões tem o operário para não roubar? É muito bonito dizer que «a propriedade é sagrada» e isso soa muito bem aos ouvidos dos burgueses, mas para quem não possui nada esse carácter sagrado desaparece por si mesmo. O dinheiro é o deus deste mundo. O burgues retirado ao proletário o dinheiro deste, e deste modo faz dele um ateu. Por conseguinte não é para admirar que o proletário ponha o seu ateísmo em prática não respeitando nem a santidade nem o poder do deus terrestre. E quando a pobreza do proletário cresce a ponto de o privar do mínimo vital indispensável, desembocando numa miséria total, a tendência para o desprezo por toda a ordem social ainda cresce mais. Isto safoem-no em grande parte os próprios burgueses. Symons³⁵ demonstra que a miséria tem sobre o espírito o mesmo efeito devastador que o alcoolismo sobre o organismo, e o sheriff Allison³⁶ explica detalhadamente aos possuidores quais são as consequências inevitáveis da opressão social para os operários. A miséria só deixa ao operário a escolha entre estas eventualidades: morrer lentamente de fome, suicidar-se, ou obter aquilo de que precisa onde quer que o encontre — em bom português: roubar. E seríamos pouco indulgentes se nos espantassemos que a maioria prefira roubar a morrer de fome ou a suicidar-se. Claro que também há entre os trabalhadores um certo número de pessoas que são suficientemente moralistas para não roubarem mesmo quando atingiram uma situação extrema, e esses morrem de fome ou suicidam-se. O suicídio outrora privilégio invejado das classes possuidoras, esta hoje em dia em moda na Inglaterra, mesmo entre os operários, e uma multidão de pobres diabos matam-se para fugir a miséria, para a qual não encontram outro meio de escapar.

Mas o que tem uma acção ainda mais desmoralizante sobre os trabalhadores ingleses é a insegurança da sua posição social, a necessidade de viver do presente, em resumo, aquilo que os torna proletários. Os nossos pequenos

³¹¹ **Arts and Artizans** * (FE).

¹¹⁰ **Prin(cip)les** of Popu(lation), vol. 2, pp. 196 e 197. (FE)

* J. C. Symons: *Arts and Artizans at Home and Abroad...*, 1839, p. 147. O *divxlador* (zerrutend) foi acrescentado por Engels.

camponeses da Alemanha também são na sua matéria pobres e necessitados, mas dependem menos da sorte e possuem pelo menos alguma coisa de palpável. Mas o proletário que só tem os seus dois braços, que hoje come o que ontem ganhou, que depende do menor acaso, que não tem a menor garantia de vir a ter possibilidades de adquirir os gêneros mais indispensáveis— cada crise, o mais pequeno capricho do patrão, podem lançá-lo no de-semprego — o proletário está colocado na situação mais desumana que um ser humano pode imaginar. A existência do escravo está assegurada ao menos pelo interesse do seu senhor, o servo tem pelo menos um pedaço de terra que o faz viver, ambos têm pelo menos a garantia de poderem subsistir, mas o proletário, esse, está ao mesmo tempo reduzido à sua própria condição e é incapaz de utilizar as suas forças de forma a poder contar com elas. Tudo o que o proletário possa tentar para melhorar a sua situação é uma gota de água no oceano comparado com as vicissitudes à que se encontra exposto e contra as quais nada pode. É o joguete passivo de todas as circunstâncias possíveis e pode-se considerar feliz se salvar a pele, mesmo por pouco tempo. Como era de esperar, o seu carácter e o seu género de vida trazem por sua vez a marca das suas condições de existência. Ou procura manter-se à superfície deste turbilhão e salvar o que há em si de humano, e só pode fazê-lo revoltando-se³⁷ contra a classe que o explora tão impiedosamente e em seguida o abandona à sua sorte, quer dizer, contra a burguesia que tenta obrigá-lo a permanecer nesta situação indigna de um homem, ou então, renuncia a essa luta contra a existência que lhe é imposta, porque a considera estéril, e procura tanto quanto pode aproveitar os elementos favoráveis. Economizar não lhe serve de nada, porque, na melhor das hipóteses, só consegue juntar o dinheiro suficiente para se alimentar durante algumas semanas, e se ficar desempregado certamente que não é só por algumas semanas. É-lhe impossível adquirir de forma duradoura uma propriedade e, se o conseguisse, então deixaria de ser um operário e outro ocuparia o seu lugar. Que mais pode ele fazer quando tem um bom salário, senão gastá-lo? O burguês inglês fê-lo muito espancado e escandalizado com a boa vida que os trabalha-

³⁷ Veremos mais adiante como a revolta do proletário contra a burguesia recebeu, em Inglaterra, legitimação legal pelo direito de livre associação. (F.E3.)

doros lovam durante os periodos de altas de salarios — e, contudo, nao s6 e natural mas perfeitamente logico que estas pessoas gozem a existencia quando podem, ao inves de acumularem tesouros que de nada lhes servem e que a traga e a ferrugem, quer dizer, os burgueses, acabaram mesmo assim por roer. Mas semelhante existencia e mais desmoralizante do que qualquer outra. O que Carlyle diz dos fiadores de algodao aplica-se a todos os operarios ingleses das fabricas:

Hoje em dia os negocios florescem entre eles, amanha periclitam — e um perpetuo jogo de azar e eles vivem como jogadores, hoje no luxo, amanha na miseria. R6i-os um sombrio sentimento de revolta: o sentimento mais miseravel que pode agitar o coragao dum homem. O comercio inglgs, com as suas convulsoes e as suas flu-tuagoes que abalam o mundo inteiro, com o seu imenso demonio-Proteu do vapor, tornou incertos todos os cami-nhos que eles poderiam seguir, como se um feitiço pesasse sobre eles; a sobriedade, a firmeza, a tranquillidade prolongada, bens supremos para o homem, sfio-lhes estranhos. Para eles, este mundo nao e um local hospitaleiro, mas uma prisao com ar doentio, onde tudo nao e senao um tormento terrivel e esteril, rebeliao, odio e rancor para consigo mesmos, tal como para com os outros. Sera este o mundo verdejante e florido ^{3a} criado e governado por um Deus, ou entao um sombrio e efervescente inferno cheio de vapores de vitriolo, de poeiras de algodao, da algazarra dos bebados, das coleras e das angustias do trabalho, criado e governado por um demonio ³⁹?

E, mais adiante, lemos, pag. 40:

Se a injustica, a infidelidade a verdade, a realidade e a ordem da natureza, sao o unico mal a superficie da terra e se o sentimento de injustica e de iniquidade e a unica aflicao intoleravel, a nossa pergunta fundamental acerca da situacao dos trabalhadores seria: **Sera isto justo?** e em primeiro lugar: o que e que eles proprios pensam da equidade deste estado de coisas? Se as palavras que eles preferem sao ja uma resposta, os seus actos ainda o sao mais... Indignacao, subita ⁴⁰ tendencia para a vinganga e impetos de revolta contra as classes superiores, respeito decrescente pelas ordens dos superiores temporais, declinio da sua fe nos ensinamentos dos seus

³⁵ Aqui o texto de Carlyle acrescenta: **With azure** everlasting sky **stretched over it.** (Sob o docel eterno do ceu azulado). Engels desprezou esta parte da frase.

³⁹ **Chartism**, p. 34 e segs. (P. E.)

⁴⁰ Aqui, o texto inglgs indica sudden (sombrio) que Engels parece ter lido **sudden** (subita).

superiores espirituais, tal e o estado de **espírito geral**, que cada dia mais se apodera das classes **inferiores**. Podemos deplorar este estado de espírito ou tomarmo-las seus defensores, mas temos obrigação de reconhecer que na realidade ele existe nelas, devemos saber que tudo isto é muito triste e que, se nada mudar, se **dará** uma catástrofe.

Carlyle tem toda a razão no que diz respeito aos factos, só não tem razão em reprovar a paixão feroz que anima os trabalhadores contra as classes superiores. Esta paixão, esta cólera, são pelo contrário a prova de que os trabalhadores sentem o carácter desumano da sua situação, que não se querem deixar rebaixar ao nível do animal e que um dia se libertarão do jugo da burguesia. Podemos constatar-lo através do exemplo dos que não partilham desta cólera — ou se submetem humildemente a sua sorte, tendo, melhor ou pior, uma respeitável vida privada, não se importando com a marcha do mundo, ajudando a burguesia a forjar mais solidamente as cadeias dos operários e situando-se intelectualmente no ponto morto do período pré-industrial, ou então deixam-se arrastar pelo destino, jogam com ele, perdem todo o ânimo, quando já perderam todo o apoio exterior, só pensam no dia de hoje, bebem cerveja e andam atrás das mulheres; em ambos os casos, são animais. É esta categoria que mais contribui «para o rápido progresso do vício» com que a burguesia tanto se escandaliza, apesar de ter sido ela própria a desencadear as suas causas.

Outra fonte da imoralidade dos trabalhadores é o facto de eles serem os condenados do trabalho. Se a actividade produtiva livre é o maior prazer que conhecemos, o trabalho forçado é a tortura mais cruel e degradante. Não há nada mais terrível do que ter que fazer de manhã à noite qualquer coisa que se não deseja. E quanto mais sentimentos humanos tem um operário, tanto mais de-testa o seu trabalho porque sente o constrangimento que este implica e a inutilidade que este labor representa para si próprio. Então porque é que ele trabalha? Pelo prazer de criar? Por instinto natural? De modo nenhum. Trabalha por dinheiro, por uma coisa que não tem nada a ver com o trabalho em si, trabalha porque é forçado a isso, e, além disso, o trabalho dura tanto tempo e é tão monótono que só por esta simples razão não pode deixar de os sentir, desde as primeiras semanas, como um verdadeiro suplício, se ainda tiver alguns sentimentos humanos. De resto, a divisão do trabalho ainda multiplicou os

ri'ciio," embrutecedores do trabalho obrigatorio. Na maior parte dos ramos, a actividade do operario reduz-se a um gesto mesquinho, puramente mecanico, que se repete minuto a minuto, ano apos ano, sempre o mesmo⁴¹. Quern quer que tenha trabalhado desde a mais tenra idade doze e mais horas por dia a fabricar cabegas de prego ou a limar rodas dentadas, e que viva ainda nas condicoes de vida de um proletario ingles, quantas faculdades e senti-mentos humanos pode conservar aos trinta anos ? Passa-se o mesmo com a introducao do vapor e das maquinas. A actividade do operario encontra-se facilitada, o esforgo muscular reduzido, e o proprio trabalho e insignificante mas extremamente monotono. Ele nao lhe oferece ne-nhuma possibilidade de trabalho intelectual e, contudo, absorve-lhe a atengao a ponto de o operario, para cumprir a sua tarefa, nao poder pensar em mais nada. B a eon-denagao a um tal trabalho, um trabalho que absorve todo o tempo disponivel do operario, mal lhe deixando tempo livre para comer e dormir, nem lhe permitindo fazer exercicios ao ar livre e gozar a natureza, nao fa-lando ja na actividade intelectual, sera que podera deixar de rebaixar o homem a condigao de animal? Mais uma vez, o trabalhador so possui uma alternativa: subme-ter-se a sua sorte, tornar-se um «bom» operario, servir «fielmente» os interesses da burguesia — e, neste caso, cai de certeza na condigao de animal — ou entao resistir, lutar tanto quanto possa pela sua dignidade de homem, o que so lhe e possivel lutando contra a burguesia. E depois de todas estas causas terem provocado uma imensa imoralidade na classe trabalhadora, outra inter-vem para propagar essa imoralidade e leva-la ao extremo: a concentracao da populacao. Os escritores burgueses ingleses langam o anatema contra os efeitos desmoralizantes das grandes cidades — estes Jeremias as avessas lamentam-se e choram nao sobre a destruiçao dessas cidades mas sobre a sua expansao. O sheriff Alison torna este elemento responsavel por quase todos os males e o Dr. Vaughan, que escreveu *The Age of Great Cities*⁴²,

⁴¹ Deveria aqui tamMm deixar a burguesia falar por mim? Escolherei apenas uma obra que todos podem ler: *Wealth of Nations*, de Adam Smith (ed. cit), 3.º vol., livro V, cap. 8, p. 227. (F. E.)

⁴² A era das grandes cidades. Robert VAUGHAN: *The Age of Great Cities in its relation to intelligence, morals and religion* (2.ª ed., 1843, pp. 221-298). Vaughan, pastor presbiteriano, foi um dos raros escritores do sec. XIX que se pronunciou a favor das

ainda mais. B natural. Nos outros factores que exercem uma acção funesta sobre o corpo e o espirito dos operários, o interesse da classe possuidora esta demasiadamente em jogo. Se eles dissessem que a miséria, a insegurança, o excesso de trabalho e a obrigatoriedade do trabalho são as causas principais, todos responderiam, e eles próprios seriam obrigados a responder: pois bem, demos aos pobres a propriedade, asseguremos-lhes a existência, promulguemos leis contra o excesso de trabalho. E é isso que a burguesia não pode confessar. Mas as grandes cidades desenvolveram-se por si próprias, as pessoas instalaram-se nelas de livre vontade; concluir daí que só a indústria e a classe média, que dela retira o lucro, fizeram nascer estas grandes cidades, faz tão pouco sentido que foi fácil a classe dominante lembrar-se de atribuir todos os males a essa causa aparentemente inevitável — enquanto que as grandes cidades se limitam a desenvolver mais rápida e completamente um mal que pelo menos já existe em germe. Aliás, pelo menos, ainda tem humanismo suficiente para o reconhecer. Não é um burguês industrial e liberal completamente evoluído, mas um *tory* (conservador) burguês meio-evoluído e é por isso que de vez em quando vê coisas frente às quais os verdadeiros burgueses são completamente cegos. Passe-mos-lhe a palavra:

E nas grandes cidades que o vício espalha as suas tentações e a luxúria as suas redes, que o erro é encorajado pela esperança da impunidade e a preguiça se alimenta de múltiplos exemplos. E aqui, nestes grandes centros de corrupção humana, que os sujeitos maus e os depravados fogem à simplicidade da vida rústica, é aí que se encontram as vítimas dos seus maus instintos e o ganho que os recompensa dos perigos que enfrentam. A virtude é relegada para a sombra e oprimida. O vício espalha-se devido às dificuldades que impedem a sua descoberta, os excessos são recompensados pelos prazeres imediatos. Quem durante a noite percorrer St. Giles, os estreitos becos de Dublin ou os bairros pobres de Glasgow, encontrará aí a confirmação disto, e o que o espantará não é que haja tantos crimes, mas pelo contrário que haja tão poucos no mundo. As grandes causas da corrupção nas grandes cidades são a natureza contagiosa do mau exemplo e a dificuldade de escapar à sedução do vício quando eles estão em contacto estreito e quoti-

grandes cidades como agentes de libertação e de progresso. Cf. *Current Sociology, Urban Sociology*, UNESCO, Paris, vol. 4, 1955, n.º 4, p. 30.

n;::

diano com a geragao jovem. Os ricos **eo ipso** ^{*3} nao sac melhores; eles tamb&m nao poderiam resistir se se encon-trassem nesta situagao, expostos as mesmas tentacSes. A infelicidade principal dos operarios e que sao obri-gados a coexistirem em todo o lado com as formas sedu-toras do vicio e as tentagoes dos prazeres proibidos... A causa da imoralidade e a impossibilidade demons-trada de dissimular a fracgao jovem da populagao os encantos do vicio.

Depois de uma pintura de costumes bastante longa, o nosso autor prossegue:

Tudo isto nao prov6m duma depravagao anormal do caracter, mas da natureza quase irresistivel das tentagoes as quais os pobres estao expostos. Os ricos, que condenam a conduta dos pobres, cederiam com a mesma rapidez a influencia de causas identicas. Existe um grau de miseria, uma maneira que o pecado tern de se impor, aos quais a virtude so raramente pode resistir e a juventude quase nunca. Nestas condicoes o progresso do vicio e quase tao certo, e muitas vezes tao rapido, como o progresso do contagio fisico.

E noutra parte:

Desde que as classes superiores, no seu interesse, concen-traram os pobres em grande numero num. espago restrito, o contagio do vicio propaga-se com uma rapidez assus-tadora e torna-se inevitavel. As classes inferiores, tendo em conta a sua situagao do ponto de vista do ensino moral e religioso, pouco mais condenaveis serao por cederem as tentagoes que as assaltam do que por **sucum-birem ao tifo** ⁴⁴.

Isto basta! O meio-burgues Alison revela-nos, se bem que em termos pouco claros, as consequencias fu-nestas das grandes cidades no desenvolvimento moral dos trabalhadores. Um outro burgues, mas este e-o com-pletamente, um homem dentro do espirito da Liga para a abolicao das leis sobre os cereais, o Dr. Andrew Ure ¹⁸, mostra-nos o outro aspecto da questao. Expoe-nos que a vida nas grandes cidades facilita as coligagoes de operarios e torna a populagao poderosa. Se neste caso os trabalhadores nao estivessem educados (ou seja, educados na

« Evidentemente.
" **(The) Principles of population**, vol. II, p. 76 e segs., p. 135.
« **Philosophy of Manufactures**, Londres, 1835, pp. 406 e segs.
AindH nno refPT-irfimns a t>ata hela. ohra e as Dassaffens aaui citadas

obediencia a burguesia), veriam as coisas dum ponto de vista unilateral, dum ponto de vista sinistramente egoista; doixar-se-iam seduzir facilmente por astutos demagogos, c ate seriam bem capazes de olhar com inveja e hostili-dade o seu *melhor benfeitor*, o capitalista sobrio e em-preendedor. A linica solugao, neste caso, e a boa educa-cjo, a cuja falta se seguiriam a bancarrota nacional e outros horrores, porque entao uma revolugao dos operarios seria inevitavel. E os receios do nosso burgues sao inteiramente justificados. Se a eoncentragao da popu-lagao tern um efeito estimulante e favoravel sobre a classe possuidora, ela ainda faz progredir mais rapida-mente a evolugao da classe trabalhadora. Os trabalha-dores comegam a sentir que constituem uma classe na sua totalidade, tomam consciencia de que, fracos isolada-mente, todos juntos representam uma forga. A separagao da burguesia, a elaboragao de concepcoes e de ideias proprias dos trabalhadores e da sua situagao, sao acele-radas, a consciçncia que tern de ser oprimidos impoe--se-lhes, e os trabalhadores adquirem importancia social e politica. As grandes cidades sao os centros do movimento operario. Foi al que os trabalhadores comegaram a reflectir na sua situagao e a lutar; foi ai que se mani-festou em primeiro lugar a oposigao entre proletariado e burguesia; foi delas que saíram as associagoes opera-rias, o cartismo e o socialismo. As grandes cidades trans-formaram a doenga do organismo social, que se mani-festa no campo de forma cronica, numa aguda infecçao; deste modo revelaram claramente a sua verdadeira natu-reza e simultaneamente o verdadeiro meio de a curar. Sem as grandes cidades e a sua influencia favoravel sobre o desenvolvimento da inteligencia popular, os ope-rarios nao estariam no ponto em que estao. Por outro lado, destruíram os ultimos vestigios das relagoes pater-nalistas entre operarios e patroes, tendo a grande indus-tria contribuido tambem para isso ao multiplicar o niimero de operarios que dependem dum so burgues. Claro, a burguesda lamenta-se disso e com razao; porque enquanto duraram as relagoes patriarcais, o burgues estava praticamente ao abrigo duma revolta dos trabalhadores. Podia explora-los e domina-los alegremente, e este povo de pessoas simples oferecia-lhe, apesar disso, a sua obediçncia, gratidao e afecto, quando, para alem dos ^alarios, o gratificava com algumas amabilidades que

nada lhe cnstavam A tnlvPT: fnm olonirna nprnionpa iron-

IHHO o obrigasse, por pura bondade de alma e gosto pelo Hacrificio, quando, na realidade, isto nao era nem um i led mo do que deveria fazer. Enquanto individuo, burgues colocado em condicoes de vida que ele proprio nao criou, pelo menos fez parte do que devia fazer; mas enquanto membro da classe dominante, que pela simples razao *de governar* e responsavel pela situagao de toda a nagao, e a quem incumbe defender o interesse geral, nao so nao fez nada do que deveria ter feito em virtude da sua posi-gao social mas, alem disso, explorou toda a nagao em seu proveito proprio. A relagao patriarcal, que hipocritamente dissimulava a escravidao dos operarios, implicava que o operario estivesse necessariamente morto do ponto de vista intelectual, ignorando os seus proprios interesses, como simples individuo. Foi so quando escapou ao patrao e se l'he tornou estranho, quando se tornou elaro que os unicos lagos entre eles eram o interesse privado, o lucro, so quando desapareceu por completo a aparente ligagao, que nao resistiu a primeira prova, o operario comegou a compreender a sua posigao e os seus interesses e a desenvolver-se de maneira autonoma; foi so entao que deixou de ser, nas suas concepgoes, sentimentos e tambem na sua vontade, o escravo da burguesia. E foram princi-palmente a industria e as grandes cidades que contribui-ram de forma determinante para esta evolugao.

Outro factor que exerceu uma influencia importante sobre o caracter dos operarios ingleses, foi a imigragao irlandesa que ja tratamos tambem neste estudo. B ver-dade que, por um lado, como vemos⁴⁶, ela degradou os trabalhadores ingleses privando-os dos beneficios da civi-lizagao e agravando a sua situagao, mas por outro lado contribuiu para cavar o fosso entre trabalhadores e burguesia, e desse modo apressou a aproximagao da crise. Porque a evolugao da doenga social de que sofre a Ingla-terra e idetica a duma doenga fisica; evolui de acordo com eertas leis e tern as suas crises, das quais a ultima e a mais violenta decide da sorte do paciente. E como a nagao inglesa nao pode sucumbir a crise final, mas tem necessariamente que sair dela renovada e regenerada, s6 nos podemos alegrar com tudo o que aproxime a doenga do seu paroxismo. E para isso contribui a imigragao irlandesa atraves do seu caracter vivo e apaixo-nado, que introduz na Inglaterra e na classe operaria inglesa. Em muitos aspectos, as relagoes entre irlandeses

"" Kd. de 1892: sahen (como vimos) em vez de sehen.

e ingleses são as mesmas que entre franceses e alemães; a mistura do temperamento irlandês, mais leve, mais emotivo, mais quente, e do carácter inglês, calmo, perseverante, reflectido, não pode deixar de, a longo prazo, ser proveitoso para as duas partes. O egoísmo brutal da burguesia inglesa estaria muito mais enraizado na classe trabalhadora se o carácter irlandês, generoso até ao desperdício, essencialmente dominado pelo sentimento, não se lhe tivesse juntado, por um lado graças ao cruzamento entre raças, por outro graças as relações habituais, atenuando *p* que o carácter inglês tem de frio e de demasiado racional.

A partir disto, já não nos espantaremos ao constatar que a classe trabalhadora inglesa se tornou, pouco a pouco, um povo completamente diferente da burguesia inglesa. A burguesia tem mais afinidades com todas as nações da terra do que com os operários que vivem a seu lado. Os operários falam uma língua diferente, têm outras ideias e concepções, outros costumes e outros princípios morais, uma religião e uma política diferentes das da burguesia. São dois povos diferentes, tão diferentes como se não fossem da mesma raça, e até agora só conhecemos um deles *no* continente: a burguesia. E, contudo, e precisamente o segundo, o povo dos proletários, que é de longe o mais importante para o futuro da Inglaterra ⁴⁷.

Falaremos posteriormente do carácter público dos trabalhadores ingleses tal como se manifesta nas associações ou nos princípios políticos — só queremos mencionar aqui os resultados das causas que acabamos de enumerar, na medida em que elas agem sobre o carácter privado dos operários. Na vida quotidiana, o operário é muito mais humano que o burguês. Já assinalei mais acima que os mendigos quase só costumam apelar para os operários e que, dum modo geral, os trabalhadores contribuem mais para os pobres do que a burguesia. Este facto, que se pode verificar diariamente, e confirmado entre outros por Parkinson, conego de Manchester:

Os pobres ajudam-se mutuamente mais do que os ricos ajudam os pobres. Posso provar a minha afirmação com o testemunho dum dos nossos médicos mais idosos,

⁴⁷ 1892. Esta ideia de que a grande indústria dividiu os ingleses em duas nações diferentes foi, como se sabe, exprimida mais ou menos na mesma época por Disraeli, no seu romance **Sybil, or the two Nations** (Sybil ou as 2 nações). (F.E.)

mais habeis, mais observadores e mais humanos, o Dr. Bardsley. Declarou publicamente que a soma total que os pobres dao uns aos outros ultrapassa o que os ricos fornecem no mesmo lapso de tempo com fins de assistencia⁴⁸.

E agradavel ver o humanismo dos operarios mani-festar-se igualmente noutros dominios, Eles proprios pas-saram uma vida penosa e portanto sao capazes de sentir simpatia pelos que tern dificuldades. Para eles qualquer homem e um ser humano, enquanto que para o burgues o operario e menos do que um homem. E por isso que sao mais faceis de abordar, mais amaveis, e se bem que tenham mais necessidade de dinheiro do que os ricos, sao menos avidos porque, a seus olhos, o dinheiro so tern valor pelo que lhes permite comprar, enquanto que para os burgueses tern um valor particular intrinseco, o valor dum deus, o que transforma o burgues num «homem que vive para o dinheiro» vulgar e repugnante. O operario, que ignora esta veneragao pelo dinheiro, e, por consegumte, menos cupido que o burgues, cuja unica finalidade e ganhar dinheiro e que ve na acumulagao de sacos de ouro o fim supremo da vida. E por isso que o operario tambem e muito menos previdente; ele e muito mais aberto a realidade do que o burgues e nao ve tudo pelo prisma do interesse. A insuficiencia da sua educagao preserva-o dos preconceitos religiosos; nao compreende e nao se preocupa nada com isso, ignora o fanatismo de que a burguesia esta prisioneira, e se professa alguma religiao e apenas de um modo formal que nem sequer e teõrico — na pratica so vive para este mundo e procura ganhar nele direito de cidadania. Todos os escritores da burguesia concordam que os operarios nao tern religiao e nao vao a igreja. Quanto muito exceptuam-se os irlandeses, algumas pessoas idosas, e por outro lado os meio-burgueses: vigilantes, contramestres e similares. Mas na massa so encontramos, em toda a parte, indiferenQa total pela religiao⁴⁹, quanto muito um vago deismo, dema-

" On the present condition of the Labouring Poor in Man-olMistor, etc. (Da situacao actual dos trabalhadores pobres de Manchester, etc.)... By the Rev. Rd. PARKINSON, Canon of Manchester, 3." ed., Londres e Manchester 1841. Pamphlet*. (F. E.) ■" Engels parece ter subestimado a influencia da religi&o ..!* i nlasse trabalhadora inglesa. Contudo, nos capitulos posteriori^, confere a Igreja maior importancia.

" A cilin'tlo foi ligciramente raodificada por Engels.

siado pouco elaborado para servir para alguma coisa excepto para fazer algumas frases ou suscitar algo mais do que um vago medo face a expressões como infiel (*infidel*) ou ateu (*atheist*). Os eclesiásticos de todas as seitas estão muito mal vistos pelos operários, se bem que so recentemente tenham perdido a sua influência e hoje é frequente que uma simples interjeição como *he is on parson!* (é um cura), seja o suficiente para excluir um pastor da tri-buna das reuniões públicas. E, tal como as condições de existência, a ausência de educação religiosa e de outra cultura contribui para tornar os trabalhadores mais desembaragados, menos prisioneiros de princípios tradicionais e conservadores e de opiniões preconcebidas que o burguês. Este último está atolado até ao pescoco nos seus preconceitos de classe, nos princípios que lhe inculcaram desde a juventude. Não há nada a fazer, ele é, mesmo quando se apresenta sob o aspecto liberal, conservador por natureza, o seu interesse está indissoluvelmente ligado ao estado de coisas vigente, e é radicalmente adverso a qualquer evolução. Está a perder o seu lugar a cabeça do desenvolvimento histórico na Inglaterra, enquanto os operários o substituem aí, primeiro de direito, depois, um dia, também de facto.

Isto, bem como a actividade pública dos operários que daí resulta e que estudaremos adiante, são os dois aspectos favoráveis do carácter desta classe. Os aspectos desfavoráveis também se podem resumir brevemente e decorrem naturalmente das causas indicadas: embriagues, desregramento nas relações sexuais, rudeza e falta de respeito pela propriedade são as principais censuras que a burguesia lhes faz. Que os trabalhadores foebam muito, não é nada que nos espante. O *sheriff Alison* afirma que em Glasgow, todos os sábados à noite, cerca de trinta mil operários estão embriagados⁵⁰⁾ e, certamente, este cálculo não é inferior à realidade. Informa ainda que nesta cidade, em 1830, havia uma taberna para cada 12 imóveis e em 1840 uma para cada dez casas, que na Escócia, em 1823, foram pagos direitos sobre o álcool relativos a 2 300 000 galões de aguardente, e em 1837 a 6 620 000 galões, e na Inglaterra relativos a 1 976 000 em

⁵⁰⁾ A. Alison: *The Principles...*, p. 80, diz exactamente «cerca de 30 000 pessoas embrutecidas pela bebida».

1823 e a 7 875 000 ⁵¹ em 1837 ⁰². As leis de 1830 sobre a cerveja, que facilitaram a abertura de cervejarias que se chamavam *Jerry Shops* e cujos proprietários tinham o direito de vender cerveja para ser consumida no local (*to be drunk on the premises*), favoreceram também a propagação do alcoolismo, abrindo uma taberna a porta de cada pessoa, por assim dizer. Em quase todas as ruas encontramos várias cervejarias deste gênero, e no campo, onde quer que haja uma aglomeração de três ou quatro casas, podemos ter a certeza de encontrar uma *Jerry Shop*. Por outro lado, existem *Hush Shops* — quer dizer, tabernas clandestinas, sem licença—em grande número, e outras tantas destilarias, no coração das grandes cidades, nos bairros retirados que a polícia raramente visita, que produzem grandes quantidades de aguardente. Gaskell (obra citada) avalia o número destas últimas em mais de cem só em Manchester, e a sua produção anual em, pelo menos, 156 000 galões. Em Manchester, além disso, há mais de mil tabernas, portanto, proporcionalmente ao número de imóveis, pelo menos tantas como em Glasgow. Passa-se o mesmo em todas as outras grandes cidades. E quando pensamos que, para além das consequências habituais do alcoolismo, homens e mulheres de todas as idades, mesmo crianças, muitas vezes mães com filhos pequenos nos braços encontram nestas tabernas as vítimas mais depravadas do regime burguês, ladroes, escroques, prostitutas, quando pensamos que é frequente as mães darem álcool às crianças de peito que têm nos braços, não podemos deixar de reconhecer que a frequência destes locais contribui para a imoralidade. E principalmente ao sábado à noite, quando se recebeu o salário e se acabou de trabalhar mais cedo do que o normal, quando toda a classe operária sai dos seus bairros miseráveis e se espalha pelas ruas principais, que podemos constatar a embriaguez em toda a sua brutalidade. Nessas noites raramente se sai em Manchester sem encontrar uma multidão de homens bebados, camba-

⁵¹ Este enorme aumento é parcialmente fictício: tendo os direitos sobre o álcool descido de mais ou menos um terço em 1823 (Escócia) e 1826 (Inglaterra), os camponeses declararam um certo número de alambiques clandestinos. Os números citados por Engels não são necessariamente os da produção real do álcool, mas dizem respeito à produção tarifada. É esta que duplica ou mesmo quadruplica. Cf. Mc CULLOCH: **A dictionary...**, 1847, II, p. 1168-1169.

leantes ou prostrados nas valetas. E no domingo a noite a cena repete-se, embora com menos intensidade. E quando ja nao ha dinheiro os bebedores vao ao primeiro presta-mista que encontram— ha um grande numero deles em todas as cidades importantes: mais de 60 em Manchester, e 10 a 12 numa unica rua de Salford (Chapel Street) — e empenham tudo quanto lto.es resta. Moveis, fatos domin-gueiros — quando ainda os ha — louga, sao retirados em massa todos os sabados da loja do prestamista para la voltarem quase sempre antes da quarta-feira seguinte, ate que um azar torne impossivel uma nova retirada e que, um a um, estes objectos se tornem presa do usurario, a menos que este ultimo ja nao queira adiantar nem um escudo sobre essas mercadorias usadas e cogadas. Quando vemos com os nossos proprios olhos a extensao do alcoolismo na Inglaterra entre os operarios, acredi tamos facil-mente em Lord Ashley ⁵³ quando afirma que esta classe gasta todos os anos cerca de 25 milhoes de libras estre-linas em bebidas alcoolicas e podemos imaginar o agra-vamento da situagao material, o terrivel abalo da saude fisica e moral, a ruina da vida familiar que daqui podem re-sultar. As sociedades anti-alcoolicas fizeram decerto muita coisa, mas que peso tern alguns milhares de *Teetotallers* ¹⁵ face a milhoes de operarios? Quando o padre Mathew, apostolo irlandes da sobriedade, percorre as cidades ingle-sas, muitas vezes trinta a sessenta mil trabalhadores fazem o *pledge* (o voto), mas quatro semanas mais tarde a maioria ja o esqueceu. Se por exemplo contarmos as pessoas de Manchester que nos ultimos tres ou quatro anos juraram nao beber mais, encontramos mais pessoas do que as que ha na cidade, e contudo nao constatamos uma diminuigao da embriaguez.

Ao lado deste consumo desenfreado de bebidas alcoolicas, o desregramento das relagoes sexuais constitui um dos principais vicios de numerosos operarios ingleses. Esta tambem e uma consequencia inevitavel, inelutavel, das condicoes de vida duma classe abandonada a si propria, mas desprovida dos meios de utilizar essa liberdade. A burguesia so lhe deixou estes dois prazeres, ao mesmo tempo que a acumulou de penas e sofrimentos. A conse-

⁵³ Sessao da Camara dos Comuns de 28 de Peveiro de 1843. (F. E.)
¹⁵ Anti-alcoolicos.

quencia disto e que os trabalhadores concentram toda a sua paixão nestes dois prazeres, ao menos para gozarem um pouco a vida, e entregam-se-lhes com excessos e da maneira mais desenfreada. Quando se colocam pessoas numa situação que só pode convir ao animal, só lhes resta revoltarem-se ou mergulharem na bestialidade. E quando, além disso, a própria burguesia participa em boa parte no desenvolvimento da prostituição — das 40 000 raias-rigas da vida que enchem todas as noites as ruas de Londres^{BB}, quantas e que a virtuosa burguesia sustenta? Quantos deverão a um burguês que as seduziu a obrigação em que se encontram de vender o corpo aos passantes, para poderem viver? Na realidade, ninguém menos do que ela tem o direito de reprovar aos trabalhadores a sua grosseria sexual.

No fim de contas os defeitos dos operários reduzem-se todos ao desregramento na procura do prazer, a falta de precaução e a recusa em se submeterem à ordem social, e de um modo geral, a incapacidade de sacrificarem o prazer do momento a uma vantagem mais longínqua. Mas o que tem isso de surpreendente? Uma classe que pelo seu trabalho encarnigado pouco pode obter além dos prazeres mais materiais, não deveria precipitar-se cega-mente, de cabeça perdida, sobre esses prazeres? Uma classe que ninguém se preocupa em formar, submetida a todos os caprichos da sorte, que desconhece qualquer segurança na existência, que motivos e que interesse terá em ser previdente, em levar uma vida séria e, em vez de aproveitar os favores do momento, pensar num prazer longínquo, que ainda é muito incerto, sobretudo para si, na sua situação, em que a estabilidade é sempre precária e pode mudar a qualquer momento! Exige-se de uma classe que tem que suportar todos os inconvenientes da ordem social, sem poder beneficiar das suas vantagens, de uma classe para quem esta ordem social não pode deixar de aparecer como hostil, exige-se dela que tenha respeito por si mesma. Na verdade é pedir demasiado. Mas a classe operária não pode escapar a esta ordem social enquanto ela existir e se um operário isolado se levanta contra ela e ele que fica mais prejudicado.

Assim, a ordem social torna a vida em família

^{BB} Sheriff Alison: Princ. of Popul., vol. 2 *. (F.E.)

* 1847, p. 147. De facto, Alison fala de «30 a 40 mil jovens raparigas de

quase impossível ao trabalhador: uma casa inabitável, suja, mal chegado para servir de abrigo nocturno, mal mobilada, raramente aquecida, onde a chuva penetra frequentemente, uma atmosfera asfixiante nos quartos superpovoados, não permitem a mais pequena vida em família. O marido trabalha todo o dia, bem como a mulher e talvez os filhos mais velhos, todos em locais diferentes e só se veem de manhã, e à noite— e, além disso, ainda há a tentação continua da aguardente. Onde é que haveria lugar para a vida em família? E contudo o operário não pode escapar à família, tem que viver em família. Daqui resultam querelas e desacordos familiares perpetuos, cujo efeito é extremamente desmoralizante tanto para o casal como para as crianças. A negligência de todos os deveres familiares, as crianças abandonadas, tudo isto é muito frequente entre os trabalhadores ingleses e as instituições sociais actuais são as grandes culpadas disso. E queriam que as crianças, que cresceram como selvagens neste meio em que a imoralidade é grande e onde muitas vezes os pais participam nessa imoralidade, queriam que depois elas fossem dotadas de delicadas consciências morais? Na verdade, as exigências que o burguês beato e satisfeito formula em relação ao operário são demasiado ingenuas.

O desprezo pela ordem social manifesta-se com maior clareza no seu ponto máximo, o crime. Se as causas que tornam o operário imoral se exercem de maneira mais penetrante, mais intensa que habitualmente, este transforma-se num criminoso, tão certo como a água aquecida a 100° centígrados⁵⁶ passar do estado líquido ao gasoso. Sob a ação brutal e embrutecedora da burguesia, o operário transforma-se numa coisa tão desprovida de vontade como a água; encontra-se submetido às leis da natureza com a mesma infalibilidade — para ele toda a liberdade cessa num determinado momento. É por isso que na Inglaterra a criminalidade aumentou paralelamente ao desenvolvimento do proletariado. A Inglaterra tornou-se a mais criminosa do mundo inteiro. Ressalta dos *Quadros de Criminalidade* publicados todos os anos pelo Ministério do Interior, que o crescimento da criminalidade em Inglaterra se fez com uma rapidez inconcebível. O número de prisões por factos qua-

80° Reaumur, no original.

Indicados de crimes cifrou-se (so na Inglaterra e no Pais de Gales):

Em 1805	Em 1810	Em 1815	Em 1820	Em 1825	Em 1830	Em 1835	Em 1840	Em 1841	Em 1842
			4 605		5146 7	818 ⁵⁷			13 710
									14 437
									18107

portanto, em 37 anos as prisoes sextuplicaram. Em 1847, 4 492, ou seja mais de 14% destas prisoes operaram-se so no Lancashire, e 4 094, ou seja mais; de 13%, no Middlesex (incluindo Londres). Vemos pois que dois dis-tritos, que incluem grandes cidades com numeroso proletariado, representam por si sos mais de 1/4 da criminalidade, se bem que a sua populagao esteja longe de constituir 1/4 do conjunto do pais. Os quadros de criminalidade tambem fornecem a prova directa de que quase todos os crimes foram cometidos pelo proletariado. Com efeito, em 1842, 32,35% dos criminosos, em media, nao sabiam ler nem escrever, 58,32% so sabiam ler e escrever imperfeitamente, 6,77 % sabiam ler e escrever bem, 0,22 % tinham tido instrucao superior e para 2,34 % nao tinha sido possivel indicar o grau de instrugao. Na Escocia a criminalidade ainda aumentou mais rapida-mente. Em 1819, so foram feitas 89 prisoes por crimes, em 1837 o seu numero ja se cifrava em 3126, e, em 1842, em 4 189. No Lancashire, onde foi o proprio sheriff a redigir o relatorio oficial, a populagao duplicou em 30 anos, mas a criminalidade duplicou em cada cinco anos e meio, aumentando, pois, seis vezes mais depressa

^m As edicoes de 1845 e 1892 indicam por engano o numero de **7 898**.
 * Of. G. R. PORTER: **The Progress of the Nation**, nova ed., 1851, p. 635. Engels da o numero de prisoes. O das condena-oes e inferior em cerca de 1/3. 1805: 2 783/1825: 9 964; 1830: 12 105; 1840: 19 927; 1842: 22 733. Evidentemente que para avaliar correctamente semelhante estatistica, era preciso ter em conta o aumento das instituicoes da policia e sobretudo o crescimento da populacao.

do que a populagao. Quanto a natureza dos crimes, sao como em todos os paises civilizados, na sua grande maioria crimes contra a propriedade, sendo pois causados por falta de qualquer coisa, porque nao se rouba aquilo que se possui. A proporgao de crimes contra a propriedade em relagao a populagao, que nos Países Baixos e de 1/7140, em Franga de 1/1804, era em Inglaterra, na epoca em que Gaskell escrevia, de 1/799; os crimes contra as pessoas representam, em relagao a populagao dos Países Baixos, uma proporgao de 1/28904, em Franga de 1/17573, em Inglaterra de 1/23395. A proporgao do niimero de crimes, dum modo geral, em relagao ao numero da populagao era, nos distritos agricolas, de 1/1043, nos distritos industriais, de 1/840^{B9}; no con junto da Inglaterra esta relagao e agora de 1/660⁸⁰, e o livro de Gaskell apareceu exactamente ha dez anos!

Na realidade, estes factos sao mais do que suficientes para levarem qualquer pessoa, mesmo um burgues, a reflectir sobre as consequencias de tal situagao. Se a imoralidade e a criminalidade continuarem a crescer nesta proporgao nos proximos 20 anos (e se a industria inglesa for menos prospera durante estes vinte anos do que anteriormente, a progressao da criminalidade ainda se vai acelerar mais), qual sera o resultado? Vemos ja que a sociedade esta em plena decomposigao, e e impossivel abrir um jornal sem ver nos factos mais cho-cantes a prova do afrouxamento de todos os lagos sociais. Extraio a sorte do monte de jornais ingleses dispersos na minha frente; temos o *Manchester Guardian* (30 de Outubro de 1844) que da noticias de tres dias; nem se da ao trabalho de fornecer noticias precisas sobre Manchester, e limita-se a relatar os casos mais interessantes: por exemplo, numa fabrica. os trabalhadores pararam o trabalho para obterem um aumento de salario e foram constringidos pelo juiz de paz a retoma-lo; em Salford alguns rapazes cometeram roubos e um negociante arrui-nado tentou trapacear os credores. As noticias prove-nientes dos arredores sao mais detalhadas: em Ashton dois roubos, um arrombamento, um suicidio; em Bury um roubo; em Bolton dois roubos, uma fraude nos impos-tos; em Leigh um roubo; em Oldham paragem de tra-

" *Manuf. Popul. of England*, cap. X (F. E.).

⁸⁰ Dividiu-se o niimero da populagao (cerca de 15 milhOes) pelos individuos acusados de crime (22 733). (FE) PORTER: op. cit. p. 635.

hnlli<i por causa dos salaries, um roubo, uma rixa entre irlandeses, um chapeleiro que nao pertencia a corpora-yiio maltratado pelos membros desta, uma mae agredida polo filho; em Rochdale uma serie de rixas, um atentado contra a policia, um roubo numa igreja; em Stockport descontentamento dos operarios por causa dos salaries, um roubo, uma fraude, uma rixa, um homem que mal-tratou a mulher; em Warrington um roubo e uma rixa; em Wigan um roubo e a pilhagem de uma igreja. As cro-nicas dos jornais londrinos ainda sao piores: fraudes, roubos, assaltos a mao armada e disputas familiares acu-mulam-se nelas; tenho precisamente a mao um numero do *Times* (12 de Setembro de 1844) que so refere os aeonteci-mentos dum dia: um roubo, um atentado contra a policia, uma sentence que condenava o pai de um filho ilegi-timo a entregar uma pensao alimentar, o abandono de uma crianga pelos pais e o envenenamento dum homem pela mulher. O panorama e o mesmo em todos os jornais ingleses. Neste pais rebentou a guerra social; cada qual se defende e luta por si proprio contra todos; quanto a verificar se prejudicara ou nao todos os outros, que sao seus inimigos declarados, isso e unicamente fungao dum calculo egoista para determinar o que lhes e mais pro^-veitoso. Ja ninguem pensa em conviver amigavelmente com o proximo. Todos os diferendos sao resolvidos com ameagas ou recorrendo aos tribunais, a menos que se faga jutiga pelas proprias maos. Em resumo, cada um ve no outro um inimigo que e preciso afastar do caminho ou quando muito um intermediario que e preciso explo-rar para os seus proprios fins. E esta guerra, tal como o provam os quadros da criminalidade, torna-se de ano para ano mais violenta, mais implacavel. Pouco a pouco os inimigos dividem-se em dois grandes campos hostis um ao outro, dum lado a burguesia, do outro o proleta-riado. Esta guerra de todos contra todos e do proleta-riado contra a burguesia nao nos deve surpreender, por-que e apenas a aplicagao consequente do principio que a livre concorrencia ja engloba. Mas o que nos espanta e que a burguesia, sobre a qual se amontoam todos os dias novas nuvens duma ameagadora tempestade, perma-nece apesar de tudo muito calma e muito tranquila ao ler tudo o que relatam quotidianamente os jornais, sem sentir, ja nao digo indignagao face a esta situagao social, mas apenas medo face as suas consequẽncias, face a uma explosao generalizada daquilo que se manifesta esporadi-camente pela criminalidade. Mas e verdade que ela e a

a burguesia e, do seu ponto de vista, nem sequer é capaz de se dar conta dos factos — e além disso, com mais forte razão, ignora as consequências. Só há uma coisa surpreendente: que os preconceitos de classe, as opiniões pre-concebidas e repisadas possam causar uma cegueira quase total, eu diria mesmo insensata, a toda uma classe de homens. Quer os burgueses o vejam ou não, o desen-volvimento da nação segue o seu caminho e um belo dia esta evolução reservará à classe dominante uma sur-presa de que esta não faz a menor ideia, nem em sonhos.

OS DIFERENTES RAMOS DA INDUSTRIA: OS OPERARIOS DE FABRICA PROPRIAMENTE DITOS

Se quisermos agora examinar mais de perto, um por um, os ramos mais importantes do proletariado ingles, de acordo com o principio estabelecido mais acima, e necessario comegar pelos operarios das fabricas, isto e, aqueles que cairam sob a algada da lei sobre as fabricas.¹ Esta lei regula a duragao do trabalho nas fabricas onde se fia ou se tece a la, a seda, o algodao e o linho, utilizando a forga hidraulica ou a maquina a vapor, e atinge por consequencia os ramos mais importantes da industria inglesa. A categoria de operarios que vive destes trabalhos e a mais numerosa, a mais antiga, a mais inteligente e a mais energica; mas tambem por estas razoes a mais agitada e a mais odiada pela burguesia. Ela esta, principalmente os operarios que trabalham o algodao, a cabega do movimento operario, tal como os seus patroes, os industrials, estao, sobretudo no Lancashire, a frente da agitacao burguesa.

Ja vimos, na introducao, que a populacao que trabalha nos sectores mencionados acima foi arrancada as suas condicoes anteriores de vida pelo aparecimento das novas maquinas. Portanto, nao nos devemos surpreender que os progressos das descobertas mecanicas a tenham

¹ Engels havia indicado anteriormente que o primeiro grupo de operarios que ele ia estudar era mais especificamente o dos trabalhadores que transformam as materias-primas.

atingido, mais tarde, de maneira mais sensível e dura-doura. A história da indústria do algodão tal como se pode ler em Ure² e Baines³, entre outros, está cheia de exemplos dos novos melhoramentos; e a maior parte deles também foram introduzidos nos outros ramos da indústria de que já falamos. Em quase todo o lado, o trabalho mecânico tomou o lugar do trabalho manual, quase todas as manipulações se efectuam com a ajuda de energia hidráulica ou da forja do vapor, e todos os anos se introduzem novos aperfeiçoamentos.

Se a harmonia reinasse na sociedade não poderíamos deixar de nos alegrar com tais melhoramentos; mas nesta guerra de todos contra todos, alguns indivíduos apossam-se das vantagens que daí resultam e tiram, deste modo, a maioria, os seus meios de vida. Qualquer aperfeiçoamento mecânico lança operários no desemprego, e quanto melhor for o aperfeiçoamento, mais numerosa é a categoria reduzida ao desemprego. Cada aperfeiçoamento tem sobre um certo número de trabalhadores o efeito duma crise económica, engendrando miséria, infortúnio e crime. Vejamos alguns exemplos. Já a primeira máquina inventada, a *Jenny* (ver mais acima⁴) era movida por um só operário e fornecia em tempo igual pelo menos 6 vezes mais que uma roda de fiar. Cada nova *Jenny* desempregava 5 operários. A *Throstle* que, por sua vez, fornecia bem mais que a *Jenny* e só exigia, como ela, um único operário, ainda desempregava muito mais. A *Mule*, que relativamente a sua produção ainda exigia⁵ menos operários, teve o mesmo efeito e cada aperfeiçoamento da *Mule*, isto é, cada aumento do número de fusos, reduzia por sua vez o número de operários necessários. Este aumento do número de fusos é tão importante que por causa dele multitudes de operários ficaram desempregadas. Porque se outrora um fiador ajudado por algumas crianças (*piecers*) podia accionar 600 fusos, ele pode no futuro vigiar de 1400 a 2 000 em duas *Mules*, o que faz com que 2 fiadores adultos, e um certo número de *piecers* que empregavam, fiquem no desemprego. É desde

² The Cotton Manufacture of Great Britain (A indústria do algodão na Grã-Bretanha), Dr. A. Ure. 1836 (2 vol.) (F. E.).
³ History of the Cotton Manufacture of Great-Britain (História da Indústria do Algodão na Grã-Bretanha), E. Baines, Esq, 1835 (F. E.).

⁴ Ver pp. 34 e seguintes.

⁵ Edigão de 1892: notig machte em vez de notig hatte. O sentido é o mesmo.

que, num numero important© de fiiagoes, se introduziram os *self-actors*, o papel do fiador desapareceu completa-mente e e a maquina que trabalha.

Tenho a maõ um livro ⁶, da autoria de um dos oonhe-cidos chefes dos Cartistas de Manchester, James Leach. Este homem trabalhou durante anos em diversos sectores de fabricas e de minas de carvão e conhego-o pessoal-mente: e um bom homem, digno de confianga e capaz. Devido a sua situagao no partido, tinha a sua disposigao documentos preciosos sobre as diferentes fabricas, reco-lhidos pelos proprios trabalhadores e publica no seu livro quadros dos quais se depreende que em 1829 havia nas 35 fabricas mais 1083 fiadores na *Mule* do que em 1841, enquanto que o numero de fusos nessas 35 fabricas tinha aumentado de 99 429. Menciona 5 fabricas onde nao ha um unico fiador; essas fabricas utilizavam apena© *self--actors*. Enquanto que o numero de fusos aumentava em 10%, o dos fiadores diminuia em mais de 60%. E, acres-centa Leach, foram introduzidos tantos aperfeigoamentos desde 1841, pela duplicagao das filas dos fusos (*double decking*) e outros processos, que nas fabricas de que falamos metade dos fiadores foram por sua vez despe-didos. Numa fabrica onde ainda recentemente havia 80 fiadores, nao restam senao 20, os outros foram despe-didos ou entao ficaram reduzidos a um trabalho de crianga, por um salario de crianga. Leach relata factos anaiogos em Stockport, onde, em 1835, 800 fiadores estavam empre-gados e somente 140 em 1843, apesar do desenvolvimento sensivel da industria em Stockport durante os ultimos 8 ou 9 anos ⁷. Aperfeigoamentos anaiogos foram introduzidos nas maquinas de cardar, o que desempregou metade dos operarios. Numa fabrica, duplicaram os teares, o que provocou o desemprego de 4 operarios em 8, e o industrial ainda baixou o salario dos outros 4 de 8 para 7 shillings. Aconteceu o mesrno com a tecelagem. O tear

⁶ Stubborn Facts from the Factories, by a Manchester Operative. Published and dedicated to the working Classes (Factos irrefutaveis sobre as fabricas. Editado e dedicado a classe traba-lhadora, por um operario de fabrica de Manchester), por Won Rashleigli, M. P. Londres, Ollivier, 1844 pp. 28 e seguintes * (F. E.).

⁷ Northern Star, n.º 294, 1 de Julho de 1843, p. 1, col. 5.

* Enge's 6, segtmdo Adotatski, o unico que identifica o autor desta brochura, James Leach, operario de fabrica que se tornou impressor e entrou no movimento cartista de 1848. A sua ascensao foi rapida. Participando na redacao da carta nacio-nal (1841), e vice-presidente do Congresso Nacional de Cartistas em 1842. Acusado de conspiracao foi preso em 1841, com 42 anos; foi um dos adversarios mais resolutos do Hvre-cambio e da mecanizacao da industria.

inccAiiiio conquistou sucessivamente todos os sectores da loeolagem manual e como produz muito mais que o tear BI&IU&I) podendo um unico operario encarregar-se de dois II'.-IICH mecanicos, tambem neste caso grande niimero de tnubalhadorez ficaram desempregados. E em todas as industrias, na fiagao do linho e da la, no entrelagamento da seda, e a mesma coisa. O trabalho mecanico comeza mesmo a conquistar alguns sectores da tecelagem da la, e do linho. So em Rochdale ha mais teares mecanicos que manuais na tecelagem da flanela e de outros lanifi-cios. A resposta habitual da burguesia e que os aperfei-coamentos introduzidos nas maquinas, reduzindo os custos de produgao, f ornece os produtos lacabados a pregos mais baixos e que gragas a esta baixa de pregos o consumo aumenta de tal maneira que os trabalhadores desempregados reencontram em breve emprego nas fabricas que se criam. Claro, a burguesia tern toda a razao em afirmar que em certas condicoes favoraveis ao desenvolvimento industrial, qualquer baixa de prego de uma mercadoria cuja materia-prima custe pouco, aumenta muito o con-sumo e da origem a novas fabricas; mas com excepgao disto, todas as outras palavras desta afirmagao sao men-tira. Bla esquece-se que e preciso esperar anos, ate que as consequencias da baixa de pregos se fagam sentir real-mente, ate que as novas fabricas sejam construidas. Dis-simula-nos que todos os aperfeigoamentos atiram cada vez mais para a maquina o verdadeiro trabalho, o trabalho fatigante, transformando assim o trabalho de adul-tos em simples vigilancia que tambem pode ser exercida por uma fraca mulher, e mesmo por uma crianga, o que eles efectivamente fazem pelo tergo ou metade do salario de um operario; que por consequencia os homens adultos sao cada vez mais afastados da industria e nunca mais sao reempregados nesta produgao crescente. Dissimula-jnos tambem que ramos inteiros desaparecem, ou sao de tal modo transformados que exigem uma nova aprendi-zagem. Evita confessar aqui aquilo de que se gaba habi-tualmente, quando se fala em proibir o trabalho das crian-gas: a saber, que o trabalho na fabrica, para ser ensinado como convem, deve se-lo desde tenra idade e antes dos dez anos (cf. por ex., numerosas passagens do *Factories Inq. Comm. Rept.*⁵). Nao diz que o aperfeigoamento das maquinas se faz continuamente e que desde o momento em que o operario se acostumou a um novo sector de

" Parliamentary Papers, 1833, vol. 20-21; 1834, vol. 19-20.

o filho, supondo que isso seja possível, retira-lhe este trabalho, tirando assim a sua situação a pouca segurança ■ liic ainda lhe restava. Mas a burguesia, ela sim, tira pro-voito dos aperfeiçoamentos mecânicos. Durante os primeiros anos em que muitas máquinas antigas ainda trabalhavam e em que o aperfeiçoamento não está generalizado, há a melhor oportunidade de acumular dinheiro; seria |)«Huir demasiado querer que ela também visse os inconvenientes das máquinas assim aperfeiçoadas.

A burguesia também contestou vivamente que as máquinas aperfeiçoadas fizessem baixar os salários, entendendo que os operários nunca deixaram de o afirmar. Sustenta que apesar da baixa do *salario a pega* devido ao facto da produção se ter tornado mais fácil, no entanto o salário semanal aumentou em vez de diminuir <> que a situação do operário, longe de piorar, ainda melhorou. É difícil ver o que se passa realmente porque a maior parte das vezes os operários referem-se à baixa do *salario a pega*. No entanto, o que é certo é que mesmo

o salário semanal em certos ramos baixou pela introdução das máquinas. Os operários chamados *fiadores finos*

(os que fazem fio fino na *Mule*) recebem, na verdade, ... salário elevado, 30 a 40 xelins por semana, porque têm uma associação forte que luta para manter o salário dos fiadores e porque o seu trabalho exige uma aprendizagem penosa; mas os fiadores de fio grosso, que têm (e não concorrem com as máquinas automáticas (*self-actors*)) não utilizáveis para o fio fino, e cujo sindicato enfraqueceu com a introdução destas máquinas, recebem pelo contrário um salário muito baixo. Um fiador de tear de l'usos (*Mule*) disse-me que não ganhava mais de 14 xelins por semana. Isto corrobora afirmações de Leach,⁹ que diz que em várias fábricas os fiadores de fio grosso⁹ ganham menos de 16,5 xelins por semana e que um fiador que ganhava 30 xelins há 3 anos, actualmente não atinge **Benao** os 12 e meio; que de facto, no ano passado, em média, não tinha ganho mais. É possível que o salário das mulheres e crianças tenha baixado menos, mas pela simples razão de que desde o princípio não era muito alto. Conheço várias viúvas com filhos que mal ganham 8 a 9 xelins por semana. Qualquer pessoa que conheça em

1 Inglaterra o preço dos géneros mais indispensáveis a existência, concordara comigo que assim elas e a sua família

Segundo Leach: op. cit., p. 30, trata-se de fiadores de fio fino. Provavelmente erro de leitura ou de escrita de Engels.

MHO podem assim viver decentemente. Dequalquermaneira, i .iin-m.-iriYo *undnime* dos operarios e que os aperfeicoa-rnontos mecanicos fizeram, em geral, baixar os salarios. Era todas as reunioes de operarios dos distritos industriais, ouve-se dizer claramente que a alegagao da burguesia industrial, segundo a qual a situagao da classe laboriosa teria melhorado gragas ao fabrico mecanico, e tida por esta propria classe como mera patranha. Mas mesmo que so o salario relative, o salario a pega, tivesse baixado, enquanto que a soma dos salarios semanais nao tivesse variado, que conclusao se poderia tirar? Que os trabalhadores deviam olhar tranquilamente esses senhores industriais encher os bolsos e lucrar com todos estes melhoramentos, sem lhes cederem a menor iparcela. Na sua luta contra os trabalhadores, a burguesia chega a esque-cer os principios mais vulgares da sua propria economia politica. Ela, que so se guia por Malthus, objecta aos trabalhadores na sua ansiedade: onde teriam os milhoes de habitantes que vieram aumentar a populagao de Ingla-terra encontrado trabalho sem as maquinas¹⁰? Baielas' Como se a propria burguesia nao soubesse muito bem que sem as maquinas e o desenvolviniendo industrial que elas suscitaram, estes *milhoes* nao teriam sido trazidos ao mundo e nao teriam crescido! A *unica* vantagem que as maquinas trouxeram aos trabalhadores, e que elas lhes mostraram a necessidade de uma reforma social que fizesse trabalhar as maquinas nao *contra* os operarios mas a *sen favor*. Estes burgueses tao sabios so tern que perguntar as pessoas que, em Manchester e arredores, varrem ruas (e verdade que isto ja. passou a historia, visto que tambem inventaram maquinas para este trabalho e as puseram ao servigo ^{al}) ou entao que vendem nas ruas sal, fosforos, laranjas e atacadores, ou ainda que estao reduzidas a mendicidade, o que foram anteriormente—e verificarao quantos responderao: operario de fabrica reduzido ao desemprego pelas maquinas ¹². As

¹⁰ Esta e a questao que por exemplo Symons formula no **Arts and Artisans** * (P. B.).

Leach: op. cit. p. 30. Na verdade, estas maquinas foram rapidamente retiradas de servigo (1842-1848). Os varredores eram liH'lioti dispendiosos.

¹¹ Cf. Ashley: «Discurso nos Comuns a 15 de Março de 1844», **IlmiMard's Parliamentary Debates**, 3.ª serie vol. 73, col. 1085-1086.

* 1839, p. 155 «Com efeito, o malthusianismo limitou-se a profetizar as i .i .i . . . ■■: hihoriosas uma fome inevitavel» (Cf. citafao exacta da edicao de Henderson e (Ihulcmer, op. cit., p. 156).

consequencias do aperfeigoamento tecnico sao, no actual regime social, apenas desfavoraveis ao operario e **multas** vezes alarmantes. Qualquer nova maquina provoca deaem-prego, miseria e infortunio, e num pais como a Ingla terra, onde sem elas ja existe sempre *uma populacao exc-c-dentdria*, o despedimento do trabalho e na maioria das vezes o que pode acontecer de pior a um operario. Alem disso, que efeito esgotante, enervante, nao deve ter sobrc os operarios, cuja posigao ja nao e solida, esta inseguranQa da existencia que resulta dos progressos minterruptos <ia maquinaria e do desemprego que provocam! Ainda, aqui o operario tern apenas dois caminhos para escapar ao desespero: a revolta interior e exterior contra a burguesia, ou entao a bebida, o deboche. E e a estas duas solugoes que os operarios recorrem! A historia do proletariado ingles conta com centenas de motins contra as maquinas e a burguesia em geral, e da dissolugao moral ja falamos. Esta, no fundo, nao e senao outro aspecto do desespero. Aqueles que levam a vida mais dura sao os operarios que tem de lutar contra uma maquina em vias de se impor. O prego dos artigos que eles confeccionam nivela-se pelo dos artigos que fabrica a maquina, e como ela trabalha com melhor rendimento, o operario que tem de rivalizar com ela e o mais mal pago. Esta e tambem a situagao de todo o operario que trabalha numa maquina antiga concorrente de uma maquina mais recente e aperfeigoada. El normal; quern, senao ele, tem de suportar a earga? O industrial nao quer por a sua maquina de lado, nem suportar os inconvenientes disso. Contra a maquina, que nao e senao materia morta, ele nada pode; por conse-quencia ataca o trabalhador, que esta vivo, este bode expiatorio da sociedade. Entre os operarios em concor-rencia com as maquinas, os mais mal tratados sao os teceloes manuais da indiiustria do algodao. Sao os mais mal pagos e, mesmo em caso de pleno emprego, e-lhes impossivel ganhar mais de 10 xelins por semana, O tear mecanico disputa-lhes um tecido apos outro e, alem disso, a tecelagem manual e o ultimo refugio de todos os traba-lhadores dos outros ramos que estao desempregados, se bem que este sector esteja constantemente superlotado. El por isso que o tecelao manual se julga feliz, durante os periodos medios, quando pode ganhar 6 ou 7 xelins por semana e, mesmo para ganhar esta soma, e-lhe necessario trabalhar 14 a 18 horias por dia no seu tear. A maior parte dos tecidos exigem de resto um local humido, a fim de que o fio de trama nao se rompa a qualquer mo-

is:.

mento, e tanto por esta razão, como pela pobreza do operário, que não pode pagar um alojamento melhor, as oficinas dos tecelões manuais não têm na maioria das vezes nem soalho nem ladrilhagem. Visitei numerosas habitações de tecelões manuais, em maus caminhos e ruelas retiradas, geralmente caves. Não era raro que uma meia dúzia destes tecelões manuais, dos quais alguns eram casados, vivessem em conjunto numa única casa, que tinha apenas 2 salas de trabalho e um grande quarto de dormir para todos. A sua alimentação consiste quase unicamente em batatas, algumas vezes um pouco de marmelada, raramente leite, quase nunca carne. Um grande número deles são irlandeses ou de origem irlandesa. E estes pobres tecelões manuais, que cada crise económica atinge em primeiro lugar e abandona por último, devem servir de arma à burguesia, a fim de que esta possa resistir aos ataques dirigidos contra o sistema industrial! Vejam, exclama ela triunfalmente, vejam como a estes pobres tecelões manuais falta tudo, enquanto os operários das fábricas vivem bem, e agora julguem o sistema industrial¹³. Como se não fosse precisamente o sistema industrial e a maquinaria — um dos seus elementos — que reduziram vergonhosamente os tecelões manuais a um nível de vida tão baixo. Como se a burguesia não o soubesse tão bem como nós! Mas trata-se do interesse da burguesia e é por isso que ela recorre às mentiras e à hipocrisia.

Examinemos de mais perto o modo como as máquinas suprimem cada vez mais o operário adulto. O trabalho nas máquinas consiste principalmente, tanto na fiagem como na tecelagem, em reparar os fios que se partem, pois a máquina faz tudo o resto. Este trabalho não exige nenhuma força física, mas dedos ágeis. Então, não só os homens não são indispensáveis para isso como, por outro lado, o grande desenvolvimento dos músculos e dos ossos das mãos os torna menos aptos para este trabalho do que as mulheres e as crianças; por isso, eles são muito naturais e quase totalmente afastados deste trabalho. Quanto mais os gestos dos braços, os esforços musculares, são, devido à entrada em serviço de máquinas, realizados pela energia hidráulica ou pela força do vapor, menos se necessita de homens. E como de resto as mulheres e as

¹³ Por exemplo, o Dr. Ure na sua **Philosophy of Manuf (actures)** * (F. B.).

* 1R35, pp. 7-8 e 353-354.

criangas são mais rentáveis e mais hábeis que os **homens** neste género de trabalho, são estas que são empregadas. Nas fiageiras, encontramos nas *Throstles* apenas mulheres e raparigas, nas *mules* um fiador, um homem adulto (que até desaparece se houver *self-actors*) e vários *piecers* encarregados de reparar os fios, que a maioria das vezes são crianças ou mulheres, por vezes jovens de 18 a 20 anos, de vez em quando um fiador idoso que perdeu o seu lugar¹⁴. A maior parte das vezes são mulheres de 15 a 20 anos e mais que trafoalham no tear mecânico; também há alguns homens, mas que raramente conservam este emprego depois dos 21 anos. Nas máquinas de pre-fiar, também só se encontram mulheres ou quando muito há alguns homens para amolar e limpar as máquinas de cardar. De resto, as fábricas empregam um grande número de crianças para tirar e repor as bobinas (*doffers*) e alguns homens adultos como contra-mestres nas oficinas, um mecânico e um operário especialista para a máquina a vapor, e também marceneiros, um porteiro, etc. Mas o trabalho propriamente dito é feito por mulheres e crianças. Isto também é negado pelos industriais, que publicaram no ano passado importantes estatísticas, tentando demonstrar que as máquinas não suplantam os homens. Depreende-se dos quadros publicados que um pouco mais de metade (52%) do conjunto dos operários das fábricas são do sexo feminino e cerca de 48% do sexo masculino e que mais de metade deste pessoal tem idade superior a 18 anos¹⁵. Até aí, está perfeito. Mas estes senhores industriais evitam dizer-nos qual é, entre adultos, a proporção entre homens e mulheres. Ora aqui é que está, a questão. Além disso entraram manifestamente em linha de conta com os mecânicos, marceneiros e todos os homens adultos que, de alguma maneira, tenham trabalho nas suas fábricas, incluindo talvez mesmo

" «A situação, no que diz respeito aos salários, é actualmente muito má nalguns sectores do fabrico de fios de algodão no Lancashire; há centenas de homens novos, entre os vinte e os trinta anos, empregados como *piecers* ou noutra ocupação e não ganham mais de 8 a 9 xelins por semana, enquanto que, no mesmo local, crianças de 13 anos ganham 5 xelins por semana e rapariga de 16 a 20 anos ganham de 10 a 12 xelins por semana» (Relatório do inspeção de fábricas. L. Horner, Outubro 1844). (F. E.)

¹⁶ Manchester Guardian, 1.º de Maio de 1844, p. 5 e Liverpool Mercury, 26 de Abril de 1844, p. 130. A estatística abrange 412 empresas empregando 116 281 pessoas, das quais 28 459 homens maiores de 21 anos, 26 724 com menos de 21 anos, 26 710 mulheres maiores de 21 anos e 34 388 com menos de 21 anos.

secretaries, etc., mas não tem coragem de dizer toda a verdade objectiva. De resto as suas informações estão cheias de erros, interpretações falsas ou obliquas, cálculos de médias, que provam muito ao ignorante mas não demonstram nada a quem está a par do assunto, e de silêncios justamente nos pontos essenciais. Limitam-se a demonstrar o egoísmo cego e a desonestidade destes industriais.

Retiraremos do discurso em que, a 15 de Março de 1844, Lord Ashley apresentou a sua moção sobre a Jornada de 10 horas à Câmara dos Comuns, alguns dados que não foram refutados pelos industriais sobre a idade dos operários e a proporcão de homens e mulheres. De resto não se aplicam senão a uma parte da indústria inglesa. Dos 419 590^{ie} operários de fábrica do império britânico (em 1839), 192 887 (ou seja quase metade) tinham menos de 18 anos e 242 996 eram do sexo feminino, dos quais 112 192 menores de 18 anos. Segundo estes números 80 695 operários do sexo masculino têm menos de 18 anos, e 96 599 " são adultos, ou seja 23%, portanto *nem sequer um quarto do total*. Nas fábricas de algodão, 56,25% do conjunto do pessoal eram mulheres, 69,5% nas fábricas de lã, 70,5% nas fábricas de sedas e 70,5% nas fábricas de linho. Estes números chegam para demonstrar como os trabalhadores adultos do sexo masculino são afastados. Mas basta entrar na fábrica mais próxima para se ver a coisa efectivamente confirmada. O resultado inevitável e a alteração da ordem social existente, que, precisamente porque é imposta, tem consequências muito funestas para os operários. Sobretudo o trabalho das mulheres desagrega completamente a família; porque quando a mulher passa quotidianamente 12 ou 13 horas na fábrica e o homem também trabalha aí ou noutro sítio, o que acontece às crianças? Crescem, entregues a si próprias como a erva daninha, entregam-nas para serem guardadas fora por um xelim ou xelim e meio por semana, e podemos imaginar como são tratadas. É por essa razão que se multiplicam de uma maneira alarmante, nos distritos industriais, os acidentes de que as crianças são vítimas por falta de vigilância. As listas estabelecidas pelos funcionários de Manchester encarregados de verificar os acidentes indicam (segundo o relatório do *Fact. Inq. Comm. Rep.* of Dr. Hawkins, p. 3): em 9 meses, 69

^{ie} 419 560 nas edições de 1845 e 1892. Número rectificado.

" 96 569 nas edições de 1845 e 1892.

inortes, por queimaduras, 56 por afogamento, 23 em consequência de quedas, 67¹⁸ por causas diversas, num total de 215¹⁹ acidentes mortais²⁰, enquanto que em Liverpool, que não é uma cidade fabril, houve em 12 meses apenas 146 acidentes mortais. Os acidentes nas minas de carvão não são incluídos para estas duas cidades. É preciso notar que o *coroner* de Manchester não tem autoridade sobre Salford, sendo a população dos dois distritos mais ou menos idêntica. O *Manchester Guardian* relata em todos os números, ou quase, um ou vários casos de queimaduras. Acontece que a mortalidade geral das crianças também aumenta devido¹ ao trabalho das mães e os factos atestam-no de maneira alarmante. As mulheres voltam à fábrica muitas vezes três ou quatro dias após o parto, deixando, bem entendido, o recém-nascido em casa. As horas das refeições vão à correr à casa para aleitar a criança e comerem um pouco. Mas pode-se facilmente imaginar em que condições se efectua este aleitamento! Lord Ashley relata as declarações de algumas operárias:

M. H., de 20 anos, tem duas crianças, a mais pequena 6 um bebé que é guardado em casa pelo outro um pouco mais velho; vai para a fábrica de manhã, pouco depois das 5 horas, e volta às 8 horas da tarde. Durante o dia, o leite corre-lhe dos seios ao ponto dos vestidos se molharem.
H. W. tem três crianças, sai de casa segunda-feira de manhã às 5 horas e só volta sábado às sete da tarde. Tem então tantas coisas a fazer para as crianças que não se deita antes das três da manhã. Acontece-lhe muitas vezes estar molhada até aos ossos pela chuva e trabalhar nesse estado. «Os meus seios fizeram-me sofrer horrivelmente e encontrei-me inundada de leite²¹».

O emprego de narcóticos com o fim de manter as crianças sossegadas não deixa de ser favorecido por este sistema infame e está agora verdadeiramente espalhado nos distritos industriais. O dr. Johns, inspector-chefe do distrito de Manchester, e de opinião que este costume é

¹⁸ Edições de 1845 e 1892: 77. Número rectificado.

" Edições de 1845 e 1892: 225.

²⁰ Em 1843, entre as vítimas de acidentes transportadas ao hospital de Manchester, houve 189 devidos a queimaduras. Não se diz quantos foram mortais*. (F. E.)

Hansard, 3.^a série, 1844, vol. 73, col. 1094.

* Trata-se apenas de crianças e os números são de 1842-1843 (<de 25 de Junho a 25 de Julho).

uma das causas principais das convulsões mortais muito frequentes ²². O trabalho da mulher na fábrica desorganiza inevitavelmente a família, e esta desorganização tem, no estado actual desta sociedade assente na família, as consequências mais desmoralizantes, tanto para os pais como para as crianças.

Uma mãe que não tem tempo de se ocupar do seu filho, de lhe dedicar durante os primeiros meses os cuidados e a ternura normais, uma mãe que mal tem tempo de ver o filho, que não pode ser uma mãe para ele, torna-se fatalmente indiferente; trata-o sem amor, sem solicitude, como uma criança estranha. As crianças que crescem nestas condições, mais tarde estão completamente perdidas para a família, incapazes de se sentir em casa no próprio lar que fundam, porque apenas conhecem uma existência isolada; contribuem necessariamente para a destruição da família, de resto generalizada entre os operários. O trabalho das crianças cria uma desorganização análoga na família. Logo que conseguem ganhar mais do que o seu sustento custa aos pais, começam a dar-lhes uma certa soma pela alimentação e casa, ficando com o resto para si. E isto acontece muitas vezes a partir dos 14 ou 15 anos (Power; *Rept. on Leeds*; Tufnell: *Rept. on Manchester*, p. 17, etc., no relatório de fábrica). Numa palavra, as crianças emancipam-se e consideram a casa paterna como uma pensão: que muitas vezes abandonam por outra se ela lhes não agrada.

Em muitos casos a família não fica totalmente desagrégada com o trabalho da mulher, mas fica tudo de pernas para o ar. E a mulher que alimenta a família, e o homem que fica em casa, guarda as crianças, limpa os quartos e prepara a comida. Este caso é muitíssimo frequente. Só em Manchester poder-se-iam contar várias centenas destes homens, condenados aos trabalhos domésticos. Pode-se imaginar facilmente a legítima indignação entre os operários devido a estas alterações de toda a vida familiar, pois as outras condições sociais se mantêm inalteráveis. Tenho debaixo dos olhos a carta de um operário inglês, Robert Ponder, Baron's Buildings, Woodhouse Moor Side, em Leeds (a burguesia pode ir lá procurá-lo quando quiser, e para ela que indico a

²² Journal of Statistical Society of London, vol. 3, 1840, pp. 191-205.

morada^ exacta) que este endereçou a Oastler, e a qual, devido a tradução, apenas posso conferir metade do vigor; pode-se imitar a ortografia, mas o dialecto do Yorkshire é intraduzível²³. Ele então como um outro operário, seu conhecido, partiu a procura de trabalho e encontrou um velho amigo em St. Helen no Lancashire.

Pois, bem, Senhor, ele encontrou-o, e quando chegou a barraca, esta era, veja bem, uma cave húmida e baixa. Os móveis eram 2 velhas cadeiras, uma mesa redonda com 3 pés, uma caixa, não havia cama, apenas um monte de palha velha num canto e um pano sujo por cima, e 2 bocados de madeira na diámine. Quando o meu pobre amigo entra, o pobre Jack estava sentado sobre a madeira perto do fogo e o que é que pensa que ele estava a fazer? Estava lá e remendava as meias da mulher com a agulha e quando viu o seu velho amigo na soleira da porta, tentou escondê-lo, mas Joe, e o nome do meu amigo, viu e disse-lhe: Meu Deus, Jack, o que é que tu estás a fazer, onde está a tua mulher? Que trabalho é esse que tu fazes? O pobre Jack teve vergonha e disse-lhe: não, eu sei bem que não é o meu trabalho, mas a minha pobre mulher está na fábrica e tem de lá estar as cinco e meia e trabalha até as oito da tarde e sai tão cansada que não pode fazer nada, quando volta para casa. Tenho que fazer tudo o que puder em vez dela, porque eu não tenho trabalho e há trinta e dois anos que não o tenho e não o encontrarei em toda a minha vida, e depois deixou cair uma lágrima. Ah Joe, disse ele, há bastante trabalho para as mulheres e as crianças da região mas não para os homens. É mais fácil encontrar cem libras na estrada do que trabalho, mas não creio que tu ou outro que me tenha visto remendar as meias de minha mulher pense que é mau trabalho, ela quase que não se pode ter nas pernas e eu tenho medo que ela caia doente e eu sei a que e que isso pode dar origem, porque já há muito tempo que ela é o homem da casa, e eu é que sou a mulher. Isto não é trabalho, Joe, e pôs-se a chorar e disse que não foi sempre assim. Não Jack, disse Joe, e como é que fazes para viver se tu não tens trabalho? Posso dizer-te que vivia assim assim, mas isto está cada vez pior, tu sabes que quando casei tinha trabalho, e sabes que nunca fui preguiçoso. Tinha-mos uma bela casa mobilada e Mary não tinha necessidade de trabalhar, eu podia trabalhar pelos dois, e agora o mundo está às avessas. Mary precisa de trabalhar e eu fico aqui a guardar as crianças e varro, lavo e fago a comida, e remendo, porque quando a pobre mulher entra em casa, à tarde, está fatigada e esgotada. Sabes, Joe, é duro quando se foi habituado de outra maneira. Joe disse: sim meu velho, e duro, e

²³ Cf. *The Fleet Papers*, vol. 4, n.º 35, 31 de Agosto de 1844, pp. 486-488.

Jack recomeçou a chorar, e desejaria nunca ter casado, nem ter nascido, mas nunca pensou quando casou com Mary que isto poderia acontecer. O que eu já chorei por causa de tudo isto, diz Jack. Quando Joe ouviu isto, disse que havia amaldiçoado e mandado para o diabo todas as fabricas e industrias e o governo com todas as promessas que ouviu desde a juventude nas fabricas^M.

Pode-se imaginar uma situagao mais absurda e insensata que a descrita por esta carta? E no entanto, esta situagao que tira o caracter viril ao homem e a femi-ni-lidade a mulher, sem estar em condicoes de dar uma real feminilidade ao homem e a mulher uma real virilidade, esta situagao degrada da maneira mais escandalosa os dois sexos e o que ha de humano entre eles; essa e a conse-quencia ultima da nossa civilizagao tao gabada, o resul-tado ultimo de todos os esforgos levados a cabo por cen-tenas de geragoes para melhorar as suas vidas e as dos seus descendentes! Temos que desesperar de todos os esf orgos da humanidade, da sua vontade e da sua marcha para a frente, ao ver os resultados do nosso sofrimento e do nosso trabalho ridicularizados, ou entao temos de concluir que ate aqui a sociedade humana se enganou no caminho da procura da felicidade. Temos que reco-nhecer que uma subversao tao completa da situagao social dos dois sexos tem que ser devida ao facto de as suas ligagoes terem sido falseadas desde o principiO). Se o dominio da mulher sobre o homem, que o sistema industrial engendrou fatalmente, e desumano, o dominio do homem sobre a mulher tal como existia antes, tam-bem o e necessariamente.

Se a mulher agora pode, tal como outrora o homem, basear o seu dominio no facto de contribuir com a maior parte, senao com o total, para o fundo comum da familia, segue-se necessariamente que esta comunidade familiar nao e nem verdadeiira, nem racional, pois que urn dos membros ainda se pode gabar de contribuir com a maior parte para este fundo. Se a familia da sociedade actual se desagrega, esta desagregagao mostra precisamente que no fundo nao e o amor familiar o elo da familia, mas

²⁴ Naturalmente que a ortografia que adoptamos nao cor-responde a ortografia incerta do operario ingles que o próprio Engels ja tinha transposto para alemao. Cf. sobre este caso T. C. Barker, e J. R. Harris: **A Merseyside Town in the industrial revolution: St. Helens, 1750-1900** (1954), p. 321.

sim o interesse privado conservado necessariamente nesta falsa comunidade de bens²⁵. As mesmas relações existem entre as crianças e os pais quando estes estão desempregados e elas os sustentam, a menos que não lhes paguem pensão, como vimos acima. O Dr. Hawkins testemunha no relatório sobre as fábricas que esta situação é frequente e é do conhecimento público em Manchester²⁶. Tal como mais acima com a mulher, aqui são as crianças os donos da casa, do que Lord Ashley dá um exemplo no seu discurso (sessão da Câmara dos Comuns em 15 de Março de 1844). Um pai repreendeu as duas filhas porque tinham ido a uma taberna, e elas declararam que estavam fartas de serem mandadas: «Va para o diabo, somos nós que temos de o sustentar!»²⁷. Dispostas a guardarem para si o dinheiro ganho no trabalho, deixaram a casa paterna abandonando o pai e a mãe a sua sorte.

As mulheres solteiras que cresceram nas fábricas não têm melhor sorte que as casadas. Diga-se de passagem que uma rapariga que trabalha na fábrica desde a idade dos nove anos não tem possibilidades de se familiarizar com os trabalhos domésticos e daí que as operárias de fábrica sejam neste domínio completamente inexperientes e incapazes de se tornarem boas donas de casa. Não sabem coser, tricotar, cozinhar ou lavar, as actividades mais vulgares de uma doméstica são-lhes desconhecidas, e ignoram totalmente como lidar com as crianças. O relatório do *Fact. Inq. Comm.* dá dezenas de exemplos, e o Dr. Hawkins, comissário para o Lancashire, exprime assim a sua opinião (p. 4 do relatório):

As raparigas casam-se jovens e sem reflectir, não têm nem meios, nem tempo, nem ocasião de aprender os trabalhos vulgares da vida doméstica e, mesmo que os conhecessem, não teriam tempo, uma vez casadas, de se ocuparem com eles. A mãe está mais de doze horas por dia separada do filho que é entregue em casa de

²⁵ As informações dadas pelos próprios industriais indicam que numerosas são as mulheres casadas a trabalhar em fábricas. Há 10 721 nas 412 fábricas do Lancashire; entre os maridos somente 5 314 tinham igualmente trabalho na fábrica, 3 827 tinham outro emprego, 822 estavam desempregados e de 329 não se possuía nenhuma informação. Portanto em todas as fábricas há em média 2 e por vezes 3 homens que vivem do trabalho da mulher* (F.B.).

²⁶ 2nd Report, 1833. Pari. Papers, vol 21.
²⁷ Damn you, we have you to keep.

* Cf. *Manchester Guardian*, Maio de 1844, p. 5, col. 4-5.

uma rapariga jovem ou de uma mulher velha que o guarda. Alem disso, a habitagao dos operarios de fabrica so rarissimas vezes 6 um lar agradavel (home), fre-quentemente e uma cave onde nab ha utensilios, onde falta tudo o que poderia tornar a existgncia agradavel e confortavel, tudo o que poderia tornar o lar atraente. Por estas e por outras razoes, principalmente para que as criangas tenham mais possibilidade de sobre-vivencia, so posso desejar e esperar que chegue u dia em que as mulheres sejam excluidas das fabricas.

Para mais exemplos e testemunhos cf. *Fact. Inq. Oomm. Report*, Cowell evid.: pp. 37, 38, 39, 72, 77, 50; Tufnell evid.: pp. 9, 15, 45, 54, etc.²⁸.

Mas isto nao e nada. As eonsequencias morais do trabalho das mulheres nas fabricas ainda sao bem piores. A reuniao de pessoas dos dois sexos e de todas as idades na mesma oficina, a inevitavel promiscuidade que dai resulta, o amontoamento num espaeo reduzido de pessoas que nao tiveram nem formagao intelectual nem forma-gaOi moral, nao sao o genero de factos com efeito favoravel no desenvolvimento do caracter feminino. O industrial, mesmo se presta atengao a isso, nao pode intervir senao quando o escandalo e flagrante. Nao poderia estar ao eorrente da influencia permanente, menos evidente, que exercem os caracteres dissolutos sobre os espiritos mais morais e em particular sobre os mais jovens e, por conseguinte, nao pode evita-la. Ora esta influencia e precisamente a mais nefasta. A linguagem empregada nas fabricas e relatada de diversos modos nos relatorios sobre as fabricas de 1833, como «incon-veniente», «ma», «impropria», etc. (Cowell evid.: pp. 35, 37 e muitas outras passagens). A situagao e, em menor grau, a que constatamos em ponto grande nas grandes cidades. A eoncentragao da populagao tern o mesmo efeito sobre as mesmas pessoas, quer seja numa grande cidade ou numa fabrica relativamente pequena. Se a fabrica e pequena, a promiscuidade e maior e as liga-goes inevitaveis. As consequencias nao se fazem esperar. Uma testemunha de Leicester disse que tpreferia ver a sua filha mendigar do que deixa-la ir para a fabrica, que a fabrica e um verdadeiro inferno, que a maior parte das raparigas da vida estao naquela situagao devido a sua permanencia na fabrica. (Power evid.: p. 8). Uma

²⁸ **2n. Report, 1833. Pari. Papers**, vol. 21, D3, p. 5. Cf. Gaskell, **op. cit.**

outra em Manchester «nao tern nenhuns escrupu'kw; em ailrmar que tres quartos das jovens operarias de fabrica dos 14 aos 20 anos ja nao sao virgens» (Cowell evid.: p. 57). O comissario Cowell emite a opiniao que a mora-lidade dos operarios de fabrica se situa urn pouco abaixo da media da classe trabalhadora em geral (p. 82) e o Dr. Hawkins afirma (*Rept.* p. 4):

s difcil dar uma estimativa numerica da moralidad; sexual mas, tendo em conta as minhas proprias obser-vagoes, a opiniao geral daqueles com quem falei, assim como o teor dos testemnhos que me forneceram, a influencia da vida aa fabrica sobre a moralidade da juventude feminina parece justificar um ponto de vista totalmente pessimista.

Acontece que a servidao da fabrica, como qualquer outra e mesmo mais que todas as outras,¹ confere ao patroa o *Jus primae noctis*²⁹. Deste modo o industrial e tambem o dono do corpo e dos encantos das suas operarias. O despedimento e uma sangao suficiente para, em noventa ou mesmo noventa e nove por cento dos casos, anular qualquer resistencia da parte das raparigas que, alem disso, nao tem disposicoes particulares para a cas-tidade. Se o industrial e suficientemente infame (e o relatorio da comissao cita varios casos deste genero), a sua fabrica e ao mesmo tempo o seu harem³⁰. O facto de nem todos os industriais fazerem uso do seu direito, nao altera em nada a situagao das raparigas. Nos prin-cipios da industria manufactureira, na altura em que a maior parte dos industriais eram novos ricos sem educa-gao que so respeitavam as regras da hipocrisia social, nao abandonavam por nada o exercicio dos seus direitos adquiridos.

Para julgarmos adequadamente os efeitos do trabalho na fabrica sobre o estado fisico das mulheres, sera neces-sario comegar por examinar o trabalho das criancas e a natureza do proprio trabalho. Desde o principio da nova industria, estas foram empregadas nas fabricas. De inicio e devido as pequenas dimensoes das maquinas (que mais tarde se tornaram mais importantes), punham a trabalhar quase sempre criangas; iam procura-las as casas de

¹ O direito a primeira noite.

³⁰ Evidentemente que os comissarios nao vao tao longe. A expressao e de Engels.

assistencia, que as alugavam aos industriais como «apren-dizes», em grandes grupos e por muitos anos. Eram alo-jadas e vestidas colectivamente e tornavam-se, bem enten-dido, inteiramente escravas dos seus patroes que as tra-tavam com uma brutalidade e uma barbaridade extremas. A partir de 1796, a opiniao publica manifestou tao ener-gicamente o seu descontentamento pela voz do Dr. Per-cival e de Sir R. Peel (pai do actual ministro e ele pro-prio fabricante de tecidos de algodao) que o Parlamento votou em 1802 um *Apprentice-Bill*³¹ (lei sobre os apren-dizes) que pos termo aos abusos mais gritantes. Pouco a pouco fez-se sentir a concorrencia dos trabalhadores livres e todo o sistema de *aprendizagem* desapareceu pro-gressivamente. Pouco a pouco foram-se construindo fabri-cas, sobretudo nas cidades, aperfeigoando as maquinas e construindo edificios mais arejados e mais saos: surgiu mais trabalho para os adultos e jovens; proporcional-mente o mimero de criangas empregadas diminuiu um pouco, enquanto que se elevou a idade media em que se começava a trabalhar. Empregavam-se entao poucas criangas com idade abaixo dos oito ou nove anos. Mais tarde, o poder legislative interveio ainda varias vezes, como veremos, para proteger as criangas contra a rapa-cidade da burguesia.

A elevada mortalidade que se verifica entre os filhos dos operarios, e particularmente dos operarios de fa-brica, e uma prova suficiente da insalubridade a qual estao expostos durante os primeiros anos. Estas causas tambem actuam sobre as criangas que sobrevivem mas evidentemente os seus efeitos sao um pouco mais atenua-das do que naquelas que sao suas vitimas. Nos casos mais benignos, tern uma predisposicao para a doenga ou um atraso no desenvolvimento e, por consequencia, um vigor fisico inferior ao normal. O filho de um operario, que cresceu na miseria, entre as privagoes e as vicissitudes da existenciia, na humidade, no frio e com falta de roupas, aos nove anos esta longe de ter a capacidade de trabalho duma crianga criada em boas condicoes de higiene. Com esta idade enviam-na para a fabrica, e ai trabalha dia-riamente seis horas e meia (anteriormente oito horas, e ou-

³¹ Esta lei interditava o trabalho nocturno para as criangas e reduzia a doze horas o dia de trabalho dos jovens aprendizes. Mas ela so se applicava a industria do algodao e da la. Como a lei nao previa nenhum controle, estas prescriçoes nao foram cumpridas pelos fabricantes.

l. rora de doze a catorze horas, e mesirio dezasseis) ate a ida-de de treze anos. A partir deste momento, ate aos dezoito anos, trabalha doze horas. Aos factores de enfraqueci-mento que persistem, junta-se tambem o labor. ® ver-dade qie nao podemos negar que uma crianga de nove anos, mesmo filha de um operario, possa suportar um trabalho quotidiano de seis horas e mais sem que dai resultem para o seu desenvolvimento efeitos nefastos *visiveis*, de que este trabalho seria a causa evidente. Mas temos que confessar que a permanencia na atmosfera da fabrica, sufocante, humida, por vezes de um calor morno, nao poderia em qualquer dos casos melhorar a sua saai-de. De qualquer maneira, e dar prova de irresponsa-bilidade sacrificar a cupidez duma burguesia insensivel os anos das criangas que deveriam ser exclusivamente consagrados ao desenvolvimento fisico e intelectual e privar as criangas da escola e do ar puro, para as explo-rar em proveito dos senhores industriais. Claro, a burguesia diz-nos: «Se nao empregarmos as criangas nas fabricas, elas ficarao em condicoes de vida desfavora-veis ao seu desenvolvimento*», e no con junto e exacto. Mas que significa este argumento, posto no seu justo lugar, senao que a burguesia coloca primeiro os filhos dos operarios em mas condicoes de existencia e que explora em seguida estas mas condicoes em seu proveito. Ela invoca um facto de que e tao culpada como do sistema industrial, justificando a falta que eomete hoje com aquela que cometeu ontem. Se a lei sobre as fabricas nao lhes prendesse um pouco as maos, verifi-caríamos como estes burgueses «bondosos» e «humanos», que no fundo nao edificaram as fabricas senao para o bem dos operarios, veríamos como eles tomariam a defesa dos interesses dos trabalhadores. Vejamos um pouco como eles agiram antes de serem vigiados pelos inspectares de fabrica! O seu proprio testemunho, o relatorio da comis-sao de inquerito sobre as fabricas de 1833, deve con-fundi-los.

O relatorio da Comissao Central constata que os fabricantes raramente empregavam criangas de cinco anos, frequentemente as de seis anos, muitas vezes as de sete anos e a maior parte das vezes as de 8 ou 9 anos; que a duragao do trabalho atinge por vezes 14 a 16 horas por dia (nao incluindo as horas das refeicoes), que os industriais toleravam que os vigilantes batessem e mal-tratassem as criangas, e eles proprios agiam muitas vezes

do mesmo modo; relata-se mesmo o caso de um industrial escocês que perseguiu a cavalo um operário de dezasseis anos, que se tinha escapado, trouxe-o de volta obrigando-o a correr diante dele a velocidade do seu cavalo a trote, batendo-lhe continuamente com um grande chicote. (Stuart evid.: p. 35³²). Nas grandes cidades, onde os operários mais resistiam, e verdade que tais casos eram menos frequentes. No entanto mesmo esta longa jornada de trabalho não aplacava a voracidade dos capitalistas. Era preciso por todos os meios fazer com que o capital investido nas construções e em máquinas fosse rentável, era necessário fazê-lo trabalhar o mais possível. E por isso que os industriais introduziram o escandaloso sistema de trabalho nocturno. Em algumas fábricas havia 2 equipas de operários, cada qual suficientemente numerosa para fazer funcionar toda a fábrica; uma trabalhava as doze horas do dia, a outra as doze horas da noite. Não é difícil imaginar as consequências que fatalmente teriam sobre o estado físico das crianças e mesmo dos adolescentes e adultos, esta privação permanente do repouso nocturno, que nenhum sono diurno poderia substituir. Sobre-excitação do sistema nervoso ligada a um enfraquecimento e a um esgotamento de todo o corpo, tais eram as consequências inevitáveis. E preciso juntar a isso o encorajamento ao alcoolismo e ao desregramento sexual. Um industrial (Tufnell evid.: p. 91) declara que durante os dois anos em que mandara trabalhar de noite, nasceram 2 vezes mais filhos ilegítimos e que a imoralidade se agravou a ponto de ter de renunciar ao trabalho nocturno. Outros industriais usavam processos ainda mais bárbaros, fazendo trabalhar muitos operários 30 a 40 horas a fio e várias vezes por semana, pondo de pé equipas de suplentes incompletas que não tinham outro fim senão o de substituir de cada vez uma só parte dos operários para lhes permitir que dormissem algumas horas. Os relatórios da comissão sobre estes actos de barbaridade e as suas consequências ultrapassam tudo o que foi dado a conhecer neste domínio. Os horrores como os que aqui são relatados não se encontram em nenhuma outra parte, e veremos no entanto que a burguesia não cessa de invocar o testemunho da comissão em seu favor. As consequências de semelhantes delitos não se fizeram esperar. Os comissários

³² **Factories Enquiry Commission, First Report, 1833, A, I,**
p. 35 (testemunho de John Ross).

relatam que tem conhecimento dum grande numero de enfermos, cuja doenga iproven indubitavelmente das longas horas de trabalho. Esta enfermidade consiste na maioria das vezes num desvio da coluna vertebral e numa deformação das pernas, sendo descrita nestes termos por Francis Sharp, M.R.C.S. (Membro do Colegio Real de Cirurgia).

Nunca tinha constatado a deformação da extremidade inferior do femur antes de chegar a Leeds. Primeiro pensei que se tratasse de raquitismo, mas o grande numero de doentes que se apresentavam no hospital e o aparecimento desta doenga numa idade (de oito a catorze anos) em que as crianças nao estao habitualmente muito sujeitas ao raquitismo, assim como o facto de este mal so ter começado desde que as crianças trabalham nas fabricas, incitaram-me em breve a mudar de opiniao. Vi até ao presente cerca de uma centena de casos deste genero, e posso afirmar da maneira mais categórica que sao consequencia de uma sobrecarga fisica. Tanto quanto eu saiba tratava-se unicamente de crianças que trabalham nas fabricas, e elas proprias veem nisso a origem do seu mal. O numero de casos de desvio da coluna vertebral que consta-tei, consequencia manifesta de uma longa permanencia em pé, nao deve ser inferior a 300 (Dr. Loudon evid.: pp. 12, 13³³).

O Dr. Hey, de Leeds, medico do hospital durante dezoito meses, exprime-se do mesmo modo:

As deformações da coluna vertebral sao muito frequentes nos operarios. Algumas, efeitos de uma simples sobrecarga de trabalho, outras, consequencia de um trabalho prolongado sobre uma constituigao originaria-mente fraca ou enfraquecida por uma má alimentagao. Os estropiados parecem ser mais frequentes do que estes doentes; os joelhos estao torcidos para dentro, os tendoes dos tornozelos relaxados muito frequente-mente e distendidos e os ossos das pernas tortos. Eram sobretudo as extremidades destes compridos ossos que estavam deformadas e hipertrofiadas, e estes doentes vinham das fabricas onde se trabalhava frequentemente durante muito tempo. (Dr. Loudon evid.: p. 16).

Os cirurgioes Beaumont e Sharp de Bradford exprime-mem-se no mesmo sentido. Os relatorios dos commissarios Drinkwater, Power e do Dr. Loudon contem um grande

³³ O Dr. Loudon fala tambem de varizes e de pes chatos que ele atribui as mesmas causas. Observações semelhantes foram feitas pelo Dr. Hey. Na edigao de 1845, Engels escreveu: «Dr. Kay» Trata-se do Dr. William Hey (1771-1844).

numero de exemplos de deformagoes semelhantes, os de Tufnell e do Dr. Sir David Barry, que se interessam menos por este caso particular, conteni alguns (Drink-water evid.: p. 69; dois irmaos: pp. 72, 80, 146, 148, 150; dois irmaos: pp. 155 assim como outras; Power evid.: pp. 63, 66, 67; dois exemplos: p. 68; tres exemplos: p. 69; dois exemplos em Leeds: pp. 29, 31, 40, 43, 53 e seguin-» tes; Dr. Loudon evid.: pp. 4, 7 quatro exemplos; p. 8 varios exemplos, etc.... Sir D. Barry: pp. 6, 8, 13, 21, 22, 44, 55 tres exemplos, etc.; Tufnell: pp. 5, 16, etc.). Os comissarios para o Lancashire, Cowell, Tufnell e o Dr. Hawkins negligenciaram quase completamente este aspecto das consequeneias medicas do sistema industrial, ainda que este dis-trito possa rivalizar perfeitamente com o Yorkshire quanto ao numero de doentes. Raramente passeei em Manchester sem me cruzar com tres ou quatro estropiados, sofrendo precisamente das deformagoes da coluna vertebral e das pernas que acabam de ser descritas, e que tive muitas vezes occasiao de observar detalhadamente. Conhego pessoalmente um enfermo que corresponde exactamente a descricao feita mais acima pelo Dr. Hey e que se estropiou na fabrica do Sr. Douglas, em Pendleton, o qual ainda goza entre os operarios de uma pouco invejavel reputagao por anteriormente ter exigido um trabalho que se prolongava durante noites inteiras. Pelo aspecto desta categoria de enfermos, ve-se imediatamente donde provem a sua deformagao. Tern todos a mesma silhueta, os joelhos flectidos para dentro e para tras, os pes voltados para dentro, as artitulaes deformadas e grossas e muitas vezes a coluna esta des-viada para a frente ou para o lado. Mas sao os bons industriais filantropos do distrito de Macclesfield, onde se trabalha a seda, que parece terem maior responsabi-lidade nisso, o que tambem provem do facto de criangas muito jovens, de cinco ou seis anos, trabalharem nessas fabricas. Entre os testemunhos anexos do comissario Tufnell encontramos as declaragoes de um certo chefe de oficina Wright (p. 26), cujas irmas tinham sido estro-piadas da maneira mais vergonhosa, e que um dia tinha contado o numero de estropiados em varias ruas, entre as quais algumas das mais limpas e bonitas de Macclesfield. Encontrou dez em Townley Street, cinco em George's Street, quatro em Charlotte Street, quinze em Watercots, tres em Bank Top, sete em Lord Street, doze em Mill Lane, dois na Great Georges Street, dois no hospicio dos Pobres, um em Park Green, e na Pickford Street dois

enfermos cujas familias tinham sido unanimes em declarar que estas deformagoes resultavam de um trabalho <'Kcessivo nas fabricas de entrelagar a seda. Na p. 27 <:ita-se o caso de um rapaz que estava tao estropiado, que *nvm* podia subir uma escada, e mencionam-se casos de l'apariguinhas que apresentavam deformagoes nas costas e nas ancas.

Este trabalho excessivo tambem provoca outras deformagoes, principalmente pes chatos, afecgao frequente-mente constatada por Sir D. Barry (por ex.: pp. 21 e Heguintes; duas vezes) e que os medicos e cirurgioes de l'eedes (Loudon, pp. 13, 16, etc.) tambem referem com l'rvquencia. No caso em que uma constituiuieao mais robusta, uma alimentagao melhorada e outros factores permiti-ram ao jovem operario resistir a estes efeitos de uma exploragao barbara, constatamos pelo menos dores nas costas, nas ancas e nas pernas, tornozelos inchados, vari-zes, assim como grandes ulceras persistentes nas coxas e nas barrigas das pernas. Estes males estao gene-ralizados entre os operarios. Os relatorios de Stuart, Mackintosh e Sir D. Barry contem centenas de exem-plos, e realmente quase nao conhecem operarios que nao sofram de algumas destas afecgoes; nos outros relatorios, a presenga das mesmas consequencias esta. confir-mada pelo menos por varios medicos. Os relatorios que se referem a Escocia demonstram de maneira indubi-t4vel, gragas a inumeros exemplos, que um trabalho de 13 horas provoca, mesmo nos operarios dos dois sexos de dezoito a vinte e dois anos, pelo menos os efeitos des-critos, tanto nas fiagoes de linho de Dundee e de Dunfermline, como nas fabricas algodoeiras de Glasgow e de Lanark.

Todos estes males sao explicaveis sem dificuldade pela natureza do trabalho na fabrica, que e, segundo dizem os industrials, muito «facil», mas que, precisa-mente devido a sua facilidade, e mais estafante que qualquer outro³⁴. Os operarios tern pouca coisa a fazer mais sao constringidos a *ficar constantemente de pe* sem se poderem sentar. Quern quer que se sente no l).-i.rapeito duma janela ou num cesto e punido. Esta per-manencia de pe, esta pressao mecanica permanente da parte superior do corpo sobre a coluna vertebral, sobre .is ancas e as pernas, produz obrigatoriamente os efeitos acima mencionados. No entanto, esta permanencia de

^{8<} E. Baines: **History of the cotton manufacture, 1835**, p. 156.

pe não é indispensável ao trabalho, e de resto instalaram-se assentos pelo menos nas oficinas de Nottingham (o que tem por consequência a ausência destes males e por isso aí os operários estão dispostos a fornecer um trabalho mais longo). Mas numa fábrica em que o operário só trabalha para o burguês e tem pouco interesse em fazer bem o trabalho, ele iria fazer um maior uso dos assentos do que aquele que o industrial consideraria agradável e vantajoso. Os operários têm então de sacrificar a saúde dos seus membros a fim de que se estrague um pouco menos da matéria-prima do burguês³⁵. Esta longa e constante permanência de pé, acumulada à má atmosfera habitual nas fábricas, provoca um enfraquecimento considerável de toda a energia física e em seguida todas as espécies de males mais generalizados que localizados. Habitualmente a atmosfera das fábricas é ao mesmo tempo quente e húmida, muitas vezes mais quente que o necessário e, se a ventilação não for *muito* boa, é muito impura, sufocante, pobre em oxigénio, cheia de poeiras e dos vapores do óleo das máquinas que molha quase todo o chão e aí penetra e ranga. Quanto aos operários, têm pouca roupa devido ao calor e apanhariam automaticamente frio se a temperatura da sala não se mantivesse constante; mas neste calor, a menor corrente de ar é-lhes desagradável e o enfraquecimento progressivo que insidiosamente conquista todas as funções orgânicas diminui o calor animal que têm então de ser fornecido do exterior; e é por isso que os operários preferem ficar nesta atmosfera quente da fábrica com todas as janelas fechadas. Junta-se a isso o efeito da brusca mudança de temperatura logo que o operário deixa a atmosfera muito quente da fábrica para entrar no ar glacial ou muito húmido de fora e a impossibilidade para o operário de se proteger bem da chuva e de mudar de roupa quando esta está molhada. Todos estes factores provocam constantemente resfriamentos. E quando pensamos que, apesar de tudo, este trabalho não solicita e não faz trabalhar realmente quase nenhum músculo do corpo, a não ser talvez os das pernas, que nada contraria o efeito anémico e esgotante dos factores enumerados mais acima, mas que pelo contrário, faz falta todo o exercício que poderia dar vigor aos músculos, elasticidade e vigor aos tecidos, e que desde a juventude o ope-

³⁵ Nas oficinas de fiagem de uma fábrica de Leeds, também tinham instalado assentos (Drinkwater evid: p. 85) (F. E.).

rario nunca teve tempo de fazer o menor exercicio ao ar livre, nao nos espantaremos com a quase unanimidade com que os medicos declaram nos reMonios sobre as fabricas terem verificado, principalmente nos operarios, uma consideravel falta de resistencia as doengas, um estado depressivo geral afectando todas as acti-vidade-s vitais, um relaxamento persistente das forgas intelectuais e fisicas. Escutemos em primeiro lugar Sir D. Barry:

As influencias desfavoraveis do trabalho na fabrica sobre os operarios sao as seguintes: 1) necessidade absoluta de ritmar os esforcos fisicos e Intelectuais com os movimentos das maquinas movidas por uma forga regular e infatigavel; 2) permanSncia de pe que e precise suportar durante periodos anormalmente lon-gos e demasiado pr6ximos; 3) privagao do sono (devido a um trabalho demasiado longo, ou a dor nas pernas e a doengas fisicas generalizadas³⁶). fi preciso acres-centar por outro lado o efeito das oficinas, muitas vezes abaixo do nivel do solo, exiguas, poeirentas, ou humidas, com um ar nocivo, uma atmosfera demasiado quente, uma transpiracao continua. E por isso que principalmente os jovens, com muito raras excepgoes, perdem muito depressa a vivacidade da infancia e tornam-se mais palidos e enfezados que os outros rapazes. Mesmo o aprendiz de tecelao manual, que fica descalgo no chSo de terra batida da oficina, conserva um aspecto melhor porque de vez em quando sai para o ar livre. Mas a crianga que trabalha na fabrica nao tern um momento de descanso e nunca sai a rua senao para comer. Todos os fiadores adultos do sexo masculino sao palidos e magros e sofrem de um apetite caprichoso e de ma digestao. Como todos cresceram nas fabricas desde a juventude e como entre eles ha poucos ou quase nenhum homem de elevada estatura e de constituigao atletica, temos o direito de concluir que o seu trabalho e muito desfavoravel ao desenvolvimento da constituigao mas-cujina. As mulheres suportam muito melhor este trabalho³⁷.

(Perfeitamente natural, mas veremos que elas tam-b6m tem as suas doengas) (*General Report*, Sir D. Barry). Do mesmo modo, Power:

Posso afirmar naturalmente que o sistema manufactu-reiro provocou em Bradford um grande numero de estro-piados... e que os efeitos fisicos de um trabalho muito

³¹ As anotações entre parentesis são de Engels. " Ainda aqui, como vimos anteriormente, Engels prefere tomimir a citar.

longo manifestam-se não só sob o aspecto de defeitos reais, mas também de um modo muito mais geral pelo atraso do crescimento, enfraquecimento dos músculos e debilidade (Power, Report, p. 74).

Eis ainda o cirurgião³⁸ F. Sharp, de Leeds, que já citamos:

Quando deixei Scarborough para me instalar em Leeds, fui imediatamente alertado pelo facto das crianças daqui terem geralmente um aspecto demasiado pálido e os seus tecidos serem muito menos vigorosos que as de Scarborough e arredores. Notei igualmente que muitas crianças são demasiado pequenas para a idade... Constatei inúmeros casos de escrofulose, afecções pulmonares e mesentericas e casos de má digestão, que, como médico, penso serem sem dúvida provocadas pelo trabalho nas fábricas. Penso que o trabalho prolongado enfraquece a energia nervosa do corpo e prepara o terreno a inúmeras doenças. Sem o afluxo perpetuo das pessoas do campo, a raga dos operários das fábricas em breve degeneraria completamente.

Beaumont, cirurgião em Bradford, exprime-se nos mesmos termos:

Na minha opinião, o sistema de trabalho na fábrica que aqui vigora, provoca uma atonia característica de todo o organismo e torna as crianças extremamente vulneráveis às epidemias assim como as doenças acidentais... Considero que a ausência de qualquer regulamentação apropriada sobre a ventilação e a limpeza das fábricas é realmente uma das causas principais desta morbidez particular ou desta receptividade às afecções patológicas que tão frequentemente constatei no exercício da minha profissão.

Acerca do mesmo, eis o testemunho de William Sharp Junior³⁹:

1) Tive ocasião de observar, nas condições mais favoráveis, os efeitos do regime de trabalho nas fábricas

³⁸ Aqueles a quem se chama cirurgiões (surgeons) são médicos que acabaram os seus estudos, tal como os diplomados (physicians) e é por isso que exercem geralmente tanto a medicina como a cirurgia. Preferem-nos mesmo, geralmente, aos physicians por diferentes razões. (F. E.).

³⁹ A edição de 1845 atribui por erro este testemunho ao Dr. Kay (Cf. **Factories Inquiry Commission, Second report, 1833**, col. 3, p. 23).

sobre a saúde das crianças (na fábrica de Wood, em Bradford, a mais bem preparada da região, onde era médico ligado a fábrica); 2) estes efeitos são incontestavelmente nocivos, ao mais alto grau, mesmo nas condições favoráveis da fábrica onde eu estava; 3) em 1842⁴⁰, tive de tratar três quintos do total das crianças que trabalhavam na fábrica de Wood; 4) o efeito mais nefasto não é a predominância dos estro-piados, mas as constituições debéis e propícias a doença; 5) verificou-se uma melhoria muito sensível desde que a duração do trabalho das crianças de Wood foi reduzida para dez horas.

O próprio comissário Dr. Loudon, que cita estes testemunhos, diz:

Penso que acaba de ser claramente demonstrado que as crianças são obrigadas a fornecer um trabalho de uma duração irracional e cruel e que até os adultos têm de fazer um trabalho que ultrapassa as forças de um ser humano. As consequências são que muitos morrem prematuramente, outros sofrem toda a vida os efeitos de uma constituição deficiente e que, psicologicamente falando, os receios de ver nascer crianças enfraquecidas pelas taras dos sobreviventes parecem muito fundamentados.

E finalmente o Dr. Hawkins, a propósito de Manchester:

Creio que a maior parte dos estrangeiros ficam impressionados pela estatura pequena, o aspecto enfezado e a palidez da maioria das pessoas que se vê em Manchester e principalmente dos operários das fábricas. Nunca vi cidade na Grã-Bretanha ou na Europa onde o desfasamento em relação à média do conjunto da nação seja tão nítido como esta, no que respeita à estatura e à tez. Ficamos impressionados ao ver que as mulheres casadas são desprovidas de todas as particularidades características da mulher inglesa. Devo confessar que os rapazes e as raparigas que trabalham nas fábricas de Manchester e que me foram apresentados tinham todos o aspecto deprimido e tez palida. Nada do que constitui habitualmente a mobilidade, a vivacidade e a petulância da juventude transparecia na expressão dos seus rostos. Um grande número declarou-me que nunca teve o menor desejo de se espalhar ao ar livre, ao sábado à tarde e ao domingo, e que preferiam ficar tranquilos em casa.

⁴⁰ Edição de 1845: «1832». Corrigida nas edições seguintes.

Inserimos aqui, seguidamente, uma outra passagem do relatório de Hawkins, que só parcialmente se refere ao assunto, mas que precisamente por esta razão terá aqui tanto valor como em qualquer outro lugar:

A intemperança, os excessos e a falta de prevenção são os principais defeitos da população operária e é fácil de ver que as suas causas são os costumes nascidos do sistema actual e que dele decorrem quase inelutavelmente. Geralmente reconhece-se que a má digestão, a hipocondria e a fraqueza geral afectam esta classe em proporções consideráveis. Após doze horas de trabalho monótono, é muito natural a procura de um excitante qualquer; mas quando para além disso se está atacado destes estados doentios de que acabamos de falar, depressa se tem necessidade, e de modo repetido, de recorrer ao álcool.

O próprio relatório fornece centenas de provas a apoiar estes depoimentos dos médicos e dos comissários. Ontem centenas de factos que provam que o crescimento dos jovens operários é entravado pelo trabalho; entre outras coisas, Cowell indica o peso de 46 crianças, todas com idade de 17 anos e frequentando uma escola de domingo⁴¹, das quais 26 que trabalhavam em fábricas pesavam em média 104,5 libras inglesas e as outras 20 que não trabalhavam nas fábricas mas pertenciam à classe operária tinham um peso de 117,7 libras inglesas. Um dos industriais mais importantes de Manchester, líder da oposição patronal aos operários — Robert Hyde Greg, creio — chegou a dizer um dia que, se isso continuasse, os operários das fábricas do Lancashire em breve se tornariam pigmeus⁴². Um oficial recrutador declarou no seu depoimento (Tufnell, p. 59) que os operários de fábrica são pouco aptos para o serviço militar; têm um ar enfezado e pálido e são muitas vezes dispensados pelos médicos. Em Manchester, teve dificuldade em encontrar homens com 5 pés e 8 polegadas⁴³, não tendo

⁴¹ Com efeito tratam-se de crianças e jovens frequentando duas escolas diferentes.

⁴² Estas declarações não foram extraídas do relatório de fábrica* (F. E.).

⁴³ A volta de 1,74 m. Os recrutados apenas tinham de 1,67 m a 1,69 m.

* Citado por Lord Ashley, nos Comuns, a 15 de Março de 1844. R. H. Greg e os seus dois irmãos (Samuel e William Rethbone) redigiram várias brochuras sobre a condição operária, do ponto de vista patronal. Gaskell, Engels e outros autores utilizaram estas brochuras várias vezes (*Cf.* sobre o mesmo problema, Gaskell: *Op. cit.*, 1833, p. 170).

a maioria senão 5 pes e 6 ou 7 polegadas, enquanto que nos distritos agrícolas a maior parte dos recrutas atingem as 8 polegadas (a diferença entre medidas inglesas • prussianas e de cerca de 2 polegadas em 5 pes, sendo a medida inglesa mais curta).

Devido aos efeitos debilitantes do trabalho na fábrica, os homens envelhecem muito cedo. A maior parte está, aos 40 anos, incapacitada de trabalhar. Alguns mantêm-se até aos 45; quase nenhum atinge os 50 sem que seja obrigado a parar de trabalhar. A causa deste facto é, para além do enfraquecimento físico geral, uma diminuição da visão, consequência da fixação na *Mule* durante a qual o operário tem de ter o olhar fixo numa longa série de fios finos e paralelos, fatigando assim consideravelmente a vista. Em 1600 operários empregados nas fábricas de Harpur e Lanark, só 10 tinham mais de 45 anos. Em 22 094 operários das diferentes fábricas de Stockport e de Manchester, só 143 ultrapassavam os 45 anos; desses 143, 16 continuavam a trabalhar apenas por favor, e um executava o trabalho de uma criança. Uma lista de 131 fiadores não incluía mais de 7 com idade superior a 45 anos, e no entanto esses 131 foram recusados pelo industrial a quem pediam emprego porque eram «muito velhos». Em 50 fiadores postos de lado, em Bolton, somente 2 tinham mais de 50 anos, os outros não atingiam os 40 em média e todos estavam desempregados devido à sua idade muito avançada! M. Ashworth, importante industrial, reconhece numa carta a Lord Ashley que, por volta dos 40 anos, os fiadores já não são capazes de produzir uma quantidade suficiente de fios e que por esta razão são por vezes despedidos e classifica de *velhos* os operários de 40 anos⁴⁴! Da mesma maneira, o comissário Mackintosh diz no relatório de 1833 (A 2 p. 96):

Se bem que eu já estivesse preparado para isso pela maneira como são empregadas as crianças, foi-me, no entanto, difícil de acreditar nos operários de uma certa idade quando me disseram a idade, de tal modo eles envelhecem prematuramente.

O cirurgião Smellie de Glasgow, que trata principalmente os operários das fábricas, também afirma que, para eles, 40 anos é uma idade avançada (*old age*) (Stuart

⁴⁴ Tudo isto é extraído do discurso de Lord Ashley (sessão de 15 de Março de 1844 nos Comuns) (F. E.).

evid: p. 101). Encontramos em Tufnell evid.: pp. 3, 9, 15; Hawkins Rapt.: p. 4, evid.: p. 14, etc., testemunhos semelhantes.

Em Manchester, este envelhecimento precoce dos operarios e tao comum que qualquer quadragenario parece ser 10 ou 15 anos mais velho, enquanto as pessoas das classes favorecidas, homens e mulheres, conservam um bom aspecto se nao beberem demasiado⁴⁵.

Os efeitos do trabalho nas fabricas sobre o organismo feminino tambem sao notaveis e especificos. As deformagoes fisicas, consequencias de um trabalho prolongado, sao ainda mais graves nas mulheres. Deformagoes da bacia, quer devidas em parte a uma posicao dos ossos da bacia ou ao seu crescimento defeituoso, quer a um desvio da parte inferior da coluna vertebral, sao frequentemente as consequencias desastrosas desse trabalho.

Se bem que eu nao tenha encontrado nenhum caso de deformacao da bacia nem quaisquer outras afecoes, declara o Dr. Loudon no seu relatorio, estes sao males tao comuns que todos os medicos os tern de considerar como consequencias provaveis do trabalho prolongado imposto as criangas, e isto e de resto garantido pelos medicos dignos de fe^m.

O facto de as mulheres das fabricas parirem mais dificilmente do que as outras e atestado por varias par-teiras, tal como o facto de abortarem mais frequentemente (por exemplo, pelo Dr. Hawkins, evid.: pp. 11 e 13). E precise acrescentar que as mulheres sofrem as consequencias das precarias condicoes de trabalho comuns a todos os trabalhadores, agravadas pelo facto de, quando se encontram gravidas, serem oforizadas a trabalhar quase ate a hora do parto. Evidentemente, se elas deixam de trabalhar muito cedo, correm o risco de se verem substituidas e de serem postas na rua, e alem do mais perdem o salario. Sucede muitas vezes que, mulheres que

⁴⁵ Um relatorio patronal da epoca, citado pelo Manchester Guardian, reconhece que muito poucos operarios passam dos 50 anos, mas para concluir que os operarios nessa idade puseram bastante dinheiro de lado para se poderem reformar ou torna-rem-se eomerciantes! (Manchester Guardian, 1 de Maio de 1844, p. 5, col. 4-5).

« Engels resume. O Dr. Loudon e menos categorico.

Imbalharam na tarde anterior, tern o parto na manha imvguixite, e nem e muito raro que isso lhes suceda na propria fabrica, no meio das maquinas. E se os senhoron burgueses nao veem nisso nada de extraordinario, talvez ftB suas mulheres concordem que oforigar uma muiher (jr/ivida a trabalhar de pe, a baixar-se frequentemente durante doze ou treze horas (outrora ainda mais) ate ao dia do parto e duma crueldade inqualificavel, duma bar-Imridade infame. Mas nao e tudo. Quando as mulheres, np6s o parto, podem ficar 15 dias sem trabalhar sentem-se l'lizes e consideram isso urn grande beneficio. Muitas Adas voltam a fabrica apos oito dias de repouso, algu-mas mesmo trgs ou quatro dias depois, a trabalhar em lempo inteiro. Ouvi um dia um industrial perguntar a urn contramestre: «Fulana ainda nao voltou?». «Nao». «Ha quanto tempo teve o filho?» «Oito dias». «Ja podia ter vindo ha muito tempo. Aquela, ali, so costuma ficar l. res dias em casa». Certamente o medo de serem des-pedidas leva-as a voltar a fabrica apesar da sua fra-queza e dos seus sofrimentos. O interesse dos industriais nao permite que os operarios fiquem em casa por doenga; estes nao tern o direito de ficar doentes, senao o industrial poderia ter que parar as suas maquinas ou fatigar as suas preciosas meninges para proceder a uma substituiucao temporaria. Antes disso acontecer, des-pede as pessoas quando estas se dao ao luxo de nao estar de boa saaiide. Escutemos entao (Cowell evid., p. 77):

Uma jovem sente-se muito mal e dificilmente pode rea-lizar o seu trabalho. «Porque razao — pergunto eu — nao pede licenga para ir para casa?». «Ah, senhor, o patroo e intransigente nestas questoes, se faltarmos meio dia arriscamo-nos a ser postas na rua».

Ou entao ainda (Sir David Barry evid., p. 44):

Thomas MacDurt, um operario, tem febre, mas nao pode ficar em casa mais de quatro dias porque senao arrisca-se a perder o emprego.

E assim por diante em quase todas as fabricas. O trabalho ao qual estao adstritas as raparigas provoca-lhes, durante o periodo de crescimento, um grande numero de outras perturbagoes. Nalgumas, em particular naquelas que estao mais bem alimentadas, o calor muito forte que reina nas fabricas activa-lhes o desenvolvimento

fisioo, de tal maneira que raparigas dos 12 aos 14 anos estao por vezes eompletamente f ormadas. Robertson, o gi-neeologista ja mencionado e que o relatorio sobre as f abricas classifica de *eminente*, relata no *North of England Medical and Surgical Journal* que examinou uma rapa-riga de 11 anos que nao so era uma mul'her eompletamente formada como tinha engravidado ^{*7}, e que nao era raro em Manchester que raparigas de 15 anos se tornassem maes. Neste genero de casos, o caior das fabricas age como o calor dos climas tropicais, e tal como nesses climas o desenvolvimento demasiado precoce paga-se com um envelhecimento e um enfraquecimento prematuros. No entanto ha frequentes exemplos de atra-so no desenvolvimento sexual feminine Os seios desen-volvem-se tardiamente ou nao se formam; Cowell cita alguns casos, p. 35. A menstruagao aparece em muitos casos aos 17 ou 18 anos, por vezes aos 20 e muitas vezes nem sequer aparece (Dr. Hawkins evid., p. 11; Dr. Loudon, p. 14 etc.; Sir David Barry, p. 5, etc.). As regras irregulares acompanhadas de dores e de males de toda a especie, em particular de anemia, sao bastante frequentes e nisso os relatorios medicos sao unanimes. Os filhos destas mulheres, sobretudo quando tem de tra-balhar durante a gravidez, nao podem ser robustos. Pelo contrario, classificam-se de muito enfezados no relatorio, sobretudo os de Manchester. So Barry afirma que tem bom aspecto, mas tambem diz que na Escocia, onde fez o inquerito, *quase nao hd mulheres casadas a trabalhar*. Alias, a maior parte das fabricas estao situadas no campo, a excepcao de Glasgow, o que e um factor que contribui muito para a robustez das criangas. Os filhos dos operarios das redondezas de Manchester sao quase todos vigorosios e rosados enquanto que na cidade sao ipalidos e escrofulosos; mas aos 9 anos as belas cores desaparecem de repente porque sao enviados entao para as fabricas e em breve deixam de se disitinguir das criangas da cidade.

Por outro lado ha alguns ramos do trabalho industrial cujos efeitos sao particularmente nefastos. Em nume-rosas oficinas de fiagao de algodao e linho flutuam

⁴⁷ John Robertson: **An Inquiry respecting the period puberty in women**, N.E.M.S.J., vol. 1, Agosto de 1830 —Maio de 1831, pp. 69-85, 179-191 (Inquerito relativo a puberdade das mulheres). Robertson nao diz que esta rapariga estivesse gravida. O erro vem de Gaskell (op. cit., pp. 77-78), que afirma ter ele proprio conhe-cido casos semelhantes.

)
I loeiras de f ibras suspensas no ar, que provocam afecgSes pulmonares, principalmente nas oficinas de cardar e pentear. Certas constituicoes fisicas podem suporta-las, (>utras nao. Mas o operario nao tern por onde escolher. Tern de aceitar a oficina onde ha trabalho para ele e pouco importa que os seus pulmoes estejam bons ou maus. As consequencias mais frequentes da inspiragao destas poeiras sao os escarros de sangue, uma respira-qao fraca e sibilante, dores no peito, tosse, insonias, em resumo, todos os sintomas de asma, que em casos extre-mos degenera em tuberculose pulmonar (cf. Stuai-t: pp. 13, 70, 101; Mackintosh: p. 24, etc.; Power: Rept. de Nottingham, de Leeds; Cowell: p. 33, etc.; Barry p. 12 [5 numa linica fabrica], pp. 17, 44, 52, 60, etc., Loudon: p. 13, etc.; etc.). A fiagao humida do linho, praticada por jovens raparigas e criangas, e particularmente prejudicial. A agua, saltando dasi brocas, salpica-as de tal maneira que a parte da frente das suas roupas esta cons-tantemente encharcada e ha sempre pogas de agua no chao. Passa-se a mesma coisa nas oficinas de reforgo das fabricas de algodao, embora num grau inferior, o que da origem a constipagoes cronieas e afecgoes pul-monares. Todos os operarios das fabricas tern a mesma voz roufenha e rouca, sobretudo os fiadores de fios humi-dos e os reforgadores. Stuart, Mackintosh e D. Barry sublinham com extrema energia o caracter prejudicial deste trabalho e a despreocupagao da maior parte dos industriais no que diz respeito a saude das raparigas que o executam. Um outro efeito lastimavel da fiagao do linho manifesta-se em deformagoes caracteristicas da espadua, principalmente uma saliencia na omoplata direita, consequencia da natureza deste trabalho. Esta maneira de fiar, tal como a fiagao do algodao na *Throstle*, provocam por outro lado frequentes afecgoes da rotula, de que o operario se serve para parar as brocas enquanto ata os fios quebrados. As numerosas flexoes do busto exigidas pelo trabalho nestes ultimos ramos e o facto de as maquinas serem baixas tern como consequencia defeitos de crescimento. Nao me lembro de ter visto na oficina das *Throstles* da fabrica de algodao onde estive empregado, em Manchester, uma so rapa-riga que fosse esbelta e bem proporcionada. Eram todas pequenas, disformes e atarracadas, realmente mal feitas. Alem de todas estas doengas e enfermidades, os operarios sofriam ainda de uma outra especie de deficiencias fisi-

cas que afectavam os seus membros. O trabalho no meio das maquinas ocasiona um numero consideravel de accidentes mais ou menos graves que tern como consequencia uma incapacidade total ou partial para o trabalho⁴⁸. O caso mais frequente e o esmagamento de um dedo ou uma falange cortada; se bem que mais raramente, acontece que metade da mao, a mao inteira ou um brago fiquem presos numa engrenagem e sejam esmagados. Muitas vezes estes accidentes, mesmo os mais benignos, provocam o aparecimento do tetano, o que da origem a morte. Em Manchester, podem-se ver, alem de muitos estropiados, um grande numero de mutilados; um perdeu todo o brago ou o antebrago, outro o pe, ainda outro a metade da perna; e como estar no meio de um exercito que volta de uma batalha. As partes mais perigosas das instalagoes sao as correias que transmitem a energia do eixo as diferentes maquinas, sobretudo quando tern argolas, o que, na verdade, se torna cada vez mais raro. Quern e apanhado par estas correias e levado pela forga motriz com a rapidez de um raio, o corpo e langado para o tecto, depois contra o chao com uma tal violencia que raramente fica intacto um osso e a morte e instantanea. Entre 12 de Junho e 3 de Agosto de 1844⁴⁹, o *Manchester Guardian* relata os seguintes casos de accidentes graves (os casos benignos nem sequer sao mencionados): a 12 de Junho, em Manchester, morreu de tetano uma crianga que tinha ficado com a mao esmagada numa engrenagem⁵⁰; a 15 de Junho⁵¹, um rapaz do Saddle-word apanhado e langado par uma roda, morreu, com-pletamente esmagado; a 29 de Junho, um homem de Greenacres Moor, perto de Manchester, que trabalhava numa fabrica de maquinas, foi apanhado debaixo de uma pedra de amolar que lhe esmagou duas costelas e o feriu terrivelmente; a 24 de Julho, uma rapariga⁵² de Oldham morreu, apanhada por uma correia que a fez dar 50 vol-tas! Nenhum osso ficou intacto; a 27 de Julho, uma

⁴⁸ **Ainda aqui** os patroes tentam arranjar desculpas. O relatório patronal mencionado, pag. 200, assegura que apenas 29 acidentes em 850 eram devidos as maquinas.

⁴⁹ As edicoes de 1845 e de 1892 indicam por erro 1843.

⁵⁰ O relatório oficial nao fala de tetano e precisa que a crianga, John Witehead, de doze anos, nao devia mexer naquela mdquina.

⁵¹ As edicoes de 1845 e 1892 dao a data de 16 de Junho.

⁵² Nao se trata de uma rapariga, mas de uma mulher casada de 30 anos.

r. ipariga caiu na *Blower* (a primeira maquina que recebe O algodao bruto) e morreu em consequencia das mutilações; a 3 de Agosto, em Dukenfield, um torneiro de bobinas morreu apanhado por uma correia, com todas as OOBtelas partidas. O hospital de Manchester teve que nutrar, apenas durante o ano de 1842, 962 ferimentos e mutilagoes causados pelas maquinas, enquanto que o mimero total de acidentes de toda a especie atingia 2 426, o que faz com que dois acidentes em cinco se dovam as maquinas. Os acidentes verificados em Salford nao estao inoluidos nestas estatisticas, nem os que Coram tratados por medicos particulares. Em caso de iicidentes deste genero, provoquem ou nao uma incapacidade de trabalho, os industriais pagam quando muito OH honorarios do medico e, em casos excepcionas, o sala-rio durante o tratamento, mas nao se preocupam nada com o que acontece ulteriormente ao operario, se ele nao puder trabalhar mais.

O relatorio sobre as fabricas diz a este respeito: o industrial deveria ser responsabilizado em todos os casos, porque as criangas nao se podem precaver e os adultos acautelam-se no seu proprio interesse. Mas sao burgueses que redigem o relatorio e e por isso que se lem de contradizer e langar-se em seguida numa serie de tagarelices sobre a «temeridade culpavel» (*culpable temerity*) dos operarios. Pouco importa. A questao e clara: se as criangas sao incapazes de ter cuidado, e preciso proibir o seu trabalho. Se os adultos nao tem a atengao devida, e necessariamente ou porque sao criangas e apenas tem um grau de educagao que lhes nao permite medir com precisao a amplitude do perigo, — e de quem e a culpa, senao da burguesia que os mantem numa situagao em que eles se nao podem educar? Ou entao porque as maquinas estao mal apetrechadas e devem entao ser envolvidas com resguardos ou revestimentos de protecgao, precaugao que tambem incumbe a burguesia; ou ainda porque o operario tem fortes motivos, mais importantes para si do que a ameaga do perigo — e-lhe necessario trabalhar depressa, para ganhar dinheiro, e nao tem tempo de tomar precaugoes, etc. — e ainda ai, a culpa cabe aos burgueses.

Muitos acidentes dao-se, por exemplo, quando os operarios querem limpar as maquinas enquanto elas estao em marcha. Porque? Porque os burgueses obrigam os operarios a limpar as maquinas durante as pausas, quando elas estao paradas e o operario nao tem, evidentemente,

rax dese jo de ser prejudieado no® seus descansos.
 me cada .ora de liberdade e tao preciosa que
 pre-Ufrontar cias vezes por semana um perigo
 mortal ijMficar esas horas aos burgueses. Se
 obrigassem iij'tetrial a eder © tempo necessario para
 a limpeza y&aquinas iurante as horas de trabalho,
 nenhum ytio teria lanca a ideia de as limpar em
 movimento. >i|Wmo, err todos os casos a culpa
 recai em ultima Me sobre © industrial, ao qual se
 devia exigir, pelo W, que desfi? uma pensao por
 toda a vida ao operario Uteitado dfinitivaniente de
 trabalhar, ou a sua lk em case de acidente mortal.
 No principio da era wial, os addentes eram
 relativamente mais nume-'nue actualmente, porque
 as maquinas eram piores, l Jequenas, tais
 comprimidas umas contras as outras frte sempn
 sem revestimentos de protecgaio. Mas \ o provamos
 dados acima, o seu numero e ainda \tatemente
 importante para que se formulem as lwes
 maisj;raves a um estado de coisas que permite
 Vmutilago's e ferimentos, provocados em beneficio
 Hk so class*, e que deixa muitos operarios na
 miseria lk We em ctsequencia dum acidente de
 trabalho e

Jjipa da birguesia ⁵³.

Irjs portanb uma bela lista de doengas, devidas
 Mvamente t odiosa cupidez da burguesia. Mulheres
 Vjeitadas pira a proeriagao, criangas estropiadas,
 enfracicidos, membros quebrados, geragoes
 %Js estragalas, votadas a debilidade e ao definha-
 f v e tudo Uicamente para encher os bolsos da bur-
 fv\ E isto nio e nada ao pe dos actos de barbaridade
 Cffl>ljAiais que se podem ler: criangas tiradas da cama
 a)UtJ-tamente taas pelos vigilantes que as empurram
 W^TQ e a poiitape para a fabrica, com as roupas de-
 'Aa Mo brago (por exemplo Stuart: p. 39 e seguintes) ^M,
 a)ttthes para lhes tirar o sono, e apesar de tudo elas
 adoAcem no trabalho; le-se que uma pobre crianga
 taijVendo apte a paragem das maquinas e sobressal-
 fefWela chanuda brutal do vigilante, fazia, de olhos
 c)\, os gestos mecanicos do trabalho; le-se que as
 esfflHis, muito feticgadas para poderem voltar para casa,
 d⁰¹Vam-se sol) a la. na oficina de secagem, para ai
 Wi, e apenas as conseguiam expulsar da fabrica

^{P⁰¹} A Em numeri)nos casos, patr5es ou comissarios esforgam-se
^m Var que hoitve culpa da vitima. O que nao muda nada a
 'tdade do acidente.
 Os exemplos citados por Stuart sao muitas vezes
 anteriores. 214

I golpes de chifoata; que centenas de criangas voltavam l
 od as as tardes tao cansadas para casa que o sono e a
 illa de appetite as impediam de jantar e que os pais M
 encontravam ajoelhadas diante da cama porque tinham
 .ulormecido durante a reza; quando lemos tudo isso e
 crntenas de outras infamias e horrores, so neste
 rela-lorio, tudo declarado sob juramento, confirmado por
 varios testemunhos, exposto por pessoas que os
 proprios comissarios classificam de dignas de fe, quando
 pensamos (^ue se trata dum relatorio *liberal*, um relatorio
 da bur-v.ucsia⁵⁵ destinado a rebater o relatorio
 preeedente dos *Tories* e a demonstrar a pureza de
 eoragao dos indus-l niais, quando pensamos que os
 proprios comissarios estao do lado da burguesia, e so
 contrafeitos relatam estes factos—como nao ficar
 indignado, enraivecido contra esta classe que se gaba de
 ser filantropica e desinteres-sada, quando a unica coisa
 que lhe interessa e encher a bolsa a *qualquer preg'o*⁵⁶ ?
 Escutemos, no entanto, o que nos diz a burguesia ipela
 boca do apostolo que ela esco-lheu, o Dr. Ure:

Dizem aos operarios —■ relata este na sua *Philosophy of
 Manufactures*, p. 277 e seguintes — que os seus sala-rios
 nao correspondem em nada aos seus sacrificios, e assim
 se destrdi o bom entendimento entre patroes e operarios.
 Em vez disso, os operarios deviam ser felici-tados pelo seu
 zelo e applicagao, e alegrarem-se com o lucro realizado
 pelos patroes. Poderiam ent&o ser con-tramestres,
 directores e, por fim, associados e teriam simultaneamente
 (Oh sabedoria, tu falas com a dogura da pomba)
 aumentado a procura da mao-de-obra no mercado! Se nao
 reinassem tantas ideias erradas e tanta agitacao no meio
 operario, o sistema industrial ter-se-ia desenvolvido de
 maneira ainda mais rapida e benetica^m.

Seguem-se longas lamurias sobre os numerosos
 actos de insubordinagao dos operarios e a proposito de
 uma paragem de trabalho dos operarios mais bem
 pagos, os fiadores de fios finos, esta afirmagao *inocente*:

Sim, e o seu salario elevado que lhes permite criar uma
 comissao de pessoas assalariadas e atingir um estado de
 tensao nervosa, devido a um regime alimentar dema-siado
 rico e excitante para o seu trabalho (p. 298)⁵⁸.

⁵⁵ Edigao de 1892: um relatorio burgues. ⁶⁶
 Em franees no texto (a tout prix). " Ure:
Philosophy..., pp. 279-280.

⁵⁸ O autor faz alusao a uma greve de 1818. Cf. Aspiwall: **The
 Early English Trade-Unions**, 1949, pp. 246-310.

Escutemos ainda o burgues descrevendo o trabalho das criangas:

Visitei muitas fabricas em Manchester e nos arredores e nunca vi criangas maltratadas nem a quem tivessem infligido castigos corporais, ou ate que estivessem car-rancudas. Pareciam todas alegres (cheerful) e expeditas, tendo prazer (**taking- pleasure**) em fazer trabalhar os musculos sem fadiga, gozando em pleno a vivacidade natural da sua idade. O espectaculo que me oferecia a industria, bem longe de fazer nascer em mim emogoes tristes, foi sempre um assunto de alegre reconforto. Era delicioso (**delightful**) observar a agilidade com que elas reuniam os fios **quebrados em cada ramo do** carroto da Mule, e v§-las divertirem-se muito ao des-ca,nsar em todas as posicoes imaginaveis, apos alguns segundos de actividade dos seus dedos finos, ate que a retirada e o enrolamento acabassem. **O trabalho destes** Elfos ligeiros lembrava um jogo em que o seu longo treino lhes permitia uma destreza encantadora. Cons-cientes da sua **habilidade, ficavam felizes por mostra-la** a qualquer visitante. Nao havia o menor sinal de cansago porque a safda da fabrica se punham imediatamente a traquinar no primeiro local livre, com o ardor de criangas ao sair da escola (p. **301**)⁹.

Evidentemente! Como se o por em acgax> todos os musculos nao fosse uma necessidade imediata para o corpo ao mesmo tempo entorpecido e enfraquecido! Mas siera neecessario esperar, para ver se esta excitagao mo-mentanea nao desaparecia ao fim de alguns minutos. E, alem disso, Ure deve ter observado este fenomeno ao meio-dia, apos cinco ou seis horas de trabalho, mas nao a tarde! No que diz respeito a saude dos operarios, este burgues tem o descaramento sem limiites de se referir, como testemunho da ex;celente saude dos operarios, ao rela-torio de 1833, que acabamos de utilizar e do qual cit^mos mil passagens, e tem o descaramento ainda de querer provar com a ajuda de algumas citagoes separadas do contexto que nao se encontram entre eles tragos de escrofulose e — o que e exacto — que o regime de trabalho na fabrica os livra de todas as doengas agudas (mas dissimula natu-ralmente, em compensagao, que sofrem de todas as afec-goes cronicas)⁶⁰. Para compreender com que descaramento o nosso amigo Ure quer fazer acreditar ao publico ingles as mais grosseiras mentiras, e preciso notar que

^M
⁰⁰ Engels abreviou a citagao.
Ure: **op. cit., vol. 3, cap. II, pp. 374-403.**

o relatório compreende três grossos volumes *in-folio* que nenhum burguês inglês bem alimentado teria a ideia de estudar a fundo. Escutemo-lo ainda falar da lei de 1833⁶¹ sobre as fábricas, votada pela burguesia liberal e que irapõe a indústria apenas as limitações mais elementares, como veremos. Esta lei, em particular a obrigação escolar, (o segundo ele, uma medida absurda e despótica tomada relativamente aos industriais. Por causa dela, diz ele, todas as crianças abaixo dos doze anos ficaram privadas de trabalho, e qual foi a consequência disso? As crianças, i.i. sim privadas do seu trabalho útil e fácil, deixam de receber daí em diante a mais pequena educação: *expulsas da oficina de formação bem quente para o mundo glacial*, só subsistem pela mendicância e pelo roubo. Existência que apresenta um triste contraste com a situação constantemente melhorada que tinham na fábrica e na escola de domingo. Esta lei, diz ainda, agrava, sob a máscara da filantropia, os sofrimentos dos pobres e não pode deixar de constrianger ao extremo, ou mesmo paralisar completamente o industrial *conscioso* no seu trabalho (pp. 403, 106 e seguintes).

Os efeitos destrutivos do sistema industrial cedo começaram a prender a atenção geral. Já falamos da lei de 1802 sobre os aprendizes. Mais tarde, por volta de 1817, o futuro fundador do socialismo inglês, então industrial de New Lanark, na Escócia, Robert Owen, chamou a atenção do poder executivo, por meio de petições e memorandos, para a necessidade de garantias legais para a saúde dos operários, principalmente das crianças. Sir Robert Peel, bem como outros filantropos, juntaram-se a ele entusiasmadamente e tanta pressão fizeram que obtiveram sucessivamente o voto das leis sobre as fábricas de 1819⁶², 1825 e 1831, tendo a última sido apenas parcialmente observada e as duas primeiras nem sequer parcialmente⁶³.

⁶¹ Bngels escrevera, por engano, aqui e mais adiante, «lei de 1834»⁶²

⁶² Bngels escreveu por engano: 1818.

⁶³ A lei de 1819 interditava o emprego de crianças com menos de 9 anos nas fábricas e fábricas de tecidos de algodão. Qualquer trabalho nocturno era interdito as crianças dos 9 aos 16 e a Jornada de trabalho atingia, na realidade, 14 horas e mais. A lei de 1825 previa que as paragens de trabalho para as refeições não deviam ultrapassar uma hora e meia, a fim de que a Jornada de trabalho não ultrapassasse 13 h e y₂. Mas estas leis não previam o controle pelos inspectores de fábrica; por isso os industriais não as respeitavam.

A lei de 1831, baseada num projecto de Sir John Cam Hobhouse, estipulava que, em nenhuma fabrica de algo-dao, pessoas com menos de 21 anos poderiam trabalhar de noite, quer dizer entre as 7 boras e meia da tarde e as 5 horas e meia da manha., e que em tcdas as fabricas os jovens menores de 18 anos deveriam trabalhar no maximo 12 boras por dia e 9 horas aos sabados. Mas como os operarios nao podiam testemunhar contra o patrao, sem serem imediatamente postos na rua, esta foi pouco util. Nas grandes cidades onde os operarios eram mais activos, os industriais mais importantes tive-ram de se submeter a lei; mas, mesmo assim houve muitos, como os industriais do campo, que nao fizeram caso nenhum disso. No entanto os operarios comegaram a exigir um *bill* das 10 horas, quer dizer, uma lei que proibisse todos os menores de 18 anos de trabalhar mais de 10 horas. As campanhas das associagoes operarias fizeram com que este desejo se tornasse unanime na populagao operaria. A fracgao humanitaria do partido *Tory*, dirigida na epoca por Michael Sadler, apossou-se deste piano e apresentou-o ao Parlamento. Sadler obteve a criagao de uma comissao parlamentar para inquirir sobre o regime das fabricas, a qual apresentou o seu relatorio durante a sessao de 1832^M. Este relatorio resolutamente parcial era redigido unicamente por adversarios do sistema industrial e tinha um fim politico. Levado pela sua nobre paixao, Sadler deixou-se arrastar pelas alega-goes mais erroneas, pelas afirmagoes mais inexactas; pela maneira de por as questoes, extorquiou as teste-munhas respostas que, e certo, continham uma parte de verdade, mas apresentadas erradamente. Perturbados por este relatorio que fazia deles monstros, os industriais pediram por sua vez um inquerito oficial. Sabiam que nesse momento um relatorio exaeto so podia ser-lhes util, sabiam que aqueles que detinham o governo eram *whigs*, autenticos burgueses com quern se entendiam bem, e que por principio eram hostis a uma limitagao da industria. Com efeito obtiveram uma comissao composta unicamente por burgueses liberais cujo relatorio foi precisamente aquele que ja citei muiitas vezes. Este relatorio esta um pouco mais proximo da verdade do que o da comissao Sadler, mas desvia-se no sentido contrario.

⁶⁴ Pari. Papers, 8 de Agosto de 1832, vol. 15. Com efeito nao houve relatorio propriamente dito. Unicamente foram depositas as minutas da comissao de inquerito.

Em cada pagina esta patente a sua simpatia para com os industriais, a sua desconfiança em relaçao ao relatorio de Sadler, a sua aversao pelos operarios independentes e pelos partidarios do *bill* das 10 horas, em parte alguma reconhece aos operarios o direito a uma existencia humana, a uma actividade propria, a terem opinioes pessoais. Reprova-os por nao pensarem so nas criangas mas tambem em si proprios quando reclamam o *bill* das 10 horas, considera os operarios que reivindicam como demagogos e mal intencionados, etc., em resumo, e a favor dos industriais; e apesar de tudo, segundo confessa, os industriais continuam responsaveis por uma tal quantidade de infamias que, mesmo apos este relatorio, a agitacao em volta do *bill* das 10 horas, o odio dos operarios para com os industriais e as graves acusaçoes que lhes dirige a comissao, sao totalmente justificadas. Com a unica diferença que, enquanto o relatorio de Sadler acusa os industriais na maioria das vezes de uma brutalidade aberta e descarada, agora esta bruta-Mdade aparece exercendo-se a maior parte das vezes sob a mascara da civilizacão e da filantropia. O Dr. Hawkins, commissario medico para o Lancashire, nao se declara, desde a primeira pagina do seu relatorio, resolutamente a favor do *bill* das 10 horas? O proprio commissario Mackintosh declara que o seu relatorio apenas reflecte uma parte da verdade, porque foi muito difficil convencer os operarios a testemunhar contra os patroes e porque os industriais — de resto obrigados pela agitacao que reina entre os operarios a cederem mais frequentemente as suas reivindicacoes — se preparavam muitas vezes para a visita da comissao⁶⁵, mandando varrer as fabri-cas, reduzindo a velocidade de rotacão das maqui-nas⁶⁶, etc. Principalmente no Lancashire recorreram ao truque que consiste em apresentar a comissao os con-tramestres das oficinas como *operarios*, para que eles testemunhassem os sentimentos humanitarios dos industriais, o excelente efeito do trabalho sobre a saude e a indiferença e ate a hostilidade dos operarios para com o *bill* das 10 horas. Mas estes con-tramestres ja nao sao verdadeiros operarios, sao desertores da sua classe que por um salario mais elevado passaram para o servico da burguesia e lutam contra os operarios para defenderem

⁶⁵ Edicão de 1845: «Visita dos industriais*».

⁶⁶ Mackintosh nao da pormenores. Diz simplesmente que o avisaram que tudo estava preparado para a visita.

os interesses dos capitalistas. Os seus interesses são os da burguesia, e é por isso que os operários os odeiam ainda mais do que aos próprios industriais. No entanto, o relatório chega perfeitamente para desmascarar, na sua total desumanidade, o escandaloso cinismo da burguesia industrial para com os operários e toda a infâmia do sistema industrial de exploração. Nada é mais revoltante do que ver, numa página deste relatório, as longas listas de doenças e enfermidades causadas pelo excesso de trabalho e logo a seguir as frias considerações de economia política do industrial, pelas quais tenta provar com o apoio dos números que ficaria arruinado, e com ele toda a Inglaterra, se não lhe permitissem arruinar a saúde de um determinado número de crianças todos os anos. So a língua-gem descarada do sr. Ure, que acabo de citar, poderia ser mais revoltante, se não fosse demasiado ridícula.

Este relatório teve por consequência a lei de 1833 sobre as fábricas que proibiu o trabalho das crianças menores de 9 anos (exceto nas fábricas de sedas), limitou o tempo de trabalho das crianças entre os nove e os treze anos a 48 horas por semana ou ao máximo de 9 horas por dia, o trabalho dos jovens entre 14 e 18 anos a 69 horas por semana ou ao máximo de 12 horas por dia, fixou um mínimo de hora e meia de descanso para as refeições e proibiu outra vez o trabalho noturno para todos os jovens menores de 18 anos. Ao mesmo tempo, a lei instituiu uma frequência escolar obrigatória de duas horas por dia para todas as crianças menores de 14 anos e qualquer industrial que empregasse crianças não tendo nem certificado médico da idade passado pelo médico da fábrica⁶⁷, nem o certificado de escolaridade passado pelo professor, incorria em penas previstas pela lei. Em contrapartida, estava autorizado a reter todas as semanas para o professor um *penny* sobre o salário da criança. Por outro lado, nomearam-se médicos de fábrica e inspetores que tinham acesso a fábrica a qualquer hora e podiam ouvir os operários sob juramento, e que tinham por missão velar pelo respeito da lei, apresentando queixas, se fosse necessário, ao juiz de paz. É esta a lei que enraivece o Dr. Ure de uma maneira indescritível!

A lei, e principalmente a nomeação de inspetores,

⁶⁷ Segundo a lei, este certificado não devia ser passado pelo médico da fábrica, mas pelo médico de bairro, cf. M. W. Thomas: *The Early Factory Legislation*, 1948, p. 129.

tiveram por efeito que a duragao do tempo de trabalho fosse reduzido para 12 ou 13 horas por dia em media e que, na medida do possivel, as criangas fossem substituidas. Por isso desapareceram quase por completo alguns dos males mais gritantes. Dai em diante so os orga-nismos muito fracos ficaram sujeitos as enfermidades; os efeitos nefastos do trabalho revelaram-se de modo menos escandaloso. No entanto, encontramos no relatorio sobre as fabricas bastantes testemunhos provando que males relativamente menos graves, tais como inchago dos tornozelos, fraqueza e dores nas pernas, nas ancas e coluna vertebral, varizes, ulceras nos membros inferiores, debilidade geral e principalmente enfraquecimento dos tecidos do baixo ventre, com tendencia para os vomitos, falta de appetite alternando com uma fome devoradora, mas digestoes, hipocondria, assim como afecoes pulmonares devidas a poeira e a ma atmosfera das fabricas, etc., etc. se continuavam a verificar nas fabricas e nos individuos que la trabalhavam nas condicoes previstas pela lei de Sir John Cam Hobhouse, quer dizer, 12 a 13 horas no maximo. E sobretudo neste ponto que e preciso comparar os relatorios de Glasgow e Manchester. Estes males continuaram mesmo apos a lei de 1833 e ainda hoje continuam a minar a saude da classe trabalhadora. Tiveram o cuidado de dar a cupidez brutal da burguesia uma feigao hipocrita mas civilizada, velaram para que os industriais, a quem o brago da justiga proibiu as vilanias demasiado descaradas, ja nao tivessem razoes aparentes para ostentar complacientemente a sua fingida humanidade e ficaram-se por ai. Se hoje uma nova comissao fizesse um inquerito, constataria que quase nada mudou. No que diz respeito a escolaridade obrigatoria improvisada, pode-se dizer que ficou sem efeito, porque simultaneamente o governo nao se preocupou em abrir escolas em boas condicoes. Os industriais contrataram operarios reformados aos quais enviam as criangas duas horas por dia, cumprindo assim a letra da lei, mas as criangas nao aprendem nada. Ate os relatorios dos inspectores das fabricas — que se limitavam a cumprir a sua fungao, quer dizer, velavam pela applicacao da lei sobre as fabricas — fornecem bastantes elementos para que se possa concluir pela fatal persistencia dos males ja mencionados. Os inspectores Horner e Saunders, nos seus relatorios de Outubro e Dezembro de 1843, relatam que um grande numero de industriais obrigam as criangas a trabalhar 14 a 16 horas e mesmo

mais nos ramos onde o seu trabalho pode ser dispensado ou substituído pelo de adultos desempregados ⁶⁸. Há entre estas, dizem eles, numerosos jovens que acabam mesmo agora de ultrapassar a idade limite prevista pela lei. Outros violam deliberadamente a lei, abreviando as horas de repouso, fazendo trabalhar as crianças muito mais tempo do que é permitido, e aceitando de boa vontade ir a tribunal, porque a multa eventual é muito leve em comparação com o lucro que retiram da infracção à lei. Principalmente agora que os negócios correm excepcionalmente bem, a tentação é muito grande para eles.

No entanto, entre os trabalhadores, a agitação para as 10 horas não cessava; em 1839, atingiu de novo o auge, e foi Lord Ashley, em companhia de Richard Oastler, quem substituiu Sadler na Câmara dos Comuns. Ambos eram *tories*. Oastler principalmente, que levou continuamente a agitação aos distritos operários e que já a tinha começado na época de Sadler, era o favorito dos operários. Eles chamavam-no sempre o seu «bom velho rei», o «rei das crianças das fábricas», e em todos os distritos industriais não há nenhuma criança que não o conheça e venere, e que não venha ao seu encontro em procissão com as outras crianças, por pouco tempo que ele esteja na cidade. Oastler opôs-se energicamente a nova lei sobre os pobres, o que lhe valeu ser preso por dívidas a rogo dum certo Sr. Thornhill, um *whig*, em cujas terras ele trabalhava e a quem devia dinheiro. Os *whigs* ofereceram-se muitas vezes para lhe pagarem a dívida e além disso conceder-lhe-iam outros favores, se ele concordasse em por termo a sua campanha contra a lei dos pobres. Em vão. Ficou na prisão e foi lá que publicou os seus *Fleet Papers*⁶⁹ contra o sistema industrial e a lei sobre os pobres.

O governo *tory* de 1841 interessou-se de novo pelas leis sobre as fábricas. O ministro do Interior, Sir James Graham, propôs em 1843 uma lei tendente a limitar o tempo de trabalho das crianças a seis horas e meia, e a tornar mais rigorosa a obrigação escolar; mas o essencial era a criação de melhores escolas. Esta lei falhou

⁶⁸ R. J. Saunders (20 de Outubro de 1843) esclarece que se trata muitas vezes de mulheres.

⁶⁹ Cartas da Prisão. The Fleet Papers era uma publicação semanal que Oastler fez aparecer sob forma de cartas escritas da prisão por dívidas (que se encontrava em Londres, na Fleet Street) onde ele permaneceu de 1841 a 1844. Cf. Cecil Driver: *Tory Radical: The life of Richard Oastler, 1946, pp. 416-418, 461.*

devido a inveja dos *Dissenters*⁷⁰. Se bem que a obrigatoriedade do ensino religioso não se estendesse aos filhos desta, a escola no seu conjunto era, apesar de tudo, colocada sob a autoridade da Igreja oficial, e como a Bíblia era o livro de leitura comum, a religião devia por consequência constituir a base de todo o ensino e por isso os *Dissenters* sentiram-se ameaçados. Os industriais e, de uma maneira geral, os liberais juntaram-se a eles. Os operários estavam divididos sobre a questão religiosa e por consequência permaneceram inativos. Apesar de tudo, a oposição conseguiu reunir cerca de dois milhões de assinaturas nas listas da petição contra a lei, se bem que fosse derrotada nas grandes cidades industriais, Salford e Stockport por exemplo, e que noutras, como Manchester, só pudesse atacar alguns artigos da lei, por receio dos operários. Graham deixou-se intimidar a ponto de retirar todos os artigos da lei. No ano seguinte, deixou de lado as disposições relativas à escola e propôs apenas, para substituir os regulamentos em vigor até então, que o trabalho das crianças dos 8 aos 13 anos fosse fixado em 6 horas e meia por dia deixando-lhes livre toda a manhã ou a tarde inteira; que o trabalho dos jovens dos 13 aos 18 anos e mesmo o das mulheres em geral fosse limitado a 12 horas; finalmente propôs algumas medidas que restringiam as possibilidades até então frequentes de torcer a lei. Mas acabara de lançar estas propostas, a agitação em favor das 10 horas recomeçou em força. Oastler foi libertado (um grande número de amigos e uma colecta entre os trabalhadores pagaram as suas dividas) e lançou-se com todas as forças na batalha. Os partidários da lei das 10 horas tinham reforçado as suas fileiras na Câmara dos Comuns. A quantidade de petições que afluíam de todos os lados em favor desta lei valeu-lhes novos apoios, e a 19 de Março de 1844, Lord Ashley fez aprovar, por uma maioria de 179 votos contra 170, a disposição de que o termo «noite» na lei sobre as fábricas devia significar o intervalo compreendido entre as 6 horas da tarde e as 6 horas da manhã, o que, em caso de interdição de trabalho à noite, fixava a duração do tempo de trabalho em doze horas, contando as horas de descanso e, de facto, 10 horas excluindo o descanso⁷¹.

⁷⁰ «Não ortodoxos»: protestantes que não pertenciam à Igreja anglicana.

⁷¹ No entanto, uma emenda de Ashley que limitava a jornada de trabalho ao período compreendido entre as 6 horas da manhã

Mas o governo não concordou. Sir James Graham ameaçou que o Gabinete se demitiria, e no escrutínio seguinte, sobre um parágrafo da lei, a Câmara rejeitou, com fraca maioria, tanto as 10 como as 12 horas ⁷². Graham e Peel declararam então que iam propor nova lei e que, no caso desta ser recusada, se demitiriam. Esta proposta era precisamente igual a antiga lei das 12 horas, com algumas modificações de forma, e a própria Câmara dos Comuns que em Março tinha rejeitado as principais disposições desta lei, aceitou-a em Maio sem modificar uma vírgula. Isto explica-se porque a maior parte dos partidários do *bill* das 10 horas eram *tories*, que preferiam a queda do seu projecto de lei a do governo, mas quaisquer que pudessem ter sido os motivos, a Câmara dos Comuns, com estas votações que se contradizem, atraiu sobre si o maior desprezo da parte dos operários e ela própria demonstrou da maneira mais gritante a necessidade de uma reforma do Parlamento, que os cartistas reclamavam. Três dos seus membros, que anteriormente tinham votado contra o ministério, votaram em seguida a seu favor e salvaram-no. Em todos os escrutínios, o bloco da oposição: votou a favor do gabinete, e o bloco da maioria governamental *contra* ⁷³. As propostas de Graham mencionadas mais acima acerca da duração de trabalho, fixado em 6 horas e meia e doze horas para cada uma das duas categorias de operários, tiveram então força de lei e, graças a elas e também devido às restrições, feitas na prática, a recuperação das horas perdidas (em caso de avaria da máquina ou de baixa de energia hidráulica, devido ao frio ou a seca) e a outras restrições pequenas, tornou-se quase impossível obrigá-los a trabalhar mais de 12 horas por dia. Contudo não restam dúvidas que o *bill* das 10 horas será efectivamente votado num futuro muito próximo. Evidentemente que

e as 6 horas da tarde foi aprovada por 161 votos contra 153, o que Graham interpretou «como uma adopção de facto da lei das dez horas» cf. Thomas: op. cit., p. 204.

⁷² No dia 22 de Março de 1844, as 12 horas foram rejeitadas por 186 votos contra 183 e as 10 horas por 188 contra 181.

⁷³ Sabe-se que durante a mesma sessão, a Câmara dos Comuns foi, uma vez mais, ridicularizada da mesma maneira na questão do açúcar, a propósito do qual votou primeiro contra, depois a favor dos ministros, quando o gabinete fez uso do «chicote governamental**» (P. E.).

* Ver no *Northern Star* (Março-Abril de 1844) o balanço sobre a campanha da lei das 10 horas.

01 industrials sao quase todos contra, talvez nem haja dsz que sejam a favor. Puseram em pratica todos os iiK'ios honestos e desonestos contra este projecto detes-I.MLO, mas isso apenas lhes serve para atigar cada Vez mais o odio dos operarios contra si proprios. Esta li'i sera aprovada. O que os operarios *querem* conse-juim-no, e mostraram bem na ultima primavera que querem o *bill* das 10 horas. Os argumentos de ordem rconomica, apresentados pelos industrials, tentando provar que a lei das 10 horas aumentaria os custos de produgao o que, por consequencia, tornania a industria inglesa mcapaz de lutar contra a concorrencia estrangeira, que o salario deveria baixar obrigatoriamenite, etc., so corres-pondem de facto a metade da verdade, e provam apenas que a grandeza industrial da Inglaterra apenas pode ser mantida inflingindo aos operarios um trata-mento barbaro, que destroi a saude de geragoes inteiras e as deixa numa miseravel situagao social, fisica e moral. Olaro que se o *bill* das 10 horas se tornasse uma medida definitiva, a Inglaterra arruinar-se-ia; mas como ira implicar necessariamente outras medidas que levarao a Inglaterra a uma via totalmente diferente daquela que seguiu ate aqui, esta lei sera um progresso.

Examinemos agora um outro aspecto do sistema industrial que e mais dificil de eliminar com paragrafos de Ms do que as doengas que provocou. Ja falamos do modo de trabalho em geral e examinamos suficientemente em pormenor este ponto para podermos tirar novas con-clusoes sobre o que dissemos. Vigiar maquinas, reatar os fios quebrados, nao sao actividades que exijam do operario um esf orgo de pensamento mas, alem disso, impe-dem-no de ocupar o espirito com outros pensamentos. Ja vimos igualmente que este trabalho tambem nao deixa nenhum lugar a actividade fisica, ao exercicio dos mus-culos. Assim, a bem dizer, nao se trata de um trabalho mas de um aborrecimento total, o aborrecimento mais paralizante, mais deprimente possivel — o operario de fabnica esta condenado a deixar enfraquecer todas as for-gas fisicas e morais neste aborrecimento e o seu trabalho consiste em aborrecer-se durante todo o dia desde os oito anas. E assim nao se pode ausentar um so instante — a maquina a vapor funciona durante todo o dia, as engre-nagens, as correias e as escovas zumbem e tilintam sem cessar aos seus ouvidos, e se quiser repousar, mesmo momentaneamente, o contramestre cai-lhe logo em cima com multas. E o operario bem sente que esta condenagao

a ser enterrado vivo na fabrica, a vigiar sem cessar a infatigavel maquina, e a tortura mais penosa pssivel. De resto, exerce um efeito extremamente embrutecedor tanto sobre o organismo como sobre as faculdades mentals do operario. Mao se poderia imaginar melhor metodo de embruteamento que o trabalho na fabrica, e se apesar de tudo os operarios nao so salvaram a sua inteligencia mas por outro lado a desenvolveram e agugaram mais do que os outros, isso apenas foi possivel pela revolta contra a sua sorte e contra a burguesia. Esta revolta e o unico pensamento e o unico sentimento que o trabalho lhes per-mite. E se esta indignagao contra a burguesia nao se torna o sentimento predominante entre eles, a consequen-cia inevitavel e o alcoolismo e tudo o que habitualmente isie chama imoralidade. O enfraquecimento fisico e as doengas que o sistema industrial generalizou eram para o comissario official Hawkins uma razao suficiente para provar o caracter inevitavel desta imoralidade; mas que dizer, quando ainda se junta a isso o enfraquecimento intelectual e quando se fazem sentir as circunstancias estudadas mais acima, que langam qualquer operario para esta imoralidade? Por consequencia, nao nos deve-mos surpreender ao saber que o alcoolismo e os excessos sexuais atingiram, sobretudo nas cidades fabris, a amplitude que ja descrevi num capitulo precedente ⁷¹.

Continuemos. A escravidao com que a burguesia subjuga o proletari'ado nao se revela em parte alguma de modo tao alarmante como no sistema industrial. E o

⁷¹ Escutemos ainda um juiz competente: «Se considerarmos o exemplo que os irlandeses dao, relativamente ao trabalho inces-sante de toda a classe operaria da industria algodoeira, ficaremos meio surpreendidos com esta espantosa imoralidade. Um trabalho perpetuo e esgotante que prosseg-ue, dia apos dia, ano ap6s ano, nao foi feito para desenvolver as faculdades intelectuais e morals do homem. A morna rotina de um trabalho arrasante e sem fim (drudgery), no qual se repete continuamente a mesma operacao mecanica, assemelha-se ao suplieio de Sisifo: o fardo do trabalho, tal como o rochedo, recai sempre sobre o operario estafado. O espirito nao admite nem conhecimentos, nem mobilidade neste trabalho que utiliza sempre os mesmos musculos; a inteligencia dormita numa preguiga aparvalhada; mas a parte mais vulgar da nossa natureza conhece um prospero desenvolvimento. Condenar o homem a um tal trabalho, e cultivar nele as tendencias animais. Torna-se indiferente, despreza as inclinagoes e os costumes que distinguem a sua especie. Negligencia o conforto e as alegrias mais requintadas da existencia, vive uma suja miseria, contentando-se com uma alimentagao pobre e desperdigando o resto do seu ganio em excessos de intemperanga» (Dr. J. P. Kay: op. cit., pp. 7-8) (F. E).

l'irn de toda a liberdade, de direito e de facto. O operario tem de estar na fabrica as 6 horas e meia; se chega um minuto atrasado, e multado, se chega 10 minutos atranado, nao pode entrar ate a hora do pequeno almogo e assfim perde um quarto do seu salario diario (se bera que apenas se tenha ausentado duas horas e meia em doze horas de trabalho). Come, bebe e dorme quando o rnam. So Hie concedem o tempo estritamente neces-sario para a satisfagao das suas necessidades mais pre-mentes. O industrial nao se interessa em saber se a sua casa fica a meia hora ou a uma hora da fabrica. O sino (dranico tira-o da cama, arranca-o do pequeno almogo e do almogo.

E entao na fabrica! Aqui, o industrial e o legislador absolute. Promulga, a seu belo prazer, os regulamentoa validos para a fabrica; modifica os contratos, decreta aditamentos a sua vontade e, se introduz as regras mais insensatas, os tribunals dizem ao operario: «Mas voce e que manda em sd mesmo, ninguem o obrigava a assinar o contrato, se naoi o desejasse; mas agora que o subscree-veu livremente, tem de o eumprir.»

Ainda por cima o operario tem que suportar as zombarias do juiz de paz, que e um burgues, e a lei, que foi feita pela burguesia. Sentengas deste genero nao sao raras. Em Outubro de 1844, em Manchester, os operarios dum industrial ehamado Kennedy pararam o trabalho. Kennedy queixou-se invocando um regulamento fixado na fabrica, estipulando que era proibido dar baixa de trabalho a mais de dois operarios por oficina em con-junto! E o tribunal deu-lhe razao respondendo aos operarios do modo citado mads, acima. (*Manchester Guardian*, 30 de Outubro)⁷⁶. E semelhantes regulamentos nao sao excepcao! Por exemplo:

1. As portas da fabrica serao fechadas dez minutos apos o comeo do trabalho e ninguem tera o direito de entrar antes da hora do pequeno almogo. Quern estiver ausente durante este lapso de tempo sera, multado em tres *pence* por tear!
2. Qualquer tecelao mecanico de quem se tenha constatado a ausencia durante as horas de trabalho, sera multado em tres *pence* por hora e

⁷⁵ Gf. acima (fim do capitulo «Resultados») a alusao a esta greve. Na verdade, Kennedy queria que dois operarios nao pudessem dar baixa na mesma sernana.

- por tear que tenha de vigiar. Quern, durante o trabalho, deixar a ofieina sem autorazagao do vigilante sera igualmente multado em tres *pence*.
3. Os teceloes que nao tenham tesouras com eles, serao multados em um *penny* por dia.
 4. Qualquer naveta, escova, galheta, roda ou janela estragada, devera ser paga pelo tecelao.
 5. Nenhum tecelao tem o direito de deixar definiti-vamente o seu trabalho *sem um pre-aviso de pelo menos uma semana*. O industrial pode, *sem, pre-aviso*, despedir qualquer operario por man trabalho ou conduta incorrecta.
 6. Qualquer operario que for surpreendido a *falar* com outro, a *cantor* ou a *assobiar* pagara uma multa de seis *pence*. Quern deixar o lugar durante o trabalho tambem pagara seis *pence*¹⁰.

Tenho em meu poder um outro regulamento de fabrica, segundo o qual se desconta do salario o equi-valente a vinte minutos por um atraso de tres minutos e retira-se um quarto da joirrada de trabalho por um atraso de vinte minutos. Quern, as segundas-feiras, che-gar depois do pequeno almogo tem de pagar um xelim, e seis *pence* nos outros dias, etc., etc.

Era um extracto do regulamento das *Phoenix Works*, Jersey Street, em Manchester. Dir-me-ao que tais regras sao necessarias para assegurar, numa grande fabrica bem organizada, a coordenagao necessaria entre as dife-rentes operagoes; dir-me-ao que uma disciplina tao severa e tao necessaria como no exercito. Bom, isso e possivel; mas que regime social e esse, que nao pode existir sem esta tirania vergonhosa? Ou o fim justifica os meios, ou entao tem-se todo o direito de concluir que sendo maus os meios, o fim tambem e mau. Quern foi sol-dado sabe o que significa estar sufometido, mesmo por pouco tempo, a disciplina militar. Mas estes operarios estao condenados a viver desde os nove anos ate a morte sob a ferula moral e fisica. Sao mais escravos que os Negros da America, porque sao vigiados mais severamente, e ainda os impedem de viver, pensar e sen-tir como homens! Sim, na verdade, so podem viver no

^K James Leach: *Stubborn Facts*, pp. 9 e seguintes e *Northern Star*, 17 de Agosto de 1844. (Estas fontes apenas citam uma parte do regulamento).

mais ardente odio aos opressores e a ordem de coisas que os colocou em semelhante situagao, que os rebaixa ao nivel das maquinas. Mas ainda e mais escandaloso ver, segundo declaragoes *undnimes* dos operarios, uma quantidade de industrials embolsar, com o mais imperdoavel rigor, as muitas infligidas aos operarios, a fim de aumentar o seu lucro, gragas ao dmheiro roubado a estes proletaries deserdados. Tambem Leach afirma que os operarios, de manha, ao chegar encontram muitas vezes o relógio da fabrica adiantado um quarto de bora, e por consequencia a porta fechada, enquanto que um funcionario percorre as oficinas com o livro das muitas na mao, tomando nota das numerosas ausencias. O proprio Leach afirma ter contado um dia noventa e einco operarios nesta situasao diaate das portas fechadas da fabrica, cujo relógio se atrasava a tarde um quarto de hora e se adiantava de maiiha um quarto de hora em relagao aos relógios publicos da cidade. O relatorio sobre as fabricas relata factos analogos. Numa fabrica atravava-se o relógio durante o trabalho, de tal modo que a duragao do trabalho era irregularmente prolongada sem que os operarios recebessem um salario mais elevado⁷⁷. Numa outra chegavam a obrigar a trabalhar mais um quarto de hora. Ainda numa terceira, havia um relógio normal e um relógio mecanieo que indicava o numero de voltas do eixo prinaiपाल; quando as maquinas andavam lentamente, a duragao do trabalho era fixada pelo relógio mecanieo ate que fosse completado o numero de voltas correspondente a doze boras de trabalho; se o trabalho andava bem e assim este numero era atingido antes do limite normal das doze boras, obrigavam mesmo assim os operarios a continuar o trabalho ate ao fim da decima segunda hora. A testemunha acrescenta que conheceu algumas raparigas que tendo um bom trabalho e fazendo horas suplementares, preferiram no entanto entregar-se a prostituigao a ter de suportar esta tirania (Drinkwater, evid.: p. 80). Voltando as muitas, Leach conta que viu varias vezes mulheres, em estado de gravidez avangada, multadas em seis *pence* por se terem sentado um momento durante o trabalho a fim de repou-sar. As muitas infligidas por mau trabalho sao totalmente arbitrarías; a mercadoria e verificada no armazem e o verificador-chefe inscreve as muitas numa lista *sem sequer avisar os operarios*; estes sabem que tern uma

" Factory Enq. Commiss. First Keport, 1833, col. I, p. 79.

multa quando o contramestre lhes paga; nesse momento talvez a mercadoria já esteja vendida e de qualquer modo já armazenada. Leach tem em seu poder uma lista deste género em que as folhas, coicadas umas a seguir as outras, medem tires metros de comprimento e as multas atingem um total de 35 libras esterlinas, 17 xelins e 10 *pence*. Conta que na fabrica onde esta lista foi esta-beleada, um novo chefe de armazem foi despedido por não punir o bastante e privar assim o industrial dum lucro de 5 libras por semana (*Stubborn Facts*, pp. 13-17)⁷⁸. E repito que conheço Leach e o considero digno de eon-fianga e incapaz de mentir.

Mas; o operario tambem e escravo do patroa noutros dominios. Se a mulher ou a filha do operario agradam ao patroa rico, este so tem que fazer um sinal e ela e obri-gada a sacrificar-lhe os encantos. Se o industrial deseja encher com assinaturas uma petigao para a defesa dos interesses da burguesia, basta-lhe faze-la circular na sua fabrica. Ele quer decidir uma eleigao no parlamento? Envia, em fiilas, os seus operarios que sao eleitores as secsoes de voto e obriga-os a votarem pelo burgues, de boa ou ma vontade. Se numa reuniao publica lhe e neces-saria uma maioria, liberta-os meia hora mais cedo que o habitual, e coloca-os em lugares muito proximos da tri-buna, para que os possa vigiar a sua vontade.

El preciso ainda mencionar duas instituicoes que con-tribuem muito particularmente para colocar os operarios sob a dependeneia do industrial: aquilo a que se chama *Trucksystem* e o *sistema dons cottages*. A palavra *Truck*, entre os operarios, serve para designar o pagamento do salario em generos, modo de pagamento que outrora estava muito generalizado na Inglaterra. «Para como-didade do operario e para o proteger contra os elevados pregos praticados pelos merceeiros», o industrial insta-lava uma loja onde vendia por sua conta todas as espe-cies de mercadorias. A fim de que o operario não fosse comprar noutros armazens, onde poderia adquirir estes generos mais baratos — pois os generos da *Tommy Shop* eram habitualmente vendidos de 25 a 30 % mais caros do que noutros lados — davam-lhe, em vez do dinheiro, um vale para a loja equivalente a soma do salario. O des-contentamento geral suscitado por este infame sistema fez votar o *Truck Act* de 1831, que declarou ilegal, sob

Northern Star, 17 de Agosto de 1844.

pena de multa, o pagamento em generos ¹⁹ para a maioria dos operarios. No entanto, esta lei, como a maioria das leis inglesas, nao entrou de facto em vigor em toda a parte. Nas cidades ela foi certamente pouco aplicada, mas no campo e o *Tracksystem* que directa ou indireeta-mente ainda predomina. E praticado muito frequente-mente em Leicester. Tenho em meu poder uma dezena de condenacoes por este delito, pronunciadas entre Novem-bro de 1843 e Junho de 1844, de que nos dao conta, quer o *Manchester Guardian*, quer o *Northern Star*⁸⁰. Evi-dentemente que este sistema ja nao e praticado actual-mente de modo tao aberto; a maioria das vezes o operario e ipago em dinheiro, mas nao faltam meios ao industrial para o obrigar a fazer as compras no seu proprio armazem e nao noutro lado. E por isso que nao e facil descobrir os industrials que praticam este sistema, pois estes podem-se entregar as suas manigancias a coberto da lei, mesmo que tenham pago o salario em dinheiro ao operario. O *Northern Star* de 27 de Abril de 1844 publica a carta de um operario de Holmfirth, perto de Huddersfield, no Yorkshire, que diz respeito a um industrial Cihamado Bowers.

E quase estupidificante pensar que este danado sistema existe numa tal dimensao como em Holmfirth e que nao se pode encontrar ninguem que tenha coragem para ihe p6r termo. Aqui ha muitos teceloes manuais hones-tos que sofrem devido a este satanico sistema. Eis uma amostra da numerosa clique do livre-cambio⁸¹. Ha um industrial que foi amaldigoado em toda a regioo devido a sua conduta escandalosa para com os seus pobres teceloes. Se eles fizeram uma pega que vale 34 ou 36 xelins, paga-lhes 20 em dinheiro e o resto em tecido e roupas, e ainda 40 ou 50% mais caro que nos outros comerciantes e quantas vezes as mercadorias sao ainda por cima ordinarias, mas como diz o *Mercury*⁸² do Livre--Cambio, eles nao sao obrigados a receb6-lo. Como qui-serem. Certamente! Mas o que se passa e que t6m que as aceitar ou morrem de fome. Quando querem mais de 20 xelins em dinheiro, tern de esperar uma semana ou duas por um tear para trabalhar. Mas se acei-

■''' A ediçao de 1845 traz por erro o pagamento «em salario» ⁸⁰ Semanario inglfs, orgao central dos cartistas, que apareceu de 1838 a 1852, primeiro em Leeds, depois em Londres a partir de 1844. Feargus Edward O'Connor foi o fundador e redactor principal. Nos anos 40 foi George Julian Harney quem o redigiu. Engeis colaborou nele entre Setembro de 1845 e Margo de 1848.

⁸¹ Partidarios da liga contra a lei dos cereals. (F. E.)

⁸² Leeds Mercury — Jornal burguSs de esquerda. (F.E.)

tarem os 20 xelins e as mercadorias ha. sempre am tear para eles. £ isto o livre-cambio;—Lord Brohom (Brougham) diz que se devia por alguma coiaa de lado quando se e jovem para se nao precisar da caixa dos pobres quando se for velho. Querera ele que tambem se ponha de lado a mercadoria ordinaria que nos dao ? Se Isso nao viesse do Lord ate se podia dizer que o seu ce>ebro e tao mal acabado como as mercadorias com que nos pagam. Quando os jornais clandestinos comegai*am a aparecer houve imensas pessoas a denun-cia-los a polcia de Holmfirth. Havia os Blyths, os Estwood, etc., etc. Mas onde estao eles agora? @ outra historia. O nosso industrial faz parte do piedoso livre--cambio, vai a Igreja duas vezes ao Domingo e ai relata piedosamente ao prior que nao se fez o que se devia, que se fizeram as coisas que nao se deviam ter feito, que nao ha nada de bom entre nos, que o Bom Deus tenha piedade de nos (texto da litania anglicana). Pois bem, que esse Bom Deus tenha piedade de nos, ate amanha, dia em que recomegarao a pagar aos pobres teceloes com mercadorias estragadas.

O sistema das *cottages* iparece muito mais inocente, e de resto a sua criacao tambem foi muito mais inocente, ainda que implique para o operario a mesma servidao. Na proximidade das fabricas eonstruidas no campo, falta muitas vezes alojamento para os operarios. O industrial e frequentemente obrigado a construir alojamentos deste genero e fa-lo de boa vontade, pois retira um lucro vantajoso do capital assim investido. Se os proprietarios das casas de renda economica tiram anualmente cerca de 6 % do capital investido, pode dizer-se que as *cottages* rendem o dobro aos industriais pois, enquanto a sua fabrica funciona, ha sempre locatarios que pagam pon-tualmente. Esta isento dos dois principais inconvenien-tes que conhecem os outros proprietarios: nunca tern casas vazias e nao correm nenhum risco. O aluguer duma *cottage* esta. calculado de modo a coforir estes prejuizos eventuais e, ao pedir o mesmo aluguer que os outros, o industrial faz um brilhante negocio a custa dos operarios, com 12 ou 14 % de lucro. Pois e mani-festamente injusto tirar um beneficio maior do aluguer que pode atingir o dobro do dos seus coneorrentes, e afastar ao mesmo tempo a possibilidade de concorrereia. E duplamente injusto que o industrial extraia estes bene-ficios da bolsa dos proletarios que tern de contar todos os tostoes — enfim, ja estao habituados a isso — *ele*, cuja riqueza foi adquirida a custa desses mesmos proletarios. Mas a injustisa torna-se uma infamia quando o indus-

trial, como acontece muitas vezes, obriga os operários (sob pena de serem despedidos, são *forçados a 'habitar* nos seus alojamentos) a pagar um aluguer anormalmente caro, ou mesmo a pagar o aluguer de um alojamento que não ocupam! O *Halifax Guardian*, citado pela folha liberal *Sun*, afirma que centenas de operários de Ashton-under-Lyne, Oldham, Rochdale, etc., são obrigados pelos patrões a pagar o aluguer dos alojamentos, quer os habitem ou não⁸³. A prática do sistema das *cottages* generaliza-se nos distritos industriais rurais; deu origem a verdadeiros aglomerados e a maioria das vezes ninguém faz concorrência ao industrial no que se refere aos alugueres de apartamentos, de tal maneira que ele não tem necessidade de regular o aluguer pelas exigências dos outros, mas, pelo contrário, pode fixá-lo a sua vontade. E que poder este sistema confere aos industriais quando surgem diferendos entre ele e os operários! Eles param o trabalho? Basta pô-los fora dos seus alojamentos com um pré-aviso que não ultrapassa uma semana. Findo o prazo, os operários não só ficam desempregados como sem abrigo, tornam-se vagabundos e caem sob a alçada da lei que sem dó os envia para a prisão por um mês.

Tal é o sistema industrial descrito tão minuciosamente quanto permite o espaço de que disponho e tão objectivamente quanto permitem os altos feitos da burguesia na sua luta contra os operários indefesos, façam-na perante as quais não se pode ficar indiferente, pois aqui a indiferença seria um crime. Comparemos pois a situação do inglês livre de 1845 com a do servo saxão sob o chicote do barão normando de 1145. O servo estava *glebae adscriptus*, ligado à gleba; o operário livre também o está, pelo sistema das *cottages*. O servo devia ao seu mestre o *jus primae noctis*, o direito da primeira noite—o operário livre deve não só isto mas ainda o *de qualquer noite*. O servo não tinha o direito de adquirir o menor bem, tudo o que ele adquiria, o senhor podia tomá-lo — e o operário livre, esse também não possui nada, a concorrência proíbe-o de ter a menor propriedade, e o que o próprio norma::do não fazia, faz-lo o industrial: através do *Trucksystem* assume quotidianamente a gestão daquilo que constitui a base indispensável da exis-

⁸³ The Sun, diário londrino, fim de Novembro de 1844 *. (FE)

* Cf. *Halifax Guardian*, 4 de Novembro de 1843 e *Northern Star*, 25 de Novembro de 1843.

tencia do operario. As relagoes do servo para com o senhor eram regidas por costumes e por leis que eram observadas, porque correspondiam aos costumes. As relagoes do operario livre para com o patroa sao regidas por leis que *nao* sao observadas, porque nao correspondem nem aos costumes, nem ao interesse do patroa. O senhor nao tinha o direito da arranear o servo a sua gleba, nao podia vende-lo sem esta, e como em quase toda a parte havia o regime do vinculo e como nao havia capital, era-lhe absolutamente impossivel vende-lo; a burguesia moderna obriga o operario a vender-se a si proprio. O servo era escravo do pedaeo de terra onde nascia; o operario e escravo das necessidades mais elementares e do dinheiro com o qual e necessario satisfaze-las. Ambos sao *escravos de wma coisa*. O servo tern a existencia garantida na ordem social feudal, onde cada urn tern o seu kigar; o operario livre nao tern nenhuma garantia, porque nao tem nenhum lugar na sociedade, a menos que a burguesia tenha necessidade dele; caso contrario e ignorado, considerado como se nao existisse. O servo sacrifica-se ao senhor em caso de guerra, o operario em tempo de paz. O dono do servo era um barbaro, consi-derava o seu criado como um animal; o dono do operario e civilizado e considera-o como uma maquina. Em resumo, ha em quase todas as coisas uma equivaleneia entre eles, e se um deles esta, em desvantagem, e o operario livre. Ambos sao escravos, enquanto a esoravidao de um e confessa, publica, honesta, a do outro e disfargada, fin-gida, dissimulada, a seus olhos e aos de outrem, servidao hipocrita, pior que a antiga. Os *tories* humanitarios tinham razao ao darem aos operarios das fabricas o nome de *white slaves*: escravos brancos. Mas a servidao hipocrita, que nao ousa dizer o seu nome, reeonhece, pelo menos na aparencia, o direito a liberdade; ela submete-se a opiniao publica apaixonada pela liberdade, o progresso historico realizado sobre a antiga escravatura reside precisamente no facto de que pelo menos o *principio* da liberdade imjpos-se, e os oprimidos farao de modo a que este principio seja aplicado.

Em conclusao, eis algumas estrofes dum poema que exprime a opiniao dos proprios operarios acerca do sistema industrial. Poi escrito por Edward P. Mead⁸⁴

⁸⁴ Este poema foi publicado no **Northern Star** (n.º 274), de 11 de Fevereiro de 1843. O original intitula-se «O rei vapor» e inclui mais duas estrofes que nao foram transcritas por Engels.

de Birmingham e exprime bem os
sentimentos dos operários.

Ele é um rei, um príncipe impiedoso
Não a imagem sonhada pelos poetas
Mas um tirano cruel, bem conhecido dos escravos brancos.
Este rei impiedoso é o vapor.

Tem um brago, um brago de ferro,
E se bem que não tenha um só,
Neste brago reside uma forja mágica
Que causou a perda de milhões de homens.

E como o cruel Moloch, seu antepassado Que
outrora se dirigia para o vale de Ammon, As suas
entranhas são de fogo vivo E são crianças que ele
devora.

Um cortejo de padres, desumanos, Sequiosos de
sangue, de orgulho e raiva, Guiam, ó vergonha, a
sua mão gigantesca E transformam em ouro o
sangue dos homens

Pisam todos os direitos naturais
Pelo amor do ouro vil, seu Deus,
E riem-se da dor das mulheres
E ridicularizam as lágrimas dos homens.

Para os seus ouvidos, os suspiros e gritos de agonia
Dos filhos do trabalho são uma doce melodia, Esqueletos
de virgens e crianças Enchem os infernos do Rei-Vapor.

O inferno na terra! Espalham o desespero Desde
que nasceu o Rei-Vapor Pois o espírito humano
feito para o paraíso⁸⁵, 15 assassinado com o
corpo.

⁵⁵ Fomos levados ao texto inglês. Engels, ao traduzir os versos,
afastou-se muitas vezes do original. Eis as duas estrofes omitidas.

A multidão de esfomeados conduzir-vos-a a morte
Sob golpes, balas e fogo,
Pois serão vós a vossa carta e o poder
Das cortes sangrentas do Rei Vapor.

Abaixo pois o rei Moloch
E as suas cortes, os seus satrapas
Que o direito o domine. Salve ó Liberdade
Quando a forja ceder ao direito.

Abaixo, pois o Rei-Vapor, este Moloch impiedoso, V6s,
os milhares de trabalhadores, todos v6s, Atem-lhe as
maos, ou entao o nosso pais Por causa dele
desaparecera.

E os seus satrapas odiosos, os orgulhosos barQes
das [fabricas.
Raga empanturrada de ouro e sangue, A colera do poyg
deve abatS-los Como abatera o seu deus monstruoso .

⁸⁰ N&o tenho vagar nem espago para me alargar sobre as
respostas dadas pelos industriais as acusagoes feitas contra eles
desde ha 12 anos. E impossivel convencer essas pessoas, porque o
que elas consideram **como** os seus interesses, cega-as: Como, de
resto, um grande numero dessas objecgoes ja foi refutado
anterior-men te, so me resta formular as seguintes notas: Vocg vem a
Manchester e quer conhecer as condicoes de vida inglesa. Vem
munido de boas recomendacoes para pessoas respeitaveis, claro.
Formula algumas consideragoes sobre a situagao dos operarios.
Sao-lhe apre-sentados alguns dos mais importantes industriais
liberais, por exemplo Robert Hyde Greg, Edmond Ashworth, Ashton, e
outros. Comunica-lhes as suas intengoes. O industrial compreende e
sabe o que ha a fazer. Leva-o a sua f abrica situada no campo. O Sr.
Greg a Quarry Bank no Cheshire, o Sr. Ashworth a Turton, perto de
Bolton, o Sr. Ashton a Hyde. Conduzi-lo-a atravg de um magnl-fico
edificio, bem instalado, talvez ate com ventiladores, chama a sua
atengao para as salas altas e bem arejadas, para as belas maquinas
e de vez em quando para o bom aspecto dos operarios. Oferece-lhe
um bom pequeno almogo e propoe-lhe visitar os aloja-mentos dos
operarios; leva-o as **cottages** que tsm um aspecto novo, limpo,
agradavel e entra consigo numa ou noutra. Claro, apenas nas casas
dos contramestres, mecanicos, etc. a fim de que «possa ver familias
que nao vivem senao da fabrica». E que em casa dos outros vocS
podia descobrir que so a mulher e as criangas e que trabalham e que
o homem passava as peiigas. A presenga do industrial impede-o de
fazer perguntas indiscretas; encontra as pessoas todas bem pagas,
confortaveis, de saide relativamente boa, gragas ao ar do campo, e
entao voce" comea a voltar atras com as suas ideias exageradas
sobre a miseria e a fome. Mas nao fica a saber que o sistema das
cottages faz dos operarios escravos, que talvez haja uma **truck shop**
ali perto, as pessoas nao lhe mostram que odeiam o industrial porque
ele esta presente. Pode mesmo acontecer que ele tenha tambSm.
instalado uma escola, uma igreja, um salSo de leitura, etc. Mas voce
nunca sabera que ele utiliza a escola para habituar as criangas a
subordinagao, que ele nao admite na sala de leitura senao obras nas
quais se defende o interesse da burguesia, que ele despede os seus
homens se eles levam jornais e livros car-tistas e socialistas. Voce'
tern diante dos olhos boas relagoes patriar-cais, ve a vida dos
vigilantes, ve* o que a burguesia promete aos operarios se eles se
quiserem tornar igualmente seus escravos no piano intelectual. Estas
fabricas rurais sao sempre o cavalo de batalha dos industriais,
porque os inconvenientes do sistema industrial, principalmente no
dominio da higiene, estao ai parcialmente suprimidos pelo ar livre e
pelo meio geografico, e porque a escra-vatura **patriarcal** do operario
subsiste ai mais tempo. O Dr. Ure

canta de alto acerca disso. Mas cuidado! Se os operarios se poem de repente a pensar para eles pr6prios e se tornam cartistas, desta vez e o fim brutal da afeigao paternal que o industrial testemunha. De resto, se voce por acaso quiser ser levado ao bairro operario de Manchester, se quiser ver o pleno desenvolvimento do sistema industrial numa cidade industrial, entao sim, entao pode esperar muito tempo que estes ricos burgueses o ajudem a fazg-lo! Estes senhores nao sabem o que querem os seus operarios e em que situa-cao se encontram e nao querem, nao podem sabe-lo, porque receiam sempre saber coisas que os incomodariam e que os perturbariam e forgariam a agir contra os seus proprios interesses. De resto, .isto nao tem importancia nenhuma, e o que os operarios t6m a fazer. fa-lo-ao bem sozinhos. (F. E.)

OS OUTROS RAMOS DA INDÚSTRIA

Se precisamos de descrever completamente o sistema fabril, em virtude deste ser uma criação totalmente nova da era industrial, poderemos no entanto ser muito mais concisos no estudo da situação dos operários dos outros sectores, porque a estes não se aplica o que já foi dito sobre os operários industriais em geral, mas também o que já se disse sobre o sistema fabril em particular. Teremos pois que indicar em que medida o sistema industrial se mostrou invadir os diversos ramos da indústria e o que há nisso de característico.

Os quatro ramos da indústria aos quais se aplica a lei sobre as fábricas estão incluídos na produção de fazendas para roupa. Será melhor começar imediatamente pelos operários aos quais essas fábricas fornecem as matérias-primas. Em primeiro lugar os fabricantes de malhas de Nottingham, Derby e Leicester. O *Children's Employment Report* nota, a respeito desses operários, que a duração particularmente longa do trabalho (imposta por baixos salários), conjuntamente com a obrigação de estar sentado numa fatigante actividade ocular provocada pela própria natureza do trabalho, enfraquecem todo o organismo e em particular a vista. À noite, só podem trabalhar com a ajuda de uma forte iluminação, e é por isso que habitualmente os tecelões utilizam bolas de vidro para concentrar a luz, o que muito prejudica a vista. Aos quarenta anos quase todos têm que usar

a situagao dos sens camaradas de fcrabalho². Entre outras coisas, refere cinquenta familias, 321 pessoas no total, que vivem de 109 teares; cada tear rende em media cinco xelins e meio, ganhando cada familia uma media de onze xelins e quatro pence por semana. Desta soma e preciso descontar a renda da casa, o aluguer do tear, o carvao, a luz, o sabao e as agulhas no total de 5 xelins e dez pence, de tal maneira que restava urn pence e meio, ou seja, quinze pfennings prussianos diarios por pessoa para a alimentacao e absolutamente nada para o vestuario.

Nenhum olhar — diz o operario — viu, nenhum ouvido ouviu e nenhum coragao p6de experimentar nem sequer metade dos males suportados por essa pobre gente.

Havia uma total falta de camas ou so havia uma onde eram precisas duas; as criangas corriam esfarrapadas e descalsas; os homens diziam, com lagrimas nos olhos: «Ha tanto tempo que nao temos come que ja quase lhe esquecemos o gosto»; alguns acabavam por trabalhar ao domingo, se bem que isso fosse a ultima coisa per-doada pela opiniao piiblica, embora o ruido do tear fosse ouvido em toda a vizinhanga.

Mas — **dizia um deles** — olhem para os meus filhos, e parem com essas perguntas. E a mis^ria que me obriga; eu nao quero e nao posso ouvir eternamente os meus filhos reclamarem pao, sem tentar o ultimo meio honesto de o conseguir. Segunda-feira passada levan-tei-me as duas horas da manhã e trabalhei ate a meia-noite, nos outros dias das seis ate as onze ou meia-noite. Nao posso mais, nao me quero matar. Agora, acabo o trabalho todas as noite as dez e recupero o tempo per-dido ao domingo.

Em relagao a 1833 o salario nao aumentou nem em Leicester, nem em Derby, nem em Nottingham e o pior e, como ja dissemos, a grande amplitude que o sistema de pagamento em generos atingiu em Leicester. Nao e para admirar, portanto, que os operarios das malhas desta regioao tenham participado activamente nos movi-mentos operarios, numa maneira tanto mais vigorosa e

² Morning Chronicle, 1.º de Dezembro de 1843 e 9 de Dezembro de 1843. A primeira carta foi reproduzida no **Northern Star** de 9 de Dezembro de 1843.

olhos. As crianças que se empregam para a bobinagem e costura (de bainhas) sofrem normalmente graves atenuações à saúde e à constituição. Trabalham desde os seis, sete ou oito anos, dez a doze horas por dia, em pequenas salas de ar viciado. Muitas têm síncope durante o trabalho, tornam-se demasiado fracas para exercerem as ocupações domésticas mais banais e de tal maneira miopes que têm de usar óculos desde tenra idade. Os comissários constataram num grande número delas sintomas de escrófulas e os industriais recusam-se muitas vezes a contratar para as fábricas os jovens que praticaram essa espécie de trabalho, em virtude da sua fraqueza. O estado dessas crianças é «uma marca infame para um país cristão» e exprime-se a necessidade de uma intervenção legal (*Grainger Report. App., Pt. I, p. F. 16, pp. 132 a 142*). O relatório sobre as fábricas especifica que os operários das malhas são os mais mal pagos de Leicester; ganham seis ou, a custo de enormes esforços, sete xelins por semana, para dezassete a dezoito horas de trabalho diário. Anteriormente ganhavam de vinte a vinte e um xelins, mas a introdução de teares maiores arruinou a sua profissão. A grande maioria deles ainda trabalha com teares antigos e primitivos e só penosamente podem lutar contra o progresso da maquinaria. Consequentemente, também neste ramo todo o progresso é uma regressão para o operário! Mas, apesar deste estado de coisas, afirma o comissário Power, os operários das malhas têm orgulho em serem livres e não terem uma sirene de fábrica que lhes marque o tempo para comer, dormir ou trabalhar. A situação desta classe operária não é, no que diz respeito ao salário, melhor que em 1833, data em que a comissão sobre as fábricas forneceu estas indicações. A concorrência dos operários saxões deste ramo — os quais passam fome — encarrega-se disso. Bate os ingleses em quase todos os mercados estrangeiros e, para as qualidades inferiores, no próprio mercado inglês. Devera alegrar-se pelo facto da sua própria fome reduzir o operário inglês ao desemprego, e continuara a jejuar orgulhosa e alegremente visto que a honra da Alemanha exige que o seu prato esteja meio cheio? Como são belas a concorrência e a «emulação dos povos»! No *Morning Chronicle*, outro jornal liberal, o jornal da burguesia *par excellence*¹, encontramos, em Dezembro de 1843, algumas cartas de um operário de malhas de Hinckley sobre

¹ Por excelência. Em francês no texto.

efieaz quanto sao *homens* que na maior parte do tempo fazem mover os iproprios teares³.

Na mesma regioo onde vivem os operarios das malhas encontra-se igualmente o grande centro de fabrico das rendas.

Nos tres condados mencionados podem encontrar-se um total de 2 760 maquinas para fabrico de rendas, enquanto que em todo o resto de Inglaterra nao existem mais de 787⁴. O fabrico da renda tornou-se muito com^ plexo em virtude da rigorosa divisao do trabalho, con-tando um grande numero de ramos. Em primeiro lugar e preeiso enrolar o fio nas bobinas, sendo esse trabalho feito por rapariguitas de 14 ou mais anos (*winders*); em seguida essas bobinas sao colocadas nas maquinas por rapazes de oito anos e mais (*threaders*), que segui-damente introduzem o fio em pequenos buracos (cada maquina tern em media 1 800) e o dirigem eonforme o seu destino; depois o operario confecciona as rendas, as quais saem da maquina com o aspecto de uma larga pega, que criangas pequenas, ao puxarem os fios que as reuinem, dividem em varias tiras de renda. Esta operagao chama-se *running* ou *drawing lace* e os 'rapazes sao os *lace-runners*. Finalmente as rendas sao preparadas para a venda. Os *winders*, assim como os *threaders*, nao tern horario de trabalho fixo, visto que a sua presenca e reclamada logo que as bobinas de uma maquina estejam vazias; e como os operarios tambem trabalham de noite, a qual-quer hora podem ser chamados a fabrica ou a oficina do tecelao. A irregularidade deste emprego, o frequente trabalho nocturno e a existencia desordenada que dai resulta provocam um grande numero de perturbagSes fisi-cas e morais, principalmente relagoes sexuais precoees e desregradas, ponto sobre o qual todos os testemunhos concordam. O trabalho propriamente dito e muito prejudicial a vista⁵. Embora, dum modo geral, nao cause lesoes permanentes nos *threaders*, provoca no entanto inflamaSes oculares, e ate, durante a operagao de enfia-mento, dores, lagrimas e uma baixa momentanea da acuidade visual, etc. Mas para os *winders*, esta provado que o seu trabalho afecta gravemente os olhos e que, para

³ Cf. A. Temple Patterson: **Radical Leicester: A History of Leicester, 1780-1850**, 1954.

⁴ **Appendix to 2nd Report of the Children's Employment Commission**, Parte I, 1842, F. 1.

⁵ Ibid. F. 54-56. **Memorandum sobre as doencas dos olhos... nas... industrias de Nottingham, pelo Dr. J. C. Williams.**

alem de inflamagoes frequentes da cornea, provoca muitas vezes cataratas cinzentas e negras. O proprio trabalho dos rendeiros e penoso porque, com o tempo, as dimensoes das maquinas se foram tomando maiores, de tal modo que, actualmente, ja so existem praticamente as que sao accionadas por tres homens que se revezam de quatro em quatro horas; deste modo trabalham um total de vinte e quatro horas por dia e cada operario oito horas por dia. Por ai se ve claramente porque e que os *winders* e os *threaders* sao tao frequentemente obrigados a ir trabalhar de noite, para que a maquina nao fique parada durante muito tempo. Alem disso, o enfiamento do fio nos 1800 buracos dos bobinas ocupa a vontade tres criangas durante duas horas. Algumas maquinas tambem sao movidas a vapor, pelo que, desse modo, os homens ficam desempregados e, como o *Children's Employment Report* esta constantemente a referir «fabri-cas de renda» que empregam criangas, parecee poder concluir-se que recentemente, ou o trabalho dos rendeiros foi concentrado em grandes oficinas, ou a utilizagao dos teares a- vapor esta agora bastante generalizada. Em ambos os casos se verifica progresso do sistema industrial. No entanto, o trabalho mais insalubre e o dos *runner*[^], que sao na sua maior parte criangas de sete anos, quando nao de cinco e quatro. O comissario Grainger chegou a eneontrar uma crianga de dois anos empregada nesse trabalho. Seguir com os olhos um so fio continuo, que em seguida, com a ajuda de uma agulha, e retirado de uma trama enredada, e um trabalho muito fatigante para a vista, principalmente quando e necessario trabalhar, como e vulgar acontecer, durante catorze a dezasseis horas por dia, Mas, alem disso, o facto de permanecerem constantemente sentadas e dobradas sobre si proprias provoca nas criangas um estado de fraqueza, estreiteza da caixa toraxica e escrofulose, em consequencia de mas digestoes; em quase todas as raparigas se verificam per-turbagoes no funcionamento do utero, bem como desvios na coluna vertebral, de tal maneira «que todos os *runners* podem ser reconhecidos pelo andar». O bordado de rendas acarreta as mesmas consequencias nefastas para a vista e para o organismo em geral. Todos os testemunhos medicos concordam em assinalar que a saude de todas as criangas empregadas na confecgao de rendas sofre consideravel-mente com isso, que estas criangas sao palidas, fracas, en-fermigas, demasiado pequenas para a sua idade e tambem muito menos capazes do que quaisquer outras de resisti-

rem a doença. Os seus males mais comuns são: fraqueza geral, síncope frequentes, dores na cabeça, costelas, costas e ancas, taquicardia, náuseas, vômitos e falta de apetite, desvios da coluna vertebral, escrofulose e definhamento. E principalmente a saúde dos órgãos femininos que é contínua e profundamente minada: queixam-se geralmente de anemia, partos difíceis e de abortos (*Grainger's Report*, de ponta a ponta). Além disso o mesmo empregado subalterno do *Children's Employment Commission* relata que as crianças estão frequentemente esfarrapadas e que lhes é dada uma alimentação muito insuficiente, a maior parte do tempo apenas pão e chá, ficando muitas vezes sem carne durante meses. No que diz respeito à sua moralidade, relata os seguintes factos:

‘ Todos os habitantes de Nottingham, a polícia, o clero, os industriais, os operários e os próprios pais das crianças são unânimes em afirmar que o sistema actual de trabalho é um factor muito importante de imoralidade. Os *Threaders*, na maior parte rapazes, e os *Winders*, na maior parte raparigas são chamados à mesma hora à fábrica, muitas vezes à meio da noite, e como os pais não podem saber durante quanto tempo têm necessidade deles nas fábricas, têm uma boa ocasião para iniciar relações pouco convenientes e vaguear juntos depois do trabalho. O que não contribui pouco para a imoralidade que, segundo a opinião de todos, atingiu Nottingham, em proporções medonhas. Alias, a calma e a tranquilidade familiar nos lares onde vivem estas crianças e estes jovens são totalmente sacrificadas em virtude deste estado de coisas absolutamente contra a natureza .

Um outro ramo do fabrico da renda, o trabalho com o fuso, é praticado nos condados agrícolas de Northampton, Oxford, Bedford e Buckingham, a maior parte das vezes por crianças e jovens que se queixam todos da má alimentação e raramente podem comer carne. O próprio trabalho é muito insalubre. As crianças trabalham em pequenas oficinas mal arejadas e limitadas, sempre sentadas e curvadas sobre a sua almofada de renda. Para manterem o corpo nessa posição, as raparigas usam um corpete com armagem de madeira, o que, dada a pouca idade da maioria delas, numa altura em que os seus ossos ainda são debeis, aliado à posição

‘ Ibid., P. 9, pag. 72.

curvada, deforma completamente o esterno e as costelas, provocando um atrofiamento da caixa torácica muito generalizado. A maior parte morre de tuberculose, depois de ter sofrido durante certo tempo de diversas peritubercoses digestivas, devido a este trabalho sedentário numa atmosfera viciada. Não receberam quase nenhuma formação moral e por essa razão a sua moralidade é das mais deploráveis: a prostituição entre elas é quase uma epidemia (*Children's Employment Commission, Burns Report*).

Tal é o preço que a sociedade paga para dar as belas damas da burguesia o prazer de usar rendas — e não é barato? Somente alguns milhares de operários cegos, algumas famílias de proletários tísicos, e uma geração raquítica desta população, que transmitira as suas enfermidades aos filhos e aos netos da mesma índole. E que importa? Nada, absolutamente nada, a nossa burguesia fechou com indiferença o relatório da comissão governamental e continuará a ornamentar com rendas as suas esposas e filhas. Que bela coisa, a serenidade de alma de um burguês inglês!

Um grande número de operários estão empregados no fabrico de tecidos estampados no Lancashire, no Derbyshire e no Oeste da Escócia. Em nenhum sector da indústria inglesa o maquinismo atingiu tão brilhantes resultados, mas também em nenhum outro ele oprimiu tanto o operário. A utilização de cilindros gravados, accionados pelo vapor, a descoberta do processo que permite estampar com a ajuda desses cilindros quatro ou seis cores de uma vez, suplantou o trabalho manual tão perfeitamente como as máquinas o fizeram na fiagem e na tecelagem do algodão; e estes novos processos eliminaram das indústrias de estampagem ainda mais operários do que aconteceu no caso do fabrico de tecidos. Um só homem, ajudado por uma criança, faz com a máquina o trabalho que 200 operários faziam antigamente à mão; uma só máquina fornece por minuto 28 jardas de tecido estampado. É por isso que a situação dos operários de estampagem sobre tecido é tão grave. Em 1842, os condados de Lancaster, de Derby e de Chester forneciam (segundo a petição dos operários de estampagem apresentada na Câmara dos Comuns) onze milhões de peças de tecido estampado; cem mil tinham sido estampadas à mão, novecentos mil em parte pelas máquinas, com a ajuda de impressores manuais, e dez milhões só por máquinas, que estampavam nestes tecidos de uma a seis

cores. Como a maior parte das máquinas são de construção recente, e constantemente aperfeiçoadas, o número de impressores manuais é demasiado elevado para a quantidade de trabalho disponível e é claro que uma fracção importante — a petição fala de um quarto do número total — está totalmente desempregada, enquanto que os outros não trabalham em média mais do que um ou dois dias por semana, e são mal pagos⁷. Leach afirma que, numa fábrica de tecidos estampados (Deeply Dale, perto de Bury, no Lancashire), os impressores manuais não ganham mais do que cinco xelins por semana (*Stubb. Facts*, p. 47), quando ele sabe, e verdade, que os operários que trabalham nas máquinas são bastante bem pagos. Por conseguinte, a estampagem de tecidos está completamente integrada no sistema fabril mas sem estar submetida às limitações legais que lhe são impostas⁸. Fabricam um artigo sujeito às flutuações da moda e portanto não têm uma duração regular do trabalho. Se têm poucas encomendas, só trabalham metade do tempo; se um dos seus modelos é um sucesso e os negócios prosperam, trabalha-se dez, doze horas e até toda a noite. Mesmo ao pé de minha casa, perto de Manchester, havia uma fábrica de estampagem que frequentemente ainda estava iluminada noite alta quando eu voltava para e muitas vezes ouvi dizer que as crianças trabalham nela tanto tempo que procuravam aproveitar as escadarias alguns instantes de repouso e de sono nas escadarias de pedra ou em qualquer recanto da entrada. Não tenho a certeza *jurídica* de que isso seja verdade; se a tivesse, indicaria o nome da firma. O relatório da *Children's Employment Commission* é muito evasivo a este respeito, contentando-se em assinalar que, pelo menos em Inglaterra, as crianças são bastante bem vestidas e bastante bem alimentadas (isto é tudo relativo e depende do salário dos pais), que não têm nenhuma instrução e que moralmente não valem grande coisa. Basta-nos pensar que estas crianças estão submetidas ao regime das fábricas e, remetendo para o que já dissemos sobre isso, podemos prosseguir.

Pouco há, a acrescentar sobre os outros operários empregados no fabrico de tecidos de vestuário; os *bran-queadores* têm um trabalho muito insalubre que os obriga constantemente a respirar cloro, produto dos mais peri-

¹ LEACH: op. cit., pp. 45-47.

⁸ Apesar da legislação de 1845 que lhe dizia respeito.

gosos para os pulmões; o trabalho dos *tintureiros* já é menos nocivo, em alguns casos mesmo muito saudável, porque solicita a actividade de todo o corpo; há poucas informações sobre o modo como estas categorias de trabalhadores são pagas, razão suficiente para concluir daí que o seu salário não é inferior à média, porque senão eles queixar-se-iam. Os *aparadores de veludo*, bastante numerosos em função do grande consumo de veludo de algodão e cujo número se eleva a três ou quatro mil, sofreram indirectamente muito com a influência do sistema manufactureiro. As mercadorias que eram outrora fabricadas em teares manuais não tinham uma trama muito regular e exigiam uma mão exercitada para cortar as diferentes filas de fios; desde que são fabricadas por teares mecânicos, as filas são perfeitamente regulares, todos os fios da trama são rigorosamente paralelos e o corte já não constitui uma operação delicada. Os operários reduzidos ao desemprego pelas máquinas precipitaram-se para a tosquia do veludo e a sua concorrência faz baixar os salários. Os industriais descobriram que podiam empregar as mulheres e as crianças nesta operação, o que provocou um alinhamento dos salários pelos das mulheres e crianças, enquanto centenas de homens foram eliminados da profissão⁸. Os industriais descobriram também que podiam ter maior rentabilidade mandando fazer o trabalho nas suas fábricas do que na oficina do operário, pela qual eles, indirectamente, pagavam a renda. Desde então, as águas-furtadas de numerosas casas convertidas em oficinas de tosquia de veludo estão vazias, ou são alugadas como habitação, enquanto que o operário perdeu a liberdade de escolher as suas horas de trabalho e tornou-se escravo da sirene. Um tosquiador de veludo, que tinha aproximadamente 45 anos, disse-me que se lembrava ainda do tempo em que lhe pagavam oito *pence* por jarda, trabalho pelo qual lhe pagam agora um *penny*; e certo que ele pode agora tosquiar um tecido mais regular e rapidamente que dantes, mas de longe que não consegue fazer numa hora o dobro do que fazia noutros tempos. Assim, o seu salário semanal baixou, - pelo menos, para um quarto do que era. Leach dá uma lista (*Stubb. F.* p. 35) dos salários que eram pagos em 1827

⁸ For volta de 1840, parece que a tosquia propriamente dita ainda era apanágio dos operários adultos, enquanto que as mulheres e crianças eram utilizadas na sua preparação. Cf. **Children's Employment Commission, Appendix**, Part. IB, 1845, J. C. Kennedy.

e em 1843 pelos diferentes tecidos, donde ressalta que os artigos pelos quais eram pagos em 1827, 4 d., 2 1/4 d., 2 3/4 d., 1 d., a jairda, não rendiam em 1843 mais do que 1 1/2 d., 3/4 d., 1 d., e 3/8 d. pela mesma quantidade. Se compararmos os ganhos semanais medios, eis segundo Leach cocio eles se distribuem: 1827, £1 6s. 6d.; £1 2s. 6d.; £1; £1 6s. 6d.; e para as mesmas mercadorias em 1843: 10s. 6d.; 7s. 6d; 6s, 8d.; 10s. e podemos mesmo contar centenas de operarios que não atingem sequer estes ultimos salarios¹⁰. Já falamos dos teceloes manuais da industria algodoeira; as outras especies de tecidos são fabricadas quase exclusivamente por teceloes manuais que, na sua maioria, sofreram da mesma maneira que os tosquiadores de veludo com o afluxo dos operarios despedidos dos seus empregos em virtude da introdução de maquinas e que, como os operarios das fabricas, estão submetidos a um rigoroso sistema de multas em caso de defeitos do trabalho. Examinemos o caso dos teceloes de seda. O fabricante de sedas Brocklehurst, um dos mais importantes de Inglaterra, apresentou a uma comissao parlamentar alguns quadros extraídos dos seus registos, donde ressalta que para os mesmos artigos, que ele pagava, em 1821, 30 xelins, 14 xelins, 31/2 xelins, 3/4 xelim, 11/2 xelins, 10 xelins, não pagava em 1837 mais que, respectivamente, 9 xelins, 71/2 xelins, 2 1/4 xelins, 1/3 xelim, 1/2 xelim, 6 1/4 xelins, embora aqui nenhum aperfeisoamento fosse introduzido nas maquinas. Ora, o que o Sr. Brocklehurst fez pode ser considerado como um criterio valido para toda a Inglaterra. Sobressai destes quadros que o salario semanal medio destes teceloes, feitos todos os descontos, elevava-se em 1821 a 16 1/2 xelins " e apenas a 6 xelins em 1831. Desde então, o salario ainda baixou mais, Os tecidos a que em 1831 correspondia um salario de 1/3 de xelim ou de 4 pence a jarda, em 1843 são pagos a 2 pence 1/2 (são os *single sarsnet*) " e um grande numero de teceloes rurais só consegue trabalho se aceitar a confecção destes tecidos por 11/2-2 pence. Além disto é necessário mencionar as reduções arbitrias de salarios¹³. Qualquer tecelão que venha procurar uma *urdidura* recebe com ela uma carta

¹⁰ LEACH: op. cit., p. 35.

¹¹ **Report of the Select Committee on the Silk Trade, Pari.**
Papers, 1831-1832. Vol. 19, n.º 678.

¹² Tecidos de tafetd leve ou armezim.

¹³ Edicao de 1892: «as mais arbitrias».

onde normalmente esta escrito: que se aceita o trabalho entre tais e tais horas do dia; que um tecelao que falte ao trabalho por doenga deve avisar o escritorio dentro de 3 dias, senao a doenga nao sera aceite como desculpa; que nao sera aceite como desculpa que um tecelao diga que teve que esperar fio para a sua trama; que para certos erros de fabrico (por exemplo se num certo com-primento de tecido houver mais fios de urdidura do que estava prescrito, etc..) os descontos *nao serao inferiores* a metade do salario e que, se o tecido nao estiver pronto nos prazos fixados, sera descontado um *penny* par cada jarda que falte. As reducoes de salarios previstas sao tao importantes, que, por exemplo, um homem que va. duas vezes por semana a Leigh, Lancashire, para receber ^u as suas tramas, entrega de cada vez ao seu patroa pelo menos 15 libras de multa. Tais sao as palavras do proprio Brocklehurst, que passa por ser um dos mais tolerantes. Antigamente as questoes deste genero eram reguladas por um arbitro, mas como na maior parte das vezes os operarios eram despedidos quando insistiam em recorrer a ele, este costume perdeu-se completamente e o industrial age a sua vontade: e ao mesmo tempo quei-xoso, testemunha, juiz, legislador e executor da sentenca. E se o operario recorre ao arbitro, dizem-lhe: «Ao aceitar a carta, voce fez um contrato que agora tern de honrar». Rassa-se exactamente o mesmo com os operarios das fabricas. De resto, o industrial obriga sempre o operario a assinar um documento em que este declara «aceitar os descontos impostos». E se resiste, todos os industriais da cidade ficam imediatamente a saber que e um homem que, como diz Leach,

e recalitrante a legislagao e a boa ordem g-arantidas pelas cartas, e que teve a impudgria de duvidar da sabe-doria dos que, como deveria saber, sao os seus superiores na ordem social (Stubbs. Facts., pp. 37-40).

Claro que os teceloes sao *completamente* livres, o industrial nao os obriga a aceitar as suas tramas e as suas cartas, mas diz-lhe, tal como Leach traduz em bom ingles:

Se nao querem ser fritos na frigideira, podem saltar para a fogueira (**if you don't like to be frizzled in my frying-pan, you can take a walk into the fire**).

Edigao de **1892**: «retirar».

. Os tecelões de seda de Londres, principalmente em Spitalfields, há muito tempo que vivem periodicamente na mais negra miséria; ainda hoje não têm quaisquer motivos para estarem satisfeitos com a sua sorte, e o que podemos concluir da sua participação muito activa em todos os movimentos operários ingleses, principalmente nos de Londres. A miséria que reinava no seu seio foi a causa da febre que invadiu os bairros do leste de Londres e que levou a Comissão a inquirir sobre as condições de higiene em que vivia a classe operária, Contudo constatamos, segundo o último relatório do hospital londrino que cuida desta febre, que esta ainda grassa intensamente. Depois dos tecidos de vestuário, os *produtos metalúrgicos* representam a mais importante categoria de artigos fabricados pela indústria inglesa. Este fabrico tem os seus centros principais em Birmingham, onde se fazem os mais finos artigos metalúrgicos de todas as espécies; em Sheffield, principal centro de cutelaria; e no Staffordshire, principalmente em Wolverhampton, onde se fabricam os artigos mais ordinários: fechaduras, pregos, etc. Vamos começar por Birmingham para descrever a situação dos operários empregados nestes ramos da indústria. Em Birmingham, a organização do trabalho conservou, de resto como em quase todos os centros em que se trabalham metais, qualquer coisa do antigo carácter artesanal; continuam a existir os pequenos patrões que trabalham com os seus aprendizes em casa, na sua oficina, ou, quando utilizam a energia do vapor, nas grandes fábricas que estão divididas em várias pequenas oficinas, alugadas aos diversos pequenos patrões e que têm em todas as salas um veio accionado por uma máquina a vapor que, por sua vez, pode accionar outras máquinas. Leon Faucher (autor de uma série de artigos em *A revista dos dois mundos*¹⁵, em que mostra que pelo menos estudou a sério a questão, artigos de qualquer modo melhores do que os ingleses e alemães escreveram até agora a este respeito) qualifica estas condições de trabalho, por oposição ao grande fabrico do Lancashire

¹⁵ Publicada em Paris desde 1892. Artigos publicados em 1843-44. Faucher retomou-os em dois volumes dos seus **Estudos** sobre a Inglaterra, Paris, 1845, onde podemos ler: «E a democracia industrial no estado doméstico e, em parte, patriarcal. Birmingham mostra-nos um fenómeno não menos extraordinário, a democracia industrial numa vasta cidade e até nas oficinas que o vapor faz mover» (T. II, p. 147).

e do Yorkshire, de *democracia industrial*¹⁶ e faz notar que ela não tem resultados muito favoráveis nem sobre a situação dos mestres nem sobre a dos companheiros. Esta observação é perfeitamente justa, porque estes numerosos pequenos patrões não podem viver convenientemente com um lucro determinado pela concorrência e repartido por todos e que, noutras circunstâncias, seria embolsado por um único industrial. A tendência centralizadora do capital esmaga-os; por cada um que enriquece, dez ficam arruinados e uma centena veem a sua sorte agravada pela pressão de um único rico que pode vender mais barato do que eles. E quando tem de entrar em concorrência desde o princípio com grandes capitalistas, é evidente que tem de lutar com grandes dificuldades. A sorte dos aprendizes não é nada melhor com os pequenos patrões do que com os industriais, como iremos ver, com a única diferença de que mais tarde virão a ser por sua vez pequenos patrões e assim terão uma certa independência—quer dizer que serão menos directamente explorados pela burguesia do que nas fábricas. Por isso, estes pequenos patrões não são nem verdadeiros proletários, visto que em *grande parte vivem do trabalho dos aprendizes* e não vendem o seu próprio trabalho¹⁷, mas o produto acabado — nem verdadeiros burgueses, visto que vivem essencialmente a custa do seu próprio trabalho. É devido a esta situação particular, intermediária, que os operários de Birmingham raramente se juntaram franca e totalmente aos movimentos operários ingleses. Birmingham é uma cidade politicamente radical mas não resolutamente cartista. Contudo, também aí encontramos um grande número de fábricas bastante importantes que trabalham por conta de capitalistas e aí o sistema industrial reina de forma absoluta. A divisão do trabalho, que aqui é levada até a minúcia (por exemplo no fabrico de agulhas), bem como a energia da máquina a vapor, permitem o emprego de grande número de mulheres e crianças e encontramos aqui (*Children's Employment Commission Report*) exactamente as mesmas características que nos tinha fornecido o relatório sobre as fábricas: as mulheres trabalhando até a altura do parto,

¹⁶ Em francês no texto: **Democratic industrielle.**

¹⁷ Engels (alias como Marx nos seus primeiros escritos) fala aqui da venda do trabalho. Marx demonstrara depois que o operário não vende o trabalho, mas a força de **trabalho**. Cf. principalmente o prefácio de Engels à nova edição de 1891 de **Trabalho assalariado e capital.**

ineapacidade de se ocuparem do trabalho caseiro, estado de abandono do lar e das crianças, indiferença ou mesmo aversão pela vida familiar e imoralidade— por outro lado, aumento do desemprego entre os homens, desenvolvimento constante da maquinaria, emancipação precoce das crianças, marido sustentado pela mulher e pelos filhos, etc., etc. Descrevem-se as crianças como meio mortas de fome e esfarrapadas — *"metade de entre elas diz-se, não sabem o que é comer até ficar sem fome, muitos vivem todo o dia com o pão que se pode comprar com um penny (10 pfennings prussianos), ou então não comem nada antes do almoço; citam-se mesmo casos em que as crianças não comiam nada das 8 horas da manhã até as 7 horas da tarde. Frequentemente as roupas mal bastam para esconder a nudez; muitas andam de pés descalços, mesmo no inverno. É por isso que todas elas são pequenas e fracas para a idade e raramente se tornam vigorosas; e quando pensamos que a um longo e duro trabalho num espaço fechado se junta a precariedade dos meios que lhes são dados para reconstituírem as forças físicas, não ficaremos admirados de saber que poucas pessoas em Birmingham ficam aptas para o serviço militar.*

Os operários — **diz um médico encarregado de examinar os recrutas** — são pequenos, debéis e fisicamente mal constituídos. Muitos também apresentam deformações na caixa torácica ou da coluna vertebral.

Segundo um sargento dos serviços de recrutamento, os habitantes de Birmingham são mais pequenos do que os de qualquer outro sítio, a maior parte tem uma altura de cinco pés e quatro ou cinco polegadas, e em 613 jovens inspeccionados, só 238 foram considerados aptos. No que se refere à instrução, mencionamos mais acima uma série de depoimentos e exemplos recolhidos nos distritos metalúrgicos, para os quais remetemos os leitores. De resto, ressalta do *Children's Employment Report* que em Birmingham mais de metade das crianças entre os cinco e os quinze anos não frequentam nenhuma escola, e os que vão à escola mudam de estabelecimento frequentemente, de maneira que é impossível dar-lhes uma sólida instrução, e que as crianças são retiradas muito cedo da escola para irem trabalhar. O relatório também nos dá uma ideia sobre a qualidade dos professores. Quando lhe perguntaram se também ensinava moral, uma professora respondeu:

«Nao, por tres *pence* per semana e por aluno, nao pode-riam exigir-me isso»¹⁸; varios outros nem sequer compreen-deram a pergunta e outros consideravam que isso de modo algum fazia parte do seu trabalho. Uma professora disse que nao ensinava moral as criangas mas que se esforgava por lh.es inculcar bons principios (e, ao dizer isto, come-teu um erro gramatical). Nas proprias escolas o comis-sario constatou uma balburdia e uma desordem perma-nentes¹⁹. Esta e uma das razoes porque a moral das criangas e deploravel; metade dos *delinquentes tem menos de 15 anos*; e, num so ano, condenaram-se pelo menos 90 delinquentes com 10 anos de idade, dos quais 44 por delitos criminais. A desordem nas relagoes sexuais parece, segundo o comissario Grainger, ser regra geral e isto com uma idade muito precoce. (Grainger: *Report e evid.*). No distrito metalurgico do Staffordshire, a situagao ainda e pior²⁰. Dada a grosseira qualidade dos produtos metalurgicos da regio, nao ha nem divisao do trabalho (com algumas excepgoes), nem utilizagao do vapor e da maquinaria. Por conseguinte, nesta regio (Wolverhampton, Willenhall, Bilston, Sedgely, Wednesfield, Darlaston, Dudley, Walsall, Wednesbury, etc.) ha poucas fa-bricas, mas ha muitas pequenas forjas onde trabalham pequenos patroes, por vezes com um ou varios aprendizes que os servem ate aos 21 anos. Os pequenos patroes estao mais ou menos na mesma situagao que os de Birmingham, mas os aprendizes sao muito mais desfavorecidos. Quase so lhes dao carne de animais doentes ou mortos por acidente, ou carne e peixe estragados, e tambem carne de vitela morta antes do tempo e porcos mortos por asfixia nas carruagens. E isto e feito nao so pelos pequenos patroes mas tambem pelos industriais mais importantes que tem entre trinta e quarenta aprendizes. Este costume parece ser universal em Wolverhampton, e as suas conse-quencias naturais sao as frequentes doengas intestinais e outras. Por outro lado, as criangas nao comem o sufi-ciente e raramente possuem roupas para alem dos fatos de trabalho, motive suficiente para nao irem a escola de domingo. Os alojamentos sao sujos e maus, a ponto de

¹⁸ **Appendix, Parte I, 1842, PF. 119, 175, 176, 197 e Report on the State of Education in Birmingham, 1838, reproduzido por Grainger in Appendix... Parte I, F. 185-R1.**

¹⁹ Grainger redigia relatorios especiais sobre educagao.

²⁰ A este respeito, cf. **Appendix... Parte II, 1842, HORNE, QI-Q93 e W. H. B. COURT: The Rise of the Midland Industries, 1600-1838, 1938.**

favorecerem muitas vezes o aparecimento de doengas, e, embora na maior parte das vezes o seu trabalho seja saudavel, as criangas sao ipequenas, mal consti-tuidas, debeis e, em muitos easos, atacadas por graves enfermidades. Em Willenhail, por exemplo, ha um grande numero de pessoas que, devido ao eterno trabalho de limagem no torno, sao corcundas e tem uma perna torta — a perna de tras, *hind leg*, coma lhe chamam — de modo que as duas pernas f ormam um K; alem disso, dizem que pelo menos um tergo sofre de hernia, Enquanto que em Wolverhampton se eonstatam inumeraveis casos de atraso da puberdade, tanto nap raparigas — elas tambem traba-lham nas forjas! —como nos rapazes, algumas vezes ate aos dezanove anos. Em Sedgeley e nos seus arredores, onde quase so se fabricam pregos, as pessoas habitam e trabalham em cabanas miseraveis que mais parecem estabulos, que nao tem concorrencia em materia de sujidade. Raparigas e rapazes manejam o martelo desde a idade dos dez ou doze anos, so sendo eonsiderados ope-rarios feitos desde que fornecam mil pregos por dia, Para mil e duzentos pregos diarios o salario eleva-se a cinco *pence* e $\frac{3}{4}$ ²¹. Para cada prego sao necessarias doze mar-teladas e como o martelo pesa uma libra e um quarto, o operario tem de levantar 18 000 libras (8 150 quilos) para ganhar esse miseravel salario. Com um trabalho tao arduo e com uma alimentagao tao insuficiente, o organismo das criangas fica obrigatoriamente subdesenvolvido, fraco e debil, o que, de resto, e confirmado pelos comissarios. Quanto ao nivel de instrugao neste distrito, ja anterior-mente demos referencias precisas. Nesta regioao, o grau de instrugao e incrivelmente baixo, metade das criangas nem sequer frequentam a escola ao domingo e a outra metade fa-lo com muita irregularidade; em comparagao com outros distritos, muito poucos sabem ler e, quanto a escrita, pior ainda. Nada de mais natural, visto que e entre o setimo e o decimo ano que as criangas começam a trabalhar, precisamente no momento em que seriam capazes de frequentar a escola com rendimento, e os pro-fessores da escola de domingo—fogueiros ou mineiros — muitas vezes mal sabem ler, nao sendo capazes de escrever o proprio nome. A moralidade corresponde per-feitamente a estes meios de instrugao. Em Willenhail —

²¹ Alguns nimeros do relatorio (Appendix... Parte II, 1842, Q. 76) diferem um pouco dos mencionados por Engels.

afirma o comissario Home, dando a este respeito solidas provas— os operarios nao tern nenhum sentimento moral. Duma maneira geral ele constatou que as criangas nao tinham conhecimento dos deveres para com os pais, nem afecto por eles. Estavam tao incapazes de reflectir no que diziam, tao embrutecidos, tao estupidos que afirmavam frequentemente que eram bem tratados e viviam bem, quando trabalhavam eatorze horas por dia, andavam andrajosos, nao comiam o suficiente e batiam-lhes tanto que alguns dias depois ainda se ressentiam. Ignoravam qualquer outro modo de vida para alem do que consistia em derrearem-se de manha a noite ate que os deixassem parar, e nem sequer compreendiam o sentido da pergunta, para eles descabida: «Estao cansa-dos?» (Home, *Bept. and evid.*).

Em Sheffield, o salario e melhor e por conseguinte as condicoes de vida dos trabalhadores tambem o sao. Em eontrapartida, eneontramos ai varias espeeies de empregos cujo efeito e extremamente nefasto para a saude. Certas operacoes exigem que o operario mantenha as ferramentas constantemente coniprimidas contra o peito, o que lhes provoca a tuberculose, outras, por exem-plo afiar limas, entram o desenvolvimento completo do corpoi e provocam afecgoes abdominais; o corte de ossos (para fazer cabos de facas) provoca dores de cabega, afecgoes biliare e anemia nas raparigas novas, muito nume-rosas neste trabalho¹. Mas, de longe, o pior trabalho e amolar laminas e garfos, o que provoca inevitavel-mente, sobretudo quando feita sobre pedras secas, uma morte precoce. A insalubridade deste trabalho reside em parte na posigao curvada que comprime o peito e o esto-mago, mas principalmente na quantidade de poeiras me-talicas de arestas cortantes que saltam durante a amola-dura e saturam a atmosfera que os operarios tem de respirar. Em media, os amoladores a seco dificilmente atingem os trinta e cinco anos de idade, e os amoladores sobre pedras humidas raramente ultrapassam os 45. O Dr. Knight, de Sheffield, declara:

A melhor maneira de mostrar com clareza a nocividade deste oficio e afirmar que sao os bebedores que vivem mais tempo, porque sao os que mais faltam ao trabalho. Ao todo, ha 2 500 amoladores em Sheffield. Cerca de 150 (80 homens e 70 rapazes) sao amoladores de garfos, que morrem entre os 28 e os 32 anos. Os amoladores

de navalhas, que tanto trabalham a seco como na pedra humida, morrem entre os 40 e os 45 anos e os amoladores de facas de mesa, que trabalham na pedra humida, morrem entre os 40 e os 50 anos²².

O mesmo medico descreve da seguinte maneira a doenga denominada *asma dos amoladores*.

Habitualmente comegam a trabalhar com 14 anos e **quando sao bem constituídos e raro que sintam** mal estar antes dos vinte anos. E entao que se manifestam os sintomas da sua doenga especifica. Perdem o folego ao menor esforço, quando sobem uma esxada ou uma encosta, mantem os ombros levantados para aliviar esse asfixiamento perpetuo e crescente, curvam-se para a frente e parecem sentir-se mais a vontade nessa posicao atarracada em que trabalham, a tez e dum amarelo terroso, os tragos exprimem angustia, queixam-se de ter o peito oprimido, **a voz torna-se-lhes rouca e** rude, tern uma tosse ruidosa, como se o ar fosse expirado por um tubo de madeira. Por vezes expectoram grandes quantidades de poeira misturadas nas mucosidades ou entao em massas esfericas ou cilindricas, recobertas com uma delgada camada de mucosa. A hemoptise, a incapacidade de se conservarem deitados, os suores nocturnos, as diarreias com colicas, um emagrecimento anormal acompanhado de todos os sintomas habituais de tuberculose acabam por os matar depois de se terem arrastado durante meses, por vezes anos, doentes e incapazes de se alimentarem e alimentarem²³ os seus com o seu trabalho. Devo acrescentar que todas as experiencias que ate agora foram tentadas para prevenir ou remediar a asma dos amoladores foram completamente infrutiferas²⁴.

Eis o que Knight escreveu ha 10 anos; desde entao o numero de amoladores e a violencia da doenga aumentaram, mas tentou-se prevenir esta doenga cobrindo as pedras de amolar e afastando a poeira com uma corrente de ar. As experiencias, pelo menos em parte, foram bem sucedidas, mas os proprios amoladores nao as querem aplicar e, em certos locais, chegaram mesmo a quebrar estes dispositivos de protecao, porque pensavam que eles atrairiam mais operarios para a sua especialidade, o que pro-

~ Dr. Arnold KNIGHT: **North of England Medical and Surgical Journal**, Agosto de 1830 — Maio de 1831, vol. I, p. 86, **On the grinder's asthma**.

■³ Na edicao de 1845, erro de impressao: **erniedrigen** (humilhar) em vez de **ernahren** (alimentar).

* **Ibid.**, pp. 170-171 e **Appendix...** Parte I, 1842, E. 5-6.

vocaria a baixa dps salarios; sao partidarios de uma vida *curta e boa*. O Dr. Knight disse frequentemente aos amo-ladores que o vinham consultar aos primeiros sintomas desta asma: «Se voltarem! a trabalhar na pedra de amolar, estao condenados». Mas foi sempre em vao. -Quern se tivesse tornado amolador, estava perdido, como se se tivesse vendido ao diabo. O nivel de instrugao em Sheffield e muito baixo; um padre que se tinha dedicado as estatisticas sobre a instrugao, era de opiniao que em 16 500 criangas da classe operaria aptas a frequentarem a escola, apenas 6 500 sabiam ler²⁵. Isto deve-se ao facto de as criangas serem retiradas da escola com sete anos de idade, o mais tardar aos doze anos, e dos professores nao valerem nada (um deles era um homem condenado por roubo que, apos sair da prisao, so tinha encontrado o ensino como modo de vida!). A imoralidade parece ser maior entre a juventude de Sheffield do que em qualquer outro lado (na verdade, nao sabemos que cidade leva a palma, pois se comegarmos a ler os relatorios sfc>mos leva-dos a crer que todas a merecem). Ao domingo, os jovens vadiam todo o dia pelas ruas, jogando a moeda²⁶ ou atigando os ca.es a luta; frequentam as tabernas com asteiduidade, onde ficam com as namoradas ate que, a noite, vao aos pares dar um pequeno passeio. Numa taberna que o comissario visitou, encontrou quarenta ou cinquenta pessoas dos dois sexos, quase todos com menos de dezassete anos de idade, cada jovem sentado ao pe da sua eleita. Uns jogavam as cartas, outros cantavam e dangavam, todos bebiam. Entre eles ha via prostitutas profissionais. Por isso, nao e de espantar que o desregra-mento, a precocidade de relagSes sexuais e a prostituigao juvenil sejam, como afirmam todos os testemunhos, muito frequentes em Sheffield, mesmo entre os individuos de catorze ou quinze anos. Os crimes de caracter selvagem e louco sao moeda corrente; um ano antes da chegada do comissario prenderam um grupo constituido principal-mente por jovens no momento em que se preparavam para incendiar a cidade inteira; tinham um equipamento completo de mechas e materias incendiarias. Veremos mais tarde que o movimento operario de Sheffield se

²⁵ Relatorio de J. C. SYMONS sobre Sheffield. Appendix... Parte I, 1842, E. 20. A afirmagao transcrta e de SYMONS e nao de um eclesiastico.

²⁶ Textualmente: «jogam a langar o dinheiro ao ar». (tos sing coins).

caracteriza pela mesma brutalidade (Symons, *Rept. and evid.*).

Além destes dois principais centros metalúrgicos, também há fábricas de alfinetes em Warrington (Lancashire), onde também reina entre os operários, e sobretudo entre as crianças, uma enorme miséria e grande mortalidade e ignorância; e um certo número de fábricas de agulhas na região de Wigan (Lancashire) e no Leste da Escócia; os relatórios relativos a estes distritos estão de acordo em quase todos os aspectos com o do Staffordshire. Só nos falta um ramo desta indústria: o *fabrico de máquinas*, que existe principalmente nos distritos industriais, e sobretudo no Lancashire. O carácter singular desta produção e o fabrico de máquinas por máquinas, o que rouba aos operários escorraçados de todos os lados o seu último refúgio, quer dizer, o emprego no fabrico das máquinas que os tornaram desempregados. As máquinas de aplainar e de perfurar, as máquinas que fabricam parafusos, porcas e rodas, etc., e os tornos mecânicos também causaram o desemprego de grande número de operários que antes trabalhavam regularmente e por um bom salário, e quem quiser pode ver um grande número deles nas ruas de Manchester”.

Ao norte desta região siderúrgica do Staffordshire, estende-se um distrito industrial que vamos agora examinar: o das cerâmicas (*potteries*), cujo principal centro é a comuna (*borough*) de Stocke, que engloba as localidades de Hanley, Burslem, Lane End, Lane Delph, Etruria, Coleridge, Langport, Tunstall e Goldenhill, com um total de sessenta mil habitantes²⁸.

A este respeito, relata o *Children's Employment Report*: nalguns ramos deste fabrico — a faianga — as crianças têm um trabalho fácil em oficinas quentes e arejadas; noutros, em contrapartida, exigem deles um trabalho duro e fatigante, não tendo nem comida suficiente nem boas roupas. Muitas crianças queixam-se: «Não como o suficiente, na maior parte das vezes dão-me batatas temperadas só com sal, nunca nos dão carne, nem pão, não vou à escola, não tenho roupas»²⁹ — «Não comi nada ao meio-dia, em casa nem sempre se come ao

²¹ Appendix... Parte I, 1842, B. 41-42 e LEACH: op. cit., 1844, pp. 42-45.

²⁸ Exactamente 70 000 (Samuel SCRIVEN in Appendix... Parte I, 1842, C. 1).

²⁹ A mesma criança declarou ao inquiridor: «Estou contente com o meu trabalho».

meio dia, na maior parte das vezes dao-me batatas sal-gadas, por vezes pao» — «Eis todas as roupas que possuo: ja nao existem fatos de domingo em easa»³¹. Entre as criangas cujo trabalho e particularmente prejudicial, devem-se assinalar as *mould-runners*, que transportam no molde, ate a sala de secagem, a ceramica que aeaba de ser moldada e depois, quando a ceramica secou como convem, trazem de volta o molde vazio. Assim tern de ir e vir durante todo o dia com um fardo demasiado pesado para a sua idade, sendo a sua fadiga consideravelmente acrescida pela temperatura elevada que reina na fabrica. As criangas sao, quase sem excepcao, doentias, palidas, debeis, pequenas e mal constituídas, sofrem quase todas de perturbacoes gastricas, vomitos, falta de apetite e grande numero morre de fadiga. Os rapazes chamados «*jiggers*» tambem sao quase tao enfezados como c-s ante-riores; o seu nome vem da roda (*jigger*) que tem de fazer girar. Mas o trabalho mais perigoso, de longe, e o dos operarios que tem de mergulhar as ceramicas acabadas num liquido que contem fortes quantidades de chumbo e tambem, frequentemente, de arsenico, ou que tem de agarrar as ceramicas que acabam de ser mergulhadas nesta solugao. As maos e as roupas destes operarios — homens e criangas — estao sempre impregnadas deste liquido, a pele enfraquece e descama-se por empunharem continuamente objectos rugosos, a ponto de os dedos san-grarem com frequencia e estarem constantemente num estado favoravel a absorgao destes produtos perigosos. Resultam dai violentas dores, graves afeegoes gastricas e intestinais, uma pertinaz prisao de ventre, colicas, por vezes a eonsump<?ao e frequentemente *ataques de epilepsia* nas criangas. Entre os homens, da-se habitualmente uma paralisia parcial dos musculos da mao, a *colica pic-torwm*³¹ e a paralisia dos membros inteiros. Uma teste-munha conta que duas criangas que trabalhavam com ela morreram de convuisoes durante o trabalho; outra, que quando era rapaz trabalhou dois anos na imersao de ceramicas, conta que no principio sentiu violentas dores abdominais, depois teve um ataque de convuisoes que o obrigou a ficar dois meses de cama, e depois ataques desse genero cada vez mais frequentes, hoje quotidianos,

³¹ O que nao impede a crianga de acrescentar: «O contra-mestre e gentijl comigo, o patrao tambem».

³¹ Colica dos pintores (ou colica de chumbo), doenga dos pintores que utilizam alvaiade.

por vezes *dez a vinte ataques de epilepsia par dia*. O seu lado direito esta paralizado e, segimdo os medicos, aunca mais ipodera utilizar os bragos. Na oficina de imersao de uma fabrica ha. quatro homens que sao todos epilep-ticos e sofrem de violentas colicas e onze rapazes, alguns dos quais ja sao epilepticos³². Em resume, esta terrivel doenga e quase sempre uma consequencia deste trabalho e, mais uma vez, para maior lucro financeiro da burguesia. Nas oficinas em que a faianga e polida, a atmosfera esta saturada com uma poeira muito fina de silex que e tao nociva como a poeira de ago que os amoladores de Sheffield respiram. Bstes operarios perdem o folego, ja nao se conseguem deitar tranquilamente, sofrem de chagas na garganta, tosem violentamente e a sua voz torna-se tao fina que mal os podemos ouvir. Tambem eles morrem todos tuberculoses. Nos distritos de ceramica, asseguram--me que ha urn numero iniportante de escolas que per-mitem que as oriangas se instruam, mas como estas criangas vao desde muito cedo para a fabrica e ai tern de trabalhar muito tempo (frequentemente doze horas ou mais), estao impossibilitadas de aproveitar estas escolas. E por isso que tres quartos das criangas³³ examinadas pelo comissario nao sabiam ler nem escrever; em todo o distrito reinava o maior analfabetismo. Criangas que, durante anos, tinham frequentado as escolas de domingo, eram incapazes de distinguir as letras e, em todo o distrito, nao so a formagao intelectual mas tambem a for-magao moral e religiosa estavam a um nivel muito baixo (Scriven, *Rept. and evid.*).

Tambem no *fabrica de vidro* existem trabalhos que, se parecem afectar pouco os homens, nao podem coatudo ser suportados pelas criangas. Um trabalho penoso, a irregularidade da sua duragao, o frequente trabalho noc-turno e, sobretudo, a elevada temperatura das oficinas (100° a 130° Fahrenheit)³⁴ provocam nas criangas uma fraqueza e uma morbidez gerais, um crescimento defei-tuoso e principalmente afecgoes oculares, doengas abdominals, doengas dos bronquios e reumatismos. Muitas criangas sao palidas, tern os olhos vermelhos e perma-necem cegas durante semanas, sofrem de frequentes nauseas, vomitos, tosse, resfriamentos e reumatismos. Quando

¹² As tres testemunhas tem respectivamente 38, 19 e 33 anos. f SCRIVEN diz: «das pessoas», C-10, n.» 40. ²¹ Nas ed. de 1845 e 1893: «300 a 330° Fahrenheit*». Corres-ponde a 40 a 55° centigrados.

tem de retirar as pegas do forno, as criangas tem de penetrar frequentemente numa zona em que o calor e tal que as tabuas sobre as quais andam lhes ardem de-baixo dos pes. Os assopradores de vidro morrem na maior parte das vezes de fraqueza e de doengas do peito (Leif-child, *Rept. App.*, Pt. II, p. L. 2 e segs., 11, 12; Franks, *Rept App. Fit. II*, p. K. 7, p. 48; Tancred, *Evid. App. Pt. II*, p. 176, etc., todos no *Children's Employment Report*).

Em geral, o mesmo relatorio testemuoha a invasao, lenta mas segura, de todos os sectores da industria pelo sistema manufactureiro, o que se manifesta sobretudo pela utilizagao de mulheres e criangas. Nao vi necessidade de acompanhar mais em pormenor os progresses da maquinaria e o afastamento dos homens adultos. Quern quer que esteja um pouco familiarizado com a industria, podera facilmente completar estes dados, ja que eu tenho falta de espago para desenvolver aqui, em todos os deta-lhes, este aspect© do actual sistema de produgao, cujos resultados expusemos quando estudamos o sistema das fabricas. Em toda a parte se utilizam maquinas e, deste modo, se destroiem os ultimos vestigios da inde-pendencia do operario. Em toda a parte a familia se desagrega devido ao trabalho da mulher e das criangas e fica desamparada quando o homem esta desempregado; por todo o lado o advent© inelutavel da mecanizagao coloca a industria e, com ela, o operario, nas maos do capitalista. A centralizagao da propriedade progride irre-sistivelmente e a divisao da sociedade em grandes capi-talistas e operarios proletarios toma-se dia a dia mais nitida; o desenvolvimento industrial da nagao avanga a passos de gigante para uma crise inevitavel.

Ja aponte mais acima que, no artesanato, a potencia de capital e, por vezes, a divisao do trabalho, tambem levaram aos mesmos resultados, eliminando a pequena burguesia e substituindo-a por grandes capitalistas e operarios proletarios. No fundo, pouco ha a dizer sobre estes artesaos, porque tudo o que lhes diz respeito ja foi exposto anteriormente quando falamos do proletariado industrial em geral; de resto, desde o começo do movimento industrial poucas coisas mudaram neste ramo, no que se refere a natureza do trabalho e a sua influencia sObre a saude dos trabalhadores. Mas os contaetos com os operarios de fabricas propriamente ditos, a pressao dos grandes capitalistas que se tornou muito mais sen-sivel que a dos pequenos patroes com os quais, apesar

de tudo, o aprendiz tinha relações pessoais, a influência da vida nas grandes cidades e as baixas de salário, fizeram de quase todos os artesãos membros ativos dos movimentos operários. Em breve falaremos disso e, por agora, vamos examinar uma categoria da população laboriosa de Londres que merece uma atenção muito especial, devido a extraordinária barbárie com que a burguesia a explora, por ganância. Refiro-me às modistas e às costureiras. É muito significativo que o fabrico dos artigos que servem de adorno das *senhoras da burguesia* tenha as mais tristes consequências para a saúde das operárias que se ocupam com este trabalho. Já o verificamos com o fabrico de rendas, e temos agora, como nova prova deste facto, as lojas de modistas em Londres. Estes estabelecimentos ocupam grande número de raparigas — ao todo quinze mil, ao que parece — que vivem, comem e dormem na própria casa em que trabalham. Na sua maior parte vêm do campo e são totalmente escravas dos patrões³⁵. Durante a estadia *fashionable*, que dura quatro meses por ano, a duração do trabalho, mesmo nos melhores estabelecimentos, atinge quinze horas por dia e, quando o trabalho urge, dezoito horas. Contudo, na maior parte das lojas trabalha-se esse tempo sem que a duração do trabalho esteja fixada com precisão, de tal modo que as raparigas só têm quando muito seis horas diárias, frequentemente apenas três ou quatro, por vezes até duas horas em vinte e quatro, para dormirem e repousarem, quando não são obrigadas a trabalhar toda a noite, o que não é tão raro como isso! O único limite para o seu trabalho é a incapacidade física total de puxar a agulha nem que seja por mais um minuto. Aconteceu a uma destas criaturas indefesas ficar nove dias seguidos sem se deitar e só repousando por alguns momentos sobre um colchão, onde lhe davam a comida cortada em pequenos pedaços, para que pudesse engolir o mais depressa possível³⁶. Em resumo, estas infelizes raparigas são mantidas como escravas por um chicote moral — a ameaça do desemprego — num trabalho tão contínuo e incessante que nenhum homem robusto — quanto mais delicadas raparigas de 14 a 20 anos — o poderia suportar. Por outro lado, o ar asfíxiante dos ateliers e também dos

³⁵ Appendix..., Parte I, 1842, F. 26-42. (R. D. GRAINGER).

³⁶ *Ibid.*, p. 30, par. 283: Testemunho do oculista F. Tyrell, que cita o caso de uma rapariga de 17 anos que perdeu a vista por ter trabalhado 9 dias seguidos.

dormitorios, a posicao curvada para a frente, a comida frequentemente ma e indigesta, tudo isto, mas sobretudo o trabalho prolongado e a privacao do ar fresco, produzem os mais tragicos resultados para a saude destas jovens. Abatimento e esgotamento, fraqueza, perda de apetite, dores nas espaduas, costas e aneas, mas sobretudo dores de cabega, aparecem em breve; depois saem os desvios da coluna vertebral, os ombros demasiado altos e deformados, o emagrecimento, os olhos inchados, lacrimosos e dolorosos, em breve afectados pela miopia, a tosse, um desenvolvimento insuficiente da caixa toraxica, um respirar rapido, e todas as perturbacoes no desenvolvimento do organismo feminino. Os olhos estao frequentemente tao doentes que surge uma cegueira incuravel, um desregulamento total das fungoes oculares; quando a visao continua a ser suficientemente boa para permitir o trabalho, e geralmente a tuberculose que termina a triste e breve existencia destas modistas. Mesmo nas que saem suficientemente cedo do emprego, a sua saude fisica foi destruida para sempre, o vigor do seu organismo desapareceu; elas estao para sempre, principalmente depois de casadas, doentes e debéis e dao a luz criangas raquiticas. Todos os medicos interrogados pelo comissario (do *Children's Employment Report*) foram unanimes em declarar que nao se poderia imaginar um modo de vida tendente, mais que aquele, a arruinar a saude e a provocar uma morte prematura.

E com a mesma crueldade, mas de uma maneira um pouco menos directa, que as costureiras³⁷ sao em geral exploradas em Londres. As raparigas que sao empregadas na confeccao de espartilhos tem um trabalho duro, penoso,, que cansa a vista, e qual e o salario que lhes corresponde? Ignoro-o, mas o que sei e que o empregador, que e o responsavel pela materia-prima que lhe fornece e que reparte o trabalho pelas suas costureiras, recebe um *penny* e meio por pega. E preciso deduzir dai o seu lucro — e este eleva-se, no minimo, a meio *penny*. E portanto um *penny* que, na melhor das hipoteses, entra no bolso da pobre rapariga. As raparigas que fazem as gravatas tem de se comprometer a fazer dezasseis horas por dia e recebem quatro xelins e meio por semana, quantia com que podem comprar mais ou

" Needle-women, operaria que trabalha geralmente ao domicilio.

menos tantas mercadorias como com vinte *groschen* de prata na cidade mais cara da Alemanha ³⁵. Mas a situagao menos invejavel e a das raparigas que fazem cami-sas ⁸⁹. Por uma camisa ordinaria, recebem um *penny* e meio — antigamente recebiam dois ou tres *pence* — mas desde que a casa dos pobres de St. Pancras, adminis-trada por uma direegao composta por *burgueses radicals*, comegou a aceitar trabalhos por um *penny* e meio, estas desgragadas mulheres tiveram de fazer o mesmo. Pelas camisas finas debruadas, que podem ser feitas num dia, mas trabalhando nelas dezoito horas, pagam-lhes seis *pence*. O salario destas eostureiras eleva-se portanto, segundo diversos testemunhos de operarios e empreitei-ros, a dois xelins e um tergo por semana e isto por um trabalho encarnigado, que se prolonga pela noite fora! E o cumulo desta escandalosa barbarie e que as eostureiras tem de entregar como deposito uma fracgao do montante da materia-prima que lhes e confiada. Nao o poderiam fazer — os proprietaries sabem-no ibetn — sem empenharem uma parte dela; das duas, uma: ou Levan-tam-nas com prejuizo, ou entao, se nao conseguem levan-tar as pegas de fazenda empenhadas, sao dbrigadas a comparecer em tribunal, como aconteceu a uma costu-reira em Novembro de 1843¹⁰. Uma infeliz rapariga que se encontrava nesta situagao e nao sabia que fazer, langou-se num canal e af ogou-se em Agosto de 1844 ⁴¹. Normal-mente estas eostureiras moram em pequenas mansardas, vivem na maior miseria, amontoam-se o mais possivel numa unica sala, onde, no inverno, a maior parte das vezes, o calor animico e a unica fonte de calor. Sentadas, curvadas sobre o trabalho, cosem desde as quatro ou cinco horas da manha. ate a meia-noite, arruinando a saude em poucos anos e apressando a morte sem sequer

⁵ Cf. Weekly Dispatch, de 17 de Marco de 1844 e de 25 de Ag-osto de 1844. Horrifying Condition of the stay-Makers and stock-makers» (Horriavel situagao das operarias fabricantes de meias e espartilhos).

¹⁰ Appendix..., Parte I, 1842, F. 33-41, e Weekly Dispatch, 19 de Novembro de 1843, artigo assinado por Oensorius.

⁴¹ Weekly Dispatch, 5 de Novembro de 1843 (caso de Elizabeth Harding) e Northern Star, 25 de Novembro de 1843 (Mary White).

⁴¹ Northern Star, 31 de Agosto de 1844 (Elisabeth Kendall, 19 anos). Sobre a situagao destas operarias cf. ch. KINGSLEY: Cheap clothes and Nasty, 1850.

poderem obter os objectos mais indispensaveis⁴², enquanto a seus pes rolam as belas e brilhantes carruagens da burguesia e, talvez a dez passos dai, um miseravel *dandy* perca ao jogo do farao mais dinheiro do que elas podem *gcmhar* nnm ano inteiro.

E esta a situagao do proletariado industrial ingles. Para onde quer que nos voltemos vemos uma miseria, permanente ou temporaria, doencas proveadas pelas eondigoes de vida ou de trabalho, a imoralidade, em todo o lado a exterminaQao, a destruigao lenta mas; segura da natureza humana, tanto do ponto de vista fisico eomo moral. Sera esta uma situagao duradoura?

Esta situagao nao pode durar e nao durara. Os ope-rarios, a grande maioria do povo, nao a querem. Vejamos o que *e/les* dizem da sua situagao.

" Th. HOOD; o mais dotado de todos os humoristas ingleses de lioje e, como todos os humoristas, cheio de sentimentos humani-tarios mas com pouca energia mental, publicou ran belo poema no principio de 1844, quando a miseria das costureiras preenchia as colunas de todos os jornais, **The Song of the Shirt** (A cangao da Camisa), que arrancou as raparigas burguesas muitas lagrimas piedosas mas inuteis. Nao tenho espago para o citar aqui; apareceu primeiro no **Punch** *, depois em todos os jornais. Como a situagao das costureiras foi discutida na epoca em **todos os jornais, as** citagoes partieulares sao aqui superfluas. (F. E.)

* *Punch*, Natal de 1843.

OS MOVIMENTOS OPERARIOS

Concordarao comigo, mesmo que eu nao o tivesse demonstrado tantas vezes em pormenor, que os operarios ingleses nao podem sentir-se felizes numa tal situagao; que a sua situagao nao e daquelas em que um homem, ou uma elasse inteira, tenha possibilidades de pensar, sentir e viver humanamente. Os operarios devem, portanto, esforgar-se por encontrar uma saida para esta situagao que os coloca ao nivel do animal, para criarem para si proprios uma existencia melhor, mads humana, e so o ipodem fazer entrando em luta contra os interesses da burguesia enquanto tal, interesses que residem precisa-mente na explorasao dos operarios. Mas a burguesia defende os seus interesses com todas as forgas de que pode dispor, gragas a propriedade e ao poder estatal que detem. Desde o momento em que o operario quer esca-par ao estado actual de coisas, o burgues toma-se seu inimigo declarado.

Mas, alem disso, o operario pode constatar em qual-quer momento que o burgues o trata como uma coisa, como sua propriedade, sendo por esta razao que se mani-festa como seu inimigo. Ja demonstrei anteriormente com a ajuda de uma centena de exemplos — e teria podido citar centenas de outros — que, nas condigoes actuais, o operario nao pode preservar a sua qualidade de homem senao pelo odio e pela revolta contra a burguesia. E e gragas a sua educagao, ou antes, ao seu desejo de edu-

cagao, assim como ao calor do sangue irlandes que passou em grande proporgao para as veias da classe operaria inglesa, que e capaz de protestar com a maior paixao contra a tirania dos possuidores. O operario ingles ja nao e ingles, nao e como o seu vizinho rico, um homem de dinheiro, calculista. Tern sentimentos plenamente evo-luidos, a sua fleuma nordica inata e compensada pela hberdade com que as suas paixoes se puderam desen-volver e domina-lo completamente. A formagao racional que desenvolveu tao consideravelmente as disposigoes egoistas do burgues ingles, que fez do egoismo a sua paixao dominante e concentrou todo o seu poder afectivo exclusivamente na cobiga, esta formagao, o operario nao a tern; em compensagao as suas paixoes sao tao fortes e arrebatadoras como as dos estrangeiros. A nacionali-dade inglesa apagou-se no seio dos operarios.

Se, como vimos, o operario ja nao pode valorizar as suas qualidades humanas senao opondo-se ao eonjunto das suas condigoes de vida, e natural que seja precisa-mente nesta oposigao que os operarios se mostrem mais simpaticos, mais nobres e mais humanos. Veremos que toda a forga e toda a actividade dos operarios estao orientadas nesse unico sentido e que ate os esforgos que fazem para adquirir uma formagao humana estao todos em relagao directa com ele. Teremos evidentemente que relatar casos de violencias individuais e mesmo de bru-talidade, mas nao podemos perder de vista que a Ingla-terra esta em guerra social aberta, e que, se a burgue-teia tern interesse em conduzir esta guerra hipocrita-mente, sob aparencias de paz e mesmo de filantropia, para o operario, por a nu as suas verdadeiras condigoes ide vida, atacar essa hipocrisia, so lhe pode ser util. Consequentemeiite, os mais violentos actos de hostilidade cometidos pelos operarios contra a burguesia e os seus vassalos nao sao senao a expressao, aberta e sem dis-farce, daquilo que a burguesia inflige aos operarios as escondidas e perfidamente.

A revolta dos operarios contra a burguesia comegou pouco depois do inicio do desenvolvimento da industria e atravessou diversas fases. Este nao e o local indicado para expor detalhadamente a importancia historica destas diversas fases para a evolugao do povo ingles. Sou obri-gado a reservar a abordagem destas questoes para um estudo posterior e a limitar-me, por enquanto, aos simples f actos, na medida em que podem servir para caracte-rtizar a situagao do proletariado ingles.

A primeira forma, a mais brutal e estéril, que esta revolta revestiu foi o crime. O operário vivia na miséria e na indigência e via outros que gozavam de melhor sorte. A sua mente não conseguia compreender porque era precisamente ele que tinha que sofrer nestas condições, ele que fazia bem mais pela sociedade do que um rico ocioso. Por outro lado, a necessidade venceu o res-peito inato pela propriedade — começou a roubar. Vimos que o número de delitos aumentou com a expansão da indústria e que o número anual de prisões está em relação directa com os fardos de algodão vendidos no mercado.

Mas em breve os operários tiveram de constatar a ineficácia deste método. Com os seus roubos, os delinquentes não podiam protestar contra a sociedade senão isoladamente, individualmente; todo o poderio da sociedade caía sobre cada criminoso e esmagava-o com a sua enorme superioridade. Além disso, o roubo era a forma menos evoluída e consciente de protesto e, por essa simples razão, nunca foi a expressão geral da opinião pública dos operários, mesmo que eles a aprovassem tacitamente. A *classe operária* começou a opor-se a burguesia quando resistiu violentamente a introdução das máquinas, como aconteceu logo no início do movimento industrial. Deste modo, os primeiros inventores (Arkwright e outros) começaram por ser perseguidos e as suas máquinas feitas em bocados; mais tarde deu-se um grande número de revoltas contra as máquinas, que se desenrolaram quase exactamente como as revoltas dos impressores da Boémia em Junho de 1844¹; as oficinas foram demolidas e as máquinas destruídas.

Esta forma de oposição, também ela, não existia senão isolada, limitada a certas localidades e não visava senão um só aspecto do regime actual. Atingido o fim imediato, o poder da sociedade recaía com toda a sua violência sobre os recalcitrantes sem defesa e castigava-os como querda, enquanto se continuavam a introduzir as máquinas. Era preciso encontrar uma nova forma de oposição.

Foi então que uma lei votada pelo antigo Parlamento conservador, oligárquico, antes da reforma, vedou dar um grande auxílio. Mais tarde, quando a

¹ Engels refere-se muitas vezes na sua introdução a estas revoltas que tiveram lugar na Boêmia e na Silesia.

entre a burguesia e o proletariado foi legalmente sancionada pela lei da reforma e que a burguesia foi assim elevada a categoria de classe dominante, tal lei nunca passaria na Câmara dos Comuns. Esta lei foi votada em 1824, anulando todos os textos legislativos que, até então, tinham proibido aos operários de se associarem para a defesa dos seus interesses. Obtiveram assim um direito que, até então, só pertencia à aristocracia e à burguesia, o *direito de livre associação*. Claro que as sociedades secretas tinham sempre existido entre eles, mas nunca tinham conseguido grandes resultados. Na Escócia, por exemplo, houve em 1812 — assim o relata Symons (*Arts and Artisans*, p. 137 e segs.) — uma greve geral organizada por uma associação secreta². A greve repetiu-se em 1822, e, nesta ocasião, dois operários que não tinham querido aderir à associação e tinham sido por causa disso declarados traidores à sua classe pelos operários associados, foram queimados com ácido sulfúrico e ficaram cegos. Também em 1818 a Associação dos Mineiros da Escócia teve força suficiente para impor uma greve geral. Estas associações obrigavam os seus membros a prestar um juramento de fidelidade e de segredo, mantinham em dia listas, cofres e contabilidade e tinham ramificações regionais. Mas a clandestinidade de que se rodeavam as suas ações paralisava o seu desenvolvimento. Pelo contrário, quando os operários obtiveram em 1824 o direito de livre associação, estas Unões estenderam-se rapidamente a toda a Inglaterra e tornaram-se poderosas. Em todos os ramos da indústria constituíram-se organizações semelhantes (*trade-unions*) com a intenção manifesta de proteger o operário isolado contra a tirania e a incuria da burguesia. Os seus fins eram fixar o salário, negociar, *en masse**, enquanto *potencia*, com os patrões, regulamentar os salários em função do lucro⁴ do patrão, aumentá-lo na altura própria e mantê-lo ao mesmo nível para cada ramo de trabalho. Foi por isso que estas unões começaram a negociar com os capitalistas a instituição de uma escala de salários que seria cumprida em toda a parte, e a recusar trabalhar para

² Na realidade Symons limita-se a dizer que os grevistas «foram inculcados» por terem constituído uma associação secreta (J. C. Symons: op. cit., p. 143). Reproduz o depoimento do secretário do *sheriff* de Glasgow.

* Em francos no texto.

⁴ O termo alemão e Nutzen: da edição de 1892, será substituído por **Profit**.

um patroo que nao aceitasse esta escala. Alem disso, os seus objectivos eram manter sempre activa a proeura de trabalhadores, limitando o contrato de aprendizes, o que impedia a redugao dos salarios; lutar tanto quanto possivel contra as arditosas redugoes de salarios que os industrials tentavam com o estratagemas da introdugao de novas maquinas ou de novas ferramentas, e, finalmente, ajudar financeiramente os operarios desempregados. O que se efectua quer directamente, atraves da caixa da associagao, quer por meio de um cartao onde figu-ram as indicagoes de identidade necessarias, e pela apre-sentagao do qual o operario vai de localidade em localidade, sendo ajudado pelos seus camaradas de trabalho e esclarecido sobre a melhor maneira de arranjar trabalho. A esta peregrinagao os operarios chamam *the tramp* e aquele que a faz chama-se, portanto, um *tram-per*⁰. Para atingir estes objectivos, a uniao elege um presidente e um secretario, custeados— porque e de prever que nenhum industrial queira contratar tais pes-soas — assim como uma comissao que recebe as quotas semanais e vela pela utilizagao dos fundos para os objectivos da Associagao. Quando isso era possivel e proveitoso, os companheiros de oficio de diferentes dis-tritos uniam-se em federagao e orgartizavam reunioes de delegados em datas fixas. Em certos cases tentou-se unir os associados de um sector *inteiro* do oficio a escala de toda a Inglaterra *numa so umca* grande associagao, e, em diversas tentativas (a primeira em 1830), fundar uma associagao geral de operarios a escala de todo o Reino, que incluiria estas organizagao especial para cada oficio. No entanto estas associagoes nunca subsistiram por muito tempo, e so raramente conseguiram constituir-se, porque so uma agitagao geral exceptional e capaz de tornar uma tal associagao possivel e eficaz^e.

Os meios que estas associagoes costumam empregar para atingir os seus fins sao os seguintes: se um dos patroes (ou varios de entre eles) se recusa a pagar o salario fixado pela associagao, envia-se-lhe uma delega-gao ou remete-se-lhe uma petigao (ve-se que os operarios sabem reconhecer o poder absolute do dono da fabrica

⁰ Sobre os trampers cf. E. J. Hobsbawn: *The Tramping Aitisan*, *Economic History Review*, 2.^a Ser., vol. 3, n.º 3, 1951, p. 299-320.

^e Cr. G. D. H. COLiE: *Attempts at general Union; a Study in British Trade Union History, 1818-1834*, (1953).

no seu pequeno Estado); se isso não basta, a associação ordena a paragem do trabalho e todos os operários se vão embora. Esta paragem no trabalho (*turn-out* ou *strike*)⁷ e, quer parcial, quando é só um ou vários patrões que recusam pagar o salário proposto pela associação, quer geral, quando se trata de todos os patrões do ramo interessado. Estes são os meios legais empregues pela associação, no caso de a paragem do trabalho se produzir depois de um pre-aviso, o que nem sempre acontece. Mas estes meios legais são muito fracos, visto que há operários que não fazem parte da associação, ou que se deixam separar dela por vantagens efêmeras oferecidas pela burguesia. Principalmente em casos de greves parciais, o industrial consegue recrutar homens suficientes entre estas ovelhas negras (chamados *knobsticks*)⁸ e deste modo fazer fracassar os esforços dos operários membros da associação. Habitualmente estes *knobsticks* são então objecto de ameaças, de injúrias, de agressões ou de outros maus tratos por parte dos membros da associação, ou seja, de medidas de intimidação de toda a espécie. Eles apresentam queixa e como a burguesia tão amante da legalidade ainda dispõe do poder, a força da associação é quase sempre quebrada pelo primeiro acto que infringir a lei, pela primeira queixa apresentada em tribunal contra os seus membros.

A história destas associações é uma longa série de derrotas operárias, interrompida por algumas vitórias esporádicas. É natural que todos estes esforços não consigam mudar as leis da economia, que o salário seja regido⁹ pela relação da procura e da oferta no mercado do trabalho. É por isso que as associações nada podem contra as grandes causas que agem sobre esta relação. Em caso de crise económica, a própria associação é obrigada a reduzir o salário, ou a dissolver-se completamente; e no caso de uma alta importante da procura no mercado do trabalho, não pode fixar o salário a um nível mais elevado do que aquele que a concorrência entre capitalistas determinaria por si própria. No entanto, no que diz respeito às causas de menor importância, e cujo

⁷ Engels, como se vê, não faz diferença entre os dois termos. Trata-se aqui, não de **lock-out**, mas de greve, paragem do trabalho decidida pelos operários.

⁸ Fura-greves propriamente ditos ou ainda trabalhadores que aceitam trabalhar abaixo da tarifa.

⁹ **Sich richtet** substituído em 1892 por **bestimmt** (fixado, determinado).

efeito não é generalizado, podem muito. Se o industrial não contasse com uma oposição concentrada e maciça, da parte dos seus operários, baixaria gradualmente, cada vez mais, os salários, para aumentar o seu lucro; a luta que tem de manter contra os seus concorrentes, os outros industriais, obrigá-lo-ia a isso e em breve o salário atingiria o seu nível mínimo. Mas esta concorrência dos industriais *entre eles* é, nas *condições normais* e *mútuas*, travada pela oposição dos operários. Qualquer industrial sabe bem que uma redução de salários, não justificada pelas circunstâncias a que também estão submetidos os seus concorrentes, teria como consequência uma greve que lhe traria um prejuízo certo, porque durante essa greve o seu capital estaria inactivo e as suas máquinas enferrujariam. Além de que, num caso semelhante, ele não está absolutamente nada seguro de conseguir impor a redução de salários, e que pelo contrário está certo — se o conseguir — de ver os seus concorrentes imitá-lo imediatamente e baixar os preços do produto fabricado, o que lhe anularia todo o benefício da sua operação. Além disso, frequentemente, depois de uma crise, as associações impõem, de facto, um aumento de salários, mais rapidamente do que teria lugar sem a sua intervenção. Porque se o industrial tem interesse em não aumentar os salários antes que a concorrência dos outros industriais o obrigue a isso, agora são os próprios operários que exigem um salário mais elevado quando o mercado melhora. E que nestas condições podem obrigar o industrial a aumentar os salários com uma paragem de trabalho, em virtude das reduzidas possibilidades de escolha que lhe são deixadas pelo mercado de contratação. Mas, como referimos, contra as causas mais importantes que modificam o mercado de trabalho, a acção das associações é ineficaz. Nesse caso a fome obriga pouco a pouco os operários a retomarem o trabalho em quaisquer condições; e, desde que alguns o tenham retomado, acaba a força da associação, porque estes *knobsticks*, e também os *stocks* de merecedorias que ainda restam no mercado, colocam a burguesia em condições de fazer face às mais graves consequências da perturbação acarretada pela greve. Os fundos da associação esgotam-se rapidamente devido ao grande número dos operários que é preciso socorrer; os comerciantes começam a recusar o crédito que consentiam a juros elevados e a necessidade força os operários a voltar ao jugo da burguesia. Mas a maioria das greves termina desastrosamente para os operários, dado que

os industriais devem evitar, no seu proprio interesse — que, e certo, se tornou seu interesse por causa da posigao dos operarios — qualquer redugao de salarios nao indispensavel, enquanto que os operarios consideram qualquer baixa de salarios provocada pelas condicoes eco-nomicas como um agravamento da sua situagao que e preciso atenuar na medida do possivel. Perguntar-se-a entao porque e que os operarios cessam o trabalho em tal caso, visto que a ineficacia desta medida e evidente? Muito simplesmente porque tem de protestar contra a baixa de salarios e mesmo contra a necessidade dessa baixa; porque tem de explicar que eles, como homens, nao tem de se moldar as circunstaneias, mas que, bem ao contrario, as circunstaneias se devem moldar a *eles*, que sao seres humanos; porque o seu silencio equivaleria a uma aceitacao dessas condicoes de vida e a aceitacao do direito da burguesia a explora-los durante os periodos economicos favoraveis e a deixa-los morrer de fome nos maus periodos; porque ainda nao perderam os sentimentos humanos e, se protestam *desta maneira* e nao de outra, e porque sao ingleses, quer dizer, pessoas praticas que apoiam o seu protesto com um *acto* e nao fazem de modo nenhum como os teóricos alemães que se vao tranquilamente deitar logo que o seu protesto esta devidamente registado e posto *ad acta*, para ai dormir, ele proprio, o mesmo sono tranquilo dos contestatarios. Pelo contrario, o protesto concreto do operario ingles produz o seu efeito, mantendo a cupidez da burguesia em certos limites e constantemente acordada a oposicao dos operarios contra a onnipotencia social e politica da classe dominante, fazendo-lhes admitir, e certo, que as associacoes de operarios e os *turn-outs* nao chegam para quebrar o dominio da burguesia. Mas o que da a estas associacoes e as greves que elas organizam a sua verdadeira importancia, e que elas sao a primeira tentativa dos operarios para *abrir a concorrência*. Eles partem do justo principio de que o dominio da burguesia nao e fundado senao na concorrência dos operarios entre si, quer dizer, na divisao do proletariado ate ao infinito e na possibilidade de opor as diversas especies de operarios umas as outras. E e precisamente porque as associacoes, se bem que de maneira unilateral e bastante limitada, atacam a concorrência, esse nervo vital da ordem social actual, que constituem um tal perigo para essa ordem social. O operario nao poderia encontrar melhor ponto

fraco onde ferir a burguesia e com ela o conjunto do regime social existente. Que a concorrência entre operários seja suprimida, que todos os operários estejam firmemente resolvidos a não mais se deixar explorar pela burguesia, e o reino da propriedade chegou ao seu fim. Isto é tão verdade que o salário só é função da relação entre a oferta e a procura e da situação eventual do mercado do trabalho porque, até agora, os operários se deixaram tratar como uma coisa que se compra e que se vende. Que os operários decidam nunca mais se deixar comprar nem vender; que para poderem determinar o que constitui realmente o valor do trabalho, eles se afirmem como seres humanos, que além da sua força de trabalho também tenham uma vontade própria, e acaba-se toda a economia política actual e as leis que regem os salários. A longo prazo, com certeza, as leis que regem os salários impor-se-iam de novo se os operários ficassem pela abolição da concorrência entre eles; mas eles não podem fazer isso sem que renunciem a tudo o que foi até agora o seu movimento, sem fazerem renascer esta concorrência mútua dos operários, o que quer dizer que isso lhes é completamente impossível. A necessidade obriga-os a não abolir apenas *uma parte* da concorrência, mas a concorrência em geral, e é o que farão. A partir de agora os operários veem cada dia mais claramente o que lhes custa a concorrência; eles compreendem melhor que os burgueses que até a concorrência dos proprietários entre si, ao provocar crises económicas, recai pesadamente sobre o operário e que também é preciso abolir essa concorrência. Em breve verá claramente *como* tem de agir.

Não é necessário sublinhar que estas associações contribuem em larga medida para alimentar o ódio e a exasperação dos operários contra a classe possuidora. Estas associações estão portanto, neste tempo de agitação, na origem (com ou sem conhecimento dos dirigentes) das acções individuais que não se podem explicar senão por um ódio exacerbado até ao desespero, uma paixão selvagem que quebra todas as barreiras. Dá sobressaem os casos atrás mencionados de agressão com ácido sulfúrico e uma série de outros factos, de que eu gostaria de mencionar alguns. Em 1931, por ocasião de uma violenta agitação operária, o jovem Ashton, industrial de Hyde, perto de Manchester, foi uma noite abatido a tiro quando atravessava um campo, e foi completamente

impossível encontrar o autor do crime¹⁰. Foi sem dúvida um ato de vingança por parte dos operários. Verificaram-se frequentes tentativas de lançar fogo às fabricas ou de as fazer explodir. Na sexta-feira, 29 de Setembro de 1843, desconhecidos tentaram fazer saltar a oficina de um fabricante de serrões chamado Padgin, na Howard Street em Sheffield. Serviram-se de um tubo de ferro cheio de pólvora e rolhado em ambas as extremidades¹¹. Os prejuízos foram consideráveis. No dia seguinte, 30 de Setembro, uma tentativa semelhante teve lugar na fabrica de facas e limas de Ibbetson, em Shales Moor, perto de Sheffield. O Senhor Ibbetson tinha atraído o ódio dos operários pela sua participação activa nos movimentos burgueses, pela sua política de baixos salários, pela contratação exclusiva de *knobsticks* e pela exploração em seu proveito da lei sobre os pobres. Com efeito, em 1842, ele obrigou os operários a aceitarem um salário muito baixo, denunciando a assistência pública os que se recusavam a isso, como pessoas que podendo ter trabalho não o queriam aceitar e, portanto, não mereciam auxílio. A explosão causou danos e todos os operários que verificaram o resultado lamentaram apenas que «toda a loja não tivesse explodido completamente». Na sexta-feira, 6 de Outubro de 1843, uma tentativa de incêndio na fabrica Ainsworth e Grompton, em Bolton, não causou nenhum dano; era a terceira ou quarta tentativa naquela fabrica, num curtíssimo espaço de tempo¹². Durante a sessão do conselho municipal de Sheffield, na quarta-feira 10 de Janeiro de 1844, o comissário da policia apresentou um engenho explosivo em ferro forjado, de fabrico especial, carregado com quatro libras de pólvora e provido com uma mecha que tinha começado a arder mas se tinha apagado, e que tinha sido encontrado na oficina do Senhor Kitchen, na Earl Street, em Sheffield¹³. No domingo 20 de Janeiro de 1844, produziu-se uma explosão na serragem de Bentley e White, em Bury (Lancashire); tinha sido provocada por pacotes de pólvora que para

¹⁰ Cf. Annual Register, 1831, p. 7-8. Engels comete uma ligeira inexactidão. De facto, o processo teve lugar em 1834. Foram inculcados Joseph e William Mosley e William Garside. Este acusou os primeiros e fez com que fossem enforcados. Engels segue Gaskell: op. cit., 1833, p. 299-300.

¹¹ Northern Star, 7 de Outubro de 1843.

¹² Manchester Guardian, 11 de Outubro de 1843.

¹³ Northern Star, 20 de Janeiro de 1844; The Times, 13 de Janeiro de 1844.

la tinham sido atirados e que causaram prejuizos importantes¹⁴. Na quinta-feira, 1 de Fevereiro de 1844, as Soho Wheel Works de Sheffield foram incendiadas e tornaram-se pasto das chamas¹⁵.

Aqui temos seis casos deste genero em quatro meses, cuja causa profunda e a exasperacao dos operarios contra os patroes. Escusado sera dizer qual deve ser a situacao social, para que tais coisas sejam *possiveis*. Estes factos sao provas suficientes de que na Inglaterra, mesmo durante os periodos de prosperidade economica, como no fim de 1843, a guerra social e declarada e aberta. E apesar de tudo a burguesia inglesa nao quer reflectir no que isso significa! Mas o caso mais espectacular e o dos *Thugs* de Glasgow¹⁶ que foi levado aos tribunals desta cidade de 3 a 11 de Janeiro de 1838. O processo mostrou que a associacao dos teceloes de algodao que existia nesta cidade desde 1816 possuia um poder e uma organizacao excepcionais. Os filiados estavam ligados por um juramento as decisoes da maioria e durante cada greve existia um comite secreto, desconhecido da maior parte dos membros e que dispunha dos fundos a descricao. O comite punha a premio a cada um de certos *knobsticks*, de certos industriais detestados e fixava os premios por incendios de fabricas. Foi assim que foi incendiada uma fabrica na qual mulheres *knobsticks* asseguravam a fiacao no lugar dos homens; uma tal Senhora Mac Pherson, mae de uma destas jovens, foi assassinada e fizeram passar os dois assassinos para a America a custa da associacao ". Ja em 1820 um desconhecido tinha disparado sobre um *knobstick* de nome Mac Quarry e tinha-o ferido, o que lhe valeu da parte da associacao um premio de 15 libras esterlinas. Mais tarde, alguem disparou sobre um tal Graham; o autor recebeu 20 libras, mas foi descoberto e deportado por toda a vida; finalmente, em 1837, por occasiao de um «*turn-out*» nas fabricas de Oakbank e de Mile End, estalaram disturbios no decorrer dos quais uma diizia de *knobsticks* foram severamente maltratados;

¹⁴ Manchester Guardian, 24 de Janeiro de 1844. A data exacta e domingo, 21 de Janeiro.

¹⁵ Sheffield and Kotherham Independent, 3 de Fevereiro 1844.

¹⁶ Deram a estes operarios o nome de **Thugs** por analogia com os membros da bem conhecida tribo indiana cuja unica ocupacao era assassinar todos os estrangeiros que lhes caiam nas maos (F. B.).

" Sobre este processo, cf. **Annual Register**, 1838 (Chronicle), p. 6-7-9-12.

em Julho do mesmo ano, os disturbios continuaram e um tal Smith, um *knobstick*,¹⁸ foi tao maltratado que morreu em consequencia disso¹⁸. Foi entao que o comite foi preso; abriu-se um inquerito e, como consequencia deste, o presidente assim como os principais membros foram declarados culpados de participacao em associagoes ile-gais, de maus tratos infligidos a *knobsticks* e de incen-dios na fabrica de James e Francis Wood; foram con-denados a sete anos de deportagao. Que dizem os nossos bons alemaes de toda esta historia?

A classe possuidora e, nomeadamente, a fracgao industrial desta classe em contacto directo com os operarios, luta com uma violencia extrema contra estas asso-ciagoes e tenta 'constantemente provar aos operarios a sua inutilidade com a ajuda de argumentos que, do ponto de vista economico, sao absolutamente justos, mas por isso mesmo parcialmente falsos e que nao tern absolutamente nenhum efeito sobre a razao dos operarios. O proprio ardor que a burguesia demonstra prova que ela nao e desinteressada neste assunto; e, sem falar no prejuizo directo que causa um *turn-out*, acontece nesse caso de tal maneira que o que entra nos bolsos do industrial sai obrigatoriamente dos do operario. E mesmo que os operarios nao soubessem perfeitamente que as suas asso-ciagoes mantem em respeito, pelo menos em parte, os seus patroes, na sua emulagao e na sua paixao em redu-zir os salarios, eles mante-las-iam apesar disso porque, fazendo-o, prejudicam os seus adversaries, os industrials. Na guerra, aquilo que prejudica uma das partes apro-veita a outra, e como os operarios estao em pe de guerra contra os seus patroes, tudo se passa exactamente como

¹⁸ O processo iria estabelecer que ele tinha sido ferido a tiro.

¹⁹ Que «justiga feroz» (wild justice) deve arder no fundo do coragao destes homens, para os levar, reunidos em comicio e depois de uma fria reflex&o, a julgar o seu irmao de trabalho como desertor a sua classe e traidor a causa da sua classe, a condena-lo a morrer como um desertor ou um traidor e a faze-lo executar por um carrasco clandestino, pois que o juiz e o carrasco publieos nSo o fariam, imitando assim o antigo tribunal de S. Vehme e o tribunal secreto da cavalaria, subitamente ressuscitados e manifestando-se repetidas vezes diante dos olhos estupefactos da multidao, nfto revestidos de cotas de malha mas de vestes de veludo, nSo reunidas nas florestas da Westphalia mas nas lajes de Gallowgate de Glasgow! Semelhantes sentimentos devem estar muito divulgados e fortemente enraizados nas massas, mesmo que s6 possam revestir uma tal forma no seu paroxismo e apenas entre alguns (Carlyle: Chartism, p. 41) (F. E.).

qiiando as altas potencias se degladiam mutuamente. Dis-taieando-se, de longe, de todos os burgueses, o nosso amigo, o Dr. Ure, volta a ser o adversaries mais enear-nigado de todas as associagoes de operarios. Os *tribunals secret* os dos teceloes de algod&o, a mais poderosa das secgoes operarias, fazem-no espumar de raiva; estes tribunals que se gabam de poder paralisar qualquer industrial insubmisso e de «arruinar assim o homem que, durante anos, lhes assegurou a existencia». Fala de uma epoea em que a cabega inventiva e o coragao animador da industria foram escravos dos membros inferiores dema-siado turbulentos — pena e que os trabalhadores ingle-ses nao se deixem aealmar tao facilmente por tais fabu-las, como os plebeus romanos, oh novo Menius Agrippa²⁰! Por fim conta esta bela historia: os teceloes de fio grosso na *mule* tinham abusado da sua forga ate um ponto into-leravel. Os salaries elevados em vez de os disporem ao reconhecimento para com o industrial e a uma formagao intelectual (nas cieneias inofensivas, ou mesmo aprovei-taveis a burguesia, claro esta), tinham em muitos casos criado orgulho e fornecido os fundamentos que sustenta-ram o espirito de rebeliao no decurso de greves das quais os industrials tinham sido vitimas de modo absoluta-mente arbitrario uns apos outros. Por altura de um des-tes infelizes periodos de perturbagao, os industrials da regioa de Hyde, Dukinfield e das localidades em redor, temendo verem-se afastados do mereado pelos franceses, belgas e americanos, tinham-se dirigido a fabrica de maquinas Sharp, Roberts e Co, pedindo-lhes que espi-cagassem o talento inventivo do Sr. Sharp²¹ sobre a construgao de um tear automatico «a fim de salvar esta industria da escravatura que a envenenava e da ruina que a ameagava».

No espago de alguns meses nasceu uma maquina que parecia dotada de cerebro, de sentimentos e do tacto de um operario experimentado. Foi assim que o **homem** de ferro, como lhe chamam os operarios, saiu das **maos** do moderno **Prometeu** sob a ordem de **Minerva**, criatura destinada a restabelecer a ordem nas classes industrials e a assegurar aos Ingleses a supremacia no dominio industrial. A noticia deste novo trabalho de Hercules

²⁰ No ano 494 antes da nossa era, o patricio romano M. Agrippa teria acalmado os plebeus revoltados contando-lhes a fabula dos membros e do estomago.

²¹ De facto, trata-se de Richard Roberts.

/

j

espalhou o terror nas associações de operários, e «antes mesmo de ter, por assim dizer, abandonado o bergo, ela estrangulou a hidra da anarquia»²².

fi assim que Ure demonstra que a invenção da máquina que permitia uma impressão simultânea em quatro ou cinco cores foi consequência das desordens que tinham estalado entre os impressores de tecidos de algodão e que os casos de insubordinação dos teelões nas oficinas de teelagem mecânica teriam tido por consequência a aparição de uma nova máquina de tecer mais aperfeiçoada, e cita ainda muitos outros casos²³. O mesmo Ure tortura-se, um pouco antes, durante dezenas e dezenas de páginas, para demonstrar que a maquinaria seria vantajosa para o operário! Alias, Ure não é o único; no relatório sobre as fábricas, o Sr. Ashworth, o industrial, e muitos outros ainda, não deixam passar a ocasião para dar livre curso a sua cólera contra estas associações operárias. Estes sábios burgueses agem exactamente como certos governos e veem na origem destes movimentos que não compreendem, a influência de agitadores mal intencionados, de espíritos maus, de demagogos, de trai-dores e de jovens; afirmam que os agentes custeados por estas associações têm interesse em fazer agitação por-que vivem disso; como se a burguesia não tornasse este subsídio necessário visto que ela não quer contratar estas pessoas!

A frequência inaudita destas paragens do trabalho e a melhor prova da extensão tomada pela guerra social em Inglaterra. Não passa semana nenhuma, quase dia nenhum, sem que uma greve estoure em qualquer parte — contra uma redução de salário, como a propósito da recusa de um aumento; porque se contrataram *knobsticks*; ou ainda porque o patrão se tinha recusado a por fim a abusos ou a melhorar instalações deficientes; ou porque foram introduzidas novas máquinas, ou por cem outros motivos, Estas greves não são, e verdade, senão escaramuças de postos avançados, por vezes também combates mais importantes; elas não decidem nada definitivamente mas são a prova mais segura que a batalha decisiva entre proletariado e burguesia se aproxima. São a escola de guerra dos operários, onde eles se preparam

²² Ure: **op. cit.**, p. 282, 366-367, 370.

²³ Ure: **Philosophy of Manufactures**, p. 366 e segs, (F.E:).

para o grande combate a partir de agora inevitável; sfil, os pronunciamentos de diferentes ramos de trabalho, que consagram a sua adesão ao grande movimento operário. E se compararmos de um ano para o outro os números do *Northern Star*, o único jornal que relata todos os movimentos do proletariado, constatamos que todos os operários da cidade e da indústria rural estão agrupados em associações e protestaram, uma vez ou outra, contra o domínio da burguesia com uma greve geral. E, como escola de guerra, são de uma eficácia sem igual. A valentia própria do inglês desenvolve-se aí. Diz-se no continente que os ingleses, e sobretudo os operários, são covardes, que são incapazes de fazer uma revolução, porque não se entregam todos os dias, como os franceses, a tumultos, porque suportam com tanta tranquilidade aparentemente o regime burguês²⁴. É absolutamente falso. Em coragem os operários ingleses não ficam atrás dos de nenhuma nação; são tão pouco pacíficos como os franceses mas combatem de outra maneira. Os franceses, que são essencialmente políticos, combatem os males sociais também no campo político; os ingleses, para quem a política não existe senão no interesse burguês, da sociedade burguesa, em vez de lutar contra o governo, lutam directamente contra a burguesia; e esta luta, para já, não pode ser eficaz senão por meios pacíficos. O marasmo económico e a miséria que se lhe seguiu provocaram em Lyon, em 1834, a insurreição pela República, e em 1842, em Manchester, a greve geral pela Carta do povo e por altos salários. Mas é evidente que um *turn-out* exige tanta coragem, e por vezes uma coragem muito maior, muito mais elevada, um espírito de decisão muito mais temerário, muito mais firme, do que um tumulto. Não é fácil para um operário que sabe por experiência o que é a miséria, ir ao seu encontro com a mulher e os filhos, suportar a fome e necessidades durante meses, e man-

²⁴ Carlyle, falando das insurreições de Manchester em *Past and Present* (1843, p. 14-15) escreve: «Blustowski, Colacorde e outros, manifestaram no recente tumulto de Manchester uma certa repugnância em se bater... talvez mesmo, no povo inglês, uma falta de coragem animal indispensável. Algumas centenas de soldados bem treinados chegariam para esmagar esta hidra de mil cabeças... Comparada com as nossas Insurreições de Lifo, de Varsóvia ou de outros sítios sem falar da incomparável cidade de Paris, presente ou passada... uma revolta de cordeirinhos... Pensemos, no entanto, de passagem, que a nossos olhos não foi uma revolta abortada, e, desde que há revoltas, houve poucas recentemente que tenham obtido tanto sucesso.

ter-se apesar de tudo firme e inquebrantável. O que é a morte, o que são as galeras que esperam o revolucionário francês, ao pé da fome lenta, ao pé do espectáculo quotidiano de uma família esfomeada, da certeza de que a burguesia um dia se vingará, que o operário inglês escolhe, no entanto, de preferência a submeter-se ao jugo da classe dominante? Daremos um pouco mais à frente um exemplo desta coragem obstinada e inflexível do operário inglês, que não cede à força senão quando toda a resistência se torna inútil e insensata. E é precisamente nesta tranquila paciência, nesta longa firmeza com que deve ultrapassar cem provas por dia, que o operário inglês mostra o aspecto do seu carácter que mais admiramos. Seres que suportam tanto para fazer vergar um só burguês estarão também à altura de quebrar a força da burguesia inteira. Mas mesmo além destes casos, o operário inglês deu mais uma vez provas da sua coragem. Se o *turn-out* de 1842 não teve outros resultados foi porque, por um lado, os operários tinham sido levados a isso pelos burgueses e porque, por outro, não viam muito claramente o objectivo e não estavam todos de acordo a este respeito. Mas apesar disso, deram frequentemente provas da sua coragem desde que se tratasse de fins *sociais* bem definidos. Sem falar na insurreição galesa ²⁵ de 1839, uma verdadeira batalha campal estalou em Manchester, em Maio de 1843, durante a minha estadia nesta cidade. Uma fábrica de telhas (Pauling e Henfrey) tinha, com efeito, aumentado as dimensões das telhas sem aumentar os salários e vendia evidentemente estas telhas maiores a um preço mais elevado ²⁶. Os operários a quem foi recusado um aumento abandonaram a fábrica e a associação dos operários deste ramo pôs esta firma no índice. Com grandes dificuldades esta conseguiu, no entanto, encontrar operários nos arredores fazendo apelo aos *knobsticks*, contra os quais a associação começou por utilizar a intimidação. A firma pôs doze homens a vigiar o pátio, todos antigos soldados ou policiais, e armou-os de espingarda. Mas logo que a intimidação se revelou ineficaz, um grupo de operários telheiros assaltou o pátio, uma noite, às dez horas, avançando em ordem de combate, com as primeiras filas armadas de espingardas,

²⁵ Engels escreve Walschen. (welche), manifestamente em vez de walsischen (galesa). Cf. David Williams. J. FROST: A Study in Chartism, 1939.

²⁶ Engels voltara a falar desta fábrica a propósito de uma greve, cf. p. 359 e segs.

ficando a fabrica a quatrocentos passos de uma caserna de infantaria ". Os operarios penetraram no patio e, logo que avistaram os guardas, fizeram fogo na sua direegao, calcaram as telhas hiimidadas, que estavam pousadas no ehao, derrubaram pilhas de telhas ja secas, demoliram tudo o que encontraram a sua passagem e penetraram no edificio onde parti-ram os moveis e maltrataram a mulher do vigilante que la morava. Entretanto os guardas eolocaram-se atras de uma sebe de onde podiam dis-parar com precisao sem serem incomodados. Os assal-tantes encontravam-se a frente de um forno de telhas aceso que projectava sobre eles uma luz viva, de tal mameira que cada bala dos seus adversarios acertava, enquanto cada tiro disparado por eles falhava o alvo. No entanto a fuzilaria durou mais de meia hora ate ao esgotamento das munigoes e ate atingirem o seu objectivo, ou seja, a destruigao de tudo que havia para destruir no patio. Depois a tropa chegou e os operarios retira-ram-se na direcgaao de Eocles (a tres milhas de Manchester). Um pouco antes de Eccles fez-se a chamada: cada homem foi chamado pelo mimero que tinha na sua secgao, depois todos se dispersaram, naturalmente, para cairem com toda a certeza nas maos da policia que acorria de todos os lados, O numero de feridos deve ter, sido muito elevado, mas so se soube o numero dos que foram presos a seguir. Um deles tinha apanhado tres tiros (na coxa, na barriga da perna e no ombro) e arrastou-se assim ao longo de mais de quatro milhas. Creio que se trata de pessoas que demonstraram que tern, elas tambem, coragem revolucionaria e nao temem uma saraivada de balas. Mas quando massas desarmadas, que nao sabem ao certo o que querem, sao mantidas em respeito em pragas cercadas por alguns soldados e jpolicias ocupando as saidas, como foi o caso em 1842, nao se trata de falta de coragem: a multidao tambem nao se teria mexido se os servidores da forga publica, quer dizer, da burguesia, nao estivessem la. Quando o povo tern qualquer objectivo preciso, mostra a coragem necessaria; como, por exem-plo, na altura do ataque a fabrica de Birley, que pos-terijormente teve de ser protegida por reforgos de arti-lharia ²⁵.

²⁷ No angulo de Cross Lane e de Regent Road. Ver o mapa de Manchester (F. E.).

²⁵ Cf. **Northern Star**, 27 de Maio de 1843 e 13 de Agosto de 1842.

solicitarem a opiniao deles sobre as questoes fundamentais, rodeiam essas pessoas de uma verdadeira adoracao. O cartista ingles e politicamente republicano, apesar de nunca ou so muito raramente empregar esse termo; alias, simpatiza com os partidos republicanos de todos os paises, mas prefere chamar-se *democrata*. No entanto, nao e simplesmente republicano; a sua democracia nao se limita ao piano politico.

O cartismo foi desde os seus inicios em 1835³² um movimento essencialmente operario, mas nao estava ainda nitidamente separado da pequena burguesia radical. O radicalismo operario avangava de maos dadas com o radicalismo burgues; a Carta era o seu *Schibboleth*³³ comum, todos os anos tinham as suas *convengoes nacio-nais* em conjunto; pareciam constituir um unico partido. Nessa altura a pequena burguesia parecia dotada de uma particular combatividade, queria sangue em virtude da decepcao que tinha tido perante os resultados do decreto da Reforma e os anos de crise economica de 1837 e 1839; a violencia da agitacao cartista estava portanto longe de lhe desagradar. Na Alemanha dificilmente se faz ideia desta violencia, O povo foi convidado a armar-se e frequentemente chamado abertamente a revolta; fabricaram-se lahgas como outrora no tempo da Revolugao Francesa e, em 1838, o movimento contava entre outros com um certo Stephens, pastor metodista, que declarou ao povo de Manchester em assembleia:

Voces nao tem nada a recear da forga do governo, dos soldados, das baionetas e dos canhoes de que dispem os vossos opressores; vocs tem um meio mais poderoso que tudo isto, uma arma contra a qual as baionetas e os canhoes nada podem. Um menino de dez anos pode manejar esta arma — so sao precisos alguns fosforos e um punhado de palha molhada em pez, e eu gostava de ver o que poderiam o governo e as suas centenas de milhares de soldados contra esta arma, se a utilizassem ousadamente³⁴.

³² Criou-se o costume de datar o nascimento do cartismo pela fundacao da **London Working Men's Association**, em 1836.

³³ Palavra hebraica. As pessoas de Galaad reconheciam as de Beraim pela pronuncia desta palavra e degolavam-nas imediatamente. Engels escreveu a palavra a alemã. Em ingles **Schibboleth** e uma palavra corrente, mais ou menos sinonima de **palavra de ordem**, **slogan**.

³⁴ Ja vimos como os operarios tomaram estas recomendaes a letra * (F. E.).

» Jf. G. J. HOLYOAKE: *Life of R. Stephens*, 1881, Cap. VII, p 112-131, e *Wigan Gazette*, 16 de Novembro de 1838.

Mas foi nesta mesma época que apareceu o carácter específico, *social*, do cartismo operário. O mesmo Stephens declara por ocasião de uma reunião de 200 000 pessoas no Kersal Moor, o *Mons Sacer* de Manchester que já mencionamos³⁵:

O cartismo, meus amigos, não é uma questão política, onde se trata de vos fazer obter o direito de voto ou qualquer coisa desse género. Não, o cartismo é uma questão de garfo e faca, a carta significa bom alojamento, comer bem e beber bem, bons salários e um curto dia de trabalho³⁶.

Por isso, desde esta época, os movimentos dirigidos contra a nova lei sobre os pobres e que reclamavam o decreto das dez horas estavam estreitamente ligados ao cartismo. Podemos ver o *tory* Oastler participar em todas as reuniões deste período e, além da petição nacional adoptada em Birmingham a favor da Carta do Povo, circularam centenas de petições pela melhoria social da situação dos operários. Em 1839, a agitação prosseguiu com a mesma intensidade e, quando começou a enfraquecer perto do fim do ano, Bussey, Taylor e Frost apressaram-se a desencadear simultaneamente uma revolta no norte de Inglaterra, no Yorkshire e no País de Gales. Frost foi forçado a começar demasiado cedo porque o seu empreendimento tinha sido revelado, e foi um fracasso. Os do norte tiveram conhecimento desse infeliz resultado a tempo de fazerem marcha atrás. Dois meses mais tarde, em Janeiro de 1840, várias revoltas chamadas *'policmis (Spy-outbreaks)*³⁷, estalaram em Sheffield e Bradford, no Yorkshire, depois a agitação acalmou-se pouco a pouco. Entretanto, a burguesia lançou-se em projectos mais práticos e vantajosos para si, particularmente as leis sobre os cereais³⁸. A associação

³⁵ A expressão seria de um certo Croker (Quarterly Review, Dezembro de 1842, vol. 71, p. 268 e 175).

³⁶ Engels abrevia a citação e não menciona a ovação que esta célebre declaração recebeu. Northern Star, 29 de Setembro de 1838.

³⁷ Chamavam-se revoltas policiais aos confrontos entre cartistas e polícias que, de facto, eram causados por provocadores e tiveram por consequência, em Sheffield, Bradford e outros locais, a prisão de dirigentes e membros do movimento operário.

³⁸ Este texto dos Plug Plot Riots de 1842 inspira-se na Quarterly Review de Dezembro de 1842 (vol. 71, p. 244-314), artigo

contra a lei sobre os cereais criou-se em Manchester e teve como consequência o afrouxamento dos laços entre a burguesia radical e o proletariado. Os operários depressa compreenderam que a abolição da lei sobre os cereais não seria para eles de grande benefício enquanto que, pelo contrário, seria muito vantajosa para a burguesia; e por isso foi impossível conquistar a sua adesão a este projecto.

A crise de 1842 rebentou. A agitação voltou com tanta violência como em 1839. Mas desta vez a rica burguesia industrial, que muito sofreu com esta crise, participou nela. A Liga contra a lei sobre os cereais, tal era presentemente o nome da associação fundada pelos industriais de Manchester³⁹, manifestou tendência para o extremismo e para a violência. Os seus jornais e propagandistas utilizavam uma linguagem abertamente revolucionária que, em parte, também se explicava porque o partido conservador estava no poder desde 1841. Agora eles apelavam sem rodeios à revolta, como anteriormente tinham feito os cartistas; quanto aos operários, que eram quem mais sofria com a crise, também não ficaram inactivos, como nos mostra a petição nacional desse ano, com os seus três milhões e meio de assinaturas. Em resumo, embora os dois partidos radicais se mantivessem afastados um pouco, aliaram-se de novo. A 15 de Fevereiro de 1842⁴⁰, por altura de uma reunião de liberais e cartistas em Manchester, foi redigida uma proclamação reclamando a abolição das leis sobre os cereais como a entrada em vigor da carta, que foi adoptada no dia seguinte pelos dois partidos. A Primavera e o Verão passaram-se numa agitação muito intensa, enquanto a miséria se agravava. A burguesia estava decidida a aproveitar a crise, a miséria que se lhe seguia⁴¹ e a excitação geral para impor a abolição das leis sobre os cereais. Desta vez, enquanto os conservadores estavam no poder, a burguesia liberal aboliu metade da sua própria legisla-

redigido pelo conservador Croker. Engels não assistiu pessoalmente a estes motins como pensa E. HALÉVY: *A era de Peel e Cobden: História do Povo Inglêss, 1841-1852*, p. 22. O próprio Robert Peel, então primeiro-ministro, leu as provas do artigo de Croker.

³⁹ Desde 1839.

⁴⁰ Para ser preciso, no dia 14 (Cf. *Northern Star*, 19 de Fevereiro de 1842. Engels fornece a data errada da *Quarterly Review*, Dezembro de 1842, p. 270).

⁴¹ Na edição de 1892 lê-se simplesmente «da crise da miséria e de...».

lidade; queria fazer a revolução com os operários. Queria que os operários tirassem as oastanhasi do lume em seu lugar e queimassem os dedos a bem da burguesia. De diversos lados reapareceu a ideia outrora lançada pelos eartistas dum «mes sagrado», duma greve geral de todos os operários. Mas desta vez, não eram os operários que queriam parar o trabalho: eram os industriais que queriam fechar as fabricas, enviar os operários para as comunas rurais, para as propriedades da aristocracia para assim forgarein o parlamento conservador e o governo a abolirem os direitos alfandegarios sobre os cereais, Naturalmente resultaria dai uma revolta mas, em caso de insucesso, a burguesia estava em seguranga na reta-guarda, e podia esperar o desfecho sem se comprometer. Pelo fim do mes de Julho, os negocios eomegaram a correr melhor; era a altura ideal, e para não deixar escapar a occasiao, tres fabricas de Stalybridge baixaram entao os salaries *num periodo favorvel da conjuntura ec&nomica* (cf. os relatorios comereiais de Manchester e de Leeds, do fim de Julho e do principio de Agosto)⁴². Se agiram por sua propria iniciativa on de acordo com os outros industriais, e principalmente com a Liga, não o sei. Duas delas reeuaram, mas a terceira, a firma William Bayley e Irmaos, aguentou firme e respondeu aos protestos dos operários dizendo que se não estavam contentes, talvez fosse melhor irem dar uma volta por algum tempo.⁴³ Os operários acolheram estas propostas aronicas com vivas, deixaram a fabrica e percorreram a localidade eon-vidando todos os operários a pararem o trabalho. Em poucas horas, todas as fabricas pararam, e os operários dirigiram-se em cortejo a Mottram Moor para ai reali-zarem urn comicio. Foi no dia 5 de Agosto. No dia 8, uma coluna de 5 000 homens dirigiu-se para Ashton e Hyde, pararam ai todas as fabricas e minas e realizaram reunioes, onde se tratou não da questao da aboligao da lei sobre os cereais, como esperava a burguesia, mas «dum salario diario justo para trabalho diario justo» (*a fair day's wages for a fair day's work*)⁴⁴. A 9 de Agosto dirigiram-se a Manchester, onde *as autoridades*, que eram todas liberais, os *deixaram entrar*, e pararam as fabricas; a 11, estavam em Stockjport, e so ai depa-

⁴² **Quarterly Review**, Dezembro 1842, p. 185-186 e **Manchester**

Guardian, Julho-Agosto de 1842.

⁴³ Quarterly Keview, p. 291-292.

⁴⁴ F6rmula do reverendo **J. R. Stephens**, **Northern Star**, 10 de Novembro de 1838.

raram com uma certa resistencia quando tomaram de assalto a *Cam do Trabalho*, essa filha querida da burguesia. No mesmo dia Bolton era teatro de uma greve geral e de motins, aos quais as autoridades tambem nao se opuseram. Em breve a revolta se alargou a todos os distritos industriais e toda a actividade cessou, exeepcto o recomego das colheitas e a preparagao dos generos alimenticios. Contudo, os operarios revoltados nao come-teram excesses. Tinham sido empurrados para essa revolta sem, na verdade, o quererem. Os industriais, inteira-mente *contra os seics hdbitos*, nao se tinham oposto a esta greve, com excepcao de um unico: o *tory* Birley, de Manchester. Os acontecimentos tinham prineipiado sem que os trabalhadores tivessem um objectivo preciso. Era por isso que todos estavam de aeordo em nao se deixa-rem matar em beneficio dos patroes, partidarios da abo-ligao das leis sobre os cereais. Alem disso, uns queriam impor a Carta do Povo, enquanto que outros, julgando prematuro este empreendimento, procuravam simples-mente assegurar as tabelas de salarios de 1840. Foi isto o que causou o reves de toda a insurreigao. Se ela tivesse sido desde o principio uma insurreigao operaria cons-ciente e desejada teria realmente resultado; mas estas multidoes langadas para a rua pelos patroes, sem o terem querido, sem um fim determinado, nada podiam fazer. Entretanto a burguesia, que nao tinha mexido uma palha para por em pratica a alianga de 15 de Fevereiro, cedo compreendeu que os trabalhadores recusavam tornar--se nos seus instrumentos, e que a maneira logica com que se tinham afastado do seu ponto de vista *legal* punha-a agora a ela propria em perigo. Voltou entao a sua legalidade de outrora e colocou-se ao lado do governo contra os trabalhadores que ela propria tinha incitado a rebeliao e em seguida empurrado para a revolta. Os bur-gueses e os seus fieis servidores prestaram juramento na qualidade de policias especiais (ate os negociantes alemaes de Manchester tomaram parte nesta mascarada) e pavonearam-se sem torn nem som na cidade com os cacetes na mao e de cigarros nos labios. A burguesia mandou atirar sobre o povo em Preston, e e assim que esta revolta popular, sem objectivos, *chocou*, de repente, nao so com as forgas, militares governamentais mas tambem com toda a classe possuidora. Os trabalhadores, que, de resto, nao tinham um objectivo preciso, separaram-se e a insurreigao extinguiu-se a pouco e pouco sem graves consequencias. Seguidamente a burguesia continuou a

cometer infamia sobre infamia, procurou lavar-se expressando, frente a violenta intervenção popular, um horror que estava em desacordo com a linguagem revolucionária que usara na Primavera; atirou com a responsabilidade da insurreição para os *agitadores* cartistas, embora tivesse feito muito mais do que eles para por de pé esta insurreição; e retomou o seu ponto de vista de outrora, o respeito sacrossanto da legalidade, com um descaramento sem igual. Os cartistas, que quase não tinham participado na revolta, e que apenas tinham feito o que a burguesia também tivera a intenção de fazer, isto é, tirar proveito da ocasião, foram julgados e condenados enquanto que a burguesia se escapou sem prejuízo, vendendo com vantagem os velhos *stocks* durante a paragem do trabalho⁴⁵.

A separação total entre a burguesia e o proletariado consumou-se e isso foi fruto da insurreição. Até este momento, os cartistas não tinham guardado segredo da sua intenção de fazerem aprovar a carta por todos os meios, incluindo a revolução. A burguesia que compreendia agora subitamente o perigo que, para a sua situação, continha qualquer subversão violenta, não queria ouvir falar mais de *força física* e pretendia realizar os seus designios unicamente pela *força moral* — como se esta não fosse outra coisa senão uma ameaça directa ou indirecta de recurso a força física. Este foi o primeiro motivo de litígio, afastado no entanto, na sua essência, pela afirmação ulterior dos cartistas (que também são tão dignos de fé como a burguesia liberal) que declaram não quererem, eles também, recorrer mais a *força física*. Mas o segundo ponto litigioso, o mais importante, o que fez aparecer o cartismo em toda a sua pureza, foi a questão da lei dos cereais. A burguesia radical estava interessada nela, mas o proletariado não. O partido cartista separou-se então em duas partes, cujos princípios políticos declarados concordam perfeitamente, mas que são, no entanto, inteiramente diferentes e inconciliáveis. Por altura da convenção nacional de Birmingham, em Janeiro de 1843, *Sturges*, o representante da burguesia radical, propôs riscar a palavra *Carta* dos estatutos da Associação cartista, com o pretexto de que esta palavra estaria ligada, por causa da insurreição, a recordações revolucionárias violentas — coisas que, de resto, datavam já de há muitos anos, e aos quais o Sr. Sturges até então

⁴⁵ Quarterly Review, p. 304-305.

nao tinha tido nada a objectar. Os trabalhadores nao quiseram abandonar este nome e quando Sturge foi batido na votagao, este Quaker tornou-se de repente um subdito leal, deixou a sala na companhia da minoria e fundou uma *Complete Suffrage Association* formada por burgueses radicals. Estas recordagoes tinham-se tornado tao odiosas a este burgues, ainda na vespera jacobino, que ehagou a mudar a expressao sufragio universal (*universal suffrage*) por esta locugao ridicula: «sufragio completo» (*complete suffrage*). Os operarios riram-se dele e prosseguiram o seu caminho.

A partir deste momento o cartismo tornou-se uma causa puramente operaria, libertada de todos os elementos burgueses. Os jornais «completos» — *Weekly Dispatch*, *Weekly Chronicle*, *Examiner*, etc., sogobram a pouco e pouco no estilo soporifico dos outros jornais liberals, defenderam a causa da liberdade do comercio, atacaram a lei das dez horas e todas as mogoes exclusivamente operarias, no fim de contas pouco mostrando o seu radicalismo. Em todos os conflitos a burguesia radical aliou-se aos liberais contra os cartistas e, de uma inaneira geral, fez da lei sobre os cereais—que e para os ingleses a questao da livre concorrencia — a sua preocupagao principal. Caiu assim sob o jugo da burguesia liberal e desempenha actualmente um dos papeis mais lamentaveis.

Os operarios cartistas, por sua vez, tomaram parte com um ardor redobrado em todos os combates do proletariado contra a burguesia. A livre concorrencia fez tanto mal aos operarios que passou a ser objecto do odio destes; os seus representantes, os burgueses, sao seus inimigos declarados. O operario so tern desvantagens em esperar por uma liberalizagao total da concorrencia. As reivindicagoes que formulou ate ao presente: lei das dez horas, protecgao do operario contra o capitalista, bom salario, situagao garantida, abolicao da nova lei sobre os pobres, todas exigencias que sao elementos do cartismo, pelo menos tao essenciais como os «seis pontos», vao directamente contra a livre concorrencia e a liberdade do comercio. Nao nos surpreende — e e o que a burguesia inglesa nao pode compreender — que os operarios nao queiram ouvir falar de livre concorrencia, de liberdade do comercio e de abolicao das leis sobre os cereais e que mostrem indiferenga quanto a esta ultima, mas que, pelo contrario, mostrem a mais viva animosidade pelos seus defensores. Esta questao e precisamente o ponto em que o proletariado se separa da burguesia, e o cartismo

do radicalismo: a mente dum burgues não poderia compreender-la porque não pode compreender o proletariado. Mas também é nisto que reside a diferença entre a democracia cartista e tudo o que foi até aqui a democracia política burguesa. «A natureza do cartismo é essencialmente social»⁴⁶. Os «seis pontos», que são aos olhos do burgues o *nee plus ultra* que deve quando muito acarretar algumas modificações da constituição, não são para o proletariado senão um meio. «O nosso meio é o poder político; a nossa finalidade é a felicidade social». Esta é a palavra de ordem dos cartistas, claramente formulada. A *questão da garfo e da faca* do pregador Stephens só representava uma verdade aos olhos dum cartista de 1838; em 1845, todos sabem que ela é verdadeira. Entre os cartistas não há um único homem que seja só político. E, se bem que o seu socialismo ainda esteja muito pouco evoluído, se bem que o meio principal na luta contra a miséria seja até a data o parcelamento da propriedade fundiária⁴⁷ (*allotment system*), já ultrapassado pelo aparecimento da indústria (cf. Introdução), se bem que, em resumo, a maior parte dos seus projectos práticos (protecção aos operários, etc) sejam aparentemente de natureza reaccionária, estas medidas implicam, por um lado, a necessidade ou de cair sob o jugo da concorrência e de recriar o estado de coisas existente, ou de conseguir a abolição da concorrência. Por outro lado, a imprecisão actual do cartismo, a cisão que o separou do partido puramente político, exige precisamente que continuem a ser desenvolvidas as *características destrutivas* do cartismo, que residem na sua orientação social. A identificação com o socialismo é inevitável, sobretudo quando a próxima crise orientar os operários, devido a miséria, cada vez mais para os meios sociais em vez dos meios políticos. E essa crise aparecerá obrigatoriamente a seguir a prosperidade actual da indústria e do comércio, o mais tardar em 1847⁴⁸, mas muito possivelmente a partir do próximo ano, crise que ultrapassará de longe, em violência e em intensidade, todas as precedentes. Os operários hão-de impor a sua carta: é normal; mas

⁴⁶ A tradução inglesa de 1887 (da Sr.^a F. K. Wischnewetzky) dizia «um movimento de classe»: sabe-se que a tradução tinha sido aprovada por Engels.

⁴⁷ Alusão aos planos agrários de O'Connor. Cf. Mark HOWELL p. 267-284.

⁴⁸ (1892): deu-se exactamente na data prevista. (F. E.).

daqui até lá, dar-se-ão conta, claramente, de muitas coisas que podem impor com a ajuda da Carta e que actualmente ainda ignoram em grande parte.

Entretanto a agitação socialista também progride. Consideramos aqui o *socialismo* inglês apenas na medida em que exerce uma influência sobre a classe operária. Os socialistas ingleses reclamam a instauração progressiva da comunidade de bens em «colónias»⁴⁹ de 2 a 3 000 pessoas, praticando a indústria e a agricultura e gozando dos mesmos direitos e da mesma educação. Preconizam uma simplificação das formalidades do divórcio e a instituição de um governo racional, garantindo uma total liberdade de opinião e a abolição das penas que seriam substituídas por um tratamento racional dos delinquentes. Tais são as suas propostas práticas. Os seus princípios teóricos não nos interessam aqui. Na origem do socialismo está um industrial, Owen⁵⁰, e é por isso que, se bem que no fundo ultrapasse a oposição proletariado--burguesia, dá provas, na sua forma, de uma grande indulgência para com a burguesia e de uma grande injustiça para com o proletariado.

Os socialistas são gentis e pacíficos; consideram justificado o actual estado de coisas, por mais deplorável que ele seja, na medida em que reprovam qualquer outro caminho que não seja o da persuasão da opinião pública. Contudo são ao mesmo tempo tão abstractos, que a forma actual dos seus princípios nunca lhes permitira convencer essa opinião pública. Por outro lado, não cessam de lamentar a imoralidade das classes inferiores, não veem qualquer elemento progressista nesta desagregação da ordem social e não pensam sequer que a imoralidade provocada pelo interesse privado e a hipocrisia é bem pior nas classes possuidoras. Não admitem a evolução histórica, e por isso que-rem mergulhar a nação imediatamente no estado comunista, sem esperar, sem prosseguir na política actual até ao momento em que ela se dissolva por si própria⁵¹. Comprendem porque razão os operários estão contra os burgueses, mas consideram que esta colera, que é, no entanto.

⁴⁹ Home Colonies (que Engels traduzia por **Heimatskolonien**) era o nome dado por Owen às comunidades que queria fundar.

⁵⁰ Robert Owen (1771-1858): socialista utópico. Baseando-se nas suas experiências de fabricante, chega a uma espécie de socialismo utópico. Tentou seguidamente fundar na América colónias comunistas que fracassaram. Cf. Margaret Cole: **Robert Owen of New Lanark**, 1954.

⁵¹ Nas edições inglesas de 1887 e de 1892, lê-se up to **the**

o unico meio de fazer progredir os operarios, e infecunda e pregam uma filantropia e urn amor universal ainda mais esteril para a presente situagao na Inglaterra. Admi-tem apenas a evolugao psicologica, a evolugao do homem abstracto, sem qualquer laco com o passado, embora o mundo inteiro repouse sobre este passado e o individuo tambem. Por isso sao demasiado eruditos, demasiado metafisicos, e poueo fazem. Recrutam-se em parte na classe operaria, da qual atrairam poucos elementos, mas que sao, na verdade, os espiritos mais cultivados e as personalidades mais firmes. Na sua forma actual, o socialismo nao podera jamais tornar-se o patrimonio de toda a classe operaria; tera mesmo de recuar algum tempo e eolocar-se no ponto de vista cartista. Mas o socialismo autenticamente proletario, que tera passado pelo car-tismo, depurado dos elementos burgueses, tal como se desenvolve ja hoje em numerosos socialistas e em nume-roços dirigentes cartistas (que sao quase todos socialistas)⁵², assumira certamente, e dentro em pouco, um papel importante na historia do povo ingles. O socialismo ingles que, pelas suas bases, ultrapassa de longe o comu-nismo francees, mas que no seu desenvolvimento⁵³ per-manece muito mais atrasado, devera retroceder durante algum tempo ao ponto de vista frances, para depois o ultrapassar. Daqui ate la, sem diivida, os franceses, por sua vez, tambem hao-de fazer progressos. O socialismo e, ao mesmo tempo, a expressao mais categorica da irre-ligiosidade que reina entre os operarios, que sao incons-cientemente irreligiosos, que o sao na vida pratica mas hesitam muitas vezes perante o caracter cortante desta expressao. Iguamente sobre este ponto a necessidade constringera os operarios a abandonar uma fe que cada vez melhor compreendem servir apenas para fazer deles seres fracos e submissos a. sua sorte, doceis e fieis a classe possuidora.

Vemos, portanto, que o movimento operario esta dividido em duas faccoes: os cartistas e os socialistas. Os cartistas estao mais atrasados, menos evoluidos, mas em contrapartida sao autentica e fisicamente os repre-

point at which this transition becomes possible and necessary...
 (...ate ao **ponto** em **que** a transformagao se **torne**
possivel e necessaria...).

⁵² (1892) Socialistas naturalmente **em sentido lato, e nao**
 no sentido oweniano da palavra. (F. E.).

⁵³ Nas edigoes **inglesas de 1887 e 1892: Desenvolvimento**
tedrico.

sentantes validos do proletariado. Os socialistas veem mais longe, propoem medidas praticas contra a miseria, mas sairam, na origem, da burguesia e por isso sao inca-pazes de se amalgamarem com a classe operaria. A fusao do socialismo com o cartismo, a reconstituicao do comunismo trances em moldes ingleses, sera a proxima etapa, e ela ja comegou. So quando estiver realizada e que a classe operaria sera o verdadeiro *lider* intelectual da Inglaterra. Entretanto, a evolucao social e politica pros-seguira, favorecendo o nascimento deste novo partido, deste novo arranque do cartismo.

Estas diferentes fracgoes operarias, que por vezes conjugam os seus esforcos e outras vezes agem separadamente (membros das associaoes, cartistas e socialistas), criaram por seus proprios meios um grande numero de escolas e de salas de leitura para elevar o nivel intelectual do povo. Todas as instituicoes socialistas e quase todas as instituicoes cartistas possuam um estabelecimento deste genero, e muitas associaoes profissio-nais os possuem igualmente. Dao as criangas uma educao verdadeiramente proletaria, isenta de todas as influencias burguesas, e nas salas de leitura encontram-se, exclusivamente ou quase, jornais e livros proletarios. Estes estabelecimentos representam um grave perigo para a burguesia que conseguiu subtrair um certo numero de institutos deste genero, as *Mechanics' Institutions*⁵⁴, a influencia do proletariado e transforma-los em instrumentos destinados a espalhar entre os operarios conhecimentos lites a burguesia. Ensinam ai as ciencias da natureza que distraem os operarios da luta contra a burguesia, e dao-lhes talvez os meios de fazerem descobertas que tragam dinheiro aos burgueses, se bem que o conhecimento da natureza nao tenha *actualmente* qualquer utilidade para o operario pois muitas vezes nem sequer tern occasiao de ver a natureza na grande cidade onde vive, agambarcado como esta pelo trabalho prolongado. Ensina-se tambem economia politica, cujo idolo e a livre concorrencia e donde resulta para o operario que nao

⁵⁴ Escolas nocturnas onde se dava aos operarios uma formacao geral e por vezes tecnica. As primeiras foram fundadas em Glasgow (1823) e Londres (1824). No principio dos anos 40, contavam-se em Inglaterra mais de 200 estabelecimentos deste genero, principalmente nas cidades industriais do Lancashire e do Yorkshire. Naturalmente, a burguesia servia-se destas escolas para formar os operarios qualificados de que necessitava e influencia-los num sentido favoravel aos seus interesses.

[pode fazer nada mais razoavel do que morrer de fome com uma calma resignagao. Qualquer educagao que ai ministrem tende a torna-lo docil, servil relativamente a politica e a religiao reinantes, de tal modo que se trans-forma para o operario numa continua exortagao a obe-diencia tranquila, a passividade e a submissao ao seu destino.

Naturalmente, a grande massa dos operarios nao quer ouvir falar destes institutos e dirige-se as salas de leitura proletarias; orienta-se para as discussoes sobre as relagoes sociais, que a interessam directamente; entao, a burguesia, na sua presungao, pronuncia o seu *dixi et salvavi*⁶⁵ e afasta-se com desprezo duma classe que «a uma educagao seria, prefere os escandalos violentos e apaixonados de demagogos mal intencionados». De resto, as numerosas e concorridas conferencias sobre assuntos scientificos, esteticos e economicos que se organizam mui-tas vezes em todos os institutos proletarios, sobretudo nos institutos socialistas, demonstram que os operarios tambem gostam de uma «educagao seria», desde que esta nao esteja misturada com os interesses da burguesia. Ouvi muitas vezes operarios, cujas vestes de veludo estavam em farrapos, falarem de geologia, astronomia e de outras coisas com mais conhecimentos sobre estes assuntos do que muitos burgueses alemaes cultos. E o que mostra a que ponto o proletariado soube adquirir uma cultura propria, e que as obras modernas de filosofia, politica e poesia que marcam uma epoca sao lidas quase unica-mente pelos operarios. O fourgues, criado servil do regime social existente e dos preconceitos que ele implica, assus-ta-se e benze-se perante tudo o que e susceptivel de cons-tituir progresso. O proletariado tern os olhos abertos para todo o progresso e estuda-o com prazer e sucesso. Sobretudo os socialistas deram, neste aspecto, uma con-tribuigao incomensuravel a cultura do proletariado. Tra-duziram os materialistas franeeses: Helvetius, d'Holbach, Diderot, etc., e difundiram-nos em edigoes baratas, ao lado das melhores obras inglesas⁵⁰. *A vida, de Jesus* de Strauss⁵⁷ e *A propri&dade* de Proudhon⁵⁵, tambem so se

⁶⁵ Falei e salvei-me. A citagao completa e: **dixi et salvavi animam meam** (falei e salvei a minha alma).

⁶⁶ The New **Moral World**, o jornal de **R. Owen**, recomendava aos seus leitores Queen **Mab** de Shelley, **Le contrat Social**, de J. J. Rousseau e o **System© de la nature** de D'Holbach.

⁶⁷ Num artigo sobre a Inglaterra publicado na revista de Marx e Ruge, os **Deutsch-Franzosische Jahrbucher**, 1844, 1, II,

espalharam entre o proletariado. Shelley, o genial e pro-fetico Shelley, e Byron com o seu ardor sensual e a sua Satira azeda da sociedade existente eontam a maioria dos seus leitores entre os trabalhadores; os burgueses possuem apenas edicoes expurgadas, as *family editions*, que foram moldadas ao gosto da moral hipo-crita vigente. Os dois maiores filosofos praticos destes ultimos tempos, Bentham e Godwin, tambem sao, sobretudo o ultimo, propriedade quase exclusiva do proletariado. Se bem que Bentham tambem tenha feito escola entre a burguesia radical, so o proletariado e os socialistas conseguiram retirar um ensinamento progressista da sua doutrina. Sobre estas bases, o proletariado constituiu uma literatura propria, composta principalmente por brochuras e jornais cujo valor ultrapassa de longe o conjunto da literatura burguesa. Voltaremos a falar disso. E preciso fazer ainda uma observacao: os operarios da industria, e principalmente os dos distritos algodoeiros, constituem o centro motor dos movimentos operarios. O Lancashire, e principalmente Manchester, sao a sede das associacoes operarias mais poderosas, o centro do cartismo, a regio que conta com mais socialistas. Quanto mais o sistema industrial invade um ramo, mais os operarios participam no movimento, mais agudo e o antagonismo entre operarios e capitalistas, mais desenvolvida e arguta esta, a consciencia proletaria do operario. Se bem que os pequenos patroes de Birmingham tambem sejam vitimas das crises, estao numa posicao falsa, a meio caminho entre o cartismo do proletariado e o radicalismo dos comerciantes. Mas, em geral, todos os operarios da industria resistem, de uma maneira ou de outra, contra o capital e a burguesia; e sao unanimes em pensar que constituem, enquanto *Working men* — titulo do qual estao orgulhosos e apostofe pela qual comecam, geralmente, as reunioes cartistas — uma classe especifica que possui interesses e principios proprios e concepcoes particulares face a todos os possuidores e, ao mesmo tempo, que neles reside a forca e a faculdade de desenvolvimento da nação.

Engels afirmava que nenhum editor «respeitavel» se encarregaria da tradugao de A vida de Jesus. Henry Hetherington (1792-1849), militante socialista, traduziu-a a partir da versao francesa de Littré (1839), dedicada aos operarios de Manchester, Birmingham e Londres. Só em 1846 apareceu a tradugao oficial em tres volumes, devida a futura romancista George Eliot.

⁵⁸ Qu' est-ce que la propriety? apareceu em 1840; traduzido para ingles em 1846.

O PROLETARIADO DAS MINAS

Fornecer a uma industria tao colossal como a mglesa as materias-primas e os combustiveis de que necessita requer uma mao-de-obra consideravel. No que diz respeito as materias indispensaveis a industria, a Inglaterra nao produz—para alem da la, que ressalta na produgao dos distritos agricolas— senao os minerals, metais e hulha. Enquanto que a Cornualha possui ricas minas de ■cobre, de estanho, de zinco e de chumbo, o Staffordshire, o Pais de Gales do Norte e outros distritos fornecem grandes quantidades de ferro e quase todo o Norte e Oeste de Inglaterra, Escocia Central e alguns distritos da Irlanda sao altamente ricos em hulha \

Nas minas de carvao da Cornualha trabalham, quer no fundo quer a superficie, cerca de 19 000 homens e 11 000 mulheres e crianc,as. Mas nas minas propriamente ditas quase so ha homens e criangas com mais de 12 anos. Segundo o *Children's Employment Report*, a situa-gao material destes operarios parece ser bastante supor-

¹ Segundo o recenseamento de 1841, o ntimero de oper&rios empregados nas minas da Gra-Bretanha (Irlanda nao incluida) € o seguinte:

tavel¹, e os ingleses gostam de se vangloriar dos seus jovens mineiros da Cornualha, audaciosos e vigorosos, que seguem os veios de minerio ate abaixo do fundo do mar. No entanto o *Children's Employment Report* tern outra apinio acerca da robustez destas pessoas. Derctons-tra, no inteligente reiatorio do Dr. Barham³, que a inspiragaioi do ar do fundo das minas, pobre em oxigenio e saturado de poeiras e de funno produzido pela polvora dos explosivos, afeeta gravemente os pulmoes, provoca perturbagoes nas fungoes cardiacas e altera o aparelho digestivo. Mostra ainda que o trabalho muito fatigante, e prineipalmente o facto de subir e descer as escadas —to que em certas minas acontece aos jovens vigorosos, pelo menos uma hora, todos os dias antes e depois do trabalho — contribui em grande parte para o desenvol-vimentos destes males, e que, por esta razao, os homens que Oomegam a trabalhar muito eedo nas minas nao atingem, nem de longe, o desenvolvimento fisico corres-pendente ao das mulheres que trabalham a superficie;

	HOMENS		MULHERES		Total
	mais de 20 anos	menos de 20	mais de 20 anos	menos de 20	
Minas de carvao					
Minas de cobre					
Minas de chumbo					
Minas de ferro	83 408	32 475	1185	1165	118 233
Minas de estanho	9 866 9	3 428	913	1200	15 407
Minas diversas ou para as quais o mineral ex-traido nao e especificado	427 7	1932 2	40	20	11419
TOTAL	773 4	679	424	73	10 949
	602	1349	68	82	6101
	24162	6 591	472	491	31716
	139	48 454	3 102	3 031	193 825
	238				

Como as minas de carvao e de ferro sao muitas vezes exploradas pelas mesmas pessoas, e necessario acrescentar ao numero de trabalhadores nas minas de ferro uma parte dos mineiros de carvao, e ainda uma parte consideravel dos mencionados na rubrica Minas diversas. (F. E3.) [G. R. Porter: *The Progress of the Nation*, 1851, p. 79].

² Child. Emp. Com.: 1st Report, Mines, 1842, III, pp. 203-255.

³ Appendix ...Minas, pp. 731-820.

demonstra que muitos morrem jovens de tuberculosa galopante e a maior parte na meia-idade, devido a tuberculose lenta; envelheem prematuramente e tornam-se inaptos para o trabalho entre os 35 e 45 anos, e muitos, passando quase sem transição do ar quente do pogo (depois de terem transpirado abundantemente durante a penosa escalada da escada) para o ar frio da superfície contraem inflamações agudas nas vias respiratórias já doentes, que são frequentemente mortais. O trabalho a superfície, a trituração e a seleção dos minérios, e feito pelas raparigas e pelos rapazes e é descrito como muito salutar porque se efectua ao ar livre.

No norte de Inglaterra, no limite dos Condados de Northumberland e de Durham, encontram-se as importantes minas de chumbo de Alston Moor. Os relatórios provenientes desta região — igualmente no *Children's Employment Report*, relatório do comissário Mitchell — concordam com os da Cornualha. Também aí se queixam de falta de oxigénio, de excesso de poeiras, de fumo da pólvora, de ácido carbónico e de gás sulfuroso nas galerias. Por esta razão, estes mineiros, tal como os da Cornualha, são de pequena estatura e, desde a idade dos 30 anos, sofrem quase todos de afecções pulmonares que acabam por degenerar em tuberculose, sobretudo se continuam a trabalhar — o que acontece quase sempre; daí uma baixa muito nitida na média de vida destas pessoas. Se os jovens mineiros desta região vivem um pouco mais tempo que os da Cornualha, isto deve-se ao facto de só começarem a descer ao fundo com 19 anos enquanto que os outros, como vimos, começam aos 12 anos. No entanto, também aí a maioria dos mineiros morre entre os 40 e os 50 anos. Em 79 mineiros cujo falecimento está mencionado no registo civil do distrito, e que morreram em média aos 45 anos⁴, 37 faleceram de tuberculose e 6 de asma. Nas localidades dos arredores: Allendale, Stanhope e Middleton, a longevidade alcançava respectivamente 49, 48 e 47 anos em média, e os falecimentos devidos a afecções pulmonares representavam respectivamente 48,

⁴ **Ch. E. Corn. Appendix**, Minas II, 1843, p. 751. O Dr. Mitchell precisa que destas 79 pessoas, 4 jovens raparigas de menos de 19 anos só irregularmente trabalhavam na mina.

54 e 56 % do total⁵. Não podemos esquecer que todos estes dados estatísticos dizem respeito exclusivamente aos mineiros que não começaram a trabalhar antes dos 19 anos. Comparemos agora estes números, a que chamam estatística sueca — estatísticas detalhadas da mortalidade para todos os habitantes da Suécia — que são consideradas em Inglaterra como o critério até hoje mais exacto da longevidade média da classe trabalhadora inglesa⁶. Segundo elas, os indivíduos do sexo masculino que passaram os 19 anos atingem em média os 57 anos e meio, concluindo nos daí que a existência dos mineiros do norte de Inglaterra sofre em média uma redução de 10 anos devido ao trabalho. No entanto, as estatísticas suecas têm como ponto de comparação a longevidade dos trabalhadores, apresentando um quadro de probabilidades de sobrevivência nas condições em que o proletariado vive, que são, de qualquer modo, desfavoráveis e por consequência indicam já uma longevidade inferior a normal. Nestas regiões, encontramos os albergues e os asilos nocturnos, que já encontramos nas grandes cidades, e que estão pelo menos no mesmo estado de sujeira repugnante e com a mesma superlotação de pessoas. Mitchell visitou um destes dormitórios que media seis metros de comprimento e cinco de largura e preparado para acolher 42 homens e 14 rapazes, ou seja 56 pessoas em 14 camas", metade das quais estavam dispostas, como num navio, umas por cima das outras. Não havia abertura para a renovação do ar viciado; se bem que ninguém lá tivesse dormido durante 3 noites, o odor e a atmosfera eram tais que

⁵ O que dá o quadro seguinte para o período de 1 de Julho de 1837 a 30 de Junho de 1841:

Allendale Stanhope	falecimento de mineiros de mais de 19 anos	longevidade média	falecimento por tuberc. e asma	percentagens
Middleton	79	48	38	48
	129	49	70	54
	57	47	32	56

" Cf. James Bonar: **Malthus and his work**, 1885, p. 72. ' A média era, segundo o Dr. Mitchell, de 30 a 40 pessoas por quarto. **Appendix...** Mmas II, 1842, pp. 740-742.

Mitchell não os conseguiu suportar durante um curto instante sequer. Como será isto numa noite quente de verão com 56 pessoas! E não se trata do porão dum navio de escravos americanos, mas da habitação de «Britânicos nascidos livres».

Passemos agora aos ramos mais importantes da indústria mineira inglesa, as minas de ferro e de carvão, de que o *Children's Employment Report* trata ao mesmo tempo, com todas as minúcias que tal assunto exige. A primeira parte do relatório é consagrada quase inteiramente à situação dos trabalhadores destas minas. No entanto, depois da descrição detalhada que dei da situação dos trabalhadores da indústria, ser-me-á possível abreviar a exposição como o exigem os limites desta obra.

Nas minas de carvão e de ferro, onde o método de exploração é mais ou menos o mesmo, trabalham crianças de 4, 5 e 7 anos. A maioria tem no entanto mais de 8 anos. Empregavam-nas no transporte de minério do local de extração à galeria dos cavalos ou até ao pogo principal, ou então a abrir e fechar as portas rolantes que separam os diferentes compartimentos da mina, antes e depois da passagem dos operários e do material. Habitualmente são os mais pequenos que estão encarregados de guardar estas portas; têm de ficar sentadas 12 horas por dia na obscuridade, só num corredor estreito e, na maior parte dos casos, húmido, sem ter o trabalho suficiente que justifique este aborrecimento embrutecedor criado pela inação total. Em compensação, o transporte do carvão e do minério de ferro é um trabalho muito penoso, pois é preciso arrastar estes materiais em cestos de grandes dimensões e sem rodas, sobre o chão irregular da galeria, ou sobre a argila húmida, tou ainda na água, e muitas vezes igá-los ao longo de encostas abruptas e através de corredores tão estreitos nalguns sítios que os operários têm de andar de gatas. E por isso que utilizam rapazes mais velhos e raparigas adolescentes para este fatigante trabalho. Segundo os casos, há, por cesto, um operário ou dois jovens, dos quais um puxa e outro empurra. O trabalho de extração efectuado por homens adultos ou por jovens robustos de 16 anos ou mais, é igualmente um trabalho muito fatigante. A duração habitual do trabalho é de 11 a 12 horas, muitas vezes mais. Na Escócia atinge as 14 horas, chegando-se frequentemente a fazer jornadas duplas de modo que todos os operários são obrigados a trabalhar 24 horas, e até por vezes 36 horas seguidas no fundo da mina. As refeições

a horas fixas são coisa desconhecida na maior parte das vezes, se bem que as pessoas comem quando têm fome e tempo.

O nível de vida dos mineiros é considerado em geral como bastante bom, e diz-se que o seu salário é elevado em comparação com o dos jornaleiros agrícolas dos arredores (que, e verdade, morrem de fome), com excepção de algumas regiões da Escócia e do distrito carbonífero da Irlanda, onde reina uma grande miséria. Voltaremos a falar iposteriormente sobre estes dados (alias muito relativos). Entretanto veremos os males que acarreta o sistema de exploração actual das minas e os leitores poderão então concluir se o seu salário, seja este qual for, basta para indemnizar o trabalhador de tais sofrimentos.

As crianças e os jovens encarregados do transporte do carvão e do minério de ferro queixam-se todos de uma grande fadiga. Mesmo nos estabelecimentos industriais onde a exploração é mais brutal, não se verifica um estado de esgotamento tão generalizado. Cada página do relatório fornece uma longa série de exemplos. Verifica-se muito frequentemente que as crianças mal chegam se atiram para o pavimento em frente da lareira e adormecem instantaneamente, não podendo engolir a mais pequena migalha de alimento; os pais são então obrigados a levá-los para a cama sem que eles acordem; e mesmo frequente que eles se deem exaustos a meio do caminho para casa e a noite, quando os pais vão procurá-los, encontram-nos a dormir. Parece que estas crianças passam vulgarmente a maior parte do domingo na cama para se recompor um pouco das fadigas da semana; um número muito pequeno frequenta a igreja e a escola e os mestres queixam-se da sua sonolência e do seu embrutecimento apesar do seu desejo de se instruir. Acontece o mesmo aos adolescentes mais velhos e as mulheres. Forgam-nos da maneira mais brutal a esgotarem-se. Esta fadiga, que se vai acumulando até se tornar extremamente dolorosa, não deixa de ter muito mas repercussões no organismo⁸. O efeito imediato do excesso de trabalho é que toda a energia vital é utilizada num desenvolvimento unilateral dos músculos, de tal modo que são sobretudo os músculos dos braços e das pernas, dos ombros e do tórax (precisamente os que são mais solicitados nos esforços de tracção e de impul-

⁸ Cf. **First Report**, 1842 «Efeitos notáveis sobre o estado físico dos operários do trabalho nas minas de carvão», pp. 173-194.

são) que beneficiam de um desenvolvimento excepcional, ao passo que o resto do corpo se atrofia por falta de alimentação. E principalmente na estatura, pequena e atarracada, que os efeitos mais se fazem notar; quase todos os mineiros são atarracados, com excepção dos de Warwickshire e de Leicestershire, que trabalham em condições particularmente favoráveis. Depois temos o atraso da puberdade, tanto nos rapazes como nas raparigas. Nos primeiros, por vezes só surge aos 18 anos; o comissário Symons viu um rapaz de 19 anos que, a excepção da dentição, não era mais desenvolvido que os de 11 ou 12 anos. Este prolongamento do período infantil é prova de um desenvolvimento atrasado e não deixará de ter as suas consequências numa idade mais avançada. Pernas tortas, joelhos nodosos, pés voltados para fora, desvio da coluna vertebral e outras deformações igualmente deploráveis existem devido a semelhantes condições de trabalho e também a fraqueza destes organismos; o aparecimento destes males—derivado da posição quase sempre defeituosa imposta ao corpo — é muito favorecido; são de resto tão frequentes que muitas pessoas e os próprios médicos afirmam, no Yorkshire e Lancashire como no Northumberland e Durham, que um mineiro pode ser reconhecido entre centenas de outras pessoas só pelo corpo. São sobretudo as mulheres que parecem sofrer mais com este trabalho e só raramente, ou mesmo nunca, se conseguem manter tão direitas como as outras mulheres. É igualmente testemunhado que o trabalho das mulheres nas minas também provoca deformações da bacia e consequentemente partos dolorosos, ou mesmo mortais. Além destas deformações locais, os mineiros de carvão sofrem ainda de todas as outras doenças específicas que se encontram entre os outros mineiros e que se explicam facilmente pela própria natureza do seu trabalho. Em primeiro lugar, doenças do aparelho digestivo; o apetite desaparece, depois, na maioria dos casos, aparecem dores do estômago, náuseas e vômitos, e uma sede ardente que só se pode acalmar bebendo a água suja e muitas vezes morna da mina; a digestão é mais demorada, o que favorece a eclosão de outras doenças. Relata-se igualmente, de diferentes fontes, que as doenças de coração, sobretudo a hipertrofia cardíaca, a inflamação do pericárdio, os espasmos dos orifícios aurículo-ventriculares e da entrada da aorta são muito frequentes nos mineiros e explicam-se facilmente pelo excesso de trabalho. O mesmo se verifica com as hérnias que são

tambem consequencia directa de esforgos musculares excessivos. Em parte pelas mesmas raz5es, em parte devido a atmosfera viciada e poeirenta das minas, de ar carregado de gas carbonico e de hidrogenio carbonado — e, no entanto, isto seria tao facil de evitar—decla-ram-se uma quantidade de doengas pulmonares doloro-sas e perigosas, sobretudo a asma, que aparece nalguns distritos aos 40 anios, e noutros desde os 30 anos na maior parte dos mineiros e que cedo os torna inaptos para o trabalho. Nos que tem de trabalhar nas galerias humi-das, esta sufocagao do peito aparece ainda muito mais cedo; nalgumas regioes da Escocia, e entre os 20 e os 30 anos, periodo durante o qual os pulmoes assim ata-cados sao ainda muito vulneraveis as inflamagoes e as afecgoes febris. Uma doenga especifica nesta categoria de trabalhadores e a expectoragao negra (*black spittle*) devida ao facto de todo o tecido pulmonar se impregnar duma fina poeira de carvao; os sintomas sao uma fra-queza geral, dores de cabega, uma grande dificuldade na respiragao e exipectoragoes espessas de cor negra. Em certas regioes este mal aparece de forma benigna, nou-tras, pelo contrario, torna-se incuravel, sobretudo na Escocia. Neste pais, para alem do agravamento dos sintomas acima descritos, e necessario acrescentar uma res-piragao curta e sibilante, o pulso rapido (mais de 100 pulsagoes por minuto), uma tosse entrecortada, o ema-grecimento e a fraqueza que se vao acentuando e em breve o doente fica em estado de nao poder trabalhar. Em todos estes casos, esta doenga e mortal. O Dr. Ma-kellar, de Pencaitland, East Lothian, declara que esta doenga nao existe em todas as minas bem ventiladas, enquanto que, muitas vezes, os trabalhadores vindos de minas bem ventiladas para minas mal ventiladas sao vitimas dela. A cupidez dos proprietaries das minas, que negligenciam a instalagao de pogos de arejamento, e responsavel pela existencia desta doenga. O reumatismo e igualmente, com excepcao de Warwickshire e Leicestershire, um mal comum a todos os trabalhadores das minas e resulta sobretudo da humidade que reina fre-quentemente no local de trabalho. O resultado de todas estas doengas e que em *todos* os distritos, sem excepcao, os trabalhadores envelhecem prematuramente e para alem dos 40 anos —o limite preciso varia nos diferentes distritos— tornam-se rapidamente inaptos para trabalhar. E extremamente raro que um mineiro possa continuar a trabalhar para alem dos 45 ou dos 50 anos. Geralmente

aos 40 anos um trabalhador destes entra na velhice. Isto aplica-se aos que extraem o carvão; os carregadores, que têm de pegar constantemente em blocos pesados de carvão para os colocar nas vagonetas, envelhecem aos 28 ou 30 anos, de tal maneira que um provérbio das regiões do carvão diz: «Os carregadores já são velhos antes de terem sido novos». É evidente que este envelhecimento prematuro acarreta uma morte precoce e um sexagenário entre eles é uma verdadeira raridade. Mesmo no sul do Staffordshire, onde as minas são relativamente boas, poucos são os trabalhadores que chegam aos 50 anos. Dado que os trabalhadores envelhecem tão precocemente, podemos verificar, tal como nas fábricas, que frequentemente os pais estão desempregados e são alimentados pelos filhos, muitas vezes ainda muito jovens. Se resumirmos os resultados do trabalho nas minas, podemos dizer como um dos comissários, o Dr. Southwood Smith, que o período da existência em que o homem está na plena posse das suas forças, e consideravelmente reduzido pelo prolongamento do período infantil, por um lado, e pelo envelhecimento prematuro, por outro, é que a duração da própria vida é abreviada por uma morte precoce⁹. Um facto que se deve inscrever no passivo da burguesia!

Todas estas verificações são válidas para a média das minas inglesas, mas há muitas em que a situação é bem pior, principalmente aquelas em que se exploram delgados veios de carvão. O preço do custo do carvão seria mais elevado se tivessem de desenterrar, para além do carvão, as camadas de areia e de argila contíguas; e por isso que os proprietários se contentam em mandar extrair apenas a camada de carvão e, por esta razão, as galerias, que medem geralmente 4 ou 5 pés de altura ou mais, são aqui tão baixas que é rigorosamente impossível estar-se de pé. O trabalhador está, deitado sobre um lado e extrai o carvão com a ajuda da sua picareta, utilizando os cotovelos como pontos de apoio. Daqui resulta uma inflamação destas articulações e, no caso de ter de ficar de joelhos, resulta o mesmo mal para a articulação da perna. As mulheres e as crianças que transportam o carvão andam de gatas, atreladas ao cesto por arreios e uma corrente que em muitos casos passa entre as

⁹ Dr. Southwood Smith: op. cit. p. 194, «o trabalho nas minas alonga o período da infância, abrevia o da vida adulta e aproxima o da velhice, da decrepitude e da morte».

pernas, ao longo destas galerias baixas, enquanto outra pessoa empurra por tras com a cabeça e as maos. A (pressão exercida pela cabeça provoca uma irritação local, inchaços dolorosos e abscessos. Muitas vezes estas galerias são tão húmidas que os trabalhadores têm que rastejar em poças de água com vários centímetros de profundidade; esta água suja ou salgada provoca também uma irritação da pele. Imagina-se facilmente como um tão odioso trabalho de escravos favorece a eclosão das doenças características dos mineiros.

Ainda não enumeramos todos os males que se abatem sobre a cabeça dos mineiros. Em todo o império britânico não há outro trabalho em que os riscos de acidentes mortais sejam tão variados. A mina é teatro de uma quantidade de acidentes horríveis e estes devem ser imputados ao egoísmo da burguesia. O hidrogénio carbonado que aí se desprende habitualmente, forma ao misturar-se com o ar atmosférico um composto gasoso explosivo que se inflama facilmente ao contacto com uma chama e mata quem quer que se encontre nas proximidades. Surgem explosões deste género quase todos os dias aqui ou ali; no dia 28 de Setembro de 1844 houve uma na Haswell Colliery (Durham) que causou a morte de 96 pessoas¹⁰. O óxido de carbono que se desprende também em grandes quantidades aloja-se nas partes profundas da mina numa camada que excede por vezes a estatura de um homem, asfixiando qualquer pessoa que aí entre. As portas que separam os diferentes compartimentos da mina devem em princípio sustentar a propagação das explosões e o movimento de gases, mas esta é uma medida ilusória pois se confia a vigilância destas portas a crianças que adormecem muitas vezes ou se esquecem de as fechar. Poder-se-ia evitar perfeitamente os efeitos funestos destes dois gases desde que se assegurasse uma perfeita ventilação das minas por meio de poços de arejamento, mas o burguês não quer gastar o seu dinheiro nisso, prefere ordenar aos trabalhadores que se sirvam simplesmente da lâmpada Davy; esta é-lhes muitas vezes completamente inútil devido à pálida luz que difunde, e por isso preferem substituí-la por uma simples vela. Se então se produz uma explosão e a negligência dos trabalhadores que é posta em causa, ao passo que se o burguês tivesse instalado uma boa ventilação qualquer explosão teria sido facilmente evitada. Além

¹⁰ W. P. Roberts, Northern Star, 12 de Outubro de 1844.

disso, a qualquer momento pode abater uma parte da galeria ou uma galeria inteira, sepultando ou esmagando os trabalhadores. A burguesia tem interesse em que os veios de carvão sejam explorados ao máximo, e daí este género de acidentes. Depois são os cabos, que permitem aos mineiros descer para os pogos, que estão muitas vezes em mau estado e se rompem precipitando os infelizes para o fundo onde se esmagam. Todos estes acidentes — não tenho tempo de dar exemplos detalhados — segundo o *Mining Journal*¹ custam cerca de 1 400 vidas humanas por ano. O *Manchester Guardian* assinala pelo menos 2 ou 3 todas as semanas, só no Lancashire. Em quase todos os casos, los jurados encarregados de determinar a causa da morte estão sob a algada dos proprietários das minas, e quando não é assim a rotina do hábito faz com que o veredicto seja «morte por acidente». De resto o júri importa-se pouco com o estado da mina porque não percebe nada disso. Mas o *Children's Employment Report* não hesita em responsabilizar os proprietários das minas pela maioria dos acidentes.

No que diz respeito a instrução e a moralidade da população mineira, elas são, segundo o *Children's Employment Report*, bastante boas na Cornualha e mesmo excelentes em Alston Moor; pelo contrário estão geralmente a um nível muito baixo nos distritos carboníferos. Estas pessoas vivem no campo em regiões deixadas ao abandono e, quando efectuam o seu duro trabalho, ninguém a não ser a polícia se ocupa deles. Por esta razão, e também porque mandam as crianças trabalhar desde a mais tenra idade, a sua formação intelectual e totalmente negligenciada. Não podem frequentar as escolas abertas durante a semana, as escolas da noite e de domingo são ilusórias, os professores não têm qualquer valor. Não há, por consequência, senão um pequeno número de mineiros que saibam ler, e menos ainda que saibam escrever. Segundo as declarações dos comissários, a única coisa que eles veem claramente é que o salário é demasiado baixo para o trabalho penoso e perigoso que têm de efectuar. Nunca ou quase nunca vão à igreja; todos os eclesiásticos se lastimam de uma irreligiosidade sem igual. Efectivamente, reina entre eles uma ignoran-

¹ The Mining Journal, semanário para as minas, os transportes e o comércio, foi fundado em Londres, em 1835. O número de 1 400 foi obtido tomando por base o número de vítimas de acidentes ocorridos do dia 6 de Maio ao dia 9 de Setembro. Para 1838, a Children's Employment Commission indicava um total de 349 mortos.

cia das coisas religiosas e profanas, ao pé da qual a igno-rancia de numerosos trabalhadores das fabricas, ilus-trada anteriormente com exemplos, parece ser muito rela-tiva; nao tern conhecimento das nogoes religiosas senao pelo juramento. O trabalho encarrega-se sozinho de des-truir a sua moralidade. E evidente que o exeeso de trabalho de todos os mineiros deve f atalmente f avorecer a em-briaguez. Quanto as relagoes sexuais note-se que nas minas, devido ao calor ambiente, homens, mulheres e criangas trabalham as vezes completamente nus e na maior parte dos casos quase nus, e todos podem imaginar quais sao as consequencias disso na solidao e na obscuridade da mina. O numero de filhos ilegítimos, anormalmente ele-vado nestas regioes, testemunha o que se passa no fundo da mina entre esta populagao meio selvagem, mas tam-bem prova que as relagoes ilegítimas entre os sexos nao sogobriram, como nas cidades, na prostituigao. O trabalho das mulheres tern as mesmas consequencias nas fabricas; dissolve a familia e torna as maes completamente incapazes de se dedicarem as suas ocupagoes domesticas. Quando o *Children's Employment Report* foi apre-sentado ao Parlamento, Lord Ashley apressou-se a propor uma lei estipulando que o trabalho das mulheres era, dai em diante, proibido nas minas e o das criangas conside-ravelmente restringido. A lei foi aprovada¹² mas perma-neceu letra morta na maior parte das regioes, pois nao se teve o cuidado de nomear inspectores¹³ de minas encar-regados de vigiar a sua execucao. De resto, a nao obser-vancia desta lei e muitissimo facilitada pela situagao das minas nos distritos rurais. Nao fiquemos surpreendidos ao saber que no ano passado os mineiros transmitiram ao ministerio uma queixa oficial, a qual assinalava que mais de 60 mulheres trabalhavam nas minas do duque de Hamilton, na Escocia, ou ainda que o *Manchester Guardian* relatou um dia que perto; de Wigan, se nao me engano, uma jovem morreu devido a uma explosao numa mina, sem que ninguem se comovesse ao ver assim reve-lada uma ilegalidade ". E possivel que em certos casos

¹² Esta lei foi adoptada a 10 de Agosto de 1842. Interditava as mulheres e as criangas com menos de 10 anos de trabalharem no fundo das minas.

¹³ Northern Star, de 6 de Janeiro de 1844. «Os reis do carvão e a lei sobre o não emprego das mulheres». Foi nomeado um inspector: H. Seymour Tremeneere, a 28 de Novembro de 1843, que insiste, nos relatorios de 1843 e 1844, nas dificuldades encontradas,¹⁴ (Pari. Papers, 1844, c. 592).

¹⁴ Northern Star, de 28 de Setembro, 7 de Outubro, 4 de

isolados se tenha posto fim a este abustt, mas em geral o regime permaneceu o mesmo que no passado.

No entanto ainda nao terminamos com os males que se abatem sobre os mineiros. A burguesia, nao contente em arruinar a sua saude, em por a oada instante a sua vida em perigo, e em lhes retirar qualquer hipotese de se instruirem, explora-os alem diss© da maneira mais descarada. O sistema do pagamento em generos nao e aqui uma excepcao, e regra geral, e pratica-se da maneira mais descarada e directa. O sistema das casas operarias (*cottages*), tambem generalizado, representa neste caso uma necessidade, mas utilizam-no para melhor explorar os trabalhadores. A isto juntam-se ainda todas as especies de fraudes. Quando o carvao se vende a peso, paga-se ao trabalhador por medida; quando a sua celha nao esta completamente cheia nao se lhe paga nada, enquanto que nao lhe pagam mais por uma demasiado cheia. Se na sua vagoneta a quantidade de hulha miiida ultrapassa uma certa proporgao — o que depende mais da natureza do veio de carvao do que do trabalhador — nao so nao recebe nada, como ainda tem que pagar uma multa. De resto o sistema das multas desenvc'lve-se a tal ponto nas minas que um pobre diabo que trabalhou toda a semana e vem buscar o seu salario, vem a saber pela boca do contra-mestre — pois este distribui as sangoes como muito bem quer sem convoear o trabalhador — que nao; so nao deve esperar pelo salario mas que ainda tem de pagar um tanto de multa! De uma maneira geral, o contramestre tem poder absoluto sobre o montante do salariDi; e ele que anota o trabalho f ornecido e pode pagar o que quiser ao trabalhador, que e fbrgado a acreditar nele. Em algu-mas minas em que se paga a peso, utilizam-se basculas decimais falsas cujos pesos nao sao controlados pela auto-ridade publiea. Numa destas minas tinha-se chegado ao ponto de instituir a regra de que todo o trabalhador que se quisesse queixar do mau funcionamento da balanga era *obrigado a avisar o vigilante com 3 semanas de ante-dencia*. Em muitas regioes, nomeadamente no norte de Inglaterra, o: costume e de contratar os trabalhadores por um ano. Comprometem-se a nao trabalhar para mais ninguem durante este periodo, mas o patroa, esse, nao se

Novembro e 6 de Janeiro de 1844. Tremenheere af irmava **que** mais de 200 mulheres continuavam a trabalhar nas minas de Wigan. Tambem morreu uma crianga de 9 anos em Novembro de 1844 nestas minas. (**Manchester Guardian, de 23 de Novembro de 1844**).

compromete a dar-lhes trabalho; ficam muitas vezes sem trabalho durante meses, e se procuram trabalho noutra lado mandam-nos para a prisao durante 6 semanas por abandono do posto. Em outros contratos, assegura-se-lhes trabalho por 26 xelins quinzenais, mas depois nao ha trabalho; noutros distritos os patroes adiantam aos trabalhadores pequenas somas a reembolsar em seguida atra-vez de trabalho, o que e uma maneira de os acorrentar. No norte e usual reter sempre o salario de uma semana para, desta maneira, prender as pessoas a mina. E para completar a escravidao destes trabalhadores subjugados, quase todos os juizes de paz dos distritos carboniferos sao eles proprios proprietaries de minas, parentes ou amigos dos proprietaries e exercem um poder quase dis-cricionario nestas regioes pobres e atrasadas onde ha poucos jornais — estando estes, de resto, ao servieo da classe dominante. Dificilmente se podera fazer uma ideia da maneira como estes pobres mineiros sao oprimidos e tiranizados por estes juizes de paz, juizes da sua propria causa.

As coisas correram desta maneira durante muito tempo. Tudo o que os trabalhadores sabiam era que a sua razao de existir era serem sugados ate a medula. Mas a pouco e pouaoi manifestou-se, mesmo entre eles, um espirito de oposigao a opressao escandalosa dos «reis do carvao», nomeadamente nos distritos industriais em que o eontaeto que tiveram com os trabalhadores de fabrica mais inteligentes nao deixou de ter influencia favoravel. Oomegaram a fundar associagoes e a parar o trabalho de vez em quando. Nas regioes mais evoluídas aderiram mesmo de corpo e alma ao cartismo. O grande distrito carbonifero do norte de Inglaterra, isolado de qualquer industria, ficou no entanto para tras ate que finalmente, em 1843, tambem nesta regioo despertou, depois de muitas tentativas e esforgos, tanto da maior parte dos artistas como dos proprios mineiros mais inteligentes, um espirito de resistencia que se apoderou de todos. Grassou uma agitacao tao intensa entre os trabalhadores do Northumberland e do Durham que tomaram a chefia duma associacao geral dos mineiros de todo o imperio e nomearam um cartista, o advogado W. P. Roberts, de Bristol¹⁵ — que ja, se tinha distinguido em

¹⁵ Veio a tornar-se advogado em Manchester. Cf. Northern iStaiy 24 de Fevereiro de 1844, e S. e B. Webb, **The History** of Trade Unionism, 1920, p. 182.

processes anteriores dos cartistas — seu «Procurador Geral». A *Union* estendeu-se rapidamente a grande maioria dos distritos. Por toda a parte se nomearam delegados que organizavam reuniões e recrutavam novos membros. Por altura da primeira conferencia de delegados em Manchester, em Janeiro de 1844, a *Union* tinha 60 000 membros¹⁶, na segunda, seis meses mais tarde, em Glasgow, ja tinha mais de 100 000. Tudo o que dizia respeito aos mineiros ai foi discutido e tomaram-se decisoes importantes quanto as paragens de trabalho. Foram fundados varios jornais, nomeadamente a revista mensal *The Miner's Advocate*, em Newcastle-upon-Tyne, que defendia os direitos dos mineiros.

A 31 de Março de 1844 expiravam todos os contratos de trabalho dos mineiros do Northumberland e do Durham. Impuseram entao, atraves de Roberts, um novo contrato no qual exigiam: 1 — pagamento a peso e nao por medida; 2 — determinacao do peso por meio de balanças e de pesos correntes, verificados por inspectores publicos; 3 — um contrato de 6 meses; 4 — abolição do sistema de multas e pagamento do trabalho real; 5 — compromisso do patroa em empregar pelo menos 4 dias por semana o trabalhador que estava exclusivamente ao seu servico ou garantir-lhe um salario de 4 dias. Este contrato foi enviado aos «reis do carvão» e nomeou-se uma delegação encarregada de negociar com eles; mas estes responderam que para eles a *Union* nao existia, que so negociavam com os trabalhadores individualmente e que nunca reconheceriam a associacao. Propuseram-lhes por sua vez um contrato que ignorava os diferentes pontos mencionados acima e que foi naturalmente rejeitado pelos trabalhadores. Era a declaracao de guerra. A 31 de Março de 1844, 40 000 mineiros pousaram as picaretas e todas as minas dos dois condados ficaram desertas. Os fundos da associacao eram tao importantes que se podia assegurar a cada familia um subsidio de dois xelins e meio por semana durante varios meses. Enquanto os trabalhadores punham a prova a paciencia dos patroes, Roberts organizou a greve e a agitacao com um ardor infatigavel. Fez reuniões, percorreu a Inglaterra em todos os sentidos fazendo recolhas de fundos para os desempregados, pregando a oalma e a legalidade, e desen-cadeando ao mesmo tempo, contra os despoticos juizes de paz e os senhores do *Truck*, uma campanha como a

¹⁶ Northern Star, de 6 de Janeiro de 1844.

Inglaterra nunca tinha visto. Ele tinha-a começado no principio do ano. Quando um trabalhador era condenado pelos juizes de paz, obtinha do tribunal *Queen's Bench*¹⁷ um *habeas corpus*¹⁸, fazia comparecer o seu cliente em Londres e obtinha sempre do tribunal a sua absolvigao. Foi assim que o juiz Williams do *Queen's Bench* absolveu a 13 de Janeiro três mineiros condenados pelos juizes de paz de Bilston (Staffordshire do Sul); o seu crime era terem-se recusado a trabalhar num local ameagado de dernocada, o que objectivamente veio a acontecer antes de eles la voltarem! Anteriormente o juiz Patteson tinha absolvido 6 trabalhadores, de tal maneira que o nome de Roberts começou a inspirar terror aos juizes de paz proprietaries de minas. Tambem em Preston, 4 dos seus elientes foram para a prisao; pos-se a caminho na primeira semana de Fevereiro para tratar do assunto no proprio local; quando chegou, soube que os condenados ja tinham sido libertados antes de terem cumprido total-mente a sua pena. Em Manchester havia 7 presos; Roberts obteve o beneficio do *habeas corpus* e o juiz Wightman absolveu-os. Em Prescott, 9 mineiros que tinham sido declarados culpados de terem perturbado a ordem publica em St. Helens (Lancashire do Sul) esta-vam encarcerados e esperavam julgamento; quando Roberts chegou foram imediatamente soltos. Tudo isto se passou na primeira quinzena de Fevereiro. Em Abril, Roberts fez do mesmo modo sair da prisao um mineiro de Derby, depois quatro de Wakefield (Yorkshire) e quatro de Leicester. E continuou assim ate que esses *Dogberries* — para retomar o nome dado a estes juizes de paz, segundo a personagem bem conhecida da pega de Shakespeare: «Muito barulho para nada» — tivessem algum respeito pelos mineiros. O mesmo aconteceu com o sistema do *Truck*. Roberts arrastou os fraudulentos proprietarios de minas, uns apos outros, ao tribunal e constrangiu os relutantes juizes de paz a condena-los. Espalhou-se entre eles um tal medo deste procurador--geral irritavel como a tempestade e que parecia dotado

¹⁷ **Court of Queen's Bench** (Tribunal da Rainha), um dos tribunais mais antigos de Inglaterra, que servia (ate 1873) de Supremo Tribunal de recurso e podia rever as sentengas dos tribunais de primeira instancia.

¹⁸ **Writ of Habeas Corpus**, instituido pela lei de 1679, permitia a qualquer inculpado apelar do seu encarceramento. O inculpado pode entao ser libertado, enviado novamente para a prisao ou posto em liberdade sob caugao.

de ubiquidade, que em Belper, perto de Derby, uma firma especializada no *truck sistem* (pagamento em generos) mandou afixar o seguinte aviso a sua chegada:

MINAS DE CARVAO DE PENTRICH"

AVISO

Os senhores Haslam acham necessario comu-nicar (a fim de evitar qualquer erro) que todas as pessoas empregadas nas suas minas recebem a totalidade do seu salario em dinheiro e podem-no gastar onde e como muito bem quiserem. Se comprarem as mercadorias na loja dos Srs. Haslam, obtem-nas, como no passado, ao prego por grosso, mas a direegfto nao espera que as vao comprar ai e qualquer que seja a loja que eles escolham ela dar--lhes-a o mesmo trabalho e o mesmo salario.

Estas vitorias encheram de alegria toda a classe trabalhadora e valeram a *Union* uma quantidade de novos aderentes. Entretanto prosseguia a greve no norte. Ninguem trabalhava e Newcastle, o principal porto expor-tador de carvao, ficou tao desprovido de carvao que f oi preciso importa-lo da Costa Escocesa, se bem que em ingles *to carry coal to Newcastle*²⁰ signifique fazer qualquer coisa completamente inutil. No princpio, en-quanto os fundos da *Union* duraram, tudo correu bem, mas com a aproximacao do verao a luta tornou-se muito dura para os operarios. Conheceram uma miseria negra; nao tinham dinheiro pois as contribuicoes dos operarios de todos os ramos de trabalho nao representavam grande coisa em comparacao com o grande numero de desem-pregados; tiveram de pedir emprestado com grandes juros aos merceeiros. Toda a imprensa, com excepcao de alguns jornais proletarios, estava contra eles; a burguesia, e mesmo a pequena fraccao desta classe que tivesse tido um sentido de equidade suficiente para os

¹⁹ Para mais detalhes, cf. **Northern Star**, numeros de 20 de Abril de 1843, 13 e 20 de Janeiro, 10 e 24 de Fevereiro, 14 de Maio de 1844.

²⁰ Levar carvao para Newcastle.

apoiar, so tinha conhecimento de mentiras sobre este assunto, atraves dos eorruptos jornais liberals e con-servadores. Uma delegagao de 12 mineiros partiu para Londres e conseguiu colectar uma certa soma junto do proletariado desta cidade, mas este dinheiro foi muito pouco, dada a quantidade de pessoas a socorrer. Apesar de tudo, os mineiros permaneceram firmes nas suas posi-goes e, Oi que e mais significative, continuaram calmos e pacificos a despeito dos actos de hostilidade e das pro-vocagoes de todas as especies dos proprietaries das minas e dos sens fieis servidores. Nao houve um unico acto de vinganga, nenhum renegado a causa operaria foi maltra-tado, nem um roubo foi cometido. A greve ja, durava ha cerea de 4 meses e os patroes continuavam a nao ter perspectivas de vitoria. So lhes restava uma saida. Lem-braram-se do sistema das *cottages*; de repente lembra-ram-se que as casas dos grevistas eram *sua* propriedade Em Julho despediram os operarios e numa semana os 40 000 desempregados ficaram sem tecto. Esta medida foi aplicada com uma selvajaria revoltante. Doentes e invalidos, velhos e lactentes — mesmo as mulheres gravidas — foram arrancados brutalmente da cama e postos na rua. O exercito e a policia assistiram em massa a operagao, prontos a intervir ao menor sinal de resis-tencia ou ao menor sinal dos juizes de paz que dirigiam este processo selvagem. Mas os operarios tambem ultra-passaram esta nova prova sem vacilarem. Esperava-se que fizessem uso da violencia, incitaram-nos a resisten-cia por todos os meios, para terem ao menos um pre-texto para por fim a greve, fazendo' intervir o exercito. Os mineiros, sem abrigo, lembraram-se das exortagoes do procurador, permaneceram inabalaveis, transpDrtando sem uma palavra os moveis para as terras pantanosas ou para os campos de colmo e aguentaram-se com firmeza, Alguns que nao encontraram lugar melhor, acamparam nas valetas das estradas, outros sobre terras alheias, pelo que foram levados perante a justiga, e sob o pretext© de que tinham feito estragos no montante de «meio *penny*», condenados a 1 libra de multa, que se viram evidentemente na impossibilidade de pagar e tiveram de expiar na prisao. Assim permaneceram durante 8 sema-nas, e mesmo mais, durante este fim de verao Mmido do ano passado (1844), ao relento com as familias, sem outro tecto para elas e para as criangas que nao fossem os panos de chita das camas e sem outro socorro senao os modestos alojamentos da *Union* e o credito restrito

dos pequenos comereiantes. Foi entao que o Lord Londonderry²¹, que possuia minas importantes em Durham, ameagou os comereiantes da *sua cidade* de Seaham com a sua augusta colera, easo perseverassem em dar credito aos *sens* operarios rebeldes. Este *noibre* lord foi de resto o bobo de todo o *turn out* devido aos *Ukases* (proelama-coes oficiais) ridieulos e enfaticos, redigidos num estilo deploravel, que dirigia de vez em quando aos operarios, sempre sem qualquer outro resultado que nao fosse provo-car a hiliariedade de todo o pais²². Quando tudo isto se reve-lou ineficaz, os proprietarios mandaram vir pessoas, com grandes despesas, da Irlanda e das regioes atrasadas do Pais de Gales, onde ainda nao havia movimentos operarios, para os fazer trabalhar nas suas minas e, quando deste modo a concorrencia entre os trabalhadores foi restaurada, o poder dos desempregados desabou. Os proprietarios das minas constrangeram-nos a abandonar a *Union*, a abandonar Roberts e a aceitar as condicoes que lhes ditassem. Assim acabou no principio de Setem-bro o grande combate de cinco meses que os mineiros travaram com os proprietarios de minas — combate empreendido, do lado dos oprimidos, com uma tenaci-dade, uma coragem, uma inteligencia e um sangue-frio que suseitam a admiragao. Que grau de cultura real-mente humana, de entusiasmo, de forga de caracter pres-supoe um tal combate, nestes 40 000 homens que, como vimos, ainda em 1840²³ eram descritos no *Children's Employment Report* como rudes e depravados. Mas quao brutal deve ter sido a opressao para levar estes 40 000 homens a levantarem-se como um so e como um exercito nao so disciplinado mas tambem entusiasta, cuja von-tade unanime e prosseguir a luta com o maior sangue-frio e a maior calma ate ao momento em que uma resistencia mais longa nao teria sentido! E que luta — nao contra inimigos visiveis e mortais, mas contra a fome, as neecessidades, a miseria e a ausencia de tecto, contra as proprias paixoes exasperadas ate a demencia pela sel-vajaria da riqueza! Se se tivessem revoltado usando a

²¹ Northern Star, de 27 de Julho de 1844: **O marques louco** e as lutas dos trabalhadores. Cf. igualmente A. J. Taylor em Durham University Journal, de Dezembro de 1955, pp. 21-27.

²² (1892): nada de novo sob o sol, pelo menos na Alemanha. Os nossos Kois Stumm nao passam de palidas replicas desses modelos ingleses, ja ha muito caducos, e hoje impossiveis na sua patria. (F. E.).

²³ Em 1842.

violencia, como não tinham armas teriam sido massa-crados e teriam bastado alguns dias para decidir a vitória dos patrões. Este respeito pela legalidade, não era o inspirado pelas matracas dos *Constables*, era uma atitude calculada, a melhor prova da inteligência e do autodomínio dos trabalhadores.

Assim, mais uma vez, os operários sucumbiram, apesar da sua resistência excepcional, perante o poder dos capitalistas, mas a luta não foi em vão. Antes de tudo, esta greve de 19 semanas arrancou para sempre os mineiros do norte da Inglaterra a morte intelectual que eles conheciam anteriormente; deixaram de dormir, estão vigilantes na defesa dos seus interesses e juntaram-se ao movimento da civilização, principalmente ao movimento operário. Esta greve revelou plenamente pela primeira vez a barbárie que os patrões usavam para com eles, deu para sempre bases sólidas à oposição trabalhadora deste ramo e transformou pelo menos três quartos deles em cartistas; o reforço que 30 000 homens tão energéticos e tão experimentados representam para os cartistas é verdadeiramente precioso. Por outro lado, a tenacidade e o respeito pela legalidade que caracterizaram toda a greve, aliadas à agitação activa que a acompanhou apesar de tudo, chamaram a atenção do público sobre os mineiros. Na ocasião do debate sobre os direitos sobre o carvão exportado, Thomas Duncombe, o único membro da Câmara dos Comuns que era um cartista convicto, expôs a situação dos mineiros diante do Parlamento, fez ler a sua petição na tribuna da Assembleia e, com a sua exposição, obrigou os próprios jornais da burguesia a aceitarem, pelo menos na rubrica dos debates do Parlamento e ao menos uma vez, uma apreciação objectiva desta questão²⁴. Não terminou esta greve, deu-se a explosão de Haswell; Roberts partiu para Londres, obteve uma audiência de Peel, insistiu, como representante dos mineiros, que se fizesse um inquérito sério, e conseguiu obter que os maiores especialistas em geologia e química de Inglaterra, os professores Lyell e Faraday, fossem encarregados de visitar aquele lugar. Como muitas outras explosões se dessem pouco depois e os documentos de Roberts fossem apresentados de novo ao Primeiro-Ministro, este último prometeu propor, se possível no decurso da próxima sessão parlamentar (a de 1845), as medidas

²⁴ Hansard's Parliamentary Debates, 1844, vol. 75, col. 154, pp. 259-262.

necessarias para a protecção dos operarios ²⁵. Nunca se poderia ter chegado a tal resultado se estes homens não tivessem dado nesta greve a prova do seu amor pela liberdade, se não tivessem imposto respeito e se não tivessem assegurado o apoio de Roberts.

Mai foi conhecida a noticia de que os mineiros do norte tinham sido obrigados a renunciar a *Union* e a des-pedir Roberts, os mineiros do Lancashire reuniram uma *Union* de cerca de 10 000 trabalhadores e garantiram ao seu Procurador-Geral um vencimento de 1200 libras por ano. Durante o outono do ano anterior colectaram mais de 700 libras por mes, empregando mais de 200 nos vencimentos, despesas de tribunal, etc. e o resto em alojamentos para os operarios desempregados, dos quais alguns não tinham trabalho, e outros tinham deixado de trabalhar devido a desinteligencias com o patrao. Assim, os trabalhadores compreendem cada vez melhor que unidcB constituem uma forza respeitavel e que são, em caso de extrema necessidade, capazes de fazer frente a forga da hurguesia. Foi a *Union*, assim como a greve de 1844, que permitiram a todos os mineiros de Ingla-terra alcangarem essa tomada de eonsciencia, que é o fruto de todos os movimentos operarios. A curto prazo, a diferenca de inteligencia e de energia que ainda agora existe, com vantagem para os trabalhadores da indus-tria, tera, desaparecido, e os mineiros do reino poderao comparar-se com eles em todos os aspectos. Pouco a pouco, gradualmente, o solo fica minado sob os pes da burguesia, e em breve todo o edificio do Estado e da sociedade desabara, bem como os fundamentos que os sustentam.

Mas a burguesia pref ere ignorar estes avisos. A insur-reigao' dos mineiros apenas a exasperou. Em vez de ver nisso um progresso do movimento operario em geral, em vez de ser levada a reflectir, a classe possuidora não viu nisso senao uma occasiao de desencadear a sua colera. contra uma classe de homens demasiado estupidos para nunca se declararem satisfeitos com o ordenado que tinham recebido ate entao. Não viu nas justas reivindicagoes dos proletarios senao um descontentamento impertinente, uma revolta insensata contra «a ordem divina e humana» e, nos casos mais favoraveis, um facto que era precise reprimir com todas as forgas, resultante da acgao de demagogos de ma vontade, que vivem da agitacao e

²⁵ Northern Star de 5, 12 e 26 de Outubro de 1844.

são demasiado preguiçosos para trabalhar. Tentou— naturalmente sem êxito — convencer os operários que homens como Roberts e como os agentes da associação — naturalmente pagos por ela — eram astuciosos, burlescos, desejosos de os explorarem, a eles, pobres trabalhadores, até ao último vintém. Se a loucura da classe possuidora é tão grande, se a vantagem que tem actualmente a cega ao ponto de ser incapaz de ver os mais evidentes sinais do tempo, será preciso renunciar, na verdade, a toda a esperança dum solução pacífica do problema social em Inglaterra. A única saída que resta é uma revolução violenta que, de resto, com certeza não tardará.

O PROLETARIADO AGRICOLA

Ja vimos, na introducao, que o pequeno campesinato foi arruinado ao mesmo tempo que a pequena burguesia, e que desapareceu o bem-estar que os operarios tinham conhecido ate entao; e que, com efeito, a conjugacao anterior do trabalho industrial com o trabalho agricola foi interrompida, os campos inexplorados foram agrupados em grandes dominios. e os pequenos camponeses foram afastados pela concorrencia esmagadora das grandes exploracoes rurais. Em vez de serem eles proprios proprietarios fundiarios ou rendeiros, como o eram ate entao, foram obrigados a abandonar as suas exploracoes e a alugar-se como criados; de quinta dos grandes rendeiros ou dos proprietarios de um dominio. Durante um certo tempo, esta situacao, embora pior que a precedente, foi suportavel. A expansao da industria equilibrou o crescimento da populacao ate que, por fim, o progresso industrial começa a abrandar e os aperfeiçoamentos continuos no sector das maquinas colocam a industria na incapacidade de absorver todo o excesso da populacao vinda das, regioes agricolas. A partir deste momento, a miseria, que ate entao tinha grassado so nos distritos industriais e apenas em alguns periodos, faz tambem a sua aparicao; nas regioes agricolas. Por outro lado, quase na mesma epoca, termina a guerra com a Franga, que tinha durado vinte e cinco anos; a reducao da producao nos teatros das operacoes, o bloqueio das importacoes

e a necessidade de abastecer o exercito ingles na Espanha tinham dado a agriculture inglesa um impulso artificial e subtraiam ao trabalho uma grande quantidade de mao-de-obra. A paragem das importagoes, a necessidade de exportar e a penuria de operarios cessam de repente, e a consequencia necessaria foi aquilo a que os ingleses chamaram de *agricultural distress*, a miseria agri-cola. Os caseiros tiveram de vender o trigo a baixo prego e so podiam pagar baixos salaries. Para manter os pregos do trigo a uma taxa elevada fo<ram votadas em 1815>as leis sobre os cereais que interditavam a importacao de trigo enquanto o prego do trigo candial permanecesse inferior a 80 xelins o *quarter*¹. Estas leis, evidentemente inoperantes, foram refundidas posteriormente varias vezes, sem conseguirem atenuar a miseria que reinava nos distritos agricolas. Tudo o que puderam fazer foi tor-nar cronica a doenga que se teria tornado aguda e teria tido as suas crises, se a livre concorrencia dos paises estrangeiros tivesse podido actuar e fazer com que esta situacao exercesse uma pressao uniforme, mas sempre penosa, sobre os trabalhadores agricolas.

No periodo imediatamente a seguir ao nascimento do proletariado agricola, assiste-se nestas regioes ao desen-volvimento das relagoes patriarcais, que no mesmo momento foram destruidas pela industria — sao as relagoes que existem ainda hoje em quase toda a Alemanha entre o campones e os seus criados de quinta. Enquanto elas existiram a miseria foi menor e mais rara entre os trabalhadores; os empregados compartilhavam a sorte dos caseiros e so eram despedidos em caso de extrema miseria. Mas hoje as coisas passam-se de outra maneira. Essas pessoas sao quase todas jornaleiros contratados pelos caseiros quando estes precisam e, consequentemente, por vezes nao tern trabalho durante semanas, sobretudo no Inverno. No tempo em que existiam relagoes patriarcais, os criados e as suas familias habitavam na quinta e os seus filhos cresciam nela; por consequencia, o caseiro tentava naturalmente empregar na quinta a nova gera-gao; neste caso os jornaleiros eram a excepcao e nao a regra, e havia em cada quinta trabalhadores que nao eram necessarios, considerando as coisas com rigor. Esta e a razao porque o caseiro teve interesse em abolir estas relagoes, expulsar o criado da sua quinta e transforma-lo em jornaleiro. Este foi um fenomeno quase geral no

¹ Medida inglesa equivalente a cerca de 2,91 hi.

fim dos anos vinte deste século e a consequência foi que, para empregar a linguagem da física, o excedente da população até então *latente* foi libertado, o salário baixou e a percentagem de pobres aumentou em grandes proporções. A partir deste momento os distritos agrícolas tornaram-se o centro principal do *pau-perismo permanente*, tal como os distritos industriais eram os do *pauperismo intermitente*; e a transformação completa da lei sobre os pobres foi a primeira medida que os poderes públicos tiveram de tomar contra o empobrecimento das comunas rurais que aumentava diariamente. Por outro lado, a ampliação do sistema de grande exploração, o emprego de debulhadoras e de outras máquinas agrícolas e a generalização do emprego das mulheres e das crianças no trabalho dos campos—tão importante que uma comissão oficial especial investigou recentemente as suas consequências² — reduziu ao desemprego, ainda neste caso, um bom número de operários. Vemos portanto que, também neste campo, o sistema de produção industrial se conseguiu impor pela grande exploração, pela supressão das relações patriarcais (cuja importância é aqui extrema), pelo emprego de máquinas, pela utilização da energia produzida pelo vapor e pelo trabalho das mulheres e crianças, arrastando para o movimento revolucionário a última fracção da humanidade trabalhadora que continuava estavel. Mas agora o fardo recaiu ainda mais pesadamente sobre as costas do operário, e a desorganização da estrutura social antiga foi tanto mais violenta quanto mais tempo a agricultura tinha conservado a sua estabilidade. *O excedente da população* apareceu bruscamente a luz do dia e não foi possível absorvê-lo aumentando a produção, como no caso das regiões industriais. Podia-se sempre criar novas fábricas se os produtos encontrassem consumidor, mas não era possível criar novas terras. A utilização das terras comunais inexploradas era uma especulação domada arriscada para que muitos capitais aí fossem investidos nos tempos posteriores ao fim da guerra. Chegou fatalmente que a concorrência entre operários chegou ao seu ponto culminante, e o salário decaiu até ao nível mínimo. Enquanto esteve em vigor a antiga lei sobre os pobres, as caixas de beneficência davam aos

² Reports of the special assistant Poor Law Commissioner..... '« on the Employment of Women and children in Agriculture (1881)', Parliamentary Papers, C. 150.

dores um subsidio complementar. Esta medida, evidentemente, fez baixar ainda mais os salarios porque os proprietaries tentaram atirar a maior parte possivel do salario para cima dessas caixas. O aumento da taxa em favor dos pobres que o excedente da populagao impunha ainda foi ampliado e a nova lei sobre os pobres, da qual volta-remos a falar, tornou-se uma necessidade. Mas isto nao melhorou as coisas. Os salarios nao foram aumentados, continuava a ser impossivel fazer desaparecer a populagao excedente, e a crueldade da nova lei nao fez mais do que exasperar o povo ao maximo. A propria taxa para os pobres, que tinha comegado por baixar, atingiu alguns anos mais tarde o seu nivel de outrora. O unico resultado foi que, se antigamente havia tres a quatro milhoes de semi-indigentes, encontravam-se agora um milhao que o eram completamente, enquanto que os outros, que nao ficaram menos semi-indigentes, agora ja nao recebiam o minimo socorro. A miseria das regioes agricolas nao fez mais do que aumentar de ano para ano. As pessoas vivem na mais profunda miseria, familias inteiras tern de se desembaragar com 6, 7 ou 8 xelins por semana e vivem periodos em que nao tern tostao. Ougamos a des-crigao que um membro liberal do Parlamento fez da situagao desta populagao a partir de 1830:

Campones ingles (leia-se: assalariado agricola) e pobre sao expressoes sinonimas. O seu pai era um pobre e o leite da mae nao tinha nenhuma propriedade nutritiva. Desde a infancia teve sempre uma ma alimentagao e nunca conseguiu matar a fome; ainda agora sente quase sempre, salvo quando dorme, as tonturas de uma fome nunca saciada. Esta apenas meio vestido, ja nao tern o lume necessario para cozer as suas pobres refeicoes e, com o mau tempo, o frio e a humidade instalam-se em sua casa, so o deixando na estagao quente. Ei casado, mas ignora as alegrias de esposo e pai. A mulher e os filhos, esfomeados, raramente aquecidos, frequentemente doentes e sem socorro, quase sempre desconfiados e desesperados como ele, sao naturalmente avidos, egoistas e irritantes, e para empregar as suas proprias palavras, «ele nao os pode ver» (hates the sight of them), e so volta a sua barraca porque eia lhe oferece uma protecgao um pouco mais eficaz contra o vento e a chuva do que uma sebe. Precisa de alimentar a familia, e como nao o pode fazer e empurrado para a mendicidade, para expedientes de qualquer tipo, e isso acaba por desenvolver nele uma devassidao completa. Se tivesse o desejo, nao teria a coragem para se tornar cagador furtivo ou um contrabandista de envergadura como o foram outros homens mais enérgicos da sua classe. Mas sempre que pode furta e

ensina os filhos a mentir e a roubar. O seu comportamento obsequioso e servil para com os vizinhos ricos mostra que eles o tratam com dureza e desconfiança. E a razão porque os teme e odeia, mas nunca usará a violência para lhes causar qualquer prejuízo. Já completamente depravado, foi demasiado espezinhado para ainda ter a energia do desespero. A sua miserável existência é breve, o reumatismo e a asma levam-no ao hospício onde exalou o último suspiro sem ter a mais pequena recordação alegre, cedendo o lugar a outro infeliz que vivera e morrerá exactamente como ele.

O autor acrescenta que além desta classe de assalariados agrícolas, há ainda uma outra, um pouco mais energética e melhor dotada física, intelectual e moralmente; são aqueles que tiveram, e certo, exactamente a mesma existência, mas que não nasceram naquela miséria. Estes são, diz ele, melhores chefes de família, mas tornaram-se contrabandistas e cagadores furtivos, entrando frequentemente em conflito sangrento com os cutelheiros e guardas fiscais. As suas estadias na prisão (que foi muitas vezes o seu domicílio) ensinaram-nos a odiar a sociedade ainda mais, e no seu ódio aos possuidores são perfeitamente comparáveis aos da primeira categoria.

E — cortou ele — e por cortezia (by courtesy) que se designa globalmente essa classe como o «intrépido cam-pesinato de Inglaterra»³ (bold peasantry of England, expressão de Shakespeare) ».

Esta descrição ainda hoje é válida para a maioria dos jornaleiros das regiões agrícolas. O *Times* enviou, em Junho de 1844⁵, um correspondente a estas paragens, encarregado de relatar as condições de vida desta classe, e o seu relatório concorda absolutamente com o anterior. Em certos locais, o salário semanal não ultrapassava seis xelins; por consequência, nem chegava ao de numerosas regiões da Alemanha, sendo o preço de todos os produtos indispensáveis à existência pelo menos duas

³ E. G. WAKEFIELD, M. P. * Swing unmasked, or the causes of rural incendiarism (Swing sem máscara ou as causas dos incêndios voluntários no campo). Londres, 1831. Panfleto.

⁴ A expressão the bold peasantry of England não é de Shakespeare mas, segundo parece, do poeta e romancista do século XVIII, Goldsmith, (The Deserted Village, verso 51).

⁵ The Times, 7 e 21 de Junho de 1844.

* Edward Gibbon Wakefield nunca foi membro do Parlamento.

vezes mais alto que em Inglaterra. Imagine-se qual poderia ser a vida que levavam essas pessoas. A alimentagao ma e rara, as roupas em farrapos, as habitagoes exiguas e miseraveis — uma barraquita duma pobreza extrema, sem o minimo conforto— e, para os jovens, oamaratas, onde homens e mulheres mal estao separados e que incitam as ligagoes ilegítimas. Dois ou tres dias por mes sem trabalho mergulham necessariamente estas pessoas na mais profunda miseria. Alem do mais, eles nao podem associar-se para manter o salario a um nivel elevado porque o seu habitat e disjperso e se um deles se reeusa a trabalhar por um salario insuficiente, ha duzias de desempregados e de pensionistas das Casas dos Pobres que rejubilam com a minima oferta de trabalho, enquanto que a administragao da Assistencia reeusa ao operario descontente, considerado como madrago¹ e desavergo-nhado, qualquer outro auxilio alem do detestado hospicio dos pobres; entre o grupo de administradores da Assistencia ha rendeiros, e e so deles, ou entao dos vizinhos e congeneres, que ele pode obter trabalho. E nao e apenas de um ou de dois distritos agricolas ingleses que nos recebemos relatorios deste teor. Pelo contrario, a miseria e tao grande no sul como no leste, no norte como no oeste; a situagao dos trabalhadores do Suffolk e do Norfolk e exactamente a mesma que a dos trabalhadores do Devonshire, do Hampshire e do Sussex; o salario e tao baixo no Dorsetshire e no Oxfordshire como no Kent, Surrey, na regio de Buckingham ou de Cambridge. Ha em Inglaterra uma crueldade particularmente barbara inflingida ao proletariado agricola: saoi as leis sobre a caga, mais rigorosas em Inglaterra do que em qualquer outro lado, enquanto que a abundancia de caga e inima-ginavel. O camjpones que, seguindo costumes e tradigoes antigas, so ve na caga furtiva uma expressao perfeita-mente natural e nobre de coragem e audacia, sente-se ainda mais incitado pelo contraste entre a sua propria miseria e o *car tel este noire bon plaisir*² do Lord, que conserva milhares de lebres e de aves para o seu prazer pessoal. Aceita o risco, se for preciso abate uma pega de caga com um tiro. Na realidade nao causa nenhum pre-juizo ao Lord, que nao saberia o que fazer da pega, mas *para ele*, trabalhador, isso representa um assado para a familia esfomeada. Se e descoberto vai para a prisao; em caso de reincidencia, e deportado, pelo menos, por

⁰ Em francSs no texto.

sete anos. O rigor destas penas levanta frequentemente conflitos sangrentos com couteiros, razao pela qual se cometem anualmente uma serie de homicidios. A profissao de couteiro nao so se tornou perigosa e como desacreditada e amaldigoada. No ano passado, dois couteiros preferiram meter uma bala na cabeça do que continuar a exercer a profissao. 13 a este vil prego que a aristocracia fun-diaria paga os seus nobres prazeres da caga— mas que interessa isso aos nobres *lords of the soil* (Senhores da Terra) ? Que haja alguns *superfluos* a mais ou a menos, eles nao se preocupam, e se metade desses *superfluos* fosse suprimida atraves das leis da caga, a metade res-tante portar-se-ia melhor, tal e o raciocinio filantropico dos proprietarios ingleses.

Mas se bem que as condicoes de vida rural, a dispersao do habitat, a estabilidade do meio e dos modos de trabalho e portanto das ideias constituam outros tantos factores desfavoraveis a toda a evolugao, a pobreza e a miseria tambem dao os seus frutos. Os operarios da industria e das minas ultrapassaram rapidamente o primeiro estadio da oposigao ao regime social, a revolta imediata do individuo que se traduz pelo crime; os camponeses, esses, ainda hoje continuam nesse primeiro estadio. O seu metodo preferido na guerra social e o fogo posto. Durante o Inverno de 1830-31, que se seguiu a revolugao de Julho, estes incendios generalizaram-se pela primeira vez apos os tumultos que tinham estalado desde o principio de Outubro no Sussex e eondados limitrofes por causa do reforgo da guarda costeira (o que tornava o contrabando mais dificil e *arrnirUm a costa*, segundo a expressao dum rendeiro) e devido tambem a inovagoes introduzidas na administragao da assistencia, aos salarios baixos e a introdugao de maquinas que tinham pro-vocado uma emogao intensa em toda a regio. Portanto, durante o Inverno os proprietarios viram arder nos campos as suas medas de trigo e de feno, e ate os estabulos e as granjas foram incendiados nas suas barbas. Quase todas as noites deflagravam dois ou tres desses incendios, expandindo o terror entre os rendeiros e os proprietarios agricolas. Os autores nunca, ou quase nunca, foram des-cobertos e o povo atribuiu esses incendios a um personagem mitico a que deu o nome de *Swing*. Mataram a cabeça para descobrir quem seria este *Swing*, e o que, na realidade, provocava a colera dos pobres nos distritos agricolas. Poucos foram os que pensaram nessa grande forga motriz, a miseria, a opressao; nos proprios dis-

tritros agricolas ninguem pensou nisso. A partir desse ano os incendios recommegaram todos os invernos, periodos habituais de desemprego para os jornaleiros. No inverno de 1843-1844 foram de novo excepcionalmente frequen-tes. Tenho a mao uma serie de numeros do *Northern Star* deste periodo relatando cada um varios incendios com indieagao da fonte. Os numeros deste jornal sema-nal que faltam na lista seguinte nao estao na minha posse, mas relatam certamente um grande numero de factos semelhantes, De resto, um tail jornal nao os pode indi-car todos. *Northern Star* de 25 de Novembro de 1843: dois easos, e fala-se de muitos outros, anteriores. A 16 de Dezembro: Bedfordshire, desde ha quinze dias emogao geral devido aos f requentes incendios; produzem-se varios todas as noites. Durante estes ultimos dias, duas grandes propriedades; em Hertfordshire uma e, por outro lado, quinze incendios em diversos sitios. Dia 30 de Dezembro, no Norfolk, um; no Suffolk, dois; no Essex, dois; no Herts, tres; no Cheshire, um; no Lancashire, um; em Derby, Lincoln e no sul, doze incendios. A 6 de Janeiro de 1844: total, dez. A 13 de Janeiro: sete; a 20 de Janeiro: quatro incendios. A partir desta data o jornal noticia semanalmente uma media de tres ou quatro incendios, e nao apenas ate a primavera como antigamente, mas ate Julho e Agosto, e os jornais ingleses que me chegaram desde entao, assim como os resumos dos jornais alemaes, provam que esta especie de crimes teve um novo incremento com a aproximacao do rigoroso inverno de 1844-1845.

Que dizem os meus leitores duma situagao destas nos calmos e idilicos distritos rurais de Inglaterra? Nao sera isto a guerra social? Sera isto um estado de coisas natural, suseptivel de se prolongar? E, entretanto, os rendeiros e os proprietarios rurais sao tao estupidos e casmurros, tao cegos a tudo o que nao faga entrar dinheiro nos seus bolsos como o sao os patroes das regioes industrials e os burgueses em geral. Se estes prometem aos operarios mundos e fundos com a *revogagao* da lei sobre os cereais, os proprietarios rurais, assim como uma grande parte dos rendeiros, prometem o paraiso aos seus com a *manutengao* em *vigor* dessas leis. Mas, nos dois cases, os proprietarios: nao conseguem o apoio dos operarios para a sua manobra. Tal como os operarios das fabricas, os assalariados agricolas nao querem saber para nada da aboligao ou manutengao das leis sobre os cereais. No entanto e uma questao importante para

ambos. Se revogarem as leis sobre os cereais, a liberdade de concorrência, o regime económico da sociedade actual será, na realidade, levada ao extremo. Qualquer evolução posterior no quadro das relações existentes actualmente será refreada e a única possibilidade de progresso residirá. Então numa mudança radical da estrutura social⁷. Para os assalariados agrícolas, a questão apresenta igualmente a seguinte importância: a libertação das importações de trigo implica — não posso desenvolver aqui de que maneira — a emancipação dos rendeiros em relação aos proprietários agrícolas, por outras palavras, a transformação dos rendeiros conservadores em rendeiros liberais. A Liga contra as leis sobre os cereais — e aí reside o seu único mérito — preparou notavelmente as vias para esta evolução. Mas se os rendeiros se tornam liberais, ou seja, burgueses conscientes, os jornaleiros tornar-se-ão forçosamente cartistas e socialistas, ou seja, proletários conscientes. A evolução de ambos é inseparável. E que já, se começa a manifestar no seio do proletariado agrícola um novo movimento, mostra-o uma reunião organizada pelo conde Radnor, proprietário agrícola *liberal*, em Outubro de 1844, perto de Highnorth, onde se encontram os seus domínios, para aí fazer votar decisões contra as leis sobre os cereais e em que os trabalhadores, totalmente indiferentes à questão sobre essas leis, reivindicam coisas completamente diferentes, principalmente o arrendamento a baixo preço de parcelas para eles próprios, dizendo, por outro lado, as suas verdades ao conde Radnor⁸. Ve-se que o movimento da classe trabalhadora penetra igualmente nas regiões agrícolas afastadas, estaveis, intelectualmente mortas, e, dada a miséria que aí reina, implantar-se-a em breve com tanta solidez como nos distritos industriais e será tão vivo como neles⁹.

No que respeita ao grau de religiosidade dos assalariados agrícolas, eles são indubitavelmente mais crentes que os operários das fábricas, mas estão em muito mais relações com a Igreja — pois nessas regiões prati-

⁷ Nota da edição de 1887: Isto realizou-se a letra. Após um período espantoso de expansão comercial, a livre troca mergulhou a Inglaterra numa crise que, começando em 1787, ainda continua em 1886. (A nota desapareceu na edição de 1892).

⁸ Cf. Northern Star, de 26 de Outubro de 1844.

⁹ Nota de Engels na edição de 1887: «Os trabalhadores agrícolas têm doravante o seu sindicato, cujo representante mais energético, Joseph Arch, foi eleito deputado em 1885».

camente so ha fieis da Igreja anglicana. Um correspondente do *Morning Chronicle* que publicou com o pseudonimo «Um homem que assobiou atrás do arado»¹⁰ estudos sobre as regioes agricolas que tinha percorrido, relata entre outros o encontro que teve com alguns jorna-leiros que saiam da igreja,

Perguntei a uma dessas pessoas se o pregador do dia era o seu prprio pastor. «Yes, **blast him** », e o nosso cura, nao para de mendigar, mendigou sempre desde que o conheço». (Ele tinha na verdade acabado de pregar a favor duma missao para converter os pagSos). «B desde que eu o conheço tambem — acrescentou outro — e nunca conheci um padre que nao mendigue por um motivo ou outro». «Sim— disse uma mulher que saia naquele momento da igreja — e veja como os salarios baixam, e veja os ricos mandrioes com quem os padres vao comer, beber e cacar. Por isso, que Deus seja minha testemunha, estamos mais prontos para ir para o hos-picio e morrer de fome do que para dar um escudo que seja aos padres que vao ter com os pagfios». «E — interveio um outro — porque e que eles nao man-dam para ali os padres que pregavam todos os dias para as paredes, na catedral de Salisbury. Porque e que esses nao vao ?» «Esses nao vao para la — respon-deu o velho que eu tinha interrogado em primeiro lugar — porque sao ricos, t§m mais terra do que pre. cisam; querem dinheiro para se desembaracarem dos pastores pobres; bem sei o que eles querem, ha. muito tempo que os conheço». «Mas vejamos, meus bons ami-gos ■—■ disse-lhes eu, — voces certamente que nao saem sempre da igreja com pensamentos t§o amargos sobre o vosso pregador? Pois senSo, porque é que vocgs la vao?» «N6s vamos la — respondeu a mulher — porque somos forçados a ir, se nao queremos perder tudo, o trabalho e o resto, n6s somos forçados a isso». Vi mais tarde que eles tinham algumas pequenas vantagens quanto a lenha e, contra pagamento, uma parcela de terreno onde cultivar batatas, **com a** condicao de irem a igreja.

Apos ter descrito a sua pobreza e ignorancia, o nosso correspondente conclui :

E agora afirmo ousadamente que a situacao destas pessoas, a sua pobreza, o seu ódio a Igreja, a sua docilidade aparente e a sua amargura profunda em relacao aos dignitarios eclesidsticos sao regra em todas as comunidades **rurais de Inglaterra**; e o contrario nao passa de excepcao.

¹⁰ Pseudonimo de Alexandre Somerville (1811-1885), jornalista burgués radical.
Sim, diabos o carreguem!

Se o campesinato de Inglaterra propriamente dito nos mostra as consequencias que tern, sobre as condicoes de vida nas comunidades rurais, a existencia de um numero-proletariado agricola ao lado de grandes propriedades, o Pais de Gales mostra-nos a decadencia dos pequenos rendeiros. Se as comunidades rurais inglesas Sao uma imagem fiel do antagonismo entre proletarios e grandes capitalistas, a situacao dos camponeses galeses¹² corresponde ao declinio cada vez mais marcado da pequena burguesia eitadina. No Pais de Gales so ha, por assim dizer, pequenos rendeiros que nao estao em condicoes de vender, com igual lucro, os produtos dos seus campos a prego tao baixo como os grandes proprietarios ingleses, mais favorecidos e seus concorrentes no mercado. Por outro lado, a natureza do pais so permite em muitos lugares a criacao de animais, que compensa menos; e estes galeses sao, quanto mais nao seja por causa do seu particularismo nacional que lhes e tao querido, ainda menos prosperos que os rendeiros ingleses. Mas, acima de tudo, a concorrencia que fazem entre eles e que eles fazem aos vizinhos ingleses, e o aumento da renda fundiaria que dai resultou, fe-los descer tao baixo que dificilmente subsistem. E como nao compreendem a verdadeira causa da sua triste situacao, procuram-na em todas as especies de factores secundarios (elevada taxa de pastagem, etc) que certamente entravam o desenvolvimento da agricultura e do comercio, mais, que tern de ser tidos em conta nos calculos economicos de quem faz o arrendamento, e que, no fim de contas, sao pagos pelo proprietario agricola. Alem disso, a nova lei sobre os pobres tambem se tornou para os rendeiros num objecto de odio, pois arriscam-se a ve-la aplicada em si proprios. Em Fevereiro de 1843 o descontentamento dos camponeses galeses mostrou-se nos famosos *motins de Rebecca*¹³; os homens vestiram roupas femininas, enegreceram a cara em bandos numerosos e armados assaltaram as portas que fazem de barreiras de portagem em Inglaterra, partiram-nas no meio de gritos e tiros, demoliram tambem as guaritas dos cobradores de direitos, escreveram cartas de ameaga assinadas com o nome imaginario de *Rebecca* e chegaram ate a assaltar o hospicio de Carmarthen. Quando mais tarde a tropa foi chamada

¹² Engels, ja antes o notamos, emprega frequentemente para gales o termo *welsch*, em vez de *walisisch*.

¹³ Cf. David Williams: *The Rebecca Riots*, 1955.

ao local e a policia reforçada, foram conduzidas com extrema habilidade para pistas falsas, destruindo portas num lado enquanto os soldados se dirigiam para o lado oposto, enganados por falsos toques de clarim, e acabando, por fim, por provocar incendios individuais, e ate tentativas de assassinato. Como sempre, estes crimes mais graves foram o dobro de finados do movimento. Muitos afastaram-se por estarem em desacordo, outros por medo, e a alma voltou a impor-se por si propria. O governo enviou uma comissao para investigar o assunto e as suas origens e tudo acabou. Contudo, a pobreza dos camponeses ainda continua e como, nas actuais condicoes sociais, so se pode agravar e nao diminuir, este incidente dara lugar a outros muitissimo mais graves do que esta mascarada humoristica chamada *Rebecca*.

Se podemos observar na Inglaterra os resultados do sistema de grande exploragao, e no Pais de Gales os do sistema de pequena propriedade arrendada, vemos na Irlanda as consequencias do parcelamento do solo. A grande maioria da populacao irlandesa e composta por pequenos rendeiros que alugam uma miseravel cabana de adobe sem nenhum tabique interior e um pequeno campo de batatas que chega a justa para lhes assegurar o minimo indispensavel de alimentos para o Inverno. Devido a concorrencia feroz entre estes pequenos rendeiros, a renda fundiaria atingiu um nivel espantoso, o dobro, o triplo, ate o quadruplo da que vigora em Inglaterra¹⁴. Como todo o jornaleiro quer ser rendeiro, e se bem que o parcelamento da terra ja seja muito grande, continua ainda a haver um grande numero de jornaleiros a procura de quintas. Apesar de na Gra-Bretanha a superficie cultivada ser de 32 milhoes de jeiras inglesas, e na Irlanda somente de 14 milhoes¹⁵, ainda que a Gra-Bretanha produza anualmente 150 milhoes de libras esterlinas de produtos agricolas e a Irlanda apenas 36 milhoes, ha na Irlanda 75 000 jornaleiros agricolas a mais que na ilha vizinha¹⁶. Esta desproporgao excepcional mostra bem com que ferocidade se deve travar a luta pela terra na Irlanda, principalmente se se pensar que

¹⁴ E. R. R. GREEN: **The Great Famine. Studies in Irish History, 1845-1852**, 1956, pp. 89-128.

¹⁵ Numeros exactos: 34 254 000 jeiras inglesas e 14 603 000 jeiras irlandesas.

¹⁶ **Report on Ireland of the Commissioners on Poor-Law.** (Relagao sobre a Irlanda dos Comissarios da Lei sobre os Pobres). Sessao parlamentar de 1837.

ja os proprios jornaleiros ingleses vivem em extrema miseria. As consequencias desta concorrencia sao natu-ralmente uma taxa de renda fundiaria tao elevada que os rendeiros nao podem viver nada melhor que os jornaleiros. Deste modo o povo irlandes e mantido numa miseria gritante cujas condicoes sociais nao lhe permitem qual-quer saida. As pessoas vivem em estabulos de adobe, que nem para abrigar o gado servem, mal tern que comer durante o Inverno e, utilizando os termos do relatorio citado, durante 30 semanas tern batatas sufieientes para matar mal a fome, e absolutamente nada para as restantes vinte e duas. Quando chega a Primavera a reserva esgo-ta-se ou torna-se impropria para consumo porque as batatas comecam a germinar, e a mulher vai com as crian-gas mendigar com uma chaleira na mao, percorrendo toda a regio, enquanto que o marido, acabado o plantio, procura trabalho na propria regio ou em Inglaterra, para se juntar a familia na epoca da apanha da batata. E assim que vivem nove decimos da populagao rural irlandesa. Pobres como Job, vestidos com os farrapos mais miseraveis e com o nivel intelectual mais baixo que se pode imaginar num pais meio civilizado. Segundo o relatorio citado, para uma populagao de 8 500 000 habitantes, 585 000 chefes de familia vivem na penuria mais completa (*destitution*), e segundo outras fontes citadas pelo *sheriff Alison*"¹, ha na Irlanda 2 300 000 pessoas que nao podem viver sem abonos publicos ou privados; per consequencia, 27% dos habitantes sao indigentes!

As causas desta pobreza residem nas condicoes sociais existentes, particularmente na concorrencia, que apenas apresenta aqui uma forma diferente, a do parcelamento da terra. Tentaram encontrar outras causas; afirmam que a causa e a situagao do rendeiro perante o proprie-tario agricola — que aluga os seus dominios, divididos em grandes pareelas, a rendeiros que tern os seus proprios sub-rendeiros, de tal maneira que f requentemente se podem contar dez intermediarios ©ntre o proprietario agricola e o explorador propriamente dito; afirmou-se que a res-ponsavel por esta miseria era a lei, verdadeiramente escan-dalosa, que da ao proprietario agricola o direito de, no caso do rendeiro mais proximo nao pagar, expulsar o verdadeiro *explorador* das suas terras, mesmo que este

¹ "Principles of Population, 2." vol., p. 218. G. K. PORTER, *op. cit.*, p. 9, avalia a populagao irlandesa em 8 175 124 habitantes (1851); os investigadores de 1886 falam de 2 385 000 mendigos.

ultimo tenha pago o aluguer ao seu proprio arrendatario Mas na realidade esta lei determina apenas a forma pela qual se manifesta a miseria. Transformem-se os proprios pequenos rendeiros em proprietaries agrieolas e quais serao as consequeneias ? A maioria nao podera viver do seu campo, mesmo ja, nao tendo renda a pagar, e as pequenas melhorias eventuais serao anuladas em poucos anos pelo crescimento rapido e constante da populagao. Aqueles cujas condicoes de vida serao melhores, verao os seus filhos erescer, enquanto que agora estes morrem desde a mais tenra idade por causa da miseria e das pri-vagoes. Afirmaram, por outro lado, que a vergonhosa opressao exercida sobre o povo pelos ingleses era a causa da miseria. E certo, ela e *responsavel* pelo aparecimento da pobreza um pouco mais cedo, mas nao pelo seu apare-cimento propriamente dito. Ou entao acusam a Igreja de Esbado protestante imposta a essa nagao catolica; mas repartindoi por todos os irlandeses todos os rendimentos que ela obtem, nem chegara a seis xelins por cabega. Alias a dizima e um imposto sobre a propriedade agricola, nao sobre o rendeiro, se foem que este o tenha pago outrora; agora, depois do *Bill*^s de Comutagao de 1838, e o pro-prietario que o paga directamente e acrescenta o mesmo valor ao total da renda, de modo que o rendeiro nao fioa melhor. E assim por diante citam-se mil e uma outras causas que sao igualmente pouco convincentes. A pobreza e uma consequencia necessaria das instituicoes sociais existentes e fora delas so se podem encontrar causas da maneira pela qual ela se manifesta, mas nao da propria pobreza. Ora, e o caracter nacional do povo e a sua evolugao historica que sao as causas para que a pobreza se manifeste na Irlanda desta forma e nao de outra. Os irlandeses sao um povo cujo caracter se assemelha ao das nagoes latinas, dos franceses e principalmente dos italia-nos. Ja vimos Carlyle expor os defeitos do seu caracter nacional; ougamos agora um irlandes que, pelo menos, e um pouco mais verdadeiro do que o nosso germano-filo Carlyle:

«Eles sao agitados e contudo indolentes; vivos e indis-cretos, impacientes e carecem de previsao; corajosos por instinto, generosos e sem muita reflexSo; prontos num abrir e fechar de olhos a vingar ou a perdoar uma

¹³ (1892): Act.

afronta, a selar ou a romper uma amizade; a natureza prodigalizou-lhes o genio, mas s6 mesquinamente lhes deu o raciocinio»^M.

Nos irlandeses predomina, elaramente, o sentimento e a paixao: a razao deve-se-lhes vergar. O seu caracter sensual, excitavel, nao permite uma reflexao ponderada, uma actividade calma e duradoira: um povo deste genero nao vale nada para a industria nos seus moldes actuals, E por isso que eontinuaram ligados a agrieultura, e mesmo: ao seu nivel mais baixo. A existencia de pequenas parcelas que sao aqui, como em Franga ou na Renania, o resultado do parcelamento artificial dos grandes domi-nios²⁰, mas que, neste pais, sempre existiram, nao permite a melhoria da exploragao do solo pelo investimento de capitals; e e assim que, segundo Alison, para que o solo irlandes atingisse o nivel de produtividade — contudo nao muito elevado — do solo ingles, seriam precisas 120 mi-lhoes de libras esterlinas. Os emigrantes ingleses, que teriam podido elevar o nivel intelectual do povo irlandes, contentaram-se em explora-lo da forma mais brutal; e enquanto que a imigracao irlandesa trouxe a nagao inglesa um fermento que dara os seus frutos mais tarde, a Irlanda pouco deve a imigracao inglesa.

As tentativas da nagao irlandesa para sair da miseria actual manifestaram-se, por um lado, em crimes, que estao na ordem do dia nos distritos rurais e consistem quase todos em assassinates na pessoa dos inimigos mais directos: agentes dos proprietarios agricolas ou seus ser-vidores doces, intrusos protestantes, grandes rendeiros cujo dominio e a soma dos campos de batata pertencentes a uma centena de familias expulsas, etc., homicidios esses que sao muito frequentes principalmente no sul e no oeste; por outro lado, pela *Repeal-Agitation*²¹. Depois do que

¹⁹ The State of Ireland, Londres, 1807, 2." ed. 1821 * (F. E.).

²⁰ (1892): Errado: a pequena exploracao agricola continua a ser o modo de exploracao predominante desde a Idade M^adia. Por conseguinte, as pequenas quintas ja. existiam antes da revolutao. O que esta modificou foi simplesmente a propriedade dessas quintas; ela subtraiu-a dos senhores feudais e transferiu-a, directamente, ou nao, para os camponeses (F. E.).

²¹ Revogacao da Uniao entre a Inglaterra e a Irlanda: tal era reivindicacao dos patriotas irlandeses. Esta Uniao tinha sido imposta a Irlanda apos o esmagamento do levantamento de 1798 e entrou em vigor em 1801. Ela apagou os ultimos vestigios da

* Brochura de J. W. GROCKER (p. 27).

fica dito, torna-se claro que os irlandeses incultos veem fatalmente nee ingleses os seus inimigos mais imediatos, e que para eles o primeiro passo em frente e a conquista da independencia national. Mas e tambem evidente que nenhuma revogagik> poderia suprimir a miseria de um so golpe, e tudo o que ela pode mostrar e que as causae da miseria irlandesa, que actualmente ainda parecem exte-riores ao pais, devem ser procuradas dentro dele. Deixo pendente a questao de saber se a realizagao do *Repeal* e necessaria para ajudar o irlandes a esta tomada de cons-eiencia. Ate agora nem o cartismo nem o socialismo tiveram grande exito na Irlanda.

Termino ac^ui, rapidamente, as minhas considera-goes aobre a Irlanda, porque a agitagao de 1843 pela Revo-gagao e o processo O'Connel contribuiram para que a Alemanha conhecesse cada vez melhor a miseria irlandesa.

Assim, seguimos o proletariado das Ilhas Britanicas em todos os sectores da sua actividade e descobrimos, em toda a parte, a carencia e a miseria, descobrimos condi-goes de vida eompletameoite desumanas. Vimos como o descontentamento nasceu, cresceu, se desenvolveu e orga-nizou no seio do proletariado, assistimos a lutas abertas, sangrentas ou nao, entre o proletariado e a burguesia. Examinamos os principios que determinam o destino, as esiperangas e crengas dos proletarios, e descobrimos que nao ha nenhuma perspectiva de melhoria da sua situagao. Tivemos ocasiao de observar aqui e ali o comportamento da burguesia face ao proletariado e verificamos que ela so se interessa por si propria e so procura o seu proprio proveito. No entanto, para nao sermos injustos, vamos agora examinar um pouco mais de perto a sua maneira de agir.

autonomia irlandesa. A luta contra esta medida nao parou de crescer. Em 1840 foi fundada a Kepeal Association que agrupava todos os adversaries da Uniao da Inglaterra e da Irlanda. O seu chefe O'Connel fol preso em 1843 e condenado em Janeiro de 1844 a um ano de prisao e 2 000 libras de multa. Este veredicto foi anulado pela Camara dos Lords em Setembro de 1844.

A ATITUDE DA BURGUESIA FACE AO PROLETARIADO

Quando me refiro aqui a burguesia, tambem incluo a chamada aristocracia, porque ela e so uma classe privilegiada, uma larisboeracia, em relagao a burguesia, e nao em relagao ao proletariado. O proletario so ve nestas duas categorias de pessoas o possuidor, ou seja, o burgues. Perante o privilegio da propriedade, todos os outros se apagam. A unica diferenca e que o burgues propria-mente dito se opoe ao proletario das fabricas e parcial-mente ao das minas e, como rendeiro, igualmente ao assa-lariado agricola, enquanto que o aristocrata apenas tem contacto com os proletaries agricolas e uma fraccao dos proletarios das minas.

Nunca vi uma elasse tao profundamente imoral, tao incuravelmente corrupta e interiormente minada de egois-mo, tao incapaz do minimo progresso, como a burguesia inglesa, e penso principalmente na burguesia propria-mente dita, sobretudo a burguesia liberal que quer revogar as leis sobre os cereais. Para ela so o dinheiro conta no mundo, vive exclusivamente para ganhar dinheiro, a unica felicidade que conhece e a de fazer uma fortuna rapida, e o unico sofrimento o de perder dinheiro H Com uma tai

¹ Carlyle da na sua obra **Past and Present** (Passado e Presente), Londres, 1843, uma descricao admiravel da burg-uesia inglesa e da sua repugnante cupidez. Traduzi-a em parte nos Anais Franco-Alemaes e pego ao leitor que os consulte *. (F. E.)

* Edi?ao das Obras de Marx e Engels, Diete, Berlim, 1957, t. I, pp. 525-549.

rapacidade e uma tal avidez e impossivel que exista um sentimento ou uma ideia humana que nao sejam sujeitos. E verdade que estes burgueses ingleses sao bons esposos e bons chefes de familia, possuem tambem todas as espe-cies de belas virtudes, como se costuma dizer, e nas suas relagoes da vida corrente parecem tao respeitaveis e cor-rectos como todos os outros burgueses. Mesmo nos nego-cios e preferivel falar com eles do que com os alemaes, nao regateiam nem enganam tanto como os nossos mer-ceeiros, mas que importa tudo isso? Em ultima analise, o unico factor decisivo permanece o interesse privado e especialmente a vontade de ganhar dinheiro. Fui um dia a Manchester coon um desses burgueses e discuti com ele a construgao deploravel e insalubre, o estado inacreditavel dos bairros operarios, e disse-lhe nunca ter visto uma cidade tao mal construida. O homem ouviu-me calmamente ate ao fim e a esquina da rua onde nos separamos, declarou, antes de se despedir: *And yet, there is a great deal of money made here* (e apesar disso, ganha-se aqui muitissimo dinheiro), O burgues nao quer saber para nada se os seus operarios morrem ou nao de fome, desde que ganhe dinheiro. Todas as condicoes de vida sao avaliadas em fungao do lucro, e tudo aquilo que nao de dinheiro e idiota, irrealizavel, utopico. E por isso que a economia politica, ciencia que estuda os meios de ganhar dinheiro, e a ciencia preferida destes judeus usurarios. Sao todos economistas. A relagao entre o industrial e o operario nao e uma relagao humana, mas sim uma relagao exclusivamente economica. O industrial e o *capital*, o operario e o *trabalho*. Se o operario nao se quer deixar prender nesta abstracgao, se afirma que nao e o *trabalho* mas um homem que, e um facto, possui entre outras a faculdade de trabalhar, se se convence que nao se deveria deixar vender e comprar como *trabalho*, como mercadoria no mercado, a mente do burgues fica como que fulminada pelo estupor. Nao pode compreender que possam existir com os operarios outras relagoes para alem das de compra e venda, e nao ve neles homens mas sim *maos (hands)*, pois e este o nome que constantemente lhes atira a cara. E, como diz Carlyle, nao admite outra relagao entre homens excepto a do *pagamento a pronto*. Mesmo os lagos entre ele e a mulher nao sao, em 99% dos casos, mais do que um *pagamento a pronto*. A escravidao mise-ravel em que o dinheiro coloca o burgues marca a propria linguagem, devido ao dominio da burguesia. O dinheiro da o valor do homem; este homem vale dez mil libras

(*he is worth ten thousands pounds*), ou seja, ele possui-as. Quem quer que tenha dinheiro e *respeitdvel*, pertence «a melhor eategoria de pessoas» (*the better sort of people*), e *influyente* e o que realiza e tido em consideracao no sen meio. O sordido espirito mercantil impregna toda a lin-guagem, e todas as relagoes humanas sao traduzidas em formulas comerciais explicadas em termos de categorias economicas. Encomenda e fornecimento, procura e oferta, tais sao as formas com as quais a logica do ingles julga toda a vida humana. Eis o que explica a livre concor-rencia por toda a parte, eis o que explica o regime do *laissez-faire* e do *laissez aller*² na administraQao, na medi-cina, na educagao e, em breve, tambem na religiao, onde o dominio da Igreja e do Estado se desmoronam cada vez mais. A livre concorrencia nao quer limites, nem controle do Estado; todo o Estado a estorva, o seu desejo mais caro seria existir num regime completamente desprovido de Estado, onde cada um poderia explorar alegremente o proximo, como na *soeiedade* do nosso amigo Stirner³, por exemplo. Mas como a burguesia nao pode dispensar o Estado, quanto mais nao seja para manter em respeito o proletai-iado que lhe e igualmente necessario, utiliza o primeiro contra o segundo e procura manter o Estado o mais afastado possivel naquilo que lhe diz respeito. No entanto, nao seria de acreditar que o Ingles culto fizesse tao abertamente alarde deste egoismo. Pelo con-trario, dissimula-o com a mais vil hipocrisia.— Como ? Os ricos ingleses nao pensam nos pobres, eles que cons-truiram estabelecimentos de beneficencia como nao se veem em qualquer outro pais? Sem duvida, estabelecimentos de benefieencia! Como se fosse ajudar o proleta-rio comegar por explora-lo ate a medula, para poder em seguida langar sobre ele com compaixã» e fariseismo o vosso prurido de caridade e para vos apresentardes ao mundo como grandes benfeitores da humanidade, quando dao a esse infeliz que chuparam ate a medula a centesima parte do que lhe pertence. Beneficencia que rebaixa ainda mais quem a pratica do que quem a recebe; beneficencia que langa ainda mais na poeira o infeliz que espezinha-ram, que faz com que o paria desumanizado, excluido da soeiedade, renuncie primeiro a ultima coisa que lhe resta, a sua aspiragao a condigao de homem, e *comece*

² Em francos no texto (slogan dos partidarios do livre-cambio).

³ Ver atras, p. 57, nota 3.

por mendigar o perdão a burguesia, antes que ela lhe conceda a merce de lhe imprimir na testa, dando-lhe uma esmola, o selo da desumanização! Mas para que servem estas reflexões! Escutemos a própria burguesia inglesa. Há, menos de um ano li no *Manchester Guardian* a seguinte carta, endereçada ao chefe e de redacção, que a publicou sem comentários, como uma coisa perfeitamente natural e razoável:

Senhor Chefe de Redacção:

Desde há algum tempo que se encontra nas ruas principais da nossa cidade uma multidão de mendigos que, tanto pelas vestes esfarrapadas e pelo aspecto doentio, como pela exibição de feridas em chaga e de enfermidades repugnantes, procura despertar a piedade dos transeuntes, muitas vezes de modo indecoroso e até ofensivo. Creio que a partir do momento em que só paga não apenas o imposto para os pobres, mas também uma generosa contribuição para a subsistência de estabelecimentos de caridade, fez-se o bastante para ter o direito de estar ao abrigo de incómodos tão desagradáveis e impertinentes. Para que serve então o imposto tão pesado que pagamos para manter a polícia municipal, se a protecção que ela nos concede nem nos permite ir tranquilamente a cidade ou voltar dela? Espero que a publicação destas linhas no seu jornal, que goza de grande difusão, incite os poderes públicos a fazerem desaparecer esta calamidade (nuisance).

Muito respeitosamente

Uma Senhora*

Aqui está! A burguesia inglesa pratica a caridade por interesse, nunca oferece seja o que for, considera os seus donativos como uma troca, faz um *negócio* com os pobres e diz: «Se dedico tanto a fins filantrópicos, também compro o direito de não ser mais importunada e

⁴ Até agora, não foi possível encontrar o original deste texto. Uma carta de inspiração semelhante assinada **Uma mulher que sofre** foi publicada no número de 20 de Dezembro de 1843: «Permita-me... que lhe chame a atenção para a quantidade de mendigos que, nomeadamente nos dias de mercado, se instalam em diversos locais da cidade e exibem os seus membros queimados ou mutilados e chamam a atenção dos que passam com grande incomodo de todos aqueles que os veem, principalmente das senhoras, algumas das quais foram desagradavelmente importunadas».

em troca voces comprometem-se a permanecer nos vossos antros obscuros e a nao irritar os meus nervos sensiveis cam a exposigao publica da vossa miseria! Continuem a desesperar, mas fagam-no em silencio, visto que eu estipulo isso no contrato e compro este direito dando a minha quota de vinte libras para o hospital.» Oh! a infame filantropia dum burgues cristao. E e isto que um *senhora* escreve, sim, leram bem, uma senhora, feliz-mente que ela assina desta maneira e ja nao tern cora-gem de usar o nome de *mulher!* Mas, se as senhoras sao *assim* como serao os *senhores!* Dir-«e-a que aqui se trata de um caso isolado. De modo algum, a carta acima mencionada exprime bem os sentimentos da grande maio-ria da burguesia inglesa, de outro modo o redactor nao a teria aceitado ou ela teria sido seguida de uma resposta qualquer que eu procurei em vao, nos numeros seguintes. E, quanto a eficacia desta caridade, o proprio Conego Parkinson afirma que os pobres sao mais auxiliados pelos seus semelhantes do que pela burguesia. Uma ajuda deste genero, partindo de um bravo proletariado que sabe por si mesmo o que e a fome, para quem a partilha da sua magra refeigao representa um sacrificio, mas que o faz com alegria, uma tal ajuda toma um significado bem diferente do que aquela esmola langada ao pobre pelo burgues pangudo.

Mas mesmo nos outros dominios a burguesia Simula um humanismo sem limites, mas so quando este lhe e exi-gido pelo seu proprio interesse. O mesmo humanismo esta patente na sua politica e na sua economia politica. Ja ha cinco anos que ela se tortura a fim de demonstrar aos operarios que e apenas no interesse do proletariado que deseja a revogagao das leis sobre os cereais. Mas a fina-lidade deste negocio e que as leis sobre os cereais, man-tendo o prego do pao mais elevado do que nos outros paises, provocam a subida dos salarios, o que nao permite ao industrial concorrer tao facilmente com outros paises, onde o prego do pao, e por consequencia o salario, e mais baixo. Se as leis sobre os cereais vierem a ser revogadas, o prego do pao baixara, e os salarios apro-ximar-se-ao dos de outros paises civilizados da Europa; tendo em conta os principios desenvolvidos anteriormente que regulam as variagoes de salarios, todos podem com-preende-lo claramente. O industrial podera pois enfrentar mais facilmente a concorrencia, a procura de produtos ingleses crescera e, com ela, a procura de operarios. Como consequencia deste aumento de procura, os salarios subi-

rao um pouco, e certo, e os trabalhadores desempregados encontraram um emprego; mas por quanto tempo? A «populagao excedentaria» da Inglaterra e, principalmente, da Irlanda, e mais do que suficiente para fornecer a industria, mesmo que esta duplicasse, a mao-de-obra necessaria. Em poucos anos, o magro beneficio proporcionado pela revogagao da lei sobre os cereais seria anulado; uma nova crise surgiria, e estaria no mesmo ponto que antes, enquanto que o primeiro impulso dado a industria aceleraria igualmente o crescimento da populagao. Tudo isto esta perfeitamente claro aos olhos dos proletarios e eles repetiram-no inumeras vezes aos burgueses. Mas, apesar de tudo, a raga dos industriais, que so visa o lucro *imediat* que retiraria da revogagao das leis sobre os cereais, esta raga, suficientemente tacanha para nao ver que nem para ela poderia resultar desta medida algum lucro duravel, <pois a concorrencia entre os industriais em breve reduziria o lucro individual ao seu nivel anterior, esta raga nao deixa de berrar aos ouvidos dos operarios que e unicamente por eles que se agitam assim, que e unicamente pelos milhoes de seres esfomeados que os ricos do partido liberal deitam as suas centenas e os seus milhares de libras esterlinas nas eaixas da *Liga contra as Leis sobre os Cereais*, quando todos sabem que eles dao um escudo para receberem dez, e que esperam reaver todas as despesas, decuplicadas ou centuplicadas, apos os primeiros anos que se seguirao a revogagao das leis sobre os cereais. Mas, principalmente desde a insurreigao de 1842, os operarios ja nao se deixam induzir em erro pela burguesia. Exigem de todo aquele que afirme sacrificar-se pelo seu bem que se declare partidario da Carta do Povo; fazem dela a pedra de toque da sinceridade das suas intengoes, e deste modo protestam contra todo o auxilio estranho, pois na Carta reivindicam *apenas* o poder de se ajudarem a si proprios. E se alguem se recusa a faze-lo, declaram-lhe justa guerra, quer se trate de um inimigo declarado ou de um falso amigo. De resto, a Liga contra as Leis sobre os Cereais utilizou perante os operarios as mentiras e os estratagemas mais despreziveis para os fazer aderir a causa. Quis faze-los acreditar que o prego do trabalho era alto quando o prego do trigo era baixo e *vice-versa*, tese que tentou demonstrar com a ajuda dos mais ridiculos argumentos, e que e, em si, mais ridicula do que qualquer afirmagao alguma vez saida da boca de um economista. Perante a falencia desta tentativa, prome-

teram mundos e fundos aos operarios, dentro do aumento da procura no mercado de trabalho, e nao se envergo-nharam de passear nas ruas dois modelos de pao, onde no maior se podia ler: *Pao americano de oito pence, saldrio — quatro xelins por dia*, e no outro, bastante mais pequeno: *Pao ingles de oito pence, saldrio — dois xelins por dia*. Mas os operarios nao se deixaram enganar. Eles conhecem demasiado bem os seus patroes.

Se quisermos ver a luz do dia a hipocrisia destas belas promessas, examinemos o que elas dao na pratica. Verificamos, durante o nosso estudo, que a burguesia explora, em seu beneficio, o proletariado, de todas as maneiras possiveis. Entretanto, ate agora so vimos o proletariado ser mal tratado por alguns burgueses iso-lados, agindo por conta propria. Examinemos agora as condicoes em que a burguesia se opoe ao proletariado, como partido, e mesmo sob a forma de poder de Estado. Em primeiro lugar, e evidente que toda a legislacao tern por fim proteger o possuidor contra aquele que nada tern. E unicamente porque ha gente que nada tern que as leis sao uma necessidade e, mesmo que isto apenas esteja directamente expresso em algumas leis, por exemplo nas que regulamentam a vagabundagem e a falta de domicilio fixo, nas quais o proletariado e declarado ilegal enquanto tal, a hostilidade contra o proletariado serve de tal maneira de fundamento a lei que os juizes, principalmente os juizes de paz, eles proprios burgueses, com quem o proletariado esta, mais frequentemente em contacto, interpretam sem hesitar nesse sentido os termos da lei. Se um rico e apresentado ao juiz, ou melhor, citado em tribunal, o juiz lamenta ter-lhe causado tantos aborrecimentos, julga o caso a seu favor na medida do possivel e, se e obrigado a condena-lo, fica muito desolado, etc.; quanto ao resultado, e uma multa miseravel que o burgues paga atirando o dinheiro para cima da mesa com condescendencia, antes de sair do local. Mas se e um pobre diabo que comparece diante do juiz de paz, tern quase sempre de passar a noite na prisao com uma multidao de outros detidos, e *a priori* considerado culpado e severamente interpelado, a sua defesa e varrida com um desdenhoso: «Oh! conhecemos essas belas des-culpas», e aplicam-lhe uma multa que nao pode pagar e que tera de expiar na prisao, fazendo trabalhos forçados durante um ou varios meses. E quando nao se pode pro-var a sua culpabilidade, enviam-no a mesma para os trabalhos forçados como malandro e vagabundo (*a rogue*

and a vagabond) — os dois termos aparecem quase sem-pre juntos. A parcialidade dos juizes de paz, principalmente no campo, ultrapassa verdadeiramente tudo o que se possa imaginar e e tao habitual que os casos relatam, calmamente e sem comentarios, todos os casos que nao sao demasiado ehocantes. Mas pode-se esperar outra coisa? Por um lado, estes *dogberries* nao fazem mais do que interpretar a lei no sentido de quem ia fez e, por outro lado, eles proprios sao burguese® que, acima de tudo, veem no interesse da sua classe o fundamento de qualquer ordem social digna desse nome. E quanto a policia, ela comporta-se como os juizes de paz. O burgues pode fazer o que quiser, o policia sera, sempre educado com ele e portar-se-a rigorosamente como manda a lei! Mas o proletario e alvo de tratamentos brutais e gros-seiros, a sua pobreza torna-o *a priori* suspeito de todos os delitos imaginaveis, ao mesmo tempo que lhe inter-dita os meios juridicos de se defender contra a arbitrariedade dos detentores do poder. Para ele, portanto, o lado protector da lei nao existe; a policia entra-lhe em casa sem qualquer mandato, prende-o, maltrata-o e so quando uma associagao de operarios como a dos mineiros contrata um Roberts e que nos damos verdadeiramente conta de como a lei protege pouco o operario e quantas vezes este tern de suportar todo o peso da lei sem fruir uma uniea das vantagens que ela oferece.

Ate a data, a classe dominante luta no Parlamento contra os bons sentimentos daqueles que ainda nao sao completamente egoistas, com o fim de agravar ainda mais a servidao do proletariado. Os terrenos comunitarios sao entregues as autoridades e sao cultivados, o que permite, e certo, o desenvolvimento da agricultura, mas causa um prejuizo consideravel ao proletariado. Nesses terrenos comunais, o pobre podia criar um burro, um porco ou algumas galinhas, as criangas e os jovens tinham sitio para jogar e brincar em liberdade. Tudo isto tende cada vez mais a desaparecer, o ganho do pobre diminuiu e a juventude a quem tiraram o terreno de jogos vai para a taberna em vez de ir brincar. Um grande numero de textos a favor do cultivo dos terrenos comu-nais sao votados no Parlamento em todas as sessoes. Quando o Governo se decidiu, na sessao de 1844, a obri-gar os caminhos de ferro, que monopolizam todo o tra-fego, a permitir que os operarios viajassem por um prego correspondente aos seus meios, um *penny* por legua, e propos nesse sentido que pusessem diariamente ao servigo

um comboio de 3.^a classe em cada linha, o *Reverendo Padre de Deus*, Bispo de Londres, propos que essa obri-gagao uao fosse valida ao Domingo, precisamente o unico dia da semana em que os operarios tem possibilidade de viajar, e que assim as viagens aos domingos nao fossem permitidas aos pobres, mas so aos ricos. Mas uma tal proposigao era demasiado directa, demasiado poueo dis-fargada para poder passar e foi abandonada⁵. Falta-me espago para enumerar os ataques hipocritas langados contra o proletariado, mesmo numa unica sessao. Apenas quero citar um. Nessa mesma sessao de 1844, um obscuro membro do Parlamento, um certo Senhor Miles, propos uma lei para regulamentar as relagoes entre patroes e empregados, e que parecia bastante *inofensiva*. O governo aceitou a proposta, que foi transmitida a uma comissao. Neste intervalo rebentou a greve dos mineiros do norte, e Roberts percorreu triunfalmente a Inglaterra com os sens operarios absolvidos. Quando a proposta voltou da comissao tinham sido inseridos alguns artigos extrema-mente despoticos; um, em particular, dava ao patroo o poder de apresentar perante um juiz qualquer (*any*) todo o operario que, tendo-se comprometido com ele, oral-mente ou por escrito, em qualquer tipo de trabalho, mesmo que se tratasse de serventia pessoal, fosse acusado de se negar a trabalhar ou de *qualquer outro pfocedi-mento inconveniente (misbehaviour)*; podia manda-lo con-denar a uma pena de prisao ou de trabalhos forgados (ate dois meses) atraves de um simples juramento seu ou de um dos seus agentes ou contramestres, ou seja, com uma simples declaragao sob juramento do queixoso. Esta proposta pos os operarios num extremo furor, tanto mais que no momento a lei das dez horas era apresentada ao Parlamento e provocava uma agitagao consideravel. Realizaram-se centenas de reunioes, enviaram-se centenas de petigoes operarias a Londres, ao defensor do proletariado no Parlamento, Thomas Duncombe. Este ultimo era, com Ferrand, representante da *Young England*, o unico opositor energico aquela lei, mas quando os outros radicals se aperceberam que o povo se pronunciava contra a proposta, saíram do buraco e colocaram-se um apos outro ao lado de Duncombe. Como a burguesia liberal, perante a emogao dos operarios, nao teve a coragem de se pronunciar a favor do projecto, como ninguem o defen-

⁵ Weekly Dispatch, 4 de Agosto de 1844. Discurso do Bispo de Lichfield, falando em nome do Bispo de Londres.

deu energicamente face a agitacao dos trabalhadores, foi estrondosamente derrotado⁶.

Entretanto a mais brutal declaracao de guerra da burguesia ao proletariado e a *Teoria Malthusiana da populacao* e a *nova lei sobre os pobres* que se inspira directamente nela. Ja deparamos varias vezes com a teoria de Malthus. Resumamos, mais uma vez, a sua conclusao essencial: a terra esta constantemente superpovoada, e por consequencia e fatal que reinem a miseria, a angustia, a pobreza e a imoralidade; e o destino da humanidade, e seu destino eterno, ser demasiado numerosa e por isso estar dividida em diferentes classes, segundo ele umas mais ou menos ricas, cultas, morais e as outras mais ou menos pobres, miseraveis, ignorantes e imorais. Daqui se infere, do ponto de vista pratico — e estas conclusoes sao tiradas pe'lo proprio Malthus—que a beneficencia e as oaixas de socorros nao tem sentido, pois so servem para manter em vida e para multiplicar a populacao excessiva, cuja concorrancia pesa no salario da outra fraccao da populacao, que e tambem absurdo por parte da administracao da assistencia dar trabalho aos pobres, pois, dado que apenas uma determinada quantidade de produtos fabricados pode ser consumida, cada operario desempregado a quem se da trabalho vai desempregar um ate agora ocupado e assim a industria privada e prejudicada pela industria da assistencia publica. Por outras palavras, o problema nao e portanto alimentar a populacao excedente, mas limita-la o mais possivel, de uma maneira ou doutra. Com algumas formulas secas, Malthus declara que o direito a existencia, ate ai reconhecido a qualquer homem do mundo, nao tem qualquer sentido. Cita' as palavras de um poeta: o pobre vem a mesa da Natureza preparado para o festim e nao encontra posto o prato para ele; e acrescenta — «e a Natureza diz-lhe para desapparecer, pois ele, antes de nascer, nao perguntou a sociedade se ela o queria»⁷. Esta teoria e actualmente a prefe-

⁶ Northern Star, 4 de Maio de 1844.

⁷ Eis o texto exacto da celebre passagem (vigorosamente criticada pelos operarios desde 1842) da segunda edicao do livro de Malthus. Esta passagem foi suprimida nas edicoes seguintes, mas sem que por isso as concepcoes de Malthus tivessem mudado. Cf. J. M. KEYNES: *Essays in Biography* (1933).

«Um homem que nasceu num mundo ja ocupado, se nao pode obter dos progenitores a subsistencia que justamente lhes pode pedir, e se a sociedade nao precisa do seu trabalho, nao tem nenhum direito a mais pequena quantidade de alimentos e, na

rida de todos os autenticos burgueses⁸ ingleses e isso e perfeitamente natural, pois e para eles a desculpa mais agradavel e tambem porque contem muito de verdadeiro nas condicoes actuais. Portanto tudo se simplifica, se ja, nao se trata de explorar a «populagao excedente», de a transformar em populagao *utilizavel*, mas simplesmente de deixar as pessoas morrerem de fome o mais dcemente possivel e impedi-las ao mesmo tempo de deitarem dema-siadas criangas ao mundo, supondo que a populagao exce-dentaria tome consciencia da sua propria superfluidade e tenha prazer em morrer de fome. Mas apesar dcs esfor-gos mais tenazes da humanitaria burguesia para inculcar estas verdades aos operarios, nao parece que ela tenha actualmente qualquer hipotese de sucesso. Pelo contrario, os proletarios capacitaram-se de que sao precisamente eles, com as suas maos trabalhadoras, os indispensaveis, e que sao estes senhores capitalistas ricos, que nao fazem nada, cs verdadeiramente superfluos.

Mas como os ricos ainda detem o poder, forgozo e aos proletarios admitirem que a lei os declara como sendo realmente superfluos, mesmo que nao o queiram admitir de boa vontade. Poi o que aconteceu com a nova lei sobre os pobres. A antiga lei, datada do ano de 1601 (*fySrd of Elisabeth⁹*), ainda partia ingenuamente do principio de

|||||

realidade, esta a mais. No grande banquete da natureza nao ha talheres para ele. Ela ordena-lhe que se va embora e ela propria velara pela execucao destas ordens, se ele nao poder recorrer a compaixao de algum dos convivas do festim. Se estes convivas se levantam e lhe dao lugar, outros intrusos se apresentam imediatamente e pedem o mesmo favor. O boato de que ha ali-m(entos para todos os que chegam enche a sala de numerosos pedinchoes. A ordem e harmonia do festim sao perturbadas, a abundancia que reinava anteriormente transforma-se em penuria e a alegria dos convivas e destruida pelo espectaculo da miseria e constrangimento que reinam em todas as partes da sala e pelos clamores importunos daqueles que justamente estao furiosos por nao encontrarem os alimentos que lhes tinham. prometido. Os convivas reconhecem tarde demais o erro que cometeram ao infringir as ordens estritas, no tocante a intrusos, dadas pela grande anfitriã do banquete, que desejava que todos os hospedes fossem abundantemente alimentados e, sentindo que nao podia alimentar um numero ilimitado de convivas, recusava por preocupa-qço hiimatnjtaria a admissao de novos convivas quando a mesa ja estava cheia.»

MALTHUS: *Essay on the principle of population*, livro IV, cap. VI, pp. 531-532. Segunda edicao 1803 [tradugio Guillaumin, 1845]. Cf.

Jean FREVILLE: *La Misere et le BTomfore*, I. *L'epouvan-tail malthusien*, Editions Sociales, 1956, pp. 167-168.⁸ Burgueses no sentido definido atras.⁹ 43.º ano do reinado de Isabel.

que e um dever da comunidade velar pela subsistencia dos pobres. Quern quer que estivesse sem trabalho, beneficiava de um subsidio e, com o tempo, o pobre considerou justo que a sociedade tivesse obrigacao de o proteger da fome. Exigia o seu abono semanal como um direito e nao como uma dadiva, e a burguesia acabou por achar que isso era demasiado. Em 1833, no momento exacto em que subiu ao poder gragas a lei de Reforma e em que simulta-neamente a miseria dos distritos rurais tinha atingido a maxima extensao, decidiu imediatamente reformar a lei sobre os pobres, baseando-se no seu proprio ponto de vista. Foi nomeada uma comissao que investigou a admi-nistracao dos fundos da lei sobre os pobres e descobriu uma quantidade de abusos. Verificou-se que toda a classe operaria do pais estiava pauperrima e dependia total ou parcialmente da Caixa dos Pobres porque, quando o salario se reduzia demasiado, a Caixa dava aos Pobres um com-plemento; verificou-se que este sistema, que fazia viver o desempregado, sustentava o operario mal pago e pai de familia numerosa, constringia o pai de criangas ilegiti-mas a pagar uma pensao alimentar e reconhecia duma maneira geral que a pobreza tinha necessidade de protec-gao, que este sistema arruinava o pais, que

era um obstaculo a industria, uma recompensa para os acasalamentos ilicitos, um incitamento ao acrescimo da populacao, e Impedia um excesso da populacao de exer-cer a sua influSncia sobre os salarios; que se tratava de uma instituicao nacional tendente a desencorajar os operarios validos e honestos e a proteger os pregui-cosos, os viciados e os irreflectidos, que destruia os lagos familiares, causava sistematicamente entraves a acumulacao de capitais, prejudicava o capital existente e arruinava os contribuintes; ainda por cima a clausula das pensoes familiares oferecia um premio pelos filhos adulterinos. (Palavras do relaWrio dos comissarios da lei sobre os pobres)¹⁰.

E certo que esta descriQao dos efeitos da antiga lei sobre os pobres e, no con junto, exacta; os abonos favo-recem a preguiga e o crescimento da populacao «super-flua». Nas condicoes sociais actuais, e evidente que o

¹⁰ **Extracts from information received by the Poor-Law Commissioners** (extractos das informagoes recebidas pelos Comissarios da Lei sobre os Pobres). **Published by authority.** Londres 1833. (P.E.).

pobre e obrigado a ser egoista e que, quando ipode esco-lher e viver tao bem duma maneira ou de outra, prefere nao fazer nada do que trabalhar. Mas a unica conclusao que se pode tirar e que as eondigoes socials actuals nao valem nada e nao, como concluiram os comissarios malthu-sianos, que e necessario lidar com a pobreza como se fosse um crime, segundo a teoria da intimidagao.

Mas estes sabios malthusianos estavam de tal maneira convencidos da infalibilidade da sua teoria, que nao hesitaram um so momento em langar os pobres no leito de Procuste das suas ideias e trata-los, de acordo com estas, com a mais revoltante dureza. Convencidos, como Maltus e os outros partidarios da livre concorrencia, que o melhor seria deixar oada um tratar dos seus negocios e consequentemente aplicar o *laissez-faire* ", teriam preferido revogar completamente a lei sobre os pobres. Mas como nao tinham nem a coragem nem a autoridade necessarias, propuseram uma lei tao malthusiana quanto possivel, ainda mais barbara do que o *laissez-faire*, por-que era declaradamente actuante enquanto que este era meramente passive Vimos que Malthus f az da pobreza, ou mais exactamente da falta de trabalho, juntando-lhe o epiteto «superfluo», um crime que a sociedade deve punir com a morte pela fome. Mas os comissarios nao foram tao barbaros; morrer de fome, brutalmente, direc-tamente, e, mesmo para um comissario da lei sobre os pobres, qualquer coisa de demasiado horrivel. Bom, dis-seram eles, voces, os pobres, tern o direito de existir, ma? *somente* de existir; nao tem o direito de se multiplicarem nem de viverem *Jvwmanamente*. Voces sao um flagelo nacional, e se nao vos podemos eliminar imediatamente como qualquer outro flagelo nacional e preciso que, apesar de tudo, voces sintam que o sao, que devem ser contro-lados e impedidos de produzir outros superfluos, quer directamente, quer induzindo-os a preguiqa e ao desem-prego. Vao viver, mas apenas para servir de exemplo, para por de sobreaviso todos aqueles que possum vir a ter uma oportunidade de se tornarem tambem superfluos.

Propuseram entao a nova lei sobre os pobres que foi aprovada no Parlamento em 1834 e ficou em vigor ate hoje. Todo o subsidio em generos ou em dinheiro foi suprimido; a unica assistencia concedida foi o acolhi-mento em casas de trabalho que foram construidas em toda a parte sem demora. Mas a organizasao destas casas

⁵¹ Em frances no texto.

de trabalho (*work houses*), ou melhor, como lhe chama o povo, destas Bastilhas da lei sobre os Pobres (*Poor--Law Bastilles*) e tao terrivel que aterrorizaria quem ainda tivesse a possibilidade de sobreviver sem a ajuda desse genero de caridade publicas. A fim de que a Caixa dos Pobres so seja solicitada nos casos mais urgentes e que os esforcos pessoais de cada individuo sejam levados ao extremo, antes que ele se decida a recorrer a esta caixa, fizeram das casas de trabalho o estabelecimento mais repugnante que pode conceber o talento refinado de um malthusiano. Ai a alimentagao e pior que a dos operarios mais miseravelmente pagos, enquanto que o trabalho ainda e mais penoso. Porque senao esses operarios prefeririam a estadia na casa dos pobres a miseravel existencia que tern fora dela. Quase nunca dao carne e muito menos carne fresca; a maioria das vezes servem batatas; pao do pior possivel, papas e pouca ou nenhuma cerveja. Ate c> regime das prisoes e em media melhor, de tal maneira que frequentemente os peisionarios dessas casas cometem voluntariamente um delito para poderem ser aprisionados. Pois a casa de trabalho e tambem uma prisao, quem nao fez a sua quota parte do trabalho nao come nada; quem quer sair tern que pedir licenca primeiro e podem-lha recusar pela sua conduta ou devido a opiniao do inspector; o tabaco e proibido, tal como receber pre-sentes de parentes ou amigos do exterior; os pobres en-vergam o uniforme da casa de trabalho e estao totalmente submetidos a tutela do inspector. Para que o trabalho nao possa concorrer com a industria privada, dao-lhes na maior parte dos casos ocupagoes verdadeiramente inu-teis; os homens partem pedras, «tantas quanto um homem vigoroso pode partir num. dia e ate se f atigar», as mulheres, as criangas, os velhos desfiam velhos cordames de navios, ja nem sei com que fim insignificante. Para que os «superfluos» nao se multipliquem e para que os pais sem moralidade nao influenciem os filhos, separam as familias; enviam o homem para uma ala do edificio, a mulher para outra e as criangas para uma terceira, e so tern o direito de se verem em certos momentos muito espa-gados e apenas se o funcionario do estabelecimento achar boas as respectivas condutas. E, para isolar totalmente do mundo exterior os germes contagiosos da extrema pobreza fechados nestas bastilhas, os seus pensionarios so podem receber visitas no parlatorio com a autorizagao dos funcionarios e, de uma maneira geral, nao podem

manter relações com as pessoas do exterior sem a sua vigilância e permissão.

Apesar de tudo, a alimentação é classificada de sã e o tratamento de humano. Mas o espírito da lei transparece demasiado claramente para que este ponto possa ser aplicado de qualquer maneira. Os comissários da lei sobre os pobres e toda a burguesia enganam-se e imaginam que é possível aplicar um princípio independente-mente das consequências que ele implica. O tratamento que a letra desta nova lei recomenda está em contradição com o seu próprio espírito. Se, no fundo, a lei decreta que os pobres são uns delinquentes, que as casas dos pobres são casas de correção, que os seus pensionários são foras-da-lei, objectos nojentos e repulsivos, que se situam fora da humanidade, é escusado ordenarem o contrário: será completamente inútil. Aliás, na prática, é o espírito da lei e não a letra da lei que é seguido no tratamento dado aos pobres. Eis alguns exemplos:

Na casa de trabalho de Greenwich, no decurso do Verão de 1843, um rapaz de cinco anos foi castigado e fechado na cozinha durante três noites onde teve que dormir sobre as tampas dos coifões¹². Na casa de Heme, idêntica punição foi infligida a uma menina que urinava na cama a noite¹³; este género de punição parece estar generalizado. Esta casa de trabalho, situada numa das mais alegres regiões do Kent, distingue-se pelo facto de todas as janelas darem para o interior, para o patio, e de apenas duas, abertas recentemente, permitirem aos pensionários olharem para o mundo exterior. O escritor que relata estes factos no *Illuminated Magazine* conclui a sua descrição com estas palavras:

Se Deus pune os crimes dos homens, como o homem pune o homem pela sua pobreza, então desgraça para os filhos de Adão".

Em Novembro de 1843, morreu em Leicester um homem que tinha sido despedido da casa de trabalho de Coventry dois dias antes. Os pormenores do trata-

¹² Northern Star, 8 de Julho de 1843.

» Ibid., 6 de Abril de 1844 e Weekly Dispatch, 31 de Março de 1844 (Edwin Chadwick). Este caso deu origem a um inquérito das autoridades.

¹⁴ The Illuminated Magazine (Douglas Jenold), Maio-Outubro de 1844.

mento dado aos pensionaries deste estabelecimento sao revoltantes. O homem, George Robson, tinha uma chaga no ombro cujo tratamento tinha sido completamente negli-genciado. Coloearam-no numa bomba que tinha de mano-brar com o brago valido. Ora, so lhe davam a alimentagao habitual do estabelecimento e ele estava tao fraco por causa da ferida que nao f ora tratada que nao podia digerir. Enfraqueceu cada vez mais, e quanto mais se queixava, com mais brutalidade o tratavam. Quando a mulher, igual-mente pensionaria da casa, lhe quiz levar a sua misera ragao de cerveja, injuriaram-na e foi forçada a bebe-la na presenga da vigilante. Adoeceu, mas mesmo assim nao foi mais bem tratado. Finalmente, a seu pedido, foi auto-rizado a sair com a mulher, e os dois foram gratificados com os epitotos mais ofensivos. Dois dias mais tarde sucumbiu em Leicester e a sua morte, segundo a decla-ragao do medico assistente quando verificou o obito, era devida a ferida nao tratada e a alimentagao verdadeira-mente impossivel de digerir no seu estado. Quando o deixaram sair, devolveram-ihe cartas que continham di-nheiro, mas que tinham sido retidas durante seis sema-nas e abertas pelo director ao abrigo do regulamento do estabelecimento¹⁵.

Na casa de Birmingham passaram-se coisas tao escan-dalosas que, por fim, em Dezembro de 1843, enviaram para ai um funcionario para fazer um inquerito. Verificoi que quatro *trampers* (demos, mais atras, uma explicagao do termo) tinham sido fechados nus num reduto obscure (*black hole*) sob a escada e ai tinham sido mantidos oito ou dez dias nesse estado, e isto durante a estagao mais rigorosa¹⁶. Um rapaz tinha passado por todas as salas de punigao, primeiro num quarto de arrumagoes humido, exiguo e de tecto baixo, depois duas vezes no recanto sob a escada, a segunda das quais durante tres dias e tres noites, depois o mesmo tempo no antigo carcere que ainda estava pior, em seguida na sala dos *tramps*, um buraco que cheirava mal, imundo e repugnante, exiguo, com camas em madeira, onde o funcionario inquiridor ainda descobriu dois mogos andrajosos que o frio fazia enrolar sobre si proprios e que ali estavam fechados ha quatro dias".

¹⁵ Northern Star, 25 de Novembro de 1843. ¹⁰

De 26 de Setembro a 3 de Outubro.

" O primeiro tinha sido aprisionado a pedido da mae. Um outro miudo tinha passado quinze dias nesse buraco.

Frequentemente enerravam no carcere ate sete *trampers* e, na sala dos *trampers*, metiam ate vinte, apertados uns contra os outros. Mesmo as mulheres eram fechadas neste buraco, para as punir por nao irem a igreja; e uma delas ate tinha sido encerrada quatro dias na sala dos *trampers*, onde encontrou sabe Deus que companhia, e isto estando ela doente e preeisando de tomar medicamentos! Uma outra mulher tinha sido enviada como castigo para o asilo de alienados, embora estivesse perfeitamente boa¹⁸. Na casa de trabalho de Bacton, no Suffolk, um inquerito analogo foi levado a cabo em Janeiro de 1844, donde se depreendeu que ai tinham contratado uma pobre de espirito como enfermeira, que, nos seus cuidados aos doentes, fazia tudo ao contrario; que os doentes que se agitavam ou levantavam frequentemente de noite tinham sido atados as camas com cordas que passavam por cima dos lenQois e por baixo da cama, com o fito de poupar aos «enfermeiros» as fadigas da vigilia nocturna; um dia descobriram um deles morto sob as cordas¹⁹. Na casa dos pobres de St. Pancras, em Londres, onde se fabri-cam as camisas baratas, um epileptico asfixiou-se no decurso de um ataque que teve na cama, sem que ninguem lhe acudisse. No mesmo estabelecimento, poem a dormir juntas seis ou oito criangas na mesma cama²⁰. Uma noite, na casa de trabalho de Shoreditch, em Londres, forgaram um homem a dormir na mesma cama de um doente a morrer de febre e, ainda por cima, a cama estava cheia de parasitas.

Na casa de trabalho de Bethnal Green, em Londres, uma mulher gravida de seis meses foi encernada na sala de recepgao com o filho que ainda nao tinha dois anos, de 28 de Fevereiro a 19 de Margo de 1844, sem ser admi-tida no estabelecimento propriamente dito (nesta sala nao havia nenhuma especie de leito ou de instalagoes des-tinadas a satisfazer as necessidades mais naturais). O marido foi trazido a casa de trabalho e quando pediu a graga de libertarem a mulher dessa prisao, sofreu, como castigo pela insolencia, vinte e quatro horas de prisao a pao e agua.

Na casa de trabalho de Slough, perto de Windsor, em Setembro de 1844, um homem agonizava e, quando a

¹⁸ Northern Star de 9, 16 e 23 de Dezembro de 1943.

¹⁹ Northern Star, 10 de Fevereiro de 1844 (casos de Mary Dunn e Ann Dairs).

²⁰ Ibid., 24 de Fevereiro de 1844.

mulher chegou a essa idade, a meia-noite, correu a casa de trabalho e não obteve permissão para ali entrar. Foi somente no dia seguinte de manhã, que ela teve autorização para o ver e apenas por meia hora, em presença do vigilante que, em cada nova visita, a importunava e lhe dizia, ao fim de meia hora, que tinha de partir²¹.

Na casa de trabalho de Middleton, no Lancashire, havia doze e por vezes dezoito indigentes dos dois sexos a dormir na mesma sala. Este estabelecimento não está submetido a nova lei sobre os pobres, mas a uma lei anterior e excepcional (*Gilbert's Act*)²². O inspetor tinha instalado aí uma cervejaria por sua conta. Em Stockport, a 31 de Julho de 1844, um velho de setenta e dois anos foi posto fora da casa de trabalho e levado a presença do juiz de paz por se recusar a partir pedras e se dizer inca-paz para aquele género de trabalho devido a idade e ao joelho já entorpecido. Era em vão que se oferecia para aceitar qualquer trabalho mais de acordo com as suas possibilidades físicas: foi condenado a catorze dias de trabalhos forçados na penitenciária. Na casa de trabalho de Basford, um inspetor oficial desobedeceu, em Fevereiro de 1844, que já há treze semanas não eram mudados os lençóis, há quatro semanas as camisas, e as meias entre dois e dez meses, de tal maneira que, dos quarenta e cinco rapazes, só três tinham ainda meias e as camisas já estavam em farrapos. As camas estavam todas repletas de parasitas e os pratos e talheres eram lavados nas selhas higiénicas²³. Na casa dos pobres de Londres-Oeste havia um porteiro sífilítico que tinha contagiado quatro raparigas, sem que por isso fosse despedido. Um outro porteiro tinha levado uma jovem surda-muda para um dos quartos, escondera-a durante quatro dias na sua cama e dormira com ela: também ele não foi despedido.

Tal vida, tal morte. Os pobres são enterrados sem a mínima atenção, como animais vadios. O cemitério dos pobres de Saint-Brides, em Londres, e um local sem

ⁿ **Ibid.**, 30 de Março e 28 de Setembro de 1844.

²² O *Gilbert's Act* de 1782 autorizava uma maioria de dois terços dos que pagavam impostos e dos notáveis de uma paróquia a constituir uma comissão de tutela encarregada das questões de assistência. Estas comissões reservavam os asilos aos inválidos e as crianças pobres, enquanto que os pobres válidos eram colocados nos arredores. Havia em 1834 cerca de 67 comissões deste género, que só foram definitivamente abolidas depois de 1870. Cf. T. MACKAY: **A History of the English Poor-Law**, vol. III, 1899, pp. 85-87.

²³ **Northern Star**, 24 de Fevereiro e 6 de Abril de 1844.

árvores, utilizado como cemitério desde o tempo de Carlos II, cheio de montões de ossadas. Todas as quartas-feiras os defuntos pobres são deitados numa vala de quatro metros de fundo, o padre recita o mais depressa possível a sua litania, torna-se a tapar sumariamente a vala e, na quarta-feira seguinte, volta-se a cavar a vala e enche-se de cadáveres a ponto de já não caber mais nenhum. O cheiro putrefacto que deles emana empesta os arredores. Em Manchester, o cemitério dos pobres fica em frente da cidade velha, junto do Irk; e, também, um terreno vago com solo desigual. Há, aproximadamente dois anos, fizeram passar por ali uma linha do caminho de ferro. Se se tratasse de um cemitério respeitável, quantos protestos não teria provocado a burguesia e ao clero tal profanação! Mas era um cemitério de pobres, local de repouso dos indigentes e dos superfluos, e ninguém se incomodou absolutamente nada. Nem tiveram tempo para transferir os cadáveres que ainda não estavam completamente decompostos para outro lado do cemitério. Cavaram onde o tragado exigia e colocaram estacas em tumbas recentes; e tão bem o fizeram que a água do solo pantanoso saturado de matérias em decomposição veio à superfície, espalhando os mais nauseabundos e nocivos gases pelos arredores. Não quero descrever mais detalhadamente a repugnante brutalidade a que aqui se deu livre curso.

Admirar-nos-emos ainda que os pobres se recusem a aceitar nestas condições o socorro da assistência pública? Que prefiram morrer de fome a irem para estas bastilhas? Tenho a mão a exposição de cinco casos em que as pessoas preferiram verdadeira e realmente morrer de fome e voltar à sua miséria do que entrar neste inferno; -alguns dias antes da sua morte a Administração dos pobres recusou-lhes qualquer auxílio, excepto a Casa dos Pobres... Neste sentido, os comissários da lei sobre os pobres atingiram perfeitamente os seus objectivos. Mas, ao mesmo tempo, as casas de trabalho aumentaram, mais do que qualquer outra medida do partido no poder, a exasperação da classe operária contra a classe possuidora que, na sua maioria, só tece elogios à lei sobre os pobres. De Newcastle a Dover, sota entre os trabalhadores um grito comum de revolta contra a nova lei. A burguesia exprimiu tão claramente através dela a visão das suas obrigações para com o proletariado que mesmo os mais estúpidos compreenderam. Nunca antes se tinha afirmado tão clara e absolutamente que os proletários só servem para ser explo-

rados pelos possuidores e para morrerem de fome quando estes já não os podem utilizar. Mas também foi por isso que esta lei sobre os pobres contribuiu de maneira tão decisiva para acelerar o movimento operário e, primeiramente, para a propagação do cartismo; e, como foi sobretudo no campo que esta lei foi aplicada, facilitou o desenvolvimento do movimento proletário que é iminente nos distritos rurais.

Acrescentemos ainda que também na Irlanda existe, desde 1838, uma semelhante lei sobre os pobres, oferecendo a oitenta mil indigentes o mesmo tipo de asilos. Também ali ela suscita o ódio e este ódio teria sido ainda mais violento se a lei tivesse atingido a importância que adquiriu na Inglaterra. Mas o que são os maus tratamentos infligidos a oitenta mil proletários, num país onde há dois milhões e meio! Na Escócia, com algumas exceções locais, não existem leis nenhuma sobre os pobres.

Depois desta descrição da nova lei sobre os pobres e dos seus efeitos, espero que não acabará demasiado severo nenhum dos termos que utilizei em relação à burguesia inglesa. Nesta medida oficial, onde se manifesta *in corpore*²⁴, enquanto poder, ela exprime claramente o que na realidade visa, e quais são as suas intenções em relação ao proletariado em todas as suas ações de menor envergadura, que na aparência só suscitam a reprovação de alguns indivíduos. E os debates parlamentares de 1844 provam-nos que esta medida não emanava só dum fracasso da burguesia mas que, pelo contrário, toda a classe burguesa a aplaudiu. Foi o partido liberal que promulgou a nova lei sobre os pobres. O partido conservador, com o Ministro Peel à cabeça, defendeu-a e modificou-a em algumas partes, no *Poor Law Amendment Bill*²⁵ de 1844. Uma maioria liberal fez esta lei, uma maioria conservadora rectificou-a, e os nobres Lordes deram, de ambas as vezes, o seu *consent*²⁶. Deste modo, o proletariado era oficialmente expulso do Estado e da Sociedade. Deste modo, declararam abertamente que os proletários não são homens nem merecem ser tratados como homens. Deixemos tranquilamente aos proletários do Império Bri-

²⁴ Enquanto corpo constituído.

²⁵ Aditamento à lei sobre os pobres.

²⁶ Acordo. Engels parece ter escrito **content**. E

evidentemente um lapso.

tanico © cuidado de reeonquistar os seus direitos de homens²⁷.

33 esta portanto a situagao da classe operaria ingles,!, tal como eu a aprendi a conhecer com os meus proprios olhos durante 21 meses, com a ajuda de relatorios oficiais e outros merecedores de conf ianga. E se consider© — creio que o disse suficientemente ao longo das paginas ante-riores —que esta situagao e perfeitamente insustentavel, nao sou © unico a afirma-lo. O proprio Gaskell declara desde 1833 que ja nao espera uma saida pacifioa e que sera dificil evitar uma revolugao. Garlyle explica, em 1838, o cartismo e a agitacao revolucionaria dos operarios pela miseria em que vivem e so o surpreende que estes tenham ficado calmamente sentados a mesa do Barmecida²⁸ du-

²⁷ A fim de evitar qualquer equivoco nas objecoes que dai resultariam, tenho de fazer notar uma vez mais que falei da burguesia enquanto classe e que todos os factos descritos que dizem respeito a individuos isolados, nao me servem de documentos senao para estabelecer a maneira de pensar e de agir desta classe. E por isso que nao pude falar em pormenor acerca das diferentes fracgoes e partidos da burguesia que so tem um interesse historico e tedrico; e e tambfim por isso que nao posso mencionar senao acessoriamente alguns membros da burguesia que se distinguiram como excepgoes dignas de nota. Sao por um lado os radicals mais decididos, que sao quase sempre cartistas, tais como os membros da Camara dos Comuns, e os industrials Hindley de Ash ton, e Pielden de Todmorden (Lancashire); por outro lado os tories humanitarios que fundaram recentemente a Jovem Inglaterra, e que contam entre si os parlamentares Disraeli, Borthwick, Ferrand, Lord John Manners, etc. Tambem Lord Ashley esta proximo deles. A Jovem Inglaterra tern o projecto de fazer reviver a Merry England * do passado, com os seus faustos e a sua feudalidade romantica. Este projecto e evidentemente irrealizavel e mesmo ridiculo; e um desafio a toda a evolugfio historica; mas as boas intengoes, a coragem de se sublevar contra o mundo actual e os preconceitos existentes, assim como reconhecer a abjecgao do estado de coisas actual ja tern algum valor. Completamente a parte esta o germano-ingles Thomas Carlyle, que-, sendo tory de origem, vai mais longe que os seus predecessores. Foi ele, de todos os burgueses ingleses, quem mais aprofundou o problema da desordem social e exigiu a organizagao do trabalho. Espero que Carlyle, que encontrou a via correcta, esteja a altura de a seguir ate ao fim. Os meus melhores votos e os de numerosos alemaes acompanham-no!—(1892). Mas a revolugao de Fevereiro tornou-o um reaccionario irreductivel. A sua justa cdlera contra os filisteus transformou-se num mau humor de filisteu irritado contra a vaga²⁸ historica que o atirou para a margem. (F. E.).

²⁸ Banquete de Barmecida na Historia do Sexto Irmao do Barbeiro, tirada das Mil e Uma Noites. O rico Barmecida troga do pobre, simulando um banquete, mas oferecendo ao esfaimado apenas palavras e gestos, em vez de comida.

* Inghilterra Feliz.

rante oito anos, com nada mais do que promessas vazias da burguesia liberal — e em 1844 declara que é indispensável passar imediatamente a organização do trabalho

se queremos que a Europa, ou pelo menos a Inglaterra, continue habitável ainda durante algum tempo TM

e o *Times*, «o primeiro jornal da Europa», diz em Junho de 1844:

Guerra aos palácios, paz nas barracas, e o grito de guerra e de terror que bem poderia soar mais uma vez através do país! Cuidado, tomem cuidado ^{MI}!

Examinemos no entanto uma vez mais as hipóteses da burguesia inglesa. No pior dos casos, a indústria estrangeira, sobretudo a americana, conseguiu sustentar a concorrência inglesa, mesmo depois da revogação das leis sobre cereais, inevitável dentro de poucos anos ^{S1}. A indústria alemã faz actualmente grandes esforços, a indústria americana desenvolveu-se a passos de gigante. A América, graças aos seus recursos inesgotáveis, aos seus imensos jazigos de carvão e de ferro, a sua riqueza incomparável em energia hidráulica e em rios navegáveis, mas sobretudo graças ao seu povo energético e activo, ao pé do qual os ingleses não são senão marmotas indolentes, a América criou em menos de dez anos uma indústria que, no domínio dos tecidos de algodão grosseiro (produto principal da indústria inglesa), faz já concorrência a dos ingleses, expulsou-os do mercado sul e norte-americano e vende no mercado chinês lado a lado com os fabricantes ingleses. O mesmo acontece nos outros ramos da indústria. Se há um país no mundo que parte a frente na corrida para o monopólio industrial, esse país é a América. Se a indústria inglesa for ultrapassada, como

²⁸ Carlyle: *Chartism*, (1839), p. 92, *Past and Present*, (1843), p. 262. Louis Blanc tinha publicado em 1839 a sua *Organisation du Travail*.

³⁰ Na verdade, a citação foi tirada do *Northern Star* de 15 de Junho de 1844, que se referia a um artigo do *Times* de 7 de Junho muito mais moderado no tom.

⁸¹ Era também a opinião de Carlyle (*Past and Present*, 1843, p. 175): «as leis sobre os cereais vão ser revogadas, e brevemente; estivéssemos nos tão seguros do milénio como da sua revogação».

ira certamente acontecer daqui a uma vintena de anos se as condicoes sociais de hoje subsistirem, a maior parte do proletariado tornar-se-a definitivamente superflua e so tera a alternativa de morrer de fome—ou fazer a revolugao. Sera que a feurguesia inglesa pensa nesta eventualidade? Pelo cantrario, Mac Culloch, o seu econo-mista preferido, «ensina-lhes a ligao» do fundo do seu gabinete de trabalho: e impensavel que um pais tad novo como a America, que ainda nem sequer esta povoado normalmente, se possa langar com sucesso na industria ou mesmo fazer concorrencia a uma velhia nagao industrial como a inglesa. Seria uma loucura da parte dos americanos tenta-lo, pois nestas circunstancias so podem perder dinheiro com isso; deixemo-los pois entregar-se gentilmente a agricultura; e quando tiverem cultivado o pais todo, sera sem diivida a altura de se langarem com exito a industria. E o que diz este sensato economista e toda a burguesia recita esta litania em coro, enquanto os americanos conquistam aos ingleses mercado apos mercado, quando um audacioso especulador americano des-pachou recentemente um lote de mercadorias americanas *com destino a Inglaterra*, onde foram revendidas para voltarem a ser exportadas. Mas mesmo que a Inglaterra conservasse o monopolio industrial e as fabricas cres-cessem sem parar, quais seriam as consequencias ? Haveria sempre crises economicas e seriam sempre mais violentas, oada vez mais insustentaveis, a medida que a industria se desenvolvesse e o proletariado se multiplicasse. O pro-letariado, devido a decadencia acelerada da pequena burguesia e a concentraçao do capital que aumenta a passos gigantescos nas maos de um pequeno numero de pessoas, veria o seu numero crescer em progressao geometrica, e em breve constituiria a totalidade da nagao, com excep-gao de alguns raros milionarios. Mas no decorrer deste processo chegar-se-a a um estado em que o proletariado vera, como e facil derrubar o poder social existente, e entao sera a revolugao.

No entanto, nenhuma destas eventualidades se apre-sentara. As crises economicas, a alavanea mais poderosa de toda a evolugao autonoma do proletariado, abre-viarao este processo, em eorrelaçao com a concorrencia estrangeira e a ruina acelerada da classe media. Nao creio que o povo aceite suportar mais do que uma crise. A proxima crise que eclodira em 1846 ou 1847, levava logicamente a revogagao da lei sobre os cereais, e imparo a carta. So o future dira que especie de movimentos revo-

lucionarios a carta provocara, Mas ate a crise seguinte, que, por comparagao com as precedentes, deve ter lugar em 1852 ou 1853, mas que pode ser igiialmente retardada pela revogagao da lei sobre os cereais, ou acelerada por outros factores (concorrencia estrangeira, etc.), ate esta crise o povo ingles fartar-se-a sem diivida de se deixar explorar em proveito dos capitalistas e de morrer de fome quando os capitalistas ja nao precisam dele. Se, daqui ate la, a burguesia inglesa nao quiser ouvir a voz da razao— e, segundo parece, nao o fara certamente — seguir-se-a uma revolugao sem comparagao possivel com as precedentes. Os proletarios, reduzidos ao desespero, empunharao as tochas de que lhes falava Steiphens nos seus sermoes; a vinganga popular exercer-se-a com um furor de que o ano de 1793 nao nos podera dar sequer uma ideia. Esta guerra dos pobres contra os ricos sera a mais sangrenta que ja teve lugar. Mesmo a passagem de uma fracgao da burguesia para o lado do proletariado, mesmo uma melhoria geral da burguesia, de nada ser- viria. A viragem da opiniao geral da burguesia nao poderia alias ultrapassar um fraco meio termo; os que se juntas-sem mais resolutamente aos operarios eonstituiriam uma nova Gironda e sucumbiriam enquanto tal no desenrolar violento dos acontecimentos. Os preconceitos de toda uma classe nao se largam como quern deixa um fato velho, sobretudo quando se trata da rotineira burguesia inglesa, curta de vistas e egoista. Sao estas as conclusoes que podem ser tiradas com o maior rigor e cujas premissas sao factos indiscutíveis, tirados em parte da evolugao historica, em parte da natureza humana. Em parte alguma e mais facil fazer profecias do que em Inglaterra porque neste pais o desenvolvimento da sociedade e muito claro e bem tragado. A revolugao *tern de vir obrigatoriamente*, ja e demasiado tarde para encontrar uma solugao paci-fica para o conflito; mas tambem e verdade que pode ser menos violenta do que profetizamos mais acima. Con-tudo isto depende mais da evolugao do proletariado do que da burguesia. Com efeito, a importancia das efusoes de sangue, dos actos de represalia e do furor cego que marcarao a revolugao diminuiu na proporgao exacta do numero de elementos socialistas e comunistas que forem recebidos nas fileiras do proletariado. Segundo os seus principios, o comunismo situa-se acima de qualquer anta-gonismo entre a burguesia e proletariado; ele reconhece-o na sua significagao historica no tempo presente, mas nao o considera como justificado no futuro. Ele quer pre-

cisamente abolir este antagonismo. Como consequencia, enquanto existe esta divisao reconhece certamente como necessaria a colera do proletariado contra os seus opres-sores, ve nisso a alavanca mais poderosa do *inicio* do movimento¹ operario. Mas o comunismo ultrapassa esta colera porque representa a causa de toda a humanidade e nao so do proletariado. Alem disso, nao passa pela cabeça de nenhum comunista exercer uma vinganga pes-soal ou crer que, de uma maneira geral, o burgues pode agir individualmente e nas condicoes actuais de uma maneira diferente da que age. O soeialismo ingles (quer dizer, o comunismo) assenta precisamente no principio da irresponsabilidade do individuo. Quanto mais os opera-rios ingleses assimilarem as ideias socialistas, mais a sua exasperagao actual, que nao levaria a nada se se man-tivesse tao violenta como actualmente, se tornara super-flua; mais as suas investidas contra a burguesia perderao em selvajaria e brutalidade. Juntando tudo isto, se fosse possivel tornar o conjunto do proletariado comunista antes da luta estalar, ela decorreria muito calmamente; mas isto ja nao e possivel; e demasiado tarde para o fazer. Penso contudo que enquanto nao estala *aberta e director mente* esta guerra dos pobres contra os ricos, o proletariado ficara suficientemente esclarecido sobre a questao social para que, com a ajuda dos acontecimentos, o partido comunisiba; esteja a altura de se scbrepor a longo prazo aos elementos brutais da revolugao e possa evitar um 9 do *Thermidor*³². De resto, a experiencia dos franceses nao tera sido em vao; e por outro lado, a maior parte dos dirigentes cartistas ja sao comunistas. E como o comunismo se situa acima do antagonismo entre o proletariado e a burguesia, sera tambem mais facil para a melhor fraccgao da burguesia (infelizmente ela e terrivelmente reduzida e so pode ser recrutada entre os jovens) juntar--se ao comunismo do que ao cartismo exclusivamente proletario.

Se estas conclusoes parecerem insuficientemente fun-damentadas nesta obra, teremos, sem duvida, occasiao para demonstrar noutro lado que sao estes os resultados neces-sarios da evolugao historica da Inglaterra. Mas volto a insistir, a guerra dos pobres contra os ricos que se desen-rola presentemente duma maneira esporadica e indirecta,

³² Sabe-se que na data do 9 do Thermidor (27 de Julho de 1794) Robespierre foi derrubado, e que este dia inaugura um periodo de reacgao que desemboca no Primeiro Imperio.

sera conduzida de uma maneira *geea*, total e directa em toda a Inglaterra. É demasiado tarde para uma solucao pacifica. O iabismo que separa as classes cava-se cada vez mais, o espirito de resistencia penetra cada vez mais nos operarios, a exasperagao torna-se mais viva, as escara-mugas isoladas da guerrilha concentram-se para se transformarem em combates e em manifestagoes mais importantes, e bastara, em breve, um ligeiro cheque para desencodear a avalanche. Entao um verdadeiro grito de guerra ecoara em todo o pais: *Guerra aos palacios, paz nas barracas!*, mas entao sera demasiado tarde para que os ricos se possam ainda defender.

INDICE

Prólogo.....	5
As classes trabalhadoras da Gra-Bretanha.....	23
Prefacio	27
Introdução.....	31
O proletariado industrial	51
As grandes cidades	55
A coneeorrenea	113
A imigração irlandesa	129
Os resultados.....	135
Os diferentes ramos da industria: os operarios de fabrica propriamente ditos	179
Os outros ramos da industria	239
Os movimentos operarios	267
O proletariado das minas	299
•	321
O proletariado agricola.....	337
A atitude da burguesia face ao proletariado	
